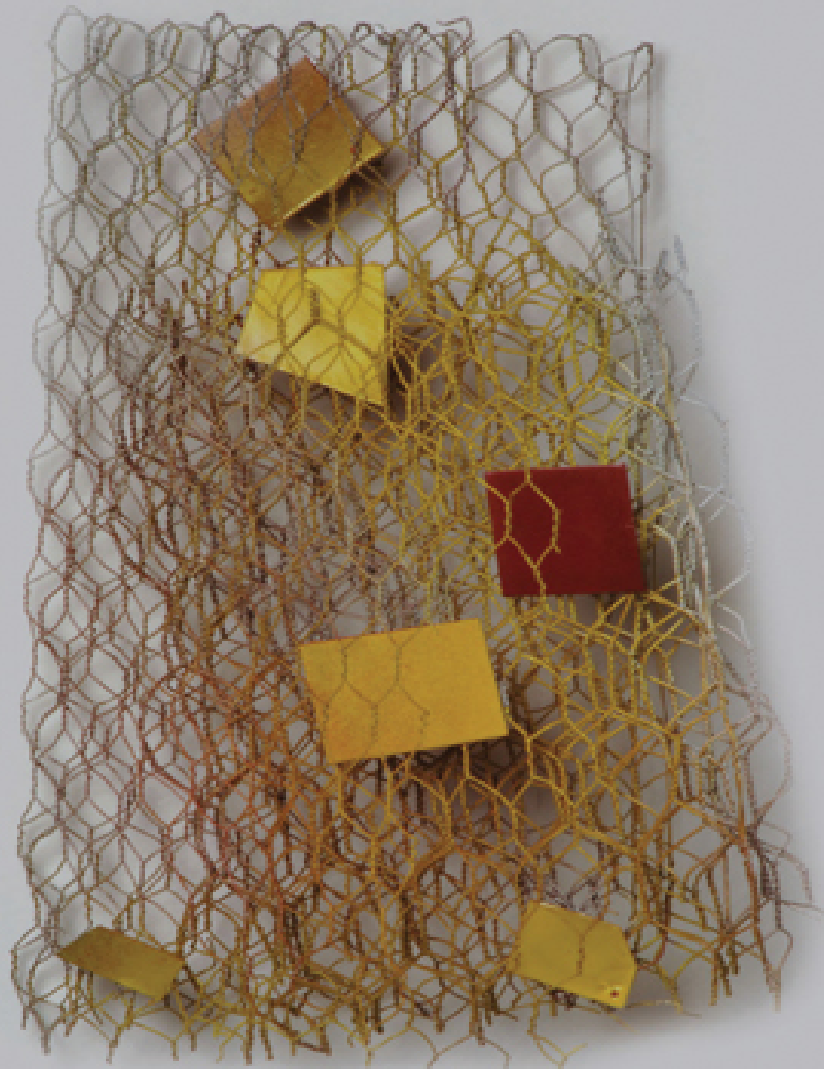


AS PALAVRAS DE SARAMAGO



ORGANIZAÇÃO E SELEÇÃO
DE FERNANDO GÓMEZ AGUILERA

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

AS PALAVRAS DE SARAMAGO
Catálogo de reflexões pessoais,
literárias e políticas

Elaborado a partir de declarações
do autor recolhidas na imprensa escrita

Organização e seleção de
FERNANDO GÓMEZ AGUILERA



Eu sou uma pessoa pacífica, sem demagogia nem estratégia. Digo exatamente o que penso. E o faço de forma simples, sem retórica. As pessoas que se reúnem para me ouvir, e com sua independência concordam ou não com o que penso, sabem que sou honesto, que não procuro conquistar nem convencer ninguém. Parece que a honestidade não é muito usada nos tempos atuais. Elas vêm, ouvem e se vão contentes como quem tem necessidade de um copo de água fresca e o encontra ali. Eu não tenho nenhuma ideia do que vou dizer quando estou diante das pessoas. Mas sempre digo o que penso. Ninguém nunca poderá dizer que eu o enganei. As pessoas têm a necessidade de que se fale com elas com honestidade.

José Saramago, 2003

Eu sei o que é, sei o que digo, sei por que o digo e prevejo, normalmente, as consequências daquilo que digo. Mas não é por um desejo gratuito de provocar as pessoas ou as instituições. Pode ser que se sintam provocadas, mas aí o problema já é delas. A pergunta que faço é por que é que eu me hei de calar quando acontece alguma coisa que mereceria um comentário mais ou menos ácido ou mais ou menos violento. Se andássemos por aí a dizer exatamente o que pensamos — quando valesse a pena —, teríamos outra forma de viver. Estamos numa apatia que parece que se tornou congênita e sinto-me obrigado a dizer o que penso sobre aquilo que me parece importante.

José Saramago, 2008

Dizem-me que as entrevistas valeram a pena. Eu, como de costume, duvido, talvez porque esteja cansado de me ouvir. O que para outros ainda pode ser novidade, para mim se transformou, com o passar do tempo, em comida requentada. Ou coisa pior, amarga-me a boca a certeza de que umas tantas coisas sensatas que pude dizer durante a vida não terão, no fim das contas, nenhuma importância. E por que haveriam de ter? Que significado tem o

zumbido das abelhas dentro da colmeia? Acaso lhes serve para se comunicarem umas com as outras?

José Saramago, 2008

Creio que me fizeram todas as perguntas possíveis. Eu próprio, se fosse jornalista, não saberia o que perguntar-me. O mal está nas inúmeras entrevistas que tenho dado. Em todo o caso, tenho o cuidado de responder seriamente ao que se me pergunta, o que me dá o direito de protestar contra a frivolidade de certos jornalistas a quem só interessa o escândalo ou a polémica gratuita.

José Saramago, 2009

A José, *in memoriam*, razão de vida.
E a Pilar, abraçando o porvir.

A Marga, Carla e Alonso, que respiraram
este livro e são a respiração dos dias.

SUMÁRIO

Prefácio — Crônica do escritor na rua

1. QUEM SE CHAMA JOSÉ SARAMAGO

Azinhaga

Autorretrato

Lisboa

Vida

Portugal

Ética

Deus

Razão

Pessimismo

Ser humano

Lanzarote

Morte

2. PELO FATO DE SER ESCRITOR

Literatura

Escritor

Autor-narrador

Estilo

Romance

História
Mulher
Obra literária própria
Leitores
Prêmio Nobel

3. O CIDADÃO QUE SOU

Compromisso
Comunismo
Cidadania
Não
Democracia
Iberismo
América Latina
Europa
Política
Meios de comunicação
Direitos humanos
Pensamento crítico

PREFÁCIO

Crônica do escritor na rua

A intervenção na esfera pública constitui um dos traços centrais do perfil intelectual de José Saramago, um escritor que sempre recusou qualquer torre de marfim, e se manteve distante da introversão. “Aonde vai o escritor, vai o cidadão”, costumava reiterar, resoluto, desfazendo qualquer dúvida eventual sobre seu compromisso civil, assumido como imperativo cívico, emanante tanto de suas convicções políticas quanto da impregnação humanista — *nihil humanum puto alienum mihi* — que filtrava com brio pelo tecido da sua estrutura cultural e da sua musculatura de incansável e vigoroso polemista. Como acontecera com Albert Camus, não é possível desagregar a escrita de seus princípios em face das circunstâncias da realidade, quaisquer que sejam as consequências que decorram desse fato. O autor concentra, sem fissuras, na pessoa que é, o feixe de obrigações derivado de seus atos, tanto os específicos à literatura, como os próprios do exercício da cidadania ou os concernentes à vida pura e simples, porque, para Saramago, “a obra é o romancista”, e o romancista resulta da projeção da pessoa que o anima. Desse modo, a responsabilidade — também sua variante consanguínea, concretizada num arraigado senso do dever — afirma uma das categorias que ajudam a definir seu caráter, marcando o conjunto de valores que orientaram sua conduta ética, mas também seu fazer criativo e reflexivo.

A partir da sua eclosão como narrador, no início dos anos 1980, desenvolveu uma crescente e intensa tarefa de efusão de ideias, juízos e denúncias em foros e meios de comunicação internacionais, até tornar sua voz uma referência global, particularmente identificada com o pensamento crítico, a defesa dos excluídos e a reivindicação dos direitos humanos. A concessão do prêmio Nobel de Literatura em 1998, em vez de modular seu discurso enfático, contribuiu para acentuá-lo, para estimular sua conduta e ampliar o alcance das suas palavras. Hoje quase não se poderia entender adequadamente a figura do escritor sem levar em consideração sua faceta pública, que, vista em perspectiva, adquiriu a forma de uma espécie de sustentado comportamento ativista, aproveitando a plataforma oferecida pela imprensa e pelas tribunas para difundir suas ideias e combater os desvios que, a seu ver, perturbam a ordem do mundo e o bem-estar da humanidade.

Mediante declarações, entrevistas e manchetes contundentes, Saramago compartilhava considerações sobre sua própria criação ou tratava abertamente de questões palpitantes de nosso tempo, elaborando um rico sistema de pensamento de raiz radical, mas também forjando-se uma face social que é parte substantiva da sua robusta figura. E praticou isso de tal modo que, ao mesmo tempo que contribuía para criar uma opinião e desenhar sua silhueta do mundo, ia construindo sua visibilidade pública como intelectual engajado, mais além do contundente espaço ocupado pelo homem de letras, de quem Harold Bloom diria em 2001:

Saramago é extraordinário, quase um Shakespeare entre os romancistas. Não há nenhum ficcionista vivo nos Estados Unidos, na América do Sul ou na Europa que tenha a sua versatilidade. Dir-se-ia tão divertido quanto pungente. Sei que é um marxista, mas não escreve como um comissário e opõe-se aos impostores da Igreja católica. O seu trabalho ultrapassa tudo isso.

Controvertido e racionalista, sentencioso e imaginativo, original e provocador, político e combativo, sabia articular e mostrar uma refinada autoconsciência sobre seu trabalho, de maneira que, através das suas manifestações, pode-se rastrear uma fina percepção analítica das chaves da sua obra, cujos juízos e informações contribuem para esclarecê-la e compreendê-la. Além de se questionar sobre o papel do escritor, pensava em

voz alta sobre a motivação de seus livros, vinculava-se à sua árvore genealógica literária específica, elucidava as relações e diferenças entre História e ficção ou entre Literatura e compromisso, aclarava sua concepção simultaneísta da temporalidade, desmitificava a criação e decifrava seu processo de formalização textual, a singularidade do seu estilo ou as reservas com que se aproxima dos gêneros, enquanto apostava em inovações ou em desenvolvimentos fronteiriços.

Mas sua capacidade de ponderação e de penetração no sentido oculto das coisas soube se deslocar da escrita para se pôr a serviço da investigação nas zonas obscuras da História, do ser humano e dos mecanismos de poder, de controle ideológico e de injustiça que condicionam nosso entorno, determinando o sentido da nossa vida. Resistindo às ideias recebidas, afiou seu bisturi, iluminado por uma pertinaz consciência insatisfeita instalada na interrogação permanente, numa confessada desconfiança e num pessimismo voltairianos que lançam um olhar desgostoso, irônico e melancólico sobre o real. Estendeu seus testemunhos, diversificados quanto a seus interesses — não só profissionais, mas, com frequência, sociais e políticos —, ao terreno dos valores éticos e da quebra dos direitos humanos. Censurou o fracasso da razão como moduladora do nosso comportamento individual e coletivo, denunciou o esvaziamento cerimonial da democracia — cujo paradigma contemporâneo ele questionava — e a hegemonia global do poder econômico por exigência de um mercado regido por códigos autoritários e amorais, num mundo que, crescentemente, se faz desumano.

Não foram alheios a suas preocupações o tratamento das suas difíceis relações com Portugal, a defesa do iberismo transcontinental, a reprovação da Igreja, a análise severa do papel desempenhado pelos canais de informação, o reconhecimento dos erros do marxismo e a reivindicação, a partir da sua condição de militante comunista, de um novo pensamento de esquerda, construído em tensão com os desafios contemporâneos e capaz de superar as obsoletas fórmulas do passado. Em definitivo, nas observações expressas na imprensa, compartilhou fadigas filosóficas e políticas com a literatura — a qual, como fez Sartre, também não priva desses conteúdos —, ao mesmo tempo que mostrou sua vocação para falar e dialogar franca e polemicamente com seu presente.

A prodigalidade com que o autor do *Ensaio sobre a cegueira* se relacionou com os meios de comunicação, sem levar em conta limites

geográficos, serviu-lhe para transladar amplamente ideias e apreciações, apoiado numa viva capacidade de comunicação, num notório didatismo e na inclinação para difundir e compartilhar suas impressões, como se se tratasse de um estrito ato de militância, ou, antes, de pleno exercício da sua liberdade e responsabilidade social. O próprio escritor sempre foi muito consciente da frequência e da amplitude com que se difundia seu pensamento: “Minhas ideias são conhecidíssimas, nunca as disfarcei nem as ocultei. Minha vida é tão pública que se conhece tudo o que pensei sobre cada acontecimento”. Sem dúvida, um mecanismo lubrificado que, por seu colossal volume e ressonância, sustentou uma efusiva relação de atração com o público. José Saramago soube trabalhar os registros comunicativos manejando ideias fortes que problematizam as convenções, favorecidas por uma linguagem acessível, direta, sem aparente elaboração — no entanto, sempre digerida intelectualmente —, filtrada pelas regras do jornalismo e apoiada em grandes metáforas e sugestivas imagens. Além das suas inquietudes morais, sociopolíticas e literárias, em jornais e revistas, rádios e televisões, em encontros e conferências, deixou pormenorizado testemunho da sua biografia, das suas convicções e da sua índole.

Nesta compilação que agora é oferecida ao leitor há um amplo repertório de palavras do escritor português, extraídas exclusivamente de jornais, revistas e livros de entrevistas — cinco publicações de referência para conhecer o escritor, que recolhem suas conversas com Armando Baptista-Bastos, Juan Arias, Carlos Reis, Jorge Halperín e João Céu e Silva, além de uma monografia de Andrés Sorel —, num leque cronológico que abarca da segunda metade dos anos 1970 até março de 2009. Os trechos selecionados foram obtidos a partir da consulta de um vasto corpus de declarações publicadas em diversos países: Portugal, Espanha, Brasil, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, Argentina, Cuba, Colômbia, Peru... Naturalmente, a paisagem resultante não pretende nem poderia ser completa, mas é exaustiva e suficientemente significativa do cabedal de atitudes e pensamento com que o prêmio Nobel português exerceu sua fecunda responsabilidade cívica através da mídia, em permanente vigília na hora de meditar e dialogar com seu tempo, construindo um autêntico espaço de resistência com capacidade de ecoar globalmente. Sua vertente de

criador de opinião pública fica patente nas páginas que seguem, somente uma metonímia em relação à incomensurável mina de materiais jornalísticos que Saramago gerou mundo afora.

Sempre alerta à hora de interagir com a História e com o contexto, disposto a subverter os grandes relatos e a se manifestar publicamente com a possibilidade de alcançar largas camadas da sociedade, compareceu diante da imprensa sem cansaço e com incomum generosidade, movido pela necessidade imperiosa de exprimir abertamente o que tinha a dizer, sem artifícios, inibições ou duplo linguajar. E essa ampla rede de comunicação que ele teceu serviu-lhe, por sua vez, de incentivo e pretexto para refletir consumada e minuciosamente, também com continuidade, tanto sobre a sua produção como sobre a deriva da sua época. Saramago não sentia preferência pelo diagnóstico bucólico, nem se deve rastrear seu pensamento no espaço acomodado do consenso. Em geral, ele procurava o desassossego, porque entendia as funções criativas como instrumentos a serviço de um projeto cívico e humanizador, cuja fase prévia exige o desmascaramento e a hostilidade crítica que combata o desvio, o erro. Do mesmo modo que a escrita exige a perturbação do idioma coisificado e da realidade estabelecida mediante a incorporação de novas formas linguísticas e configurações mentais não codificadas até o momento da sua aparição, pensar significa desestabilizar-se interiormente e desestabilizar o discurso consolidado.

Nesse sentido, o reiterado pessimismo que o caracteriza — provocado pelo mal-estar com que reagia ante a situação do mundo e a deriva dos seres humanos — deve ser entendido não como uma claudicação, mas como uma energia que questiona a ordem convencional, que penetra e faz cambalear a fachada da aparência e do *status quo* para modificar a perspectiva e incorporar outros ângulos, leituras e protagonistas. Antecipa, pois, uma sacudida que desencadeia novas reconfigurações, com as quais se procura avançar, melhorar, apesar do ceticismo que envolve sua visão de mundo, mas sem atenazá-la nem estrangulá-la. Como em seu momento Gramsci apontara, trata-se de tornar compatível o pessimismo da razão com o otimismo da vontade. Solidamente ancorado numa arquitetura racional ilustrada, na coerência moral praticada ao longo da sua vida e na reinterpretção das ideias políticas comunistas — matizadas por certa heterodoxia —, Saramago soube alojar sua obra e suas reflexões no lugar do questionamento e da desconstrução do clichê.

É este, enfim, um livro dos muitos possíveis que poderiam ser propostos sob a orientação que o anima e é, também, uma obra aberta, que não se esgota na literalidade que adota aqui, com a vontade, não obstante, de esboçar uma arquitetura ideológico-social saramaguiana suficiente, de conformar uma identidade coerente. Os textos se apresentam organizados cronologicamente a partir de etiquetas ou núcleos temáticos que, em si, constituem conceitos recorrentes sobre os quais o escritor se pronunciou e dotou de sentido. Possuem, portanto, a virtualidade de atuar como articulações em torno das quais se desenvolve sua personalidade cultural, anotando alguns dos nódulos inabaláveis do seu mapa literário, intelectual e vital. Por sua vez, essas etiquetas conceituais se apresentam agrupadas em três grandes epígrafes que submergem na identidade de Saramago como pessoa, como escritor e como cidadão engajado. Naturalmente, os compartimentos não são estanques, nem no que concerne à classificação das citações nem no que se refere à localização das entradas. O leitor talvez se inclinasse por outra ordenação, mas com toda certeza a ordem dos fatores não alteraria o produto final: a imagem fiel que projetam da personagem.

Avaliadas com o horizonte que o transcurso dos anos oferece, estas declarações fragmentárias constituem hoje uma valiosa mina de informação e de apresentação de ideias e valores éticos, assim como uma estimulante prática de dissidência e de contestação pública. Nelas está Saramago, o testemunho de um livre-pensador no qual ecoam formidavelmente as tensões, anseios e fracassos de nosso tempo. Mas o mosaico oferecido neste livro também agrega um compêndio de sabedoria. Cada peça desse mosaico supõe um facho de luz e de sentido, configurando a imagem de uma personalidade brilhante e complexa, capaz de radiografar o ser humano e sua circunstância, de diagnosticar seus males e sugerir antídotos ou de confirmar decepções e frustrações. Saramago observa, analisa e tira conclusões poderosas formuladas mediante frases robustas e sugestivas.

Essa coleção de agudezas, algumas vezes carregadas de matéria informativa, e outras, por seu fundo sentencioso — como corresponde à atitude grave e irônica com que o autor de *Ensaio sobre a cegueira* enfrentava a vida —, construídas como aforismos e máximas próprias da literatura paremiológica gnômica, tem o propósito de oferecer uma espécie de levantamento topográfico do pensamento e da visão de mundo do escritor, expresso através de suas próprias palavras, tal como foram

recolhidas e publicadas pelas *mass media*, com o imediatismo, a espontaneidade e a expressividade característicos desse modo de comunicação escrita.

Se preferir, o leitor também pode considerar o florilégio como um autorretrato sobre cujo traço é possível perceber os lineamentos maiores de sua fisionomia como romancista, pessoa e cidadão: uma crônica do seu imaginário profissional e vital. Do conjunto, desprende-se um tecido compacto e denso, alinhavado por uma invariável vontade de inteligência, de compreensão e de musculoso diálogo com a realidade, entre cujos fios não será difícil reunir uma boa representação de perduráveis *dicta memorabilia*, nascidos da faculdade de aforista do prêmio Nobel português. Tchekhov, que se recusou a trabalhar com heróis e não cessou em seu afã de dessacralizar a literatura e o ofício do escritor — traços compartilhados por Saramago —, afirmou: “A originalidade de um autor se apoia não só em seu estilo, mas também em sua maneira de pensar”.

Fernando Gómez Aguilera

CATÁLOGO DE REFLEXÕES

1. QUEM SE CHAMA JOSÉ SARAMAGO

Através das suas frequentes intervenções nos meios de comunicação, Saramago abordou as questões mais diversas, proporcionando juízos e informações sobre sua concepção de mundo e sua própria trajetória de vida, sobre suas ideias e seus sentimentos. Explorando esses materiais na perspectiva do tempo, é possível recompor peça por peça as linhas principais do mosaico da sua própria epopeia, do seu autorretrato moral, mas também das circunstâncias mais destacadas da sua vida. Sem dúvida, trata-se de uma atitude coerente num escritor que não hesitou em reivindicar a si mesmo, enquanto pessoa, como matéria da sua escrita e que praticou um alto grau de exposição pública.

Nas inúmeras entrevistas que concedeu, assim como nas reportagens a ele dedicadas, encontram-se comentários sobre o peso da infância em seu imaginário e em sua conformação individual, sobre os avatares da sua formação autodidata, sobre seu percurso pessoal ou sobre os vínculos irredutíveis mas complexos com Portugal. Saramago compartilhou publicamente com seus admiradores suas convicções e valores, desde as raízes de seu célebre pessimismo a suas impressões a respeito da morte ou ao papel que atribuía à ética e à razão no âmbito da convivência e das relações sociais e políticas.

Aqui e ali, neste ou naquele jornal, leem-se reflexões e observações suas sobre os traços definidores do seu caráter: melancólico e reservado, solidário e relativista, orgulhoso e irônico, sempre propenso à indignação. Fala da sua família e do seu laicismo, da sua concepção da felicidade como

harmonia, da importância que concede à bondade, do seu materialismo, da doença ou da sua inclinação a se interrogar sobre tudo o que o rodeia. A visão de conjunto é a de um escritor permanentemente aberto a praticar a introspecção e a compartilhar seu pensamento com os leitores, ou, se preferirem, com a opinião pública: disposto a dizer quem é José Saramago.

AZINHAGA

A aldeia por excelência: o imaginário da origem e da identidade. Embora sua família fosse mudar para Lisboa quando Saramago tinha apenas um ano e meio de idade, o menino e o jovem Zé não deixariam de voltar todo ano, nos períodos de férias, a seu vilarejo de nascimento, ao Casalinho de seus avós maternos, Josefa e Jerónimo, duas referências fundamentais em sua vida. Azinhaga: lugar de árvores ressoantes como oceanos, animais resplandecentes e chiqueiros cuidados por um homem alto, silencioso e enxuto, que compartilhava com o neto, sob uma figueira, estrelas e relatos nas noites de um tempo quase sem nada, bendito, porém, pela plenitude do reino das pequenas coisas.

A aldeia representa o lugar da pobreza e da dignidade rigorosa, a negação do artifício, a despensa da melhor memória, o espaço emocional e físico devorado pelo calendário e suas lacerações. O menino Zé catando espigas nos milharais, levando ao pescoço o saco de pano, onde guardava o ínfimo tesouro da necessidade. Zé furtando saborosas melancias e melões. Zé trepando nas figueiras mais doces do mundo. Zé ajudando o avô Jerónimo a alimentar os porcos nas pocilgas ou a cultivar favas na horta... Azinhaga: o contato nu com a natureza, correrias com os primos, amores preliminares, lama nos pés descalços e solidões melancólicas, a liberdade de andar sem rumo, desde o amanhecer, pelos olivais prateados, pelas lagoas de Paul do Boquilobo ou junto das águas purificadoras do Almonda, para cima e para baixo da sua beira fabulosa ou dentro do seu caudal, pescando ou remando a bordo da canoinha — o rio que umedece a fábula

adolescente do escritor mas também seus versos iniciáticos... Uma pletera, enfim, de emoções e vivências que serão recuperadas, como vimes luminosos, em algumas das suas melhores crônicas recolhidas em A bagagem do viajante ou em Deste mundo e do outro. E como materiais de As pequenas memórias, livro em que Saramago, apanhando recordações da infância e da adolescência, registra e dá fé de seu genoma humano e moral: onde articula literariamente sua própria mitologia fundacional, convertendo-a para sempre numa mitologia literária.

Até os meus vinte e tantos anos, passei todas as férias na aldeia. Até os trinta e tantos, eu voltava a Azinhaga pelo menos uma vez ao ano. Em Azinhaga estão guardadas minhas impressões fundamentais. Quando eu chegava à aldeia, a primeira coisa que fazia era tirar os sapatos. E a última coisa que fazia, antes de regressar a Lisboa, era calçá-los. Os sapatos, e a ausência deles, se tornaram um símbolo muito forte. Na aldeia, todos andavam descalços, menos os homens que usavam suas botas de trabalho.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

[Durante as estadas em Azinhaga, quando criança] eu saía de casa pela manhã e dava longas caminhadas. Andava, andava sem parar. Não fui desses gênios que, aos quatro anos de idade, escrevem histórias. Apenas via as coisas do mundo e gostava de vê-las. Nunca fui de grandes imaginações. Eu não me interessava por fantasias, mas pelo que ocorria. Se um sapo me aparecia, eu ficava a vê-lo, quieto, a observá-lo atentamente como o maior tesouro do mundo. Convivi muito com animais: bois, porcos, carneiros, cabras. Convivi com seus cheiros e com essa espécie de vida nada sofisticada que os animais levam. Eu gostava de estar com a natureza sem abstrair dela nada mais do que ela é. Eu não era um menino muito imaginativo.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Minha aldeia era rodeada de olivais, com oliveiras antigas de troncos enormes. Elas desapareceram. Senti-me como se tivessem me roubado a infância. Hectares e hectares de oliveiras desapareceram para dar lugar a culturas mais lucrativas. A aldeia não mudou tanto, foi a paisagem que mudou. E essa mudança radical na paisagem foi, para mim, uma espécie de golpe no coração.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Regressar a Azinhaga, agora, é regressar a outro lugar que já não é o meu. A gente, na verdade, habita a memória. A aldeia em que nasci só existe em minha memória.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Não gosto muito da retórica, mas há que dizê-lo de alguma forma: as temporadas na aldeia eu chamo de minha formação espiritual. Nesse sentido, lembro-me que, quando criança, até os catorze ou quinze anos, o que eu gostava era dos passeios pelo campo, sozinho, pelo rio, nas colinas dali, sozinho.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAGAMO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Era disso que eu gostava, da solidão, e parar para ver alguma coisa, um lagarto que estava ali, ou um pássaro, ou nada, ficar sentado na beira do rio, matar umas rãs. Gostava dessas pequeníssimas coisas, a sensação do lodo nos pés descalços, da qual falo num conto, que é uma sensação que sinto ainda agora: os pés naquele lodo do rio, a terra ensopada. É curioso como ficou gravado daquele tempo uma coisa tão banal como a sensação do lodo entre os dedos dos pés. Mas é assim que me lembro, do mesmo modo que das pequeníssimas nascentes que estavam na beira do rio e da água que brotava da nascente, que removia a areia com seu impulso, todas essas pequeníssimas coisas. Meus avós não se preocupavam nem um pouco com meu comportamento. Se tivessem sido gente da cidade talvez houvessem ficado preocupadíssimos, mas eles sabiam que eu saía de casa de manhã ou de tarde e podia ficar horas e horas fora. Depois voltava com a cabeça cheia de coisas, mas não com uma espécie de intuição da natureza, do mistério da vida e da morte... Não, não, eu era muito mais um pequeno animal que se sentia à vontade naquele lugar.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAGAMO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Na aldeia, no rio que passava e passa — mas já não é o mesmo: agora é um esgoto, isso acontece com quase todos os rios do mundo —, eu andava descalço e o lodo se insinuava, subia. Posso ter esquecido muitas outras coisas, porém as mais simples ficaram: a fogueira em casa dos meus avós, os passeios no campo, o banho nos rios, os porcos, tudo isso, tudo, tudo.

“SARAGAMO ENTRE NOSOTROS”, *MAGNA TERRA*, GUATEMALA, N. 8, MARÇO-ABRIL DE 2001 [ENTREVISTA A J. L. PERDOMO ORELLANA E MAURICE ECHEVERRÍA].

Há imagens que estão aí. E a imagem das coisas tem muito a ver com a pessoa que somos, com o olhar que temos, com a sensibilidade que transportamos dentro de nós. Quando me encontrei com a natureza na minha aldeia de Azinhaga, eu era um menino. Era um menino simples e pobre, nem mesmo precoce. Sensível e sério, isso sim. E um menino sério era um bicho meio esquisito. Estava cheio de melancolia, às vezes de tristeza. Gostava da solidão. Os longos percursos pelos olivais, ao luar. Essa imagem da natureza que sofreu a intervenção do cultivo do homem era minha imagem do mundo. Quando fui para Lisboa, com dois anos, passava os dias sonhando com o momento em que poderia voltar à aldeia, que era onde eu descobria as coisas pequenas. Trepar numa árvore pela primeira vez! Creio que a sensação foi idêntica à do senhor Hillary quando chegou ao Everest e ficou ali, no teto do mundo. Eu me agarrei com força ao tronco, com medo porque a árvore se mexia, mas o mundo era aquele e não outra coisa.

“EN EL CORAZÓN DE SARAMAGO”, *ELLE*, MADRI, N. 246, MARÇO DE 2007 [ENTREVISTA A GEMA VEIGA].

[Em Azinhaga] onde havia milhares de olivais há, hoje, milhares de hectares de milho. Parece-me ótimo, uma vez que toda a gente precisa de milho, mas eu precisava dos meus olivais. Não digo que me cause dor, mas é uma coisa que me causa um desprazer. Simplesmente, aquela não é a minha terra. De um lado, estão os rios (o Almonda e o Tejo) e a Lezíria, mas, do outro lado, tudo desapareceu.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ERAM TEMPOS, ERAM TEMPOS’”, *Visão*, LISBOA, N. 714, 9 DE NOVEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A SARA BELO LUÍS].

Vivemos num determinado lugar, mas habitamos outros lugares. Eu vivo aqui, em Lisboa, quando cá estou, e vivo em Lanzarote quando lá estou. Mas habitar, habitar, habito naquilo que seria — ou é — a aldeia. Não se trata, porém, desta aldeia, antes a aldeia da minha memória.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ERAM TEMPOS, ERAM TEMPOS’”, *Visão*, LISBOA, N. 714, 9 DE NOVEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A SARA BELO LUÍS].

Somos muito mais a terra onde nascemos [e onde fomos criados] do que imaginamos.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOMOS MÁS DE LA TIERRA DONDE HEMOS NACIDO DE LO QUE IMAGINAMOS’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 28 DE MARÇO DE 2009 [CORRESPONDÊNCIA DE GREGORIO CABRERA].

AUTORRETRATO

Um escritor contra a indiferença, que não deixava indiferentes nem seus leitores nem seus ouvintes. Literato de sucesso e voz própria tardios — a partir de 1980, quando já estava com 58 anos —, Saramago se reconhecia, no entanto, numa vida de trabalho tenaz, determinada tanto por suas origens humildes como por sua formação acidental e autodidata. Escrita e implicação, autor, pessoa e cidadão encontravam continuidade e se fundiam num só gesto de afinidade e coerência. A literatura, a militância política comunista ou a associação da palavra pública com o papel de intelectual incômodo interessado pelo signo do seu tempo conviviam sem atritos, favorecendo sinergias.

De consciência insatisfeita, direto na expressão de seus juízos, fustigador do poder, do autoritarismo econômico-financeiro e da Igreja, defendeu a bondade como o argumento maior para uma revolução. Nós o ouvíamos vez ou outra apelar para a razão, reivindicar o senso comum e a prevalência da ética como código regulador das condutas e das relações sociais e interpessoais. Desafeto da inveja, seguro de si mesmo e protagonista de uma experiência de vida intensa, itinerante, prestigiosa e influente no mundo, confessava que com a velhice radicalizou suas posições e acentuou a liberdade da sua expressão pública.

Numa crônica publicada no início dos anos 1970, recolhida em A bagagem do viajante com o título de “Sem um braço no inferno”, o autor ressalta seu gosto pela ironia, uma característica relevante da sua

personalidade, que se esforçava por dosar, e empregava como contraponto o desgosto que a realidade lhe causava:

Esta expressão sisuda e seca que passeio pelas ruas engana toda a gente. No fundo, sou um bom sujeito, com uma só confessada fraqueza de má vizinhança: a ironia. Ainda assim, procuro trocar-lhe as voltas e trato de trazê-la à trela (as aliterações dos nossos trisavós estão outra vez na moda) para que a vida não se me torne em demasia desconfortável. Mas devo confessar que ela me vale como receita de bom médico sempre que a outra porta de saída teria de ser a indignação. Às vezes o impudor é tanto, tão maltratada a verdade, tão ridicularizada a justiça, que se não troço, estouro justíssimo furor.

Assim era José Saramago: disciplinado, tenaz, ateu, cosmopolita, austero, melancólico, reservado, militante, coerente, firme em suas convicções, sério, severo, solitário por temperamento, racionalista, áspero, cético, tímido, terno, antipedante, implacável, pessimista, polêmico, seco, leal, sincero, generoso, duro por fora e frágil por dentro, elegante, frugal, compassivo, inconformista, trabalhador, independente, distante, ético, imaginativo, comunista, solidário, orgulhoso, reflexivo, possuidor de um acentuado senso da dignidade, irônico, rigoroso, beligerante, meticuloso, relativista, português, orgulhoso, sóbrio, sensível, honesto, incômodo, sarcástico, individualista... Um homem possuído, desde a juventude, por uma insaciável curiosidade cartográfica, que defendia com firmeza suas opiniões sem medir as consequências, acostumado a dizer o que pensava e a meditar o que dizia, disposto a forjar seu perfil público nos meios de comunicação de todo o mundo, uma tarefa que assumiu como mais uma obrigação de seu engajamento, até tomar a aparência de uma espécie de trabalho missionário laico.

Se há qualquer coisa de que me defenda — mas aí é uma espécie de cuidado pessoal extremo — é daquilo que nós chamamos a demagogia. Tenho um horror visceral à demagogia, fico arrepiado com tudo quanto tenha a ver como isso.

“NÃO USO LITERATURA COMO POLÍTICA”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE JANEIRO DE 1982.

Nunca me preocupou muito ser outra coisa do que aquilo que sou.

“NÃO USO LITERATURA COMO POLÍTICA”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE JANEIRO DE 1982.

Para mim o mundo é uma espécie de enigma constantemente renovado. Cada vez que o olho estou sempre a ver as coisas pela primeira vez. O mundo tem muito mais para me dizer do que aquilo que sou capaz de entender. Daí que me tenha de abrir a um entendimento sem baias, de forma a que tudo caiba nele.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘O MUNDO É UM ENIGMA CONSTANTEMENTE RENOVADO’”, *O JORNAL*, LISBOA, 28 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

Sou uma pessoa com dois defeitos graves: sou um melancólico e um sarcástico. São dois defeitos muito vulgares de andarem juntos.

“SOU A PESSOA MAIS BANAL DESTE MUNDO”, *NT*, LISBOA, 23 DE MAIO DE 1984 [ENTREVISTA A ALEXANDRE CORREIA].

A última coisa que faria neste mundo seria psicanalisar-me.

“SOU A PESSOA MAIS BANAL DESTE MUNDO”, *NT*, LISBOA, 23 DE MAIO DE 1984 [ENTREVISTA A ALEXANDRE CORREIA].

Sou um camponês que se disfarça suficientemente bem para poder viver na cidade sem olharem muito para mim.

“JOSÉ SARAMAGO: A VIDA É UM ROMANCE”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE DEZEMBRO DE 1984 [ENTREVISTA A PEDRO CORREIA].

A felicidade é apenas uma invenção para tornar a vida mais suportável.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA FELICIDAD ES TAN SÓLO UNA INVENCIÓN PARA HACER LA VIDA MÁS SOPORTABLE’”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 25 DE FEVEREIRO DE 1986 [ENTREVISTA A JOSÉ MARTÍ GÓMEZ].

Sou um ateu com uma atitude religiosa e vivo muito em paz.

“A FACILIDADE DE SER IBÉRICO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 8 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES, FRANCISCO BELARD E AUGUSTO M. SEABRA].

Costuma-se dizer que a solidão é enriquecedora, mas isso depende diretamente da possibilidade de se deixar de estar sozinho.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A PENÍNSULA IBÉRICA NUNCA ESTEVE LIGADA À EUROPA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 227, 10-16 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A INÊS PEDROSA].

Parafraseando Pessoa, eu diria que o nome é o nada que é tudo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A PENÍNSULA IBÉRICA NUNCA ESTEVE LIGADA À EUROPA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 227, 10-16 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A INÊS PEDROSA].

A nossa vida é feita do que nós fazemos por ela, e do que temos que aceitar dos outros.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A PENÍNSULA IBÉRICA NUNCA ESTEVE LIGADA À EUROPA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 227, 10-16 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A INÊS PEDROSA].

Damos voltas e voltas, mas, na realidade, só há duas coisas: ou você escolhe a vida, ou se afasta dela.

“SARAMAGO: ‘LA CE, UN EUFEMISMO’”, *EL INDEPENDIENTE*, MADRI, 29 DE AGOSTO DE 1987 [REPORTAGEM DE ANTONIO PUENTE].

Eu a defino, a ironia, como uma máscara de dor. É uma defesa que os que somos gente frágil carregamos.

“SARAMAGO: ‘LA CE, UN EUFEMISMO’”, *EL INDEPENDIENTE*, MADRI, 29 DE AGOSTO DE 1987 [REPORTAGEM DE ANTONIO PUENTE].

Tenho uma coisa péssima que é uma grande dificuldade em dizer que não, porque acho que dizer que não é demonstrar uma certa forma de ingratidão.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Duvidei sempre que a realização dos sonhos da humanidade coincidissem com o meu tempo de vida. Não cultivo o otimismo histórico, sou um cético.

Gostava de não o ser, mas a toda a hora recebo razões do mundo para o ser e para o ser agravadamente com os anos.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

A minha posição é de constante interrogação.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Talvez eu tenha uma ideia um pouco doentia de um sentido da responsabilidade, como se fosse minha uma responsabilidade que é coletiva. Quer dizer, uma pessoa tem uma responsabilidade consigo mesma, mas possui outra que não consegue identificar. É mais uma sensação de responsabilidade que eu diria ontológica, como se uma pessoa fosse uma onda do mar que está no mar, que se aproxima da praia e que é como a nossa vida. E por detrás de nós existe uma massa de água que nos empurra e nós não somos ninguém sem essa quantidade de água. Se nos separarem dela, a onda que somos não significa nada, porque faltaria a [tenção] do mar, o movimento da maré que nos empurra. Então, este sentimento da maré que nos empurra tem a ver um pouco com o sentido coletivo da cultura e da história.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Penso que para se ser um ateu coerente faz falta um alto grau de religiosidade. O ateísmo não é incompatível com uma postura religiosa. Nem se trata de substituir Deus pela humanidade. É mais um sentimento de uma grandeza imensa que tem a ver com o Universo. E isto é suficiente, porque ainda que eu não coloque Deus nesse Universo, a minha posição é o que chamamos de transcendente, uma palavra que se costuma utilizar pensando em Deus e que eu utilizo noutra direção. O que me transcende é a matéria, a Terra, toda ela, com os seus mares e as suas multidões. E a minha religiosidade começa, se você preferir, na relação que tenho com o meu país.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

O empenhamento político [a candidatura a deputado do Parlamento Europeu em 1989] é mais aparente do que real, dado que a minha colocação na lista exclui qualquer hipótese de eleição. Por outro lado, isso foi deliberado, ainda que não houvesse outras razões, uma vez que, de fato, não sou nem quero ser político, porque a minha atividade é outra. Não nasci para ser político, embora sempre tenha tido uma atividade ligada a essas questões.

Mas neste caso, o convite que me foi feito tem mais a ver com o fato de o meu nome ser relativamente conhecido e de uma lista de candidatos ao Parlamento Europeu que é uma campanha um pouco à margem das preocupações imediatas do nosso povo.

“A JANGADA DE SARAMAGO”, *VIDA MUNDIAL*, LISBOA, 7-14 DE JUNHO DE 1989 [ENTREVISTA A CRISTINA GOMES].

Penso saber que o amor não tem nada que ver com a idade, como acontece com qualquer outro sentimento. Quando se fala de uma época a que se chamaria de descoberta do amor, eu penso que essa é uma maneira redutora de ver as relações entre as pessoas vivas. O que acontece é que há toda uma história nem sempre feliz do amor que faz que seja entendido que o amor numa certa idade seja natural, e que noutra idade extrema poderia ser ridículo. Isso é uma ideia que ofende a disponibilidade de entrega de uma pessoa a outra, que é em que consiste o amor.

Eu não digo isto por ter a minha idade e a relação de amor que vivo. Aprendi que o sentimento do amor não é mais nem menos forte conforme as idades, o amor é uma possibilidade de uma vida inteira, e se acontece, há que recebê-lo. Normalmente, quem tem ideias que não vão neste sentido, e que tendem a menosprezar o amor como fator de realização total e pessoal, são aqueles que não tiveram o privilégio de vivê-lo, aqueles a quem não aconteceu esse mistério.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESSA COISA MISTERIOSA QUE É SEMPRE A MULHER’”, *MÁXIMA*, LISBOA, N. 25, OUTUBRO DE 1990 [POR LEONOR XAVIER].

Não acho que a biografia duma pessoa seja interessante. O que é que interessa eu ter me casado uma vez e ter me divorciado? Quando falamos da nossa vida pessoal, inevitavelmente estamos a falar da vida de outras pessoas. Acho que tem de haver um recato. Se eu disser que fui casado e me

divorciei, não falo só de mim, falo de alguém que não tem o direito de ser chamado a essas questões.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESSA COISA MISTERIOSA QUE É SEMPRE A MULHER’”, *MÁXIMA*, LISBOA, N. 25, OUTUBRO DE 1990 [POR LEONOR XAVIER].

Corre por aí que sou vaidoso. Mas eu acho que a vaidade é a coisa mais bem distribuída deste mundo. Vaidosos somos todos nós. A questão está em saber se há alguma razão para o ser ou se se é vaidoso sem razão nenhuma.

O JORNAL, LISBOA, 8 DE JANEIRO DE 1991.

Talvez eu seja um pouco orgulhoso, seco, frio em relação às pessoas, mas também é verdade que sou extremamente sensível com os meus próximos: família e amigos.

O JORNAL, LISBOA, 8 DE JANEIRO DE 1991.

Sou um espírito profundamente religioso. E digo-lhe, usando um pouco da minha ironia habitual, que é preciso ter-se um altíssimo grau de religiosidade para fazer um ateu como eu. No sentido etimológico de religião, tomada como aquilo que liga, o que sinto é essa grande ligação a tudo, àquilo que está aqui à mão, que somos nós, ao que nos rodeia, esta terra pequena que é a nossa terra, a outra maior, o continente, o globo.

“DEUS QUIS ESTE LIVRO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

Há duas palavras que não se podem usar: uma é “sempre”, outra é “nunca”.

“DEUS QUIS ESTE LIVRO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

E se é verdade que estou muito consciente de que sou — para usar a mesma expressão que agora mesmo usamos — muito amado nesta terra [Portugal] — sou, sei isso —, também é verdade que sou muito odiado. E esse ódio, ou aversão, ou antipatia, nas suas manifestações ou nas suas causas, que são a inveja, o ciúme, várias coisas... envenena a atmosfera. Em momentos agudos sinto isso e nessa altura sinto-me mal. Sinto-me mal porque não compreendo, sobretudo porque não compreendo.

“OS LIVROS DO NOSSO DESASSOSSEGO: JOSÉ SARAMAGO”, *SETEMBRO*, LISBOA, N. 1, JANEIRO-MARÇO DE 1993 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL MENDES].

Dizer, como tem aparecido em certa imprensa pouco cuidadosa da verdade, que eu sou ou me considero um “exilado político” é simplesmente uma estupidez de que não sou responsável. Comparar-me a Salman Rushdie, como também se tem feito, é outra e ainda maior estupidez. As palavras devem ser respeitadas, tanto quanto a verdade das situações.

“JOSÉ SARAMAGO: A ESCRITA NARCÍSICA POR EXCELÊNCIA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 613, 13 DE ABRIL DE 1994 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

O único valor que considero revolucionário é a bondade, que é a única coisa que conta.

“SARAMAGO: ‘LA BONDAD ES EL ÚNICO VALOR QUE CONSIDERO REVOLUCIONARIO’”, *BALEARES*, PALMA DE MALLORCA, 20 DE ABRIL DE 1994 [REPORTAGEM DE PILAR LILLO].

A grande sabedoria, penso eu, é ter um sentido relativizado de tudo. Não dramatizar nada.

“A EXISTÊNCIA SEGUNDO SARAMAGO”, *REVISTA DIÁRIO*, MADEIRA, 19 DE JUNHO DE 1994 [ENTREVISTA A LUIS ROCHA].

Não creio em Deus e nunca tive crise religiosa. Mas não posso ignorar que, embora não seja crente, minha mentalidade é cristã.

“JOSÉ SARAMAGO, CONTRA TODA INTRANSIGENCIA”, *DIARIO DE MALLORCA*, PALMA DE MALLORCA, 28 DE OUTUBRO DE 1994 [ENTREVISTA A HÉCTOR A. DE LOS RÍOS].

Nunca esperei nada da vida, por isso tenho tudo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NUNCA ESPERÉ NADA DE LA VIDA, POR ESO LO TENGO TODO’”, *FARO DE VIGO*, VIGO, 20 DE NOVEMBRO DE 1994 [ENTREVISTA A ROGELIO GARRIDO].

Gosto muito de subir as montanhas. A praia não, mas o alto, o esforço.

“YO NO ENTIENDO...”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 20 DE NOVEMBRO DE 1994.

Não, eu não sou solitário. Às vezes gosto de dizer que sou. Mas me dou conta de que aguento muito bem a solidão.

“YO NO ENTIENDO...”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 20 DE NOVEMBRO DE 1994.

Creio que o lugar da transcendência de todas as coisas é o cérebro humano. Ali está tudo, embora não saibamos bem como funciona.

“YO NO ENTIENDO...”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 20 DE NOVEMBRO DE 1994.

Sim, é a primeira vez que a Espanha trata como coisa sua um escritor português que nunca renunciaria a sua nacionalidade. Vou pela Península Ibérica como se fosse minha casa. Isso me dá muita alegria. Faz uns meses, em Vigo, eu estava numa livraria e apareceu um português que se dirigiu a mim com cara de poucos amigos dizendo: “Eles já te levaram, mas não te esqueças que continuas sendo nosso”.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOY MUCHO MÁS IBÉRICO QUE ANTES’”, *CAMBIO 16*, MADRI, N. 1229, 12 DE JUNHO DE 1995 [ENTREVISTA A RAMÓN F. REBOIRAS].

Não faço força nenhuma para ser cristão, mas, ao contrário de outras pessoas, não digo que a marca do cristianismo desapareceu do meu cérebro. Não omito minha formação, como prova *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Nele está presente o cristianismo na sua expressão católica. Posso estar fora da Igreja, mas não do mundo que a Igreja criou.

“SARAMAGO ESCRIBE A PARÁBOLA DA INDIFERENÇA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 18 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A ANTONIO GONÇALVES FILHO].

Primeiro sou português, segundo sou ibérico e só em terceiro lugar, e quando me dá vontade, sou europeu.

“JOSÉ SARAMAGO, A PARTIR DE SU PROPIA VIDA”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 21 DE JANEIRO DE 1996 [REPORTAGEM DE SABA LIPSZYC].

É certo que faço sempre prevalecer a razão. Mas sou uma pessoa muito sensível aos sentimentos, às emoções, embora possa não parecer. Quem me olha, eu sei, vê uma cara um pouco severa. Posso garantir que existem muitas coisas escondidas atrás dela.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

A tristeza que você vê em mim é causada pelo irracionalismo, pelos fanatismos que se disseminam pelo mundo. Mas é também compaixão. No fundo somos todos uns pobres-diabos. Então, há uma compaixão que se

interroga: por que não podemos ser de outra maneira? Por que não conseguimos melhorar? Por que não conseguimos ser bons?

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

É verdade que o neorrealismo era de fato puritano — penso que a palavra não é excessiva —, mas não creio que o pudor me tenha chegado por essa via. Resulta mais de uma reserva natural minha, um modo de ser, não direi reservado porque sou, ao mesmo tempo, bastante expansivo, mas a verdade é que mesmo a minha expansividade tem sempre uma *retenue*, inclusive a alegria. Sou incapaz de mostrar uma alegria profunda — como seria natural —, mas isso também não significa ausência de espontaneidade. É como se a todos os meus sentimentos e, sobretudo, os sentimentos últimos, a expressão da alegria ou da pena, aquilo que levaria à gargalhada ou à lágrima, eu os retivesse.

BAPTISTA-BASTOS, *JOSÉ SARAGAMO: APROXIMAÇÃO A UM RETRATO*, LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1996.

É, justamente, essa melancolia, é essa coisa que eu tinha quando era miúdo, quando ficava triste nas festas em que toda a gente se divertia, lá na aldeia, ou onde quer que fosse. Os foguetes, a música a tocar, os rapazes e as moçoilas — como se dizia dantes, agora já não há moçoilas, claro, é uma subespécie feminina que se extinguiu —, toda a gente felicíssima e entrava-me sempre uma tristeza muito grande, muito grande.

Lembro-me de que era adolescente e inventei, um dia, uma dor num joelho para não ir a um baile. É, ou era, porque não o será tanto agora, esta espécie de dificuldade em comunicar, ou em comunicar-me, ou provavelmente em receber aquilo que alguém tivesse para me dar, uma espécie de isolamento não propositado. Julgo que isto tinha muito a ver — e aquilo que disso resta, provavelmente ainda tem essa raiz — com uma dificuldade de linguagem que tenho, de articulação de sons, de certas sílabas ou consoantes que me saem mal e a que tenho, muitas vezes, de dar uma volta para encontrar a maneira de introduzi-las.

BAPTISTA-BASTOS, *JOSÉ SARAGAMO: APROXIMAÇÃO A UM RETRATO*, LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1996.

O que a Pilar [del Río] é para mim é difícil dizer-te. Secretária não é, ajuda-me no que eu preciso e ela pode, mas isso não a torna minha secretária. Nem eu queria que a minha mulher fosse a minha secretária. Eu diria que vivi tudo o que vivi para poder chegar a ela. A Pilar deu-me aquilo que eu já não esperava vir a ter. Eu conheci-a em 1986 e já vamos a caminho de sete anos de autêntica felicidade. Eu olho para o que vivi antes e vejo tudo isso como se tivesse sido uma longa preparação para chegar a ela. Portanto, dizer-te que é a mulher, a amante, a companheira, a amiga, tudo isso são apenas tentativas de dizer o que é e nada mais. A nossa relação é outra coisa, não cabe muito nessas categorias.

BAPTISTA-BASTOS, *JOSÉ SARAMAGO: APROXIMAÇÃO A UM RETRATO*, LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1996.

Às vezes, o ter destrói o ser.

“YO NUNCA QUISE SER NADA”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 1^o DE SETEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A IMA SANCHÍS].

O outro é uma complementaridade que nos faz maiores, mais inteiros, mais autênticos. É essa a minha vivência.

“YO NUNCA QUISE SER NADA”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 1^o DE SETEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A IMA SANCHÍS].

A vida, que parece uma linha reta, não o é. Construimos somente uns cinco por cento da nossa vida, o resto fazem os outros, porque vivemos com os outros e às vezes contra os outros. Mas essa pequena porcentagem, esses cinco por cento, é o resultado da sinceridade consigo mesmo.

“YO NUNCA QUISE SER NADA”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 1^o DE SETEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A IMA SANCHÍS].

Eu continuo dizendo, a esta idade de 75 anos, que continuo sendo neto dos meus avós.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘QUIERO DARLE A LANZAROTE LO QUE ELLA ME PIDA’”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 752, 19 DE DEZEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A JORGE COLL].

[Meu sobrenome, Saramago, vem] do apelido da família do meu pai. Quando ele foi me registrar, o funcionário perguntou: “Como se chama o filho?”. E meu pai respondeu: “Como o pai”, que, segundo a lei, era José de

Sousa. Mas o funcionário, por sua conta, acrescentou o apelido que conhecia. Não soubemos disso até que entrei para a escola e meu pai pediu no registro civil uma certidão de nascimento. Ficou de alma partida, gostava tanto de Sousa, mais fino. Teve então de entrar com um processo burocrático complicado para que reconhecessem que ele também se chamava Saramago e que aquele menino era seu filho. Deve ser um caso quase único, em que o filho é que deu o nome ao pai.

“JOSÉ SARAGAMO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

Não gosto de falar de felicidade, mas de harmonia: viver em harmonia com nossa consciência, com nosso entorno, com a pessoa que queremos bem, com os amigos. A harmonia é compatível com a indignação e a luta; a felicidade não, a felicidade é egoísta.

“EN BUSCA DE UN NOMBRE”, *LA JORNADA* (SUPLEMENTO *LA JORNADA SEMANAL*), CIDADE DO MÉXICO, 8 DE MARÇO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Tive um sonho aos sete ou oito anos, que posso recordar como o sonho mais bonito da minha vida. Era um riacho, uma corrente d’água, muito transparente, muito límpida; no fundo, umas pedrinhas pequenas, muito brancas; de um lado, numa margem, um campo, um campo de relva; do outro lado, outro campo de relva; e, no fundo, bosques. Eu, nu, dentro d’água, corria em direção à nascente. Era uma viagem bonita. Gostaria de sonhá-lo de novo, embora eu já não seria o mesmo. Não seria inocente, mas o sonho de alguém mais velho.

“EL SUEÑO DE LAS OLAS DE PIEDRA”, *UNO*, MENDOZA, 13 DE SETEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JAIME CORREAS].

Prefiro a noite e prefiro o dia. Prefiro a noite para dormir, mas sou um animal muito diurno. Não tenho nem tive uma vida noturna. Sempre disse que a noite é feita para a gente ir para a cama e dormir sossegado. O dia é para fazer tudo o que há: trabalhar, olhar. Não invento as coisas, não faço da noite dia, mas posso dizer que gosto da noite, porque vou dormir, não porque me sinta mais ativo.

“EL SUEÑO DE LAS OLAS DE PIEDRA”, *UNO*, MENDOZA, 13 DE SETEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JAIME CORREAS].

Minhas ideias são conhecidíssimas, nunca as disfarcei nem as ocultei. Minha vida é tão pública que se conhece tudo o que pensei sobre cada acontecimento.

“LO MÁS IMPORTANTE DEL MUNDO ES SABER DECIR NO A LA INJUSTICIA”, *ABC*, MADRI, 9 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A DOLORS MASSOT].

Se não nos movemos para onde está a dor e a indignação, se não nos movemos para onde está a proposta, não estamos vivos, estamos mortos.

“SARAMAGO VINO A MÉXICO PARA ‘TOMAR PARTIDO POR LAS VÍCTIMAS DE TANTAS HUMILLACIONES’”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 9 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE MÓNICA MATEOS].

Sou português e nada mais do que português, mas por matrimônio, amizades e trabalho, minha pátria cresceu e agora alcança a Espanha e muitos outros países da Ibero-América.

“SARAMAGO RESPONDE AO VATICANO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 10 DE OUTUBRO DE 1998.

Não sei o que dizer, só que fiz tudo que fiz com plena consciência de que estava me expressando como um ser humano que busca relatar sua identidade. Preciso indagar que diabos estou fazendo aqui, na vida, na sociedade e na História.

“SARAMAGO RESPONDE AO VATICANO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 10 DE OUTUBRO DE 1998.

O cristianismo tentou nos convencer de que devíamos amar uns aos outros. Eu direi uma coisa muito clara: não tenho a obrigação de amar todo o mundo, mas sim de respeitá-lo.

“LA LITERATURA NO INCUMBE A LA SANTA SEDE”, *REFORMA*, CIDADE DO MÉXICO, 10 DE OUTUBRO DE 1998.

Quero é recuperar, saber, reinventar a criança que eu fui. Pode parecer uma coisa um pouco tonta, um senhor nesta idade estar a pensar na criança que foi. Mas é porque eu acho que o pai da pessoa que eu sou é essa criança que eu fui. Há o pai biológico, e a mãe biológica, mas eu diria que o pai espiritual do homem que eu sou é a criança que eu fui.

“A MINHA CASA É LANZAROTE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 14 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A ALEXANDRA LUCAS COELHO].

Creio que a sabedoria consiste em saber renunciar e ter consciência disso, de que é impossível conhecer nosso próprio nome.

“UN NOBEL SOBRE EL VOLCÁN: REFLEXIONES SOBRE MÍ MISMO”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE OUTUBRO DE 1998.

Sempre me interessou mais o que está perto do que o que está longe. O que está perto é uma pedra ou a lagartixa. O que está longe é a montanha; eu a vejo, mas não posso tocá-la. Não quero dizer que não gosto de olhar para os vulcões, mas me importa sentir o que posso pegar ou olhar de perto. Por isso está aqui o jardim. Tenho de olhar, tenho de me dar conta de que esta pequena erva não estava aqui ontem e hoje está.

“UN NOBEL SOBRE EL VOLCÁN: REFLEXIONES SOBRE MÍ MISMO”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE OUTUBRO DE 1998.

Eu entendo a felicidade como uma relação de harmonia, como uma relação estreita da pessoa com a sociedade, com os que lhe são próximos e com o meio ambiente.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘VOY A SEGUIR SIENDO EL MISMO TRAS RECIBIR EL PREMIO’”, *LA TRIBUNA*, TEGUCIGALPA, 7 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A ANTONIO DOPACIO].

Toda a minha vida eu fui muito mais uma pessoa melancólica.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES UN TRABAJO: EL ESCRITOR NO ES UN SER EXTRAORDINARIO QUE ESTÁ ESPERANDO A LAS HADAS’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 29 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Posso dizer que minha lembrança mais intensa, essa que, quando me ponho a lembrar sempre chega em primeiro lugar, é a da minha aldeia.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES UN TRABAJO: EL ESCRITOR NO ES UN SER EXTRAORDINARIO QUE ESTÁ ESPERANDO A LAS HADAS’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 29 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Se tenho algum motivo de vaidade é que sempre disse o que penso em qualquer lugar.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES UN TRABAJO: EL ESCRITOR NO ES UN SER EXTRAORDINARIO QUE ESTÁ ESPERANDO A LAS HADAS’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 29 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

A minha vida está ligada a quatro pontos cardeais: Azinhaga do Ribatejo, onde nasci; Lisboa, onde vivi; Lavre, onde verdadeiramente me encontrei como escritor e o Nobel começou a ser conquistado; e Lanzarote, a ilha onde atualmente resido.

FOLHA DE MONTEMOR, MONTEMOR-O-NOVO, NOVEMBRO DE 1998.

Ser velho é só ter mais anos, ter vivido mais, ter mais coisas a dizer porque se tem mais coisas para lembrar. Creio que se alguém chega à idade em que se pode dizer que é velho, o mínimo que se pode esperar das pessoas é que respeitem o trabalho, a consciência e o direito de viver com dignidade nessa velhice [...] não quero dizer com isso que há que respeitar e ouvir com muita atenção os mais velhos pelo fato de serem mais velhos, não. Há velhos que não são nada respeitáveis. Portanto, se eu penso que é um erro fazer da juventude um valor, também não gostaria que se pensasse que estou querendo dizer que a velhice é um valor, porque não é. Valores são, quando são, os seres humanos, independentemente da idade que tenham.

LA JORNADA, CIDADE DO MÉXICO, 3 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Tudo é tão relativo... O que é a fama?, o que é o sucesso?, o que é o triunfo? Parece que sim, que tudo isso é alguma coisa, mas se levarmos em conta que temos uma pequena vida, que, mesmo quando ela é longa, sempre é pequena, tudo resulta ser nada. Se considerarmos que a eternidade não existe e que existe menos ainda a eternidade das coisas que fazemos, que tudo é precário, que o que hoje é amanhã não será, se levarmos em conta isso tudo, creio que a fama não é nada.

LA JORNADA, CIDADE DO MÉXICO, 3 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Do mesmo modo que às vezes digo que, em lugar da felicidade, creio na harmonia, penso que o amor é o encontro da harmonia com o outro.

LA JORNADA, CIDADE DO MÉXICO, 3 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Com todas as minhas fraquezas, sou uma pessoa muito coerente. Em nenhum momento da minha vida visei o que antes [na entrevista] chamei de

triunfo, no jornalismo ou no que fosse. Nem mesmo quando começava a escrever. Nunca, nunca, nunca. Fiz cada dia o que tinha de fazer. Não pensava: “Eu agora faço isto porque quero chegar àquilo e, quando chegar àquilo, quero fazer algo mais para chegar mais longe”. Uma estratégia, uma linha, uma tática, não, jamais.

Destes meus 76 anos até onde puderem alcançar minha memória e minhas lembranças, o que vejo é isto: uma pessoa que viveu. Viver, viver de forma simples, fazendo o que tinha de fazer, nada mais. Sem nenhuma ideia de vir a triunfar no que quer que fosse. Talvez por nunca ter querido nada, tenho tudo. E quando digo que nunca quis nada quero dizer que não tive nenhuma ambição, fui uma pessoa sem ambição.

“GANAR EL PREMIO NOBEL ES COMO SER *MISS* UNIVERSO”, *EL MUNDO*, MADRI, 6 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A MANUEL LLORENTE].

Ter como objetivo vital o triunfo pessoal tem consequências. Mais cedo ou mais tarde, tu te tornas mais egoísta, mais concentrado em ti mesmo, insolidário.

“GANAR EL PREMIO NOBEL ES COMO SER *MISS* UNIVERSO”, *EL MUNDO*, MADRI, 6 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A MANUEL LLORENTE].

Eu falo de outro triunfo, o triunfo que significa que tu podes te dizer: não te traíste nunca nem traíste ninguém. E isso é o melhor que há, melhor que o prêmio Nobel. Tu podes te olhar quando te barbeias de manhã e dizer: gosto deste senhor.

“GANAR EL PREMIO NOBEL ES COMO SER *MISS* UNIVERSO”, *EL MUNDO*, MADRI, 6 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A MANUEL LLORENTE].

É-me indiferente o conceito de felicidade, para mim tem mais importância o que chamo de serenidade e harmonia [...]. A serenidade tem muito de aceitação, mas também algo de autorreconhecimento dos teus limites. Viver em harmonia não significa que não tenhas conflitos, mas que podes conviver com eles com serenidade.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Minha modesta e simples opinião é que há que deixar as pessoas serem como são. Vivendo em suas diferenças e a partir de seus próprios pressupostos culturais.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Compreender não é perdoar. Do meu ponto de vista, há coisas que podem ser compreendidas, mas isso não significa que por uma espécie de necessidade, quase uma espécie de automatismo, se compreendo, perdoar.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Quando nos *Cadernos de Lanzarote* eu me pergunto onde acabam meus cães e onde começo eu, ou onde eu acabo e onde começam eles, no fundo tem, não sei, muito a ver com uma espécie de sentimento panteísta, de que não falamos. Eu pego no chão uma pedra e olho para ela como uma coisa que eu precisaria entender e às vezes digo: bom, entre a pedra que tenho aqui e a montanha que está no horizonte, quero a pedra. Por que tenho a casa cheia de pedras? Há muita imaginação e fantasia nisso tudo. Quando falo assim de uma pedra é uma ilusão minha, porque é uma coisa inerte, insensível. Mas se a pego, se a tenho na mão, já é algo que pertence à minha própria família, porque não é uma pedra de Marte, é uma pedra da Terra, que é o lugar onde estou.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Minhas alegrias são sempre sóbrias.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

[A minha timidez vem] da infância. Tem raízes antigas. Uma delas é a minha gaguez.

“JOSÉ SARAMAGO, BALANÇO DO ANO NOBEL: ‘O QUE VIVI FOI MAIS IMPORTANTE QUE ESCREVER’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 761, 1^o DE DEZEMBRO DE 1999 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL RODRIGUES DA SILVA].

A grande vitória da minha vida é sentir que, no fundo, o mais importante de tudo é ser boa pessoa. Se pudesse inaugurar uma nova Internacional, seria a Internacional da Bondade.

“JOSÉ SARAMAGO, BALANÇO DO ANO NOBEL: ‘O QUE VIVI FOI MAIS IMPORTANTE QUE ESCREVER’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 761, 1^o DE DEZEMBRO DE 1999 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL RODRIGUES DA SILVA].

Eu tenho um problema de timidez que se resolve com a multidão. Estou mais à vontade a falar para 3 mil pessoas do que para três. Aquilo que paralisaria um tímido qualquer, a mim... Até costume dizer que Jesus Cristo ressuscitou ao terceiro dia e eu à terceira palavra. Então, quando digo que não tenho qualquer talento para relações públicas, é verdade. Em primeiro lugar, porque sou um tímido. Pode não parecer, mas sou. E essa timidez é tanto mais notória quanto menor o número de pessoas para quem estiver a falar.

“JOSÉ SARAMAGO, BALANÇO DO ANO NOBEL: ‘O QUE VIVI FOI MAIS IMPORTANTE QUE ESCREVER’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 761, 1^o DE DEZEMBRO DE 1999 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL RODRIGUES DA SILVA].

O corpo é uma condição do espírito. Não sei o que é o espírito. Em que momento o espírito entrou no corpo, isso eu não sei. A sabedoria não vem só da experiência ou com os conhecimentos que a pessoa acumula. Tem a ver com uma harmonia, que não é passividade. É pertencer ao mundo, ter consciência de pertencer à vida e de ser parte do Universo. E, no fundo, tentar ser bom.

“ANTES EL BURÓCRATA TÍPICO ERA UN POBRE DIABLO, HOY REGISTRA TODO”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 13 DE DEZEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A SUSANA REINOSO].

Vivemos para tentar dizer quem somos. Lembro-me da frase de Albert Camus: “Se queres ser reconhecido, é só dizeres quem és”. Creio que não sabemos quem somos. O que alguém faz, no fundo, é muito mais importante do que o que sabe sobre si mesmo.

“ANTES EL BURÓCRATA TÍPICO ERA UN POBRE DIABLO, HOY REGISTRA TODO”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 13 DE DEZEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A SUSANA REINOSO].

Há duas coisas na vida que cada dia não posso suportar. Uma é viver sem saber onde estamos. Sim, estamos na Terra, no sistema solar, na galáxia, mas realmente onde estamos. A outra é ter o sentimento de não ter podido fazer algo para que o mundo mudasse.

“ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, *ALPHALIBROS*, MENDOZA, 2000 [ENTREVISTA A JORGE ENRIQUE OVIEDO].

Quanto mais velho me vejo, mais livre me sinto e mais radicalmente me expresso.

“SOY UN GRITO DE DOLOR E INDIGNACIÓN”, *ABC* (SUPLEMENTO *EL SEMANAL*), MADRI, 7-13 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

As palavras que com maior frequência digo a mim mesmo são estas:
“Nunca te permitas ser menos do que és”.

“SOY UN GRITO DE DOLOR E INDIGNACIÓN”, *ABC* (SUPLEMENTO *EL SEMANAL*), MADRI, 7-13 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Aparentemente, sim, estou inteiro [apesar de conhecer as feridas do mundo]. Mas quem me conhece bem sabe que sangro por dentro. Todos os dias a todas as horas. Sou, em carne e em espírito, um grito de dor e indignação.

“SOY UN GRITO DE DOLOR E INDIGNACIÓN”, *ABC* (SUPLEMENTO *EL SEMANAL*), MADRI, 7-13 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Se pararmos para pensar nas pequenas coisas, conseguiremos entender as grandes.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

O que eu sou? Pessimista, indignado, cético, inconformista? São quatro maneiras de dizer a mesma coisa. Digamos que sou um quarto de cada, e o total, o que vês.

“JOSÉ SARAMAGO NARRA EL OCASO DE UNA CIVILIZACIÓN: LA NUESTRA”, *PLANETA HUMANO*, MADRI, n. 35, JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ANA TAGARRO].

Quando eu morrer... se pusessem uma lápide no lugar onde ficarei, poderia ser algo assim: “Aqui jaz, indignado, fulano de tal”. Indignado, claro, por duas razões: a primeira, por já não estar vivo, o que é um motivo bastante forte para indignar-se; e a segunda, mais séria, indignado por ter entrado num mundo injusto e ter saído de um mundo injusto. Mas temos de continuar, de continuar andando, temos de continuar.

“SARAMAGO ENTRE NOSOTROS”, *MAGNA TERRA*, GUATEMALA, n. 8, MARÇO-ABRIL DE 2001 [ENTREVISTA A J. L. PERDOMO ORELLANA E MAURICE ECHEVERRÍA].

Creio no respeito às crenças de todo mundo, mas gostaria que as crenças de todo mundo fossem capazes de respeitar as crenças de todo mundo.

“SARAMAGO ENTRE NOSOTROS”, *MAGNA TERRA*, GUATEMALA, N. 8, MARÇO-ABRIL DE 2001 [ENTREVISTA A J. L. PERDOMO ORELLANA E MAURICE ECHEVERRÍA].

As evocações primigênicas, as primeiras percepções da vida, de seu risco, de seus desprendimentos, são determinantes porque produzem imagens que deixam tatuagens e afloram sem nos darmos conta em todo processo artístico.

“JOSÉ SARAMAGO: LA MORAL INSURRECTA”, *REVISTA UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA*, MEDELLÍN, N. 265, JULHO-SETEMBRO DE 2001 [ENTREVISTA A AMPARO OSORIO E GONZALO MÁRQUEZ CRISTO].

Se não me interessa pelo mundo, este baterá na minha porta cobrando.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LO QUE ES OBSCENO ES QUE SE PUEDA MORIR DE HAMBRE’”, *ABC*, MADRI, 22 DE SETEMBRO DE 2001 [CORRESPONDÊNCIA DE FULGENCIO ARIAS].

Eu sou ateu, mas sempre me senti atraído pelo fenômeno religioso. A religião me interessa como instituição de poder que se exerce sobre as almas e os corpos.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Eu tenho uma tese nada científica sobre o pensamento. Há um pensamento ativo, isto é, eu estou pensando numa coisa e, portanto, posso, dentro de cinco minutos, mais ou menos, reproduzir o que estou pensando; mas há outro pensamento subterrâneo que trabalha por sua conta, isto é, que tem muito pouco a ver com o que está acontecendo. Há um pensamento que tenho quando estou dirigindo um carro, por exemplo, e esse pensamento é chegar a uma cidade, portanto sigo uma estrada, e há outro pensamento, por baixo, que de vez em quando sobe à superfície do outro. O que chamamos de intuição, no meu entender, não é mais que o resultado desse trabalho subterrâneo que às vezes sobe e aparece. Chamamos isso de intuição, algo que não nos passava pela cabeça, pois só por ela poderia passar. O que acontece é que não o percebemos, não é o que chamo de pensamento ativo, esse que conduzo como conduzo um carro. A imaginação talvez tenha alguma coisa a ver com isso.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

Procura a tua própria verdade e, se crês tê-la encontrado, obedece-lhe.
“NINGUÉM QUEIRA SER UM BOM AUTOR SE NÃO FOI UM BOM LEITOR”, *JORNAL DA MADEIRA*,
MADEIRA, 15 DE MAIO DE 2002 [CORRESPONDÊNCIA DE CARLA RIBEIRO].

Só o amor nos permite nos conhecer.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SÓLO EL AMOR NOS PERMITE CONOCERNOS’”, *EL PERIÓDICO DE ARAGÓN*,
ZARAGOZA, 15 DE JANEIRO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DE LUZ SANCHÍS MADRID].

Nós não somos feitos de uma peça. Sou por natureza uma pessoa melancólica, contemplativa e tímida, que teve de vencer a sua timidez e enfrentar as situações. E ao mesmo tempo sou ativo na militância, sem perder essas características.

“O MUNDO DE SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2003 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Somos matéria e nada mais. Uma parte dessa matéria foi capaz de criar consciência. Mas tudo o que somos é cérebro. Aí está tudo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA HONESTIDAD NO ESTÁ DE MODA’”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 11 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A SUSANA REINOSO].

Eu me considero o naufrago de um barco que afunda. A pessoa está a ponto de se afogar, mas há uma tábua a que se agarra. É a tábua dos princípios. Todo o resto pode desmoronar, mas, agarrado a ela, o naufrago chegará a uma praia. E, depois, com essa tábua, poderá construir outro barco, evitando cometer os erros de antes. Com esse barco tentará chegar a outro porto.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA HONESTIDAD NO ESTÁ DE MODA’”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 11 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A SUSANA REINOSO].

A sabedoria consiste, no fundo, em ter uma relação pacífica com o que está fora de nós, com a natureza. Para meu avô, bastava saber o nome das árvores, dos animais e ter uma ideia aproximada do tempo. Com quatrocentas ou quinhentas palavras se vivia. Pode ser que tenhamos de reconhecer que a sabedoria cabe nessas poucas palavras e que, quando começamos a entrar nos matizes, tudo se diversifica. Às vezes, as palavras fazem que nos detenhamos nelas.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA HONESTIDAD NO ESTÁ DE MODA’”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 11 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A SUSANA REINOSO].

O mundo do socialismo pode ruir, mas temos de continuar mantendo nossos princípios, não posso me desprender deles.

“EN LA IZQUIERDA HAY UN DESIERTO DE IDEAS”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 16 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A ALEJANDRO TOLEDO].

Tudo na minha vida aconteceu tarde, mas, como tive e continuo tendo a sorte de uma vida longa, foi-me permitido viver o que em circunstâncias diferentes não teria sido possível.

“YO NO HE ROTO CON CUBA”, *REBELIÓN*, HAVANA, 12 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Não sou niilista, sou simplesmente relativista. André Comte-Sponville, em seu *Diccionario filosófico*, coloca as coisas em seu devido lugar: o niilismo é a filosofia da preguiça ou do nada, o relativismo é a filosofia do desejo e da ação. Os que dizem que sou niilista não sabem ler ou, se sabem, não entendem o que leem.

“SOY UN RELATIVISTA”, *VISTAZO*, GUAIAQUIL, 19 DE FEVEREIRO DE 2004 [ENTREVISTA A LOLA MÁRQUEZ].

Penso que, para voltar a falar do paraíso, eu só consideraria um paraíso aceitável se pudesse encontrar lá os animais, e mais concretamente os cães.

“A ARTE, O HOMEM E A SOCIEDADE”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 873, 17 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A BRUNO CASEIRÃO].

Quando eu tinha dezoito anos, lembro de ter dito uma coisa absolutamente impensável num rapaz dessa idade, que foi: “O que tiver de vir, às minhas mãos chegará”. Creio que essa foi, de uma maneira inconsciente, a regra de ouro da minha vida.

“SOY UN COMUNISTA LIBERTARIO”, *EL PAÍS*, MADRI, 26 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

Sou uma pessoa feliz, que não buscou a felicidade, mas que, quem sabe, minha sabedoria ou minha ciência infusa fez que eu estivesse no momento e no lugar onde algo poderia acontecer.

“SOY UN COMUNISTA LIBERTARIO”, *EL PAÍS*, MADRI, 26 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

Se minhas críticas não prestam porque estão contaminadas pelo passado, é melhor não perdermos o tempo com elas.

“LA LUCIDEZ DE SARAMAGO”, *LA PRENSA* (SUPLEMENTO SEMANAL *LA PRENSA LITERARIA*), MANÁGUA, 1^o DE MAIO DE 2004 [REPORTAGEM DE PABLO GÁMEZ].

Nem as derrotas nem as vitórias são definitivas. Isso dá uma esperança aos derrotados, e deveria dar uma lição de humildade aos vitoriosos.

“NO QUIERO UN MUNDO DE GANADORES”, *LA VOZ DEL INTERIOR ON-LINE*, CÓRDOBA, NOVEMBRO DE 2004 [REPORTAGEM DE ALEJANDRO MARECO E EDGARDO LITVINOFF].

É-me completamente impossível ler numa tela de computador. Lamento isso. Sou do tempo do livro, do papel. Você pode deixar cair uma lágrima na página. É mais difícil deixar cair uma lágrima num computador. Creio que o livro ainda vai durar.

“SARAMAGO AFIRMA QUE ‘HAY QUE VIVIR A LA CONTRA’ AL INAUGURAR LA FERIA DEL LIBRO DE SEVILLA”, *EL PAÍS*, MADRI [EDIÇÃO DE ANDALUZIA], 13 DE MAIO DE 2006 [CORRESPONDÊNCIA DE ALBERTO BELAUSTEGUIGOITIA].

Gosto de música, ouço-a continuamente. Os clássicos, claro, mas também cantores como Jacques Brel — ouça-se *Les vieux* ou *J’arrive* — ou Leonard Cohen, e muitíssimos mais [...]. Gosto da boa música brasileira e portuguesa, e tenho uma boa coleção de discos de uma e de outra.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE SEU NOVO LIVRO, *DON GIOVANNI*, E DE SUA PAIXÃO PELA ÓPERA”, *ÉPOCA*, SÃO PAULO, N. 419, 29 DE MAIO DE 2006 [ENTREVISTA A LUÍS ANTÔNIO GIRON].

Estou sempre preocupado aqui [no jardim da sua casa de Lanzarote] com que os pássaros tenham água. São coisas tolas, mas alguém tem de se encarregar, porque se não têm água aqui encontram-na em outro lugar; mas não, eu quero que os pássaros tomem água aqui e ponho água limpa para eles, e a água está ali. Por isso creio que tenho um vínculo natural, espontâneo, com o sentir a paisagem, o céu, as nuvens. Vivi uma relação com a natureza que se deu naturalmente: um recanto, uma árvore, o rio. Coisas que são o próprio mundo. Não é a natureza abstrata: é a cobra, o sapo... Não tem nenhuma importância... Serpentes, lagartos... que importância têm. Para muitos, talvez, nenhuma. Mas, para mim, têm toda.

“JOSÉ SARAMAGO: RETRATO DE UN HOMBRE CON OLIVOS”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 14 DE OUTUBRO DE 2006 [ENTREVISTA A PATRICIA KOLESNIKOV].

Entre esses que fui e este que sou, a diferença, no fundo, é que vivi experiências, conhecimento, talvez sabedoria, me apaixonei, me desapaixonei, tudo o que acontece com cada um de nós; mas o que é certo é que não houve uma ruptura entre aqui acabou o menino e começou o adolescente e aqui o adulto. É claro que fui mudando como todos mudamos, mas é uma linha constante, não há interrupções. Eu sou aquele e aquele sou eu.

Sou alguém que trabalhou, que nunca teve ambições — embora isso possa soar falso. Nunca tive ambições, nunca disse que vou fazer isto para chegar àquilo, e quando o obtiver vou dar mais um passo para chegar a um final. Não, eu vivi meus dias com o que tinha de fazer. Creio que tive sorte, porque as pessoas me descobriram, quando eu já havia feito algo que valia a pena, mas poderia ter ocorrido que eu houvesse feito isso e que as pessoas não houvessem visto.

“JOSÉ SARAMAGO: MÉXICO VIVE UN PROCESO DE CONFUSIÓN”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 27 DE NOVEMBRO DE 2006 [REPORTAGEM DE ERICA MONTAÑO GARFIAS].

No meu caso, não esquecer foi algo natural em mim. Não quis nem lembrar nem esquecer. O passado é passado, mas se manteve intacto na minha cabeça, na minha memória.

“JOSÉ SARAMAGO: MÉXICO VIVE UN PROCESO DE CONFUSIÓN”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 27 DE NOVEMBRO DE 2006 [REPORTAGEM DE ERICA MONTAÑO GARFIAS].

Tentei não fazer nada na vida que pudesse envergonhar o menino que fui.

“ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, AGENCIA EFE, MADRI, JANEIRO DE 2007 [ENTREVISTA A ANA MENDOZA].

A educação me preocupa muitíssimo, sim, sobretudo porque é um problema muito evidente, claro e transparente e ninguém faz nada a esse respeito. Confundi-se a instrução com a educação durante muitos anos e agora estamos arcando com as consequências. Instruir é transmitir dados e conhecimentos. Educar é outra coisa, é inculcar valores [...]. Faz décadas, o que havia era um Ministério da Instrução Pública, não da Educação. A

educação era outra coisa. Se para ser educado fosse necessário ser instruído previamente, eu seria uma das criaturas mais ignorantes do mundo. Meus familiares eram analfabetos, como iam me instruir? Impossível. Mas me educaram, inculcaram em mim valores básicos, fundamentais. Eu morava numa casa paupérrima e saí dali educado. Milagre! Não, não há milagre nenhum. Aprendi a vida e a lição dos mais velhos, quando nem eles mesmos sabiam que estavam dando lições.

“VIVIMOS EN UNA SOCIEDAD QUE CARECE DE EDUCACIÓN”, *CANARIAS 7, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA*, 4 DE FEVEREIRO DE 2007 [ENTREVISTA A VICTORIANO SUÁREZ ÁLAMO].

Vivemos com nossa memória. Melhor dizendo, somos nossa própria memória. Só dispomos de verdade do que temos na cabeça.

“VIVIMOS EN UNA SOCIEDAD QUE CARECE DE EDUCACIÓN”, *CANARIAS 7, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA*, 4 DE FEVEREIRO DE 2007 [ENTREVISTA A VICTORIANO SUÁREZ ÁLAMO].

Se tu me perguntas que certezas trago depois de escrever minhas memórias, te direi que trago uma: se pudesse, viveria tudo outra vez, exatamente como vivi. E olhe que não foi uma infância feliz. Mas eu gostaria de repetir tudo. Tudo, tudo, tudo... Mas, é claro, com os mesmos: com a avó, com o avô, com os tios, com os primos, com meu amigo José Dinis... brigando com seus ciúmes intermináveis. Ele ficava furioso com o assunto das meninas! Sim. Essa é a única certeza. Viveria tudo outra vez. Poria os pés nos mesmos lugares em que pus. Voltaria a cair como as crianças caem. Voltaria a encontrar o primeiro sapo. A banhar-me no rio Almonda da minha aldeia, e olhe que, por ser rio de planície, nunca teve águas muito límpidas, mas como eu gostava!

“EN EL CORAZÓN DE SARAMAGO”, *ELLE, MADRI*, N. 246, MARÇO DE 2007 [ENTREVISTA A GEMA VEIGA].

Bom, falar de Pilar [del Río] é ao mesmo tempo fácil e difícil. Ela nasceu em 1950, eu em 1922. Tenho uma sensação esquisita quando penso que houve um tempo em que eu já estava aqui e ela não. É estranho para mim entender que foi preciso passar 28 anos desde o meu nascimento para que chegasse a pessoa que seria imprescindível em minha vida... Ela é, os que a conhecem sabem, uma mulher extraordinária, além de muito bonita. Ela nasceu para servir aos outros, e os outros são todo o mundo, a mãe, os catorze irmãos, as amigas, os amigos... Ela está sempre disponível. Ela

nunca diz não a um apelo e dá toda atenção à pessoa com que está falando, que nesses momentos é a mais importante do mundo. Bom... Quando a conheci, eu tinha 63 anos, era um homem já velho. Ela tinha 36 anos. Os amigos me diziam: “Isso é uma loucura, um disparate! Com essa diferença de idade...!”. E eu sabia, mas não me incomodava. Agora não posso mais imaginar minha vida sem ela, não posso conceber nada se Pilar não existisse... Quando ela não está, a casa se apaga. E quando volta, se reativa.

“EN EL CORAZÓN DE SARAMAGO”, *ELLE*, MADRI, N. 246, MARÇO DE 2007 [ENTREVISTA A GEMA VEIGA].

Costumo dizer que entre a montanha que vejo ao longe e a pedra que tenho na mão, prefiro a pedra. Para mim, isso significa que a natureza não é uma simples paisagem que se oferece aos olhos, mas uma espécie de comunhão com todo o mineral, o vegetal e o animal que me circunda. Uma comunhão que passa por todos os meus sentidos, a tal ponto que tenho a impressão de não me encontrar fora, mas dentro. Enquanto observo a natureza, sinto que ela me observa.

“*LE PICCOLE MEMORIE*”, *LA REPUBBLICA*, ROMA, 23 DE JUNHO DE 2007 [ENTREVISTA A LEONETTA BENTIVOGLIO].

Você tem convicções e vive com elas. Se as abandona, o que sobra? Nada. Embora as coisas não sejam tão puras quanto imaginei, continuo sendo o que fui. Pelo menos, posso dizer a mim mesmo que não me deixei contaminar.

“COLOMBIA DEBE VOMITAR SUS MUERTOS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 9 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A MARÍA PAULINA ORTIZ].

Os sonhos sonhos são, e, nos sonhos, não há firmeza, dizia minha avó Josefa.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Vivemos no relativo, não no absoluto.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Sou um cético profissional. Vivemos num mundo de mentiras sistemáticas.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

De arrogante não tenho nada. Rigorosamente nada. Se querem que lhes dê uns quantos exemplos de escritores arrogantes no mundo, e em Portugal também, posso dar. Não correspondo a esse figurino. Austero? Uma austeridade de caráter não é defeito, pelo contrário. Duro? Sou um sentimental! Como podem dizer que sou duro? Mas sim, sou realmente duro, seco, tão objetivo quanto posso, quando se trata de discutir ideias, opiniões. Que isso forme, no conjunto, uma imagem tão negativa que leve as pessoas a não gostarem de mim... O que hei de fazer? Não se pode agradar a toda a gente. [...] Não incomodo ninguém deliberadamente. O que me parece é que a minha própria existência incomoda umas quantas pessoas por aí. E se à existência se juntam os livros, imaginem.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

Não sou uma pessoa cômoda.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

Aqueles que amamos, amamos tal como são. Não amaríamos os seus ossos, as suas cinzas nem o seu espírito — supondo que uma coisa chamada espírito exista. Importantes foram para mim os meus avós maternos e acabaram. Acabaram, simplesmente. Como escrevo, dei-lhes uma segunda vida. Do meu avô Jerónimo e da minha avó Josefa não haveria ninguém para falar, tinha de ser eu. E a verdade é que isso me dá uma grande alegria.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

Eu sou materialista... [...] Não acredito nessas supostas espiritualidades que colocam os ideais de vida ou a satisfação dos desejos de cada um a distâncias inalcançáveis.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

Nós sabemos cada vez mais. Mas ao mesmo tempo vamos sabendo cada vez melhor a importância daquilo que não sabemos.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

Há um território mais ou menos desconhecido — quer dizer, não é desconhecido, evidentemente, mas cuja complexidade é de tal ordem que, antes que cheguemos ao fim das averiguações necessárias para saber como aquilo funciona, vai levar tempo: é o cérebro.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

A vida, digamos, propõe-nos coisas. Por vezes, sentimo-nos em condições de aceitar a proposta e lançamo-nos a um trabalho. Outras vezes, não. A vida não é uma obra teatral. Numa obra teatral tudo está posto no seu lugar. Cada elemento tem a sua função. A articulação dos elementos todos, para conduzir a efeitos dramáticos, está muito bem pensada. A vida não pensa. Nós vivemos no caos. O que se passa é que vivemos num espaço limitado dentro de outro espaço que escapa à nossa capacidade de apreensão.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

Isso que chamamos mistério é, simplesmente, o que não se sabe. A partir do momento em que há uma explicação científica, ou lógica simplesmente, deixa de ser mistério.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

Quando se ridiculariza a bondade, no fundo, a única conclusão é que se está a justificar a delinquência. Não me refiro a uma delinquência explícita, ativa, mas a uma certa atitude delinquente que se justifica pela indiferença e também pela incapacidade de agir.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Durante um tempo [quando estive hospitalizado, em fins de 2007 e início de 2008], talvez umas horas, um dia ou dois, apresentou-se-me, por exemplo, uma imagem com um fundo negro e quatro pontos brancos formando um quadrilátero irregular. Eram brilhantes como se fossem corpos celestes no espaço. Tive a certeza que esses quatro pontos eram eu [...]. Não havia traços fisionômicos, apenas a consciência de que podia estar reduzido a esses quatro pontos, que a complexidade física e mental do ser humano se poderia reduzir a esses pontos que nem sequer eram regulares... É uma espécie de total despersonalização. Eu tinha deixado de ser quem julgava que era, ao mesmo tempo que me reconhecia nesses quatro pontos. Como é que isso se produziu, não me perguntem.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

O senso comum faz-nos muita falta. Pode ser provocante, chato. Mas também pode apresentar-se como algo muito tônico que é o desmancha-prazeres. Ou, como dizem os franceses, o *empêcher de danser* [...]. O senso comum não é uma arma, é um modo de relacionar-se, é uma relação que se propõe um certo equilíbrio, um reconhecimento tácito de certas verdades elementares. Enfim, são aquelas coisas que, no fundo, são uma espécie de consensualidade em que muitos podemos dialogar uns com os outros, partindo de bases que são compartilhadas, e que permite um discurso — que pode não levar à concórdia. Mas uma discordância sobre a qual se fala já é algo mais do que uma discordância.

“MEMÓRIA DE ELEFANTE”, *Visão*, LISBOA, 6 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A SÍLVIA SOUTO CUNHA].

Não me sinto confortável [com a imagem do desmancha-prazeres, do denunciador]. Mas se me perguntar se me agrada esse papel, sim. É uma expressão da minha maneira de ser. Não suporto enganar. Quando era rapazito, ia ao São Carlos — não porque eu tivesse dinheiro para pagar o bilhete: o meu pai, que era polícia de segurança pública, conhecia os porteiros. E eu ia lá para cima, para o galinheiro. Houve aí uma alegoria que me ficou para toda a vida. Para quem estava nos camarotes, era uma coroa o que estava sobre a tribuna real. Mas nós, sentados por trás dela, víamos outras coisas: primeiro, que a coroa não estava completa. Segundo, que

tinha poeira e teias de aranha dentro e uma ponta de cigarro republicana, posta ali para protestar. Aquilo ficou-me para sempre, o outro lado das coisas. O outro lado da palavra, de tudo o que nos conduz numa determinada direção, e que é preciso iluminar para, se não podemos resistir, pelo menos termos consciência. Que não nos levem a engano, que é uma expressão muito portuguesa.

“MEMÓRIA DE ELEFANTE”, *Visão*, LISBOA, 6 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A SÍLVIA SOUTO CUNHA].

Se eu olho para trás, independentemente dos triunfos, das glórias, aquilo de que eu gosto mais é encontrar um sujeito consciente, coerente. Coerente. Nunca cedi às tentações do poder, nunca me pus à venda.

“MEMÓRIA DE ELEFANTE”, *Visão*, LISBOA, 6 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A SÍLVIA SOUTO CUNHA].

É como se houvesse dentro de mim uma parte intocada. Ali não entra nada. E que se traduz numa certa serenidade, que se acentuou com a doença [sofrida em 2007-08]. Se alguma coisa pude aproveitar dela foi este sentimento de extrema serenidade. Passei pelos momentos maus e bons que todas as vidas têm, mas nunca perdi esta... não quero chamar-lhe segurança de mim mesmo... É um pouco como o olho do furacão: em redor é morte e destruição, mas ali o vento não sopra.

“É COMO SE HOUVESSE DENTRO DE MIM UMA PARTE INTOCADA. ALI NÃO ENTRA NADA”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *ÍPSILON*), LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANABELA MOTA RIBEIRO].

Não tenho de reconhecer a autoridade de alguém que não a merece, mas o não respeito à autoridade por princípio me parece um erro. Entre a liberdade e a licença há uma grande diferença.

“GARZÓN HIZO LO QUE DEBÍA”, *PÚBLICO*, MADRI, 20 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PEIO H. RIAÑO].

Fui, desde bem pequeno, calado, reservado, melancólico. Nunca tive riso fácil. Até o sorriso, para mim, é algo que custa esforço. E as alegrias ou as tristezas em mim são internas, não as manifesto. Já de criança era assim.

“NO ME HABLEN DE LA MUERTE PORQUE YA LA CONOZCO”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MANUEL RIVAS].

Não sou nem um pouco cínico. O que digo é que sou por definição muito cético. Não é bom, eu sei. Gostaria de me entusiasmar, mas não consigo [...]. O ceticismo não é resignação. Nunca me resignarei. Eu me sinto cada vez mais como um comunista libertário. Há três perguntas que não podemos deixar de nos fazer na vida: por quê?, para quê?, para quem?

“NO ME HABLEN DE LA MUERTE PORQUE YA LA CONOZCO”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE NOVIEMBRE DE 2008 [ENTREVISTA A MANUEL RIVAS].

Sempre me caracterizei por ser uma pessoa tranquila. Não gosto de dramatizar as coisas nem perder a perspectiva.

“LA LUCIDEZ HA SIDO MI GRAN TABLA DE SALVACIÓN”, *CANARIAS 7*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 21 DE DICIEMBRE DE 2008 [ENTREVISTA A VICTORIANO SUÁREZ ÁLAMO].

A felicidade consiste em dar passos em direção a si mesmo e olhar o que você é.

“SARAMAGO: ‘LA FELICIDAD CONSISTE EN DAR PASOS HACIA UNO MISMO’”, *LA VANGUARDIA.ES*, BARCELONA, 26 DE DICIEMBRE DE 2008 [CORRESPONDÊNCIA DA AGENCIA EFE].

A felicidade é só estar em paz consigo mesmo, olhar para nós mesmos e lembrar que não fizemos muito mal aos outros.

“SARAMAGO: ‘MI NOMBRE HA SONADO COMO SI FUERA UNA VARITA MÁGICA’”, *GRANADA HOY*, GRANADA, 27 DE DICIEMBRE DE 2008 [CORRESPONDÊNCIA DE MANUELA DE LA CORTE].

É melhor se enganar do que mostrar indiferença.

“SARAMAGO CREA EMPLEO”, *LA OPINIÓN DE GRANADA*, GRANADA, 27 DE DICIEMBRE DE 2008 [REPORTAGEM DE M. OCHOA].

A pior cegueira é a mental, que faz que não reconheçamos o que temos diante de nós.

“SARAMAGO: ‘LA PEOR CEGUERA ES LA MENTAL’”, AGENCIA EUROPA PRESS, MADRI, 3 DE MARÇO DE 2009.

Esta grande admiração pessoal [por Jorge de Sena] tem a ver por ele ser o tipo de pessoa que eu aprecio: frontal. Às vezes mesmo violento na expressão, basta recordar o célebre discurso da Guarda em que ele dita água gelada nas fervuras patrióticas [da Revolução de Abril] que se esperavam e que aconteceram realmente. Nessa comemoração disse: “Vocês estão a

comemorar um país que não existe e eu venho aqui dizer-lhes que país temos, pelo menos em minha opinião”.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Eu relativizo bastante as coisas, exceto aquelas, algumas, que considero que não devem ser relativizadas porque têm um caráter que se aproxima muito daquilo que consideramos um absoluto ou um absoluto relativo. Enfim, estas duas palavras contradizem-se, mas sabemos que há coisas que têm mais importância que outras.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Temos que nos convencer de uma coisa, que o mais importante no mundo, pela negativa, e o que mais prejudica as relações humanas e as torna difíceis e complicadas é a inveja.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Cada um de nós é o que é. Não sou nenhum herói, simplesmente não sei viver de outra maneira. Por isso posso dizer que nem a fama, nem o prêmio Nobel nem nada me modificou [...]. E não é agora com a fama, signifique isto o que significar, que eu iria por prudência — para não arriscar essa fama — moderar as minhas posições ou acautelar as minhas declarações. Não, isso não vai comigo.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Nunca caí em excesso de manifestações de alegria e júbilo. Tenho sempre um pé atrás, e não é por prudência como quem se defende, é porque eu conheço suficientemente bem a história dos meus semelhantes para saber que nada é definitivo e que o motivo de riso de hoje pode amanhã tornar-se em lágrimas.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

LISBOA

*Na primavera de 1924, quando José tinha apenas um ano e meio de idade, sua família se mudou de Azinhaga (Golegã) para Lisboa, onde o chefe de família havia começado a trabalhar como policial municipal. Por um longo tempo, dividiriam cortiços com outras famílias, indo de uma rua para outra, movidos pelas necessidades econômicas — quinta do Perna-de-Pau (Picheleira), rua E, rua Sabino de Sousa (Alto do Pina), rua Carrillo Videira, rua dos Cavaleiros, rua Fernão Lopes, rua dos Heróis de Quionga, rua Padre Sena Freitas... — até que, em 1937, puderam alugar uma moradia individual na rua Carlos Ribeiro (Penha de França). As peripécias da sua infância na capital portuguesa e na aldeia foram recordadas por Saramago em *As pequenas memórias*, publicadas em 2006.*

*Em Lisboa, frequentará a escola primária, aprendendo suas primeiras letras, e completará sua formação, primeiro no Liceu Camões — dois anos —, depois realizando estudos técnicos na Escola Industrial de Afonso Domingues (1935-40), cuja biblioteca frequentaria, enveredando no mundo da leitura. Em meados dos anos 1940, escreveu seus primeiros poemas e em 1947 imprimiu seu romance iniciático, *Terra do pecado*, enquanto começava a publicar contos e continuava elaborando romances inconclusos — salvo o inédito *Claraboia* — e obras de teatro. Já em meados da década seguinte, inicia-se nos ambientes literários — por um curto período, deixa-se ver no *Café Chiado* —, inaugura seu trabalho de tradutor e começa o trabalho editorial — na *Estúdios Cor* — em fins da década de 1950. Nos anos anteriores à Revolução de 25 de Abril se forjaria como*

colunista e editorialista nas páginas da imprensa — A Capital, Jornal do Fundão, Diário de Lisboa —, ao mesmo tempo que consolida sua militância política no Partido Comunista Português (pcp). Na cidade branca, portanto, Saramago toma forma, se modela como ser humano e como escritor. Após os acontecimentos de 25 de novembro (1975), que o afastam das suas responsabilidades de diretor-adjunto do Diário de Notícias e fraturam sua vida deixando-o desempregado, toma a decisão de se dedicar profissionalmente à literatura, que continuará desenvolvendo em Lisboa até 1993, data em que se muda para Lanzarote.

Se é verdade que contrai vínculos literários e políticos com a capital do seu país — a cujo signo fluvial considera unido seu destino —, não o é menos que, emocionalmente, identifica seu espaço de referência à aldeia natal, Azinhaga. As transformações que a cidade atlântica sofre distanciam-no progressivamente, assim como as invejas e as intrigas do ambiente cultural, de modo que, tanto em sua narrativa como em sua percepção pessoal, Lisboa se enclausura na cartografia da memória, nas impressões da infância e da juventude, que serão os materiais que transporta para as suas páginas, mas também o cordão umbilical que reconhece, com melancolia, como traço da sua própria identidade.

Sua militância comunista leva-o a participar das eleições municipais de Lisboa, de 17 de dezembro de 1989 — vencidas por Jorge Sampaio —, saindo eleito presidente da Assembleia Municipal como representante do pcp, cargo que só exerce por alguns meses.

Apesar de rejeitar a etiqueta de romancista urbano, é indiscutível a contribuição da sua literatura para difundir o imaginário lisboeta, em particular com títulos como O ano da morte de Ricardo Reis e História do cerco de Lisboa, e até mesmo com A viagem do elefante. Quando, em 1993, se instala na ilha canária de Lanzarote, não deixará de viajar com frequência para Lisboa. Aí, até fins da década, mantém seu apartamento na rua dos Ferreiros (Estrela), 32. Depois, durante suas estadas ocasionais na capital do Tejo, ficará na rua Afonso Lopes Vieira, até que, em 2005, compra uma casa no bairro de Arco do Cego.

Depois de seu falecimento, em 18 de junho de 2010, em Lanzarote, seus restos mortais foram trasladados para Lisboa, onde foram cremados. As cinzas do escritor foram lançadas ao pé de uma oliveira centenária dos

campos de Azinhaga, plantada em um jardim público, às margens do Tejo, na frente da Casa dos Bicos, sede da fundação que leva seu nome.

Em concordância com seu caráter, Saramago manteve uma relação tão tensa quanto intensa com a cidade da sua vida, sem a qual nem sua literatura nem sua peripécia vital poderiam ser entendidas cabalmente. Talvez Lisboa também não possa mais prescindir de Saramago sem deixar um traço do seu ser contemporâneo perdido no caminho.

Lisboa é na minha obra um pequeno universo pelo qual vou circulando.
“JOSÉ SARAMAGO, UN DISCURSO SOLITARIO”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 13 DE OUTUBRO DE 1987 [ENTREVISTA A JOSÉ MARTÍ GÓMEZ E JOSEP RAMONEDA].

Lisboa nasceu pelo Tejo, sem o Tejo não haveria Lisboa, e até o século passado Lisboa sempre esteve à beira do rio. A cidade e o rio, e do rio ao mar foi o caminho dos descobrimentos.

“JOSÉ SARAMAGO, UN DISCURSO SOLITARIO”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 13 DE OUTUBRO DE 1987 [ENTREVISTA A JOSÉ MARTÍ GÓMEZ E JOSEP RAMONEDA].

Os cercos que Lisboa tem hoje são muitos. Eu diria que Lisboa está cercada por dentro, no sentido em que, não havendo, como não há, uma ideia do que deva ser Lisboa, ou do que deva conservar-se para continuar a ser Lisboa, aquilo a que estamos assistindo é uma forma de cerco, uma forma de terremoto lento. É uma espécie de cerco por vontades, forças, poderes e dinheiros que têm outros critérios que não são, designadamente, aqueles a que nos tinha habituado uma certa maneira de viver em Lisboa.

“SARAMAGO: O ESCRITOR NÃO QUER SER CERCADO”, *O JORNAL ILUSTRADO*, LISBOA, N. 739, 21-27 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOÃO GARCIA].

Não nasci em Lisboa, e talvez a dificuldade de receber Lisboa como minha tenha a ver com as dificuldades que vivi na infância e na adolescência, dificuldades econômicas, que me impediam de expandir o meu território. O meu bairro era Alto do Pina, Penha de França/Morais Soares. Estava fechado, saía para ir à Baixa. A minha Lisboa, já no *Manual de pintura e caligrafia* e n’*O ano da morte de Ricardo Reis*, é a da memória. Tenho uma pequena Lisboa dentro da cidade, e nela vivo.

Não vou a centros comerciais, não frequento cafés, não frequento bares. Frequentei cafés num tempo em que eles me serviram para constituir parte da minha memória de Lisboa.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Lisboa, apesar de não ter nascido aqui, é de fato de cá que posso falar. O mar é mais imaginário, literário, pictórico, mítico, em contraposição com a terra.

A adesão a Lisboa começa pela vida literária. Foi com *O ano da morte de Ricardo Reis* que comecei a dar-me conta de que estava mais ligado a Lisboa do que aquilo que consciencializava. Foi uma espécie de imposição da própria cidade. Lisboa reaparece na *Jangada de pedra* e agora na *História do cerco de Lisboa*. Sem o ter decidido, acabei por me transformar numa espécie de autor de Lisboa, o que até para mim é surpreendente.

“A JANGADA DE SARAMAGO”, *VIDA MUNDIAL*, LISBOA, 7-14 DE JUNHO DE 1989 [ENTREVISTA A CRISTINA GOMES].

Converteram-me num romancista urbano com *O ano da morte de Ricardo Reis*, mas, embora tenha nascido no campo, é verdade que quase toda a minha vida foi na capital. No entanto, a minha Lisboa já não existe. Existe só a Lisboa da minha memória, a que eu amei. A Lisboa atual não me agrada nem a conheço, porque é uma cidade que não se comunica, barulhenta, cheia de poluição, agressiva, com um trânsito infernal. Por mais que gostemos de uma cidade — às vezes, por motivos obscuros, por uma sombra, uma rua, uma fonte, essa cidade dentro da cidade —, chega um momento em que as mudanças são tão repentinas e bruscas que não nos dão tempo de nos acostumar.

“CON EL ESCRITOR PORTUGUÉS JOSÉ SARAMAGO: ‘LA ESCRITURA ES OTRA FORMA DE REALIDAD’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO CULTURAL), MONTEVIDÉU, 24 DE JUNHO DE 1994 [ENTREVISTA A CHRISTIAN KUPCHIK].

Não! Não sou um escritor de Lisboa! O rótulo me foi dado pela escrita desse romance [*O ano da morte de Ricardo Reis*], que é o de que eu mais gosto, mas sem que eu fizesse nada para que isso acontecesse. Meu tema não é Lisboa. E, além do mais, a cidade que aparece em *Ricardo Reis* não é a Lisboa real, mas a da memória. No ano de 1936 eu tinha catorze anos e tinha me criado no campo, numa família em que quase todos eram analfabetos.

“YO NO ENTIENDO...”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 20 DE NOVEMBRO DE 1994.

Sem perceber, de então até hoje, a tribo literária ainda não se refez da comoção. Se eu houvesse ficado ali, com *Levantado do chão* ou mesmo com o *Memorial do convento*... Mas é que depois vêm *O ano da morte de Ricardo Reis* e depois *A jangada de pedra*, e *O cerco de Lisboa*, e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, e agora, finalmente, o *Ensaio sobre a*

cegueira. E o que faz que isso seja insuportável é que sou um senhor de idade e que tudo isso se produz em pouco mais de dez anos... Esta é a pura verdade das minhas relações com Lisboa, embora não me seja fácil dizê-la. Aqui está a origem do mal-estar e, para ser sincero, devo dizer que estou cercado de inveja e de rancores.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘PRESIENTO QUE ME QUEDA POCA VIDA’”, *ABC* (SUPLEMENTO *EL SEMANAL*), MADRI, 30 DE JUNHO DE 1996 [ENTREVISTA A CÉSAR ALONOS DE LOS RÍOS].

A cidade [Lisboa] ficou parada depois da Revolução, entrou numa espécie de terremoto lento, estava se tornando um lugar impossível. E, faz cinco anos, começou a mudar, nem sempre de forma feliz, desfigurando-se às vezes, com esses edifícios de espelhos, um novo-riquismo exibicionista [...]. Chega então a Expo 98, um esforço excepcional para mudar a cidade não só de pintura mas de estrutura, que permita uma vida mais fácil e lhe devolva sua forma natural.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

Nós vivemos num lugar, como pode ser a aldeia em que nasci, mas no fundo habitamos uma memória. Portanto, inclusive quando eu estava em Lisboa, antes de vir para cá [Lanzarote], Lisboa já não era a minha cidade. A cidade onde eu vivia era outra, era a cidade da memória, eu estava vivendo em outra cidade que não era mais a minha. Era minha cidade porque estava vivendo lá, mas a imagem da cidade, a relação com uma cidade é algo que tem a ver, sobretudo, com a memória que dela tens. Tu mudas, o lugar muda e parece que, logicamente, a imagem que tens deveria ir mudando porque tu mudaste e porque tens uma relação mais ou menos pacífica com as mudanças que vão ocorrendo, mas te dás conta, se pensas nisso, de que manténs uma imagem, como uma foto, que ficou dentro de ti, e que todas as imagens que vêm depois não conseguem apagar esse tempo, que pode ser o da tua infância, o da tua adolescência, ou pode ser o da tua mãe.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

A Lisboa que vejo como algo meu não tem nada a ver com a de agora. O espaço que a própria cidade ocupa também não tem a ver com “a minha

cidade”: é vasta, cresceu, é outra. Portanto, a Lisboa que levo dentro de mim é a Lisboa dos anos 30; e a aldeia que levo dentro de mim não tem nada a ver com a aldeia que está aí.

“YO NO HE ROTO CON CUBA”, *REBELIÓN*, HAVANA, 12 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

VIDA

A vida de Saramago é uma vida de brilho inesperado e maturação lenta, forjada na tenacidade, no talento e no propósito da coerência. Nada pressagiava o desenlace: origem numa família humilde de camponeses que migraram para Lisboa, estudos básicos e formação industrial, bibliotecas públicas, exercício de ofícios mecânicos e empregos de escritório, trabalho editorial rotineiro, colaborações para a imprensa, primeiro livro de poesia despercebido, militância comunista, a Revolução dos Cravos, o 25 de Novembro, traduções para sobreviver apertado, a profissionalização como escritor em fins de 1975, quando tinha 53 anos... E o sucesso tardio, abrindo um ciclo de vida de brilho extraordinário que em nada ia se parecer com o anterior.

Uma vida, de fato, renovada, reinventada, desde que, em 1980, publicara Levantado do chão, a que, dois anos mais tarde, se seguiria Memorial do convento e depois, em 1984, O ano da morte de Ricardo Reis, romances que desajustaram o panorama literário de seu país e serviram para projetar no mundo Saramago como escritor, através de dezenas de traduções. A partir de então, sobreveio a presença de um autor de poderoso caráter e um intelectual beligerante, comprometido com a dor do mundo e o desvendamento dos mecanismos de dominação e exclusão, capaz de configurar uma consciência contemporânea de referência mundial.

Um caminho, enfim, díspar, percorrido com laboriosa dedicação, entremeado, durante boa parte da sua vida, de dificuldades e, finalmente, cheio de esplendor, até culminar no prêmio Nobel de Literatura de 1998,

graças a um conjunto de romances imprescindíveis para a língua portuguesa e, mais além do âmbito nacional, para a literatura universal.

Desde o 25 de Novembro, data em que fui classificado como contrarrevolucionário pelo Conselho da Revolução, vivo de traduções. Vai fazer três anos. Já almocei e jantei alguns milhares de páginas, não raras vezes com muito proveito intelectual. Gosto do ofício.

“AS ÚLTIMAS DA ESCRITA: UM ESCRITOR NÃO TEM O DIREITO DE REBAIXAR O SEU TRABALHO EM NOME DE UMA SUPOSTA MAIOR ACESSIBILIDADE”, *EXTRA*, LISBOA, 1978 [ENTREVISTA A G. F.].

[Desde dezembro de 1975 e até a data (1980), José Saramago traduziu cerca de 10 mil páginas.] Foram elas que me serviram de almoço e de jantar. Quem quiser viver do que escreve tem de ser de uma disciplina de ferro. O trabalho do tradutor é desgastante, frustrante. A capacidade de o realizar, a par de uma obra própria, depende da disciplina e da saúde. A tradução, como forma de sobrevivência do escritor profissional, é uma espécie de trabalho a táxi.

“RETRATO VIVO DE UM ESCRITOR A TEMPO INTEIRO”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 25 DE MAIO DE 1980 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

O caminho-de-ferro ocupou uma posição relevante nos meus sonhos de criança. Lembro-me que o que mais me fascinava era a figura do maquinista. A tremenda responsabilidade de transportar centenas de pessoas numa máquina tão complexa como o comboio, ao longo de centenas de quilômetros, por montanhas e planícies. Em vez de me ver na figura do S. Jorge a matar o dragão para libertar a donzela, sentia um fascínio muito grande pela figura do maquinista, portando um dos heróis da minha meninice, pelo alto nível do sentido de responsabilidade que a sua profissão exige.

“O ESCRITOR JOSÉ SARAMAGO A *O FERROVIÁRIO*: ‘O CAMINHO-DE-FERRO OCUPOU POSIÇÃO RELEVANTE NOS MEUS SONHOS DE CRIANÇA’”, *O FERROVIÁRIO*, LISBOA, 1982.

Quando andei por [os jornais], mesmo antes de trabalhar dentro das redações, exprimia já as mesmas ideias que exprimo hoje. De uma maneira geral a literatura que hoje faço continua ligada a esse tipo de textos. Às vezes, confesso, vem-me a saudade dos jornais... Não sou um caso único, penso que qualquer um que passou por eles há de lembrar-se até ao fim, há

de sentir essa espécie de apelo, essa voz que chama de longe, essa sensação de estar metido dentro das coisas, que a literatura de um modo geral não dá.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCREVER É FAZER RECUAR A MORTE, É DILATAR O ESPAÇO DA VIDA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 50, 18 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FERNANDO DACOSTA].

Quando tinha dezesseis anos, lembro-me dizer a uns amigos, numa conversa de adolescentes, que ainda havia de ser escritor. E realmente quis cumprir esse voto. Tanto assim que, meia dúzia de anos depois, estava a escrever um livro e a publicá-lo.

“JOSÉ SARAMAGO: A VIDA É UM ROMANCE”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE DEZEMBRO DE 1984 [ENTREVISTA A PEDRO CORREIA].

Na adolescência preparei-me para ser profissional de qualquer coisa que depois não fui. Venho de uma família de camponeses do Ribatejo, de Azinhaga, uma aldeia no concelho da Golegã. Quem sabe se não continuaria a viver assim, se o meu pai não tivesse vindo para Lisboa. Como não sou homem de grande força, teria talvez ficado como empregado de café, moço de farmácia, ou tocaria cornetim na banda... Só pude fazer dois anos de liceu, depois tirei um curso de serralharia mecânica na Escola Afonso Domingues. Ainda exerci; depois fui desenhador técnico; depois entrei para as burocracias do Estado; depois trabalhei durante doze anos na Editorial Estúdios Cor, onde nos últimos anos acumulava a direção de produção com a direção literária. Depois vieram os jornais...

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A PENÍNSULA IBÉRICA NUNCA ESTEVE LIGADA À EUROPA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 227, 10-16 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A INÊS PEDROSA].

Fui frequentador assíduo das bibliotecas públicas, sobretudo ali a do Palácio das Galveias. Gosto muito de livros de História. O que sempre me irritou muito foi o romance histórico...

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A PENÍNSULA IBÉRICA NUNCA ESTEVE LIGADA À EUROPA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 227, 10-16 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A INÊS PEDROSA].

Muitas vezes me interrogo sobre o que teria sido a minha vida se não tivesse havido o 25 de Novembro. É verdade que nessa altura já tinha

escrito alguns livros, mas, com esses, não ocuparia qualquer espaço nos manuais de literatura. Também não sei bem que espaço irei ocupar com estes... Mas houve qualquer coisa de decisivo, que foi a situação em que de repente me achei, sem emprego nem esperança de o conseguir. O verão quente de 1975 tinha-me queimado totalmente. Então tomei a grande decisão, que não foi uma decisão dramática: “Ou escreves agora, ou decides já que nunca serás escritor”. De tal forma que, em março de 1976, estava a caminho do Alentejo, onde passei dois meses a recolher material para o *Levantado do chão*. Agora, finalmente, tenho o direito de ser apenas escritor, 24 horas sobre 24 horas.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A PENÍNSULA IBÉRICA NUNCA ESTEVE LIGADA À EUROPA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 227, 10-16 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A INÊS PEDROSA].

Uma coisa que não podemos fazer é forçar o tempo interior. Cada coisa tem seu momento de maturação, e apressá-la significaria debilitá-la, uma fatal distorção. Num segmento do teu tempo, tens um conjunto de coisas que estão desorganizadas, e subitamente se introduz aí um elemento que organiza tudo. Algo assim me ocorreu de uma maneira muito intensa [em meados de 1960]. Uma vivência sentimental que tive, muito forte, pôs-se de repente a exigir de mim uma expressão, uma manifestação que fosse além da expressão direta desse sentimento mesmo. Senti que tinha algo a dizer. Foi dessa forma tão elementar que tudo começou. [Refere-se à publicação de *Os poemas possíveis*, em 1966, e à recuperação, com esse livro, da escrita após um longo parêntese.]

“SARAMAGO: ‘LA CE, UN EUFEMISMO’”, *EL INDEPENDIENTE*, MADRI, 29 DE AGOSTO DE 1987 [REPORTAGEM DE ANTONIO PUENTE].

Sou candidato [ao Parlamento Europeu] porque o meu partido me convidou. É a única razão. Não tenho qualquer aspiração de ordem política, não me vejo como eurodeputado — o meu trabalho não é esse. O meu lugar na lista exclui qualquer possibilidade de ir a Bruxelas e a Estrasburgo, mas se eu puder dar alguma contribuição útil ao meu partido ou ao país, dá-la-ei. À partida, há uma coisa que eu posso garantir, porque é uma determinação minha: não me irei transformar em eurodeputado. O escritor José Saramago, enquanto puder escrever, é isso que fará.

“SARAMAGO: O ESCRITOR NÃO QUER SER CERCADO”, *O JORNAL ILUSTRADO*, LISBOA, N. 739, 21-27 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOÃO GARCIA].

Não esperava que, depois do 25 de Abril, se repetissem comportamentos desses, nessa altura institucionalizados. Embora a exclusão do meu romance *Evangelho segundo Jesus Cristo* [do Prêmio Europeu de Literatura] tenha também um caráter institucional, porque não foi uma medida extemporânea. É uma decisão tomada por uma instância do governo e foi no exercício de uma autoridade governamental que a decisão foi tomada. Quanto ao meu estado de espírito: estou triste e indignado. Sinto-me também estupefato: nos primeiros dias após a decisão governamental, perguntava-me se isto estava de fato a acontecer.

Mas governo, secretário de Estado da Cultura e subsecretário de Estado da Cultura tiveram a resposta que mereciam: repúdio. O que não diminui a indignação, contaminada por um sentimento de tristeza profunda. Mais: tendo acontecido, como é possível que primeiro-ministro, secretário de Estado e partido do governo procurem ladear isto, tentando encontrar uma solução para o que não tem solução. O fato é brutal e não pode ser diminuído, sejam quais forem os artifícios de retórica ou de baixa dialética política, ou de cabotinismo.

“É A TERCEIRA VEZ QUE SOU CENSURADO POR SOUSA LARA”, *PÚBLICO*, LISBOA, 10 DE MAIO DE 1992 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

Eu era um leitor apaixonado. Não havia livros em casa, mas eu costumava ler muito em bibliotecas públicas, sobretudo de noite. Lia indiscriminadamente. Lembro-me de ler uma tradução de *O paraíso perdido* de Milton quando tinha uns dezesseis anos. Não havia ninguém para me dizer o que experimentar depois. Por isso tive uma educação literária cheia de lacunas, mas com o tempo consegui organizar uma espécie de visão coerente da literatura, principalmente da literatura francesa.

“THE YEAR OF THE DEATH OF RICARDO REIS”, *THE INDEPENDENT*, LONDRES, 31 DE JULHO DE 1993 [REPORTAGEM DE ISABEL HILTON].

Eu talvez tenha um senso fatalista da vida. Mesmo quando era jovem, eu me dizia que o que era para ser meu a mim viria. Eu não precisava de ir à busca, bastava estar atento. Se há alguma sabedoria na minha vida é a de saber esperar.

“THE YEAR OF THE DEATH OF RICARDO REIS”, *THE INDEPENDENT*, LONDRES, 31 DE JULHO DE 1993 [REPORTAGEM DE ISABEL HILTON].

[Das ilhas Canárias] eu só conhecia Tenerife e a Grande Canária. E a Grande Canária, muito mal; não conhecia e não conheço mais que Las Palmas. Em 1991, vim uns dias [a Lanzarote] porque aqui vivem a irmã da minha mulher e seu marido. Viemos só dois dias para visitá-los e estar com eles. Meses depois, no Natal, voltamos por duas ou três semanas, e a ilha nos encantou. Mesmo assim, não era motivo para mudar de residência. Mas em abril de 1992 aconteceu uma coisa que eu não esperava, uma decisão do governo do meu país, devido à imbecilidade política e cultural de um subsecretário de Cultura [António Sousa Lara] que, abusando de um poder que não lhe cabia, proibiu que um romance meu, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, fosse apresentado a um prêmio literário europeu. De modo que esse senhor fez algo que não devia ter feito. Disso se falou muito em Portugal e fora de Portugal. Depois, o governo [com Aníbal Cavaco Silva de primeiro-ministro] recuou, procurando fazer uma correção que não aceitei, porque o que estava feito estava e não se pode apagar. Então isso me indignou muitíssimo e coincidiu com outras circunstâncias, como o fato de ter estado aqui, de modo que, num momento determinado, consideramos a hipótese de vir viver em Lanzarote. O que, à primeira vista, é um pouco estranho, porque toda a minha vida eu vivi em Lisboa e, naquela idade [71 anos], o normal era que passasse ali o resto dela. Mas, como gosto de mudar e não me sinto, apesar de tudo, tão velho assim para sentar e ficar esperando sabe-se lá o quê, ou sabe-se muito bem o quê, começamos a perguntar e em poucos meses se fez todo o necessário, e estamos aqui. Quer dizer, se não fosse pela decisão do governo do meu país... Vivi toda a minha vida sob o fascismo, poderia continuar lá, mas não aguentei. Sobretudo porque isso pode se fazer numa ditadura, e em ditaduras se faz e se fez de tudo. Mas, numa democracia, que um governo creia ter o poder e a autoridade para proibir que uma obra literária se apresente a um prêmio, além do mais um prêmio da Comunidade Europeia, é inaceitável. E sobretudo o argumento que foi dado. Disseram que meu romance ataca a religião católica e que, como o povo português é majoritariamente católico, eu estava ofendendo as crenças religiosas dos portugueses, portanto meu romance não representava um país. É uma coisa que não posso suportar, por conseguinte aqui estou.

Isto não é um exílio, quando necessito de algo vou a Portugal, a Lisboa, onde tenho amigos e onde está meu editor. Isto não é uma ruptura, não dei as costas a Portugal. Mas que estava e continuo estando muito zangado, é verdade.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘PODRÍA HABER SEGUIDO EN PORTUGAL, PERO NO AGUANTÉ’”, *CANARIAS 7, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA*, 20 DE FEVEREIRO DE 1994 [ENTREVISTA A ESPERANZA PAMPLONA].

Um bisavô berbere, outro avô abandonado no asilo — filho oculto de uma duquesa, quem sabe? —, uma avó maravilhosamente linda, pais graves e bonitos, uma flor num retrato, que outra genealogia poderia me importar? Em que árvore melhor eu poderia me arrimar?

“JOSÉ SARAMAGO, A PARTIR DE SU PROPIA VIDA”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 21 DE JANEIRO DE 1996 [REPORTAGEM DE SABA LIPSYC].

Tudo foi muito rápido e muito desconcertante. Meu primeiro romance, *Manual de pintura e caligrafia*, saiu em 77. Teve uma crítica aceitável, mas passou despercebido porque, naqueles tempos da Revolução, as pessoas mal se interessavam pela literatura. Em 80, publiquei *Levantado do chão*, que já era uma coisa nova, uma coisa diferente do que estava se fazendo na narrativa portuguesa; mas o aparecimento, em 82, de *Memorial do convento* foi muito difícil de engolir. O panorama literário português estava perfeitamente organizado, cada um ocupava seu lugar correspondente, os mais jovens e os menos jovens, tudo funcionava sem surpresas até que, de repente, chega um senhor...

“JOSÉ SARAMAGO: ‘PRESIENTO QUE ME QUEDA POCA VIDA’”, *ABC (SUPLEMENTO EL SEMANAL)*, MADRI, 30 DE JUNHO DE 1996 [ENTREVISTA A CÉSAR ALONSO DE LOS RÍOS].

Segundo o registro civil, eu teria nascido no dia 18 de novembro, quando na verdade nasci no dia 16. Ocorre que, no dia de meu nascimento, meu pai não estava na aldeia. Havia uma lei que dizia que o registro tinha de ser feito, no máximo, até trinta dias depois do nascimento. Como meu pai só voltou de viagem dois dias depois do prazo, para não pagar multa, declarou que eu tinha nascido no dia 18. Minha vida, de fato, começa com coisas que são e não parecem e outras que parecem, mas não são.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Encontro muitas coisas nebulosas. As dificuldades começam com a história de meu nome. O sobrenome de meu pai era Sousa e não Saramago. Ele se chamava José de Sousa. Acontece que em Azinhaga, a aldeia onde nasci, as famílias não eram conhecidas pelos sobrenomes, mas por alcunhas. Minha família tinha a alcunha de Saramago, que é o nome de uma planta silvestre, que dá uma florzinha com quatro pétalas e cresce pelos cantos, quase sempre esquecida.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Quando nasci, meu pai se dirigiu ao cartório para me registrar e se limitou a dizer: “Vai se chamar José como o pai”. O empregado do registro civil, por sua conta e risco, acrescentou ao sobrenome verdadeiro, Sousa, a alcunha de Saramago. Tornei-me, então, José de Sousa Saramago. Meu pai só descobriu o engano quando eu já estava com sete anos. Para me matricular na escola primária, ele teve de apresentar a certidão de nascimento e só então se deu conta de que eu me chamava José Saramago! O mais grave é que ele não gostava nem um pouco dessa alcunha.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Aos seis anos, aproximadamente, entrei em um período muito difícil, porque me converti em uma criança medrosa. O medo aumentava à noite. A escuridão me trazia uma ansiedade e uma angústia tremendas. A noite me parecia cheia de coisas monstruosas. Não durou muito, mas foi um período muito difícil. Coincidiu com a fase em que vivemos na rua dos Cavaleiros, em Lisboa.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Em 1975, eu era o diretor-adjunto do *Diário de Notícias*, um jornal que estava ao lado da revolução. Em novembro daquele ano, deu-se em Portugal um contragolpe da direita não fascista, uma espécie de normalização política. E, nessa guinada, eu acabei demitido. A partir daí, fiquei marginalizado, ou “queimado”, como se diz. Lidei com esse episódio sem nenhuma dramatização. Disse para mim mesmo: a vida é o que é, tem coisas boas e coisas más e devemos lidar com todas elas.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Eu nunca fui um verdadeiro jornalista. Nunca escrevi uma notícia, nunca fiz uma entrevista, nunca fiz uma reportagem. Como às vezes digo, entrei nos jornais pela porta da administração, embora trabalhasse na redação. No *Diário de Lisboa*, a minha função era de editorialista, nunca fiz mais nada, a não ser, durante alguns meses, em 1972, coordenar o suplemento literário, depois de ter saído de lá o Vítor da Silva Tavares com quem parece que trabalhava o Néelson de Matos. E, no *Diário de Notícias*, entrei para ser diretor-adjunto. De qualquer forma trabalhei nos jornais, respirei aquela atmosfera que hoje já é eletrônica...

“O HOMEM FAZ-SE A SI PRÓPRIO”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 690, 26 DE MARÇO DE 1997 [ENTREVISTA A RODRIGUES DA SILVA].

Essa ideia do exilado é uma simplificação dos meios de comunicação. Chegaram a me chamar de o Salman Rushdie português, o que me parece ofensivo para ele. O que aconteceu me indignou e me entristeceu, e as circunstâncias me levaram a viver aqui em Lanzarote. Nunca houve ruptura com meu país: vou a Lisboa todos os meses. De exilado não tenho nada. Doe-me aquela questão, ainda me dói sua lembrança, é só.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

[A minha formação] nem sequer foi errática... Eu diria, condicionada pela minha situação material. Depois da instituição primária, entrei no liceu, onde estive só dois anos. A família não podia levar-me até o fim do curso. A partir daí estive numa escola industrial e tirei o curso de serralharia e mecânica. E aos dezessete, dezoito anos fui trabalhar numa oficina de automóveis, onde estive por dois anos. Desmontava e consertava motores, regulava válvulas, condicionava, mudava juntas de motores. Agora, o que há talvez de importante aí é que nesse curso industrial havia uma disciplina de literatura, coisa um pouco estranha, e que me abriu o mundo da literatura.

“JOSÉ SARAMAGO”, *PLAYBOY*, SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A HUMBERTO WERNECK].

Se nós tivéssemos a certeza de ter uma vida longa, talvez valesse a pena guardar para a parte final dela aquilo que temos realmente para fazer. É a circunstância em que nós nos achamos que nos obriga a decidir, e há dois momentos importantíssimos na minha vida. Um é o aparecimento da Pilar. Foi um mundo novo que se abriu. O outro foi em 1975, quando era diretor-adjunto do *Diário de Notícias* e, por causa de um movimento que se pode chamar de contragolpe [político], fui posto na rua. No dia 25 de novembro de 1975 há, de uma parte dos militares, uma intervenção que suspende o curso da revolução [a chamada Revolução dos Cravos, que a 25 de abril de 1974 pôs fim a 48 anos de ditadura salazarista] tal como ela se vinha desenvolvendo e que põe um travão àquilo que estava a ser o movimento popular. Foi o primeiro sinal de que Portugal iria entrar na “normalidade”. O jornal pertencia ao Estado e os responsáveis, então, demitem a redação e a administração. E aí é que tomo a decisão de não procurar trabalho. Tinha muitos inimigos e não era fácil que fosse encontrar trabalho. Mas nem sequer tentei.

“JOSÉ SARAMAGO”, *PLAYBOY*, SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A HUMBERTO WERNECK].

Começar a ler foi para mim como entrar num bosque pela primeira vez e dar de repente com todas as árvores, todas as flores, todos os pássaros. Quando fazes isso, o que te deslumbra é o conjunto. Não dizes: gosto mais desta árvore que das outras. Não, cada livro em que eu entrava, eu considerava algo único.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES UN TRABAJO: EL ESCRITOR NO ES UN SER EXTRAORDINARIO QUE ESTÁ ESPERANDO A LAS HADAS’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 29 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Agora, quando você quer entrar num partido, você vai à sede e pede para ingressar, e entra. Naquele tempo, na clandestinidade da ditadura [em Portugal], você era convidado a entrar no partido. O partido decidia quem, dos que estavam por ali, entrava. Eu havia colaborado de uma forma ou de outra, mas nunca exerci um cargo dirigente. Sempre fui um militante de base. Entrei formalmente no partido, a convite, em 1969. Tinha 57 anos. Havia escrito pouquíssimo até então. Essa coleção de poemas que eu mencionava [*Os poemas possíveis*, 1966]. Não tinha vontade de escrever.

Estava trabalhando numa editora de livros [Editorial Estúdios Cor], estava o dia todo cercado de livros dos outros, mas escrever não me tentava.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES UN TRABAJO: EL ESCRITOR NO ES UN SER EXTRAORDINARIO QUE ESTÁ ESPERANDO A LAS HADAS’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 29 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Meus pais me amavam muitíssimo, não é uma novidade, mas há algumas coisas que talvez tenham me condicionado depois. A relação com meu pai sempre foi uma relação que não era ruim, mas, em algumas coisas, é como se eu nunca tivesse chegado a conhecê-lo. Tenho sobre isso uma sensação particular: vivemos com nossos pais um dia depois do outro e, de repente, eles se vão e nós nos damos conta de que não tínhamos chegado a conhecê-los. Pelo menos foi o que aconteceu comigo, é como se o fato de ser pai e mãe já explicasse tudo, e se dá tudo por entendido. Depois, quando descobrimos essa ideia, nos damos conta de que não podemos saber mais nada, porque morreram. No fim, não pudemos saber quem eram.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Meus avós — e quando falo dos meus avós sempre me refiro aos pais da minha mãe, porque os do meu pai quase não conheci — não é também que viviam o tempo todo abraçados comigo. Minha avó não me beijava com loucura e meu avô era um homem muito calado, tão calado que, cada vez que falava, toda a gente ficava atenta porque o avô ia falar. Mas foram eles, se falo dos faróis da minha infância, foram eles, muito mais que meu pai e que minha mãe, que influíram em mim. As recordações da minha meninice são muito mais recordações da aldeia. As sensações que ficam marcadas mais profundamente são, no meu caso, as da aldeia, mais que as de Lisboa com meus pais.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Não tive um livro meu até os dezoito anos e, mesmo assim, os livros que tive, os que comprei, comprei com o dinheiro que um colega mais velho que eu me emprestou. Creio que foram uns trezentos escudos, o que equivaleria a umas 250 pesetas [um euro e cinquenta centavos]. Com isso pude comprar alguns livros. Antes, eu já havia lido muitíssimo nas bibliotecas públicas, lia de noite. Depois de jantar ia andando, apesar de

ficar longe de casa, até a Biblioteca do Palácio Galveias, e até a hora de fechar lia tudo o que podia, sem nenhuma orientação, sem ninguém que me dissesse se aquilo era muito ou pouco para mim. Lia tudo o que me parecia interessante. Os nossos autores eu conhecia pelas aulas, mas tudo o que tinha a ver com autores de outros países, nada, não tinha a menor ideia, mas depois você vai se dando conta de que existe um senhor que se chama Balzac e outro Cervantes, *et cetera*. Pouco a pouco ia entrando por esse bosque e encontrava frutos que depois fui assimilando, cada um à sua maneira.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Tenho ali uma foto dos meus avós maternos. Aquele homem alto e magro que está na foto é meu avô Jerónimo, pai da minha mãe, e ela é a minha avó, que se chamava Josefa. Meu avô era pastor, não tinha nem mesmo uma vara de porcos, tinha umas oito ou dez porcas que depois pariam leitões que eles criavam e vendiam, e disso viviam ele e ela. As pocilgas ficavam ao lado da casa [...]. No inverno, podia acontecer, e aconteceu vez ou outra, que alguns leitõezinhos, os mais fracos, porque as pocilgas ficavam do lado de fora, podiam morrer de frio. Então, os dois levavam esses leitõezinhos para a cama, e ali dormiam os dois velhos com dois ou três porquinhos, debaixo dos mesmos lençóis, para aquecê-los com seu calor humano. Este é um episódio autêntico.

Outro episódio. Levaram este meu avô, quando estava muito doente e muito mal, para Lisboa, para um hospital, onde depois veio a morrer. Antes de sabê-lo, em seus 72 anos, aquela figura que nunca esquecerei se dirigiu à horta, onde havia algumas árvores frutíferas e, abraçando-as uma a uma, se despediu delas chorando e agradecendo pelas frutas que tinham dado. Meu avô era um analfabeto total. Não estava se despedindo da única riqueza que tinha, porque aquilo não era riqueza, estava se despedindo da vida que elas eram e da qual ele não compartilharia mais. E chorava abraçado a elas porque intuía que não voltaria a vê-las. Essas duas histórias são mais do que suficientes para explicar tudo. A partir daí, as palavras sobram.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

A história do *Diário de Notícias* é uma das muitas histórias mal contadas deste país. E eu vou contá-la, tentando que, finalmente, passe a ser

bem contada. Mas sem grande esperança disso. Estamos em 75, sou diretor-adjunto. O diretor, Luís de Barros, está de férias, sou eu quem conduz o jornal. (Há que dizer que até essa altura alguns jornalistas tinham sido despedidos. Curiosamente sem nunca o diretor-adjunto ter tido qualquer intervenção nesse aspecto.) Uma tarde entram-me pelo gabinete três ou quatro jornalistas — não me lembro quem. Traziam um papel assinado por trinta jornalistas — e não só jornalistas —, no qual se discordava da orientação do jornal. Para denúncia e protesto, exigia-se a publicação desse papel na edição do dia seguinte. Li, disse que não estava de acordo, nem me parecia que tivessem razão: “Vivemos no tempo que vivemos, o jornal tem esta linha, está ao lado da Revolução”. Acrescentei: “Não vou dizer que isto não se publica, lembro-vos só que nesta casa há uma entidade que está acima da direção e de certo modo também acima da administração e que se chama o Conselho Geral de Trabalhadores (CGT)” — era o tempo em que estas coisas existiam. “Vou, portanto, chamar os responsáveis do CGT para que o conselho se reúna hoje e se achar que isto deve ser publicado será publicado.” Foram-se embora, chamei os responsáveis do CGT, contei-lhes o que se passava e pedi-lhes que convocassem toda a gente para a meia-noite ou coisa que o valha. A essa hora, chamam-me lá acima, já estava toda a gente, eu vou, levo o papel, leio-o, dou a minha opinião — o que era normal —, e desço para o meu gabinete à espera das conclusões do debate, em que não participei. Quando aquilo terminou, os mesmos responsáveis do CGT vêm-me comunicar que se tinha decidido suspender os não já trinta — porque tinham passado a ser 23 — e recomendado à administração que lhes instaurasse processos disciplinares. Este foi o crime praticado pelo diretor-adjunto do *Diário de Notícias*, José Saramago.

“JOSÉ SARAMAGO, BALANÇO DO ANO NOBEL: ‘O QUE VIVI FOI MAIS IMPORTANTE QUE ESCREVER’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 761, 1^o DE DEZEMBRO DE 1999 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL RODRIGUES DA SILVA].

Se não houvesse perdido meu emprego de jornalista nos anos 70, hoje certamente não teria o prêmio Nobel. Fui jornalista pouco mais de dois anos. Um jornalista muito *sui generis* que nunca assinou uma reportagem, uma entrevista ou uma simples informação. Fui editorialista e subdiretor de dois diários [*Diário de Lisboa* e *Diário de Notícias*]. Passou a Revolução dos Cravos, correu o tempo e mudaram-se os usos e as sensibilidades. Os

jornais deixaram de ser jornais para se transformar em grandes empresas, e fui excluído do sistema. Com 53 anos, eu me vi na rua. Ali nasceu o escritor quando decidi não procurar outro emprego e ver o que podia escrever. E aqui estou, com uma grande dívida para com o jornalismo. Ele me ensinou a escrever 99 palavras quando eram necessárias 99 palavras.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Com 63 anos, quando já não se espera nada, encontrei o que faltava [Pilar del Río] para passar a ter tudo.

“O MUNDO DE SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2003 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

[Dezesseis horas] é a hora em que Pilar e eu marcamos um encontro pela primeira vez. Pilar é o centro da minha vida desde que a conheci, há dezessete anos. Foi ideia minha parar os relógios da casa às quatro da tarde. Isso não significa que o tempo ficou detido ali, mas que é como se o relógio marcasse a hora em que o mundo começou.

“YO NO HE ROTO CON CUBA”, *REBELIÓN*, HAVANA, 12 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Quando era muito mais novo, comecei a estudar música na Academia dos Amadores de Música com a ideia de vir a tocar violoncelo. Nunca lhe pus as mãos em cima, mas sempre me ficou essa vontade por se tratar de um instrumento cujo som mais se aproxima da voz humana.

“ATÉ AGORA NUNCA ESCREVI NENHUM LIVRO MAU...”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 9 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ISABEL LUCAS].

Eu não tinha nenhuma paixão por cães. Quando era pequeno, lá na aldeia, tive duas ou três experiências muito violentas. Até há poucos anos não conseguia escapar a um certo medo do cão. Foram experiências de susto autêntico que não quero nem lembrar. E no dia 11 de agosto de 1993, em Lanzarote, apareceu-nos à porta um cão, que morreu há dois meses... Eu não imaginava que se pudesse chorar por um cão como eu chorei. Ele entrou na minha vida para dizer que eu estava equivocado. E depois apareceu outro cão e outro. Este primeiro, a que chamamos Pepe, apareceu à porta da cozinha, estávamos a almoçar, simpático, com as patas estendidas

para a frente. Mais tarde, a Pilar foi lhe dar de comer. Quando voltei a olhar para ele, tinha avançado dois centímetros. Tinha entrado em casa. E adotamo-lo logo. E depois apareceu uma cadela Yorkshire Terrier, dessas *piqueñas* com um temperamento levado do diabo. E no ano em que me deram o prêmio Camões apareceu um Cão de Água. O Pepe era um Caniche misturado com qualquer coisa. A Terrier é pura. E o Camões chamei-lhe assim porque apareceu no dia em que me tinham anunciado que ia ganhar o prêmio.

“A MINHA IDEIA ERA TOCAR VIOLONCELO”, *SÁBADO*, LISBOA, 25 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A SÍLVIA GONÇALVES].

Sou autodidata. Minha família não tinha meios. Trabalhei como serralheiro mecânico cerca de dois anos, com o clássico macacão azul, e exerci muitas outras profissões. Minha educação literária se fez nas bibliotecas públicas, porque em minha casa não tinham um só livro, minha mãe era analfabeta. Nada indicava que eu pudesse ter a trajetória que tive. Escrevi um romance aos 25 anos e, depois, nada mais até que, passados os cinquenta anos, perdi meu trabalho de jornalista no *Diário de Notícias* e decidi que era o momento de me consagrar à escrita. Quando me perguntam por que levei tantos anos sem escrever, respondo sinceramente que não tinha nada a dizer.

“LISBOA Y EL MUNDO, EN PALABRAS DE SARAMAGO”, *REVISTA DOMINICAL MAGAZINE*, BARCELONA, 8 DE JANEIRO DE 2006 [ENTREVISTA A XAVI AYÉN].

Se há uma coisa na minha vida que ficou como um referencial é o fato de que [meus avós Jerónimo e Josefa] me transmitiram valores. Foram meus melhores mestres, por sua austeridade e seu rigor moral.

“SARAMAGO AFIRMA QUE ‘HAY QUE VIVIR A LA CONTRA’ AL INAUGURAR LA FERIA DEL LIBRO DE SEVILLA”, *EL PAÍS*, MADRI [EDIÇÃO DE ANDALUZIA], 13 DE MAIO DE 2006 [CORRESPONDÊNCIA DE ALBERTO BELAUSTEGUIGOITIA].

A gente acredita que muitas coisas ficaram esquecidas para sempre. E começamos a nos lembrar de coisas esquecidas: pessoas, situações, cheiros da terra e dos animais... Tenho 83 anos. Onde está minha meninice? Minha infância se desenrolava em meio a uma pobreza total. E mesmo assim estou consciente de ter sido muito feliz.

“SARAMAGO AFIRMA QUE ‘HAY QUE VIVIR A LA CONTRA’ AL INAUGURAR LA FERIA DEL LIBRO DE SEVILLA”, *El País*, MADRI [EDIÇÃO DE ANDALUZIA], 13 DE MAIO DE 2006 [CORRESPONDÊNCIA DE ALBERTO BELAUSTEGUIGOITIA].

Escrevi meu primeiro romance nos anos 40 e publiquei-o em 47 [*Terra do pecado*]. Depois me dei conta de que não tinha para dizer muitas coisas que valessem a pena. Bem, não quero agora estar me martirizando com o doloroso aprendizado da minha adolescência, ou com o que tem a ver com o conhecimento literário sem livros em casa, lendo nas bibliotecas públicas à noite. Percebo que, embora o romance não estivesse tão mal escrito — porque era um romance de juventude —, de alguma forma pode-se dizer que é um romance sedimentar, que, quando você o lê e relê, vai encontrando sedimentos. Quando você se põe a escrever em circunstâncias como essa, com 23 ou 24 anos, e, sobretudo, se os tem em 1945, que é a pré-história, o que é que se tem para dizer? Não se tem muito, não se viveu, não se andou pela rua escutando o que dizem as pessoas para levar ao romance. Depois estive praticamente vinte anos sem publicar, só voltei à literatura em 1966, e continuava então sem nada que dizer. Você chega a um momento em que acredita que talvez tenha o mais importante de tudo: voz própria, uma forma de narrar que, embora se alimente de tudo o que foi escrito antes, faz que o escritor seja agora simplesmente aquele que vem depois. Nós, que escrevemos, aprendemos com o que está escrito. Não há outra forma. Se você se dá conta de que tem essa voz própria, então talvez possa, quando olhar para si mesmo no espelho, dizer: “Sou um escritor”.

“EL NOMBRE Y LA COSA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 2 DE DEZEMBRO DE 2006 [ENTREVISTA A ROBERTO DOMÍNGUEZ].

[Meu irmão] morreu quando eu tinha dois anos. Minha mãe dizia que era um menino bonito, que tinha bochechas coradas, que era cheio de vida. Quando me contavam isso, doía-me porque sempre fui pálido. Sentia como se minha mãe estivesse me comparando com ele. Talvez isso explique sua secura no trato e essa atitude estranha que sempre tinha comigo, algo que por muito tempo não entendi... Porque eu, como todos os meninos, lhe pedia um beijo. “Dá-me um beijo”, eu dizia. Mas nada. Ela não dava... Ela não-me-dava. E eu insistia. Insistia. Por fim, acabava me dando um beijo seco. E isso me doía muito. Com o tempo, pensei que ela havia perdido um

filho e estava se defendendo como podia da possibilidade de perder outro. Pelo menos, racionalizei assim.

“EN EL CORAZÓN DE SARAMAGO”, *ELLE*, MADRI, N. 246, MARÇO DE 2007 [ENTREVISTA A GEMA VEIGA].

Hoje penso que, para mim, os avós representavam a própria terra, o húmus, os cheiros primordiais (aproximo o nariz da manga da camisa do meu avô e sinto seu cheiro), a chuva e a aridez, o quente e o frio. De certo modo foram eles os intermediários entre mim e o mundo.

“LE PICCOLE MEMORIE”, *LA REPUBBLICA*, ROMA, 23 DE JUNHO DE 2007 [ENTREVISTA A LEONETTA BENTIVOGLIO].

Amarcord é provavelmente o filme que eu levaria comigo para a ilha deserta. É pouco dizer que gosto da obra de Fellini. Mais correto seria dizer que sou apaixonado por ela. Infelizmente para todos nós não haverá outro Fellini.

“LE PICCOLE MEMORIE”, *LA REPUBBLICA*, ROMA, 23 DE JUNHO DE 2007 [ENTREVISTA A LEONETTA BENTIVOGLIO].

Dentro das suas funções [da Fundação Saramago] está o cuidado da minha obra. Mas, junto com a minha mulher, Pilar del Río, que a preside, queremos que a fundação intervenha na vida. Será uma pequena voz, eu sei. Não poderá mudar nada, também sei. Mas queremos que funcione como se houvesse nascido para mudar tudo.

“COLOMBIA DEBE VOMITAR SUS MUERTOS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 9 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A MARÍA PAULINA ORTIZ].

Aquilo que realmente mudou alguma coisa foi a minha transformação em leitor. [...] A minha entrada nos livros, devo-a a duas coisas. Nos dois anos em que frequentei o liceu, na disciplina de português, tinha um livro muito pouco atrativo (nada atrativo mesmo) — a seleta. A seleta literária era a biblioteca de quem não tinha outra. Ali apareciam poesias, contos, trechos de romance... No fundo, era uma biblioteca num livro só. Depois, quando passei para a Escola Industrial Afonso Domingues, onde apenas espero encontrar técnicas e ciências, também tive português e francês. A minha pergunta é: nos programas do ensino técnico de hoje há literatura? Se calhar, não há [...]. Só depois é que fui à procura da grande biblioteca, as

Galveias, que não seria tão grande assim, mas para mim era o mundo... Antes disso, porém, ainda houve outro momento — quando eu tinha dezenove anos e já não estava nas serralharias dos hospitais, um colega meu, mais velho, emprestou-me trezentos escudos para eu comprar uma série de livros daquela coleção de divulgação literária publicada pela Editorial Inquérito. Ainda os tenho a todos, são como uma espécie de relíquia.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ERAM TEMPOS, ERAM TEMPOS’”, *Visão*, LISBOA, N. 714, 9 DE NOVEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A SARA BELO LUÍS].

Tenho a impressão de que tive a melhor vida possível porque não projetei nada e acabei por ter tudo. Alguém pode acreditar que o rapazito que nasceu ali, como todos nascem e nasceram nas aldeias, e depois com uma vida já fora da aldeia, que não foi nada fácil, chegaria a um momento em que estaria sentado na sua biblioteca, a falar dos livros que escreveu, sem que isso tenha resultado de um plano arduamente cumprido? Tudo quanto está aqui, quer a casa aí ao lado, quer esta parte [a biblioteca], tudo isto está construído com livros, não tem tijolos, não tem nada disso. Quem podia imaginar?

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

Durante todo esse tempo [que durou a hospitalização, entre fins de 2007 e início de 2008], eu não era um, mas dois. Um que padecia de uma doença, e outro que assistia a tudo o que acontecia a esse doente. Eu estava ao mesmo tempo vivendo um pesadelo e assistindo a ele.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘NO HE RESUCITADO, HE REGRESADO’”, *EL PAÍS*, MADRI, 24 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A JUAN CRUZ].

A verdade é que, como qualquer de nós, habituei-me ao nome que tenho. Devo dizer que estou muito agradecido ao tal oficial do registro civil que decidiu por conta própria — e não porque estivesse bêbedo, como dizia o meu pai — o meu nome. O meu pai tinha todo o direito a gostar ou não gostar. Efetivamente não gostava muito da alcunha da família dele, a minha família paterna. Tanto assim que, chamando-se José de Sousa, unicamente, ele quis que eu me chamasse também José de Sousa. Mas não o formulou com clareza suficiente. Isso foi o que levou o senhor Silvino, assim se

chamava, a acrescentar, por sua conta e risco, a alcunha da família. E eu agradeço-lhe muito. Porque, se eu vinha a ser um escritor, tenho que dizer que não usaria, como escritor, o nome de José de Sousa.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

[Com a hospitalização de fins de 2007 e início de 2008] eu creio [...] que me relativizei a mim mesmo. Aquilo que se estava a passar ali era algo que não podia evitar, cujas consequências finais não podia conhecer, embora fosse de admitir que não resistisse, mas, o que é curioso, é que isso não suscitou em mim nenhuma preocupação. Não me senti preocupado pelo fato de aquela doença poder vir a resultar na minha morte. Mesmo a hipótese da morte, pensava nela no quadro da própria doença e, portanto, algo que podia ser inevitável e, contra o inevitável, duma coisa estava certo: que não podia fazer nada. As únicas pessoas que podiam fazer alguma coisa por mim eram, evidentemente, o pessoal do hospital, os médicos, tu mesma [a Pilar]. O que acontece é que estava muito seguro, embora nunca o tivesse pensado assim, com esta simplicidade, de que estavam a fazer tudo aquilo que podiam para resolver a gravíssima situação em que me encontrava. Mas tu própria recordarás que não tive nunca manifestações de angústia, de medo, já não digo o chamado medo da morte.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

E tudo isto [da doença], que podia ser em algum caso conflituoso, dramático, sei lá... envolto nessa enorme serenidade que habita dentro de mim. Enorme, enorme, enorme... No fundo, é como se eu já soubesse tudo. E não é certo, claro que não. Mas há uma forma de sabedoria que, sem querer, evidentemente, creio ter alcançado e que se mantém tal qual, desde que me tornei consciente disso, até hoje, e que espero que se mantenha, porque me dá uma grande força. Não é a energia recuperada, não são os dezesseis quilos que ganhei sobre o que pesava quando saí do hospital, é outra coisa, como se pudesse dizer a mim mesmo que estou no lugar certo, fazendo o que devia. Bom, mas enfim, a palavra-chave é esta: serenidade. Serenidade. E, quando estávamos a falar há pouco da necessidade

filosófica... a filosofia, pelo pouco que sei dela, pode conduzir exatamente a isso, a essa serenidade. Ler o Montaigne, por exemplo, é uma lição. Que não é dada em termos de relação mestre-discípulo, é simplesmente um modo de sentir a vida, de viver a vida, e que culmina, quando acontece, nisto que torno a dizer, e já me estou a repetir demasiado, que é a serenidade.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

[A Pilar] foi, tem sido, e espero que continue a ser o meu pilar. Além de ser intimamente a minha Pilar, é também o meu pilar.

“É COMO SE HOUVESSE DENTRO DE MIM UMA PARTE INTOCADA. ALI NÃO ENTRA NADA”, *PÚBLICO (SUPLEMENTO ÍPSILON)*, LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANABELA MOTA RIBEIRO].

Se tivesse morrido aos 63 anos, antes de te conhecer [Pilar], morreria muito mais velho do que serei quando chegar a minha hora.

“ENSAIO SOBRE O JOSÉ”, *TAM NAS NUUVENS*, SÃO PAULO, N. 11, NOVEMBRO DE 2008 [REPORTAGEM DE ADRIANA CARVALHO].

As circunstâncias quiseram que eu tivesse sido serralheiro mecânico nas oficinas dos Serviços Industriais do Hospital de São José. Foi assim durante um ano e alguns meses até que alguém que me conhecia lá dentro chamou-me para os serviços administrativos, onde entrei com uma categoria, que se usavam nesse tempo, chamada de praticante de escrita. Aí estive um ano ou dois e, depois, com a criação da Caixa do Abono de Família do Pessoal da Indústria Cerâmica uma senhora que era amiga da minha mãe e que tinha influência nesse meio disse-me “vais trabalhar para lá. Há uma pessoa que eu conheço e que é importante” e eu só respondi “de acordo”. Então, entrei como chefe dos Serviços da Caixa e não sabia nada daquela matéria — mas também não era tão complicado — e lá estive até aos 27 anos, quando houve uma campanha eleitoral. Aquilo era um coio de amiguinhos, de alguém que encaixou naqueles serviços este e aquele, de influências políticas de que também, até certo ponto, beneficiei, embora toda a gente soubesse que eu era do contra.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Nesse período [1949-50], lembrei-me de que na Companhia de Seguros Previdente, com sede no Conde Barão, estava um antigo professor de mecânica e matemática da Escola Afonso Domingues [Jorge O'Neill], que era um homem que me tinha muita estima e a quem escrevi uma carta expondo a situação e perguntando se tinha alguma coisa para eu fazer. Ele mandou-me passar por lá, conversamos longamente sobre o passado e o que me tinha acontecido e eu contei-lhe com toda a franqueza o que é que se tinha verificado. Ele tinha informações a meu respeito e disse-me: “Eu dou-te um emprego mas com uma condição: não farás propaganda dentro da Companhia”. E respondi-lhe “esteja descansado, venho para cá ganhar a vida”. E assim foi, estive lá dez anos e só ao cabo desse tempo começo a colaborar com a Editorial Estúdios Cor, com o meu grande amigo Nataniel Costa, até que chegou um dia em que ele entra na carreira diplomática — teve um posto no estrangeiro — e precisou de alguém que orientasse a firma no campo literário e editorial durante a sua ausência. Encontramo-nos no velho Café Chiado e ele disse-me: “Saramago, gostava de conversar contigo”. Depois, cansei-me da Companhia Previdente porque saía às dezoito horas e ainda ia para a Editorial, no bairro.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Eu creio que aquilo que me levou a em tão pouco tempo — desde 1980, ou 1977 se quisermos pôr o *Manual de pintura e caligrafia*, ou seja trinta anos — escrever aquilo que, entre aspas, chamei a minha obra foi essa dedicação. Não chamo obra apenas ao que escrevi mas também à quantidade de livros que traduzi. Não sei quantos mas foram umas quantas dezenas porque naquela altura um livro, mesmo que eu o publicasse e ficasse muito contente com isso, não me dava para viver. Eu vivia era das traduções e foram dez anos, ou coisa que o valha, em que eu trabalhei muito, muito, muito. Às vezes [gostava do que traduzia], às vezes não. Havia livros que efetivamente eram interessantes, digamos que a *História da estética*, do Bayer... o *Panorama das artes plásticas*, do Jean Cassou, que me escreveu uma carta muito simpática [...] e uma quantidade de outros livros. O do André Bonnard sobre a Grécia, que é de fato uma obra admirável, outros como, por exemplo, da Colette, cujo estilo é dos mais perfeitos e acabados que alguma vez a França teve. Enfim, havia uns muitos bons enquanto outros eram simplesmente comestíveis, nada mais.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

PORTUGAL

Saramago: um escritor e um cidadão ocupado e preocupado com Portugal, com a História, o presente e o futuro de seu país. A complexa relação que o autor de Viagem a Portugal manteve com sua pátria se materializou numa literatura que, até o final dos anos 1980, serviu-lhe para aprofundar a compreensão do passado nacional para uma melhor interpretação da atualidade, mas também por meio de uma atitude de reflexão crítica expressa sem duplicidades e sem fugir à polêmica. O prêmio Nobel se percebia e se entendia como um escritor português, sem que o desencontro com determinada classe dirigente conservadora — que, por decisão pessoal, o levou a mudar para Lanzarote em 1993 — tenha podido turvar seu sentimento de arraigamento nem afetar os laços emocionais que o unem a seu povo.

A língua, a História portuguesa e sua memória pessoal de Azinhaga e Lisboa constituem um compartimento central da identidade literária e individual saramaguiana, que se enriqueceu explorando o marco do passado compartilhado. Mas sua raiz nacional não o impediu em nenhum momento de dar a conhecer, sem trégua e sem desânimo, suas opiniões, suas denúncias e divergências, notoriamente incômodas, num cenário de relações conflituosas, de encontros e diferenças, que não surpreenderam quem, ao se manifestar, não buscava nem o consentimento nem o aplauso, mas sim a paz com sua consciência e a coerência com suas ideias e princípios. Assim, além de se mostrar explicitamente antieuropeu — sobretudo nos anos 1980 e início dos 1990 — e expressar seus temores pela

desnaturalização que seu país sofreria, o escritor insistiu em desaprovar a apatia da sociedade e em reprovar a ausência de senso autocrítico, certificando o que, em sua opinião, constituía um lento processo de conformismo e declínio.

Suas convicções iberistas, reforçadas pela fraternal relação que manteve com a Espanha, mereceram-lhe desqualificações, acentuadas pela firmeza e peremptoriedade das suas declarações. O autor de A jangada de pedra confessava ter perdido o sentimento idealizador da pátria, mas se declarava orgulhoso de ser português e do que seu país fez dele. Se até 1989 sua obra literária centrara-se em explorar a História lusitana, lida de perspectivas inéditas — Levantado do chão, Memorial do convento, História do cerco de Lisboa —, a partir de Ensaio sobre a cegueira, já residindo em Lanzarote, abandonaria as referências locais para regressar de novo a Portugal, com As pequenas memórias e A viagem do elefante. Entrementes, não havia deixado de se pronunciar sobre questões nacionais e de espicaçar as consciências, exercendo o trabalho próprio de um intelectual exigente, provocador e livre, mais disposto a derramar vinagre e sal na ferida do que a colocar emplastos e passar pomadas. Talvez fosse preciso afirmar que Portugal dói a Saramago, assim como fazer constar que Saramago dói a Portugal, um eixo de simetrias do qual nascem férteis vínculos e esclarecedoras tensões projetadas em ambas as direções.

Se o 25 de Abril trouxe a liberdade ao povo, também é verdade que trouxe a libertação do escritor dentro da própria escrita. Não vão faltar escritores que afirmem que sempre se sentiram livres dentro de si mesmos e do que escreveram. Mas também é verdade que antes do 25 de Abril a literatura de ficção em Portugal girava à volta de três ou quatro temas, matérias em que não se podia pegar. Nós próprios talvez não fôssemos então suficientemente livres para os abordar. Decorridos estes anos, os assuntos fervem. As possibilidades de criação no romance alargaram-se de uma forma espantosa. E parece-me importante que os escritores mais velhos, os da minha geração, estejam dispostos a renovar-se.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Creio que os meus livros, na altura em que surgem, têm respondido — da forma indireta em que a literatura responde às questões, evidentemente — à pergunta “O que é ser português?...”.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘QUEM SOMOS E DE ONDE VIMOS É O QUE PROCURO DIZER NOS MEUS LIVROS’”, *NOVA GENTE*, LISBOA, N. 437, 30 DE JANEIRO DE 1985.

Há na obra de Pessoa um retrato bastante claro e completo do homem português, com as suas contradições, o misticismo um tanto mórbido que é o nosso, esta capacidade de esperar, que não é mais do que um desejo de adiar. A esperança é uma atitude ativa, mas nos portugueses é uma forma cômoda de projetar para um futuro cada vez mais distante o que deveríamos fazer agora.

“DISCURSO DIRETO: AS PALAVRAS DO VIAJANTE”, *Visão*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998.

O que me dá gosto é que as minhas histórias são daqui, eu faço-as daqui porque quero que elas falem de aqui, e por isso — e parece que é o que está a acontecer, e talvez o país ganhe alguma coisa com isso — os estrangeiros passam a ler uns livros em que se fala da gente concreta que somos nós.

No fundo, o que eu quero ser, o que eu quero continuar a ser, é um escritor português, no sentido exato que a palavra tem. Se os meus livros se tornam conhecidos lá fora, isso não me torna menos ligado àquilo que faço

e àquilo que sou aqui. Gosto do que este país [Portugal] fez de mim: talvez seja isto que, no fundo, está nos meus romances.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Nós, portugueses, não sabemos por que pensamos coisas que achamos que pensamos.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘OLHO AS COISAS PELA PRIMEIRA VEZ’”, *LER*, LISBOA, N. 6, PRIMAVERA DE 1989 [ENTREVISTA A FRANCISCO JOSÉ VIEGAS].

Não gosto da expressão “Revolução dos Cravos”, porque as revoluções não se fazem com cravos. Eu digo sempre: mas, por favor, se a ideia que têm do que aconteceu em Portugal se concentra nessa expressão, eu me sinto ridículo. Porque a verdade é que, se esta revolução houvesse sido uma, não a chamariam de Revolução dos Cravos, chamá-la-iam simplesmente de revolução portuguesa. Não direi que esta revolução tenha sido folclórica, porque as pessoas que lutaram por uma mudança nunca a viram de um ponto de vista divertido, e a mim, talvez por isso, não agrada essa expressão.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS (SUPLEMENTO EL PAÍS SEMANAL)*, MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

[Meus livros] têm um sentido ideológico e político, é verdade. Mas há também uma espécie de sentido biológico, porque eu me sinto como se pertencesse a um corpo. Há uma relação carnal com a história, com o país e com a cultura de qualquer um de nós.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS (SUPLEMENTO EL PAÍS SEMANAL)*, MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Não sei até que ponto este país [Portugal] precisa de mim, mas sei até que ponto eu preciso dele. Este país agrada-me até aquilo que tem de menos bom. Há uma relação muito mais importante do que isso que se chama patriotismo; é uma relação carnal, de raízes. Tenho-a. Sobretudo, procuro saber quem sou, nunca como um ser individual, mas como alguém que está nesta coisa que é um povo e uma história.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS (SUPLEMENTO EL PAÍS SEMANAL)*, MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Os meus livros são escritos para portugueses, sobre portugueses, focando questões que têm a ver com Portugal. E não há aqui nenhum nacionalismo. Apenas exprimo este senhor que sou: um escritor a tentar exprimir uma gente que está aqui.

O que é interessante é precisamente que um escritor tão português de Portugal, tão limitadamente português nos seus temas, é afinal conhecido, traduzido, lido e discutido. O nacionalismo, entre aspas, compensa. Nós somos quem somos e eu não tenho nenhum interesse em transformar-me em europeu, não me apetece.

“A JANGADA DE SARAMAGO”, *VIDA MUNDIAL*, LISBOA, 7-14 DE JUNHO DE 1989 [ENTREVISTA A CRISTINA GOMES].

Nunca posso separar-me daquela ideia de que sou um português de Portugal. Há uma ligação profundíssima, uma raiz em tudo o que tem a ver com ela.

“ANTEVISÃO DE *BLIMUNDA*”, *PÚBLICO*, LISBOA, 9 DE MAIO DE 1991 [REPORTAGEM DE MARIA JOÃO AVILLENZ].

Eu sou capaz de entender um livro de um autor brasileiro com sua grafia, modos e sintaxe próprios. E sei que os brasileiros também compreendem o que é escrito à maneira de Portugal. Se eu admitisse a mudança [ortográfica], estaria negando a identidade da língua portuguesa.

FOLHA DE S. PAULO, SÃO PAULO, 12 DE JANEIRO DE 1994.

Um país como Portugal, e não é o único nessa situação, que não tem uma ideia própria de futuro para toda a coletividade, vive numa situação de total dependência. Não temos mais ideias do que as que nos dizem que devemos ter. A União Europeia nos dita o que devemos fazer em todos os níveis da vida. Caminhamos para a pior das mortes: a morte por falta de vontade, por abdicação. Essa renúncia é também a morte da cultura. Por isso creio que um país morto, como Portugal, não pode fazer uma cultura viva.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL MUNDO SE ESTÁ QUEDANDO CIEGO’”, *LA VERDAD*, MURCIA, 15 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A GONTZAL DÍEZ].

É dentro de cada país que está seu destino.

“SARAMAGO: ‘LOS POLÍTICOS NO SABEN HISTORIA’”, *ABC*, MADRI, 13 DE MAIO DE 1995 [CORRESPONDÊNCIA DE ANTONIO ASTORGA].

Não pretendo que em Portugal continuem fazendo casas de pedra, porque custam caro, mas também não é permissível que os emigrantes, que não têm culpa de nada, continuem construindo casas baseadas nos castelos do Loire, modelos que não estão ligados à vida difícil que tinham, e sim ao desenvolvimento de países como a França, a Suíça ou a Bélgica... Há uma perda do gosto natural, uma invasão de formas que não têm nada a ver com o ambiente. Lanzarote teve, por exemplo, a sorte de ter um homem como César Manrique, que meteu na cabeça de todos os seus habitantes o respeito ao meio ambiente.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOY MUCHO MÁS IBÉRICO QUE ANTES’”, *CAMBIO 16*, MADRI, N. 1229, 12 DE JUNHO DE 1995 [ENTREVISTA A RAMÓN F. REBOIRAS].

Em Portugal, nunca nada é grande demais. Tudo fica sempre na mediania, na pequenez. Nunca há grandes sentimentos nem grandes paixões.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESTAMOS VIVIENDO EN UN MUNDO KAFKIANO’”, *LA MAGA*, BUENOS AIRES, 16 DE SETEMBRO DE 1998.

Nós, portugueses, somos facilmente sentimentais. Temos sentimentos com demasiada facilidade, o que não significa que sejamos capazes de grandes sentimentos. E são os grandes sentimentos, e não os sentimentalismos, que nos exaltam, que nos fazem acreditar.

“DISCURSO DIRETO: AS PALAVRAS DO VIAJANTE”, *VISÃO*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998.

Eu hoje [ontem], no aeroporto [depois de receber a notícia da concessão do prêmio Nobel], dizia: esquecer-me desta terra [Portugal] seria o mesmo que esquecer o meu próprio sangue, e isso não se pode.

“A MINHA CASA É LANZAROTE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 14 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A ALEXANDRA LUCAS COELHO].

Gosto da minha terra, mas deixei de a idealizar. E mesmo que nós não queiramos, a educação que temos é de tal ordem, mais o ensino que recebemos na escola, mais o “matraquear” da comunicação social, seja ela de que tipo for, sobre os supostos valores e méritos que nos distinguem,

tudo isso acaba, seja qual for o país, por introduzir uma ideia (não entrando na guerra de saber se somos melhores que os outros), que é a de que fomos realmente muito bons. Porque nos dizem que fomos bons missionários, fomos bons soldados... Tudo isso nos é apresentado por uma lição autoritária de História que nos impõe uma espécie de idealização da pátria; e, de fato, isso eu perdi.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

É que não se trata de se quero ou não quero: sou simplesmente português e não outra coisa. Não posso ser nem espanhol nem canário. Em primeiro lugar, porque nasci lá, além disso porque sou em tudo português, em tudo, na cultura, na formação, em meus costumes. E não é que todos os portugueses são como eu, não é isso, mas há características que me fazem reconhecer-me como português. Creio que isso tem muito mais a ver com a cultura, com as tradições, com a forma de ser, de se relacionar com os outros.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Este país [Portugal] preocupa-me, este país dói-me. E aflige-me a apatia, aflige-me a indiferença, aflige-me o egoísmo profundo em que esta sociedade vive. De vez em quando, como somos um povo de fogos de palha, ardemos muito, mas queimamos depressa...

“JOSÉ SARAMAGO, BALANÇO DO ANO NOBEL: ‘O QUE VIVI FOI MAIS IMPORTANTE QUE ESCREVER’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 761, 1^o DE DEZEMBRO DE 1999 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL RODRIGUES DA SILVA].

A realidade é esta: não temos um projeto de país. Vivemos ao deus-dará, conforme o lado de que o vento sopra. As pessoas já não pensam só no dia a dia, pensam no minuto a minuto. Estamos endividados até às orelhas e fazemos uma falsa vida de prosperidade. Aparência, aparência, aparência — e nada por trás. Onde estão as ideias? Onde está uma ideia de futuro para Portugal? Como vamos viver quando se acabarem os dinheiros da Europa? Os governos todos navegam à vista da costa e parece que ninguém quer pensar nisto, ninguém ousa ir mais além.

“O MUNDO DE SARAMAGO”, *VISÃO*, LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2003 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

O nosso país precisa de levar uma boa volta.

“JOSÉ SARAMAGO CRITICA MENTALIDADE PORTUGUESA”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 27 DE OUTUBRO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DE EDUARDO PINTO].

Tem que haver nas nossas cabeças mais espaço para pensar em mais coisas. Que país queremos ter daqui por dez, quinze ou vinte anos? Para termos esse país temos que começar a prepará-lo agora e não viver nesta espécie de apatia e indiferença.

“JOSÉ SARAMAGO CRITICA MENTALIDADE PORTUGUESA”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 27 DE OUTUBRO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DE EDUARDO PINTO].

O mal de amor de José Saramago pela Pátria é conhecido. Pago todo os impostos em Portugal e voto em Portugal. Se não vivo em Portugal é porque fui maltratado, publicamente ofendido pelo governo de Cavaco Silva, de que era secretário de Estado da Cultura Santana Lopes e subsecretário Sousa Lara. E no governo, a que pertencia Durão Barroso, não se levantou uma única voz dizendo “isto é um disparate, isto não se faz!”. Outro dia alguém falou no caso ao primeiro-ministro, que disse querer arrumar o assunto: vinha a Espanha e teria muito gosto em almoçar comigo. Assim, durante o almoço, provavelmente entre a fruta e o queijo, ele diria “vamos pôr uma pedra sobre o assunto, não se fala mais nisso”; e eu diria, “sim, senhor, vamos pôr”. Só que comigo as coisas não são assim. Ofensa pública, desculpas públicas.

“A LUCIDEZ SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2005 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

O Guerra Junqueiro escreveu aquele livro — *Finis patriae*. A sensação que eu tenho é a de um processo de decadência com alguns sobressaltos [em Portugal]. A proclamação da República foi um deles; o 25 de Abril foi outro. Ele parece que mostra a nossa incapacidade de manter alta a nossa tenção de viver. Fogos de palha, súbitas erupções de entusiasmo (aquilo a que chamamos entusiasmo) popular — tudo isto se converte, com mais ou menos rapidez, em cinzas. E aqui estamos num tempo de cinzas. Não vejo que haja um debate de ideias. Digamos que a política é discutida em termos de mera cozinha gastronômica. Faltam figuras, faltam pessoas. Em algumas épocas, podíamos citar nomes de grandes figuras nacionais. Hoje é muito difícil. Também não quero cair na tentação de necessidade dos líderes, dos

homens exemplares. Não é isso. Quando se publicou *O ano da morte de Ricardo Reis* [1984], eu disse que era uma tentativa para compreender a doença portuguesa. Citando uma vez mais o épico, não são gratuitas aquelas palavras da “apagada e civil tristeza”. Continua a haver algo disso na nossa mentalidade. Num tempo de desconcerto, de mudança de valores rapidíssima, perdemos o pé, não sabemos para onde vamos. Não temos a certeza se daqui por cinquenta anos este país existe.

“NÃO SABEMOS SE DENTRO DE CINQUENTA ANOS PORTUGAL AINDA EXISTE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 11 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

A vida deve ser vivida intensamente, é preciso fazer o que se pode. Portugal tem que sair da sua apatia.

“LA MORTE SI FA BELLA CON JOSÉ SARAMAGO”, *L’UNITÀ*, ROMA, 15 DE NOVEMBRO DE 2005 [REPORTAGEM DE MARIA SERENA PALIERI].

Sim [a crítica é minha postura]. O que falta em Portugal é exatamente isso — sentido crítico. Estamos muito aborregados. Já nem somos capazes de balir. Mééééé! Nem sequer isso. Achamos que a crítica, a autocrítica, a contracrítica é coisa deles, dos políticos, dos jornalistas. A verdade é que não sou capaz de deixar passar em claro coisas que vão — não é contra a minha maneira de ser que, aqui, não tem nada que ver —, às vezes, contra o próprio senso comum.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

[A inauguração em meu país da exposição “José Saramago: a consistência dos sonhos” me faz sentir] muito contente, muito feliz. Não é que esta viagem seja uma espécie de reconciliação com meu povo, pois nunca fiquei de costas para o país onde nasci. Sempre voltei. Depois da doença e de tudo isso, dizem que há um reencontro... Para um reencontro são necessários pelo menos dois, a pátria e a pessoa. No entanto, a pátria é uma abstração, não se apresentou a mim, nem agora nem nunca, vestida sei lá como, dizendo “eu sou a pátria”; mas a gente pertence a um lugar, a uma história, a um idioma, e eu creio que isso é a pátria.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘NO HE RESUCITADO, HE REGRESADO’”, *EL PAÍS*, MADRI, 24 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A JUAN CRUZ].

Sou muito crítico da situação social e política de Portugal. Penso que o ânimo da gente está muito caído, parecem ter renunciado ao futuro... Estamos muito carneiros, mas este é o meu país, e ponto final. Não é o mais bonito nem o mais inteligente, nem o mais inventivo, mas é o meu país. Anos atrás, perguntaram-me pelas relações com a minha terra. E eu respondi: “Gosto do que este país fez de mim”. Porque tu podes protestar contra isto ou aquilo, mas o que não podes negar é que foi o bom e o ruim que te fez a ti. E depois decides se gostas ou não [...]. No fundo, a coisa é muito simples: posso criticar Portugal, mas há uma pergunta: e quem seria eu se não houvesse nascido neste lugar do mundo?

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘NO HE RESUCITADO, HE REGRESADO’”, *EL PAÍS*, MADRI, 24 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A JUAN CRUZ].

Essa imagem do esplendor de Portugal foi fomentada pelo fascismo e derivou de um falso sentimento patriótico. Tão falso que foi capaz de negar a sempre discutível verdade histórica, manipulando-a sem pudor. Os hinos postos em circulação a partir de 1936, o da Mocidade Portuguesa, o da Legião, eram autênticos manuais em que se introduzia uma linguagem, um certo modo de pensar, uma forma degenerada de imaginar o que seria o Quinto Império, que nasceu com o padre Antônio Vieira, e que Fernando Pessoa alimentou em tempos mais recentes. A História de Portugal, tão enaltecida por ter uma identidade que teria resistido a tudo, não tem nada que ver com esse esplendor.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Na cabeça de muita gente esteve, e ainda permanece, essa ideia de que ser-se português é uma coisa diferente. Lembremo-nos da importância que teve a saudade à sombra da qual se definiram filosofias, modos de entender a História do país e a História universal... Tudo isto é bastante falso.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Quando se vive de ilusões é porque algo não funciona. A nossa imagem mais constante é a de alguém que está parado no passeio à espera de que o

ajudem a atravessar para o outro lado.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Quando estou lá [em Lanzarote], também estou aqui [em Lisboa]. Nunca fui embora. Expressei meu protesto contra um governo conservador pela atitude censora que teve com *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. E critiquei outras coisas de Portugal. E da Espanha também. E deste mundo, que para tantos tem a forma do inferno. Mas o que seria de um escritor sem a liberdade de palavra?

“NO ME HABLEN DE LA MUERTE PORQUE YA LA CONOZCO”, *EL PAÍS (SUPLEMENTO EL PAÍS SEMANAL)*, MADRI, 23 DE NOVIEMBRE DE 2008 [ENTREVISTA A MANUEL RIVAS].

Em princípio, não me parecia necessário [o acordo ortográfico da língua portuguesa de 1990, adotado pelos países lusófonos em 2008, para sua entrada em vigor no ano seguinte]. De toda forma, continuaríamos a nos entender. O que me fez mudar de opinião foi a ideia de que, se o português quer ganhar influência no mundo, tem de adotar uma grafia única. Se Portugal tivesse 140 milhões de habitantes, provavelmente teríamos imposto ao Brasil a nossa grafia. Acontece que os 140 milhões estão no Brasil, e o Brasil tem mais presença internacional. Quando acabou o “ph”, não consta que tenha havido em Portugal uma revolução. Perderíamos muito com a ideia de que o português é só nosso, acabaria como o húngaro, que ninguém entende nada.

“A HUMANIDADE NÃO MERECE A VIDA”, *FOLHA DE S.PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE NOVEMBRO DE 2008.

Espalham por aí ideias sobre minha relação com meu país que não estão corretas. Saímos de Lisboa [para a ilha de Lanzarote] em consequência de uma atitude do governo, não do país nem da população. Mas do governo, que não permitiu que meu livro [*O Evangelho segundo Jesus Cristo*] fosse inscrito num prêmio da União Europeia. Nunca tive problemas com o meu país, mas com o governo, que depois não foi capaz de pedir desculpas [...]. Mudei de bairro, porque o vizinho me incomodava. E o vizinho era o governo português.

“A HUMANIDADE NÃO MERECE A VIDA”, *FOLHA DE S.PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE NOVEMBRO DE 2008.

Não estou com saudosismo da revolução, ela foi o que foi, com os seus erros e disparates mas também com as suas grandes conquistas e, principalmente, as suas grandes ilusões — enormes ilusões — que alimentaram uma parte substancial dos portugueses. Isso é passado, é tão passado que eu já não comemoro o 25 de Abril. Sentir-me-ia um irresponsável celebrando qualquer coisa de que eu não posso ver nenhum sinal, porque tudo o que o 25 de Abril me trouxe desapareceu e não me digam que é porque temos a democracia.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Em tempos disse que Portugal estava culturalmente morto. Talvez o tenha dito em determinado momento, mas também o diria hoje porque Portugal não tem ideias de futuro, nenhuma ideia do futuro português, nem uma ideia que seja sua, e vai navegando ao sabor da corrente. A cultura, apesar de tudo, tem sobrevivido e é aquilo que pode dar do país uma imagem aberta e positiva em todos os aspectos, seja no cinema, na literatura ou na arte — temos grandes pintores que andam espalhados pelo mundo. Mas o Almeida Garret definiu-nos de uma vez para sempre e de uma maneira que se tem de reconhecer que é uma radiografia de corpo inteiro: “O país é pequeno e a gente que nele vive também não é grande”. É tremenda esta definição mas se tivermos ocasião de verificar, desde o tempo do Almeida Garret e, projetando para trás, efetivamente o país é pequeno [...] mas o que está em causa não é o tamanho físico do país mas a dimensão espiritual e mental dos seus habitantes.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Não, a pátria não está acima de tudo.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

ÉTICA

O pensamento político e social de Saramago se apoia em uma forte carga ética. É habitual que tanto os meios de comunicação como seus leitores e os exegetas da sua obra literária aludam ao autor como referência ética e autoridade moral, ou salientem a pujança dos seus princípios. De fato, seu universo de valores se sustenta numa moral robusta em cima da qual, em grande medida, se organiza a sua intervenção pública e se sustenta a sua visão de mundo.

Em torno de uma ética da responsabilidade e do respeito, o escritor construiu seu sistema de convicções e reivindicações, reclamando códigos de boa conduta que iluminassem o comportamento pessoal e moderassem as relações, o poder e a economia. O propósito último se traduzia em humanizar a vida, um fim para o qual contribuiria substantivamente a regra maior a que Saramago reduzia seu padrão moral, com intencionada elementaridade comunicativa: não se comportar com os outros como não gostaríamos que os outros se comportassem conosco, isto é, evitar a agressão, a dor, o mal ao outro.

Racionalista declarado, não hesitava porém em defender a primazia da ética sobre a razão porque, como escreveu nos Cadernos de Lanzarote: “Se a ética não governar a razão, a razão desprezará a ética”. Uma atitude pertinente em quem garantia que a revolução pendente é a da bondade, a virtude que mais o comovia; mas concorde também com o fundo moralista que caracteriza suas reflexões, denúncias e reivindicações. Saramago corroborava a primazia, na prática, do interesse partidário e do

individualismo sobre as visões e ações solidárias, assim como sobre os deveres públicos de equidade, fomento da tolerância e repúdio da corrupção e dos abusos de poder... E, além de sugerir o fortalecimento democrático das instituições e o aperfeiçoamento da administração da justiça, de modo que propiciassem um desenvolvimento social harmonioso, fazia um apelo para melhorar a saúde moral da sociedade. Convidava, por isso, a uma insurreição ética ou ao retorno à ética, num contexto regressivo que, a seu ver, estimulava a passividade e a decadência dos grandes valores, substituídos por novas prioridades egoístas e materiais, estimuladas pela sociedade de consumo. Um risco contemporâneo, enfim, que reclamaria, de acordo com seu critério, um exigente rearmamento moral que contribuísse para desenvolver a condição humana, qualificar as condutas dos governantes e orientar o bom governo na direção do bem coletivo.

Quando nós dizemos o bem, ou o mal... há uma série de pequenos satélites desses grandes planetas, e que são a pequena bondade, a pequena maldade, a pequena inveja, a pequena dedicação... No fundo é disso que se faz a vida das pessoas, ou seja, de fraquezas, de debilidades... Por outro lado, para as pessoas para quem isto tem alguma importância, é importante ter como regra fundamental de vida não fazer mal a outrem. A partir do momento em que tenhamos a preocupação de respeitar essa simples regra de convivência humana, não vale a pena perdermo-nos em grandes filosofias sobre o bem e sobre o mal. “Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti” parece um ponto de vista egoísta, mas é o único do gênero por onde se chega não ao egoísmo, mas à relação humana.

“A EXISTÊNCIA SEGUNDO SARAMAGO”, *REVISTA DIÁRIO*, MADEIRA, 19 DE JUNHO DE 1994 [ENTREVISTA A LUIS ROCHA].

Nesta época de comemorações, sustento que, quando descobrimos o outro, nesse mesmo instante descobrimos a nós mesmos, algumas vezes no melhor, outras no pior, quando tentamos dominá-lo. Se chegarmos a uma relação com o outro em que a condição principal seja respeitar suas diferenças e não tentar sufocá-las para fazê-lo como a gente, então aparecerá em nós o positivo. Todos têm o direito a um lugar na Terra, não há motivo para que eu, pelo fato de ser branco, católico, louro, índio, negro, amarelo, seja superior. Não podemos nos dar ao luxo de ignorar que o respeito humano é a primeira condição de “convivialidade”.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘TENGO DERECHO A ESCRIBIR SOBRE LO QUE ME DÉ LA GANA’”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 26 DE JUNHO 1994 [ENTREVISTA A BEATRIZ BERGER].

Cada vez se torna mais claro, para mim, que a ética deve dominar a razão.

“SARAMAGO ESCREVE A PARÁBOLA DA INDIFERENÇA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 18 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A ANTONIO GONÇALVES FILHO].

Acho que a grande revolução, e o livro [*Ensaio sobre a cegueira*] fala disso, seria a revolução da bondade. Se nós, de um dia para o outro, nos descobríssemos bons, os problemas do mundo estavam resolvidos. Claro que isso nem é uma utopia, é um disparate. Mas a consciência de que isso não acontecerá não nos deve impedir, cada um consigo mesmo, de fazer

tudo o que pode para reger-se por princípios éticos. Pelo menos a sua passagem por este mundo não terá sido inútil e, mesmo que não seja extremadamente útil, não terá sido perniciosa. Quando nós olhamos para o estado em que o mundo se encontra, damos-nos conta de que há milhares e milhares de seres humanos que fizeram de sua vida uma sistemática ação perniciosa contra o resto da humanidade. Nem é preciso dar-lhes nomes.

“SARAMAGO ANUNCIA A CEGUEIRA DA RAZÃO”, *FOLHA DE S.PAULO*, SÃO PAULO, 18 DE OUTUBRO DE 1995 [REPORTAGEM DE BIA ABRAMO].

O ser humano não é intrinsecamente bom nem mau. O que verifico é que a bondade é mais difícil de alcançar e de exercer. E bem e mal são conceitos demasiado amplos. É mais fácil ser mau, mau nas suas formas menores, mau em tudo aquilo que nos afasta do outro, do que ser bom.

“JOSÉ SARAMAGO: TODOS OS PECADOS DO MUNDO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 28 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Se decidíssemos aplicar uma velha frase da sabedoria popular, provavelmente resolveríamos todas as questões deste mundo: “Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”. Que pode ser dito de maneira mais positiva: “Faz aos outros o que quiseres que te façam a ti”.

Creio que todas as éticas do mundo, todos os tratados de moral e códigos de comportamento se contêm nestas frases.

“JOSÉ SARAMAGO DEFENDE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*: ‘NÃO USAMOS RACIONALMENTE A RAZÃO QUE TEMOS’”, *A CAPITAL*, LISBOA, 4 DE NOVEMBRO DE 1995 [ENTREVISTA A ANTÓNIO RODRIGUES].

Nem a arte nem a literatura têm que nos dar lições de moral. Nós é que temos que nos salvar, e isso só é possível com uma postura cidadã ética, embora possa soar antigo e anacrônico.

“SARAMAGO: ‘HAY QUE RESUCITAR EL RESPETO Y LA SOLIDARIDAD’”, *EL MUNDO*, MADRI, 22 DE MAIO DE 1996 [CORRESPONDÊNCIA DE EMMA RODRÍGUEZ].

Percebi, nestes últimos anos, que ando procurando uma formulação da ética: quero exprimir, através dos meus livros, um sentimento ético da existência, e quero exprimi-lo literariamente.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC (SUPLEMENTO ABC LITERARIO)*, MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

Cada vez me interessa menos falar de literatura e cada vez mais de questões como a ética — pessoal ou coletiva.

“O SOCIALISMO É UM ESTADO DE ESPÍRITO”, *A CAPITAL*, LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A ANTÓNIO RODRIGUES].

Não sei [se haverá algo depois desta travessia do deserto], mas há uma condição essencial: o respeito ao outro. Nisso está contido tudo, porque impede de fazer mal.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

O que faz falta é uma *insurreição ética*. Não uma insurreição das armas, mas ética, que deixe bem claro que isto não pode continuar. Não se pode viver como estamos vivendo, condenando três quartas partes da humanidade à miséria, à fome, à doença, com um desprezo total pela dignidade humana. Tudo isso para quê? Para servir à ambição de uns poucos. Não sou nem pregador, nem profeta, nem messias, apesar de ter escrito *O Evangelho segundo Jesus Cristo*... Só falo de evidências, de coisas que estão à vista de todos. E sei que tenho razão.

“EL HOMBRE SE HA TRANSFORMADO EN UN MONSTRUO DE EGOÍSMO Y AMBICIÓN”, *EL CRONISTA*, BUENOS AIRES, 11 DE SETEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A OSVALDO QUIROGA].

Em nome da ética, e muito mais da ética revolucionária, se fizeram coisas pouco éticas. Eu não convocaria para uma revolução ética. Certa vez eu disse que estamos precisando de uma *insurreição ética*. Mas vamos matizar um pouco. Creio que tudo isso seria menos conflituoso se pensássemos numa espécie de sentido ético da existência. Sem revolução. Ter para cada um de nós um sentido ético da existência, no silêncio da nossa consciência. Claro, a consciência não é nada silenciosa, ao contrário. A consciência fala.

“JOSÉ SARAMAGO — 21 DE AGOSTO DE 1999: CHARLA CON NOÉL JITRIK Y JORGE GLUSBERG EN EL MUSEO NACIONAL DE BELLAS ARTES, BUENOS AIRES”, *EL INTERPRETADOR: LITERATURA, ARTE Y PENSAMIENTO*, BUENOS AIRES, N. 12, MARÇO DE 2005 [INTRODUÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE FEDERICO GOLDCHLUK].

A ética de que falo é uma pequena coisa laica, para uso na relação com os outros. Passa por essa coisa tão simples quanto o respeito, só isso.

Portanto, se mais tarde, pelas circunstâncias, a revolução finalmente fosse necessária, então a faríamos. Mas deixemos a revolução para mais tarde e comecemos pelas pequenas coisas que podemos fazer sem revolução. Essas coisas pequenas podem ter consequências fortes e intensas como as revoluções, que não duram.

“JOSÉ SARAMAGO — 21 DE AGOSTO DE 1999: CHARLA CON NOÉL JITRIK Y JORGE GLUSBERG EN EL MUSEO NACIONAL DE BELLAS ARTES, BUENOS AIRES”, *EL INTERPRETADOR: LITERATURA, ARTE Y PENSAMIENTO*, BUENOS AIRES, N. 12, MARÇO DE 2005 [INTRODUÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE FEDERICO GOLDCHLUK].

A ética é a mulher mais bonita do universo.

“ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, *ALPHALIBROS*, MENDOZA, 2000 [ENTREVISTA A JORGE ENRIQUE OVIEDO].

O mundo necessita de uma forma diferente de entender as relações humanas, e isso é o que chamo de *insurreição ética*. Você tem que se perguntar: o que estou fazendo neste mundo? A ideia do respeito ao outro como parte da própria consciência poderia mudar algo no mundo.

“ANTES EL BURÓCRATA TÍPICO ERA UN POBRE DIABLO, HOY REGISTRA TODO”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 13 DE DEZEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A SUSANA REINOSO].

O amor não resolve nada. O amor é uma coisa pessoal e se alimenta do respeito mútuo. Mas isso não se manifesta no coletivo. Já estamos há 2 mil anos nos dizendo essa história de nos amar uns aos outros. Adiantou alguma coisa? Poderíamos mudar para respeitar uns aos outros, e ver se assim tem maior eficácia. Porque o amor não é suficiente.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Claro que muitas pessoas riem ao ouvirem falar de ética. Mas creio que há que voltar a ela. E não à ética repressiva. Não tem nada a ver com a moral utilitária, prática, a moral como instrumento de dominação. Não. É algo mais sério que isso: o respeito ao outro. E isso é uma postura ética. Fora daí não creio que tenhamos nenhuma salvação.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

Tivemos liberdade para torturar, para matar, para assassinar, e tivemos liberdade para lutar, para seguir em frente, para tentar manter a dignidade. É aterrador o uso que se pode fazer de uma palavra. O importante é que haja presença de um senso de responsabilidade cívica, de dignidade pessoal, de respeito coletivo; se se mantém, se se constrói, se não se aceita cair na resignação, na apatia, na indiferença, isso pode ser uma simples semente para que algo mude. Mas eu estou muito consciente de que isso, por sua vez, não significa muito.

“EL PREMIO NOBEL JOSÉ SARAMAGO EN BOGOTÁ: INDIGNADO”, *REVISTA NÚMERO*, BOGOTÁ, N. 44, MARÇO-MAIO DE 2005 [ENTREVISTA A JORGE ORLANDO MELO].

Há um problema ético grave que não parece estar a caminho de ser resolvido: Depois da Segunda Guerra Mundial discutia-se na Europa sobre progresso tecnológico e progresso moral, se podiam avançar a par um do outro. Não foi assim, pelo contrário, o progresso tecnológico disparou a alturas inconcebíveis e o chamado progresso moral deixou de ser, pura e simplesmente, progresso e entrou em regressão.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

DEUS

Seria difícil entender não só a literatura de Saramago, mas também seu sistema de pensamento sem avaliar adequadamente o papel que, a partir de uma projeção crítica, desempenha o fato religioso. Sem dúvida, isso constitui um nódulo central em quem, abrigando uma concepção ateia da existência, reconhece, sem rodeios, que, em boa medida, ele mesmo era um produto da civilização cristã, cujos padrões marcam o caráter dos indivíduos e das sociedades ocidentais. Envolto em seu materialismo marxista e no racionalismo voltairiano característico de sua personalidade analítica, identificava na crença divina e em suas implicações uma variável maior no que concerne à configuração das mentalidades. Daí que, sem encalhar no debate sobre a existência ou a inexistência do sobrenatural — evidentemente resolvido em seu caso —, colocou uma constatação antropológica: a incidência, no mundo e em nossas vidas, do fator Deus, entendido como um fato cultural moldador das consciências e das comunidades.

A partir daqui, ele se dedicou ativamente a combater, com os mecanismos da razão e do laicismo, essa dimensão tão arraigada no ser humano, assim como suas estruturas de governo e de poder institucional. Saramago insistia em salientar sua incompreensão de uma religião como a cristã, baseada no sacrifício e no sofrimento, enquanto, no caso do islamismo, reprovava o exercício da violência em nome de Alá — como também ocorreu com o cristianismo no passado. Defensor de um pacto de não agressão entre as diversas confissões — mais que de um pacto de

civilizações —, sustentava que as confissões separam e antagonizam os seres humanos em consequência do fundamento excludente de seus ideários, ao mesmo tempo que manifestava sua perplexidade ante a intransigência que os crentes mostram na defesa do perfil específico de seus deuses. Repudiava o fundamentalismo e a intolerância, a vontade de impor os dogmas próprios como códigos de conduta geral, assim como a intromissão que a Igreja pratica na vida civil e até política, agindo como um autêntico poder terreno. Contrapondo-se às concepções ontológicas de Deus, sustentava que o fenômeno divino é produto da imaginação — tudo está no cérebro, asseverava —, enquanto atribuía à nossa natureza mortal a fruição com que foi construída a necessidade de transcendência. Morte e Deus se alimentariam, pois, mutuamente.

Cético e próximo do projeto ilustrado, o escritor português dedicou sobeja energia a afrontar mitos e crenças, o que levou a um antagonismo público e permanente com a hierarquia da Igreja e seus satélites. Um desencontro que ficou patente e alcançou seu ponto culminante com a publicação do Evangelho segundo Jesus Cristo, romance em que, provocadoramente, humanizava Jesus, ao mesmo tempo que fustigava Deus explorando as contradições racionais do relato bíblico. A obra o indis pôs com a cúria e também com o governo conservador do seu país, que, em 1992, não hesitou em impedir que O Evangelho representasse Portugal no Prêmio Literário Europeu. Quando recebeu o prêmio Nobel em 1998, L'Osservatore Romano, órgão oficial do Vaticano, não se privou de manifestar sua desaprovação referindo-se ao escritor como um “comunista recalcitrante, com visão substancialmente antirreligiosa do mundo”, uma atitude de censura que reiteraria com o falecimento do escritor. Em 2009, a publicação de Caím reavivou a polêmica e o desencontro. Em sua última nouvelle, ressuscitou a querela religiosa e canalizou literariamente seu veio antirreligioso e seu ateísmo militante no sentido de combater o jugo das crenças, a partir da reescrita de uma dezena de episódios do Antigo Testamento, que, a seu ver, tinham como característica comum a violência e o absurdo em que se sustentam.

A problematização de Deus caracteriza uma vertente singular do imaginário literário e ideológico saramaguiano, a tal ponto que o próprio autor reconhecia, paradoxal e humoristicamente, que sem Deus sua literatura perderia o sentido.

Seria mais cômodo acreditar em Deus, mas escolhi o lugar da incomodidade.

“SARAMAGO: ‘NO MEU CASO, O ALVO É DEUS’”, *EXPRESSO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Se o homem fosse imortal, não precisaria de Deus.

“SARAMAGO: ‘NO MEU CASO, O ALVO É DEUS’”, *EXPRESSO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Deus é uma criação humana e, como muitas outras criações humanas, a certa altura toma o freio nos dentes e passa a condicionar os seres que criaram essa ideia.

“SARAMAGO: ‘NO MEU CASO, O ALVO É DEUS’”, *EXPRESSO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Os Evangelhos dizem que Deus enviou um anjo para avisar a José da chegada dos soldados de Herodes, [em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*] eu digo que José era carpinteiro do Templo e ouviu sem querer a conversa. Seja como for, é inacreditável que ninguém até hoje tenha questionado José por ele ter agarrado só o seu filho e Maria, e fugir sem avisar a nenhum vizinho. José permitiu a matança dos inocentes e todo mundo achou isso muito natural. Ele é um criminoso por omissão, e vai sofrer a vida toda por isso. Até morrer e essa morte está só nos evangelhos apócrifos. Para mim isso é o principal.

“CRISTO FOI UM MÁRTIR COM CULPAS”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A NORMA CURTI].

Fica claro que o milagre é uma ilusão de ótica absurda e inútil. Cristo expulsava os demônios do corpo de um pobre homem e eles entravam nos porcos que morriam endiabrados na água libertando novamente os diabos para entrar em qualquer corpo. Você sabe, o diabo não morre.

“CRISTO FOI UM MÁRTIR COM CULPAS”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A NORMA CURTI].

O cristianismo, para além daquilo que trouxe — e trouxe coisas belíssimas, tenho ali a “Paixão segundo s. Mateus”, de J. S. Bach —, deu

lugar a uma arte que atingiu as mais excelsas alturas, na pintura, na música, na poesia, na arquitetura, na escultura. Produziu tipos humanos admiráveis, um s. Francisco de Assis. Mas há o outro lado da balança: o sangue, o sofrimento, a angústia, a renúncia, o pecado. É uma religião de onde a alegria está ausente, ou então há um certo tipo de alegria que não passa pelo humano, pelo corpo.

“DEUS QUIS ESTE LIVRO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

As religiões, como as revoluções, devoram os seus filhos. Há nas religiões um contínuo processo de devoramento em que Deus é como um Moloch que necessitasse do sacrifício humano. Imaginando que Deus existe — e não lhe concedo o benefício da dúvida —, Deus não pode, por boa lógica, criar seres para os destruir.

“SARAMAGO: ‘NO MEU CASO, O ALVO É DEUS’”, *EXPRESSO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Esta religião [o cristianismo] foi fundada sobre sangue, sofrimento, renúncia, sacrifício e martírio. É uma religião de horrores. [Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*] o meu diabo até diz “é preciso ser Deus para se gostar tanto de sangue”, o que soa como um soco no estômago. O próprio diabo diz a Jesus, quando ele sacrifica a ovelha a mando de Deus, “você não aprendeu nada”, quer dizer, não aprendeu a respeitar a vida, a resistir.

“CRISTO FOI UM MÁRTIR COM CULPAS”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A NORMA CURTI].

Se formos ver por aí o que se passa em matéria de religiões, é o absurdo. A relação entre os crentes, entre os fiéis, e Deus passou e continua a passar pelo sofrimento, isso é uma coisa que não entra na cabeça, que eu não concebo. Porque você repare: Deus não tem o direito de criar seres a não ser para a sua — sua, deles — felicidade.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘DEUS É O MAU DA FITA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 487, 5 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Se Deus não existe, Jesus não pode ser seu filho. Toda a sua civilização, chamada judaico-cristã, assenta sobre o nada.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘DEUS É O MAU DA FITA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 487, 5 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

A Igreja católica em muitos atos de sua vida e de sua atividade não fez mais do que ofender os outros.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

No plano da mentalidade todos nós somos cristãos, vivemos dentro de uma civilização judaico-cristã que foi formada com um tipo de ética, uma rede ideológica que tem sua origem no cristianismo. Portanto, é perfeitamente natural que qualquer cidadão — seja ele comunista, socialista, liberal ou seja lá o que for —, em determinado momento de sua vida, venha a interessar-se por esse aspecto da realidade. Alguns representantes da Igreja católica têm dito que, pelo fato de eu ser ateu, marxista e comunista, não teria o direito de escrever um livro deste [*O Evangelho segundo Jesus Cristo*]. E eu suponho que tenho todos os direitos do mundo de escrever sobre tudo aquilo que eu entender.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

Se nós falarmos de ofensa, e penso que agora que estamos a comemorar os descobrimentos é bom lembrar que, quando as caravelas espanholas e portuguesas iam encontrar ou descobrir outros povos, povos que tinham suas religiões, suas crenças, acontecia sempre isto: em cada caravela ia um frade, que a primeira coisa que fazia quando encontrava essa gente era dizer-lhes: “Vosso Deus é falso e eu trago-lhes aqui o Deus verdadeiro”. Isto é também uma ofensa, ninguém tem o direito de chegar ao pé de outra pessoa e dizer-lhe que o seu Deus é falso. Em nome de quê? De que verdade?

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

Sou um ateu produzido pelo cristianismo.

“SOU UM ATEU PRODUZIDO PELO CRISTIANISMO”, *JORNAL DO FUNDÃO*, FUNDÃO, 1992
[REPORTAGEM DE F. P. N.].

Não acredito na existência de Deus, mas acredito na existência da Igreja. Ela está aí e foi quem formulou todos esses dogmas. Não foi Deus quem enviou uma lista de dogmas, preceitos, prescrições e pecados. Não quero ser desagradável, mas, na minha opinião, dizer que esses dogmas vieram através do Espírito Santo é uma história da carochinha. Deus foi inventado na cabeça dos homens e é lá que está. Uma das causas dos conflitos religiosos é que, para que um ser humano possa chegar ao outro, metem Deus no meio. As coisas, então, imediatamente se complicam. O caminho mais curto entre as pessoas é o que leva uma a outra; se é preciso passar por Deus, tudo fica mais difícil. Temos protestantes e católicos que, em nome do mesmo Deus, entram em conflitos. Matam-se uns aos outros por causa de modos diferentes de entender o mesmo Deus. É um absurdo, o comportamento mais irracional existe. Para mim, Deus não existe. Mas se existisse seria um só. Todas as maneiras de o adorar, venerar e respeitar se equivalem. Ninguém tem o direito de chamar o Deus do outro de falso e mentiroso.

“JOSÉ SARAMAGO: UM ATEU PREOCUPADO COM DEUS”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JUNHO DE 1993 [ENTREVISTA A SANDRA COHEN].

Sempre vivi muito em paz com o meu ateísmo e com a minha ausência, com o fato de estar do lado de fora de qualquer relação transcendental. Mas há uma coisa que tenho muito clara: se é verdade que estou fora da Igreja, não estou fora do mundo cultural criado por ela.

“JOSÉ SARAMAGO: UM ATEU PREOCUPADO COM DEUS”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JUNHO DE 1993 [ENTREVISTA A SANDRA COHEN].

As condições indignas em que milhões de pessoas vivem, se é que se chama a isso viver, realmente se o homem é um grande produto da imaginação criadora de um Deus, então dá vontade de dizer que valia mais a pena que se deitasse a dormir que, julgo, é o que está fazendo agora.

“SARAMAGO LANÇA O SEU DIÁRIO ÍNTIMO DAS ILHAS CANÁRIAS”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 12 DE ABRIL DE 1994 [ENTREVISTA A CRISTINA DURÁN].

O Vaticano, como já não crê na existência da alma, se ocupa da repressão dos corpos.

“JOSÉ SARAMAGO, CONTRA TODA INTRANSIGENCIA”, *DIARIO DE MALLORCA*, PALMA DE MALLORCA, 28 DE OUTUBRO DE 1994 [ENTREVISTA A HÉCTOR A. DE LOS RÍOS].

Os problemas de Deus não me preocupam. Preocupam-me os problemas dos homens que inventaram um Deus que não faz mais que nos fazer passar péssimos bocados. Talvez Deus exista — eu não creio —, mas não tem sentido que nos matemos em nome de Deus.

“OTOÑO”, *EL MUNDO*, MADRI, 2 DE NOVEMBRO DE 1994 [ARTIGO DE EMMA COHEN].

O Vaticano se escandaliza muito facilmente, especialmente com pessoas estranhas a seus quadros. Eles deviam se concentrar nas suas orações e deixar as pessoas em paz.

“SARAMAGO RESPONDE AO VATICANO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 10 DE OUTUBRO DE 1998.

A mensagem do cristianismo é que devemos amar-nos uns aos outros. Não tenho obrigação amar a todos, mas, sim, de respeitar a todos.

“SARAMAGO RESPONDE AO VATICANO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 10 DE OUTUBRO DE 1998.

A Igreja católica, que tanto critica os “fundamentalismos” de outras religiões, na verdade está dando mostras de uma cegueira sem limites, o que era de esperar desses campeões da intolerância.

“CAMPEONES DE LA INTOLERANCIA”, *REFORMA*, CIDADE DO MÉXICO, 10 DE OUTUBRO DE 1998.

Os crentes eu respeito muitíssimo, mas pela instituição que os representa não tenho nenhum respeito. Respeito a crença, a fé, mas a administração da crença, da fé, eu não respeito.

“SARAMAGO: ‘MI OBRA LITERARIA ES LA EXPRESIÓN DEL RESPETO HUMANO’”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 10 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Conheci gente do povo enganada por uma Igreja tão cúmplice quanto beneficiária do poder do Estado e dos latifundiários, gente

permanentemente vigiada pela polícia, gente que por inúmeras vezes foi vítima inocente das arbitrariedades de uma justiça falsa.

“ACUSA SARAMAGO COMPLICIDAD DE IGLESIA-PODER”, *REFORMA*, CIDADE DO MÉXICO, 8 DE DEZEMBRO DE 1998.

As religiões nunca serviram para aproximar os seres humanos. As religiões serviram sempre para os dividir. A história de uma religião é sempre uma história do sofrimento que se inflige, que se autoinflige ou que se inflige aos seguidores de outra e qualquer religião. E isto parece-me de tal forma absurdo que creio mesmo que o lugar do absurdo por excelência é a religião.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Agora o que a mim sobretudo me incomoda é que à sombra desse Deus, do meu ponto de vista inexistente, se tenha armado um poder que condicionou e condiciona ainda, apesar de todas as transformações, as nossas personalidades ao ponto de não nos podermos imaginar a nós próprios senão no quadro que o cristianismo traçou. E mesmo negando a existência de Deus, e mesmo insultando a Igreja, e chamando nomes ao papa, tudo se passa dentro desse campo em que nós nos encontramos.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Não foi a economia portuguesa ao longo dos séculos que mentalmente fez de mim quem sou; foi essa ideia de Deus, de um Deus particular que criou a Terra e o céu, o ser humano, Adão e Eva, depois Jesus, a Igreja, os anjos, os santos e, depois, a Inquisição.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Tenho que dizer que adoraria que existisse Deus porque teria tudo mais ou menos explicado e, principalmente, teria a quem cobrar explicações todas as manhãs. Cobrá-las e também dá-las. Mas não tenho para quem cobrá-las. Há em mim uma espécie de repúdio visceral, como se todo o meu ser se rebelasse contra a ideia de um Deus, mas continuo falando dele e certamente continuarei a fazê-lo.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Há quem continue buscando um Deus porque ainda não apagamos totalmente o medo, nem eliminamos a morte.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Há uma coisa clara a levar em conta: eu não posso dizer em consciência que sou ateu, ninguém pode dizer, porque o ateu autêntico seria alguém que viveria numa sociedade onde nunca teria existido uma ideia de Deus, uma ideia de transcendência e, portanto, nem mesmo a palavra “ateu” existiria nesse idioma. Sem Deus, não poderia existir a palavra “ateu” nem a palavra “ateísmo”. Por isso digo que, em consciência, não posso dizer tal coisa. Mas Deus está aí, portanto falo dele, não como uma obsessão.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Escrevi faz anos uma frase que deve ser entendida como eu a entendo, porque senão a conclusão seria exatamente o contrário do que é. Escrevi isto: “Deus é o silêncio do universo, e o homem é o grito que dá sentido a esse silêncio”. Se este planeta fosse habitado somente por animais, e poderia acontecer — quando os dinossauros existiam, o homem não estava aqui —, então não haveria ninguém para dizer: “Deus existe”. Chegou um momento em que alguém disse: “Existe Deus”, pelo fato de que temos de morrer, por essa esperança de que algo mais possa acontecer, de que algo que chamamos ou que passamos a chamar de espírito ou alma possa sobreviver. E, a partir daí, pode-se armar toda a construção teológica.

“ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, BIBLIOTECA NACIONAL DE ARGENTINA, SALA VIRTUAL DE LEITURA, BUENOS AIRES, 12 DE DEZEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A JOSÉ LUIS MOURE].

Todas as guerras são absurdas, mas as guerras de religiões são as mais absurdas de todas, porque se fazem em nome de não se sabe o quê. A capacidade de autoengano do ser humano não tem limites. Inventa algo e acaba acreditando que isso que inventou é definitivo em sua vida. Tudo passa dentro dele, fora, nada. Que ideia é essa de que um Deus poderosíssimo e imponente ia criar seres à sua imagem e semelhança para pô-los numa pequeníssima galáxia, num sistema solar insignificante, num minúsculo planeta com todo o universo ao seu redor? Criou todo um universo para isso?

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

Pode ser que Deus não exista, pelo menos do meu ponto de vista não existe, mas o *fator Deus*, isso sim existe. Foi contra o *fator Deus* que eu escrevi. Contra Deus é uma guerra que não tem sentido. Eu não sei onde ele está e não vou empreender uma guerra contra o inimigo — supondo-se que seja um inimigo — que não sei onde encontrar. Mas o *fator Deus*, este sim eu sei onde está: está aqui [na cabeça].

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

Sem Deus minha obra ficaria incompleta.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

Para mim, o *fator Deus* já não tem nada a ver com Deus. É usar a ideia do Supremo para coisas que não têm nada a ver com a religião.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

Matou-se, efetivamente, em nome de Deus. Eu acho que se matou muito mais em nome de Deus do que em nome de qualquer outra coisa. Isto é, as religiões, todas elas, nunca fizeram nada para aproximar os seres humanos. Ao contrário, uma religião é motivo de divisão.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

Levamos o diabo e Deus dentro de nós; aí nasceram e aí continuam vivendo. O bem e o mal são obra humana. Não posso acreditar num Deus que não existe ou que nunca se apresentou. Eu não necessito de Deus. Nunca tive nenhuma crise religiosa. Vivi meu ateísmo numa tranquilidade total. E digo a mim mesmo: nasceste, estás vivendo, morrerás, e acabou.

“EN LA IZQUIERDA HAY UN DESIERTO DE IDEAS”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 16 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A ALEJANDRO TOLEDO].

Pessoalmente, considero a religião uma aberração total. Se há um Deus, será um, e não dois, nem três, nem quatro. É uma grande estupidez os seres

humanos se enfrentarem por motivos religiosos. É uma coisa que me deixa atônito.

“SARAMAGO DESCONFÍA DE LA DEMOCRACIA POR SER ESCLAVA ‘DEL PODER ECONÓMICO’”, *EL CORREO*, BILBAO, 27 DE ABRIL DE 2004 [CORRESPONDÊNCIA DE SERGI OLEGO].

Mas talvez não se fosse tão longe se não fosse a morte. Daí no livro [*As intermitências da morte*] dizer-se que Deus e a morte são as duas faces da mesma moeda. Não podem passar um sem outro. Sem morte não haveria Deus, porque não o inventariam. Mas sem Deus não haveria morte, porque Deus tinha de fazer a vida finita.

“PROVAVELMENTE JÁ CHEGOU O DIA EM QUE NÃO TEREI NADA MAIS A DIZER”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *MIL FOLHAS*), LISBOA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

Há uma pergunta que me parece dever ser formulada e para a qual não creio que haja resposta: que motivo teria Deus para fazer o universo? Só para que num planeta pequeníssimo de uma galáxia pudesse ter nascido um animal determinado que iria ter um processo evolutivo que chegou a isto?

“PROVAVELMENTE JÁ CHEGOU O DIA EM QUE NÃO TEREI NADA MAIS A DIZER”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *MIL FOLHAS*), LISBOA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

O problema da Igreja é que ela necessita da morte para viver. Sem morte não poderia haver Igreja, porque não haveria ressurreição. As religiões cristãs se alimentam da morte. A pedra angular sobre a qual se assenta o edifício administrativo, teológico, ideológico e repressor da Igreja desmoronaria se a morte deixasse de existir. Por isso os bispos do romance [*As intermitências da morte*] convocam uma campanha de oração para que a morte volte. Parece cruel, mas sem a morte e a ressurreição, a religião não poderia continuar dizendo que devemos nos comportar bem para viver a vida eterna no além. Se a vida eterna estivesse aqui...

“ME PREGUNTO QUÉ PASARÍA SI FUÉRAMOS ETERNOS”, *EL PAÍS*, MADRI, 14 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A MIGUEL MORA].

Quem mata em nome de Deus converte este num assassino.

“SARAMAGO DEFENDE ‘PACTO DE NÃO AGRESSÃO’ ENTRE RELIGIÕES”, *PÚBLICO*, LISBOA, 29 DE SETEMBRO DE 2006 [CORRESPONDÊNCIA DE ALEXANDRA PRADO COELHO].

Nós, ateus, somos as pessoas mais tolerantes do mundo. Um crente facilmente passa para a intolerância. Em nenhum momento da História, em nenhum lugar do planeta as religiões serviram para que os seres humanos se aproximem uns dos outros. Pelo contrário, só serviram para separar, para queimar, para torturar. Não creio em Deus, não preciso dele. E, além do mais, sou uma boa pessoa. O integrismo não é só islâmico [...]. Hoje mesmo, sem falar nos crimes que mancham seu passado, a Igreja católica continua exercendo uma pressão abusiva sobre as consciências [...]. Enquanto formos incapazes de reconhecer a igualdade profunda de todos os seres humanos, não sairemos da desastrosa situação em que nos encontramos.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

A Igreja conformou à sua maneira a vida de cada um de nós, sobretudo dos crentes — eu não sou nem nunca o fui, mas de toda a maneira vivo neste mundo e não noutra —, e tem uma obsessão moldadora.

“HAVERÁ OUTRO LIVRO SE ME VIER UMA IDEIA BEM CONVINCENTE”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A JOÃO CÉU E SILVA].

A Igreja tentou encontrar uma explicação para a criação do mundo, e vem defendendo essa ideia desde sempre — com violência. É uma intolerância assassina, como a Inquisição queimando gente que é vista como diferente. O novo papa [Joseph Ratzinger, Bento XVI] quer um dogma rígido para ser respeitado e não questionado. Sou contra isso. Não podemos aceitar a verdade vinda de outras pessoas. Temos de ser sempre capazes de questionar essas verdades.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘I DON’T MAKE EXCUSES FOR WHAT COMUNIST REGIMES HAVE DONE. BUT I HAVE THE RIGHT TO KEEP MY IDEAS’”, *THE GUARDIAN*, LONDRES, 22 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MAYA JAGGI].

O mundo seria muito mais pacífico se todos fôssemos ateus.

“SE ME DESENTERRÓ UN LENGUAJE”, *CLARÍN* (REVISTA DE CULTURA Ñ), BUENOS AIRES, 22 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A EZEQUIEL MORALES].

Tenho umas contas a acertar com Deus, porque há coisas que não lhe perdoo, se supostamente ele existir. Não suporto a maldade e a hipocrisia

que cresceram à sombra não só do cristianismo, mas das religiões em geral, que nunca serviram para unir os homens.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOMOS MÁS DE LA TIERRA DONDE HEMOS NACIDO DE LO QUE IMAGINAMOS’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 28 DE MARÇO DE 2009 [CORRESPONDÊNCIA DE GREGORIO CABRERA].

A Igreja católica confundiu-se muitas vezes — demasiadas vezes — com uma associação de criminosos. Inventou a Inquisição para vigiar o grau de fidelidade às crenças cristãs, sobretudo na sua versão católica, e a partir daí organizar um sistema repressivo implacável e de uma crueldade absolutamente diabólica que nega qualquer direito que a Igreja suponha ter para interferir na vida de cada um. Que, no fundo, é o que ela quer, a Igreja não está nada preocupada com a minha alma ou com a sua — ela própria tem muitas dúvidas sobre essa questão de haver alma — porque o que quer controlar é o meu corpo e o seu corpo e para purificar-se e assim acumulou um passivo nestes 2 mil anos de uma lista de mortos interminável por causas distintas.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

O único fundamento que a Igreja católica tem para tentar manter-se de pé e continuar é defender com unhas e dentes, com bons ou maus argumentos, ou de qualquer maneira, a ressurreição. Porque se não há ressurreição não há Igreja.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

RAZÃO

O humanismo e o pensamento ilustrado constituem dois dos pilares fundamentais da concepção saramaguiana do mundo. Racionalista impenitente e materialista militante, ele elaborou um verdadeiro programa de pedagogia social com o propósito de mostrar os estragos derivados da irracionalidade. Para o escritor, “tudo está na cabeça”. Ele atribuía à atividade cerebral a essência e os acidentes da condição humana. Sobre o fracasso da razão, seu uso invertido — dirigido contra a vida — e seus efeitos devastadores nos indivíduos e na coletividade, ele construiria, em seu romance Ensaio sobre a cegueira, a grande alegoria de uma cidade assolada por uma insólita cegueira branca que desperta a indignidade e a sevícia no comportamento das pessoas, provocando o caos geral.

Saramago demonstrou um autêntico ecumenismo em defesa do raciocínio como faculdade capaz de modular as relações e de organizar a convivência. Propugnava uma racionalidade tutelada pela ética — como garantia diante de práticas desviadas —, além de fertilizá-la pela sensibilidade, afastando-se assim de qualquer mecanicismo descarnado. Cartesiano nos desenvolvimentos dedutivos e analíticos característicos da sua ficção — costumava aludir a uma imaginação, em seu caso, moldada pelo intelecto —, mas também pelo funcionamento de seu pensamento discursivo, o autor de Todos os nomes considerava que a instalação do homem no erro, na agressão e na injustiça teria sua raiz na arracionalidade. Daí sua percepção do mundo como resultado da barbárie ou, o que é a mesma coisa, do emprego perverso da faculdade de entendimento, agitada

contra os outros para violentá-los ou tirar vantagem sem reparar no dano que causa.

Ante tal estado de coisas, embora arraigado em seu peculiar ceticismo, Saramago não via outra alternativa senão advogar tanto pela defesa dos direitos humanos — entendidos como marco de um eventual projeto de regeneração política, social e humana —, como pelo fortalecimento garantidor da racionalidade. A confiança na razão acionava sua maquinaria de leitura pessoal do mundo, a partir da qual se substanciaram, em grande medida, sua obra literária e seu pensamento sociopolítico.

O meu racionalismo tem uma raiz “voltaireana”. Esse ceticismo, essa ironia e essa espécie de compaixão pela loucura dos homens vêm daí.

“SARAMAGO: ‘NO MEU CASO, O ALVO É DEUS’”, *EXPRESSO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Este mundo de cegos do livro [*Ensaio sobre a cegueira*] é uma metáfora do mundo onde a razão não é usada racionalmente. É o mundo em que sempre vivemos, com maior ou menor ênfase nas distintas épocas.

“CONSCIÊNCIA ÀS CEGAS”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 18 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A HUGO SUKMAN].

Há um morrer de cegueira, que é um morrer de quem não usa a razão para viver.

“JOSÉ SARAMAGO: TODOS OS PECADOS DO MUNDO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 28 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Não compreendo o mundo. Descobri que existe a palavra “moral”, que existe a palavra “imoral” e a palavra “amoral”. Existe a palavra “racional”, “irracional”, mas parece que não existe a palavra “arracional”. Nós somos seres arracionais.

“JOSÉ SARAMAGO: TODOS OS PECADOS DO MUNDO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 28 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Também não vou dizer que o fato de eu ter estado de certo modo em risco de ter que ficar com a visão bastante diminuída não teve nenhum efeito [em *Ensaio sobre a cegueira*]. Mas o tema da cegueira tem muito mais que ver com uma convicção minha, que nós, no que toca a razão, estamos cegos. Uma vez que decidimos que somos os únicos seres racionais na face da Terra, o que foi uma decisão nossa, ninguém veio cá de fora, vindo de outro planeta ou de outro sistema, dizer que nós somos racionais. No meu entender, nós não usamos racionalmente a razão. É um pouco como se eu dissesse que nós somos cegos da razão. Essa evidência é que me levou, metaforicamente, a imaginar um tipo de cegueira, que, no fundo, existe. Vou criar um mundo de cegos porque nós vivemos efetivamente num mundo de cegos. Nós estamos todos cegos. Cegos da razão. A razão não se comporta racionalmente, o que é uma forma de cegueira.

“SARAMAGO ANUNCIA A CEGUEIRA DA RAZÃO”, *FOLHA DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 18 DE OUTUBRO DE 1995 [REPORTAGEM DE BIA ABRAMO].

Usamos a razão para destruir, matar, diminuir a nossa franja de vida. E é essa espécie de indecência do comportamento humano, orientada pela exploração do outro, da sede do lucro, da ambição do poder, que conduz à indiferença e ao alheamento. Ao desprezo do outro. Se a ética não governa a razão, a razão está-se nas tintas.

“JOSÉ SARAMAGO: TODOS OS PECADOS DO MUNDO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 28 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

A imaginação, o que dizer a respeito dela? Meus livros estão aí para provar que eu a tenho. Mas é uma imaginação que está sempre a serviço da razão. Ou melhor: que aceita a prevalência da razão. Meus livros se caracterizam por uma imaginação forte, mas sempre usada de forma racional. Posso formular assim: a imaginação é o ponto de partida, mas o caminho a partir daí pertence à razão.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Somos nós que nos afirmamos, por oposição ao comportamento dos animais, seres dotados de razão; por isso, não posso aceitar (e aí entra uma questão ética) que a razão seja usada contra a razão. Neste sentido, uma razão que não é conservadora da vida, uma razão que não defende a vida, uma razão que (pondo a coisa num terreno mais prático, mais lhano, mais imediato) não se orienta para dignificar a vida humana, para respeitá-la, muito simplesmente para alimentar o corpo, para defender da doença, para defender de tudo o que há de negativo e que nos cerca, e que desgraçadamente é também produto da razão, é uma razão de que se faz um mau uso. Se o homem é um ser racional e usa a razão contra si mesmo — um contra si mesmo representado pelos seus semelhantes —, então de que é que serve a razão?

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Se a razão não serve à ética, ela se transforma numa arma destrutiva.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

A razão não é inimiga das ilusões, dos sonhos, da esperança, de todas essas coisas que têm a ver com os sentimentos... Porque a razão não é algo frio, não é algo mecânico. A razão é o que é, com tudo o que a gente é de sentimentos, de desejos, de ilusões, disso tudo.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

Tudo o que existe, toda a percepção que temos do que existe está em nossa cabeça. Quer dizer, às vezes digo que o lugar da transcendência é a mais imanente de todas as coisas, que é o cérebro humano: é aqui que está Deus, é aqui que está o diabo, que estão o mal, o bem, a justiça a injustiça. Tudo está dentro da cabeça. Então, talvez o que esteja ocorrendo conosco seja uma caminhada lenta, muito lenta, cheia de contradições, em direção à razão. Mas não creio que já tenhamos chegado.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

É evidente: a maldade, a crueldade são inventos da razão humana, da sua capacidade para mentir, para destruir.

“JOSÉ SARAMAGO: CRÍTICA DE LA RAZÓN IMPURA”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 12 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A FLAVIA COSTA].

Ou a razão, no homem, não faz senão dormir e engendrar monstros, ou o homem, sendo indubitavelmente um animal entre os animais, também é, indubitavelmente, o mais irracional deles todos. Vou-me inclinando cada vez mais para a segunda hipótese, não por ser eu doentamente propenso a filósofos pessimistas, mas porque o espetáculo do mundo é, na minha humilde opinião, e de todos os pontos de vista, uma demonstração explícita e evidente do que chamo de irracionalidade humana.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

Acho que damos pouca atenção àquilo que efetivamente decide tudo na nossa vida, ao órgão que levamos dentro da cabeça: o cérebro. Tudo quanto estamos por aqui a dizer é um produto dos poderes ou das capacidades do cérebro: a linguagem, o vocabulário mais ou menos extenso, mais ou menos rico, mais ou menos expressivo, as crenças, os amores, os ódios, Deus e o

diabo, tudo está dentro da nossa cabeça. Fora da nossa cabeça não há nada. Ou melhor, há o que os nossos órgãos podem ter criado como imagem.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

O senso comum se transforma no instrumento mais revolucionário neste mundo de loucos que é o da violência.

“SARAMAGO DESCALIFICA ‘REVOLUCIÓN’ DE LAS FARC”, *EL ESPECTADOR*, BOGOTÁ, 21 DE FEVEREIRO DE 2009 [ENTREVISTA A NELSON FREDY PADILLA].

PESSIMISMO

É bem conhecido o caráter pessimista do autor de Ensaio sobre a cegueira, um traço marcante da sua personalidade, que ele não se deu ao trabalho de ocultar. Mas o pessimismo de Saramago não deve ser confundido com o niilismo. Se, por um lado, ele se originava na percepção e no juízo negativos do escritor sobre o mundo e o ser humano, fruto da sua análise racional, não é menos certo que, por outro, ele lhe serviu de impulso para ativar sua resistência crítica e elaborar propostas com as quais contribua para superar a paisagem deteriorada que sua percepção e elaboração intelectual desenhavam. Desde a militância política à sua contínua intervenção civil como pessoa sensibilizada pelas questões contemporâneas ou à componente de rebeldia que ele inclui em sua literatura, tudo isso o deixava distante de qualquer posição passiva ou de capitulação melancólica.

Saramago atestava que a humanidade não alcançou grandes progressos em termos de bondade ou respeito à dignidade da vida; mas seu pessimismo agia como um reativo, transformava-se na energia motriz da sua imaginação e das suas práticas de dissenso. Daí ter aludido a si mesmo, em certa ocasião, como um “cético otimista”. Sua consciência da “gravidade do estado em que se encontra o mundo”, suas reprovações públicas e a vinculação ao comunismo podem ser interpretadas como atitudes que alentavam a possibilidade de uma esperança não confessada.

Instalado na insatisfação e na exigência, José Saramago não cessou de se somar — como um excepcional agente, pela repercussão de suas

opiniões — a um eventual projeto global de transformação do mundo. Enquanto isso, responsabilizava por sua concepção desencantada a própria realidade, que, com seus desvios, se obceca em confirmar o diagnóstico da perseverança coletiva no mal e no erro. Não deixa de ser paradoxal que uma das referências mundiais para os movimentos alternativos e para o pensamento progressista reconhecia uma das grandes tensões de seu organismo moral e cultural num sombrio pessimismo existencial, embora resolvido com extraordinária pujança e dinamismo intelectual e cívico.

Eu sou tão pessimista que acho que a humanidade não tem remédio. Vamos de desastre em desastre e não aprendemos com os erros. Para solucionar alguns dos problemas da humanidade, os meios existem e contudo não são utilizados.

“DISCURSO DIRETO: AS PALAVRAS DO VIAJANTE”, *Visão*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998.

Daqui já não me arredo, nem tenho já tempo de vida para arredar-me daqui: o ser humano não tem remédio.

“OS LIVROS DO NOSSO DESASSOSSEGO: JOSÉ SARAMAGO”, *SETEMBRO*, LISBOA, N. 1, JANEIRO-MARÇO DE 1993 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL MENDES].

E importa pensar no depois da morte? Escolher o lugar do seu enterro? Quando o rei diz “aqui”, aceita que o lugar da morte seja o que sempre foi: o lugar da vida. Quer dizer, pareço pessimista mas pode ser um luxo a que me permito por ser tão otimista.

“AS FÁBULAS POLÍTICAS DE SARAMAGO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JANEIRO DE 1994 [ENTREVISTA A NORMA CURTI].

Eu sou um pessimista, creio que nasci em má hora, porque pode-se dizer que sou pessimista desde sempre. Não me lembro como eu me comportava nos cueiros, mas acho que já era assim. O que não entendo nem procuro entender é como a humanidade chegou a um ponto de desenvolvimento científico e tecnológico tal que parece a um leigo que temos tudo para resolver uma porção de problemas da humanidade. E é verdade que temos. Tem algum sentido um mundo em que se morre de fome literalmente, numa parte, enquanto, em outra parte, se matam 400 mil vacas porque estão produzindo leite demais?

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘PODRÍA HABER SEGUIDO EN PORTUGAL, PERO NO AGUANTÉ’”, *CANARIAS 7*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 20 DE FEVEREIRO DE 1994 [ENTREVISTA A ESPERANZA PAMPLONA].

Eu talvez seja duplamente pessimista: pela inteligência e pelo temperamento... E além do mais me dá muito trabalho ser voluntariamente otimista.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL MUNDO SE ESTÁ QUEDANDO CIEGO’”, *LA VERDAD*, MURCIA, 15 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A GONTZAL DÍEZ].

O mal e o remédio estão em nós. A própria espécie humana, que agora nos indigna, se indignou antes e se indignará amanhã. Agora vivemos um tempo em que o egoísmo pessoal tapa todos os horizontes. Perdeu-se o senso da solidariedade, o senso cívico, que não deve ser confundido com a caridade. É um tempo obscuro, mas chegará, com certeza, outra geração mais autêntica. Talvez o homem não tenha remédio, não progredimos muito em bondade em milhares de anos na Terra. Talvez estejamos percorrendo um longo e interminável caminho que nos leva ao ser humano. Talvez, não sei onde nem quando, chegaremos a ser aquilo que temos de ser. Quando a metade do mundo morre de fome e a outra metade não faz nada... algo não funciona. Quem sabe um dia!

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL MUNDO SE ESTÁ QUEDANDO CIEGO’”, *LA VERDAD*, MURCIA, 15 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A GONTZAL DÍEZ].

O retrato fiel do que sou, Gramsci deixou escrito: “Pessimista pela razão, otimista pela vontade”. Isso diz tudo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NUNCA ESPERÉ NADA DE LA VIDA, POR ESO LO TENGO TODO’”, *FARO DE VIGO*, VIGO, 20 DE NOVEMBRO DE 1994 [ENTREVISTA A ROGELIO GARRIDO].

Eu sou muito pessimista. Melhor dizendo, o que eu sou é pessimista. Sou dos que dizem “este copo está meio vazio” e não “este copo está cheio pela metade”. A gente tem que viver e encontrar no fundo desse pessimismo uma força que nos mantenha vivos e de pé.

“YO NO ENTIENDO...”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 20 DE NOVEMBRO DE 1994.

Gostaria de me encontrar com Voltaire e lhe dizer que ele tinha razão ao ter sua cética e pessimista opinião sobre o gênero humano. Diria a ele que teve razão e que muitos anos depois não mudamos nada, que há motivos para pensar que, se vivesse no século XX, ele teria muito mais razão ainda.

“EL SUEÑO DE LAS OLAS DE PIEDRA”, *UNO*, MENDOZA, 13 DE SETEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JAIME CORREAS].

Eu não vejo, sinceramente não vejo, e gostaria de ver para minha tranquilidade, nenhum motivo para ser otimista não só perante a história da nossa espécie, como diante do espetáculo de um mundo que é capaz, porque tem meios para isso, de resolver uma quantidade de problemas, desde a

fome até à educação ou à falta dela, e que não o faz. E não o faz por quê? Porque aquilo que conta é o lucro.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Acho que essas categorias de otimismo ou de pessimismo não são relevantes. Dizer se o livro [*Ensaio sobre a cegueira*] é otimista ou pessimista? Digamos, a visão que eu tenho do mundo é francamente pessimista, claro, como de resto basta ver.

“A TERCEIRA PALAVRA DE SARAMAGO”, *BRAVO!*, SÃO PAULO, ANO 2, N. 21, JUNHO DE 1999 [ENTREVISTA A JEFFERSON DEL RIOS, BEATRIZ ALBUQUERQUE E MICHEL LAUB].

Meu olhar é pessimista, mas esse é o olhar que quer mudar o mundo.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Os pessimistas são pessoas insatisfeitas com o mundo. Em princípio, seriam as únicas interessadas em alterar a rotina, uma vez que, para os otimistas, é razoável como está. Mas, ultimamente, gosto de dizer outra coisa: eu não sou pessimista, o mundo é que é péssimo. Com isto transfiro a culpa para a realidade.

“TODOS OS MALEFÍCIOS DA UTOPIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

Como podemos ser otimistas diante de um planeta onde as pessoas vivem tão mal, a natureza está sendo destruída e o império dominante é o do dinheiro?

“DESVENTURAS EM SÉRIE”, *ÉPOCA*, SÃO PAULO, 31 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A LUÍS ANTÔNIO GIRON].

Este mundo não tem solução. Não merecemos a vida.

“SARAMAGO: ‘LA NAVIDAD ES UNA BURBUJA CONSUMISTA QUE NOS AÍSLA DEL APOCALIPSIS’”, AGENCIA EFE, MADRI, 25 DE DEZEMBRO DE 2006.

Como se pode ser otimista quando tudo isto é um estendal de sangue e lágrimas? Nem sequer vale a pena que nos ameacem com o inferno, porque inferno já o temos. O inferno é isto.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘VOLTEI COM NATURALIDADE À ESCRITA’”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 5 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANA VITÓRIA].

SER HUMANO

A partir de Ensaio sobre a cegueira (1995), a literatura de Saramago assumiu como propósito investigar a condição do ser humano contemporâneo. Seu ceticismo se traduzia em desencanto, se se tratava de formar juízo sobre a humanidade. Partindo da decadência que vive nossa civilização, Saramago insistia em fazer constar a maldade, suscitada pelo egoísmo, a crueldade, a intolerância, a injustiça e a violência exercida sobre o resto dos congêneres, que caracteriza nossos comportamentos, à margem de outras considerações. Se somos seres de busca, a verdade é que, a seu ver, o caminho seguido na construção do destino coletivo deixa um balanço desafortunado, que se pode rastrear nas páginas da História e confirmar pelo presente. Para o autor de O homem duplicado, o ser humano como espécie “não tem remédio” nem “merece respeito”; ele considerava inclusive, mais drasticamente, que “não merecemos a vida”.

Para recuperar esse destino descarrilado, insistiu na necessidade de aceitar como prioridade absoluta o ser humano. Em contraste com o sinal dos tempos, reclamava uma economia e uma técnica a serviço das pessoas e do seu desenvolvimento individual e coletivo, do mesmo modo que reivindicou a faculdade de pensar e a filosofia como uma dimensão substantiva da existência. Se a singularidade humana está em se identificar como o único animal com consciência de si, é indesculpável aceitar a responsabilidade sobre os atos próprios. É esse um princípio fundamental da ética, na qual, de acordo com seu critério, deveriam se apoiar o conhecimento e o respeito aos demais e ao ambiente — em última

instância, a defesa da vida. Do contrário, estamos fadados à célebre conclusão de Plauto, popularizada por Hobbes: “O homem é o lobo do homem, e do não homem, quando desconhece quem é o outro”.

Todo o seu pensamento se funda numa concepção humanista, mas seu negativismo o levou a sugerir que, assim como cientificamente aceitamos a existência de um processo de hominização, teríamos de reconhecer outro processo paralelo, de humanização. A seu ver, o homem ainda não havia chegado a se cristalizar em sua condição humana; muito pelo contrário, no dia a dia ele se mostra como um ser que nega e se distancia tragicamente da sua natureza. A verdadeira revolução pendente seria então a da bondade e do senso comum, uma revolução que tem por objetivo nos civilizar. Entrementes, continuou aprofundando sua inata melancolia pessimista, como bem mostra a declaração — pertencente ao inexistente Livro das previsões — que antepôs, à guisa de epígrafe, a As intermitências da morte: “Saberemos cada vez menos o que é um ser humano”.

Acho que Deus Nosso Senhor fez o mundo e fez também as contradições e depois, como não sabia onde as havia de meter, é que inventou o homem.

“JOSÉ SARAMAGO: O REGRESSO DE RICARDO REIS”, *EXPRESSO*, LISBOA, 24 DE NOVEMBRO DE 1984 [ENTREVISTA A AUGUSTO M. SEABRA].

A obra feita é sempre maior do que quem a fez. De fato, eu acho que somos menos do que aquilo que fazemos, e isso é outra forma de grandeza, ser capaz de ser menos do que aquilo que se faz.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESSA COISA MISTERIOSA QUE É SEMPRE A MULHER’”, *MÁXIMA*, LISBOA, N. 25, OUTUBRO DE 1990 [POR LEONOR XAVIER].

Eu sou contra a tolerância, porque ela não basta. Tolerar a existência do outro e permitir que ele seja diferente ainda é pouco. Quando se tolera, apenas se concede, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro. Sobre a intolerância já fizemos muitas reflexões. A intolerância é péssima, mas a tolerância não é tão boa quanto parece. Deveríamos criar uma relação entre as pessoas da qual estivessem excluídas a tolerância e a intolerância.

“JOSÉ SARAMAGO: UM ATEU PREOCUPADO COM DEUS”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JUNHO DE 1993 [ENTREVISTA A SANDRA COHEN].

Estamos vivendo aqui um reflexo do comportamento generalizado da Europa, um movimento de recusa do outro. As pessoas raciocinam de uma maneira muito simples: se há desemprego e se há imigrantes, automaticamente o desemprego seria menor se eles fossem embora. Acho que isso demonstra que o ser humano não é bom. A bondade no ser humano é, na maior parte dos casos, uma questão de interesses próprios. Só em casos raríssimos é efetiva generosidade e bondade real.

“JOSÉ SARAMAGO: UM ATEU PREOCUPADO COM DEUS”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JUNHO DE 1993 [ENTREVISTA A SANDRA COHEN].

Nenhuma empresa do mundo pode estar por cima das pessoas que lá trabalham. É utópico, é idealista, mas é a única maneira humana de ver as coisas. A gente não pode ser tratada como os resíduos da fabricação e

atirada fora como tal. O sistema é que está em falência e o socialismo — que, a meu ver, não o era — também está em falência.

“UMA CERTA IDEIA DA EUROPA”, *EXPRESSO*, LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Se o homem não é capaz de organizar a economia mundial de modo a satisfazer a necessidade de uma humanidade que está morrendo de fome e de tudo, que humanidade é essa? Nós, que enchemos a boca com a palavra “humanidade”, creio que ainda não chegamos a isso, não somos seres humanos. Talvez um dia consigamos sê-lo, mas não somos, falta muitíssimo. O espetáculo do mundo está aí, e é uma coisa de arrepiar. Vivemos ao lado de tudo o que é negativo como se não tivesse nenhuma importância, a banalização do horror, a banalização da violência, da morte, principalmente se é a morte de outros, claro. É-nos indiferente que esteja morrendo gente em Sarajevo, e também não devemos falar só dessa cidade, porque o mundo é um imenso Sarajevo. Enquanto não despertar a consciência das pessoas, isso continuará assim. Porque muito do que se faz, se faz para manter todos nós na abulia, na falta de vontade, para diminuir nossa capacidade de intervenção cívica.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘PODRÍA HABER SEGUIDO EN PORTUGAL, PERO NO AGUANTÉ’”, *CANARIAS 7*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 20 DE FEVEREIRO DE 1994 [ENTREVISTA A ESPERANZA PAMPLONA].

A doença mortal do homem como homem é o egoísmo.

“SARAMAGO: ‘LA CAPITALIDAD CULTURAL EUROPEA ES CONSUMISMO; ES COMO IR AL HIPERMERCADO’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 3 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A JAVIER DURÁN].

Descobrir o outro é descobrir a si mesmo.

CLARÍN, BUENOS AIRES, 29 DE MARÇO DE 1994.

Se é verdade que não somos mais que contos ambulantes, contos feitos de contos, e que vamos pelo mundo contando o conto que somos e os contos que aprendemos, parece-me igualmente claro que nunca poderemos chegar a ser mais que isso, esses seres feitos de palavras, herdeiros das palavras, que vão deixando, ao longo dos tempos e do tempo, um testamento de palavras, o que têm e o que são. Tudo.

“NUNCA SEREMOS MÁS QUE SERES HECHOS DE PALABRAS’, CREE JOSÉ SARAMAGO”, *CANARIAS* 7, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 30 DE NOVIEMBRE DE 1994.

Continuo pedindo a humanização da humanidade. Isso morreu? Se morreu é uma autêntica tragédia.

“JOSÉ SARAMAGO”, *ABC (EL SUPLEMENTO SEMANAL)*, MADRI, 28 DE MAIO DE 1995 [ENTREVISTA A TOMÁS GARCÍA YEBRA].

Falham os que mandam e falham os que se deixam mandar... São circunstâncias muito complexas as que marcam ou decidem o destino dos homens... Só sei que o mundo precisa ser mais humano e essa é uma revolução pendente, uma revolução que, além do mais, deveria ser pacífica e sem traumas, porque seria ditada pelo senso comum.

“JOSÉ SARAMAGO”, *ABC (EL SUPLEMENTO SEMANAL)*, MADRI, 28 DE MAIO DE 1995 [ENTREVISTA A TOMÁS GARCÍA YEBRA].

Temos na natureza muitas coisas contra as quais lutar, mas há um inimigo pior que todos os furacões e terremotos: o próprio ser humano. A natureza com todos os seus vulcões, terremotos, furacões e inundações não causou tantos mortos como a humanidade causou a si própria. Lutas de toda a ordem; guerras religiosas, guerras de interesses materiais, guerras absolutamente absurdas e estúpidas como as dinásticas. Não há um raio de luz — para pôr a questão assim — que dê na cabeça das pessoas e as faça perceber que não se pode viver assim!

“JOSÉ SARAMAGO DEFENDE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*: ‘NÃO USAMOS RACIONALMENTE A RAZÃO QUE TEMOS’”, *A CAPITAL*, LISBOA, 4 DE NOVIEMBRE DE 1995 [ENTREVISTA A ANTÓNIO RODRIGUES].

A nossa grande tarefa está em conseguirmo-nos tornar mais humanos.

“JOSÉ SARAMAGO DEFENDE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*: ‘NÃO USAMOS RACIONALMENTE A RAZÃO QUE TEMOS’”, *A CAPITAL*, LISBOA, 4 DE NOVIEMBRE DE 1995 [ENTREVISTA A ANTÓNIO RODRIGUES].

O homem é cruel sobretudo em relação ao homem, porque somos os únicos capazes de humilhar, de torturar, e o fazemos com algo que deveria estar contra isso, que é a razão humana.

“ESCRIBÍ PARA SABER SI HAY UNA FORMA MÁS HUMANA DE VIVIR QUE NO SEA LA CRUELDAD”, *LA VOZ DE LANZAROTE*, LANZAROTE, 25 DE JUNHO DE 1996 [REPORTAGEM DE

MONTSE CERREZO].

Há uma personagem [a rapariga de óculos escuros] em meu livro [*Ensaio sobre a cegueira*] que pronuncia as palavras-chaves: “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome. É o que somos”. O que precisamos é de procurar e dar um nome a essa coisa: talvez, simplesmente, possamos chamá-la de “humanidade”.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC* (SUPLEMENTO *ABC LITERARIO*), MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

O que está em causa não é a violência, é a crueldade. Violenta é toda a natureza. Para que eu coma meu filé, tenho que matar um boi. Nós, seres humanos, os tais seres racionais, inventamos a crueldade. Portanto, é sobre a crueldade que deveríamos discutir. Quando começarmos a discutir sobre a crueldade, o problema da violência se resolve.

“A MAIS NECESSÁRIA DAS PALAVRAS”, *ZERO HORA*, PORTO ALEGRE, 12 DE ABRIL DE 1997 [ENTREVISTA A EDUARDO STERZI E JERÔNIMO TEIXEIRA].

Sabemos muito mais do que acreditamos, podemos muito mais do que imaginamos.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

O humano é o que há que preservar e defender em todas as circunstâncias: o capitalismo já sabemos que não o fará.

“SARAMAGO: ‘SI ESPAÑA VA BIEN, ES UNA EXCEPCIÓN, PORQUE EL MUNDO NO VA BIEN’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE ABRIL DE 1998 [REPORTAGEM DE ÁNGELES ARENCIBIA].

Creio que dentro de nós há um espesso sistema de corredores e portas fechadas. Nós mesmos não abrimos todas as portas, porque desconfiamos que o que há do outro lado não será agradável de ver [...]. Vivemos numa espécie de alarme em relação a nós mesmos, que é que, talvez, não queiramos saber quem somos na realidade.

“SARAMAGO: ‘SI ESPAÑA VA BIEN, ES UNA EXCEPCIÓN, PORQUE EL MUNDO NO VA BIEN’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE ABRIL DE 1998 [REPORTAGEM DE ÁNGELES ARENCIBIA].

Triunfar significa ter mais e mais, deixando algo que foi importante, o que chamamos ser mais conscientes, mais solidários, mais unidos a nossos sentimentos.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL HOMBRE ACTUAL SE DEDICA SOBRE TODO A HACER ZAPING’”, *LA GACETA DE CANARIAS*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 7 DE JUNHO DE 1998 [CORRESPONDÊNCIA DA AGENCIA EFE].

Enquanto falamos aqui, há milhares de milhões de pessoas que estão morrendo de fome. Como podemos aceitar que o homem não seja um ser solidário, que não pense mais na espécie e tenha se convertido num monstro de egoísmo e ambição que despreza milhares de pessoas que não têm nada? Não se faz nada para resolver problemas essenciais. Para milhões de pessoas no mundo, nenhum dos problemas essenciais da vida está resolvido, enquanto nos divertimos enviando um aparelhinho a Marte...

“EL HOMBRE SE HA TRANSFORMADO EN UN MONSTRUO DE EGOÍSMO Y AMBICIÓN”, *EL CRONISTA*, BUENOS AIRES, 11 DE SETEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A OSVALDO QUIROGA].

Se a humanidade é algo que tem que começar com a razão, com o sentimento, com relações humanas mais estreitas e mais limpas, com maior conhecimento do outro, eu diria que estamos cada vez mais longe disso. Se não mudarmos o caminho, o homem do futuro poderá estar caminhando em direção a algo que poderíamos chamar de desastre.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘VOY A SEGUIR SIENDO EL MISMO TRAS RECIBIR EL PREMIO’”, *LA TRIBUNA*, TEGUCIGALPA, 7 DE NOVEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A ANTONIO DOPACIO].

É esse sentido da pessoa comum e corrente, aquela que passa e que ninguém quer saber quem é, que não interessa nada, que aparentemente nunca fez nada que valesse a pena registrar, é a isso que eu chamo as vidas desperdiçadas. Talvez eu não tivesse uma consciência muito aguda disto, se não visse de que dependem as vidas das pessoas, de coisas que lhes são totalmente alheias, em que elas não foram parte.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Quem sabe, todos somos os outros.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

O homem é um ser que busca. O que caracteriza o ser humano é a necessidade de buscar, e ele busca por diferentes caminhos, que podem ser contraditórios. Não sabemos se encontramos e não sabemos se o que encontramos uma vez é o que estávamos buscando, ou se não é mais necessário buscar depois de ter encontrado algo. Portanto, somos seres de busca.

“JOSÉ SARAMAGO: LA ESCRITURA COMO UNA TOMA DE CONCIENCIA”, *SIEMPRE!*, CIDADE DO MÉXICO, 25 DE FEVEREIRO DE 1999 [ENTREVISTA A ADRIANA CORTES].

Acho que nós não somos verdadeiramente humanos, se ser humano é orientar-se pela razão, pela sensibilidade, pelo respeito.

“A LITERATURA NÃO MUDA O MUNDO”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1999 [ENTREVISTA A CECILIA COSTA]

Falo de uma mudança que levasse as pessoas a pensar que isto não é bastante para viver como ser humano. Não pode ser. Se nós nos convertemos em pessoas que só se interessam por seus próprios interesses, vamos nos converter em feras contra feras. E aliás é isto o que está a acontecer.

“A LITERATURA NÃO MUDA O MUNDO”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1999 [ENTREVISTA A CECILIA COSTA].

O que eu quero saber, no fundo, é o que é isto de ser-se um ser humano.

“A TERCEIRA PALAVRA DE SARAMAGO”, *BRAVO!*, SÃO PAULO, ANO 2, N. 21, JUNHO DE 1999 [ENTREVISTA A JEFFERSON DEL RIOS, BEATRIZ ALBUQUERQUE E MICHEL LAUB].

Deveríamos pensar que cada conquista do progresso não pode ir contra as vidas humanas. Não faz muitos anos se falava do progresso científico e do progresso moral. Dizia-se que era necessário desenvolver um sem deixar o outro para trás. Não sei muito bem o que se entende por progresso moral. Mas se o chamássemos de respeito humano, talvez pudéssemos resolver o problema que o progresso científico coloca. O progresso só beneficia uma minoria.

“ESCRITORES ANTE EL III MILENIO (I). JOSÉ SARAMAGO: ‘EL PROGRESO BENEFICIARÁ SÓLO A UNA MINORÍA’”, *EL MUNDO*, MADRI, 3 DE JANEIRO DE 2000 [REPORTAGEM DE PAULA IZQUIERDO].

O que realmente nos separa dos animais é nossa capacidade de esperança.

“ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, *ALPHALIBROS*, MENDOZA, 2000 [ENTREVISTA A JORGE ENRIQUE OVIEDO].

Creio na vontade humana, sim, mas não esqueço de lhe exigir que sirva e defenda a vida, em vez de ofendê-la e humilhá-la.

“SOY UN GRITO DE DOLOR E INDIGNACIÓN”, *ABC (SUPLEMENTO EL SEMANAL)*, MADRI, 7-13 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

O cão é uma espécie de plataforma em que os sentimentos humanos se encontram. O cão se aproxima dos homens para interrogá-los sobre como é essa história de ser humano.

“JOSÉ SARAMAGO NARRA EL OCASO DE UNA CIVILIZACIÓN: LA NUESTRA”, *PLANETA HUMANO*, MADRI, N. 35, JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ANA TAGARRO].

O problema não está em avançar, o problema está em não considerar que há uma prioridade absoluta, que é o ser humano. Quando digo que não tem qualquer espécie de sentido estar a enviar a Marte uma sonda para ver se há lá água, quando digo que essa atitude é totalmente absurda, é tendo em conta que demos cabo da água que tínhamos na Terra, contaminamos rios, lagos e até mesmo os oceanos. E depois vamos saber se há água em Marte? Não é contra o desenvolvimento tecnológico e científico que eu estou contra. Isso seria outro absurdo [...]. O que estou é a favor de uma reorientação desse desenvolvimento em direção ao ser humano e a ter isso como prioridade absoluta. Não tem nenhum sentido andarmos a brincar aos exploradores do espaço quando aqui na Terra se morre de fome todos os dias.

“JOSÉ SARAMAGO SOBRE A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL: ‘É ESTA LÓGICA INFERNAL QUE É PRECISO QUEBRAR’”, *SEARA NOVA*, LISBOA, N. 72, ABRIL-JUNHO DE 2001.

Sou bastante cético em relação à natureza humana, tão cético que nem acredito que haja uma natureza humana. Mas seja isso o que for, acredito que se podem criar situações, estados de espírito, determinações que podem converter as mesmas pessoas pouco generosas ou nada generosas, em solidárias em certas circunstâncias.

“JOSÉ SARAMAGO SOBRE A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL: ‘É ESTA LÓGICA INFERNAL QUE É PRECISO QUEBRAR’”, *SEARA NOVA*, LISBOA, N. 72, ABRIL-JUNHO DE 2001.

A grande aventura [humana para este século] é reconhecer que ficaram atrás milhões de pessoas e vão ficar cada vez mais para trás. Vamos concentrar os recursos, sabendo que não se pode parar. Mas vamos andar mais lentamente, e vamos distrair — é essa a palavra — os recursos maciços daqui, do Ocidente, e vamos aplicá-los em trazer tão perto quanto possível em comodidades, esperança de vida, a ponta extrema da humanidade...

“JOSÉ SARAMAGO SOBRE A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL: ‘É ESTA LÓGICA INFERNAL QUE É PRECISO QUEBRAR’”, *SEARA NOVA*, LISBOA, N. 72, ABRIL-JUNHO DE 2001.

Todos os anos exterminamos comunidades indígenas, milhares de hectares de bosques e até inúmeras palavras de nossos idiomas. Cada minuto extinguímos uma espécie de ave e alguém em algum lugar remoto contempla pela última vez na Terra uma determinada flor. Konrad Lorenz não se enganou ao dizer que somos o elo perdido entre o macaco e o ser humano. Somos isso, uma espécie que gira sem achar seu horizonte, um projeto inconcluso. Falou-se bastante ultimamente do genoma e, ao que parece, a única coisa que nos distancia na realidade dos animais é nossa capacidade de esperança. Produzimos uma cultura da devastação baseada muitas vezes no engano da superioridade das raças, dos deuses, e sustentada pela inumanidade do poder econômico. Sempre me pareceu incrível que uma sociedade tão pragmática quanto a ocidental tenha deificado coisas abstratas como esse papel chamado dinheiro e uma cadeia de imagens efêmeras. Devemos fortalecer, como tantas vezes eu disse, a tribo da sensibilidade...

“JOSÉ SARAMAGO: LA MORAL INSURRECTA”, *REVISTA UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA*, MEDELLÍN, N. 265, JULHO-SETEMBRO DE 2001 [ENTREVISTA A AMPARO OSORIO E GONZALO MÁRQUEZ CRISTO].

Independentemente da ideologia que professemos, há uma característica humana que devemos todos compartilhar: a faculdade de pensar. O pensamento deveria ser uma emanção necessária e fatal do ser humano. Pascal dizia que somos um caniço fustigado por todos os ventos, mas um caniço que pensa. Eu acrescentaria que somos caniços pensantes, mas não

pensamos de forma isolada, e sim como parte de um caniçal. O pensamento não pode jamais ser autista.

“EL PENSAMIENTO CORRECTO ES UN VENENO SOCIAL”, *GARA*, SAN SEBASTIÁN, 22 DE NOVIEMBRE DE 2001 [REPORTAGEM DE JOXEAN AGIRRE].

Todos somos feitos de ruindade e indiferença.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Eu acreditava que havia inventado, a partir de algo que não sabia o quê, esta frase completa: “Somos contos de contos contando contos, nada”. E a procurei em meus trabalhos, porque quis citá-la em certa ocasião, mas não a encontrava. Lendo por acaso uma entrevista que tinha dado anos antes ao jornal *Libération*, leio a frase. Não exatamente esta. E achei o autor. O autor era Ricardo Reis, o heterônimo de Fernando Pessoa. A frase original era “*Somos contos de contos, nada*”. Durante anos acreditei que isso fazia parte da citação original, isso que é um acréscimo meu: “contando contos”. Num texto que escrevi sobre essa anedota, digo que no fundo é o trabalho da memória, esquecendo e construindo, construindo e construindo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEBREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

Não tenho nenhum motivo para ter esperança. No plano estritamente pessoal, podemos ter razões para isso. Mas se falarmos numa esperança que nos envolva a todos, ela não é possível num mundo como este. Como será daqui a cinquenta ou cem anos? Estamos no fim de uma civilização e não temos ideia nenhuma do que vem aí. Nem sabemos se no futuro o ser humano terá alguma coisa a ver com o atual, ou se não será outra coisa que deva passar a chamar-se de forma diferente.

“O MUNDO DE SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2003 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

O maravilhoso da espécie humana é que ela se fez a si mesma, inventou tudo.

“EN LA IZQUIERDA HAY UN DESIERTO DE IDEAS”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 16 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A ALEJANDRO TOLEDO].

A pergunta “quem é tu?” ou “quem sou eu?” tem uma resposta muito fácil: você conta a sua vida. A pergunta que não tem resposta é outra: “que sou eu?”. Não “quem”, mas “que”. Quem se fizer essa pergunta deparar-se-á com uma página em branco, e não será capaz de escrever uma só palavra. “EN LA IZQUIERDA HAY UN DESIERTO DE IDEAS”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 16 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A ALEJANDRO TOLEDO].

Há uma solidão ontológica — o ser está aí — que nos diz que somos ilhas, talvez num arquipélago, mas ilhas de todo modo. Nas ilhas de um arquipélago podem-se estabelecer comunicação, fontes, correios, mas a ilha está ali, diante de outra ilha. Talvez a comparação seja fácil, banal. As pessoas vivem essa solidão sem se dar conta, ou dando-se conta dela de vez em quando.

“YO NO HE ROTO CON CUBA”, *REBELIÓN*, HAVANA, 12 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Somos muito mais filhos do tempo em que nascemos e vivemos do que do lugar em que nascemos.

“YO NO HE ROTO CON CUBA”, *REBELIÓN*, HAVANA, 12 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

A prioridade absoluta tem de ser o ser humano. Acima dessa não reconheço nenhuma outra prioridade. Pareceria idealista, mas sem isso o que pode me importar o universo?

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NO EXISTE ESQUE LLAMAMOS DEMOCRACIA’”, *LA REPÚBLICA*, MONTEVIDÉU, 26 DE OUTUBRO DE 2003 (PUBLICADO INICIALMENTE EM *JUVENTUD REBELDE*, *CUBARTE* E *LA JORNADA*) [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Se não houver uma revolução de consciências, se as pessoas não gritarem: “Não aceito ser apenas aquilo que querem fazer de mim”, ou não recusarem ser um elemento de uma massa que se move sem consciência de si própria, a Humanidade estará perdida. Não se trata de regressar ao individualismo, mas há que reencontrar o indivíduo. Esse, o nosso grande obstáculo: reencontrar o indivíduo num tempo em que se pretende que ele seja menos do que poderia ser.

“A DEMOCRACIA OCIDENTAL ESTÁ FERIDA DE MORTE”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A ANA MARQUES GASTÃO].

Os homens trazem dentro de si a crueldade. Não devemos nos esquecer disso, devemos vigiá-lo, é preciso defender a possibilidade de criar e manter esse espaço de consciência, de lucidez. Essa é a nossa pequenina esperança.

“JOSÉ SARAMAGO: CRÍTICA DE LA RAZÓN IMPURA”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 12 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A FLAVIA COSTA].

Ler e imaginar são duas das três portas principais — a curiosidade é a terceira — por onde se tem acesso ao conhecimento das coisas. Sem antes ter aberto de par em par as portas da imaginação, da curiosidade e da leitura — não esqueçamos que quem diz leitura diz estudo —, não se vai muito longe na compreensão do mundo e de si mesmo.

“EL CONCEPTO DE UTOPIA HA HECHO MÁS DAÑO QUE BIEN”, *LA PRENSA GRÁFICA*, SAN SALVADOR, 12 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A ÉLMER L. MENJÍVAR].

Voltar à política não é, em si, uma recomendação. Trata-se de ir ao espírito. Se não passarmos todos os assuntos pelo espírito, não há nenhuma garantia de que as mudanças passem por nós.

“JOSÉ SARAMAGO: CUBA IRRADIA SOLIDARIDAD”, *JUVENTUD REBELDE*, HAVANA, 19 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Agora, no mundo do inteligível, do que se pode entender, compreender, somos os únicos que podemos ter uma noção do universo, uma noção da vida. Não há outros. A abelha não pode, o mosquito não pode, o chagal não pode. Ninguém pode, a não ser nós, e nesse sentido, sim, somos o centro [de todas as coisas], mas é um centro que tem de ser responsável por si mesmo e responsável pelos demais.

“JOSÉ SARAMAGO: CUBA IRRADIA SOLIDARIDAD”, *JUVENTUD REBELDE*, HAVANA, 19 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Nem todos os lugares em que o homem vive são sempre humanos. A função dos que têm a responsabilidade do governo e também dos artistas consiste na obrigação de fazer o mundo cada dia mais humano. Por viver em comunidade, nossa missão, que não é histórica nem muito menos divina, consiste em construir humanidade. Isso tem de ser uma preocupação diária, para que a queda de todos os dias se detenha.

“EL PASO DEL GRAN PESIMISTA”, *SEMANARIO UNIVERSIDAD*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 30 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A VINICIO CHACÓN].

Do ponto de vista empresarial, não fazem falta as humanidades. A pergunta fundamental das humanidades é o que é o ser humano, enquanto, para os círculos empresariais e tecnocráticos que se ocupam da utilidade imediata, [a pergunta] é para que servem os seres humanos.

“EL PASO DEL GRAN PESIMISTA”, *SEMENARIO UNIVERSIDAD*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 30 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A VINICIO CHACÓN].

O universo não tem notícia da nossa existência.

“PROVAVELMENTE JÁ CHEGOU O DIA EM QUE NÃO TEREI NADA MAIS A DIZER”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *MIL FOLHAS*), LISBOA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

Nós, os seres humanos, matamos mais que a morte.

“LOS SERES HUMANOS MATAN MÁS QUE LA MUERTE”, AFIRMA SARAMAGO”, *EL PAÍS*, MADRI, 12 DE JANEIRO DE 2006 [REPORTAGEM DE SANTIAGO BELAUSTEGUIGOITIA].

Muita gente me diz que sou pessimista; mas não é verdade, o mundo é que é péssimo. O ser humano se limita, na atualidade, a “ter” coisas, mas a humanidade se esqueceu de “ser”. Esta última coisa dá muito trabalho: pensar, duvidar, perguntar-se sobre si mesmo...

“NO SOY PESIMISTA, ES EL MUNDO EL QUE ES PÉSIMO”, *EL DIARIO MONTAÑÉS*, SANTANDER, 11 DE JULHO DE 2006 [ENTREVISTA A GONZALO SELLERS].

A humanidade nunca foi educada para a paz, mas sim para a guerra e o conflito. O “outro” é sempre potencialmente o inimigo. Estamos a milhares e milhares de anos nisso.

“SIEMPRE HEMOS SIDO EDUCADOS PARA LA GUERRA, NUNCA PAR LA PAZ”, *EL DIARIO VASCO*, SAN SEBASTIÁN, 3 DE OUTUBRO DE 2006 [NOTA DE JORGE SAINZ].

Talvez sejamos os últimos da espécie. Nossa civilização está terminando.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NUESTRA CIVILIZACIÓN SE ESTÁ TERMINANDO’”, *EL IMPARCIAL*, MADRI, 26 DE OUTUBRO DE 2006.

Perdemos a capacidade de nos indignar. Do contrário, o mundo não estaria como está.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NUESTRA CIVILIZACIÓN SE ESTÁ TERMINANDO’”, *EL IMPARCIAL*, MADRI, 26 DE OUTUBRO DE 2006.

Não merecemos muito respeito como espécie.

“SARAMAGO: ‘LA NAVIDAD ES UNA BURBUJA CONSUMISTA QUE NOS AÍSLA DEL APOCALIPSIS’”, AGENCIA EFE, MADRI, 25 DE DEZEMBRO DE 2006.

Hoje em dia, o ser humano é a mais dispensável de todas as coisas. Que pensem nisso os que atormentam nossos ouvidos com hipócritas pregações sobre a eminente dignidade do ser humano.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Os homens e as mulheres ontem, os judeus e os palestinos hoje: fico pasmo com a incapacidade de os seres humanos viverem juntos no respeito mútuo. Como se o outro devesse necessariamente ser um inimigo. O outro é simplesmente o outro. O outro é como eu. Ele tem o direito de dizer “eu”. Nós, homens brancos, civilizados e ricos, não aceitamos que o outro diga *eu*.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘IL FAUDRAIT RÉFORMER LA DÉMOCRATIE’”, *L’ORIENT LE JOUR*, BEIRUTE, 2 DE AGOSTO DE 2007 [ENTREVISTA A LUCIE GEFFROY].

Todo homem tem seu pedaço de terra para cultivar. O importante é que cave fundo.

“THE UNEXPECTED FANTASIST”, *THE NEW YORK TIMES*, NOVA YORK, 26 DE AGOSTO DE 2007 [REPORTAGEM DE FERNANDA EBERSTADT].

Nós vivemos num tempo que se caracteriza pela irracionalidade dos comportamentos gerais, e pôr aqui um pouco de senso comum, no sentido de que, acima de tudo, o que há que proteger é a vida [...] é quase impossível... E mais, se esse ser humano enfrenta outro ser humano porque crê num outro deus, ou porque, ao ter uma outra tradição, vê o outro como um inimigo... A partir do momento em que vemos o próximo como inimigo, a guerra está declarada. A intolerância não é uma tendência, é uma brutal realidade.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

O ser humano é um animal doente porque não é capaz de reconhecer, ou de inventar, o seu lugar na natureza e na sociedade.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Acho que na sociedade atual falta-nos filosofia. Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objetivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objetivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, não vamos a parte nenhuma.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Todos nós damos vontade de rir. Somos uns pobres-diabos. Usando um termo grosseiro: muita cagança, muita cagança e para quê? Somos pequeníssimos. Não é que uma pessoa tenha que aceitar a sua pequenez, mas parece-me bastante triste a vaidade, a presunção, o orgulho, tudo isso com que pretendemos ou queremos mostrar que somos mais do que efetivamente somos. Não será caricato ou ridículo, mas bastante triste.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

A amnésia é ruim para as pessoas e também para as sociedades. Temos de saber quem somos para viver com consciência de estar vivos. Continuamos perguntando e procurando.

“GARZÓN HIZO LO QUE DEBÍA”, *PÚBLICO*, MADRI, 20 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PEIO H. RIAÑO].

A história da humanidade é um desastre contínuo. Nunca houve nada que se parecesse com um momento de paz. Se ainda fosse só a guerra, em que as pessoas se enfrentam ou são obrigadas a se enfrentar... Mas não é só isso. Esta raiva que no fundo há em mim, uma espécie de raiva às vezes incontida, é porque nós não merecemos a vida. Não se percebeu ainda que o instinto serve melhor aos animais do que a razão serve ao homem. O

animal, para se alimentar, tem que matar outro animal. Mas nós não, nós matamos por prazer, por gosto.

“A HUMANIDADE NÃO MERECE A VIDA”, *FOLHA DE S.PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE NOVEMBRO DE 2008.

O fracasso do capitalismo financeiro, hoje tão óbvio, deveria nos ajudar a defender a dignidade humana acima de tudo.

“SARAMAGO: ‘OBAMA NUNCA OLVIDARÁ LO QUE HAN SUFRIDO LOS SUYOS’”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 10 DE DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A XAVI AYÉN].

O mundo não é bom — ele não tem a responsabilidade, pobre mundo, nós é que não somos bons. O ser humano se comporta como um animal doente de superstições, de rotinas, preconceitos, dos quais parece que não somos capazes de nos libertar.

“SARAMAGO: ‘EL SER HUMANO ACTÚA COMO UN ANIMAL ENFERMO’”, *LA OPINIÓN DE GRANADA*, GRANADA, 12 DE MARÇO DE 2009 [ENTREVISTA A DANI R. MOYA].

Antigamente eu defendia uma tese, a que regresso de vez em quando, que defende a ideia de que o homem quando descobriu que era inteligente não aguentou o choque e enlouqueceu.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

A grande maravilha do ser humano é exatamente essa, fez-se a si próprio.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Nós somos o que somos mas também somos aquilo que fazemos.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

LANZAROTE

Saramago viajou pela primeira vez às Canárias — mais precisamente, a Tenerife — em 1986, com o propósito de dar uma palestra. Cinco anos depois, dia 1º de maio, visita Lanzarote após passar pela Grande Canária e por Tenerife, onde havia sido convidado a falar de literatura. Em dezembro, volta à ilha dos vulcões, onde residem parentes da sua mulher, Pilar del Río, para passar o Natal. Em consequência da censura ao Prêmio Literário Europeu que sofre O Evangelho segundo Jesus Cristo, em abril de 1992, por parte do subsecretário de Estado de Cultura do governo português, o escritor transfere sua residência para Lanzarote — no município de Tías — em fevereiro de 1993. Instalado na ilha, onde Pilar e José constroem sua casa de frente para o mar — terminada em 2007, com uma biblioteca anexa —, iria frequentemente a Lisboa.

Saramago logo se acomoda à paisagem árida e vulcânica de Lanzarote, onde encontra sossego. Faz caminhadas pisando a cinza dos vulcões, cujos cumes explora, ao mesmo tempo que desafia a pertinácia dos alísios atlânticos. Longe de seu país e dos centros urbanos da cultura, das suas intrigas e cerimônias sociais, exprime a tranquilidade que lhe oferece Lanzarote, as virtudes do retiro, nos breves parênteses que surgem em meio à sua agitada vida viajante pelo mundo. Escreve com intensidade enquanto se envolve discreta e generosamente nos debates locais sobre a necessidade de controlar o crescimento turístico e de conservar os frágeis equilíbrios ambientais, solidariza-se com os imigrantes reclamando um trato humano e

solidário ou censura as más práticas da lamentável política local, quando julga necessário.

Em julho de 1994, ingressaria no Patronato de Honra da Fundação César Manrique e, em dezembro de 1997, o Cabildo Insular o nomeou Filho Adotivo, em reconhecimento tanto à sua personalidade cultural quanto à sua contribuição para difundir o nome de Lanzarote no mundo. Dois anos depois, seguiria esse exemplo seu município de residência — Tías —, reconhecendo a importância de sua contribuição literária, além da sua proximidade e integração cidadã. Por sua vez, a Universidade de Las Palmas, da Grande Canária, lhe concede, também em 1999, o título de Doutor Honoris Causa, enquanto, em 2000, o governo autônomo lhe outorga a Medalha de Ouro das Canárias. Sempre grato pela acolhida que lhe foi dispensada em Lanzarote, não deixaria de manifestar seu parecer sobre questões diversas concernentes ao arquipélago. Deu aos diários que escreveu entre 1993 e 1997 — publicados entre 1994 e 1998 —, Cadernos de Lanzarote, o nome de seu lugar de residência, a ilha da qual diria: “Lanzarote não é minha terra, mas já é terra minha”, onde morreu, às 12h20, em sua residência, no dia 18 de junho de 2010, com 87 anos de idade.

Nos últimos dois anos passei largas temporadas nas Canárias. O silêncio é maior. Estou menos tenso, mais relaxado. A ideia de ter essa casa diante do mar à minha espera é muito boa. Teremos 180 graus de mar adiante e 180 graus de montanha atrás. Posso ver o céu inteiro, e não apenas fatias. “JOSÉ SARAMAGO: UM ATEU PREOCUPADO COM DEUS”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JUNHO DE 1993 [ENTREVISTA A SANDRA COHEN].

Falta aqui [nas Ilhas Canárias] um olhar dirigido para fora, uma visão ampla, generosa, que pudesse levar as Canárias a exercer um papel cultural importante e influente.

“O PODER PODE DORMIR DESCANSADO”, *CAMBIO 16*, LISBOA, 9 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

Digamos, para não dramatizar as coisas, que Lanzarote apareceu quando eu mais precisava de um lugar assim.

“O PODER PODE DORMIR DESCANSADO”, *CAMBIO 16*, LISBOA, 9 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

Em Lanzarote, tenho tranquilidade para viver e para escrever, o equilíbrio entre trabalho e descanso.

“SARAMAGO: ‘LANZAROTE ES COMO SI FUERA EL PRINCIPIO Y EL FIN DEL MUNDO’”, *LA GACETA DE CANARIAS*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 13 DE OUTUBRO DE 1993 [ENTREVISTA A J. F.].

Lanzarote é como se fosse o início e o fim do mundo.

“SARAMAGO: ‘LANZAROTE ES COMO SI FUERA EL PRINCIPIO Y EL FIN DEL MUNDO’”, *LA GACETA DE CANARIAS*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 13 DE OUTUBRO DE 1993 [ENTREVISTA A J. F.].

Penso que o primeiro problema das Canárias, e perdoem que seja a opinião de um estrangeiro, é a relação entre as ilhas. Isto é, parece-me que as ilhas não se conhecem umas às outras. Por um lado, é um arquipélago, uma realidade física real e concreta; mas, por outro, essa unidade necessita de uma comunicação para adotar uma postura no mundo, um modo de estar. Parece-me então que acontece o contrário: Fuerteventura é Fuerteventura, e nada mais... Onde está a cabeça das Canárias? Onde estão as cabeças das Canárias?

“SARAMAGO: ‘LA CAPITALIDAD CULTURAL EUROPEA ES CONSUMISMO; ES COMO IR AL HIPERMERCADO’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 3 DE MARÇO DE 1994

[ENTREVISTA A JAVIER DURÁN].

Viver em Lanzarote é, afinal, viver num bairro de uma grande ilha que é o pequeno mundo em que todos vivemos.

BAPTISTA-BASTOS, *JOSÉ SARAMAGO: APROXIMAÇÃO A UM RETRATO*, LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1996.

Lanzarote não é minha terra, mas já é terra minha.

“SARAMAGO DESTACÓ LA BELLEZA DE *CUADERNOS DE LANZAROTE*”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 731, 25 DE JULHO DE 1997.

Os turistas são necessários para Lanzarote. Mas os turistas são como as abelhas. É preciso cuidar deles, tratá-los bem, porque eles vêm deixar o mel, mas também é preciso tomar cuidado e se defender das abelhas porque elas podem fazer mal. Quero dizer que Lanzarote tem de começar a marcar limites de crescimento porque, caso contrário, pode-se acabar com ela. É preciso fazer aos lanzarotenses a simples pergunta de o que é que eles querem. Querem manter a ilha que todo o mundo admira ou querem mudá-la e fazer outra, turística, tipo Torremolinos? O que devemos saber é que tudo o que se fizer de errado em Lanzarote terá consequências a longo prazo, cujo custo nem podemos imaginar agora.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘QUIERO DARLE A LANZAROTE LO QUE ELLA ME PIDA’”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 752, 19 DE DEZEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A JORGE COLL].

Eu não quero me impor a Lanzarote, mas estou disposto a dar a Lanzarote o que ela pensa que posso lhe dar.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘QUIERO DARLE A LANZAROTE LO QUE ELLA ME PIDA’”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 752, 19 DE DEZEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A JORGE COLL].

Não creio que haja um nacionalismo canário, neste momento, como tal. Creio que haverá condições para se criar quando acabarem os conflitos entre as ilhas. Melhor dizendo, quando se acabar, para dizê-lo de alguma maneira, a indiferença de uma ilha por outra. Isso sim me chamou a atenção, sobretudo quando se podem buscar, para os problemas que têm as ilhas e que, em geral, são todos muito parecidos, soluções globais. No fundo, o que me parece, e talvez eu me engane e peço desculpas, é que cada

ilha vive como se as outras não existissem. Cada ilha vive muito encerrada em suas coisas.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘QUIERO DARLE A LANZAROTE LO QUE ELLA ME PIDA’”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 752, 19 DE DEZEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A JORGE COLL].

Me explicaram em várias ocasiões [que sugeriram o artista lanzarotense César Manrique para o título de Filho Predileto da ilha em três oportunidades, porque nas duas primeiras sua candidatura foi recusada] e continuo sem entender. Só entendo porque sei que, às vezes, as paixões cegam, e as paixões políticas são a própria cegueira. Custa-me muito entender isso de um homem que só por sua obra como pintor mereceria o galardão, e custa-me mais ainda quando ele foi negado a um homem que deu a Lanzarote a fisionomia que a ilha necessitava. Oxalá Lanzarote, ou os políticos que em cada momento tiverem a responsabilidade da vida pública, nunca esqueçam dessa ofensa. Espero que nunca em Lanzarote se cometa um ato de ingratidão tão grande quanto o que se cometeu com Manrique. Acho que, quando o humilharam duas vezes consecutivas, ele deve ter se perguntado o que fazia nesta ilha. À pessoa que inventou grande parte da Lanzarote que hoje se conhece internacionalmente, se negou esse galardão de maneira incrível em duas ocasiões. Parece-me simplesmente incrível.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘QUIERO DARLE A LANZAROTE LO QUE ELLA ME PIDA’”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 752, 19 DE DEZEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A JORGE COLL].

Na ilha onde vivo, em Lanzarote, que é vulcânica, gosto muito de subir os vulcões, as montanhas. Perto da minha casa, fica o que chamam de Montanha Branca, apesar de não ser branca e é relativo que seja uma montanha, porque tem seiscentos metros. Faz algum tempo, subi até o alto, não há estrada nem caminho nem trilha. Quando cheguei tinha toda a ilha diante de mim. Enquanto não voltar a subir a Montanha Branca, gostaria, depois de atravessar todas essas rochas [as do sonho], de recuperar o momento em que cheguei lá em cima e tinha toda aquela paisagem diante dos meus olhos.

“EL SUEÑO DE LAS OLAS DE PIEDRA”, *UNO*, MENDOZA, 13 DE SETEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JAIME CORREAS].

Lanzarote é a minha jangada de pedra.

“LANZAROTE ES MI Balsa DE PIEDRA”, *CANARIAS 7*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 13 DE OUTUBRO DE 1998 [CORRESPONDÊNCIA DE ESPERANZA PAMPLONA].

Não é que eu tenha uma dívida para com a Espanha. Sinto que meu país aumentou, cresceu e agora ocupa a península inteira com este bairro da Europa que são as Canárias.

“LANZAROTE ES MI Balsa DE PIEDRA”, *CANARIAS 7*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 13 DE OUTUBRO DE 1998 [CORRESPONDÊNCIA DE ESPERANZA PAMPLONA].

Talvez o fato de viver em Lanzarote tenha influenciado no estilo da minha escrita, que se tornou mais austero, disciplinado e, por isso, talvez mais profundo. É como se, ao simplificar a escrita, eu me permitisse avançar mais adentro. É claro que a ilha que Pilar e eu escolhemos para viver tem responsabilidade em tudo isso.

“JOSÉ SARAMAGO DICE QUE LANZAROTE HA HECHO QUE SU ESTILO SEA ‘MÁS HONDO Y DISCIPLINADO’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 13 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE ARÁNZAZU FERNÁNDEZ].

O futuro imediato e não só — a seguir ao imediato — é Lanzarote, onde eu sou muito querido. Eu podia estar a viver num lugar que fosse indiferente, em vários pontos da Terra, por algum motivo, a viver temporariamente. Neste caso não é assim. Nós [Saramago e a mulher, Pilar del Río] fizemos uma casa, a casa está ali, temos um jardim, temos árvores, temos uma vida feliz, uma vida tranquila, não podemos desejar nada melhor. Os amigos que vão a Lanzarote ficam encantados. Não é uma ilha para todos os gostos, há pessoas que chegam e não gostam, acham que a ilha é insuportável, que é árida, seca, que são só pedras, montanhas, vulcões, campos de lava... Quem vai à espera de árvores, de passarinhos a cantar e de regatinhos circulando por entre a erva, não encontra. Tem é uma beleza de outra natureza, uma beleza áspera, dura... aqueles basaltos, aqueles barrancos... Às vezes tenho pensando que se eu tivesse procurado uma paisagem que correspondesse a uma necessidade interior minha, creio que essa paisagem é Lanzarote.

“A MINHA CASA É LANZAROTE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 14 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A ALEXANDRA LUCAS COELHO].

Se estou aqui [em Lanzarote], isso se deve a uma decisão absurda, estúpida do governo [português] de então [chefiado pelo ex-primeiro-ministro António Cavaco Silva], em 1992, quando um subsecretário [António Sousa Lara] de Estado da Cultura — imagine, da Cultura... — decidiu que um livro meu, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, não podia ser presenteado como candidato ao Prêmio Literário Europeu, porque, segundo ele, ofendia as crenças religiosas do povo português. Fiquei bastante desgostoso, indignado — e foi nessa altura que a minha mulher me disse: “Por que nós não fazemos uma casa em Lanzarote?”.

“JOSÉ SARAMAGO”, *PLAYBOY*, SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A HUMBERTO WERNECK].

Numa manifestação racista em Las Palmas, houve uma palavra de ordem miserável, como as outras que gritaram: “Saramago, vá embora daqui”. E em Lanzarote choveram insultos sobre mim [por defender publicamente a imigração]. Mas não vou dar a eles esse gosto. Amo esta terra como minha aldeia natal e a defenderei contra os que tentam fazer dela um lugar de exclusão e exploração dos que vêm aqui buscando um prato de comida.

“SOY UN GRITO DE DOLOR E INDIGNACIÓN”, *ABC* (SUPLEMENTO *EL SEMANAL*), MADRI, 7-13 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

O mais estranho é que um povo como o canário, que teve de emigrar aos milhares para não passar fome, agora rechace os famintos que chegam à sua terra. E tem uma coisa pior que não querer os emigrantes: dizer que os querem e depois explorá-los. Mas aos que me atacam não darei a satisfação de ir embora de Lanzarote. Sou filho adotivo de Lanzarote, e isso implica uma responsabilidade que eu assumo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Se vocês perderem o espírito de César Manrique, esta ilha acabará. Ninguém amou tanto esta ilha quanto ele. O que eu quero não é que ponham uma estátua no centro de Lanzarote, mas que o tenham presente na cabeça de vocês. Vocês têm uma bela ilha e é um dever de vocês defendê-la de tudo e de todos, porque já causaram a ela muito dano. Vocês têm de fazer o possível para que a segunda morte de César, a espiritual, não se produza.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LANZAROTE SE ACABARÁ SI SE PIERDE EL ESPÍRITU DE CÉSAR MANRIQUE’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 3 DE FEVEREIRO DE 2007 [REPORTAGEM DE GREGORIO CABRERA].

Meu lugar preferido [em Lanzarote]? Uns campos de lava entre Yaiza e Timanfaya. O silêncio, o vento, rodeado pela escuridão dos materiais, da pedra. A sombra de uma nuvem passando sobre a montanha. Não fui muitas vezes lá, porque é melhor assim: por repetição deixamos de ver o que antes nos parecia maravilhoso.

“ESCRITORES EN DEFENSA DEL LITORAL”, *EL PAÍS*, MADRI, 21 DE ABRIL DE 2007 [REPORTAGEM DE ELENA SEVILLANO].

Em relação a Lanzarote, há que dizer que gosto de viver aqui. Foi, como se sabe, uma casualidade, mas praticamente desde o primeiro dia que aqui cheguei que fiz amigos. A ilha é um lugar tranquilo, já chegou aqui alguma agitação dos meios urbanos mas mesmo assim ainda é muitíssimo limitada. E não há, quer dizer, não temos aqui nada do que incomoda as pessoas que vivem em cidades grandes, poluição, ruído e outras coisas mais. Já me nomearam filho adotivo da ilha [...] enfim sou bem acolhido e as pessoas estimam-me sem demonstrações, passo na rua como qualquer outra pessoa. Evidentemente, estou integrado.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

MORTE

“As coisas são como são”, concluía Saramago, com asséptica frieza, referindo-se à morte: “não vale a pena dramatizar”, “os fatos são os fatos”. Em linha com seu materialismo, assimilava o horizonte final ao nada, consequência lógica, em última instância, da vida: extinguir-se, desaparecer, um desenlace que organiza a existência, sem o qual qualquer possibilidade de construir a ordem social humana fracassaria, como tentou demonstrar, com rigor cartesiano, em As intermitências da morte. A tese se colocava explicitamente: para viver, é imprescindível morrer, a eternidade instauraria um caos inviável. Apresentava, assim, a morte a serviço da vida, vazia de qualquer transcendência ou redenção. “Nada nem ninguém pode vencer a morte. Ela é a vencedora de todas as batalhas”, manifestaria, relativizando o brilho da vaidade, sabedor de que, na perspectiva da nossa inexorável mortalidade, tudo é pouco e insignificante.

Acostumado a declarar que o desaparecimento não o assustava, com uma naturalidade que desarma por seu senso comum desconcertante e nu, sentenciava: “O pior que a morte tem é que antes estavas e agora não estás”. E nessa constatação, estar adquire a maior densidade possível, salienta de forma elementar o resplendor da vida. Com essas palavras ásperas, atualizava, despojada de melancolia, uma recordada e simples confissão da sua avó Josefa: “O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer”.

No entanto, incomodava à vitalidade do escritor a inexistência no sentido estrito de desligamento do mundo, sem acrescentar qualquer outra

consideração emocional: estrita, inevitável extinção da matéria. Talvez por isso em dado momento tenha concebido a escrita como uma forma de exprimir e dar corpo ao vão desejo de não morrer. No entanto, seu onipresente ceticismo, tal como seu musculoso racionalismo, põe limites ao curso desse pensamento esperançoso, porque, como reconhecia, “a vida sempre acaba mal”, vendo-se obrigada a se negar para se sustentar, escurecendo paradoxalmente sua candeia existencial para iluminar o instinto da sobrevivência próprio da espécie: condenação e brilho.

Finalmente, disposto sempre a relativizar e a desdramatizar, com seu costumeiro senso prático, advertia: “Enquanto não tem nome, não há que se preocupar, porque [a morte] ainda é abstrata”. Na encarnação da nossa identidade suprema — eu —, pulveriza-nos então a Parca, levando consigo todas e cada uma das nossas palavras, salvo, talvez, a palavra do livro, a palavra da memória.

Sim, sim, sim, as pedras aparecem constantemente nos meus livros. Se há qualquer coisa que me irrita profundamente em relação a ter de morrer um dia, é que vou daqui sem perceber nada disto. [...] esta terra pequena que é a nossa terra, a outra maior, o continente, o globo.

“DEUS QUIS ESTE LIVRO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

Eu, aos dezessete anos, passei por uma crise tremenda, quando tive pela primeira vez a consciência claríssima da morte. Era uma coisa impressionante para mim. Eu ia pela rua e parava porque não conseguia continuar andando. Era uma espécie de raio que caía em cima de mim, mas foi uma crise como outra, e passou.

“EN BUSCA DE UN NOMBRE”, *LA JORNADA* (SUPLEMENTO *LA JORNADA SEMANAL*), CIDADE DO MÉXICO, 8 DE MARÇO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Eu não estaria tão seguro de que a vida se eleva acima da morte. Quase diria que são irmãs, que aonde uma vai a outra acompanha e que não há mais remédio. Nós estamos morrendo em cada momento, começamos a morrer quando nascemos e vamos nessa direção fatalmente. Algumas células do nosso corpo se regeneram, outras são substituídas, mas outras morrem e, portanto, somos um corpo vivo onde esteve a morte. Nós transportamos nossa própria morte. E é preciso ter isso claro. A morte não é a inimiga que chega, na qual nós não estávamos pensando, e ficamos surpresos e perguntamos: como é que a senhora aparece aqui? Não, não, não temos por que nos surpreender. Ela está aí, ao nosso lado e temos de viver com ela.

“EN BUSCA DE UN NOMBRE”, *LA JORNADA* (SUPLEMENTO *LA JORNADA SEMANAL*), CIDADE DO MÉXICO, 8 DE MARÇO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

O problema é este: morremos e então nos perguntamos — e aí? Morro e o que acontece depois? Alguns de nós sabe que não acontece nada, e ponto final. Acabou. Digo que a essência humana é um intermédio entre o nada e o nada. O nada, porque antes de nascer, o que havia antes era o nada, depois também é o nada. Para nós, do ponto de vista do ser, é o nada. Mas outros não pensam assim, pensam que tem de haver algo, algo que chamam de

Deus. Fora da cabeça humana não há nem bem, nem mal, nem ideal, nem Deus. Não há nada. Tudo isso está dentro da nossa cabeça.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

Nossa única defesa contra a morte é o amor.

“SARAMAGO: ‘NUESTRA ÚNICA DEFENSA CONTRA LA MUERTE ES EL AMOR’”, *EL MUNDO.ES*, MADRI, 23 DE OUTUBRO DE 2005.

É claro que nós precisamos da morte, a vida precisa da morte.

“A VIDA PRECISA DA MORTE”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 29 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A CRISTINA ZARUR].

Não digo que morrer seja melhor que viver, mas simplesmente deveríamos ter outro olhar em relação à morte, aceitá-la como uma consequência lógica da vida. Ao final, percebemos uma certeza muito simples: sem a morte, não podemos viver. Sua ausência significa o caos. É o pior que pode acontecer a uma sociedade.

“TODOS OS MALEFÍCIOS DA UTOPIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

No caso da morte já sabemos que é um momento difícil quando chega a hora. Difícil para quem morre e para quem continua a viver mas sofre a dor e a perda de um ser querido. Tudo isso nós sabemos. Mas pode-se olhar para isso de uma maneira irônica, como quem diz “pois se as coisas são assim, tentemos rir disto da forma que é possível”.

“A VIDA PRECISA DA MORTE”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 29 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A CRISTINA ZARUR].

A morte é um grande negócio, nem sempre limpo.

“LA RELIGIÓN SE ALIMENTA DE LA MUERTE”, *EL PAÍS*, MADRI, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A MIGUEL MORA].

Se a morte desaparecesse de repente, se a morte deixasse de matar, muita gente entraria em pânico: funerárias, seguradoras, asilos de velhos... Isso sem falar do Estado, que não saberia como pagar as aposentadorias.

“LA RELIGIÓN SE ALIMENTA DE LA MUERTE”, *EL PAÍS*, MADRI, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A MIGUEL MORA].

Sabe-se que da morte não se pode rir muito, porque ela é que acaba rindo de nós. É melhor pensar que a morte não é uma entidade nem uma dama que está aí fora a nos esperar, mas que está dentro de nós, que cada um traz dentro de si e, quando o corpo e ela se põem de acordo, acabou-se.

“LA RELIGIÓN SE ALIMENTA DE LA MUERTE”, *EL PAÍS*, MADRI, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A MIGUEL MORA].

Sei que, quando minha hora chegar, entrarei no nada, me dissolverei em átomos. Pronto. E, um dia, tudo terminará: a Terra, a galáxia, o sistema solar... E não haverá nenhum deus que nos diga: “Mas onde estão todos aqueles seres que eu havia criado com tanto amor?”. Destinamos tempo de mais a conjecturar o que há além da vida, e tempo de menos a nos indagar sobre o que está acontecendo na vida mesma.

“¿Y SI NADIE SE MURIERA?”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [CORRESPONDÊNCIA DE XAVI AYÉN].

Viver eternamente nunca podia ser uma coisa boa.

“PROVAVELMENTE JÁ CHEGOU O DIA EM QUE NÃO TEREI NADA MAIS A DIZER”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *MIL FOLHAS*), LISBOA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

A finitude é o destino de tudo. O Sol, um dia, apaga-se.

“PROVAVELMENTE JÁ CHEGOU O DIA EM QUE NÃO TEREI NADA MAIS A DIZER”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *MIL FOLHAS*), LISBOA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

Podemos usar a cirurgia estética e cosmética, mas a velhice e a morte só podemos adiar. E no fundo, a morte, nós a aceleramos um pouco: quando internamos nossos velhos num asilo e os escondemos da nossa vista. O fim deles começa aí, nessa invisibilidade.

“LA MORTE SI FA BELLA CON JOSÉ SARAMAGO”, *L'UNITÀ*, ROMA, 15 DE NOVEMBRO DE 2005 [REPORTAGEM DE MARIA SERENA PALIERI].

A morte não é uma entidade externa a nós. É invisível mas está sempre conosco. É pessoal e intransferível. Minha morte nasceu comigo e quando me matar morrerá comigo.

“LA MORTE SI FA BELLA CON JOSÉ SARAMAGO”, *L'UNITÀ*, ROMA, 15 DE NOVEMBRO DE 2005 [REPORTAGEM DE MARIA SERENA PALIERI].

A morte não é uma entidade, a morte não é “alguém”. Aquilo a que nós chamamos morte é algo de impalpável, de indefinível, que habita, desde que nascemos, dentro de cada um de nós. Talvez preferíssemos um sinal, um esqueleto envolto num lençol. Reconhecê-la-íamos e isso seria tranquilizador. Talvez. Mas não passaria de uma representação. No limite, é algo que mata, e quando chega o momento ela manifesta-se e a gente sai de cena.

“SERIAMENTE DIVERTIDO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 19 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A LUÍSA MELLID-FRANCO].

Gostaria de morrer estando plenamente consciente. Acho uma sujeira morrer quando se está dormindo. Isso não se faz com um ser humano. Gostaria de morrer estando consciente de que estou morrendo e olhando as pessoas de quem gosto.

“SARAMAGO AFIRMA QUE ‘HAY QUE VIVIR A LA CONTRA’ AL INAUGURAR LA FERIA DEL LIBRO DE SEVILLA”, *EL PAÍS*, MADRI [EDIÇÃO DE ANDALUZIA], 13 DE MAIO DE 2006 [CORRESPONDÊNCIA DE ALBERTO BELAUSTEGUIGOITIA].

O pior que poderia acontecer com o homem seria não morrer, porque uma vida eterna se transformaria numa velhice eterna. É necessário imaginar como viveríamos cem, mil ou 1 milhão de anos num corpo humano envelhecido. Se quisermos continuar vivendo, é preciso morrer.

“NO SOY PESIMISTA, ES EL MUNDO EL QUE ES PÉSIMO”, *EL DIARIO MONTAÑÉS*, SANTANDER, 11 DE JULHO DE 2006 [ENTREVISTA A GONZALO SELLERS].

Não sei como será a morte. Quando penso que tenho, evidentemente, a idade que tenho e que não vou viver mais 84 anos, o que mais me afeta é pensar que não estarei mais. Não é o fato em si mesmo de morrer, o acabou-se. É saber que eu não vou estar. E esse “não vou estar” significa que não vou estar aqui. Que não vou estar em lugar nenhum onde ela estiver [Pilar del Río]. Isso, isso sim me afeta...

“EN EL CORAZÓN DE SARAMAGO”, *ELLE*, MADRI, N. 264, MARÇO DE 2007 [ENTREVISTA A GEMA VEIGA].

[Durante a hospitalização em fins de 2007 e começo de 2008], pensei que estava realmente mau, num estado deplorável, porém tinha muita confiança em meus médicos, nos que cuidaram de mim. Mas, no fim, em

minhas horas de solidão, que no fundo eram quase todas, embora Pilar estivesse sempre a meu lado, admiti como uma coisa bastante natural que não saísse daquilo. Ou, pior, que saísse para ir para o outro lado... Pois bem, o que para mim foi surpreendente foi a serenidade, a tranquilidade com que aceitei sem medo e sem angústias a hipótese de não sobreviver à doença. E essa serenidade e essa tranquilidade não é que me reconciliaram com a ideia da morte, porque a gente não tem de se reconciliar com a ideia da morte, mas me ajudaram a encarar esse fato como uma coisa natural. E, além disso, inelutável, não podia fazer nada contra ela. Tu podes te armar com a força que encontrar em ti para não ceder ao pânico, ao medo, à angústia de um possível final, e que além do mais tu já o estejas vivendo... “JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘NO HE RESUCITADO, HE REGRESADO’”, *EL PAÍS*, MADRI, 24 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A JUAN CRUZ].

Sabemos que a morte é uma chatice, claro, e no caso dos escritores é uma dupla chatice. O escritor morre e a sua obra, geralmente, entra numa espécie de nuvem negra.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

O amor pode muita coisa, mas não pode nada diante a morte.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘VOLTEI COM NATURALIDADE À ESCRITA’”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 5 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANA VITÓRIA].

A epígrafe do livro [*A viagem do elefante*], de um suposto *Livro dos itinerários*, diz: “Sempre chegamos aonde nos esperam”. E a pergunta é inevitável: a que isso se refere? E a resposta só pode ser uma: à morte. Sempre chegamos à morte, ali estão nos esperando.

“SE ME DESENTERRÓ UN LENGUAJE”, *CLARÍN (REVISTA DE CULTURA Ñ)*, BUENOS AIRES, 22 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A EZEQUIEL MORALES].

A morte é uma coisa lixada [...] não só porque nos retira da vida, ou nos empurra brutalmente para fora da vida, que é o mais correto, mas também porque tem muitíssimas vezes outra consequência: uma outra espécie de morte que se chama esquecimento.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Ninguém empurra a morte, ela está sempre ao lado... Está tão ao lado que não é raro que se lhe toque. E quando se toca, já se sabe, a parte mais fraca é aquela que perde...

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

2. PELO FATO DE SER ESCRITOR

Saramago desenvolveu um processo de reflexão e comunicação sobre sua própria obra e sobre a literatura em geral, paralelo à criação. No escritor português, que praticou a crítica literária durante alguns meses, reconhecemos um autor propenso a pensar e trabalhar com ideias fortes, nas quais apoiava seu mundo narrativo. Mas, além de indagar e expor sua visão sobre o sentido de suas publicações, ele construiu argumentos teóricos sobre a extrapolação dos gêneros, a natureza do romance, o papel do narrador ou os elos entre ficção e ensaio. E foi generoso no momento de dar informações relativas à motivação e aos propósitos de seus livros, às anedotas que os originaram ou às fontes de seu estilo particular. Na tarefa de análise e esclarecimento das chaves de sua própria produção, Saramago soube construir leituras sugestivas.

Também forneceu seu ponto de vista sobre o vínculo entre seu primeiro ciclo narrativo e a História ou entre sua obra posterior a Evangelho segundo Jesus Cristo e a natureza do ser humano contemporâneo, entendido tanto individual como coletivamente. E comentaria extensamente a origem de seu estilo peculiar, a relação de sua expressão escrita com a oralidade ou as ligações entre literatura e ideologia. Em seu discurso com a mídia, tampouco faltaram avaliações sobre a incidência que, em sua carreira literária e em suas atitudes públicas, teria o prêmio Nobel de Literatura obtido em 1998.

Saramago não hesitou em expressar as filiações literárias nem em fazer considerações centradas na avaliação de sua posição independente e

destoante no panorama literário português contemporâneo. Do mesmo modo, foi pródigo em defender o papel do escritor como cidadão comprometido, obrigado a não esconder, por trás da dedicação à literatura, suas responsabilidades como indivíduo inserido numa sociedade na qual desempenha posição relevante pela ressonância pública que sua voz alcança.

LITERATURA

Se, fiel à sua concepção reflexiva da escrita, Saramago não hesitou em atribuir às letras o papel de “pensar o mundo mais além do imediato”, entendia que a literatura não é mais, e também não é menos, que uma parte da vida. Afastado de qualquer idealismo romântico, que ele rejeitava expressamente, mostrou-se displicente com o mito das musas e seus dons de inspiração. Por isso se referia a si mesmo como um trabalhador metódico, sujeito aos rigores de suas obrigações e responsabilidades.

É compreensível que, numa personalidade intelectual marcada pelo compromisso político-social, e até mesmo pelo ativismo, fosse obrigatório um pronunciamento sobre a função da literatura. O prêmio Nobel aceitava que as obras pudessem conter ideologia — não explícita nem denotativa —, já que, em sua concepção, o autor, ao escrever, não pode deixar de ser a pessoa que é. De qualquer maneira, manifestava-se sem rodeios contra o uso vicário ou propagandístico da ficção, rejeitando que lhes coubesse outra missão específica além da de se transformar em expressão literária. Portanto, as obras correspondem fundamentalmente à criatividade e à sua própria lógica literária, em diálogo com o contexto e com a História, por meio de leituras e reelaborações, negações, retificações e aberturas. Circunscrevia ele, assim, a influência que os livros puderam exercer no espaço íntimo, enquanto, ao contrário, rejeitava que tivessem condições de favorecer dinâmicas de mudança coletiva, de transformação do mundo.

Como é sabido, o autor de Objeto quase não renunciou a fazer da inteligência um valor de seus romances, nem da ética ou da intenção crítica

um argumento de suas obras, ainda que sob o invólucro da textualidade criativa, das exigências específicas da ficção. Resistente a aceitar a separação dos gêneros e propenso a defender a ruptura de fronteiras e as mestiçagens do discurso, Saramago encarava a literatura como exaltação da língua e da imaginação, movido pelo empenho de contribuir para repensar a realidade.

A atividade literária pode ser também uma ação política sem deixar de ser literária. Só que nada deve ser feito em primeiro grau. Um discurso eleitoralista pode ser bem escrito e bem dito, mas se o introduzimos numa obra literária soa falso. A arte tem exigências próprias que devem ser respeitadas.

“JOSÉ SARAMAGO: UM OLHAR QUE SE VIGIA”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1982 [ENTREVISTA A LOURDES FÉRIA].

Se a literatura nesta terra ainda serve para alguma coisa, isto é, se for mais do que alguns estarem ainda a escrever para alguns estarem ainda a ler, torna-se urgente recuperá-la já que a nossa sociedade corre o risco, devido aos audiovisuais, de emudecer, ou seja, de haver cada vez mais uma minoria com grande capacidade para falar e uma maioria crescente limitada a ouvir, não entendendo sequer muito bem o que escuta.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCREVER É FAZER RECUAR A MORTE, É DILATAR O ESPAÇO DA VIDA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 50, 18 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FERNANDO DACOSTA].

Creio, e não estou a ser nada original, achar excelente não ser possível catalogar os livros consoante os gêneros a que supostamente devam pertencer. É como se entre os gêneros não houvesse fronteiras tão rígidas como as que separam as nações. Olhamos o mapa e vêmo-lo dividido em riscos ou cores. É muito bom que hoje seja difícil catalogar os gêneros. Se cada um puder aproveitar a riqueza dos outros, acho ótimo. Não sei se daqui a uns anos não poderemos fundir todos os gêneros para depois os tornarmos a dividir, num fenómeno de concentração e expansão semelhante ao que existe nas galáxias. Neste momento, creio que cada um dos gêneros literários se expande em relação a todos os outros. Às vezes dizem-me: “Você devia fazer poesia”, e eu respondo: “Procurem-na nas páginas dos meus romances”.

“SOU A PESSOA MAIS BANAL DESTA MUNDU”, *NT*, LISBOA, 23 DE MAIO DE 1984 [ENTREVISTA A ALEXANDRE CORREIA].

Devemos reconhecer que a literatura não transforma socialmente o mundo, que o mundo é que vai transformando, e não só socialmente, a literatura. É ingênuo incluir a literatura entre os agentes de transformação

social. Reconheçamos que as obras dos grandes criadores do passado não parecem ter originado, em sentido pleno, nenhuma transformação social efetiva, embora tendo uma forte influência em comportamentos individuais e de geração. A humanidade seria hoje exatamente a mesma que é se Goethe não tivesse nascido. A literatura é irresponsável, mas não se pode imputar-lhe nem o bem nem o mal da humanidade. Pelo contrário, ela atua como um reflexo mais ou menos imediato do estado das sociedades e de suas sucessivas transformações.

“SARAMAGO: ‘LA POSIBILIDAD DE LO IMPOSIBLE, LOS SUEÑOS E ILUSIONES, SON LA MATERIA DE MI ESCRITURA’”, *ABC*, MADRI, 20 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JESÚS FONSECA].

A literatura não é a vida e também não é uma imitação da vida. Nada do que entra num livro vem de outro lugar que não seja este mundo, mas o romance ao achar-se feito entra ele também a influir na vida.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Incluir a literatura entre os agentes de transformação social é uma reflexão ingênua e idealista.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIMOS PORQUE NO QUEREMOS MORIR’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 11 DE MARÇO DE 1993 [REPORTAGEM DE VÍCTOR ÁLAMO DE LA ROSA].

As obras dos grandes criadores do passado, do Homero ao Cervantes, do Dante ao Shakespeare, do Camões ao Dostoiévski, apesar da excelência de pensamento e da fortuna de beleza que nos propuseram, não parecem ter originado nenhuma transformação social efetiva, embora tendo uma forte e às vezes dramática influência nos comportamentos individuais e de geração. Mas também muitas vezes provocaram sentimentos insanos de frustração individual e coletiva.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIMOS PORQUE NO QUEREMOS MORIR’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 11 DE MARÇO DE 1993 [REPORTAGEM DE VÍCTOR ÁLAMO DE LA ROSA].

Chegamos a uma conclusão pessimista: a irresponsabilidade essencial da literatura. Não se pode lhe imputar nem o bem nem o mal da humanidade, portanto não está obrigada a prestar declaração em nenhum tribunal de opinião.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIMOS PORQUE NO QUEREMOS MORIR’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 11 DE MARÇO DE 1993 [REPORTAGEM DE VÍCTOR ÁLAMO DE LA ROSA].

Toda a literatura é um palimpsesto.

“JOSÉ SARAMAGO, LA IMPORTANCIA DEL NO”, *LA ÉPOCA*, SANTIAGO DO CHILE, 15 DE OUTUBRO DE 1995 (PUBLICADO INICIALMENTE EM *EL PAÍS*, MONTEVIDÉU, SETEMBRO DE 1995) [ENTREVISTA A CHRISTIAN KUPCHIK].

Se olharmos as coisas de perto, no máximo chegaremos à conclusão de que as palavras tentam dizer o que pensamos ou sentimos, mas há motivos para desconfiar que, por mais que procurem, jamais chegarão a enunciar essa coisa estranha, rara e misteriosa que é um sentimento.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC (SUPLEMENTO ABC LITERARIO)*, MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

Em horas de pessimismo agudo, cheguei a afirmar que se o Cervantes ou o Shakespeare não tivessem nascido o mundo seria o que é. Em todo o caso, a literatura pode exercer uma influência pessoal, mas não social. Há que ter em conta, além disso, que os escritores jamais estiveram de acordo na ideia do que deve ser uma transformação: cada um tem a sua percepção da sociedade, a sua consciência do mundo.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC (SUPLEMENTO ABC LITERARIO)*, MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

Isso é o prodígio da literatura, poder ser capaz de chegar mais fundo na consciência dos leitores, mesmo falando sobre uma outra coisa.

“EM FRANKFURT, SARAMAGO ANALISA O SR. JOSÉ, PERSONAGEM DE SEU NOVO LIVRO”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 17 DE OUTUBRO DE 1997 [ENTREVISTA A PAULO ROBERTO PIRES].

No passado houve a ilusão de que a literatura e a arte podiam mudar a sociedade. Não penso. E vejo isso claramente, porque a evidência mostra que se a arte e a literatura pudessem modificar a sociedade, as obras-primas literárias, filosóficas, musicais, pictóricas e arquitetônicas de séculos e séculos já a teriam mudado, mas não foi assim.

“EN BUSCA DE UN NOMBRE”, *LA JORNADA (SUPLEMENTO LA JORNADA SEMANAL)*, CIDADE DO MÉXICO, 8 DE MARÇO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Para mim, este século que termina se define na literatura em três nomes: Fernando Pessoa, Jorge Luis Borges e Franz Kafka.

“TODAS AS PALAVRAS”, *PENSAR*, BRASÍLIA, 25 DE OUTUBRO DE 1998 [SELEÇÃO DE LIANA CARVALHO].

A literatura não é um compromisso. Nunca. O compromisso existe, será o dessa pessoa que é o escritor. A literatura não pode ser instrumentalizada. Não se pode dizer que sirva para isto ou aquilo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES UN TRABAJO: EL ESCRITOR NO ES UN SER EXTRAORDINARIO QUE ESTÁ ESPERANDO A LAS HADAS’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 29 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

A literatura pode viver até de uma forma conflituosa com a ideologia. O que não pode é viver fora da ideologia. Não se pode imaginar que a literatura, como expressão de um pensamento e de uma sensibilidade, vivesse num meio de tal forma asséptico que pareceria que se bastaria a si própria, embora fosse depois lícito perguntar que tipo de conflitos é que ela iria abordar. Entendida assim, a ideologia é comum de todos, mesmo nos seus conflitos, nas suas tensões e contradições internas.

De uma maneira restritiva e mais direta, entendida a ideologia como um determinado sistema de pensamento particular, em que a literatura estivesse ao serviço desse sistema, como veículo de propagação ou de apostolado, digamos assim — com isso não estou de acordo.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Quando digo que cada vez me interessa menos falar de literatura, é porque considero, com toda a seriedade do mundo, que a literatura é uma coisa pequeníssima na vida. Não vamos agora hiperbolizar, divinizar a literatura. A literatura é um trabalho, é um modo de comunicar, de expressar, de dizer coisas, como a pintura, a música, a escultura, a dança. A literatura é outra das formas de dizer. Como usa a palavra, nota-se mais. Mas não é o mais importante na vida. Prefiro dizer que os Estados Unidos gravam noventa por cento de todas as comunicações telefônicas do mundo. Prefiro dizer isso. Não posso impedir a mim mesmo de dizê-lo. Interessa-me muito mais dizer isto do que ficar a falar de literatura. Se é hora de falar de literatura, eu falo. Mas, ainda que por gosto, necessidade ou obrigação eu

deva falar de literatura, que ninguém espere que eu fale somente de literatura.

“JOSÉ SARAMAGO — 21 DE AGOSTO DE 1999: CHARLA CON NOÉL JITRIK Y JORGE GLUSBERG EN EL MUSEO NACIONAL DE BELLAS ARTES, BUENOS AIRES”, *EL INTERPRETADOR: LITERATURA, ARTE Y PENSAMIENTO*, BUENOS AIRES, N. 12, MARÇO DE 2005 [INTRODUÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE FEDERICO GOLDCHLUK].

A literatura é o que faz inevitavelmente pensar. É a palavra escrita, a que está no livro, a que faz pensar. E neste momento é a última na escala de valores.

“ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, *ALPHALIBROS*, MENDOZA, 2000 [ENTREVISTA A JORGE ENRIQUE OVIEDO].

O livro sempre foi uma das primeiras vítimas [da intolerância]. Quando se proíbe um livro, o que se quer é eliminar a pessoa que o escreveu.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ISRAEL ES RENTISTA DEL HOLOCAUSTO’”, EM JAVIER ORTIZ (ORG.), *¡PALESTINA EXISTE!*, MADRI, FOCA, 2002 [ENTREVISTA A JAVIER ORTIZ].

Creio mais na possibilidade da transformação ética do ser humano na prática cotidiana da convivência. Que a arte e a literatura podem ajudar? Sim, mas só ajudar.

“LA MANIPULACIÓN DE LAS CONCIENCIAS HA LLEGADO A UN PUNTO INTOLERABLE”, *EL CORREO*, BILBAO, 8 DE MARÇO DE 2003 [ENTREVISTA A CÉSAR COCA].

Os escritores fazem as literaturas nacionais e os tradutores fazem a literatura universal. Sem os tradutores, nós, escritores, não seríamos nada, estaríamos condenados a viver trancados em nossa língua.

“‘LA ARGENTINA DEBE OLVIDARSE DE SUS VIEJOS MITOS’, DIJO SARAMAGO”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 2 DE MAIO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DE SUSANA REINOSO].

Kafka exprimiu de uma forma clara a grande missão da arte na sociedade quando diz que não vale a pena escrever nada (também exagera, não sejamos tão radicais...) que não seja um machado que rompe o mar gelado da nossa consciência. Se pensamos na grande obra de arte, seja ela literária, musical, pictórica, filosófica (filosofia também é arte), o objetivo foi sempre esse, quebrar o mar gelado da nossa consciência: são os preconceitos, as superstições, a dificuldade de enfrentarmos a realidade e inventarmos coisas que se sobrepõem a ela, que a ocultam e a deturpam.

“A ARTE, O HOMEM E A SOCIEDADE”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 873, 17 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A BRUNO CASEIRÃO].

Para mim, o que há não são gêneros, mas espaços literários que, como tais, admitem tudo: o ensaio, a filosofia, a ciência e a poesia.

“SARAMAGO: ‘HOY DÍA NO CONOZCO NADA MÁS ESTÚPIDO QUE LA ESQUERDA’”, AGENCIA EFE, MADRI, 13 DE JUNHO DE 2007.

A literatura tem influência nas pessoas. Mas o fato de dispormos há muitos anos de *Cem anos de solidão* mudou alguma coisa? Não. A literatura é uma aventura pessoal. É como se nos deixassem numa ilha deserta e tivéssemos que fazer as nossas próprias descobertas, abrir caminhos, procurar fontes. Isso é a leitura. Não tenho a esperança de que meus livros mudem a humanidade. Essa não é a função da literatura.

“COLOMBIA DEBE VOMITAR SUS MUERTOS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 9 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A MARÍA PAULINA ORTIZ].

Há séculos estamos a nos perguntar uns aos outros para que serve a literatura e o fato de que não existe resposta não desanimará os futuros perguntadores. Não há resposta possível. Ou as há, infinitas: a literatura serve para entrar numa livraria e sentar-se em casa, por exemplo. Ou para ajudar a pensar. Ou para nada. Por que esse sentido utilitário das coisas? Se há que buscar o sentido da música, da filosofia, de uma rosa, é que não estamos entendendo nada. Um garfo tem uma função. A literatura não tem uma função. Embora possa consolar uma pessoa. Embora nos possa fazer rir. Para piorar a literatura, basta que se deixe de respeitar o idioma. Por aí se começa e por aí se acaba.

“LA LITERATURA NO TIENE NINGUNA FUNCIÓN”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 20 DE OUTUBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PATRICIA KOLESNIKOV].

Deve-se ter cuidado com as ideias feitas. Por exemplo: que o mercado condiciona o autor. Não é verdade. O mercado pode manifestar uma preferência por certos tipos de livros, de “modas”, mas isso não obriga nenhum autor a seguir esse caminho. Estamos a criar uma grande confusão: imaginar que os autores são iguais entre si. Ocupamo-nos de tópicos batidos e não estudamos a realidade. E esquecemos muitas vezes que as perguntas não são inocentes. Aborrece-me falar de literatura e mercado. A literatura é

a criação e não importa que montagem se faça em torno dela. Há negócios, há literatura. E pessoas que leem para entender e pessoas que leem porque seguem campanhas. E pessoas que não leem. O importante, parece-me, é não nos deixarmos levar por essas questões que, óbvio, para mim, como escritor, me são alheias.

“LA LITERATURA NO TIENE NINGUNA FUNCIÓN”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 20 DE OUTUBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PATRICIA KOLESNIKOV].

A literatura é o resultado de um diálogo de alguém consigo mesmo.

“SARAMAGO ADMITE QUE ESCREVER SEU NOVO LIVRO NÃO FOI NADA FÁCIL”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 1º DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A BOLÍVAR TORRES].

As palavras trazem a sabedoria do vivido.

“GARZÓN HIZO LO QUE DEBÍA”, *PÚBLICO*, MADRI, 20 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PEIO H. RIAÑO].

ESCRITOR

Muitas vezes Saramago aproveitou a plataforma dos meios de comunicação para transmitir observações sobre sua dedicação literária e compartilhar com o grande público as chaves e visão do mundo que o caracterizavam. Nesse sentido, como autor ele via a si mesmo como alguém de seu tempo, implicado nas questões palpitantes de seu ambiente.

Uma das manifestações recorrentes que se podem ler em suas declarações e intervenções em público insistia em desmistificar o escritor, cuja dedicação e contribuição ele entendia em termos de um trabalho a mais. Sua concepção operária da literatura, isenta de qualquer aura e desprovida de conotações místicas ou messiânicas, o levou a desconstruir a imagem romântica do homem de letras, afirmando que em sua casa ele abordava a tarefa narrativa com naturalidade, afastado de tensões dramáticas, ao mesmo tempo que enfatizava outros hábitos próprios como a constância, a disciplina e o trabalho. Seu afã de normalizar o ofício resulta congruente com sua ideologia, mas também com seu austero temperamento pessoal: “Tenho uma relação muito pacífica com o meu trabalho”, confessava.

Saramago apresentava-se como um escritor de ideias, incapaz de sentar-se diante do computador sem que o mobilizassem conteúdos explícitos, em geral ligados à realidade, o espaço de recepção e referência última de suas histórias, segundo ele mesmo reconhecia ao se postular como um autor realista, embora amparado numa prodigiosa capacidade de fabulação. Uma realidade que começava por si mesma, como primeira

matéria de sua escrita, sem que isso queira dizer que ele recorresse aos conteúdos de sua biografia, mas à sua integridade moral e ideológica, à pessoa que era. Reivindicando-se como um criador plenamente português, resultava frequente que se referisse à sua genealogia literária mais direta — Almeida Garret e Antônio Vieira, em particular —, assim como às suas afinidades, ao mesmo tempo que se situava entre os que se aproximam da literatura para compreender e inquietar, mas também para confrontar-se, embora ilusoriamente, com a morte.

Escritor de duas páginas diárias, livre de manias e rituais, sóbrio, afastado de sublimações e direto na hora de elaborar seus livros, corrigia pouco e resolvia com relativa rapidez a criação de seus títulos desde o momento em que começava a desenvolver um livro.

Que era muito do escrever até 1974? Iludir a censura, acautelar o tema, aperfeiçoar a entrelinha. Evidentemente, não era isto apenas, mas era muito isto. E não vale invocar os bons livros que se escreveram até àquela data: falo de um comportamento, de um estilo, de um modo de viver como escritor. E aqui é que parece estar o miolo da questão. Do que nós andamos à procura, hoje, não é tanto de uma “forma mais original e qualitativa”, mas de uma (outra) forma de ser escritor. Nisto estamos muito atrasados em relação aos outros trabalhadores, que esses, sim, são outros (trabalhadores), refeitos nas lutas que tiveram de desenvolver depois do 25 de Abril.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ANDAMOS À PROCURA DE UMA OUTRA FORMA DE SER ESCRITOR’”, *DIÁRIO POPULAR*, LISBOA, 6 DE ABRIL DE 1978.

Na minha opinião, ser escritor não é apenas escrever livros, é muito mais uma atitude perante a vida, uma exigência e uma intervenção.

“AS ÚLTIMAS DA ESCRITA: UM ESCRITOR NÃO TEM O DIREITO DE REBAIXAR O SEU TRABALHO EM NOME DE UMA SUPOSTA MAIOR ACESSIBILIDADE”, *EXTRA*, LISBOA, 1978 [ENTREVISTA A G. F.].

Um escritor não tem o direito de rebaixar o seu trabalho em nome de uma suposta maior acessibilidade. A sociedade, isto é, todos nós, é que temos o dever de resolver os problemas gerais de acesso e fruição dos bens materiais e culturais.

“AS ÚLTIMAS DA ESCRITA: UM ESCRITOR NÃO TEM O DIREITO DE REBAIXAR O SEU TRABALHO EM NOME DE UMA SUPOSTA MAIOR ACESSIBILIDADE”, *EXTRA*, LISBOA, 1978 [ENTREVISTA A G. F.].

Que foi para mim, como autor, o 25 de Abril? Em palavras mínimas: a possibilidade de ser autor livre. Ainda que, é tempo de o dizer, condicionado por todo o aparelho social, económico e cultural burguês, que continua a impedir, por formas grosseiras ou hábeis, o exercício pleno dessa mesma liberdade.

“JOSÉ SARAMAGO: PODER, ENFIM, ESCRIVER CLARAMENTE”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 17 DE FEVEREIRO DE 1979.

Escrever, para mim, é um ato grave, uma responsabilidade. Um balanço do que fiz até agora deverá registrar, de pronto antes de quaisquer outras

considerações, essa responsabilidade e essa gravidade. Mas não me reconheço escritor pedante e solene, isso não. Talvez um tanto seco. Feitio será.

“JOSÉ SARAMAGO: PODER, ENFIM, ESCREVER CLARAMENTE”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 17 DE FEVEREIRO DE 1979.

Não faltam escritores que têm um exemplar empenhamento cívico e o transpõem para a sua obra, mas ao mesmo tempo parecem temer o novo. Por um lado desejam que a sociedade se transforme e, por outro, aceitam que os seus instrumentos de expressão e de trabalho se limitem a ser um prolongamento do passado.

“RETRATO VIVO DE UM ESCRITOR A TEMPO INTEIRO”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 25 DE MAIO DE 1980 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Sempre fui uma pessoa muito virada para a leitura dos clássicos. Fiquei com essa marca de formação e nunca me afastei dessa convivência.

“RETRATO VIVO DE UM ESCRITOR A TEMPO INTEIRO”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 25 DE MAIO DE 1980 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Não, não uso a literatura para fazer política, porque conheço muito bem, com muita experiência, os males da demagogia e até que ponto eles podem prejudicar a causa que eu próprio defendo. Uso sempre de extrema vigilância, de autopolicimento, para que a demagogia não se introduza naquilo que eu faça.

“NÃO USO LITERATURA COMO POLÍTICA”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE JANEIRO DE 1982.

Eu demoro muito tempo a preparar os meus livros, a estudar, a pesquisar, mas quando começo a escrevê-los sou muito rápido.

“JOSÉ SARAMAGO RECEBEU PRÊMIO CIDADE DE LISBOA”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 2 DE JUNHO DE 1982.

Cada livro escreve sempre o mesmo autor.

“JOSÉ SARAMAGO: UM OLHAR QUE SE VIGIA”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1982 [ENTREVISTA A LOURDES FÉRIA].

O escritor é um homem do seu tempo ou não é. O que escreve será sempre ação política ou omissão.

“JOSÉ SARAMAGO: UM OLHAR QUE SE VIGIA”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1982 [ENTREVISTA A LOURDES FÉRIA].

Quando estou a escrever, estou geralmente a tomar notas para outros livros e de certa maneira a escrevê-los mentalmente. Não escrevo em horários rígidos. Escrevo sim muito depressa e não sei se é virtude ou é defeito. Não posso nunca dizer que escrevi um livro em tantos ou tantos meses, porque há o tempo de reflexão e estudo, que também considero tempo útil para a feitura do livro, e isso pode levar dois anos ou mais. Quando me sento à máquina para escrever, o livro está normalmente muito mais adiantado do que imaginava. No fundo, trata-se de abrir as portas ao que já cá está, ao que deixei amadurecer. Por isso as pessoas espantam-se quando digo que escrevi o *Levantado do chão* em cerca de seis meses e o *Memorial [do convento]* em cinco. Se não trabalhasse em regime profissional levaria anos a fazer este livro e talvez nunca tivesse chegado a fazê-lo.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Se é verdade que o 25 de Abril libertou o escritor, o mais importante é que o 25 de Abril libertou a escrita dentro do escritor.

“O ESCRITOR JOSÉ SARAMAGO A *O FERROVIÁRIO*: ‘O CAMINHO-DE-FERRO OCUPOU POSIÇÃO RELEVANTE NOS MEUS SONHOS DE CRIANÇA’”, *O FERROVIÁRIO*, LISBOA, 1982.

Escrever é fazer recuar a morte, é dilatar o espaço da vida.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCREVER É FAZER RECUAR A MORTE, É DILATAR O ESPAÇO DA VIDA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 50, 18 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FERNANDO DACOSTA].

Nós, os que temos a responsabilidade de escrever, e tanto falo em literatura como em jornalismo, temos o dever de levantar a nossa língua, de cuidar dela, de fazê-la reviver.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCREVER É FAZER RECUAR A MORTE, É DILATAR O ESPAÇO DA VIDA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 50, 18 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FERNANDO DACOSTA].

Hoje [depois do 25 de Abril] sentimo-nos mais capazes de abordar com toda a naturalidade temas em que não ousaríamos sequer pensar antes. Era como se sofrêssemos de uma terrível inibição, como se não fôssemos capazes de olhar para uma folha de papel e pensar que tudo pode ser posto nela. Isso pelo menos no meu caso pessoal, se calhar quem estava inibido era eu.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘O MUNDO É UM ENIGMA CONSTANTEMENTE RENOVADO’”, *O JORNAL*, LISBOA, 28 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

Funciono um pouco como espectador do que faço, espectador múltiplo que se desloca para os vários locais de ação que como escritor realizo. Posso estar na Passarola voando sobre Mafra e embaixo olhando-a.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘O MUNDO É UM ENIGMA CONSTANTEMENTE RENOVADO’”, *O JORNAL*, LISBOA, 28 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

A minha impressão, ainda hoje, é que fui eu, autor, assunto pelas minhas personagens, assumido, tomado, possuído por elas, como se as criaturas pudessem, afinal de contas, criar o criador. Desconfio que podem, para não dizer que é essa a minha convicção.

“JOSÉ SARAMAGO AO *CORREIO DO MINHO*: ‘SE O 25 DE NOVEMBRO NÃO ME TIVESSE AFASTADO DO JORNALISMO NÃO TERIA ESCRITO O *MEMORIAL*’”, *CORREIO DO MINHO*, BRAGA, 12 DE FEVEREIRO DE 1983 [ENTREVISTA A BAPTISTA-BASTOS].

Sou a pessoa mais banal deste mundo. Limito-me a sentar-me na secretária, meter a folha de papel na máquina e ir até onde posso. É como quem entra no escritório e sai dele. Não faço nenhuma espécie de exercícios de aquecimento, nem físicos nem psíquicos.

“SOU A PESSOA MAIS BANAL DESTE MUNDO”, *NT*, LISBOA, 23 DE MAIO DE 1984 [ENTREVISTA A ALEXANDRE CORREIA].

[Escrevo] relativamente depressa. Em seis ou oito meses escrevo um livro normalmente grande, com cerca de 350 páginas. Depressa, porque penso neles antes. Com alguma presunção, penso que antes de escrever eles já estão feitos, pelo menos, quando começo a escrever tenho o livro todo na cabeça. E isto não é mérito. Sou assim, é feitio.

“SOU A PESSOA MAIS BANAL DESTE MUNDO”, *NT*, LISBOA, 23 DE MAIO DE 1984 [ENTREVISTA A ALEXANDRE CORREIA].

Em geral, escrevo de uma vez. E à segunda é mais para uma revisão e correção da prosa do que para a reformular. Não sou um tipo de romancista torturado na estrutura como aquele que introduz reformulações constantes no que compõe.

“SOU A PESSOA MAIS BANAL DESTES MUNDOS”, *NT*, LISBOA, 23 DE MAIO DE 1984 [ENTREVISTA A ALEXANDRE CORREIA].

Como português acho que ser escritor aqui é a melhor coisa deste mundo. Parece uma brincadeira, mas eu só poderia ser um escritor português. O meu dever como escritor é justamente esse: ser escritor português.

“SOU A PESSOA MAIS BANAL DESTES MUNDOS”, *NT*, LISBOA, 23 DE MAIO DE 1984 [ENTREVISTA A ALEXANDRE CORREIA].

Escrever é uma transfusão de sangue para o lado de fora.

“JOSÉ SARAMAGO EM ‘SANGUE VIVO’ NO PORTO: ‘ESCREVER É TRANSFUÇÃO PARA O LADO DE FORA’”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 8 DE JULHO DE 1984.

Para se exprimir, a imaginação precisa de pontos de apoio que só pode encontrar na realidade. Para que preciso de imaginação se os dados da realidade me dão alimento mais que bastante e permanecem, apesar de tudo, inesgotados?

“JOSÉ SARAMAGO: A VIDA É UM ROMANCE”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE DEZEMBRO DE 1984 [ENTREVISTA A PEDRO CORREIA].

A minha arte consiste em tentar mostrar que não existe diferença entre o imaginário e o vivido. O vivido podia ser imaginado, e vice-versa.

“REVISITAR A MEMÓRIA DO CONVENTO E DO ROMANCE: EM MAFRA, SARAMAGO FOI GUIA DE LEITORES-EXCURSIONISTAS”, *DIÁRIO POPULAR*, LISBOA, 11 DE MARÇO DE 1985 [ENTREVISTA A ORLANDO RAIMUNDO].

O meu trabalho como escritor é o de levantar esses homens vivos que, pelo fato de estarem mortos, estão vivos.

“‘A QUESTÃO QUE SE PÕE HOJE EM PORTUGAL É A DA SOBREVIVÊNCIA’ — ALERTA JOSÉ SARAMAGO”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 29 DE SETEMBRO DE 1985 [REPORTAGEM DE ANTÓNIO ARNALDO MESQUITA].

Sou um narrador e não um politólogo.

“SARAMAGO: ‘LA CE, UN EUFEMISMO’”, *EL INDEPENDIENTE*, MADRI, 29 DE AGOSTO DE 1987 [REPORTAGEM DE ANTONIO PUENTE].

O que eu tenho é isto: normalmente as minhas primeiras setenta páginas são de escrita fácil, depois tenho necessidade de uma longa pausa, como quem perde o balanço ou o fôlego e precisa de dar tempo para o recuperar; a seguir tenho mais uma etapa larga; por último uma ponta final rápida, para usar uma linguagem desportiva. As minhas últimas cem ou 150 páginas são escritas muito depressa, como se tivesse a empurrar tudo o que está antes.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Dentro ou fora de mim, cada dia acontece algo que me surpreende, algo que me comove, desde a possibilidade do impossível até todos os sonhos e ilusões. Essa é a matéria da minha escrita, por isso escrevo e por isso me sinto tão bem escrevendo aquilo que sinto.

“SARAMAGO: ‘LA POSIBILIDAD DE LO IMPOSIBLE, LOS SUEÑOS E ILUSIONES, SON LA MATERIA DE MI ESCRITURA’”, *ABC*, MADRI, 20 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JESÚS FONSECA].

O romance, meu trabalho, no fundo não é só uma atividade literária mas uma forma apaixonante, real, muito real, de viver a vida.

“SARAMAGO: ‘LA POSIBILIDAD DE LO IMPOSIBLE, LOS SUEÑOS E ILUSIONES, SON LA MATERIA DE MI ESCRITURA’”, *ABC*, MADRI, 20 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JESÚS FONSECA].

Deleito-me muito escrevendo e exijo o melhor de mim mesmo para ser um bom escritor. Mas não estabeleço para mim corridas de galgos nem participo delas, nem dos cenáculos maledicentes.

“SARAMAGO: ‘LA POSIBILIDAD DE LO IMPOSIBLE, LOS SUEÑOS E ILUSIONES, SON LA MATERIA DE MI ESCRITURA’”, *ABC*, MADRI, 20 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JESÚS FONSECA].

O dramaturgo, em mim, sempre foi qualquer coisa de accidental.

“SARAMAGO: O ESCRITOR NÃO QUER SER CERCADO”, *O JORNAL ILUSTRADO*, LISBOA, N. 739, 21-27 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOÃO GARCIA].

Cada vez tenho mais o direito de sacudir a etiqueta de romancista histórico porque o que tento fazer é inventar uma história e colocá-la no lugar da História. O romance histórico seria atento, venerador e obrigado. Pratico o anacronismo e a ignorância de fato da História, que me permite

usar atrevidas liberdades. A realidade é uma cintilação, não se capta tal qual.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Eu não acredito que se escreva por necessidade. Necessidade é comer e beber. Alguns levam tão longe o seu papel de escritores que dizem: se não escrever, morro. As pessoas têm a tentação de tornar as coisas mais interessantes, mais românticas. Criou-se a ideia do artista torturado, que finalmente não é um ser deste mundo. Um pouco raro, muito raro. Como se o artista e o escritor fossem uma espécie de deus condenado a criar.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Se é verdade que não faço da escrita algo romântico, tampouco ela me diverte. Resisto antes de me sentar a escrever um novo livro, e esta situação pode durar semanas. Sei o que quero escrever, mas a ideia de que desde o momento em que me sento estou atado a uma tarefa que pode vir a ser aceitável, mas que vai manter-me preso durante seis, oito meses, um ano, numa disciplina como a que exige o romance, isso faz-me pensar na frase: “Afasta de mim este cálice”.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Eu não faço deste trabalho [de escritor] algo de dramático, não me complico. Escrevo muito naturalmente... Ainda que também não seja bem assim, porque então parece que eu sou capaz de me expressar naturalmente na escrita, e não é assim. O que eu quero dizer é que sou muito disciplinado. Claro que tudo isso cobre uma tensão interior muito forte. Mas não caminho armado em senhor escritor.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Mas aquilo que talvez distinga os meus livros é o fato de parecer que eu olho as coisas pela primeira vez e poder, assim, traduzir a surpresa daquilo que é visto pela primeira vez.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘OLHO AS COISAS PELA PRIMEIRA VEZ’”, *LER*, LISBOA, N. 6, PRIMAVERA DE 1989 [ENTREVISTA A FRANCISCO JOSÉ VIEGAS].

Uma obra que se pensa fazer é sempre um destino que se inicia.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘OLHO AS COISAS PELA PRIMEIRA VEZ’”, *LER*, LISBOA, N. 6, PRIMAVERA DE 1989 [ENTREVISTA A FRANCISCO JOSÉ VIEGAS].

Os escritores, as pessoas a quem chamamos intelectuais, eram gente de ideias gerais. E sobretudo havia uma diferença, que para mim é radical, profundíssima, quanto à situação da comunicação social no tempo e à comunicação social hoje. Os escritores de então, um Fialho, com *Os gatos*, para falarmos apenas dos nossos, um Ramalho e um Eça, com *As farpas*, toda essa gente que intervinha socialmente pela pena, supria as deficiências da comunicação. No caso concreto, da imprensa. Hoje, a situação está invertida. O que levava os escritores no século passado a fazerem jornalismo e nas suas próprias obras literárias a fazerem qualquer coisa que tinha que ver com o jornalismo no sentido da informação, da edificação do leitor, da construção da sua mentalidade, do seu sentido crítico, tudo isso passou, ou tudo isso deveria ter passado, para a comunicação social de massa. O escritor achou-se fora desse processo. É a própria evolução tecnológica, o desenvolvimento das comunicações de massa que exclui o escritor dessa tarefa. Não significa que um ou outro não o faça, mas não é dele que a população de um país espera isso. Procura-o na imprensa, na rádio e na televisão. E nós sabemos como o faz.

“É A TERCEIRA VEZ QUE SOU CENSURADO POR SOUSA LARA”, *PÚBLICO*, LISBOA, 10 DE MAIO DE 1992 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

No plano estético o meu comportamento de escritor não se subordinou nunca a preceitos, a regras de escola.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

Eu não posso senão escrever os meus próprios livros. Cada livro que eu escreva é meu. O meu livro. Qualquer que ele seja, não ocupa o lugar de qualquer outro livro publicado por qualquer outro autor. O meu trabalho não diminui a capacidade de trabalho de quem quer que seja, e eu não posso

perceber, se apenas posso escrever os meus livros e não posso escrever os livros dos outros, se cada um dos outros só pode escrever os seus próprios e nenhum dos outros, incluindo os meus, se cada um de nós devia ter esta ideia de “só posso fazer aquilo que sei e vou fazê-lo o melhor que saiba, o melhor que possa”, porque é que, de repente, uma pessoa sente que está a mais! Ou que está a mais do ponto de vista dos outros, ou que é incômodo para os outros!

“OS LIVROS DO NOSSO DESASSOSSEGO: JOSÉ SARAMAGO”, *SETEMBRO*, LISBOA, N. 1, JANEIRO-MARÇO DE 1993 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL MENDES].

Como o livro é um espelho, um espelho direito, o que mais se aproxima daquilo que somos — e provavelmente é a expressão mais fiel daquilo que somos em cada momento —, então deixá-lo ser como é! Mas, sobretudo — e isso para mim é claro, embora compreenda que os outros não o entendam dessa maneira —, acho que devemos deixar no tempo aquilo que em cada momento desse tempo pudemos fazer e fomos capazes de fazer. Deixar ficar lá!

“OS LIVROS DO NOSSO DESASSOSSEGO: JOSÉ SARAMAGO”, *SETEMBRO*, LISBOA, N. 1, JANEIRO-MARÇO DE 1993 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL MENDES].

Escrevemos porque não queremos morrer. Esta é a razão profunda do ato de escrever.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCREVEMOS PORQUE NÃO QUEREMOS MORRER’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 11 DE MARÇO DE 1993 [REPORTAGEM DE VÍCTOR ÁLAMO DE LA ROSA].

De modo geral, o escritor deixou de se comprometer, e muitas das teorizações em que hoje nos deixamos envolver não têm outra finalidade além de se constituírem como escapatórias intelectuais, modos de ocultar, de nossos próprios olhos, a má consciência e o mal-estar de um grupo de pessoas, os escritores, que depois de terem observado a si mesmos, por muito tempo, como luz divina e farol do mundo, acrescentam agora à escuridão intrínseca do ato criador as trevas da renúncia e da abdicação cívicas.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIMOS PORQUE NO QUEREMOS MORIR’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 11 DE MARÇO DE 1993 [REPORTAGEM DE VÍCTOR ÁLAMO DE LA ROSA].

No ato de escrever coincidem duas posturas, a autoridade e a sedução. Com essas duas pernas a literatura caminha. O escritor tem um poder sobre o leitor.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIMOS PORQUE NO QUEREMOS MORIR’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 11 DE MARÇO DE 1993 [REPORTAGEM DE VÍCTOR ÁLAMO DE LA ROSA].

O teatro para mim — e já são quatro peças — foi sempre obra de convites externos. Em nenhum momento da minha vida me propus a um trabalho de dramaturgo. Achava que não tinha treinamento para isso. Assistir à encenação de uma peça é uma emoção muito superior àquela que resulta da simples publicação de um livro — que vai para a livraria, saem as críticas, discute-se sobre ele, e a coisa fica num plano estabelecido. É diferente ver nascer uma peça no palco, ver como os atores formam e assumem as personagens, os ensaios, a montagem, e depois o momento único que é a estreia, quando se ouvem as primeiras palmas e a gente sente que o espetáculo está pronto. Não há outra emoção tão forte nesse domínio da criação literária.

“JOSÉ SARAMAGO: UM ATEU PREOCUPADO COM DEUS”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JUNHO DE 1993 [ENTREVISTA A SANDRA COHEN].

Até hoje e desde a Antiguidade Clássica, os escritores europeus foram, em primeiro lugar, testemunhas e testemunhos das suas culturas nacionais ou regionais e só depois, quando alvos de um reconhecimento exterior mais ou menos consensual, ascenderam a um estatuto de continentalidade ou universalidade.

“UMA CERTA IDEIA DA EUROPA”, *EXPRESSO*, LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Rejeito radicalmente a ideia de que sou um escritor europeu. Sou um escritor português e a nada mais aspiro. Ser ou não ser conhecido, ser ou não ser best-seller, ser ou não ser traduzido em 26 línguas ou 260 não tira nem acrescenta nada a esse fato.

“DISCURSO DIRETO: AS PALAVRAS DO VIAJANTE”, *Visão*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998.

Antes do interesse pela escrita, há um outro: o interesse pela leitura. E mal vão as coisas quando só se pensa no primeiro, se antes não se consolidou o gosto pelo segundo. Sem ler ninguém escreve.

“A EXISTÊNCIA SEGUNDO SARAMAGO”, *REVISTA DIÁRIO*, MADEIRA, 19 DE JUNHO DE 1994 [ENTREVISTA A LUIS ROCHA].

Em primeiro lugar, não entendo muito bem isso que se chama de prazer da escrita. Por outro lado, também não sofro das agonias que sofrem outros escritores. Não! Eu me comporto mais como um operário que se senta prosaicamente para trabalhar e que o faz o melhor que pode. Não romantizo nada a atividade de escritor! A inspiração, a luz da mansarda, as quatro da madrugada e o ritual das pessoas que passam lá embaixo, longe, na rua... (Gesto de “futilidades”).

“YO NO ENTIENDO...”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 20 DE NOVEMBRO DE 1994.

Como nunca fiz projetos de carreira literária, nunca tive ilusões, e, como não tinha ilusões, também não tive desilusões.

“DISCURSO DIRETO: AS PALAVRAS DO VIAJANTE”, *VISÃO*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998.

O trabalho de escrita é feito diretamente no computador. Escrevo no computador, corrijo no computador. A minha folha é o computador.

“SARAMAGO E OS COMPUTADORES”, *PÚBLICO*, LISBOA, 3 DE JUNHO DE 1995 [REPORTAGEM DE TERESA FIRMINO].

Quando chegou ao fim do livro *História do cerco de Lisboa* [em 1989], [a máquina Hermes que possuía há mais de trinta anos] renunciou ir mais além. Quando se avariava, as pessoas tinham de fabricar a peça. Em conversa com António Alçada Baptista, disse-me que tinha comprado uma máquina estupenda, que era uma Videowriter. Tinha a vantagem de ter a impressora incorporada, mas era um instrumento grande, pesado, difícil de transportar, e acabei por comprar um computador Philips em segunda mão. Teve uma grande quantidade de problemas, acabou por não me servir e continuei com a Videowriter.

“SARAMAGO E OS COMPUTADORES”, *PÚBLICO*, LISBOA, 3 DE JUNHO DE 1995 [REPORTAGEM DE TERESA FIRMINO].

Sempre sonhei que, um dia, havia de aparecer um computador portátil com impressora. Há um ano [em 1994], tive conhecimento que a Canon tinha produzido um computador com impressora. Acho que pode resolver-me o problema das viagens e a necessidade, que continuo a ter, de ver a

coisa escrita no papel. Enquanto não vir as letras (o preto no branco), duvido sempre. Sou um homem doutro tempo e deste tempo. Vou usando o que aparece, mas sempre numa atitude de desconfiança. Isso é que me leva sempre a imprimir.

“SARAMAGO E OS COMPUTADORES”, *PÚBLICO*, LISBOA, 3 DE JUNHO DE 1995 [REPORTAGEM DE TERESA FIRMINO].

Numa máquina de escrever, temos de elaborar o pensamento antes de passá-lo ao papel: é muito trabalhoso e obriga a que se atire muito papel fora. O *écran* é um papel que está sempre limpo e tem uma vantagem enorme: se há uma ideia, ainda que esteja mal alinhada, escreve-se e depois trabalha-se. Comparo o *écran* do computador a um campo de batalha, de onde os mortos e feridos vão sendo sempre retirados — [que são] as palavras que não interessam, as ideias imprecisas que deixaram de ter sentido.

“SARAMAGO E OS COMPUTADORES”, *PÚBLICO*, LISBOA, 3 DE JUNHO DE 1995 [REPORTAGEM DE TERESA FIRMINO].

O que eu quero é que o leitor, quando se encontrar com um livro meu, quando o ler e chegar ao final, possa dizer: conheci a pessoa que escreveu isto. Embora não defenda um confessionalismo na literatura, me interessa dizer: aqui estou eu, e isto é o que eu penso, isto é o que eu sinto. Para mim, é muito importante que o leitor possa dizer: este livro carrega uma pessoa dentro, e que essa pessoa é o autor de toda essa diversidade de coisas com que se faz um romance.

“JOSÉ SARAMAGO, A PARTIR DE SU PROPIA VIDA”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 21 DE JANEIRO DE 1996 [REPORTAGEM DE SABA LIPSZYC].

Ao longo da história, por motivos tecnológicos ou por outra razão, uma grande quantidade de profissões se extinguiu ou está em vias de desaparecer: é possível que chegue um dia em que os escritores deixem de ter uma função, se é que a têm agora. Eu me defendo contra toda a perplexidade que me causa esse assunto concebendo a escrita como um trabalho qualquer.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC* (SUPLEMENTO *ABC LITERARIO*), MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

Como escritor, penso que sou, não direi consequência, mas na verdade há uma relação entre o que fiz e aquilo que aconteceu, a passagem da ditadura à liberdade e à democracia. Creio que nada ou quase nada daquilo que eu fiz depois, podia ter sido feito antes. O que não se pode é falar de uma espécie de relação direta de causa e efeito: acontecer aquilo.

BAPTISTA-BASTOS, *JOSÉ SARAMAGO: APROXIMAÇÃO A UM RETRATO*, LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1996.

No fundo, todos temos necessidade de dizer quem somos e o que é que estamos fazendo, e a necessidade de deixar algo feito, porque esta vida não é eterna e deixar coisas feitas pode ser uma forma de eternidade.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NOSOTROS SOMOS SOBRE TODO LA MEMORIA QUE TENEMOS DE NOSOTROS MISMOS’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 20 DE JULHO DE 1997 [ENTREVISTA A MARIANO DE SANTA ANA].

Somos todos escritores, só que alguns escrevem e outros não.

“EM FRANKFURT, SARAMAGO ANALISA O SR. JOSÉ, PERSONAGEM DE SEU NOVO LIVRO”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 17 DE OUTUBRO DE 1997 [ENTREVISTA A PAULO ROBERTO PIRES].

Quando se começa a escrever é preciso estar num deserto, sem bússolas nem estradas nem nada. O escritor tem que traçar por onde quer andar, tem que inventar a sua própria bússola para inventar o seu próprio norte, que é melhor que não coincida com o norte de outro. Mas isto não se aprende com um discurso prévio, embora eu também não tenha certeza de que seja assim.

“MOMENTOS DE UNA CHARLA CON JOSÉ SARAMAGO”, *AL MARGEN*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, N. 1, OUTUBRO-NOVEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A ALBERTO RODRÍGUEZ HERRERA E HELENA TUR PLANELLS].

No início respondia que escrevia para que as pessoas gostassem de mim. Depois essa resposta me pareceu insuficiente e decidi que escrevia porque não gostava da ideia de ter de morrer. Agora digo, e talvez isto, sim, é que seja o certo, que no fundo escrevo para compreender.

“YO NUNCA QUISE SER NADA”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 1^o DE SETEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A IMA SANCHÍS].

A inspiração é só o esqueleto de uma ideia. O trabalho e a disciplina são o que formam o corpo desse esqueleto.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘QUIERO DARLE A LANZAROTE LO QUE ELLA ME PIDA’”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 752, 19 DE DEZEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A JORGE COLL].

Eu vivo desassossegado, escrevo para desassossegar.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

As palavras cansam. Se pagássemos impostos pelas palavras, os Estados se enriqueceriam. Creio que falamos demais. Não se necessitam tantas palavras. Muito do que dizemos é inútil. Mas não há outro remédio senão continuar a falar porque não se encontrou até agora outro meio de comunicação mais eficaz.

“EL SUEÑO DE LAS OLAS DE PIEDRA”, *UNO*, MENDOZA, 13 DE SETEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JAIME CORREAS].

[Meus escritores de referência são] o Montaigne, o Cervantes, o padre Antônio Vieira, Gogol e Kafka. O padre Vieira era um jesuíta do século XVII. Nunca se escreveu na língua portuguesa com tanta beleza como ele fez.

“LO MÁS IMPORTANTE DEL MUNDO ES SABER DIZER NO A LA INJUSTIÇA”, *ABC*, MADRI, 9 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A DOLORS MASSOT].

O primeiro heterônimo de Pessoa que li foi Ricardo Reis, aos dezenove anos. E devo dizer que a poesia de Ricardo Reis é realmente fascinante. É um mundo neoclássico de rigor poético que encanta qualquer um. Mas ali encontrei algo que, desde muito jovem, me causou forte impressão, muito desagradável, de repúdio. Uma frase que me marcou e determinou grande parte da minha literatura: “Sábio é quem se contenta com o espetáculo do mundo”.

“EL EVANGELIO DE SARAMAGO”, *REVISTA TRESPUNTOS*, BUENOS AIRES, 14 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A SILVIA HOPENHAYN].

No meu trabalho não há nenhuma premeditação. Sou o escritor menos programado que existe.

“ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 18 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A TUNUNA MERCADO].

Às vezes digo que não invento nada, o que eu faço é ensinar: como quem vai por um caminho e encontra uma pedra, a levanta para ver o que há debaixo... Isso é o que eu faço. Não há uma premeditação, não há nada de uma atitude intelectual prévia.

“ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 18 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A TUNUNA MERCADO].

[A imaginação] nasce da relação dialética com os fatos que você está vivendo e da capacidade que você tem de relacionar tudo isso com o seu próprio mundo interior. E, a partir de tudo isso, surge uma ideia. E é só isso. Porque o escritor não é um ser extraordinário que está ali com a mão colocada na testa a esperar as fadas. Eu o vejo de uma forma muito mais simples. Quer dizer, você tem uma coisa para contar e, como qualquer pessoa que tem seu trabalho, você tem que fazê-lo o melhor que puder, respeitando a si mesmo e ao trabalho que faz. Se o faz bem, ficará satisfeito, e se não for esse o caso, porque não saiu como você gostaria, então não gostará. Mas sem dramatizar.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES UN TRABAJO: EL ESCRITOR NO ES UN SER EXTRAORDINARIO QUE ESTÁ ESPERANDO A LAS HADAS’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 29 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Quero dizer que me nego a ver fenômenos celestes no fato de escrever. Tudo é tão normal como você ter, diante de si, um papel, um sentimento a expressar, e você se põe a trabalhar. A escrever uma palavra atrás da outra, a mudar uma palavra por outra. Sem que nenhum duende intervenha. Sem que atrás do seu ombro brilhe uma luz inspiradora. Escrever é só trabalho. E se você tem talento chegará a algo bom. Mas, se não tem, e se tem consciência da sua própria fraqueza como artista, talvez possa chegar a vencê-la à base de trabalho. A ideia do artista a sofrer em sua água-furtada às três da manhã é falsa.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES UN TRABAJO: EL ESCRITOR NO ES UN SER EXTRAORDINARIO QUE ESTÁ ESPERANDO A LAS HADAS’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 29 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Provavelmente não sou um romancista; provavelmente eu sou um ensaísta que precisa de escrever romances porque não sabe escrever ensaios.
CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Quando digo que talvez não seja um romancista ou que talvez o que faço são ensaios, falamos disto exatamente, porque a substância, a matéria do ensaísta é ele mesmo. Se você vai ver os ensaios de Montaigne, que foi quando começaram a se chamar assim, sabe que é ele, sempre ele, desde o prólogo, na própria introdução. Em substância, eu sou a matéria do que escrevo.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Onde estou nos romances? Ali, sim, estou. Mas um leitor não deve perder tempo a procurar a minha vida nos romances porque ela não está ali. O que está nos romances não é a minha vida, mas a pessoa que eu sou, o que é algo muito diferente.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

O ser humano culto é feito de papel.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

A primeira questão é que se eu não ouço as palavras dentro da minha cabeça na hora de começar um livro, se não posso escutar uma voz que está a dizer o que vou escrevendo, o livro não se faz. Preciso de que o que estou escrevendo possa ser dito.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Eu escrevo com relativa facilidade. Mas há aqui talvez uma questão que tem que ver com as técnicas da escrita. Aparentemente, hoje emendo muitíssimo mais do que emendava antes. Muito mais. Mas isso digo-o eu, porque estou na situação em que posso verificá-lo e dizê-lo. Acho, contudo, que é só aparentemente que isso acontece. Porque antes — e isto tem que ver com os instrumentos de que disponho —, ao escrever com uma caneta ou com a máquina de escrever, que é uma coisa que já quase parece pré-histórica, lembro-me de que tinha que organizar dentro da minha cabeça a frase, para que ela ficasse mais ou menos como eu a queria.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

O que eu quero é que se note nos meus livros que passou por este mundo (valha isso o que valer, atenção!) um homem que se chamou José

Saramago. Quero que isso se saiba na leitura dos meus livros. Desejo que a leitura dos meus livros não seja a de uns quantos romances acrescentados à literatura, mas que neles se perceba o sinal de uma pessoa.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Tenho que confessar, muito sinceramente, que escrever não me dá prazer. Pode dar-me prazer ter escrito, o que é outra coisa; agora, o chamado prazer da escrita, sinceramente não o sinto — embora também nunca tenha lido uma explicação que me diga em que consiste esse prazer. Muita gente fala do prazer da escrita, mas nunca ninguém nos disse que esse prazer se manifesta desta ou daquela maneira.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Há uma espécie de despersonalização em mim quando escrevo teatro. Acho que tenho uma facilidade incrível para escrever teatro. E o que é curioso é que cada vez que me chamam dramaturgo eu digo que não o sou.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Penso que o trabalho de escrever, de inventar, de elaborar uma história é um ato de consciência, o que não significa que seja uma consciência mecânica; quer dizer, se o faço e é minha forma de trabalhar, então eu sei muito bem aonde quero chegar, mas não sei como vou chegar, e é no ato de escrever que tudo vai ficando cada vez mais claro e que há aportes que se introduzem.

“JOSÉ SARAMAGO: LA ESCRITURA COMO UNA TOMA DE CONCIENCIA”, *SIEMPRE!*, CIDADE DO MÉXICO, 25 DE FEVEREIRO DE 1999 [ENTREVISTA A ADRIANA CORTES].

No fundo, a palavra autêntica, a palavra verdadeira é a palavra dita. A palavra escrita é apenas uma coisinha morta que está ali, à espera de que a ressuscitem. E é no dizer da palavra que a palavra é efetivamente palavra. Por isso, às vezes eu digo que convém a um leitor que está a ler um romance meu que ele seja capaz de ouvir dentro da cabeça a voz que está a dizer aquilo que ele está a ler. Ele está a fazer uma leitura silenciosa, como é normal. O que peço, alguma coisa posso pedir aos leitores, mesmo no sentido de uma compreensão mais exata daquilo que está escrito, é que tente ouvir dentro de sua cabeça essa voz.

“A TERCEIRA PALAVRA DE SARAMAGO”, *BRAVO!*, SÃO PAULO, ANO 2, N. 21, JUNHO DE 1999 [ENTREVISTA A JEFFERSON DEL RIOS, BEATRIZ ALBUQUERQUE E MICHEL LAUB].

Embora eu não faça da literatura panfletos, nunca fiz, qualquer leitor atento perceberá, numa leitura de um romance meu, o que é que eu penso sobre o mundo, sobre a vida, sobre a sociedade...

“A LITERATURA NÃO MUDA O MUNDO”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1999 [ENTREVISTA A CECILIA COSTA].

Se há um escritor do século xx por quem tenho veneração, este é o Kafka, e reivindico o ser kafkiano. Kafka disse que um livro tem que ser o machado que quebra o mar gelado da nossa consciência; isto eu tomo como um programa de trabalho. O estranho seria que um escritor como ele não tivesse exercido nenhuma influência.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Na minha curta experiência de jornalista aprendi alguma coisa: a escrever 99 palavras quando se necessitam 99.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

A memória é o dramaturgo que todos os homens têm dentro. Encena e inventa um disfarce para cada ser ligado a nós. A distância entre o que foi uma pessoa e o que se recorda dela é literatura.

“JOSÉ SARAMAGO: LA MORAL INSURRECTA”, *REVISTA UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA*, MEDELLÍN, N. 265, JULHO-SETEMBRO DE 2001 [ENTREVISTA A AMPARO OSORIO E GONZALO MÁRQUEZ CRISTO].

Ninguém queira ser um bom autor se não foi um bom leitor.

“NINGUÉM QUEIRA SER UM BOM AUTOR SE NÃO FOI UM BOM LEITOR”, *JORNAL DA MADEIRA*, MADEIRA, 15 DE MAIO DE 2002 [CORRESPONDÊNCIA DE CARLA RIBEIRO].

Trabalho por dia umas sete ou oito horas. Nunca começo cedo. Não sou alguém que gosta de ficar na cama até o meio-dia. Levanto-me só às oito e meia, nove. É o hábito que tenho. Preparo o café da manhã e depois subo e me sento para trabalhar. Às vezes o trabalho consiste em escrever cartas ou algo assim [...]. Então, digamos entre as dez e meia e as duas da tarde é o

tempo de trabalho pela manhã. Em seguida, depois do almoço, faço uma pequena sesta e volto a trabalhar entre quatro e meia e cinco, e fico até as oito e meia, às vezes oito, às vezes nove, escrevendo.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

No fundo, falar é muito mais criativo do que escrever.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

[Não escrevo] por amor, mas por desassossego. Escrevo porque não gosto do mundo em que estou a viver.

“SARAMAGO: ‘YO NO ESCRIBO POR AMOR, SINO POR DESASSOSIEGO’”, *EL DIA*, TENERIFE, 15 DE JANEIRO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DA AGENCIA EFE].

Os escritores aos quais estou sempre a voltar são Montaigne, Pessoa e Kafka. O primeiro, porque somos a matéria do que escrevemos, o segundo, porque somos muitos e não um, o terceiro, porque esse um que *não somos* é um coleóptero.

“SOY UN RELATIVISTA”, *VISTAZO*, GUAIAQUIL, 19 DE FEVEREIRO DE 2004 [ENTREVISTA A LOLA MÁRQUEZ].

O processo criativo não tem nada que ver com essa parafernália da inspiração, da angústia da página branca, tudo isso... Escrever (ou escrever música, pintar...), é um trabalho.

“A ARTE, O HOMEM E A SOCIEDADE”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 873, 17 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A BRUNO CASEIRÃO].

O Alexandre O’Neill, como se estivesse a dirigir-se a um jovem escritor, escreveu: “Não contes a vidinha”, numa frase extraordinária: a nossa vidinha não tem importância nenhuma, é preciso pensar em coisas maiores e mais importantes do que nós.

“A LUCIDEZ SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2005 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Em todos os meus romances há uma tentação ensaística. Apresento dúvidas para avançar.

“SARAMAGO CRITICA LOS MALES DE LA DEMOCRACIA EN *ENSAIO SOBRE LA LUCIDEZ*”, *EL PAÍS*, MADRI, 27 DE ABRIL DE 2004 [CORRESPONDÊNCIA DE ROSA MORA].

O escritor é um pobre-diabo que trabalha.

“SARAMAGO: EL ESCRITOR ES UN POBRE DIABO QUE TRABAJA”, *LA VENTANA* (PORTAL INFORMATIVO DA CASA DE LAS AMÉRICAS), HAVANA, 15 DE SETEMBRO DE 2004.

Sou melômano. Gosto de ouvir música ao escrever, embora eu saiba que escrever e ouvir música causa interferências, uma ação deve ser separada da outra.

“DESVENTURAS EM SÉRIE”, *ÉPOCA*, SÃO PAULO, 31 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A LUÍS ANTÔNIO GIRON].

Como escritor, sou um produto do 25 de Novembro. Com o 25 de Novembro, fiquei sem trabalho e com pouca esperança de conseguir um sítio onde o encontrar. Eu estava muito marcado. Decidi, aos 53 anos, que seria “agora ou nunca”. Se as circunstâncias me retiraram a possibilidade de trabalhar, iria escrever. Não foi fácil. Durante uns anos vivi de traduções. Eu já não estava no circuito, ninguém pensou mais em mim e ainda bem. Fechei-me em casa a traduzir para ganhar a vida e para escrever. Publico, em 1977, o *Manual de pintura e caligrafia*; em 1978, o *Objeto quase*. Ainda nesse ano vou para o Alentejo e daí saiu o *Levantado do chão*. O *Memorial do convento*, em 1980, e acho que também *O ano da morte de Ricardo Reis* confirmaram que estava ali um escritor. A partir daí não tinha nada que provar a não ser a mim mesmo, até onde poderia chegar. Cheguei *As intermitências da morte*, aos 83 anos, e espero que haja mais.

“ATÉ AGORA NUNCA ESCREVI NENHUM LIVRO MAU...”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 9 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ISABEL LUCAS].

Aquilo que eu quero no fundo é passar para o papel as coisas que me preocupam. Não escrever histórias por contar histórias, o que seria perfeitamente legítimo.

“PROVAVELMENTE JÁ CHEGOU O DIA EM QUE NÃO TEREI NADA MAIS A DIZER”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *MIL FOLHAS*), LISBOA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

Normalmente não escrevo mais que quatro horas por dia. Enfim, às vezes um pouco mais. E sempre à tarde. O meu limite é escrever duas

páginas diárias. Se porventura essas duas páginas me custam menos trabalho, então posso ter de trabalho três horas. E quando termino as duas páginas, levanto-me. Às vezes são duas páginas muito trabalhosas, que exigem muito mais tempo. É uma regra minha já há muitos anos.

“A MINHA IDEIA ERA TOCAR VIOLONCELO”, *SÁBADO*, LISBOA, 25 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A SÍLVIA GONÇALVES].

Não parece nada, mas pelo menos o que acontece comigo é que a primeira página é absolutamente uma tortura, não porque eu não saiba exatamente o que é que quero escrever, mas porque se as palavras não estão todas no seu lugar, se ademais não tem uma espécie de música interior que faz que cada palavra soe como se acabasse de ser inventada, ainda precisamos de muitíssimo trabalho. Isso tem que ver com a minha própria natureza, como a forma individual de escrita.

“EL NOMBRE Y LA COSA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 2 DE DEZEMBRO DE 2006 [ENTREVISTA A ROBERTO DOMÍNGUEZ].

Se eu não posso escutar dentro da minha cabeça o que estou escrevendo, mais vale que não avance. Tenho que escutar dentro da minha cabeça e, se aquilo não funciona, sofro. Também se sofre num momento em que, na metade da história, criou-se uma situação complicadíssima e não se sabe como sair dela, e isso acontece muito.

“EL NOMBRE Y LA COSA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 2 DE DEZEMBRO DE 2006 [ENTREVISTA A ROBERTO DOMÍNGUEZ].

Para mim o mais impactante de trabalhar com a memória para escrever é que se descobrem duas coisas: que a gente se lembra mais do que pensava e que se lembra de coisas que acreditava estarem completamente esquecidas.

“EN EL CORAZÓN DE SARAMAGO”, *ELLE*, MADRI, N. 246, MARÇO DE 2007 [ENTREVISTA A GEMA VEIGA]

Tudo pode ser “extraordinário” se é “extraordinária” a nossa maneira de ver e de sentir. Os girassóis de Van Gogh não eram “extraordinários” (não há nada mais parecido com um girassol do que um outro girassol), mas o eram os olhos e a sensibilidade do artista. Caminhar descalço pela beira lamacenta de um rio não tem nada de “extraordinário”, mas recordar-me

como a lama se introduzia entre os meus dedos do pé, e também como me parece sentir naquele instante é um sinal de que qualquer pequeno acontecimento, mesmo o mais comum e insignificante, pode se transformar em “extraordinário” por toda uma vida.

“LE PICCOLE MEMORIE”, *LA REPUBBLICA*, ROMA, 23 DE JUNHO DE 2007 [ENTREVISTA A LEONETTA BENTIVOGLIO].

Penso que o escritor não é um ser transtornado. É um homem que faz o seu trabalho, mas além disso é um cidadão. Se a sua condição de escritor se sobrepõe à de cidadão, então pode dizer que a sua obrigação se resume inteiramente ao seu trabalho — ao texto, que alguns mencionam como uma espécie de hóstia sagrada. Mas não é o texto o que conta. É o contexto. Nesse contexto está o exercício da cidadania.

“COLOMBIA DEBE VOMITAR SUS MUERTOS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 9 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A MARÍA PAULINA ORTIZ].

Eu creio que o escritor escreve para si mesmo. Ele não está ali para salvar o mundo. No máximo, o escritor estabelece passarelas com os seus leitores.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘IL FAUDRAIT RÉFORMER LA DÉMOCRATIE’”, *L’ORIENT LE JOUR*, BEIRUTE, 2 DE AGOSTO DE 2007 [ENTREVISTA A LUCIE GEFFROY].

Como frequentemente repito: para viver é preciso morrer. O meu pai, a minha mãe, o meu irmão estão mortos. Os fatos são os fatos. Não podemos contorná-los. Quantos anos me sobram para viver? Três, quatro, cinco anos? Não tenho medo de morrer, mas o meu desejo seria poder escrever até o último dia.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘IL FAUDRAIT RÉFORMER LA DÉMOCRATIE’”, *L’ORIENT LE JOUR*, BEIRUTE, 2 DE AGOSTO DE 2007 [ENTREVISTA A LUCIE GEFFROY].

Há uma tendência, digamos, reflexiva, quase didática [na minha obra], como se, no fundo, eu fosse um professor frustrado, que não chegou a sê-lo por uma quantidade de razões, e que, na hora de escrever uma obra literária, manifesta uma intenção. Não é que eu esteja tentando sempre introduzir a moral das coisas, que eu esteja tentando dar lições éticas ao leitor, porque não se trata disso. Por outro lado, tudo se equilibra ou reequilibra com o uso permanente da ironia, digamos do humor, e portanto, embora eu fale de uma

didática, isso não quer dizer que eu seja um senhor muito enfadonho que está ali para dar lições ao leitor. O que acontece é que há realmente em mim uma tendência reflexiva.

“ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO: ‘YO ESCRIBO PARA COMPRENDER’”, *LA JIRIBILLA*, HAVANA, 22 DE SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A OMAR VALIÑO].

Preciso de uma ideia que me mobilize para começar a escrever. Tem que ser uma ideia forte. Sempre ocorre que essa ideia se encontra no título que se me apresenta. É como se o título fosse uma caixa vazia que eu tenho de encher.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

No meu trabalho não há ritual nenhum.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

Sou um escritor algo atípico. Só escrevo porque tenho ideias. Sentar-me a pensar que tenho que inventar uma história para escrever um livro nunca me aconteceu e nunca me acontecerá. Necessito de algo que me sacuda por dentro e que se me agarre com força para que eu entenda que ali há qualquer coisa para contar.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

A minha opinião sobre essas questões de quem é melhor ou de quem não é tão bom [escritor] é muito clara. Em literatura, ninguém tira o lugar a ninguém.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

Eu não pertencço àquele tipo de escritores que anda com as antenas no ar, captando o que está fora: diálogos, impressões, imagens e tudo o mais. Não. Enfim, não ando com um caderninho de notas para apontar uma frase interessante que tivesse escutado. Eu não preciso de estímulos exteriores. O que preciso, sim, é que a minha cabeça, por iniciativa própria, dê o pontapé de saída do jogo que vai começar.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

Transportamos o que vemos e o que sentimos para um código convencional de sinais, a escrita, e deixamos às circunstâncias a responsabilidade de fazer chegar à inteligência do leitor, não a integridade da experiência que nos propusemos transmitir — é inevitável parcelar a realidade da qual nos tínhamos alimentado —, e sim mais ou menos uma sombra do que, no fundo do nosso espírito, sabemos que é intraduzível.

“SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES TRADUCIR, AUNQUE ESTEMOS EMPLEANDO NUESTRA LENGUA’”, AGÊNCIA EUROPA PRESS, MADRI, 4 DE OUTUBRO DE 2008.

Escrever é traduzir, sempre será. Inclusive quando usamos a nossa própria língua transportamos o que vemos e o que sentimos, supondo que o ver e o sentir, como em geral o entendemos, sejam algo mais que as palavras com as quais nos vai sendo relativamente possível expressar o visto e o sentido.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES TRADUCIR’”, *EL MUNDO*, EDIÇÃO DE LEÓN, 5 DE OUTUBRO DE 2008 [CORRESPONDÊNCIA DE ELOÍSA OTERO].

Somos o que pensamos, e dizemos aquilo que pensamos com palavras. Se as palavras são tão mal usadas, deturpadas, mal pronunciadas muitas vezes, que espécie de pensamento podem expressar? Isso é frustrante.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Não temos outra coisa [que palavras]. Somos as palavras que usamos. A nossa vida é isso.

“É COMO SE HOUVESSE DENTRO DE MIM UMA PARTE INTOCADA. ALI NÃO ENTRA NADA”, *PÚBLICO (SUPLEMENTO ÍPSILON)*, LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANABELA MOTA RIBEIRO].

Ninguém escreve para o futuro, ao contrário do que se julga. Somos pessoas do presente que escrevemos para o presente.

“É COMO SE HOUVESSE DENTRO DE MIM UMA PARTE INTOCADA. ALI NÃO ENTRA NADA”, *PÚBLICO (SUPLEMENTO ÍPSILON)*, LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANABELA MOTA RIBEIRO].

Detesto dramatismos. Detesto aquilo que os escritores cultivam muito: a relação dramática com a escrita.

“É COMO SE HOUVESSE DENTRO DE MIM UMA PARTE INTOCADA. ALI NÃO ENTRA NADA”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *ÍPSILON*), LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANABELA MOTA RIBEIRO].

O Gabriel García Márquez dizia que escrevia para que gostassem dele. É possível. É mais exato dizer que a gente escreve porque não quer morrer. Ser amado pelo outro não está na nossa mão; podemos escrever para que isso aconteça, e depois acontecerá ou não. Já que temos que morrer, que alguma coisa fique. Não é imortalidade — isso seria um disparate; é um reconhecimento por algum tempo mais.

“É COMO SE HOUVESSE DENTRO DE MIM UMA PARTE INTOCADA. ALI NÃO ENTRA NADA”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *ÍPSILON*), LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANABELA MOTA RIBEIRO].

Quem trabalha a forma trabalha o conteúdo, quem trabalha o conteúdo trabalha a forma. Comparo o trabalho ao computador com o trabalho do oleiro. O oleiro agarra num bocado de barro, põe-no no torno, o torno gira e ele começa a trabalhar o barro até chegar à forma que quer. Há qualquer coisa de artesanal com o trabalho no computador.

“É COMO SE HOUVESSE DENTRO DE MIM UMA PARTE INTOCADA. ALI NÃO ENTRA NADA”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *ÍPSILON*), LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANABELA MOTA RIBEIRO].

Se eu tivesse de ser lembrado por algo, gostaria que se lembrassem de mim como do criador do cão das lágrimas.

“SE ME DESENTERRÓ UN LENGUAJE”, *CLARÍN* (REVISTA DE CULTURA *Ñ*), BUENOS AIRES, 22 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A EZEQUIEL MORALES].

O meu trabalho é sobre a possibilidade do impossível. Peço ao leitor que aceite um pacto; mesmo se a ideia é absurda, a coisa importante é imaginar o seu desenvolvimento. A ideia é o ponto de partida, mas o desenvolvimento é sempre racional e lógico.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘I DON’T MAKE EXCUSES FOR WHAT COMUNIST REGIMES HAVE DONE. BUT I HAVE THE RIGHT TO KEEP MY IDEAS’”, *THE GUARDIAN*, LONDRES, 22 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MAYA JAGGI].

Com esta palavra [inspiração] eu não resolvo nada. Eu costumo dizer que a primeira condição para escrever é sentar-se [...]. Um livro precisa de uma ideia fundacional, [um embrião que nasce do] pensamento subterrâneo que, diferentemente do pensamento superficial — que nós mesmos comandamos —, trabalha por sua própria conta. De vez em quando, esse pensamento subterrâneo sobe à superfície e manifesta-se como a dizer: “Aqui estou”. Isso é inspiração? Não. É um processo químico, físico, elétrico. É o funcionamento do cérebro.

“ENSAIO SOBRE O JOSÉ”, *TAM NAS NUVENS*, SÃO PAULO, N. 11, NOVEMBRO DE 2008 [REPORTAGEM DE ADRIANA CARVALHO].

Há escritores que fazem um plano do que será o livro, com as personagens, as situações e tudo. Eu prefiro deixar que cada palavra que escrevo dê origem à palavra seguinte. E a palavra nova vai criando situações também novas, dentro da minha cabeça. E aí me cabe decidir se continuo pelo caminho por onde ia ou se aceito a minha própria provocação involuntária de tomar um novo rumo.

“ENSAIO SOBRE O JOSÉ”, *TAM NAS NUVENS*, SÃO PAULO, N. 11, NOVEMBRO DE 2008 [REPORTAGEM DE ADRIANA CARVALHO].

Não faço literatura com o meu próprio trabalho, não invento transcendências sobre o meu trabalho. O que me importa é chegar ao final do dia e ter cumprido a tarefa imposta: escrever duas ou três páginas. Se o faço, estou contente.

“MÉXICO, UN PAÍS QUE NO LOGRO ENTENDER: SARAMAGO”, *MILENIO ON-LINE*, CIDADE DO MÉXICO, 31 DE JANEIRO DE 2009 [REPORTAGEM DE MAURICIO FLORES].

Eu creio que o autor tem de ter consciência de que tem a sua voz [...] e de sentir que encontrou a sua voz. E a sua voz o que é? É uma forma de ver, de pensar, de sentir e de raciocinar sobre as coisas, uma perspectiva de futuro, uma outra perspectiva de passado, que há que vê-lo em perspectiva e com o domínio da língua. Um conhecimento dela tão profundo quanto se possa, que não tem necessariamente que passar pelos escritores para passar a língua. Não tem de estudar a língua, tem é de ler aqueles que escreveram melhor que ele. É a ler que se aprende a escrever. É a ler!

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Um romance meu cresce como o faz uma árvore. Se é uma oliveira, já se sabe que não pode chegar à altura de um pinheiro, chega à altura que lhe é própria e para, ficou por ali. Isso não quer dizer que os meus romances tenham de ser todos pequenos ou todos grandes. Mas seguem uma lógica própria e interna. Por que é que eu praticamente não faço correções? Porque é que eu não meto ou tiro capítulos, nem os aumento ou os substituo. Nunca me aconteceu! O livro vai sendo escrito — isto é óbvio mas há que dizê-lo — palavra a palavra. E cada palavra escrita de alguma forma determina a palavra que se segue, e o livro segue o seu curso dentro de uma direção que eu quero que seja aquela em que ele vai.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Tenho o hábito de escrever ao fim da tarde, entre as cinco e as nove.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Quando se está a escrever uma história vive-se de uma certa maneira num estado segundo, em que se torna acessível a ideias e a intuições que não se dariam no estado inicial, ou seja estamos muito mais receptivos.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

As palavras que usamos em maior ou menor percentagem, quantidade ou frequência, acabam por traçar um retrato nosso.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

AUTOR-NARRADOR

“A obra é o romancista”, afirmou algumas vezes Saramago, que escrevia para dizer quem era. Por isso, não se deve estranhar que a instância do autor-narrador — tão complexa e rica tecnicamente — surja em cada uma de suas obras como uma potente maquinaria capaz de marcar tanto o caráter da ficção como sua própria personalidade literária. Empenhado em negar a existência do narrador convencional — ao qual, se existir, ele reservava o papel delimitado de uma personagem a mais, mas nunca o do condutor de uma orquestra —, atribuía a si mesmo a responsabilidade da elocução, porque o livro — assegurava — conteria sobretudo uma pessoa, um grito vital concreto, que por direito corresponde ao autor de carne e osso, único dono da história que se conta.

Em seus romances, o autor-narrador se transforma numa figura central, vigorosa e totalizadora. É capaz de reordenar subjetivamente a temporalidade, amalgamando sua própria circunstância ao ciclo dos fatos relatados, de interferir no curso do relato mediante digressões maiores, de se sobrepor às lógicas da continuidade espacial, de interpelar o leitor e estabelecer cumplicidades com ele, de dissentir e opinar ou governar as criaturas de suas obras, administrador de um conhecimento que transborda tanto a cronologia como a informação estrita dos acontecimentos referidos. Através de sua mediação expande-se pelo livro uma prodigiosa liberdade fabuladora, mas também um compromisso explícito com a palavra e com seus conteúdos, expressão, em suma, da responsabilidade com que Saramago assume a literatura: um narrador transfigurado em autor.

[O meu narrador] adota todos os pontos de vista possíveis, pode estar em todos os lugares e sobretudo habita em todo o tempo. O narrador não prevê o futuro, mas já sabe o que acontecerá no futuro da ação. O narrador narra, joga, organiza todos os fatos da sua fabulação e sabe aquilo que as suas personagens ignoram [...]. Ele usa esse saber de um modo que lhe é exclusivo. Desse conhecimento as personagens não coparticipam, porque não podem. Nos meus romances, aparecem de forma simultânea os comportamentos das personagens e o conhecimento que o narrador já possui do que acontecerá com elas.

“LA ISLA IBÉRICA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *QUIMERA*, BARCELONA, N. 59, 1986 [ENTREVISTA A JORDI COSTA].

Toda essa liberdade que se pode reconhecer nos meus livros resulta fundamentalmente da posição em que me coloco como um narrador realmente onisciente, onipresente e que, de certa maneira, está disposto a manipular tudo o que vem relacionado não só com a narrativa propriamente dita, mas também com as ilusões do próprio leitor. Imagino-me muito mais como alguém que está falando do que como alguém que está escrevendo. Isso explica as digressões, as interrupções, o deixar coisas em suspenso para retomá-las mais adiante enquanto se introduz um comentário irônico de tipo sociológico ou até político. Quando se chega ao final do livro, capta-se a imagem de uma coerência completa, que não decorre de nenhum esquema rígido prévio. Isso tem como resultado uma completa liberdade no ato de escrever, que me permite introduzir no livro situações que nunca teria sido capaz de imaginar antes de me pôr a escrevê-lo e que surgem do próprio processo de criação do livro. Quando eu digo que começo a ter dúvidas sobre se sou realmente um romancista, não digo de brincadeira, digo muito sinceramente, porque começo a compreender que o romancista é provavelmente algo diferente do que eu sou. Sou uma espécie de poeta que vai desenvolvendo uma ideia. Nos meus livros as coisas acontecem um pouco como uma fuga musical. Há um tema que depois é sujeito a tratamentos diferentes quanto a timbres e movimentos. Isso pode ocorrer em algum de meus livros. Chega-se ao final da leitura com a impressão de ter lido um longo poema.

“SARAMAGO: ‘LOS VÍNCULOS DE PORTUGAL CON UNA ESPAÑA FEDERATIVA PROVOCARÍAN UNA REVISIÓN TOTAL DE LA RELACIÓN’”, *DIARIO 16* (SUPLEMENTO *CULTURAS*), MADRI, 11 DE FEBREIRO DE 1989 [ENTREVISTA A CÉSAR ANTONIO MOLINA] [RECOLHIDA EM CÉSAR ANTONIO MOLINA, *SOBRE EL IBERISMO Y OTROS ESCRITOS DE LITERATURA PORTUGUESA*, INTRODUÇÃO DE JOSÉ SARAMAGO, EPÍLOGO DE ÁNGEL CRESPO, MADRI, AKAL, 1990, PP. 247-75].

Quando se fala dos meus livros, sempre se refere: “o seu narrador”. Do ponto de vista técnico aceito que me separem a mim, autor, dessa entidade que está por lá que é o narrador. Também não vale a pena dizer que o narrador é uma espécie de “alter ego” meu. Eu iria talvez mais longe, e provavelmente com indignação de todos teóricos da literatura, afirmaria: “Narrador, não sei quem é”. Parece-me, e sou leigo na matéria, que no meu caso particular — e creio ter encontrado uma fórmula que acho feliz para expressar isso — é como se eu estivesse a dizer ao leitor: “Vai aí o livro, mas esse livro leva uma pessoa dentro”. Leva uma história, leva a história que se conta, leva a história das personagens, leva a tese, a filosofia, enfim, tudo o que se quiser encontrar lá. Mas além de tudo isso leva uma pessoa dentro, que é o autor. Não é o narrador. Eu não sei quem é o narrador, ou só o sei se o identificar com a pessoa que eu sou.

O meu narrador não é o narrador realista, que está lá para contar o que aconteceu, sendo guiado pelo autor que por sua vez se mantém distante. Pelo contrário. Aquilo que procuro — embora sem saber muito bem que o faço, se calhar vou compreendendo que andava à procura depois de ter chegado — é uma fusão do autor, do narrador, da história que é contada, das personagens, do tempo em que eu vivo, do tempo em que se passam todas essas coisas, um discurso globalizante em que cada um destes elementos tem uma parte igual.

“DEUS QUIS ESTE LIVRO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

Ocasionalmente digo que o narrador é outra personagem a mais de uma história que não é a dela, dado que a história pertence por inteiro ao autor. A minha aspiração é apagar o narrador para deixar que o autor se apresente sozinho diante de uma entidade maior ou menor: os leitores. O autor se expressa por si mesmo, e não através dessa espécie de tela que é o narrador. É verdade, existe um narrador onisciente, mas também é verdade que se pode substituir o narrador pelo autor onisciente.

“CON EL ESCRITOR PORTUGUÉS JOSÉ SARAMAGO: ‘LA ESCRITURA ES OTRA FORMA DE REALIDAD’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO CULTURAL), MONTEVIDÉU, 24 DE JUNHO DE 1994 [ENTREVISTA A CHRISTIAN KUPCHIK].

Não. Não me escondo por trás do narrador. Saramago é o autor e é ele quem conta o que conta.

“YO NO ENTIENDO...”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 20 DE NOVEMBRO DE 1994.

Costumamos dizer que o narrador é necessário numa obra de ficção; contudo, o teatro também pertence ao âmbito da ficção, e eu me pergunto: onde está o narrador numa peça de teatro? Se tiramos as rubricas — e podemos tirá-las, pois o teatro antigo carecia delas —, não encontramos a presença de um narrador. Eu creio que isso que acabamos por denominar “narrador onisciente” não é outra coisa senão o autor, que dispõe de uma experiência pessoal, assim como de uma série de mecanismos que lhe servem para expressar essa voz, e escolhe o adequado de maneira espontânea, sem premeditação.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC* (SUPLEMENTO *ABC LITERARIO*), MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

O espaço que há entre o autor e a narração é ocupado às vezes pelo narrador, que atua como intermediário, ocasionalmente como filtro que está ali para filtrar o que pode ser pessoal demais. Às vezes o narrador está ali para ver se se pode dizer algo sem demasiado compromisso, sem que o autor se comprometa demais. Diria que entre o narrador, que neste caso sou eu, e o narrado, não há nenhum espaço que possa ser ocupado por essa espécie de filtro condicionante ou por algo impessoal ou neutro que se limita a narrar sem implicações. Pode-se dizer que há uma implicação pessoal no que escrevo.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

O narrador não existe, é uma invenção acadêmica graças à qual se escreveram milhares de páginas em teses doutorais [...]. O autor usa o narrador assim como usa as personagens, o põe ali para dizer o que se passa. Mas tudo está dentro da história, até o autor. A minha forma de narrar não coincide com os cânones. Eu sou aquele que escreve, e isso significa mais do que parece, que eu estou ali e sou o único que tem que inventariar

tudo [...]. E, se para tudo o que se expressa precisa-se de um narrador, onde está o narrador em *Las meninas*? O narrador sou eu, e eu sou as personagens, no sentido de que sou o senhor desse universo. E, se calhar, o leitor não lê o romance, mas lê o romancista. E, no fundo, é isso o que interessa saber: quem é esse senhor que escreveu aquilo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Toda obra literária leva uma pessoa dentro, que é o autor. O autor é um pequeno mundo entre outros pequenos mundos. A sua experiência existencial, os seus pensamentos, os seus sentimentos estão ali.

“LA LITERATURA ES UN INTENTO DE ENTENDER EL UNIVERSO”, *Hoy*, SÃO DOMINGOS, 21 DE FEVEREIRO DE 2001 [REPORTAGEM DE MIRYAM LÓPEZ].

O que mais caracteriza este livro [*A viagem do elefante*] é o tom narrativo, o modo de narrar. O narrador é uma personagem numa história que não é sua. Sempre defendi a ideia de que o narrador não existe. Neste livro resolvo a questão — pelo menos resolvo-a para mim, que é a única coisa que importa. Passando a considerar-me autor sim, mas autor-narrador, não dissociado. Assumo tudo.

“É COMO SE HOUVESSE DENTRO DE MIM UMA PARTE INTOCADA. ALI NÃO ENTRA NADA”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *ÍPSILON*), LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANABELA MOTA RIBEIRO].

Em *A viagem do elefante* o narrador tem uma presença constante. Não só narra, também corrige o que disse porque a realidade termina sendo outra. Gosto da figura do autor que é também narrador e para isso remonto a quando se contavam antes os contos, e quando o narrador acrescentava sempre algo seu.

“GARZÓN HIZO LO QUE DEBÍA”, *PÚBLICO*, MADRI, 20 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PEIO H. RIAÑO].

ESTILO

A poderosa voz que conduz a ficção em seus romances identifica Saramago como um escritor dotado de singular personalidade. A partir de 1980, com a publicação de Levantado do chão, encontra seu estilo inconfundível, que afirmará, primeiro, em Memorial do convento (1982) e consolidará definitivamente em O ano da morte de Ricardo Reis (1984). De formação autodidata, a frequência da leitura dos clássicos, mas também seu apego à fala cotidiana, constitui os pilares de sua poderosa dicção, modulada por uma perspectiva narrativa transbordante. O autor-narrador, sempre onisciente, domina e molda o relato à sua fantasia, ultrapassando a história contada, amalgamando tempos, intervindo com digressões e interpelando o leitor. Responsável pela projeção ideológica ou moral com que se orientam os acontecimentos, através dele se veicula a vontade direta do próprio escritor, protagonista exclusivo do livro e da relação com o público.

O pensamento matizado e os minuciosos desenvolvimentos cartesianos próprios de Saramago encontravam uma adequação na frase barroca, no pronunciado ritmo musical da frase, nos períodos exaustivos e no discurso ziguezagueante, encarnando uma atitude formal que foi se moderando e se tornando mais austera — com crescentes incursões de raiz lírica —, particularmente a partir de Ensaio sobre a cegueira. O casamento de tal componente com fórmulas específicas da oralidade adotadas para formalizar o discurso literário — em particular, as que se referem à cadência da frase, à convivência dos estilos direto e indireto e à vigorosa

inserção do diálogo — proporciona à sua expressão fortaleza e originalidade, sublinhadas por um emprego peculiar dos sinais de pontuação. Fiel à sua concepção do tempo histórico, ele perseguia a fusão de cronologias diversas num tecido de antagonismos conciliados pelo trabalho seletivo e analógico que o autor-narrador realiza.

A incorporação de vertentes críticas, num marco de rica fabulação, no momento de articular os conteúdos e os matizes que introduzem o ceticismo e a pujança da ironia alicerçam um discurso literário tão bem resolvido como próprio. A lucidez que se atribui às narrações e às posições públicas do autor encontra nesse recurso uma de suas molas singulares, até se constituir em traço definidor de sua personalidade. Assim evidenciou a Academia Sueca, em sua justificação, quando, em 1998, o considerou merecedor do prêmio Nobel. Compassiva ou cáustica, suavizada ou severa, reflexiva ou analítica, a ironia costumava participar da comunicação de suas ideias atuando como catalisador de sua invocação ao leitor para que se implicasse numa perspectiva particular de análise e de compreensão do real, com frequência questionadora, matizada com o humor, unida com o sarcasmo à medida que passavam os anos. Sendo sempre um sinal de agudeza, a ironia sublinha o ponto de vista elevado do escritor, como fica patente ao longo de toda a sua obra, e resulta particularmente perceptível em romances como Ensaio sobre a lucidez, As intermitências da morte, O homem duplicado e A viagem do elefante.

A impressão que me dá é esta: essa imagem de estilo pessoal que as minhas coisas dão talvez resulte de eu escrever muito livremente. Não escrevo para satisfazer os ditames ou as regras da técnica A ou da escola B. Escrevo um pouco como quem respira, como quem fala.

“NÃO USO LITERATURA COMO POLÍTICA”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE JANEIRO DE 1982.

Ora aquilo que aparece de pessoal no meu estilo tem tanto daquilo que é o pessoal, que é o modo próprio que a pessoa tem de escrever, como revela o fato de não ter esquecido os nossos clássicos e continuar a fazer deles uma leitura diária. O que não quer dizer que pense fazer arqueologia em termos literários. Penso que a linguagem que uso é de hoje, é uma linguagem que não levanta problemas nenhuns de entendimento a quem quer que seja. Mas talvez seja uma linguagem que, por continuar a alimentar-se de raízes que são as nossas, se distingue exatamente por estarmos a viver um tempo extremamente desenraizado.

“NÃO USO LITERATURA COMO POLÍTICA”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE JANEIRO DE 1982.

Influências? Não sinto que as tenha. Mas tive grandes amores literários que, de uma forma ou outra, poderão ter passado para a minha escrita. Talvez que a voz, talvez mais um eco, que mais facilmente reconheço seja a de Raul Brandão. No entanto os meus mestres foram, sem dúvida, os escritores do século XVII, Antônio Vieira e Francisco Manuel de Melo. Acho que nessa época a nossa literatura atingiu uma beleza e um rigor que nunca mais voltaria a possuir.

“JOSÉ SARAMAGO: UM OLHAR QUE SE VIGIA”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1982 [ENTREVISTA A LOURDES FÉRIA].

O estilo que tenho construído assenta na grande admiração e respeito que tenho pela língua que foi falada nesta terra nos séculos XVI e XVII. Pegamos nos sermões do padre Antônio Vieira e, para além do preciosismo e conceptismo do gozo, por vezes um pouco obscurecedor do sentido, verificamos que há, em tudo o que escreveu, uma língua cheia de sabor e de ritmo, como se isso não fosse exterior à língua, mas lhe fosse intrínseco.

A língua é um fio que constantemente se parte e hoje estamos sempre a dar-lhe nós que bem se notam na escrita. Não sabemos ao certo como se

falava na época. Mas sabemos como se escrevia. A língua que então se escrevia era um fluxo ininterrupto. Admitindo que podemos compará-la a um rio, sentimos que é como uma grande massa de água que desliza com peso, com brilho, com ritmo, mesmo que, por vezes, o seu curso seja interrompido por cataratas.

Esse gosto, que não é de hoje, converteu-se num agente transformador da minha linguagem atual. Escrevo, no fundo, como se escrevesse a língua que gostaria que se falasse.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Os olhos com que observo a realidade não excluem nenhum elemento dela e a poesia é um dos elementos que integram. Há sempre um olhar que suscita a centelha poética da realidade. Todas as maneiras de ver, de olhar, são maneiras pessoais. Como escrevo em estado de liberdade, nunca coloco um filtro entre o que quero contar e o modo como vai ser dito. Quando escrevo, estou aberto a tudo o que surge nesse momento. Uma coisa é o que está para ser escrito e outra é o que no momento de escrever vejo, ouço e sinto. Posso, afinal, dizer que se trata de uma maneira pouco cerebral de escrever, o que está em aberta contradição com o que a crítica tem dito dos meus livros. Se há cerebralização, conduz a uma linguagem poeticamente muito mais rica do que essa denominação dá a entender.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Se usasse constantemente sinais gráficos de pontuação, seria como se estivesse a introduzir obstáculos ao livre fluir desse grande rio que é a linguagem do romance, como se estivesse a travar o seu curso. No fundo, é como se escrever fosse narrar. Claro que tudo isto é sempre subjetivo e podem ser encontradas muitas outras razões para justificar esta técnica. Estas, no entanto, são as minhas e não me parecem de todo más.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Tenho uma necessidade quase voraz de apreensão de História. Sinto, por outro lado, que hoje em Portugal temos como que fome de mitos e creio que tanto o *Levantado do chão* como o *Memorial* correspondem a essa necessidade. Penso também que os meus livros são profundamente realistas. No realismo hoje cabem muito mais coisas do que aquelas que durante muito tempo se consentiu que lhe metessem dentro. O meu realismo é, no fundo, um realismo de portas abertas.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Os meus livros são pouco europeus. Para além de serem portugueses, são também de certo modo ibéricos e, por essa mesma característica aproximam-se em termos gerais da ficção e do romance que têm vindo da América Latina. Não sinto, contudo, que exista influência dessa literatura. Talvez a única coisa que possa ter colhido nela seja um certo modo amplo de respirar. De resto, nem as figuras se parecem.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

A língua que uso nos meus romances faz corpo com aquilo que conto. Estou afinal a exprimir aquilo que somos.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Vejo o barroco como uma desesperada busca de clareza. O objetivo do barroco não é o de confundir, é o de tornar claro. Só que nesse esforço de tornar claro, de chegar cada vez mais perto daquilo que se pretende, cai-se no complicado. Os escritores latino-americanos, por exemplo, estão a surpreender-nos a toda a hora e a mostrar como o barroco pode ser realista e o realismo pode ser barroco. Da mesma maneira que penso que não há nada fora da história, penso também que não há nada fora do realismo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCREVER É FAZER RECUAR A MORTE, É DILATAR O ESPAÇO DA VIDA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 50, 18 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FERNANDO DACOSTA].

Quando eu era rapaz, lembro-me de copiar páginas inteiras de autores meus favoritos, e às vezes acontecia que, tendo gostado do que havia lido, não gostava do que estava a escrever, como se escrever fosse uma luz demasiado forte, reveladora de imperfeições que a imperfeita leitura deixara escondidas. Hoje, se a oportunidade o pede, divirto-me a introduzir nos meus romances palavras, frases, versos que não são meus [...]. No *Memorial* estão assim Fernando Pessoa, José Régio, Nicolau Tolentino, Antônio Vieira, Tomás Pinto Brandão, Camões, até Sebastião da Gama lá está, quase invisível...

“JOSÉ SARAMAGO AO *CORREIO DO MINHO*: ‘SE O 25 DE NOVEMBRO NÃO ME TIVESSE AFASTADO DO JORNALISMO NÃO TERIA ESCRITO O *MEMORIAL*’”, *CORREIO DO MINHO*, BRAGA, 12 DE FEVEREIRO DE 1983 [ENTREVISTA A BAPTISTA-BASTOS].

Antônio Vieira é uma dívida que reivindico. E mesmo que me dissessem que tal influência não se nota assim tanto na minha própria linguagem, sei que, profundamente, é o verbo vieirano que vai ressoando no meu cérebro enquanto escrevo. Por um pouco lhe chamaria arquétipo. Agora, se me diz que aliei a tradição léxica de Camilo e o imaginário de Garrett, respondo que me agrada ouvi-lo, sobretudo por uma razão não de toda literária: é que são, ambos, escritores medularmente, agudamente portugueses, que prolongam e renovam os sabores antigos da língua, como terra que vem agarrada às raízes e fica nas mãos.

“JOSÉ SARAMAGO AO *CORREIO DO MINHO*: ‘SE O 25 DE NOVEMBRO NÃO ME TIVESSE AFASTADO DO JORNALISMO NÃO TERIA ESCRITO O *MEMORIAL*’”, *CORREIO DO MINHO*, BRAGA, 12 DE FEVEREIRO DE 1983 [ENTREVISTA A BAPTISTA-BASTOS].

Embora estivesse pronto a fazê-lo, ou a escrevê-lo [*Levantado do chão*], em 1976. Mas só três anos depois é que arranquei, porque sabia que se seguisse os moldes tradicionais a narrativa não me ia agradar. Só podia escrever *Levantado do chão* se o narrasse de viva voz. Tal como nós, que quando falamos não fazemos distinção entre o discurso direto e o indireto. No caso do *Levantado do chão*, isso assume uma forma quase cronística, numa transposição do discurso verbal para o escrito. É uma fórmula que tem sido empregue de uma maneira inovadora tanto por mim como por outros autores.

“SOU A PESSOA MAIS BANAL DESTA MUNDU”, *NT*, LISBOA, 23 DE MAIO DE 1984 [ENTREVISTA A ALEXANDRE CORREIA].

Sou razoavelmente irônico. É uma das coisas que me caracterizam, além de ser alto e calvo... No fundo, sou alguém que gostaria de brincar, mas não pode ou não sabe fazê-lo. Isso resolve-se em mim pela ironia, que é muitas vezes virada contra o próprio ou contra coisas e pessoas que muito quer ou estima. Haveria que estabelecer diferenças entre a troça, o sarcasmo, o humor e a ironia, tudo parentes da mesma família mas, como acontece com as pessoas do mesmo sangue, nem sempre se dão bem. Creio que a troça é o pior de tudo; o sarcasmo, às vezes, é a única solução, enquanto que o humor é uma espécie de gazua e a ironia pode ser um disfarce de qualquer coisa grave, dor ou angústia, mas também pode ser prova ou demonstração de amor. De qualquer modo, tento não sentimentalizar as situações que pareciam estar fadadas para tal. Desejo tornar mais pungentes pela ironia coisas tão irremediáveis como a “mão morta” de Marcenda (“mãozinha duas vezes esquerda, por estar desse lado e ser canhota, inábil, inerte, mão que irás bater àquela porta”).

“A FORÇA DA IRONIA”, *A CAPITAL*, LISBOA, 26 DE NOVEMBRO DE 1984.

Sou um escritor barroco e a minha frase avança numa espécie de linha cicloide. Não vai em linha reta.

“‘A QUESTÃO QUE SE PÕE HOJE EM PORTUGAL É A DA SOBREVIVÊNCIA’ — ALERTA JOSÉ SARAMAGO”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 29 DE SETEMBRO DE 1985 [REPORTAGEM DE ANTÓNIO ARNALDO MESQUITA].

Não distingo entre a aura da música e a aura da palavra. Falar não é mais do que fazer música.

“A FACILIDADE DE SER IBÉRICO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 8 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES, FRANCISCO BELARD E AUGUSTO M. SEABRA].

Utilizo muitas vezes os arcaísmos para acentuar o humor ou a ironia. Não o faço como quem cultiva arcaísmos, mas como quem pretende — e peço desculpa se não corresponder — rejuvenescer a língua.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A PENÍNSULA IBÉRICA NUNCA ESTEVE LIGADA À EUROPA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 227, 10-16 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A INÊS PEDROSA].

O barroco é uma gramática de busca de clareza que avança e recua ou avança recuando ou recuando avança. Uma mesma coisa é dita vinte vezes

porque dezenove não são suficientes para a tornar clara, e talvez nem a vigésima o seja...

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A PENÍNSULA IBÉRICA NUNCA ESTEVE LIGADA À EUROPA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 227, 10-16 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A INÊS PEDROSA].

Creio que, praticamente, a reprodução da fala na escrita não é possível, e esteticamente não seria aconselhável. O que eu faço é introduzir no texto alguns dos mecanismos da fala ligados à sua fluência, à organização dispersiva do discurso. Convencionalmente, costuma-se tratar a escrita com um rigor que evita a projeção do sentido em todas as direções. Apresentar a narração como fala seria justamente o contrário. Penso que consegui dotar o escrito de um caráter tão caótico como o do discurso oral, mediante o aproveitamento de certas mecânicas da fala.

“LA ISLA IBÉRICA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *QUIMERA*, BARCELONA, N. 59, 1986 [ENTREVISTA A JORDI COSTA].

Nos meus romances, há muito lugar para o sentimento, o irracional, o fantástico; mas também é verdade que tenho um espírito muito organizado. Devido a isso, o que poderia resultar num caos acaba apresentando uma organização perfeitamente lógica.

“LA ISLA IBÉRICA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *QUIMERA*, BARCELONA, N. 59, 1986 [ENTREVISTA A JORDI COSTA].

Eu sou tremendamente irônico, mas não nas minhas relações pessoais. Não é uma ironia agressiva, é uma ironia diante da vida, e fatal, muito trágica, porque ao mesmo tempo que sou consciente da sua inutilidade também o sou de que não posso não ser irônico.

“SARAMAGO: ‘LA CE, UN EUFEMISMO’”, *EL INDEPENDIENTE*, MADRI, 29 DE AGOSTO DE 1987 [REPORTAGEM DE ANTONIO PUENTE].

Fernando Pessoa é o irônico por excelência. E toda essa invenção dos heterônimos é uma obra-prima da ironia. Esse dotar de voz própria à profusão de “eus” que convivem em cada um de nós me parece a ironia perfeita.

“SARAMAGO: ‘LA CE, UN EUFEMISMO’”, *EL INDEPENDIENTE*, MADRI, 29 DE AGOSTO DE 1987 [REPORTAGEM DE ANTONIO PUENTE].

No fundo, não deixei de ser poeta, mas um poeta que se expressa através da prosa e provavelmente — e esta é uma ideia lisonjeira que eu quero ter de mim mesmo — é possível que eu seja hoje mais e melhor poeta do que pude ser quando escrevia poesia. Tinha chegado à conclusão, quando parei de escrevê-la, que seria sempre um poeta mais ou menos medíocre, e ninguém gosta, evidentemente, de ser medíocre. Essa mesma poesia que eu abandonei, formalmente, está presente em toda a minha obra de romancista. Expresso-me poeticamente através da prosa com mais força, talvez com mais segurança e talvez mais poeticamente do que consegui quando oficiava de poeta.

Não sei que papel devem ter hoje os intelectuais do mundo. A questão é saber se realmente eles querem representar algum papel, e a impressão que eu tenho, que os fatos me oferecem, é que não querem representar nenhum papel. Renunciaram à sua tarefa de consciência moral que algumas vezes tiveram. Hoje, o escritor, diante da televisão, diante dos grandes meios de comunicação social, não tem praticamente voz e, mais ainda, a sua própria voz muitas vezes o condiciona às necessidades e aos interesses desse próprio meio. Cada vez mais somos meros autores de livros e cada vez contribuímos menos para a formação de uma consciência.

“SARAMAGO: ‘LOS VÍNCULOS DE PORTUGAL CON UNA ESPAÑA FEDERATIVA PROVOCARÍAN UNA REVISIÓN TOTAL DE LA RELACIÓN’”, *DIARIO 16* (SUPLEMENTO *CULTURAS*), MADRI, 11 DE FEVEREIRO DE 1989 [ENTREVISTA A CÉSAR ANTONIO MOLINA] [RECOLHIDA EM CÉSAR ANTONIO MOLINA, *SOBRE EL IBERISMO Y OTROS ESCRITOS DE LITERATURA PORTUGUESA*, INTRODUÇÃO DE JOSÉ SARAMAGO, EPÍLOGO DE ÁNGEL CRESPO, MADRI, AKAL, 1990, PP. 247-75].

Não há ironia sem melancolia.

“UNE VOIX IBÉRIQUE”, *LIBÉRATION*, PARIS, 1º DE MARÇO DE 1989 [ARTIGO DE BASILIO LOSADA].

Quanto a emendas de escrita também não há alterações profundas ou extensas, que obriguem a outras modificações, o que faço é só substituir uma palavra por outra, mais nada. “Se eu estou para aí virado”, o que não é exatamente a mesma coisa de dizer “Se eu estou inspirado”, “Se me está a *sair*”, então a história vai sendo escrita quase em definitivo. Depois limito-me a emendar aqui uma palavra, ali outra, mas o que está é para ficar.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Eu penso que as minhas características de narrador, que têm a ver com a articulação do diálogo, a ligação entre o discurso direto e indireto, certo tipo de pontuação, são uma questão arrumada. O que noto em mim mesmo é uma espécie de desbarroquização da linguagem. Vamos lá ver. O *Manual de pintura e caligrafia* não vai nesse sentido da linguagem. O *Levantado do chão* tem uma linguagem rural, em que eu meti muito da minha própria memória, dos tempos em que eu andava não no Alentejo, mas no Ribatejo. O *Objeto quase*, esses contos dos quais quase ninguém fala, têm uma linguagem muito simples, funcional. E é o *Memorial do convento* que me põe essa espécie de marca, marca barroca.

Mas não sei até que ponto a minha expressão natural — se isto tem sentido, porque nenhuma expressão é natural —, a expressão pela qual tenho mais apetite, será ou não será a do barroco, literário... claro está. Sinto um prazer grande em conduzir a frase, ou em deixar-me levar por ela. É verdade que há no *Cerco* uma simplificação de linguagem, que aliás já se começava a notar no *Ricardo Reis*, se note mais na *Jangada de pedra*, e mais ainda neste livro [*História do cerco de Lisboa*].

Penso que estou a caminhar para um certo tipo de estrutura narrativa, em planos distintos — como acontece quase sempre —, em que jogo com o tempo e que assume especial importância. No que respeita à linguagem apetece-me ser mais claro.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Eu sou o mais realista dos escritores, não falem em realismo mágico ou fantástico. Considero-me o mais realista dos escritores: o modo como eu uso esse realismo é que não tem nada que ver, evidentemente, com as expressões naturalistas do século passado.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

As minhas personagens estão nos meus romances como alguém encarregado de dizer qualquer coisa. O que me preocupa é a arquitetura do livro, a sua solidez, um sistema de vigas que se suportam de modo a que nada trema mesmo que a história seja delirante e avance pelo fantástico de

velas erguidas. E, como um engenheiro, preocupo-me com a resistência dos materiais, o perfil das vigas, as estruturas.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

As mudanças de plano temporal que constantemente ocorrem no livro [*História do cerco de Lisboa*] e que não ocorrem da mesma maneira, podia dizer que me dão muito trabalho pela dificuldade técnica mas não é assim. A minha técnica tem uma parte de espontaneidade — que é controlada — e há muito menos trabalho do que parece na articulação dos planos. No fluxo da narrativa e do meu pensamento, de repente sei que é assim. Como, não sei.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Tenho uma tendência digressiva, que tem exemplos na nossa literatura e o melhor é o do Almeida Garrett. Gosto de meter na história que estou a contar coisas que nada têm que ver com ela, de modo a afeiçoá-las umas às outras.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Não tenho nenhuma preocupação de modernidade, de vanguarda. A única coisa que desejo é expressar-me, e evidentemente cada vez que escrevo expresso uma necessidade, a de falar ao leitor, às pessoas, embora não esteja seguro de conseguir interessar sempre o leitor. O que pode ocorrer é que essa necessidade de você se comunicar o leve a algo de vanguarda; mas não como uma intenção prévia, por pensar que as expressões literárias estão muito cansadas e você tenta algo novo. Se existe algo que devo dizer, devo procurar como dizê-lo, e nessa busca aparece um estilo.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Incluir os diálogos no fluxo narrativo, como acontece neste momento em que tu e eu estamos a conversar, em que o teu diálogo e o meu estão incluídos num fluxo que poderia ser narrativo se além do nosso diálogo

incluíssemos o nosso entorno, isto que está por aqui, o ruído que ouvimos, as plantas. Normalmente ocorre justo o contrário: isola-se o diálogo de todo o resto. E isso me parece antinatural. O natural seria tentar expressar tudo numa corrente contínua que te leve, como acontece com a música. Porque quando escutas uma orquestra há uma integração de timbres e sons, de alto e de baixo, e tudo isso acontece com todos os instrumentos. O que tento é conduzir o meu relato como se fosse uma orquestra. Quer dizer, não é uma soma de palavras, é uma integração, como o som que uma orquestra produz, no qual podes identificar de onde vem cada um, a sensação de diversidade, ao mesmo tempo que aquilo é uma unidade.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

A estrutura narrativa dos meus livros procura aproximar a disciplina da escrita à espontaneidade da fala, da oralidade. Disso resulta um discurso fluente, torrencial, um rio, longo, onde a corrente arrasta tudo que encontra.

“VIM DO POVO E SEI COMO ELE VIVE E PENSA”, *SEGUNDO CADERNO*, PORTO ALEGRE, 26 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JUREMIR MACHADO DA SILVA].

Escrevo como se fala. E direciono-me mais para a natureza do que para a sofisticação. Vim do povo e sei como ele sente e pensa. São histórias que se conta e ouve que coloco em meus romances.

“VIM DO POVO E SEI COMO ELE VIVE E PENSA”, *SEGUNDO CADERNO*, PORTO ALEGRE, 26 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JUREMIR MACHADO DA SILVA].

[Padre Antônio Vieira] penso que foi o maior escritor da nossa língua [portuguesa].

“OS LIVROS DO NOSSO DESASSOSSEGO: JOSÉ SARAMAGO”, *SETEMBRO*, LISBOA, N. 1, JANEIRO-MARÇO DE 1993 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL MENDES].

Todos somos uns pobres-diabos, até os gênios. A ironia, sempre a utilizei não como truque, mas como alguém que estivesse dentro de mim e me estivesse a dizer “não creias em coisas”.

“SARAMAGO PLANTEA LA INUTILIDAD DE CREER QUE LA LITERATURA PUEDE TRANSFORMAR LA SOCIEDAD”, *SUR*, MÁLAGA, 25 DE FEVEREIRO DE 1993 [CORRESPONDÊNCIA DE MARÍA DOLORES TORTOSA].

No meu processo narrativo adoto os “mecanismos” do discurso oral, em que também a pontuação não existe. A fala compõe-se de sons e pausas, nada mais. O leitor dos meus livros deverá ler como se estivesse a ouvir dentro da sua cabeça uma voz dizendo o que está escrito.

“MEMORIAL FAZ A CRÍTICA AO PODER E À VAIDADE”, *FOLHA DE S.PAULO*, SÃO PAULO, 16 DE NOVEMBRO DE 1995.

Gostaria de não interromper nunca a minha escrita, nem com sinais de pontuação nem com capítulos, que tudo fosse simultâneo, o mesmo que ocorre com a realidade: o carro que passa, o fotógrafo que faz uma foto, o vento que mexe os galhos. Quando eu digo que preciso de “ouvir” minha escrita, me refiro a que preciso que a escrita saia com essa fluidez que empregamos quando falamos. Preciso escutar uma voz interna, essa mesma voz que o leitor também tem que aprender a escutar, para penetrar nos meus textos.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC (SUPLEMENTO ABC LITERARIO)*, MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

É extraordinário que, num tempo como este, em que somos transbordados por uma informação minuciosa e detalhista, sejamos cada vez mais impermeáveis a essa informação, que já nem sequer nos comove. Precisamos, pois, voltar à alegoria, para acentuar aquilo que, em condições normais, não necessitaria mais do que a exposição do fato simples. As notícias de matanças que nos chegam nos noticiários de televisão já não nos impressionam; e, se sim, afastamos o olhar quando nos são muito desagradáveis. Há que transcender esse abuso de informação com a alegoria.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC (SUPLEMENTO ABC LITERARIO)*, MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

O certo é que, com épica ou sem épica, penso que o meu trabalho em qualquer dessas áreas de abordagem em que se situe é inseparável do neorrealismo. As minhas raízes são as do neorrealismo e não podem ser outras, embora tudo isso tenha passado, depois, por lentes de aproximação que não são as mesmas, e, sobretudo, por uma espécie de ceticismo, que não podia ser admissível, sequer ideologicamente, no neorrealismo, e que enforma todo o meu trabalho.

BAPTISTA-BASTOS, JOSÉ SARAMAGO: *APROXIMAÇÃO A UM RETRATO*, LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1996.

É realmente verdade que a minha relação com o padre Antônio Vieira é uma relação que quer ser — não quer dizer que seja — uma relação de linguagem. Tenho a consciência de que nunca se escreveu português como o padre Antônio Vieira o escreveu, e é essa espécie — não direi de modelo, porque não acredito na existência de modelos ou na conveniência deles —, é essa espécie de limiar, que já é o limiar do inefável, que exerce em mim uma espécie de atração. Contudo, estou consciente de que o padre Vieira se perde, muitas vezes, em conceptismos e ocultismos um tanto exasperantes. É isso o que está mais à mão nas minhas raízes literárias e também talvez isso tenha sido a causa ou consequência de eu verificar — e de ser verificado também pelos leitores e pela crítica — um certo barroquismo na construção das minhas frases. No fundo, talvez nem seja tanto o barroquismo porque elas têm uma raiz muito mais próxima da narração oral.

BAPTISTA-BASTOS, JOSÉ SARAMAGO: *APROXIMAÇÃO A UM RETRATO*, LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1996.

Há muito de funcionamento muscular nesse estilo... O que eu quero dizer com essa coisa bastante insólita é que o discurso, tal qual se apresenta no meu estilo, tem que mover-se de uma forma que eu diria “recontraída”, em que tudo o que vai acontecendo resulta do que já foi dito, a palavra que vem liga-se à palavra que está, como se eu não quisesse que houvesse nem rupturas nem cortes e que o discurso pudesse ter uma fluidez tal que ocupasse todo o espaço narrativo. Quer dizer: aquilo a que eu aspiro é traduzir uma simultaneidade, é dizer tudo ao mesmo tempo.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Quando escrevi poesia, tudo aquilo foi pensado; lembro-me de que o poema era muito *fabricado*, no melhor sentido que a palavra tem, ao passo que os afloramentos poéticos nos meus romances *surgem*, não há fabricação poética nos meus romances. A mesma coisa não posso dizer, talvez, da poesia. A poesia é fabricadamente poesia. E aquilo a que chamei *essencialidade* e agora estou a chamar afloramentos, esses afloramentos poéticos que surgem e que qualquer leitor encontra, reconhece e define ou

classifica como tal surgem no próprio fluxo narrativo com espontaneidade; quer dizer, quando eu falava de essencialidade poética, é porque nela não há fabricação: há aparição.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Leituras que tivessem levado diretamente àquilo a que estamos a chamar *o meu estilo*, não há. E sobretudo se tivermos em conta as condições em que ele nasceu, ele é tudo menos premeditado. Agora, o que está claríssimo é que ele não pode nascer do nada, embora seja curioso que, mesmo em textos antigos — e estou a pensar em alguns contos de *Objeto quase* —, se é certo que o estilo não é tão claramente aquilo que veio a ser depois, em todo o caso já se anuncia aí uma certa vibração, uma espécie de necessidade de não ocupar só o espaço em que está, de se abrir e de abranger o que está ao lado. Só que graficamente isso não é imediatamente visível.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Os meus sinais de pontuação, quer dizer, a vírgula e o ponto final, nesse tipo de discurso, não são sinais de pontuação. São sinais de pausa, no sentido musical, quer dizer: aqui o leitor faz uma pausa breve, aqui faz uma pausa mais longa. Quando aconteceu, algumas pessoas disseram que não entendiam nada. A minha única resposta, nessa altura, já há muitos anos — em 1980, quando o *Levantado do chão* saiu —, foi: leiam uma página ou duas em voz alta. E depois acontecia de as pessoas dizerem: “Já percebi o que é que tu queres”. É fácil. O leitor há de ouvir, dentro da sua cabeça — o leitor não tem que andar lá em casa a chatear a família lendo o *Memorial do convento* ou *O Evangelho segundo Jesus Cristo* em voz alta —, a voz que “fala”. Tal como eu, quando estou a escrever, necessito estar a ouvir na minha cabeça a voz que “fala”. É por isso que começar um livro é para mim tão complicado; porque, enquanto eu não sentir que aquele senhor já está a “falar”, que não está simplesmente a escrever o livro, eu posso empurrá-lo e fazer avançar, mas mais cedo ou mais tarde tenho que parar porque tenho que reconsiderar tudo aquilo que fiz.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Por que nos meus romances não se encontra nenhuma retórica? As pessoas, minhas personagens, falam simplesmente, todas elas. Em nenhum momento, creio, o leitor, lendo um diálogo num romance meu, pode chegar a dizer: “A gente não fala assim”. Porque me dou conta de que, lendo romances, muitas vezes me ocorre isso, me digo que a gente não fala assim. Por isso os meus diálogos expressam, talvez, grandes sentimentos, mas sempre com pequenas palavras. Atraem-me mais as palavras mínimas do que as grandiloquentes.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

[A imaginação] pode nos surpreender, claro que sim. Todos os que escrevemos sabemos que isso acontece e é o melhor que pode nos ocorrer. É quando nos surpreendemos conosco mesmo, quando algo em que, parecia que quatro palavras antes, não estávamos pensando e que, quatro palavras depois, aparece. Penso que há um processo que leva alguns a dizer com exagero que o livro se escreve a si mesmo. É claro que não, necessita das mãos, da cabeça, mas há algo... é que no fundo as palavras procuram umas às outras. Nenhuma palavra é poética, o que faz que a palavra se transforme em palavra poética é a outra palavra, a que estava antes, a que vem depois. “JOSÉ SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

O meu estilo, para chamá-lo assim, sempre foi muito digressivo. Sou incapaz de narrar algo em linha reta. Não é que me perca no caminho: se encontro um desvio, entro por ele e depois volto por onde ia. Se há um antepassado meu direto na literatura portuguesa, é um poeta, dramaturgo e romancista do século XIX que se chamou Almeida Garret. Meu gosto pela digressão o recebi desse autor.

“UE, RIESGO PARA ELO MUNDO”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 15 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A ALEJANDRO TOLEDO].

Penso que há mais relação com a música dentro de uma obra do que aquilo que tem a ver com as referências explícitas à música. Quando, por exemplo, numa frase que acabo de escrever e em que já disse tudo o que tinha para dizer, eu sinto que me falta qualquer coisa, em termos de compasso musical. E pode acontecer que eu acrescente mais duas

palavrinhas ou três, que não fazem falta nenhuma. Não fazem falta ao sentido, mas o tempo do compasso não pode ficar no ar.

“PROVAVELMENTE JÁ CHEGOU O DIA EM QUE NÃO TEREI NADA MAIS A DIZER”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *MIL FOLHAS*), LISBOA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

Penso que de um jeito ou de outro, [a ironia], agressiva, ativa, direta ou menos, está em tudo o que escrevo.

“LA RELIGIÓN SE ALIMENTA DE LA MUERTE”, *EL PAÍS*, MADRI, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A MIGUEL MORA].

[De] Raul Brandão costumo dizer que não é preciso ser-se um gênio para escrever um livro genial: o *Húmus*, que é um livro único na literatura portuguesa.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO* (REVISTA *ÚNICA*), LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

As raízes do meu discurso escrito estão na fala de todos os dias e na necessidade que sinto de transmitir uma sensação de totalidade integradora em que o diálogo é somente um elemento do espaço em que decorre. Sou consciente de que essa totalidade é impossível de alcançar, mas isso não significa que não o tente em cada página que escrevo.

“SARAMAGO ADMITE QUE ESCREVER SEU NOVO LIVRO NÃO FOI NADA FÁCIL”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 1^o DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A BOLÍVAR TORRES].

Nos últimos tempos eu cheguei a uma conclusão — que eu não tinha reconhecido como tal —, de que, no fundo, a grande influência literária na minha pessoa, na minha maneira de escrever, na minha maneira de encarar a questão do relato, da narração, foi o Almeida Garret. Tornou-se-me claro, evidente, luminoso, nos últimos tempos.

“HAVERÁ OUTRO LIVRO SE ME VIER UMA IDEIA BEM CONVINCENTE”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A JOÃO CÉU E SILVA].

A leitura das *Viagens na minha terra* teve muita influência para mim. Aliás, devíamos ler mais Garrett. Por exemplo, os *Discursos parlamentares* são um deslumbramento, quer na linguagem, quer na articulação do

raciocínio político, quer no aspecto da polémica. São uma lição de português, de uma riqueza inesgotável e pouca gente os conhece.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

Se opino constantemente, desde o *Manual de pintura e caligrafia* e dos contos do *Objeto quase*, é porque desde sempre me senti no papel do que conta a história. Assim, é inevitável, a certa altura, fazer uma digressão para opinar sobre o que aconteceu ou até para o retificar.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

Dizer demais é sempre dizer de menos.

“GARZÓN HIZO LO QUE DEBÍA”, *PÚBLICO*, MADRI, 20 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PEIO H. RIAÑO].

Para mim, Almada Negreiros é o responsável pela segunda grande revolução estilística da nossa língua e da nossa literatura. A primeira foi a do Garrett, com as *Viagens na minha terra*, e a segunda foi a do Almada Negreiros com o *Nome de guerra*.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

ROMANCE

Na concepção de um dos renovadores mais conspícuos da narrativa portuguesa do século xx, José Saramago, o romance é um lugar literário que, ultrapassando os limites do gênero, mostra-se capaz de incorporar, de forma “convulsa”, a poesia, o drama, a filosofia, a ciência, a ética... Uma espécie, enfim, de grande recipiente que aspira — com certa dose de idealismo — à expressão total. Projeta-se assim como a possibilidade de um universo germinal, transfronteiriço e híbrido, com a pretensão de abarcar a diversidade e a complexidade do ser humano imerso em seu próprio labirinto.

Para o escritor, o romance, inserido na engrenagem de uma cosmovisão, representava a manifestação de um saber e, ao mesmo tempo, a aspiração a um conhecimento: o da realidade e do próprio homem. Mas também conduz, e com especial vocação, a pessoa que é o autor, suas preocupações e sua vontade. Daí que ele defendesse com perseverança ancorar a ficção na energia motriz das ideias, a ponto de apresentar-se a si mesmo como um ensaísta que escrevia romances porque não era capaz de redigir ensaios ou como um romancista que escrevia ensaios encobertos pela roupagem da fabulação, favorecida por uma capacidade virtuosa e original de alinhar o discurso textual a fim de fazer brilhar a língua portuguesa.

A questão do ponto de vista representa um papel determinante em sua escrita, um aspecto estreitamente ligado aos conteúdos ideológicos implícitos. O encaixe de alegorias precisas — em especial a partir de

meados dos anos 1990 — contribuiu para reforçar sua apresentação do romance como espaço de produção intelectual e análise crítica, mediante o qual Saramago desventrou as abjeções morais, sociais e políticas da nossa época, em suma, a desumanização que caracteriza a civilização contemporânea. A inversão, o estranhamento e a posição antagonista são consubstanciais de sua personalidade literária.

Não se trata de regressar ao romance histórico mas sim de meter o romance na História.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘O MUNDO É UM ENIGMA CONSTANTEMENTE RENOVADO’”, *O JORNAL*, LISBOA, 28 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

[É] a minha concepção teórica do que denomino a “homerização” do romance. Da mesma maneira que tudo estava dentro dos poemas homéricos, chegou para o romance a hora de se transformar no gênero genérico, o lugar da expressão total, onde tudo pode confluír. Se essa concepção não é uma espécie de delírio, eu diria que esse é o sentido com que espero orientar a minha contribuição à narrativa.

“SARAMAGO: ‘LA CE, UN EUFEMISMO’”, *EL INDEPENDIENTE*, MADRI, 29 DE AGOSTO DE 1987 [REPORTAGEM DE ANTONIO PUENTE].

Considero-me um escritor realista mas não um romancista realista. O romance é um lugar literário onde tudo pode e deve caber. O romance é a expressão total. Aspiraria a que ele fosse uma espécie de suma, reunião de todos os gêneros, lugar de sabedoria. Nele estão a epopeia, o teatro, a reflexão filosófica ou filosofante... Esta é a minha ambição. Está fora de questão discutir agora se o consigo ou não, mas é a isso que eu aspiro. É por isso que o narrador nos meus romances tem um papel todo-poderoso.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Não escrevo livros para contar histórias, só. No fundo, provavelmente eu não seja um romancista. Sou um ensaísta, sou alguém que escreve ensaios com personagens. Creio que é assim: cada romance meu é o lugar de uma reflexão sobre determinado aspecto da vida que me preocupa. Invento histórias para exprimir preocupações, interrogações...

“JOSÉ SARAMAGO”, *PLAYBOY*, SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A HUMBERTO WERNECK].

Penso que há bastante coerência nessa definição do romance como lugar literário em vez de gênero. Assim como falei da tentativa de uma descrição totalizadora, como esse rio que transporta e leva tudo, com afluentes que vêm de todo o lado [...], quando convoco o romance, no fundo entendo-o

como uma tentativa de o transformar numa espécie de soma. Se afirmo que o que quero é dizer quem sou, que o que quero é que através do romance possa aparecer a pessoa que sou, a tal que não se repetirá mais, aquela que não acontecerá outra vez, então não se trata apenas de escrever um romance para contar uma história: trata-se de escrever um romance para tentar dizer tudo.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Tudo aquilo que fazemos é feito com aquilo que os outros fizeram. Não é feito exclusivamente com aquilo que os outros fizeram, mas, se os outros não o tivessem feito, aquilo que nós estamos a fazer sê-lo-ia de outra maneira. E não é só na poesia que acontece isso, é no romance, é no que quer que seja. Qualquer arte, qualquer expressão artística (e também a expressão literária) tem um passado e não podemos separar-nos dele, de maneira nenhuma.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Como o meu romance é um romance em construção contínua, é um romance que se vai fazendo a si mesmo, quando afirmo que aquilo que o autor sabe das suas personagens é o passado, quero dizer que do futuro não sabe nada. Posso repetir o tal exemplo da mulher do médico [em *Ensaio sobre a cegueira*]: naquele momento em que ela diz que cegou, não sei nada do seu futuro, e se interrompesse o livro naquela altura não saberia que destino aquela mulher iria ter. Nas linhas seguintes que vou escrevendo, não é que se me vá tornando claro, mas de repente há como uma espécie de necessidade da própria história que estou a contar: é a história que necessita que aquela personagem se determine desta ou daquela forma. Você dirá: “Mas então não é você quem decide?”. Sim, sou eu, mas eu sou instrumento da narração e narração é o meu instrumento; há uma espécie de compadrio, uma espécie de interajuda entre o autor e aquilo que ele escreve, que leva, em cada momento, a aclarar aquilo que no momento anterior não estava ainda claro.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

No romance pode confluir tudo, a filosofia, a arte, o direito, tudo, inclusive a ciência, tudo, tudo. O romance como uma suma, o romance

como um lugar de pensamento.

“JOSÉ SARAMAGO, PREMIO NOBEL 1998: UN ESPACIO PARA LA REFLEXIÓN”, *HOJAS UNIVERSITARIAS*, BOGOTÁ, UNIVERSIDAD CENTRAL, N. 47, ABRIL DE 1999 [REPORTAGEM DE TAMARA ANDREA PEÑA PORRAS].

Às vezes, digo que fazer um romance é o mesmo que fazer uma cadeira: a cadeira tem que ter quatro pés, tem que estar equilibrada, a pessoa tem que se sentar na cadeira e estar confortável, há uma estrutura e as coisas têm que estar apoiadas umas nas outras para que a cadeira não caia. E, por outro lado, se a cadeira, além de funcionar, de responder à necessidade que se tem, na hora de se sentar, de que ela seja sólida, puder carregar uma estética, puder ser bonita, bem desenhada, pois aí, sim... Mas tudo precisa de ser sólido, e o romance tem, do meu ponto de vista, que ter uma estrutura em que o leitor não diga “pois aqui falta algo” ou que se alongou excessivamente. Todas são partes de um todo que tem que funcionar de uma forma, no fundo, equilibrada. Talvez possa parecer surpreendente que eu diga que escrever um romance é o mesmo que fazer uma cadeira, mas isso só significa o respeito ao trabalho bem-feito: pode ser um romance ou pode ser uma cadeira, e quem diz uma cadeira pode dizer muitíssimas outras coisas.

“ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, BIBLIOTECA NACIONAL DE ARGENTINA, SALA VIRTUAL DE LEITURA, BUENOS AIRES, 12 DE DEZEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A JOSÉ LUIS MOURE].

Num romance cabe tudo, é uma tentativa de compreender o mundo. Que o consiga ou não, é outra coisa.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Como tenho dito algumas vezes, utilizo o romance como veículo para a reflexão. Reflexão sobre quê? Sobre a vida, sobre isto.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE SEU NOVO LIVRO, *DON GIOVANNI*, E DE SUA PAIXÃO PELA ÓPERA”, *ÉPOCA*, SÃO PAULO, N. 419, 29 DE MAIO DE 2006 [ENTREVISTA A LUÍS ANTÔNIO GIRON].

HISTÓRIA

Os romances publicados na década de 1980, que trouxeram sua consagração como escritor, tomaram a História como fundamento de seus universos literários, até que, a partir de O Evangelho segundo Jesus Cristo, esta foi substituída pelas atribuições sociais, morais e políticas do mundo contemporâneo, sem deixar de lado o papel do ser humano nesse contexto. Desde o início Saramago rejeitou o rótulo de romancista histórico, defendendo a ideia de que suas aproximações não procuravam fabricar reconstruções do passado, mas “meter a História no romance”, naturalmente uma História outra, movido pela inquietação de se interrogar sobre a natureza e as circunstâncias da verdade coletiva.

Cada uma de suas obras, as quais, em geral, ele acompanhou com enriquecedoras reflexões complementares nos meios de comunicação e em diversos foros, se aprofundava na desmitificação da História concebida como grande relato, pulverizando-a mediante arquiteturas narrativas que revelavam facetas e enfoques divergentes dos discursos oficiais. Saramago identificava seu propósito com a tarefa de relativizar a versão consolidada, expandindo a perspectiva, invertendo os protagonistas, acrescentando e suprimindo fatos, iluminando vazios e ocultações, alterando episódios...

Na verdade, sua operação intelectual consistia em introduzir o ponto de vista ali onde parecia só haver dogma. Acrescentava, da mesma maneira, o desejo de transformar esse ensinamento do passado num valor de leitura contemporâneo; dito de outro modo, a História se voltava para o presente e aí se cristalizava. De fato, como apoio a essa visão relativista projetada

para a atualidade, o escritor propugnava uma concepção do tempo que superava a diacronia para entendê-lo de uma perspectiva simultânea na qual coincidem as épocas e os diferentes acontecimentos em busca de uma ordem, de sentido.

O pensamento formulado por Benedetto Croce, de que “toda a História é História contemporânea”, foi, para ele, luminoso. Sabedor de que o discurso histórico é parcial e fragmentário, de que se trata de uma construção interpretativa sujeita a percepções e interesses, ele aspira a introduzir as vicissitudes dos que não foram incorporados ao grande discurso, a acrescentar sua voz e suas experiências silenciadas. Em suma, Saramago combate a História convencional situando-se na literatura. Põe as duas disciplinas em pé de igualdade na base da ficção, evidenciando a dificuldade de distinguir uma da outra, algo que confessa ter aprendido com a história das mentalidades de Georges Duby, cuja obra O tempo das catedrais ele traduziu. Portanto, não só há diversas construções do passado, como o romance é capaz de corrigi-las e completá-las.

Fora da História não há nada.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘O MUNDO É UM ENIGMA CONSTANTEMENTE RENOVADO’”, *O JORNAL*, LISBOA, 28 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

Eu vejo o tempo como um harmônio. Assim como este pode ser estendido ou encolhido, os tempos podem tornar-se contíguos uns dos outros. É como se 1720 tivesse sido ontem, agora mesmo, ali naquele salão.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘O MUNDO É UM ENIGMA CONSTANTEMENTE RENOVADO’”, *O JORNAL*, LISBOA, 28 DE JANEIRO DE 1983 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

Se não ligasse o meu trabalho à História não faria qualquer trabalho [...] o que eu quero escrever liga-se aos fatos e aos homens passados, mas não em termos de arqueologia. O que eu quero é desenterrar homens vivos. A História soterrou milhões de homens vivos.

“‘A QUESTÃO QUE SE PÕE HOJE EM PORTUGAL É A DA SOBREVIVÊNCIA’ — ALERTA JOSÉ SARAMAGO”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 29 DE SETEMBRO DE 1985 [REPORTAGEM DE ANTÓNIO ARNALDO MESQUITA].

Eu traduzia livros de Georges Duby, um deles *O tempo das catedrais*, que me fascinou. E aí eu pude ver como é tão fácil não distinguir aquilo a que chamamos ficção, e aquilo a que chamamos história. A conclusão, certa ou errada, a que eu cheguei é que, em rigor, a história é uma ficção. Porque, sendo uma seleção de fatos organizados de certa maneira para tornar o passado coerente, é também a construção de uma ficção.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Eu tomo toda a História como História contemporânea. Penso que tudo aquilo que eu sou, e tudo aquilo que nós somos, não depende apenas do que pensamos e nos acontece hoje, mas de todo um tempo passado, que nos deu a língua, os costumes, a ética, a relação com os outros. Acho, portanto, que todos somos feitos muito mais de passado do que de presente. Não consigo perceber como é que uma pessoa se vê como produto do presente.

“SARAMAGO: O ESCRITOR NÃO QUER SER CERCADO”, *O JORNAL ILUSTRADO*, LISBOA, N. 739, 21-27 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOÃO GARCIA].

A História não é uma ciência. É ficção. Vou mais longe: como na ficção, há uma tentativa de reconstruir a realidade através de um processo de seleção de materiais. Os historiadores apresentam uma realidade cronológica, linear, lógica. Mas a verdade é que se trata de uma montagem, fundada sobre um ponto de vista. A História é escrita sob um prisma masculino. Se fosse feita pelas mulheres seria diferente. Enfim, há uma História dos que têm voz e outra, não contada, dos que não a têm.

“VIM DO POVO E SEI COMO ELE VIVE E PENSA”, *SEGUNDO CADERNO*, PORTO ALEGRE, 26 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JUREMIR MACHADO DA SILVA].

História tem-se encarregado de demonstrar a falência de princípios absolutos. A verdade, por outro lado, é que um ideal justo veio a ser pervertido até chegar a um ponto em que a prática se afastou tanto das ideias, que nem essa prática se poderia reconhecer nessas ideias, nem essas ideias na prática.

“JOSÉ SARAMAGO: A HISTÓRIA DO CERCO DE ESTOCOLMO”, *LUSITANO*, LISBOA, 15 DE MARÇO DE 1990 [ENTREVISTA A ANTÓNIO SOUSA DUARTE].

Tudo o que somos, herdamos e transformamos para passar aos outros. Nesta perspectiva, toda a História é a História contemporânea.

“NADA ACONTECE FORA DA HISTÓRIA”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS DA MADEIRA*, MADEIRA, 27 DE ABRIL DE 1991 [REPORTAGEM DE TOLENTINO DE NÓBREGA].

Uma ideia minha, que expresso de maneira nada científica, é que o tempo não é sucessão diacrônica, em que um acontecimento vem atrás do outro; o que acontece projeta-se numa imensa tela e tudo fica ao lado de tudo. Como se o homem de Cromagnon estivesse colocado nessa tela ao lado do *David* de Miguel Ângelo. Para o autor não há passado nem futuro. O que vai ser já está a acontecer. Para este autor, ao escrever estes livros, as coisas passam-se assim.

“DEUS QUIS ESTE LIVRO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

Que diabo é a verdade histórica? Só algo que foi desenhado, e depois esse desenho estabelecido foi cercado de escuro para que a única imagem que pudesse ser vista, destacada, fosse esta que se quer mostrar como

verdade. A tarefa é tirar todo o preto, saber o que é que ficou sem ser contado, sem ser mostrado.

“JOSÉ SARAMAGO — ESCRITOR: ‘NINGUNA VERDAD ES DEFINITIVA’”, *LA MAGA*, BUENOS AIRES, 30 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A MIGUEL RUSSO].

Muitas vezes as omissões são as que dariam um sentido novo a fatos que parecem não ter mais que um só motivo. A verdade é que vivemos numa sala de espelhos na qual tudo se reflete em tudo e é, por sua vez, reflexo de si mesmo. Quando nos pintam nada mais que uma imagem, sem ter em conta o espelho, essa imagem está incompleta.

“JOSÉ SARAMAGO — ESCRITOR: ‘NINGUNA VERDAD ES DEFINITIVA’”, *LA MAGA*, BUENOS AIRES, 30 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A MIGUEL RUSSO].

A nossa relação com o tempo se faz por intermédio de algo a que chamamos História e a História é algo que se escreve como consequência da escolha de dados, datas e circunstâncias que vão ser organizadas pelo historiador para que todo esse maço de informações seja coerente consigo mesmo. A História não seria mais que a tentativa de introduzir coerência no caos dos fatos múltiplos de todos os dias.

“JOSÉ SARAMAGO — ESCRITOR: ‘NINGUNA VERDAD ES DEFINITIVA’”, *LA MAGA*, BUENOS AIRES, 30 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A MIGUEL RUSSO].

Sim, esta é minha posição, duvidar de tudo. Se há algo em meus livros que pode ser útil para o leitor, não é justamente que ele termine por pensar como eu penso, mas que consiga pôr em dúvida o que eu digo. O melhor é que o leitor perca essa posição de respeito, de acatamento ao que está escrito. Não há verdades tão fortes que não possam ser postas em dúvida. Temos que nos dar conta de que estão a nos contar histórias. Quando se escreve a História de qualquer país, temos que saber isso. A realidade profunda é outra. O historiador, muitas vezes, é alguém que está a transmitir uma ideologia. Se fosse possível reunir numa só História todas as histórias — além da História escrita e oficial —, começaríamos a ter uma ideia sobre o que aconteceu na realidade,

“JOSÉ SARAMAGO — ESCRITOR: ‘NINGUNA VERDAD ES DEFINITIVA’”, *LA MAGA*, BUENOS AIRES, 30 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A MIGUEL RUSSO].

Sim, eu penso que sim [que a ficção pode chegar a corrigir ou emendar a História]. Emendá-la, não no sentido de pôr um fato no lugar de outro, mas de apresentar algo mais que não está na História e que, ao ser integrado, muda o fato em si, sem tocá-lo. Um historiador disse A e eu acrescento B e C, mas não excluo A, que continua ali, só que, ao se confrontar com B e C, ele muda necessariamente, porque os pontos de vista se multiplicam.

“CON EL ESCRITOR PORTUGUÉS JOSÉ SARAMAGO: ‘LA ESCRITURA ES OTRA FORMA DE REALIDAD’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO CULTURAL), MONTEVIDÉU, 24 DE JUNHO DE 1994 [ENTREVISTA A CHRISTIAN KUPCHIK].

Eu entendo a História num sentido sincrônico, em que tudo acontece simultaneamente. Por conseguinte, o que procura o romancista — ao menos é o que eu tento fazer — é esboçar um sentido para todo esse caos de fatos gravados na tela do tempo. Sei que esses fatos se deram em tempos distintos, mas procuro encontrar um fio comum entre eles. Não se trata de escapar do presente. Para mim, tudo o que aconteceu está a acontecer. E isto não é novo, afirmava Benedetto Croce ao escrever: “Toda a História é História contemporânea”. Se tivesse que escolher um sinal que marcasse meu norte na vida, seria essa frase de Croce.

“CON EL ESCRITOR PORTUGUÉS JOSÉ SARAMAGO: ‘LA ESCRITURA ES OTRA FORMA DE REALIDAD’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO CULTURAL), MONTEVIDÉU, 24 DE JUNHO DE 1994 [ENTREVISTA A CHRISTIAN KUPCHIK].

Nos meus livros, a História não aparece como reconstrução arqueológica, como se eu tivesse viajado ao passado, tirado uma fotografia e relatasse o que mostra essa imagem. O que eu faço não tem nada que ver com isso. Eu sei ou penso saber o que aconteceu antes e vou examiná-lo à luz do tempo em que vivo. Quando me perguntam se escrevo romances históricos, respondo que não, ao menos no sentido oitocentista da palavra, tal qual o faziam o Alexandre Dumas ou o Walter Scott ou o Flaubert em *Salambô*. O meu objetivo é a busca do que ficou no esquecimento pela História.

“CON EL ESCRITOR PORTUGUÉS JOSÉ SARAMAGO: ‘LA ESCRITURA ES OTRA FORMA DE REALIDAD’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO CULTURAL), MONTEVIDÉU, 24 DE JUNHO DE 1994 [ENTREVISTA A CHRISTIAN KUPCHIK].

Embora soe algo paradoxal, diria que entre história e ficção a diferença não é grande demais. Ao escrever uma história — porque disso se trata —, o historiador faz um pouco o que faz o romancista: escolhe os fatos e os concatena, vale dizer, encontra relações entre eles em função de conseguir um discurso coerente. O mesmo se exige de um romance. Pode ser mágico, fantástico ou qualquer coisa, mas até a fantasia e a imaginação mais disparatadas precisam de uma coerência. Um livro de História apresenta algo predeterminado. Os fatos estão ali, e um fato traz como consequência outro, e outro, e outro. Há uma espécie de fatalidade histórica que faz que as coisas sejam como são e não de outra maneira. Então, ao dirigir os fatos, ao organizá-los, eu diria que o historiador se comporta como um romancista e o romancista como um historiador.

“JOSÉ SARAMAGO, LA IMPORTANCIA DEL NO”, *LA ÉPOCA*, SANTIAGO DO CHILE, 15 DE OUTUBRO DE 1995 (PUBLICADO INICIALMENTE EM *EL PAÍS*, MONTEVIDÉU, SETEMBRO DE 1995)
[ENTREVISTA A CHRISTIAN KUPCHIK].

Tenho uma curiosa relação com o tempo que às vezes me leva a dizer que o presente não existe, não é mais que passado. O presente muda continuamente. É algo que vai avançando para isso a que chamamos passado. Lembro que um dos mais importantes filólogos brasileiros, Aurélio Buarque de Holanda, autor de um magnífico dicionário, definiu o presente como “um período de tempo mais ou menos longo entre o passado e o futuro”. No momento de ter de definir o presente, encontrou-se diante da impossibilidade do empreendimento. O presente é uma sensação subjetiva — daí que seja mais ou menos longo — e por isso escapa a qualquer definição.

“JOSÉ SARAMAGO, LA IMPORTANCIA DEL NO”, *LA ÉPOCA*, SANTIAGO DO CHILE, 15 DE OUTUBRO DE 1995 (PUBLICADO INICIALMENTE EM *EL PAÍS*, MONTEVIDÉU, SETEMBRO DE 1995)
[ENTREVISTA A CHRISTIAN KUPCHIK].

Evidentemente que aquilo que nos chega não são verdades absolutas, são versões de acontecimentos, mais ou menos autoritárias, mais ou menos respaldadas pelo consenso social ou pelo consenso ideológico ou até por um poder ditatorial que dissesse “há que acreditar nisto, o que aconteceu foi isto e portanto vamos meter isto na cabeça”. O que nos estão a dar, repito, é uma versão. E creio que, dizendo nós a toda a hora que a única verdade absoluta é que toda ela é relativa, não sei por que é que, chegando o

momento em que determinado escritor passaria por certo fato ou episódio, deveria aceitar como lei inamovível uma versão dada, quando sabemos que a História não só é parcial como é parcelar. Noutros termos: por que é que a literatura não há de ter também a sua própria versão da História? De qualquer forma, a literatura não é nada que se sobreponha completamente à História, porque não pode, porque tem que alimentar-se até de versões opostas ou contraditórias, assim construindo, à luz de um tempo ou de um entendimento diferente, a sua própria versão.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

A História que se escreve e que depois vamos ler, aquela em que vamos aprender aquilo que aconteceu, tem necessariamente que ser parcelar, porque não pode narrar tudo, não pode explicar tudo, não pode falar de toda a gente; mas ela é parcial no outro sentido, em que sempre se apresentou como uma espécie de “lição”, aquilo a que chamávamos a História Pátria.

A questão é que a mim não me preocupa tanto que ela seja parcial, quer dizer, orientada e ideológica, porque isso eu posso mais ou menos verificar, perceber e encontrar os antídotos para essas visões mais ou menos deformadas daquilo que aconteceu ou da sua interpretação. Talvez a mim me preocupe muito mais o fato de a História ser parcelar. Voltando atrás: quando eu falei de Auschwitz e do homem de Neandertal ao lado da Capela Sistina faltou uma quantidade de coisas: faltou o ajudante de Miguel Ângelo que estava a moer as tintas; e, no caso de Auschwitz, faltou o honrado (imaginemos que seria honrado...) pedreiro que construiu os muros do campo de concentração, se é que os tinha. É que a este mundo vêm milhões de pessoas que se foram embora e não deixaram rasto nem sinal...

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

A verdade histórica não existe. A História não é mais que uma ficção. Quer dizer, uma ficção com mais dados, concretos, reais, mas também com muita imaginação.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LO QUE ES OBSCENO ES QUE SE PUEDA MORIR DE HAMBRE’”, *ABC*, MADRI, 22 DE SETEMBRO DE 2001 [CORRESPONDÊNCIA DE FULGENCIO ARIAS].

Ao contrário do que realmente se pensa, é nas diferenças que a História se repete, não nas semelhanças.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ISRAEL ES RENTISTA DEL HOLOCAUSTO’”, EM JAVIER ORTIZ (ORG.),
iPALESTINA EXISTE!, MADRI, FOCA, 2002 [ENTREVISTA A JAVIER ORTIZ].

Eu penso que não se pode falar de História genuína, porque isso significaria que essa História genuína estaria a comunicar a verdade, ou uma verdade. Mas há um problema: a verdade não existe. Há verdades parciais.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

A verdade histórica não passa por uma interpretação, passa pelo olhar do tempo em que essa interpretação se faz. Portanto, é mais provável que, por motivos diferentes, políticos, ideológicos, a geração seguinte, se observar o mesmo fato, chegará a conclusões diferentes.

Consequentemente, não saberemos nunca detalhadamente o que é que aconteceu. E, sobretudo, porque a História que se conta é incompleta.

“VERSIÓN DEL ENCUENTRO CON JOSÉ SARAMAGO EL VIERNES 17 DE JUNIO DE 2005 EN LA SALA CHE GUEVARA DE LA CASA DE LAS AMÉRICAS”, REVISTA *OPINIONES*, HAVANA, 18 DE JUNHO DE 2005.

MULHER

A obra de Saramago é também uma literatura sustentada em excepcionais figuras femininas, presentes em seus romances como fulgurantes encarnações do melhor da condição humana. Mulheres discretas, nada enfáticas, enraizadas em séculos de sacrifício, de abnegação e de amor mantido na adversidade. Mulheres diante de seu destino, em pé com dignidade, graves, austeras e íntegras, responsáveis e imbuídas de coragem, misteriosas e dedicadas, capazes de encarnar uma maneira mais sensível de entender o mundo, de ser para si mesmas e para os outros a cujo resgate acorrem. Em sua personalidade, ressoa uma índole forjada por séculos de exclusão, de invisibilidade e domínio, em que se percebem formas de compaixão e de ternura tão sóbrias como profundas. Assumem a contrariedade exemplarmente, quando a rebeldia se manifesta como uma poderosa e serena energia interior. Humildes e leais, generosas e autênticas, nelas Saramago deposita os méritos que mais valoriza, representando em seu conjunto a humanidade desejada, ao mesmo tempo que, implicitamente, são confrontadas com o modelo do homem, diante do qual se mostram mais fortes tanto na alma como em suas ações. Trata-se de grandes personagens críveis, carnais, que não reúnem virtudes idealmente, mas se perfilam através de seus comportamentos, sem sublinhados nem negritos. E, para confirmar, aí estão, brilhando em suas páginas, Blimunda, Lídia, Maria Sara, Maria Guavaira, Joana Carda, Maria Madalena, a mulher do médico, Marta, Isaura...

Em geral, os romances do autor de Memorial do convento situam um de seus eixos substantivos no sentimento amoroso, articulado de forma subsidiária atrás do véu da ação principal e da fortaleza das personagens. Praticamente, em cada uma de suas ficções se pode identificar uma história de amor. Desprovido de roupagens e retóricas, o amor apresenta-se como uma força austera e comovedora que resgata e sublinha os traços humanos mais positivos, associado a caracteres encarnados em grandes mulheres redentoras, mas também em homens tão singulares como o violoncelista de As intermitências da morte ou o sr. José, protagonista de Todos os nomes. Um sentimento, em suma, que se expressa como “uma possibilidade de uma vida inteira”, pois não cabe entender a felicidade do indivíduo sem sua assistência, nem maior amparo diante da morte. Circunscrito ao âmbito exclusivamente pessoal, o escritor despreza a pertinência do amor na esfera pública — “amai-vos uns aos outros” —, onde são outros valores cívicos e laicos — o respeito, em particular — os chamados a regular as relações sociais e a se incorporar aos projetos de convivência, emancipação e transformação da sociedade.

Saramago depositava confiança numa mulher que assumia sua consciência específica, diferenciada dos padrões masculinos, que defende sua exclusiva razão de ser. E a convidava a administrar sua própria condição, que o escritor percebia se transtornar, ocasionalmente, quando ela chegava ao poder e imitava os papéis e as pautas masculinas. Ativo defensor das causas da igualdade feminina e das reivindicações de gênero, em especial daquelas contra a violência e a opressão que sofrem as mulheres, o autor de Todos os nomes mostrava-se convencido de que as atitudes e atributos femininos representam uma fundada esperança para a humanidade.

Eu sempre me apaixono por minhas personagens femininas.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA FELICIDAD ES TAN SÓLO UNA INVENCIÓN PARA HACER LA VIDA MÁS SOPORTABLE’”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 25 DE FEVEREIRO DE 1986 [ENTREVISTA A JOSÉ MARTÍ GÓMEZ].

Sinto que as mulheres são, em regra, melhores do que os homens. É como se o homem tivesse renunciado ao ponto de vista viril, marialva, e depois não soubesse muito bem como é que havia de ser. A mulher, ao mesmo tempo que já está a ser, está sempre para ser.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A PENÍNSULA IBÉRICA NUNCA ESTEVE LIGADA À EUROPA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 227, 10-16 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A INÊS PEDROSA].

[Na *História do cerco de Lisboa*] a força está nas mulheres... Claramente nas mulheres. Isto não é uma atitude feminista — deve-se ao fato de eu crer que elas são realmente fortes, que têm muito para dar. E porque eu gosto muito delas... Acho que, para não cair na frase — coitadas frases — do Aragon, aquela famosa “*La femme est l’avenir de l’homme*” — que é uma coisa mais vazia do que à primeira vista se possa pensar ou dizer —, eu penso que elas têm mais autenticidade e mais generosidade que nós. Valem mais que nós, homens. Na verdade, daquilo que é substancial e essencial na vida, aprendi pouco com homens e aprendi muito com as mulheres. Não por idealizações. É o ser humano inteiro, aquilo que elas são... Bom, algumas, eu sei, não são nada disto...

“JOSÉ SARAMAGO: ‘OLHO AS COISAS PELA PRIMEIRA VEZ’”, *LER*, LISBOA, N. 6, PRIMAVERA DE 1989 [ENTREVISTA A FRANCISCO JOSÉ VIEGAS].

Eu não sou um escritor de mulheres, no sentido de escrever para elas, como acontece, por exemplo, com alguns autores franceses contemporâneos. À primeira vista, isso pode pensar-se, uma vez que as personagens fortes dos meus livros são as personagens femininas. Isto é um fato que talvez resulte de que, conhecendo eu melhor os homens do que as mulheres, as debilidades e as fraquezas dos homens, sou levado a reduzir a importância deles como figuras das minhas ficções, e por isso sobe a importância das personagens femininas. Eu não posso dizer que conheço as mulheres, mas tenho a consciência das incoerências dos homens, não os

vejo como heróis, mas como seres inseguros na sua relação com a mulher. Por isso sobe a importância das mulheres.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESSA COISA MISTERIOSA QUE É SEMPRE A MULHER’”, *MÁXIMA*, LISBOA, N. 25, OUTUBRO DE 1990 [POR LEONOR XAVIER].

Eu entendo-me sempre melhor com uma mulher do que com um homem. A conversa é sempre mais solta, mais recontraída. Eu acho que a relação com as mulheres é mais direta.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESSA COISA MISTERIOSA QUE É SEMPRE A MULHER’”, *MÁXIMA*, LISBOA, N. 25, OUTUBRO DE 1990 [POR LEONOR XAVIER].

Eu não encontro qualidades morais masculinas ou femininas, penso que as diferenças se encontram mais no plano da sensibilidade. Ao homem falta em geral algo a que chamamos *sensibilidade*. Eu não falo da emoção ou da lágrima fácil, mas desse modo sensível de entender o mundo que é o da mulher, como a vejo e ponho nos meus livros. A realidade chega à mulher por outras vias que não a da razão. Como a do sentido da maternidade, ela dá-lhe outra dimensão, que o homem não pode ter.

Nós usamos as palavras, mas não sabemos a que correspondem. Eu falo de maternidade, mas o que é que um homem sabe da maternidade? Essa palavra só pode ser entendida quando dita por uma mulher-mãe, se eu a disser, não é a mesma coisa.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESSA COISA MISTERIOSA QUE É SEMPRE A MULHER’”, *MÁXIMA*, LISBOA, N. 25, OUTUBRO DE 1990 [POR LEONOR XAVIER].

Essa senhora [Blimunda] fez-se a si própria. Nunca a projetei para ser assim ou assim... Foi no processo da escrita que a personagem se foi formando. E ela surge, surgiu-me com uma força que a partir de certa altura me limitei a... acompanhar. Aquele sentimento pleno da personagem que se faz a si mesma é a Blimunda. Mas, é curioso, só no fim me apercebi de que tinha escrito uma história de amor sem palavras de amor... Eles, o Baltasar e a Blimunda, não precisaram afinal de as dizer... E, no entanto, o leitor percebe que aquele é um amor de entranhas... Julgo que isso resulta da personagem feminina. É ela que impõe as regras do jogo... Por quê? Porque é assim na vida... A mulher é o motor do homem. Se você vir, os meus personagens masculinos são mais débeis, são homens que têm dúvidas, são personagens masculinos com complexos... As mulheres, não.

“ANTEVISÃO DE *BLIMUNDA*”, *PÚBLICO*, LISBOA, 9 DE MAIO DE 1991 [REPORTAGEM DE MARIA JOÃO AVILLENZ].

O homem entra mais rapidamente na cotidianidade [do que a mulher]; em compensação, a mulher vive melhor no âmbito do não real. Por isso não precisa da rotina. A mulher aprofunda; o homem expande.

“YO NO ENTIENDO...”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 20 DE NOVEMBRO DE 1994.

As minhas personagens verdadeiramente fortes, verdadeiramente sólidas são sempre figuras femininas. Não é porque eu tenha decidido, é porque sai-me assim. Não há nada de premeditado. Provavelmente isso resulta de que parte da humanidade em que eu ainda tenho esperança é a mulher. E estou à espera, já há demasiado tempo, que a mulher se decida a tomar no mundo o papel que não seja o de uma mera competidora do homem. Se é só para ocupar o lugar que o homem tem desempenhado ao longo da História, não vale a pena. O que a humanidade necessita é qualquer coisa de novo, que eu não sei definir, mas ainda tenho a convicção que pode vir da mulher.

“SARAMAGO ANUNCIA A CEGUEIRA DA RAZÃO”, *FOLHA DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 18 DE OUTUBRO DE 1995 [REPORTAGEM DE BIA ABRAMO].

[A mulher do médico] é irmã gêmea da Blimunda. A outra vê o que não se vê, vê através da pele, e esta vê o mundo que os outros veriam se não fossem cegos. E é uma mulher dotada de uma certa sabedoria, não tão misteriosa como a Blimunda, mas é a sabedoria da mulher madura que é a única que vê e que sabe que a todo o momento pode também cegar. E pode desejar cegar por não aguentar os horrores que tem de ver.

“JOSÉ SARAMAGO: TODOS OS PECADOS DO MUNDO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 28 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Não me agradam as grandes frases nem a retórica das ações. Mas é verdade que nos meus romances aparecem personagens, sobretudo mulheres, dotadas de um heroísmo discreto, natural, como uma emanção de sua personalidade. São mulheres, inclusive, dispostas ao sacrifício por compaixão, compadecer-se com o outro, um sentimento que tem que ver com a piedade, não com a grandiloquência. Nesse modelo de mulher, que se repete de livro em livro, com nomes diferentes e em épocas diferentes, se

está a forjar uma nova forma de humanidade, uma forma distinta de “ser humano”.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC* (SUPLEMENTO *ABC LITERARIO*), MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

Se algum dia uma personagem minha ficar na memória das pessoas, será a de uma dessas mulheres, e não é porque eu predetermine sua maneira de ser ou atue mediante estratégias prévias. O caráter dessas mulheres nasce naturalmente, no meio da situação concreta que estou a narrar. Em certa ocasião, alguém me perguntou: “Mas por que sempre escolhe uma mulher?”. E eu respondi: “Acredita que tudo o que essa mulher fez um homem faria?”. Claro que não. Sempre há uma mulher a sustentar cada um de meus romances: Lídia em *O ano da morte de Ricardo Reis*, Blimunda em *Memorial do convento*, Maria Madalena em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*...

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC* (SUPLEMENTO *ABC LITERARIO*), MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

Eu estou inventando mulheres ou, talvez, outra forma de ser mulher. Onde estão na realidade as mulheres de *A jangada*? Onde está Maria Sara? Onde está a mulher do médico?

“MOMENTOS DE UNA CHARLA CON JOSÉ SARAMAGO”, *AL MARGEN*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, N. 1, OUTUBRO-NOVEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A ALBERTO RODRÍGUEZ HERRERA E HELENA TUR PLANELLS].

Essas histórias de amor que aparecem com toda a naturalidade creio que são como são graças ao que são minhas mulheres, pessoas muito especiais, muito particulares, que verdadeiramente não chegam a pertencer a este mundo, pois não penso que por este mundo esteja Lídia, de *O ano da morte de Ricardo Reis*. São como ideias, como arquétipos que nascem para se propor. Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, claro que tinha que aparecer uma Maria Madalena, mas esta Maria Madalena não tem nada que ver, ou muito pouco que ver, com o que se pode deduzir dos Evangelhos. É a figura de uma mulher apaixonada até a medula e com uma força que inclusive não é a minha, ou que o é de forma transposta. Portanto, as histórias de amor dos meus romances, no fundo, são histórias de mulheres, o homem está ali

como um ser necessário, às vezes importante, é uma figura simpática, mas a forma é da mulher.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

É a própria história que me leva, sem ter me preocupado antes com isso, a que sempre, em todos os meus romances, haja uma mulher forte. Por quê? Se calhar, é porque tenho a esperança de que, talvez um dia, a mulher assuma a sua responsabilidade total e não permita que continue a ser uma espécie de sombra do homem, presente apenas para cumprir o que o homem decidir; que ela mesma se afirme com a sua capacidade única, com a sua generosidade. A mulher sempre é mais generosa que o homem, e acontece que o mundo precisa de muita generosidade.

“JOSÉ SARAMAGO, PREMIO NOBEL 1998: UN ESPACIO PARA LA REFLEXIÓN”, *HOJAS UNIVERSITARIAS*, BOGOTÁ, UNIVERSIDAD CENTRAL, N. 47, ABRIL DE 1999 [REPORTAGEM DE TAMARA ANDREA PEÑA PORRAS].

Ao lado das minhas personagens femininas, as masculinas são insignificantes.

“SARAMAGO: LA REALIDAD ES OTRA”, *LA JORNADA* (SUPLEMENTO *LA JORNADA SEMANAL*), CIUDADE DO MÉXICO, N. 642, 24 DE JUNHO DE 2007 [ENTREVISTA A CARLOS PAYÁN].

[Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*], quando Jesus vai ressuscitar Lázaro, Maria de Magdala o segura, dizendo: “Ninguém pecou tanto que mereça morrer duas vezes”. Só uma mulher é capaz de compreender que não tem sentido ressuscitar se tens de morrer de novo. Sinto que as mulheres de *A jangada de pedra* demonstram que a mulher é mais sábia, mais generosa, mais aberta, mais real. Quando começo um romance, não é que eu diga a mim mesmo: “Agora tens que pôr aqui uma mulher extraordinária”. O que acontece é que ela vai nascendo a partir das situações criadas que vão sendo narradas. E, quando a vejo desenhar-se pouquinho a pouquinho, lhe digo: aí estás, já apareceste de novo, eu andava a te procurar...

“SARAMAGO: LA REALIDAD ES OTRA”, *LA JORNADA* (SUPLEMENTO *LA JORNADA SEMANAL*), CIUDADE DO MÉXICO, N. 642, 24 DE JUNHO DE 2007 [ENTREVISTA A CARLOS PAYÁN].

Se olhamos a realidade, as mulheres são mais sólidas, mais objetivas, mais sensatas. Para nós, são opacas: as olhamos mas não conseguimos ir

dentro delas. Estamos tão encharcados de uma visão masculina que não entendemos. Em contrapartida, para as mulheres nós somos transparentes. O que me preocupa é que, quando a mulher chega ao poder, perde tudo aquilo.

“COLOMBIA DEBE VOMITAR SUS MUERTOS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 9 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A MARÍA PAULINA ORTIZ].

Acontece-me com as pessoas o mesmo que com as mulheres em meus romances. Faça-as melhores do que são na vida porque continuo a alimentar a esperança de que um dia se decidam a dar esse passo.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Primeiro, gosto das mulheres. Penso que elas são mais fortes, mais sensíveis e que elas têm mais bom-senso do que os homens. Todas as mulheres do mundo não são assim, mas digamos que é mais fácil encontrar qualidades humanas nelas do que no gênero masculino. Todos os poderes políticos, econômicos, militares são um negócio de homem. Durante séculos, a mulher teve de pedir licença ao seu marido ou ao seu pai para empreender o que quer que fosse. Como pudemos viver tanto tempo a condenar a metade da humanidade à subordinação e à humilhação?

“JOSÉ SARAMAGO: ‘IL FAUDRAIT RÉFORMER LA DÉMOCRATIE’”, *L’ORIENT LE JOUR*, BEIRUTE, 2 DE AGOSTO DE 2007 [ENTREVISTA A LUCIE GEFFROY].

As minhas personagens mais fortes são todas mulheres. Não quer dizer que em alguns casos o homem não fique próximo delas. Dizer que são mais fortes não significa grande coisa, mas são aquelas que têm um poder transformador. Não é que venham dizer que vêm transformar, é a sua própria presença, o que fazem e o que dizem que mostra que com o aparecimento delas alguma coisa vai mudar.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

OBRA LITERÁRIA PRÓPRIA

No fim da década de 1960 (1967-68), Saramago colaborou como crítico nas páginas da revista Seara Nova. Resenhou algo mais de uns vinte livros de ficção, dedicando atenção a obras, entre outras, de Augusto Abelaira, Agustina Bessa-Luís, Jorge de Sena, José Cardoso Pires, Nelson de Matos e Urbano Tavares. Se se tem em conta seu caráter analítico, não é de estranhar que, paralelamente à sua dedicação à criação, tenha desenvolvido uma destacável tarefa reflexiva sobre sua própria produção — que concebia, em seu conjunto, como uma meditação sobre o erro —, difundida tanto por artigos e conferências como por declarações aos meios de comunicação.

O escritor português se transformou num esclarecedor comentarista de suas obras, assim como das chaves que definem sua personalidade literária, sem poupar informações sobre as circunstâncias e anedotas que contribuíram para a gênese de seus livros. Aí estão, por extenso, suas observações dedicadas a elucidar as relações entre literatura e engajamento, ou entre ficção e história; mas também a esclarecer o caráter singular do narrador onisciente e a influência da oralidade em seus textos. Da mesma forma, ele glosou a alteração das convenções ortográficas que praticava e dedicou reflexões à sua concepção do romance e dos gêneros, além de fazer inúmeras alusões aos propósitos específicos de cada um de seus títulos ou da evolução do conjunto de seus escritos. Uma produção que ele mesmo ordenaria em dois grandes ciclos: “Com o Evangelho fechou-se uma porta e se abriu outra com Ensaio sobre a cegueira”. Se, no primeiro,

fazia uso da grande-angular para examinar a História, no segundo fecharia o foco e tomará como motivo central o ser humano, expondo nossa condição individual e coletiva.

Sua eloquência e sua capacidade exegética integram-se no paradigma de comunicação e intervenção adotado pelo escritor para se relacionar com seu tempo e fazer seu trabalho dialogar com as dinâmicas sociais e culturais contemporâneas. Observador atento de si mesmo e de seu trabalho, soube criar um aporte hermenêutico variado, construído sobre tensões intelectuais, marcadas, em última instância, com o mesmo selo e a perspicácia provocadora que singulariza seu imaginário. Em suma, Saramago foi capaz de proporcionar um valioso corpo de comentários merecedor de atenção no momento de compreender e julgar sua contribuição à literatura.

Não me parece que o *Objeto quase* seja uma sequência de quadros, como igualmente não resultou de uma justaposição mecânica de textos escritos ao sabor das circunstâncias. O livro tem um projeto e um plano, propõe-se claramente contra a alienação — a epígrafe de Marx e Engels não está lá por acaso. Eu diria, provavelmente com algum exagero, que cada texto decorre do texto anterior, e o primeiro deles, que materialmente não tem anterioridade, toma como referência textual um texto ausente: que eu saiba, até hoje não foi descrita a queda de Salazar, a queda da cadeira que fez cair Salazar. De qualquer modo, parece-me que, neste momento, o que importa não é tanto o que o livro quis ser, mas o que o livro é. Como autor, sinto-me mais à vontade falando do projeto do que do produto dele, mas creio ter algum significado que um livro contra a alienação se tenha exprimido em termos de morte. No pensamento do autor, alienação e morte são inseparáveis. Pela via da ficção, foi também isto que em *Objeto quase* pretendi dizer.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ANDAMOS À PROCURA DE UMA OUTRA FORMA DE SER ESCRITOR’”, *DIÁRIO POPULAR*, LISBOA, 6 DE ABRIL DE 1978.

E a realidade atual [1978]? Essa é o que sabemos, e o *Objeto [quase]* haveria necessariamente de refleti-la, como *O ano de 1993*, transpostamente, refletia um país onde o fascismo não desaparecera. Assim mesmo. Não desaparecera e nem desapareceu. O que faz é trocar as máscaras. De uma maneira também transposta, o *Objeto* quer lançar alguma luz sobre os diferentes avatares e metamorfoses da besta. Gravidade sim porque a situação é grave. Gravidade porque esse é o meu modo pessoal de pesar a vida.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ANDAMOS À PROCURA DE UMA OUTRA FORMA DE SER ESCRITOR’”, *DIÁRIO POPULAR*, LISBOA, 6 DE ABRIL DE 1978.

Quanto a *Manual de pintura e caligrafia*, esta mesma gravidade que reivindico está presente. Diluí-la um pouco a pequena aventura intelectual e política do protagonista, mas o fundamental do livro parece-me ser o processo de investigação textual em sentido lato, a tal ponto que o protagonista não pode deixar de ler-se no texto que ele próprio é.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ANDAMOS À PROCURA DE UMA OUTRA FORMA DE SER ESCRITOR’”, *DIÁRIO POPULAR*, LISBOA, 6 DE ABRIL DE 1978.

Neste momento [1978] estou a escrever um livro sobre o Alentejo. Um romance. *Levantado do chão* é o título. Para me documentar, para recolher material, para ver e ouvir pessoas, para cheirar, saborear e tocar, passei dois meses no concelho de Montemor-o-Novo. É um trabalho de grande responsabilidade, quase assustador. De vez em quando, volto ao Alentejo. É uma maneira de manter a tensão interior de que necessito para prosseguir o livro.

“AS ÚLTIMAS DA ESCRITA: UM ESCRITOR NÃO TEM O DIREITO DE REBAIXAR O SEU TRABALHO EM NOME DE UMA SUPOSTA MAIOR ACESSIBILIDADE”, *EXTRA*, LISBOA, 1978 [ENTREVISTA A G. F.].

O Manual [de pintura e caligrafia] é um balanço, uma colagem de glóbulos, um exame radiológico, uma consciência que se examina a si mesma.

“AS ÚLTIMAS DA ESCRITA: UM ESCRITOR NÃO TEM O DIREITO DE REBAIXAR O SEU TRABALHO EM NOME DE UMA SUPOSTA MAIOR ACESSIBILIDADE”, *EXTRA*, LISBOA, 1978 [ENTREVISTA A G. F.].

[*O ano de 1993*] comecei a escrevê-lo antes do 25 de Abril, precisamente no dia da tentativa militar das Caldas da Rainha. Foi por desespero que o principiei. Depois veio a Revolução, e o livro pareceu ter perdido o sentido. Se, como se dizia, o fascismo estava morto, para que falar mais em dominadores e dominados? Sabemos hoje que o fascismo está vivo, e eu fiz o meu dever publicando o livro [em fevereiro de 75], quando ainda não tínhamos vivido as horas mais belas e exaltantes da Revolução...

“AS ÚLTIMAS DA ESCRITA: UM ESCRITOR NÃO TEM O DIREITO DE REBAIXAR O SEU TRABALHO EM NOME DE UMA SUPOSTA MAIOR ACESSIBILIDADE”, *EXTRA*, LISBOA, 1978 [ENTREVISTA A G. F.].

Uma coisa não posso esquecer também: a influência que o circunstancial teve no meu trabalho. Quatro livros — dois de crônicas e dois de comentários ou ensaios políticos — são, em diferente grau, produto da circunstância, do empenhamento cívico. E talvez seja certo que no conjunto duma obra que nasceu sem projeto preconcebido, circule, afinal, uma coerência que não é apenas ideológica, que é também de estilo, de presença

no mundo — naquilo que vai para além da ideologia —, de exigência ética e estética. Não estou a cantar os meus próprios louvores, estou a tentar entender-me e dar-me a entender.

“JOSÉ SARAMAGO: PODER, ENFIM, ESCREVER CLARAMENTE”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 17 DE FEVEREIRO DE 1979.

Na minha opinião, todo o real é fantástico, ou, para o dizer de uma maneira que me é mais própria, todo o real é inquietante. A percepção do real, operada pelos sentidos, não dá todo o real. A margem do não saber, ou melhor, do não sentir, é que é o inquietante.

“TODO O REAL É INQUIETANTE”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 8 DE MARÇO DE 1980 [ENTREVISTA A MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO].

A bagagem [do viajante] é um livro escrito semana a semana, crônica após crônica, pequeno sismógrafo atento aos acontecimentos de fora e as lembranças de dentro.

“TODO O REAL É INQUIETANTE”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 8 DE MARÇO DE 1980 [ENTREVISTA A MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO].

Se o pai [do *Levantado do chão*] é o 25 de Novembro, a mãe é o acaso. O meu primeiro movimento, isto no que toca a perspectivas de produção literária, tinha sido transportar-me para as terras ribatejanas onde nasci, levar a traduçãozinha em estaleiro — por sinal um volumoso tratado de psicologia —, e tentar o livro campestre que eu andava a sentir necessidade de escrever. Motivos vários impediram a realização do projeto por aquelas bandas. Além disso, parecia-me errado ir cometer uma espécie de regresso ao ovo natal. Foi então que me ocorreu o contato que estabelecera, em meados de 1975, com a UCP “Boa Esperanza”, de Lavre, por causa de uma entrega de livros para a biblioteca que eles andavam a organizar. Escrevi, perguntei se podia ir, como seria isso de comer e dormir, e se havia lugar onde trabalhar, um espaço para a máquina de escrever. Eles responderam: “Venha”. E eu fui. Estive em Lavre, da primeira vez, dois meses, depois, por intervalos, umas tantas semanas mais, e quando de lá voltei trazia cerca de duas centenas de páginas com notas, casos, histórias, também alguma História, imagens e imaginações, episódios trágicos e burlescos, ou apenas do quotidiano banal, acontecidos diversos, enfim, a safra que é sempre

possível recolher quando nos pomos a perguntar e nos dispomos a ouvir, sobretudo se não há pressa. Andei por Lavre, Montemor-o-Novo, Escoural, por lugares de gente e descampados, passei dias inteiros ao ar livre, sozinho ou acompanhado de amigos, conversei com novos e velhos, sempre na mesma cisma: perguntar e ouvir.

“JOSÉ SARAMAGO E O ALENTEJO: UM LIVRO ‘LEVANTADO DO CHÃO’”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 8 DE MARÇO DE 1980 [ENTREVISTA A ERNESTO SAMPAIO].

Quando regressei de Lavre trazia comigo uma montanha de apontamentos, notas, registros vários, gravações, documentos. Não seria difícil fazer disso um livro. Bastaria arrumar um pouco, sistematizar um pouco, limpar o supérfluo, acrescentar o comentário, aliteratar onde fosse conveniente, afinar o tom. Porém, não foi assim. Quando decidi instalar-me em Lavre, não era essa a intenção que levava. O que eu queria era escrever um romance, não uma reportagem, por mais útil e exemplar que ela pudesse ser, como tantas que felizmente têm vindo a ser escritas, algumas delas excelente material para futuras obras. Mas a decisão de escrever um romance também não era pacífica. Um romance, sim, senhor, mas que romance? Modelos, se eu os quisesse tomar, não me faltavam, e ilustres. Muita gente escreveu sobre o Alentejo, alguns escreveram certo e bem. E ainda escrevem. Para mim, poderia ser fácil e fazer-me beneficiar de uma certa e bem-humorada condescendência. Assentar os pés nas pegadas marcadas pelos colegas e já aprovadas pela crítica, seguir o itinerário, deixar-me ir. Ficava a história contada, o livro rematado, a obrigação cumprida sem excessivos riscos. Também isso não quis fazer. Mas, se sabia claramente o que não queria, tive de esperar que viesse a mim o que fosse meu. Estive em Lavre em 1976, o livro [*Levantado do chão*] aparece em 1980, quatro anos depois. É certo que entretanto concluí outro romance [*Manual de pintura e caligrafia*], escrevi um livro de contos [*Objeto quase*] e uma peça de teatro [*A noite*], mas, essencialmente, o que eu estive foi à espera de que terminasse o trabalho de germinação que sabia estar a fazer-se. Posso garantir-lhe, com toda a simplicidade e sem disso me gabar, que não tive de resolver quaisquer problemas formais, no sentido que a palavra “resolver” contenha de esforço, tentativa, retificação, ajuste, pesquisa. Limitei-me a ter paciência, a não forçar o tempo. O livro foi escrito, por assim dizer, em dois períodos: o primeiro, de dois dias, para as quatro

páginas iniciais; o segundo, de alguns meses, para o resto. Entre esses dois períodos tão desiguais, decorreu muito tempo.

“JOSÉ SARAMAGO E O ALENTEJO: UM LIVRO ‘LEVANTADO DO CHÃO’”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 8 DE MARÇO DE 1980 [ENTREVISTA A ERNESTO SAMPAIO].

Quando um alentejano se decide a falar, ninguém o cala. Além disso, também há alentejanos que escrevem. Não serão muitos? Eu tive a sorte de encontrar um. Você pode imaginar o que é estar a conversar com um velho rural de setenta anos, digo eu, dizes tu, e de repente ele abre ali uma gaveta, tira uns poucos cadernos de papel almaço, escritos em letra garrafal e firme, creia que até os erros de ortografia eram firmes: “Está aqui a história da minha vida”. Foi isto que me aconteceu. Levei para o meu buraco a história de João Domingos Serra contada pelo próprio, li-a nessa mesma noite, a tremer de comoção e frio — era março —, e, quando acabei tinha, finalmente, a trave mestra do que viria a ser o *Levantado do chão*. Aquela vida verdadeira era assim como uma fiada de pedras postas a atravessar a corrente torrencial de dados em que já me ia submergindo. Por cima de tal ponte podia agora circular à minha vontade. Mas a vida, se repararmos bem, só é o que vidas forem. A esta de João Serra juntaram-se outras, a do Machado, do Abelha, do Badalinho, do Catarro, do Cabecinha, da Mariana Amália, a de outro João, o João Basuga, meu amigo do coração, e tantos, tantos mais. Quem lhes quiser conhecer os nomes, falo dos que mais perto estiveram de mim, encontra-os na dedicatória do livro. Também lá estão os nomes de dois mortos. Não há inconveniente. Estes vivos e estes mortos fazem boa companhia uns aos outros. Enfim, se eu não tivesse, num dia daquele ardento verão de 1975, levado livros a Lavre, não existiria este livro [*Levantado do chão*]. Um espírito malicioso e facilmente hábil dirá que não há a certeza de se ter ganho alguma coisa como isso. Ouso crer que não se perdeu.

“JOSÉ SARAMAGO E O ALENTEJO: UM LIVRO ‘LEVANTADO DO CHÃO’”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 8 DE MARÇO DE 1980 [ENTREVISTA A ERNESTO SAMPAIO].

Um dia compreendi — foi uma coisa súbita de que mal tenho memória — que só poderia escrever o livro [*Levantado do chão*] se o contasse, isto é, transformando-me eu em narrador multiplicado, de fora e dentro, próximo e distanciado, grave e irônico, terno e brutal, ingênuo e experiente, um

narrador que ao dizer a realidade, e para a dizer, fosse capaz de a inventar em cada momento. Percebi que isto só poderia ser feito se reconstituísse a oralidade na escrita, se fizesse da escrita discurso no sentido próprio, mas rejeitando sem piedade qualquer tentação de transcrição fonética, que é a pior das armadilhas. Sacrifiquei sem nenhum remorso o pitoresco, a cor local, o folclore. Com isto tudo, não tive de empurrar nenhuma porta, foi ela que se me abriu quando me aproximei pelo caminho certo. A partir daí foi fácil.

“JOSÉ SARAMAGO E O ALENTEJO: UM LIVRO ‘LEVANTADO DO CHÃO’”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 8 DE MARÇO DE 1980 [ENTREVISTA A ERNESTO SAMPAIO].

Diria que escrevi este livro [*Levantado do chão*] com espírito liberto, com a espontaneidade do narrador que se abandona à imaginação e às arcas da memória para tornar diferentes as histórias que ouviu, por saber, ou ser sua pessoal convicção, que a diferença é justamente o melhor que a História contém, ou virá a conter, se alguma vez mais vier a ser contada, por mim, por você, pelo leitor. Quer saber como eu me imagino? Imagino-me a contar este *Levantado do chão* a um grupo de pessoas, lá no Alentejo, ou aqui em Lisboa, ou em qualquer outro lugar, a contar em voz alta, voltando atrás quando me apetecesse, metendo pelo meio coisas da sabedoria popular, ditados, alusões diretas ou indiretas a casos marginais, questões de famílias, boas ou más vizinhanças, e entre essas pessoas houver analfabetos, essa será a grande prova, é maior dever do narrador contar e bem claro. Amanhã, noutro lugar, contaria a mesma história, mas diferente, sempre diferente, outros ditos, outras voltas, outros caminhos. Haveria de ter sua graça experimentar, mas, não podendo ser, aí fica o livro em sua forma de livro e aparente invariabilidade.

“JOSÉ SARAMAGO E O ALENTEJO: UM LIVRO ‘LEVANTADO DO CHÃO’”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 8 DE MARÇO DE 1980 [ENTREVISTA A ERNESTO SAMPAIO].

Um escritor é um homem como os outros: sonha. E o meu sonho foi o de poder dizer deste livro [*Levantado do chão*], quando o terminasse: Isto é o Alentejo.

“JOSÉ SARAMAGO E O ALENTEJO: UM LIVRO ‘LEVANTADO DO CHÃO’”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 8 DE MARÇO DE 1980 [ENTREVISTA A ERNESTO SAMPAIO].

Em *Levantado do chão* se fundem duas correntes: a da linguagem clássica e a da linguagem popular, que, de resto, conserva muito do clássico. Por tudo isto, não tive de introduzir à força uma nova linguagem porque o caminho já estava aberto pelos clássicos.

“RETRATO VIVO DE UM ESCRITOR A TEMPO INTEIRO”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 25 DE MAIO DE 1980 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

A minha peça [*Que farei com este livro?*] não pretendeu desfigurar ou imobilizar a História, mas articular dialeticamente o homem com o seu tempo. Não pretendi mistificar nem romantizar Camões, mas trazê-lo até junto de nós para projetar alguma luz reveladora sobre o presente.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *QUE FAREI COM ESTE LIVRO?* OLHAR O PASSADO COM UM OLHAR DO PRESENTE”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 14 DE ABRIL DE 1981.

Quanto ao título [do romance *Levantado do chão*], a razão é esta: acho que do chão se levanta tudo, até nós nos levantamos. E sendo o livro como é — um livro sobre o Alentejo — e querendo eu contar a situação de uma parte da nossa população, num tempo relativamente dilatado, o que vi foi que todo o esforço dessa gente de cuja vida eu ia tentar falar é no fundo o de alguém que pretende levantar-se. Quer dizer: toda a opressão econômica e social que tem caracterizado a vida do Alentejo, a relação entre o latifúndio e quem para ele trabalha, sempre foi — pelo menos do meu ponto de vista — uma relação de opressão. A opressão é, por definição, esmagadora, tende a baixar, a calçar. O movimento que reage a isto é o movimento de levantar: levantar o peso que nos esmaga, que nos domina... Portanto, o livro chama-se *Levantado do chão* porque, no fundo, levantam-se os homens do chão, levantam-se as searas, é no chão que semeamos, é no chão que nascem as árvores e até do chão se pode levantar um livro.

“NÃO USO LITERATURA COMO POLÍTICA”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE JANEIRO DE 1982.

Acho que o livro [*Levantado do chão*] é o testemunho de um tempo e de uma forma de viver.

“JOSÉ SARAMAGO: UM OLHAR QUE SE VIGIA”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1982 [ENTREVISTA A LOURDES FÉRIA].

Penso que [*Memorial do convento*] reflete o povo que somos [os portugueses] e as preocupações que ainda temos.

“JOSÉ SARAMAGO: UM OLHAR QUE SE VIGIA”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1982 [ENTREVISTA A LOURDES FÉRIA].

No *Levantado do chão* também surge muitas vezes a ironia, mas é uma espécie de ironia de quem tem pena de si próprio, que é úmida de lágrimas e que não podia deixar de sê-lo; porque se trata de um livro de comoção constante. É um livro que nasce das situações e do modo como são tratadas. O *Memorial*, por sua vez, rejeita a emoção fundamentalmente por isto: porque é uma espécie de ajuste de contas, de contas minhas, não no plano da ideologia religiosa e do uso da fé. Mas, vivendo numa sociedade católica que o é, há muitos séculos sem que eu o seja, não posso dizer que isso não me condiciona até o nível da ambiência cultural em que vivemos. O que me parece é que os aspectos negativos dessa vivência têm sido tratados de um modo crítico ou com uma chocarrice anticlerical. Este livro vê homens e mulheres numa determinada sociedade, por dentro dessa sociedade, supersticiosa, e considera isso uma espécie de crime pelo qual, livro e autor, responsabilizam o aparelho eclesiástico da época. É um livro que não adota as formas que normalmente o protesto adota [...]. Nesta linha, a ironia é muito mais viva. Chega por vezes ao sarcasmo mas há uma grande piedade subjacente a tudo isto.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA A JOSÉ JORGE LETRIA].

Para escrever este romance [*Memorial do convento*], cuja ação se situa entre 1711 e 1739, a primeira exigência é um conhecimento tido por suficiente dessa mesma época. Isso significa que se tenha que dar um mergulho nesse século através da leitura de documentos. Durante muitos meses vivi no fim do século XVII e no século XVIII. Precisei de ler e quase de falar como então se falava. Olhei muito para a pintura da época e ouvi muita música. Talvez não fosse necessário, mas senti-me bem ao fazê-lo. No que toca à investigação, que ponho sempre entre aspas por não ser rigorosa, tive de consultar e de decifrar documentos da época, de preocupar-me com aspectos econômicos e sociais, com a questão do Santo Ofício, não tanto para vir dizê-lo, mas como se quisesse senti-lo.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE *MEMORIAL DO CONVENTO*: ‘A LÍNGUA QUE USO NOS ROMANCES FAZ CORPO COM AQUILO QUE CONTO’”, *O DIÁRIO*, LISBOA, 21 DE NOVEMBRO DE 1982 [ENTREVISTA

A JOSÉ JORGE LETRIA].

Em 1980, tive necessidade de repensar alguns convencionalismos das formas narrativas, e o direito que nós, escritores, temos de desenvolver as nossas próprias navegações noutros oceanos.

Embora estivesse pronto a fazê-lo, ou a escrevê-lo [*Levantado do chão*], só três anos depois é que arranquei, porque sabia que, se seguisse os moldes tradicionais, a narrativa não me ia agradar. Só podia escrever *Levantado do chão* se o narrasse de viva voz. Tal como nós, que, quando falamos, não fazemos distinção entre o discurso direto e o indireto. No caso de *Levantado do chão*, isso assume uma forma quase cronística, numa transposição do discurso verbal para o escrito.

“SOU A PESSOA MAIS BANAL DESTA MUNDO”, *NT*, LISBOA, 23 DE MAIO DE 1984 [ENTREVISTA A ALEXANDRE CORREIA].

A minha intenção [em *O ano da morte de Ricardo Reis*] foi a de confrontar Ricardo Reis, e, mais que ele, a sua própria poesia, a tal que se desinteressava, a que afirmava que “sábio é aquele que se contenta com o espetáculo do mundo”, com um tempo e uma realidade cultural que, de fato, não tem nada que ver com ele. Mas o fato de ele vir confrontar-se com a realidade de então não quer dizer que ele tenha deixado de ser quem era. Conserva-se contemplador até a última página e não é modificado por essa confrontação.

“JOSÉ SARAMAGO SOBRE *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*: ‘NESTE LIVRO NADA É VERDADE E NADA É MENTIRA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 121, 30 DE OUTUBRO DE 1984 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

Neste livro [*O ano da morte de Ricardo Reis*] nada é verdade e nada é mentira. Não é verdade que Ricardo Reis tenha existido. Mas é verdade que se ele tivesse existido tinha sentido atribuir-lhe essa vida a partir da obra que deixou e dos dados que Fernando Pessoa nos deu dele. Mas é também verdade que Fernando Pessoa já não estava vivo nessa altura. E no entanto é verossímil. Não está vivo mas entra na história. Nada é mentira e nada é verdade no livro.

“JOSÉ SARAMAGO SOBRE *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*: ‘NESTE LIVRO NADA É VERDADE E NADA É MENTIRA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 121, 30 DE OUTUBRO DE 1984 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

[Em *O ano da morte de Ricardo Reis*] é como se eu tivesse a preocupação fundamental de tornar o real imaginário e o imaginário, real. Foi como se quisesse fazer desaparecer a fronteira entre o real e o imaginário, de modo que o leitor circule de um lado para o outro sem se pôr a si mesmo a questão: isto é real?, isto é imaginário? Gostaria que o leitor circulasse entre o real e o imaginário sem se interrogar se aquele imaginário é imaginário mesmo, se o real é mesmo real, e até que ponto ambos são aquilo que de fato se pode dizer que são.

Podemos sempre distinguir entre o real e o imaginário. Mas o que gostaria é de ter criado um estado de fusão entre eles de modo a que a passagem de um para o outro não fosse sensível para o leitor, ou o fosse tarde demais — quando já não pode dar pela transição e se acha já num lado ou no outro, vindo de um ou outro lado, e sem se aperceber como é que entrou.

“JOSÉ SARAMAGO SOBRE *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*: ‘NESTE LIVRO NADA É VERDADE E NADA É MENTIRA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 121, 30 DE OUTUBRO DE 1984 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

E se é certo que quer o *Memorial do convento* quer *O ano da morte de Ricardo Reis* introduzem elementos de fantástico, também o que é o fantástico passa neles por um processo de realização, no sentido de o tornar real.

Desejo que o leitor, mesmo sabendo que uma coisa é fantástica, a encare como real. Não é o fantástico pelo fantástico, mas o fantástico enquanto elemento do próprio real e integrando-se nele. Não se trata de uma complacência minha face ao fantástico, mas de um modo de tornar mais rico, mais denso, mais florestal — o real.

“JOSÉ SARAMAGO SOBRE *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*: ‘NESTE LIVRO NADA É VERDADE E NADA É MENTIRA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 121, 30 DE OUTUBRO DE 1984 [ENTREVISTA A FRANCISCO VALE].

O que me levou ao livro [*O ano da morte de Ricardo Reis*] foi mais uma questão por resolver entre mim e Ricardo Reis do que verdadeiramente o caso Pessoa e os heterônimos, que é muito mais complexo do que eu poderia ter dado num livro — que, afinal, exclui todos os outros, embora haja simples alusões ou referências a Álvaro de Campos e Alberto Caeiro.

Ricardo Reis foi o meu “primeiro” Fernando Pessoa — tinha eu dezoito anos quando li as *Odes* publicadas no número 1 da revista *Athena*. Reis ficou para mim como qualquer coisa de quase irrespirado: aquela rarefação formal, aquela rarefação de sentido que é, de uma certa maneira, uma alta concentração. Desde então fascinou-me ao ponto de eu até ter feito de alguns versos de Ricardo Reis — por exemplo: “Para ser grande, sê inteiro: nada/ Teu exagera ou exclui./ Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/ No mínimo que fazes” — uma espécie de divisa.

Claro que aquilo que me intrigava particularmente — e já então era como se eu tomasse o Ricardo Reis só, como se ele fosse um poeta que não tivesse nada a ver com Pessoa e os outros heterônimos — era, justamente, aquela indiferença em relação ao mundo. Quando ponho como uma das epígrafes deste romance “Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo”, isto é qualquer coisa que desde sempre me irritou. Mas há entre mim e o Ricardo Reis uma espécie de fenômeno de atração e repulsão e, por outro lado, admiro-o até no seu próprio comportamento em relação à vida, como se em mim houvesse uma necessidade de distância, o que até parece altamente contraditório com todo o meu empenhamento político e militante — mas o homem é o lugar das contradições.

“JOSÉ SARAMAGO: O REGRESSO DE RICARDO REIS”, *EXPRESSO*, LISBOA, 24 DE NOVEMBRO DE 1984 [ENTREVISTA A AUGUSTO M. SEABRA].

[*O ano da morte de Ricardo Reis*] é um livro sobre a solidão, triste, sobre uma cidade triste, sobre um tempo triste. Em 1936, eu tinha catorze anos, mas lembro-me da tristeza que era essa cidade e, sem abusar das comparações, talvez os leitores de hoje, nesta cidade de hoje, sejam capazes de encontrar algumas outras manifestações de tristeza e solidão.

Se este livro tivesse que levar um subtítulo poderia ser “Contribuição para o diagnóstico da doença portuguesa”. Não sei muito bem que doença, uma vez que nem sequer estou a formular um diagnóstico, apenas me proponho contribuir para ele: mas há realmente, parece-me, uma doença portuguesa, que não é só lisboeta, mas que talvez assuma aqui as suas formas extremas.

“JOSÉ SARAMAGO: O REGRESSO DE RICARDO REIS”, *EXPRESSO*, LISBOA, 24 DE NOVEMBRO DE 1984 [ENTREVISTA A AUGUSTO M. SEABRA].

Pela maior liberdade que a prosa me concede, pela maior possibilidade de prolongar o próprio discurso, talvez haja muito mais poesia num romance meu do que toda aquela que eu seria capaz de inserir num livro de poemas.

“JOSÉ SARAMAGO: A VIDA É UM ROMANCE”, *TEMPO*, LISBOA, 7 DE DEZEMBRO DE 1984 [ENTREVISTA A PEDRO CORREIA].

Em [*O ano da morte de Ricardo Reis*] a chuva é também um fato histórico. Em Lisboa não chove como em Santiago de Compostela, embora possa haver invernos muito chuvosos. 1935 e 1936 foram anos de grandes chuvas em Portugal. A chuva não é em *O ano da morte de Ricardo Reis* um elemento de ficção, mas um elemento que encontrei na investigação [...]. Sem a chuva, *O ano da morte de Ricardo Reis* não seria o que é. Empreguei o fato histórico da chuva para refletir sobre uma Lisboa atlântica e úmida.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA FELICIDAD ES TAN SÓLO UNA INVENCIÓN PARA HACER LA VIDA MÁS SOPORTABLE’”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 25 DE FEVEREIRO DE 1986 [ENTREVISTA A JOSÉ MARTÍ GÓMEZ].

Eu penso que o sentimento é como a natureza. Não podemos, em nome da experimentação, da frieza científica, da objetividade e de todas as coisas, expulsar o sentimento das nossas preocupações e das obras que vamos escrevendo. O sentimento estará sempre na moda, porque homem e mulher sempre sentirão amor. Não se pode matar o amor. Por isso ele tem uma presença tão importante em meus romances.

“LA ISLA IBÉRICA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *QUIMERA*, BARCELONA, N. 59, 1986 [ENTREVISTA A JORDI COSTA].

[Em *A jangada de pedra*] trata-se de uma metáfora política e cultural, uma vez que alimento a convicção de que se é verdade que a Península Ibérica, portanto, Portugal e Espanha, se diferem do continente europeu, por razões geológicas, físicas e culturais, como a língua, as instituições, o Direito, tudo — e estas são as nossas primeiras raízes —, a verdade é que nós, os ibéricos, temos outras raízes, em outro lugar do mundo. Este lugar começa no México e termina no sul da Argentina.

Como eu considero que a Europa está muito fatigada, além de não saber exatamente o que é, nem quem é e nem para que serve, então eu penso que nós, os peninsulares, deveríamos reatar, o máximo possível, a aproximação

com estes povos da América Latina. Inclusive também com aqueles que habitam a África. Não é um livro contra a Europa.

“JOSÉ SARAMAGO: NA ROTA DA LATINIDADE”, *FOLHA DE S.PAULO*, SÃO PAULO, 2 DE DEZEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A ÂNGELA PIMENTA].

No que toca a mim e *A jangada de pedra*, há três partes. A primeira, é que a Península Ibérica não pertence à Europa por uma questão de identidade. A segunda, é que para mim é vital, é que é necessário nos aproximarmos daqueles povos que são resultado de nossas aventuras pelo mundo. E a terceira, já num nível existencial, é a relação entre o novo e o velho, o antigo e o moderno. Isto tudo está representado nas minhas personagens, uma das quais representa o homem antigo europeu. Há poucos anos, foi descoberta em Andaluzia, na província espanhola de Granada, restos de um crânio que se supõe o homem europeu mais antigo. Isto para mim tem uma dimensão histórica, em termos políticos e existenciais muito grande. Entre os ibéricos está o europeu mais antigo. Eu tentei representar isso no livro.

“JOSÉ SARAMAGO: NA ROTA DA LATINIDADE”, *FOLHA DE S.PAULO*, SÃO PAULO, 2 DE DEZEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A ÂNGELA PIMENTA].

Escolhi Ricardo Reis por ser o contrário de mim. Não por afinidade, mas por contradição. Reis se separou da vida, se separou de Portugal, e eu procuro, na medida das minhas possibilidades, seguir a vida portuguesa. Por isso o escolho, para falar dele e para falar de mim. São dialéticas contrárias.

“JOSÉ SARAMAGO RECREA LA CONSTRUCCIÓN DE UN CONVENTO Y DE UN AEROSTATO EN EL PORTUGAL DEL SIGLO XVIII”, *EL PAÍS*, MADRI, 20 DE FEVEREIRO DE 1987 [ENTREVISTA A CARLOS G. SANTA CECILIA].

O que me preocupa é recolher a voz contextual, capaz de integrar todos os elementos numa hierarquia de interesses diferente da convencional. Que é realmente o importante? Penso que é a íntima conexão de tudo, porque tudo está a acontecer por igual.

“SARAMAGO: ‘LA CE, UN EUFEMISMO’”, *EL INDEPENDIENTE*, MADRI, 29 DE AGOSTO DE 1987 [REPORTAGEM DE ANTONIO PUENTE].

Manual de pintura e caligrafia quer expressar, no fundo, o que é a verdade, o que é realmente verdadeiro e o que é o falso, quem é aquele que

sente em mim, que relação de conciliação ou de contradição existe em tudo aquilo que no final das contas nós somos. Há que citar o nosso Fernando Pessoa, que, de uma vez por todas, diz que cada um de nós é um e cada um de nós é vários. Esse pintor que tem consciência da sua mediocridade no fundo é como se eu estivesse a fazer a minha própria autocrítica e a dizer: poderei fazer amanhã algo que tenha mais importância que o que fiz até hoje? E é verdade que o pintor não vai deixar de pintar, é verdade que vai tentar pintar de outra forma, [embora] não consiga; mas o que vai fazer, sobretudo, é refletir por escrito sobre aquilo que pinta e, no momento seguinte, vai refletir sobre o que está a escrever. Então, é como se eu mesmo, neste livro, estivesse não só fazendo uma reflexão indireta sobre o meu passado como escritor, mas também como uma espécie de antecipação sobre uma reflexão que apareceria mais desenvolvida depois, e que, no fundo, é uma reflexão sobre o tempo, uma meditação sobre a minha relação com o tempo. Quando digo “relação com o tempo” não é só com o tempo que vivo, mas a relação com o tempo como conceito geral.

“SARAMAGO: ‘LOS VÍNCULOS DE PORTUGAL CON UNA ESPAÑA FEDERATIVA PROVOCARÍAN UNA REVISIÓN TOTAL DE LA RELACIÓN’”, *DIARIO 16* (SUPLEMENTO *CULTURAS*), MADRI, 11 DE FEVEREIRO DE 1989 [ENTREVISTA A CÉSAR ANTONIO MOLINA] [RECOLHIDA EM CÉSAR ANTONIO MOLINA, *SOBRE EL IBERISMO Y OTROS ESCRITOS DE LITERATURA PORTUGUESA*, INTRODUÇÃO DE JOSÉ SARAMAGO, EPÍLOGO DE ÁNGEL CRESPO, MADRI, AKAL, 1990, PP. 247-75].

À luz do que aconteceu desde 1980 até agora, é como se nesse momento de vida portuguesa *Levantado do chão* fosse ou tivesse sido o último romance rural possível, referido a esse mundo [...]. No fundo, eu diria que *Levantado do chão*, em termos sociológicos ou socioliterários, se apresenta como uma espécie de testamento. É um livro final, mas final não porque daí em diante não se possam escrever mais livros sobre esse tema, e sim porque necessariamente os livros que se vão escrever serão e terão que ser diferentes, pois o mundo português, a sociedade portuguesa inteira e também a sociedade rural portuguesa, sofreu uma transformação muito grande e nada provavelmente pode expressar-se nos mesmos termos. Terminar *Levantado do chão* foi como se me tivesse livrado dessa obsessão para me fazer disponível para outra forma de entender o tempo, a cultura, o nosso povo, e vê-lo, não em termos imediatistas, não em relação com o que está diante dos meus olhos, mas como se eu depois de *Levantado do chão*

tivesse adotado uma espécie de distanciamento, uma espécie de mudança de perspectiva que me permite ver toda esta cultura, ver toda esta história e ver todo este tempo realmente como um todo.

“SARAMAGO: ‘LOS VÍNCULOS DE PORTUGAL CON UNA ESPAÑA FEDERATIVA PROVOCARÍAN UNA REVISIÓN TOTAL DE LA RELACIÓN’”, *DIARIO 16* (SUPLEMENTO *CULTURAS*), MADRI, 11 DE FEVEREIRO DE 1989 [ENTREVISTA A CÉSAR ANTONIO MOLINA] [RECOLHIDA EM CÉSAR ANTONIO MOLINA, *SOBRE EL IBERISMO Y OTROS ESCRITOS DE LITERATURA PORTUGUESA*, INTRODUÇÃO DE JOSÉ SARAMAGO, EPÍLOGO DE ÁNGEL CRESPO, MADRI, AKAL, 1990, PP. 247-75].

A minha ideia, quando concebi *Memorial do convento*, estava limitada à construção do convento, e é depois que eu verifico que, nessa mesma época, um padre tinha a ideia de fazer uma máquina de voar. Então isto o modificou completamente... A partir daí, o romance tinha que ser diferente, completamente diferente. E toda a oposição entre o que cai e o que sobe, entre o pesado e o leve, o que quer voar e impede que voe... Toda essa relação entre liberdade e autoridade, entre invenção e convenção, ganha uma dimensão que antes não estava nos meus propósitos e modifica completamente o romance.

“SARAMAGO: ‘LOS VÍNCULOS DE PORTUGAL CON UNA ESPAÑA FEDERATIVA PROVOCARÍAN UNA REVISIÓN TOTAL DE LA RELACIÓN’”, *DIARIO 16* (SUPLEMENTO *CULTURAS*), MADRI, 11 DE FEVEREIRO DE 1989 [ENTREVISTA A CÉSAR ANTONIO MOLINA] [RECOLHIDA EM CÉSAR ANTONIO MOLINA, *SOBRE EL IBERISMO Y OTROS ESCRITOS DE LITERATURA PORTUGUESA*, INTRODUÇÃO DE JOSÉ SARAMAGO, EPÍLOGO DE ÁNGEL CRESPO, MADRI, AKAL, 1990, PP. 247-75].

Cada vez melhor compreendo a verdade e o significado extremo da célebre frase de Benedetto Croce quando ele diz: “Toda a História é a História contemporânea”. Quando alguém me pergunta: Ah, a investigação que você fez..., eu respondo que investigação e pesquisa são palavras demasiado sérias para serem usadas neste caso. Há um tema, vai-se às fontes, faz-se uma pequena bibliografia, as coisas estão todas elas publicadas, e a questão é só ter o gosto e saber encontrar o que é necessário, e apenas o que é necessário, porque um dos perigos deste tipo de livros é a sobrecarga de informação. Perigo a que penso ter escapado, quer no *Memorial*, quer no *Cerco*. Há uma sobrecarga evidente no *Ricardo Reis*, mas essa é voluntária, porque a minha intenção foi, por assim dizer, quase *asfixiar* o leitor sob aquela massa de notícias que por sua vez estão a sufocar o *Ricardo Reis*.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

A primeira ideia do livro [*História do cerco de Lisboa*] surgiu-me em 1974 ou 75, e tinha a ver apenas com uma Lisboa cercada. Nem sabia que cerco era esse, se o de 1383, se o de 1147, se qualquer outro, até um cerco que eu iria inventar. A ideia passou por várias fases, e houve até uma — mas isso seria ambicioso demais — em que se procederia a uma fusão dos dois cercos, colocando os portugueses numa situação dupla de sitiados e de sitiados. Mas tudo isto, provavelmente, estaria muito fora das minhas possibilidades, ou não teria interesse por aí além, e acabei por me voltar só para o cerco de 1147.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Eu penso que este livro [*História do cerco de Lisboa*] se pode representar graficamente através de uma série de muros circulares, uns dentro dos outros. Há, a vista, um livro que se chama *História do cerco de Lisboa*, que vai estar nas livrarias, que eu escrevi; há uma *História do cerco de Lisboa* de que é autor o narrador, pois, como reparou, da história que o revisor escreveu nunca sabemos nada; e há, finalmente, a história do revisor, que é também ele um homem cercado pela sua própria timidez, pela sua própria inadequação à vida.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Depois desse velho romance [*Terra do pecado*], de que não tenho nenhum exemplar, escrevi outro que não publiquei [*Claraboia*], e depois desse tive mais duas outras ideias, ainda devem andar por aí uns papéis. Mas, enfim, tudo isto se esgotou, aos trinta anos já não estava a pensar em romances, limitei-me a escrever uns contos. Julgo que não teria estímulos, não teria maturidade suficiente. Às vezes penso que tive uma adolescência muito prolongada, devo ter entrado nos trinta e tantos anos.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

A ideia central [de *A jangada de pedra*] é algo que sempre me preocupou, que tem que ver com a verdade e com a mentira, com o certo e o falso, porque como é difícil traçar a fronteira entre aquilo que chamamos verdade e o que não o é!

“SARAMAGO: ‘LA POSIBILIDAD DE LO IMPOSIBLE, LOS SUEÑOS E ILUSIONES, SON LA MATERIA DE MI ESCRITURA’”, *ABC*, MADRI, 20 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JESÚS FONSECA].

Se continuo como até agora, com a mesma energia e saúde, penso escrever ao menos três ou quatro romances mais. O último deles se intitulará *O livro das tentações*, e será um compêndio de reflexões, pequenas anedotas e vivências pessoais.

“SARAMAGO: ‘LA POSIBILIDAD DE LO IMPOSIBLE, LOS SUEÑOS E ILUSIONES, SON LA MATERIA DE MI ESCRITURA’”, *ABC*, MADRI, 20 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JESÚS FONSECA].

Considero difícil escrever um romance sem lhe meter uma história de amor, mesmo que se trate de amores infelizes. Sempre terá que haver um homem e uma mulher.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Eu sei que já se viu tudo muitas vezes, na vida, mas a verdade é que as coisas que vejo continuam a surpreender-me. Neste livro, na *História do cerco de Lisboa*, faço uma distinção entre *olhar*, *ver* e *reparar*. Eu penso que são três níveis de atenção: *olhar*, que é a mera função; *ver*, que é um olhar atento; e *reparar*, que é já uma atenção a uma dada coisa ou a um dado fenómeno — passamos a reparar naquilo que só tínhamos visto, a ver aquilo que só tínhamos olhado. E isso faz o tal olhar não habituado.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘OLHO AS COISAS PELA PRIMEIRA VEZ’”, *LER*, LISBOA, N. 6, PRIMAVERA DE 1989 [ENTREVISTA A FRANCISCO JOSÉ VIEGAS].

O Levantado do chão é a rampa de lançamento e o *Memorial* é o míssil.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘OLHO AS COISAS PELA PRIMEIRA VEZ’”, *LER*, LISBOA, N. 6, PRIMAVERA DE 1989 [ENTREVISTA A FRANCISCO JOSÉ VIEGAS].

O livro de que mais gosto, aquele que está mais dentro de mim, é *O ano da morte de Ricardo Reis*. Gosto do *Memorial do convento*, que mexe muito com as pessoas, mas *O ano da morte de Ricardo Reis* talvez seja aquele que

ainda hoje me emociona mais, talvez por falar de uma época que nós vivemos há pouco tempo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘OLHO AS COISAS PELA PRIMEIRA VEZ’”, *LER*, LISBOA, N. 6, PRIMAVERA DE 1989 [ENTREVISTA A FRANCISCO JOSÉ VIEGAS].

Os problemas do erro e da verdade, ou da verdade e da mentira, são uma constante de todos os meus livros. E lembro que num diálogo entre o Scarlatti e o Bartolomeu de Gusmão [em *Memorial do convento*], um deles — não me lembro agora qual — diz que acredita nas virtudes do erro. O terreno vago entre o sim e o não é tão largo que nele podemos andar à vontade. E neste livro [*História do cerco de Lisboa*] chega-se ao fim sem saber que história escreveu o revisor sobre o cerco de Lisboa. Uma é a história do livro, esse objeto, outra a do historiador, outra a do narrador e outra a literalmente ignorada e sobre a qual o narrador supostamente terá trabalhando, a do revisor. Qual é a verdadeira *História do cerco de Lisboa*? Nenhuma. A do historiador tem erros, a do revisor está inquinada de um vício fundamental, um *não* que contradiz os fatos históricos, e a do narrador é subjetiva. Tão pouco é a *História do cerco de Lisboa* a que vai aparecer nas livrarias, porque essa em si mesma não é coisa nenhuma.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Essa importância das mulheres nos meus livros vem de uma espécie de compaixão que eu sinto, não no sentido de piedade ou de pena, mas no sentido de compaixão. Todos nós somos uns “pobres-diabos”, somos seres débeis e contraditórios, e nem os nossos orgulhos ou presunções ou vaidades conseguem disfarçar essa evidência, que pela vida vai triunfar, enquanto tentamos chegar à felicidade. Esta compaixão que sinto não é a de alguém que julga, nem de alguém que, achando-se superior, possa perceber isso. Todos nós somos uns pequenos homens que vamos tentando fazer grandes coisas, isso realmente está presente nos meus livros.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESSA COISA MISTERIOSA QUE É SEMPRE A MULHER’”, *MÁXIMA*, LISBOA, N. 25, OUTUBRO DE 1990 [POR LEONOR XAVIER].

A Igreja não cairá com este *Evangelho* [segundo Jesus Cristo]. Este *Evangelho* é um romance, nada mais. Um romance que se atreve muito, um livro honesto, um livro limpo, que vai com certeza confundir muita gente,

que vai indignar também não pouca gente. Há pessoas que vão sentir-se chocadas porque fui longe demais ou que nem sequer me devia ter atrevido. De Cristo, de Deus e de Maria não se pode fazer nada que não seja pura edificação — não é nesse plano que eu me coloco, é evidente, é noutro. É possível que a Igreja mande alguns dos seus emissários escrever artigos contra mim, desqualificando o livro, desqualificando-me a mim, por exemplo, com ser moral, coisas deste gênero, pode acontecer tudo isso. Mas a minha posição, se isso acontecer, será de perfeita serenidade.

“DEUS QUIS ESTE LIVRO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

Este livro [*O Evangelho segundo Jesus Cristo*] nasceu de uma ilusão de óptica, ocorrida em Sevilha, em maio de 1987, quando eu, atravessando uma rua em direção a um quiosque de jornais que se encontrava do outro lado, e graças aos meus péssimos olhos — porque se eu tivesse uma visão perfeita teria visto só aquilo que lá estava — li nitidamente: “O Evangelho segundo Jesus Cristo”. Segui, não ligando muito. Parei um pouco adiante e disse para mim: “Não posso ter lido aquilo que li”. Voltei atrás para certificar-me de que efetivamente não estava lá nada: nem Evangelho, nem Jesus, nem Cristo e muito menos em português. Depois estas coisas crescem, crescem dentro de nós, convertem-se em livros, de 450 páginas, como este.

“DEUS QUIS ESTE LIVRO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

De qualquer forma, é realmente verdade que os meus livros têm vindo a encaminhar-se para uma simplificação formal, embora na *História do cerco de Lisboa* haja dois planos narrativos, e com diferenças de estilo e de linguagem, julgo que *O Evangelho [segundo Jesus Cristo]*, até pelo próprio tipo de narrativa, que é no fundo contar a vida de alguém à medida que os fatos se vão sucedendo, tinha necessariamente de ser mais simples a linear.

Mas, de qualquer modo, creio que neste momento da minha vida há uma necessidade de maior contenção de uma certa exuberância, de um certo gosto de cultivar modos de narrar imbricados.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘DEUS É O MAU DA FITA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 487, 5 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

A figura de José é dramática: sai de coisa nenhuma que é um Evangelho para outra dimensão humana que lhe é dada por esse sentimento de culpa. Deus, Deus de certo modo é de fato o mau da fita: em primeiro lugar, quase dá vontade de dizer, é a encarnação do Poder, tomando o Poder neste caso ainda mais abstrato que o próprio Deus que o encarnaria. E quando o Poder — além de ser naturalmente antipático — se exerce de uma forma autoritária, tão opressiva, como na relação de Deus com Jesus, quando sabemos tudo que se vai passar em sofrimento, em horror, em renúncias, em sacrifícios, em torturas, em tudo aquilo, além de que de positivo teve — que foi a história do cristianismo —, dá vontade tratar — a mim deu-me — Deus como o grande responsável. Ao querer mais poder, mais influência, mais domínio. Deus de certo modo é o político que não olha meios para atingir os seus fins.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘DEUS É O MAU DA FITA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 487, 5 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

O livro das tentações poderá ter a ver mais com certas reflexões autobiográficas, mas, sem ser uma biografia, não tenho uma vida que valha a pena contar. É um pouco isto: como é que este senhor que chegou a esta idade, que viveu uma certa vida e que fez um certo trabalho, o que é que ele pensou e viu ao longo do tempo? Não memórias, mas uma certa memória.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘DEUS É O MAU DA FITA’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Aquilo que *A jangada [de pedra]* tenta mostrar não é tanto a separação da Europa. É certo que o livro é, e isso eu confirmo, o testemunho de um acontecimento histórico. A Europa não nos ligou importância ao longo desses séculos e é como se nós disséssemos: “Bem, vocês não nos ligaram importância, então nós vamos embora para outro lugar”. Mas isto é uma leitura óbvia demais e a questão que está aí é outra e tem que ser vista à luz exatamente do lugar onde a Península Ibérica, depois de fazer aquela viagem toda, vai se fixar, que é entre a África e a América do Sul. Portanto, o objetivo é mostrar que nós, os peninsulados, temos raízes, temos laços culturais e linguísticos justamente nessa região. Então digamos que fazer da Península Ibérica uma jangada nessa direção seria a proposta que o autor

faz nesse livro, que é renovar o diálogo com esses povos irmãos. Mas sem nenhum intuito de neocolonialismo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

De uma certa maneira se poderia dizer que *O Evangelho segundo Jesus Cristo* também foi um “livro do desassossego”, embora de um outro tipo de desassossego, dado que, no caso de *Livro do desassossego* propriamente dito, que é uma obra-prima, se trata do desassossego do próprio autor, do Bernardo Soares, do Fernando Pessoa. No caso do *Evangelho* — não estou a estabelecer qualquer outro tipo de paralelo —, o livro desassossejou as pessoas, desassossejou aquilo a que se poderia chamar consciência nacional... até acabou por desassossegar a própria Igreja...

“OS LIVROS DO NOSSO DESASSOSSEGO: JOSÉ SARAMAGO”, *SETEMBRO*, LISBOA, N. 1, JANEIRO-MARÇO DE 1993 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL MENDES].

In nomine Dei será um espetáculo sobre a intolerância. E sobre a intolerância no sentido absoluto da palavra! Porque devo dizer que a palavra “tolerância” não me agrada nada. É uma palavra que parece boa, mas que não é boa, é má. Má, no sentido de que alguém que de si mesmo diga ou que se comporte como tolerante, isso apenas significa que tolera a diferença do outro. Ainda é uma atitude paternalista...

“OS LIVROS DO NOSSO DESASSOSSEGO: JOSÉ SARAMAGO”, *SETEMBRO*, LISBOA, N. 1, JANEIRO-MARÇO DE 1993 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL MENDES].

Tinha ainda um outro projeto, vaguíssimo, como todos começam por ser, uma biografia meio ficcionada do padre Antônio Vieira. Gostaria muito de escrevê-la, mesmo muito, mas, enfim, tenho muitas dúvidas.

“OS LIVROS DO NOSSO DESASSOSSEGO: JOSÉ SARAMAGO”, *SETEMBRO*, LISBOA, N. 1, JANEIRO-MARÇO DE 1993 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL MENDES].

Digamos que há muito de existencialismo no meu trabalho. Não do existencialismo como filosofia organizada, mas como atitude da vida.

“A EXISTÊNCIA SEGUNDO SARAMAGO”, *REVISTA DIÁRIO*, MADEIRA, 19 DE JUNHO DE 1994 [ENTREVISTA A LUIS ROCHA].

“Coisas” é um conto político sobre o que acontece quando, como diz a mulher no final, as coisas somos nós. O homem não é um objeto, disse isso em 78 e repito. Essa comunicação, que isola as pessoas e as cerca de botões para entrar em contato com os outros, é falsa.

“AS FÁBULAS POLÍTICAS DE SARAMAGO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JANEIRO DE 1994 [ENTREVISTA A NORMA CURTI].

Em [*O ano da morte de Ricardo Reis*], que é o romance de que mais gosto, [a ocorrência da ideia] foi assim. Estava em Berlim e cheguei cansado ao hotel. Sentei-me e, de repente, me caiu do céu essa frase que me tocou como um raio: “O ano da morte de Ricardo Reis”. Assim se me apresentou. E depois veio a pergunta: Que é que vou fazer com isso?

“YO NO ENTIENDO...”, *EL MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 20 DE NOVEMBRO DE 1994.

[*Viagem a Portugal*] não é um guia turístico; quer dizer, não é um livro prático. Eu trago a minha sensibilidade de escritor. Fala-se de Portugal, mas naturalmente por trás desse olhar há uma pessoa que o narra.

“JOSÉ SARAMAGO”, *ABC (EL SUPLEMENTO SEMANAL)*, MADRI, 28 DE MAIO DE 1995 [ENTREVISTA A TOMÁS GARCÍA YEBRA].

[Em *Viagem a Portugal*] não há nenhuma intenção prévia no sentido de reinventar o país que somos e a cultura que temos. Há certas coincidências, isto sim, com os viajantes do século passado, como Eça de Queiroz ou Oliveira Martins, e talvez com essa obsessão que se deu depois do 25 de Abril de explicar o próprio país. No meu caso, o livro nasceu de uma encomenda do Círculo de Leitores de Lisboa, que me convidou a fazer um guia, algo que recusei porque não seria capaz de fazê-lo. Propus a eles, em troca, fazer uma viagem na qual estaria presente toda a minha subjetividade, todas as minhas reações e reflexões. Nunca pensei em escrever um livro semelhante. Há muito disso já em *Levantado do chão* e se não tivesse escrito esse livro muitos dos seus temas apareceriam nos livros seguintes. Sendo eu quem sou e pensando aquilo que penso, embora se trate de um livro de viagens é um livro de José Saramago.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOY MUCHO MÁS IBÉRICO QUE ANTES’”, *CAMBIO 16*, MADRI, N. 1229, 12 DE JUNHO DE 1995 [ENTREVISTA A RAMÓN F. REBOIRAS].

[*Viagem a Portugal*] é um livro lento, de quatrocentas páginas, menos lento do que eu teria desejado porque o importante não é viajar mas estar em um lugar. Ir de um lugar a outro é o menos importante. Viajar é outra coisa muito diferente de fazer turismo, e sobretudo é outro modo de estar. A minha não é uma viagem interior, mas uma forma de ver e de sentir. Neste sentido coincido com Pessoa: viajar é também sentir.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOY MUCHO MÁS IBÉRICO QUE ANTES’”, *CAMBIO 16*, MADRI, N. 1229, 12 DE JUNHO DE 1995 [ENTREVISTA A RAMÓN F. REBOIRAS].

[*Viagem a Portugal*] foi publicado em 1981 e a viagem foi realizada no fim de 1979. De certo modo, não será fácil encontrar o Portugal que está no livro. Então já era um país em transformação e desde essa data, muito mais. Evidentemente, a transformação se dá num corpo vivo e o país vai mudando com o passar do tempo; pois bem, o que eu penso é que o fato de irmos nos transformando não quer dizer que todas as mudanças sejam boas. Tudo o que posso dizer é que este livro é a última imagem de um Portugal que foi [...]. Confio na sensibilidade do leitor para encontrar, por trás das aparências, esse modo de ser anterior.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOY MUCHO MÁS IBÉRICO QUE ANTES’”, *CAMBIO 16*, MADRI, N. 1229, 12 DE JUNHO DE 1995 [ENTREVISTA A RAMÓN F. REBOIRAS].

Os críticos dizem que sou neobarroco e eu acabo aceitando a classificação. Mas acho que *Ensaio [sobre a cegueira]* é o menos barroco de todos os meus livros, especialmente se comparado ao *Memorial do convento*. É o mais descarnado de todos os que escrevi e não o considero longo. Talvez lento, isso eu reconheço. Não há nele uma descrição rápida, fulgurante. Avanço três passos e recuo dois. Sempre.

“SARAMAGO ESCREVE A PARÁBOLA DA INDIFERENÇA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 18 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A ANTONIO GONÇALVES FILHO].

[*Ensaio sobre a cegueira*] não se pretende parcial, apenas quer olhar a realidade cara a cara. No fundo é um eco, ampliado neste caso, de um livro de contos, o *Objeto quase*. Eu sei que, em alguns casos, epígrafes são gratuitas, são adornos. No meu caso, não. Normalmente, as epígrafes que eu uso anunciam o que eu quero dizer. E a epígrafe de *Objeto quase* é uma citação de Marx e Engels em que eles dizem: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, então é preciso formar as circunstâncias humanamente”.

Ensaio sobre a cegueira vem a dizer que nós não estamos, e não estivemos nunca, a formar humanamente as circunstâncias para que estas, humanizadas, formassem um outro tipo de homem. É aonde eu quero chegar.

“CONSCIÊNCIA ÀS CEGAS”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 18 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A HUGO SUKMAN].

Ensaio sobre a cegueira é uma espécie de *imago mundi*, uma imagem do mundo em que vivemos: um mundo de intolerância, de exploração, de crueldade, de indiferença, de cinismo. Mas dirão: “Também há gente boa”. Pois há, mas o mundo não vai nessa direção. Há pessoas humanizáveis, pessoas que vão se humanizando por um esforço de supressão de egoísmos. Mas o mundo no seu conjunto não vai nessa direção.

“SARAMAGO ANUNCIA A CEGUEIRA DA RAZÃO”, *FOLHA DE S.PAULO*, SÃO PAULO, 18 DE OUTUBRO DE 1995 [REPORTAGEM DE BIA ABRAMO].

Atraiu-me na história do convento de Mafra o esforço e o sacrifício dos milhares de homens que trabalharam na construção de monumentos à vaidade de um rei e ao poder da Igreja.

“MEMORIAL FAZ A CRÍTICA AO PODER E À VAIDADE”, *FOLHA DE S.PAULO*, SÃO PAULO, 16 DE NOVEMBRO DE 1995.

A História deve ser organizada de uma forma coerente. Mas essa coerência se consegue à custa de sacrificar muito a realidade. Já é uma barbaridade que a História se escreva do ponto de vista masculino ou do ponto de vista do vencedor. Eu tento resgatar, pelo menos, uma parte da realidade deixada de lado. Aproximar-me, compreender os milhares e milhares de seres cotidianos que vivem imersos na História, seja a de *O cerco de Lisboa*, seja a do *Memorial do convento*. E, ao escrever esses romances, tento interrogar a mim mesmo, interrogar o meu entorno imediato, a atmosfera ideológica do nosso tempo, as convicções, as ideias feitas, os preconceitos, tudo isso de que está feita a vida cotidiana. A literatura serve como instrumento dessa indagação para falar do que se fala e falou sempre.

“JOSÉ SARAMAGO, A PARTIR DE SU PROPIA VIDA”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 21 DE JANEIRO DE 1996 [REPORTAGEM DE SABA LIPSZYC].

A alegoria chega quando descrever a realidade já não serve.

“LA LEGORÍA LLEGA CUANDO DESCRIBIR LA REALIDAD YA NO SIRVE”, *EL PAÍS*, MADRI, 22 DE MAIO DE 1996 [CORRESPONDÊNCIA DE PEDRO SORELA].

Com [*Ensaio sobre a cegueira*], o que eu queria dizer é que somos seres de razão, e se não nos comportamos de uma forma racional nossa sociedade entra em colapso.

“LA LEGORÍA LLEGA CUANDO DESCRIBIR LA REALIDAD YA NO SIRVE”, *EL PAÍS*, MADRI, 22 DE MAIO DE 1996 [CORRESPONDÊNCIA DE PEDRO SORELA].

[*Ensaio sobre a cegueira*] afronta um problema universal: o do comportamento racional ou irracional do homem. Se a finalidade da razão é a de conservar a vida, então a humanidade hoje está andando — racionalmente — contra a sua própria razão. Caracterizei as personagens, não através de grandes escavações psicológicas, mas sobretudo através das suas ações, mesmo porque a situação-limite que elas têm de viver impõe-lhes lutar em primeiro lugar pela sobrevivência.

“JOSÉ SARAMAGO: VARIAZIONI MODERNE SUL SONNO DELLA RAGIONE”, *IL MANIFESTO*, ITÁLIA, 13 DE JUNHO DE 1996 [ENTREVISTA A IRINA BAJINI].

A cegueira desaparece porque nunca tinha sido uma verdadeira cegueira. As personagens viveram uma experiência em que o uso irracional da razão as conduziu a extremos de violência e de crueldade, semelhantes àqueles que hoje vemos e vivemos no mundo inteiro. O meu romance [*Ensaio sobre a cegueira*] reflete o horror contemporâneo, não é mais duro do que a realidade que o cerca. Resta perguntar-se — porque no livro não conto — se a experiência vivida pelas minhas personagens as mudou ou não. Eu sou bastante cético, porque penso que os seres humanos não aprendem nada das experiências que fazem. O médico do romance no final lança a hipótese de que as pessoas, na verdade, sempre foram cegas. Denominando, com isso, alguma coisa de similar ao que nos acontece hoje: não vemos quem está ao redor, não estamos em condições de nos ocuparmos das relações com os outros seres humanos.

“JOSÉ SARAMAGO: VARIAZIONI MODERNE SUL SONNO DELLA RAGIONE”, *IL MANIFESTO*, ITÁLIA, 13 DE JUNHO DE 1996 [ENTREVISTA A IRINA BAJINI].

Talvez a história do homem seja um longuíssimo movimento que nos leve à humanização. Talvez não sejamos mais que hipóteses de humanidade e talvez se possa chegar a um dia, e isto é a utopia máxima, em que o ser humano respeite o ser humano. Para chegar a isto se escreveu *Ensaio sobre a cegueira*, para perguntar a mim mesmo e aos leitores se podemos continuar a viver como estamos vivendo e se não há uma forma mais humana de viver que não seja a crueldade, a tortura e a humilhação, que costuma ser o pão desgraçado de cada dia.

“ESCRIBÍ PARA SABER SI HAY UNA FORMA MÁS HUMANA DE VIVIR QUE NO SEA LA CRUELDAD”, *LA VOZ DE LANZAROTE*, LANZAROTE, 25 DE JUNHO DE 1996 [REPORTAGEM DE MONTSE CEREZO].

Quando andava a escrever as crônicas que depois reuni no volume *A bagagem do viajante* e também naquele a que dei o título de *Deste mundo e do outro*, não me passava pela cabeça que um dia eu viria a escrever romances. É certo, porém, que estes não serão inteiramente compreendidos sem a leitura das crônicas. Por outras palavras: nas crônicas encontra-se o embrião de quase tudo o que depois cresceu e prosperou... Vejo agora que, de uma maneira não consciente, já estava a apontar a mim mesmo o sentido do que iria ser o meu trabalho a partir do final dos anos 70.

“A SEMENTE DA FICÇÃO NAS CRÔNICAS DE SARAMAGO”, *O GLOBO*, RIO JANEIRO, 28 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A MADALENA VAZ PINTO].

Nem todos os meus livros necessitam de investigação. Os livros que dela mais autenticamente necessitaram foram o *Memorial do convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis*. No caso do *Memorial do convento*, além da Biblioteca Nacional, socorri-me muito do que há na Biblioteca da Cidade, no Campo Grande. Foram os dois lugares onde consultei tudo o que necessitava e muito mais que não usei, porque isso é um grande risco. Se metes demasiada informação num romance podes tê-lo carregado de informação e não ter romance. No caso do *Ano da morte de Ricardo Reis* foi bastante simples: investiguei *O Século* na Biblioteca Nacional e tomei apenas como base a leitura desse período de 36.

BAPTISTA-BASTOS, *JOSÉ SARAMAGO: APROXIMAÇÃO A UM RETRATO*, LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1996.

Nós somos muitas coisas, mas somos sobretudo a memória que temos de nós mesmos, e o diário, neste sentido, é uma espécie de ajuda à memória.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NOSOTROS SOMOS SOBRE TODO LA MEMORIA QUE TENEMOS DE NOSOTROS MISMOS’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 20 DE JULHO DE 1997 [ENTREVISTA A MARIANO DE SANTA ANA].

No fundo, um diário pode ser entendido como o romance de uma só personagem, que é a pessoa que o está escrevendo, porque tudo está a acontecer pelo seu próprio olhar, pela sua própria sensibilidade, pelos seus conceitos da vida e do mundo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NOSOTROS SOMOS SOBRE TODO LA MEMORIA QUE TENEMOS DE NOSOTROS MISMOS’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 20 DE JULHO DE 1997 [ENTREVISTA A MARIANO DE SANTA ANA].

Que este romance [*Todos os nomes*] possa ser entendido como um ensaio sobre a existência — talvez. Julgo que todos os livros o são, que escrevemos para saber o que significa *viver*, e não já para tentar encontrar resposta às famosas perguntas: quem somos?, donde vimos?, para onde vamos?

Que o livro possa ser visto como uma indagação sobre a identidade, sim, mas não sobre a identidade própria. O que aqui se procura é o *outro*.

“O PRESENTE É UMA LINHA TÊNUE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 25 DE OUTUBRO DE 1997 [ENTREVISTA A CARLOS CÂMARA LEME].

[*Todos os nomes*] é uma história de amor, ou melhor, uma história que poderia vir a ser de amor. A ansiedade do sr. José é já uma ansiedade amorosa, embora ele não saiba ao princípio. Quanto à força, a tal força feminina que de fato está patente em outros romances, creio que ela também se encontra em *Todos os nomes*, na senhora do rés do chão direito. A diferença é que, desta vez, não se trata duma mulher nova, mas duma mulher de setenta anos. As outras mulheres são, de certo modo, “sobrehumanas”, esta é “humana” simplesmente. A força, porém, está lá...

“O PRESENTE É UMA LINHA TÊNUE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 25 DE OUTUBRO DE 1997 [ENTREVISTA A CARLOS CÂMARA LEME].

Olhando para os meus romances, desde o *Manual de pintura e caligrafia*, estes refletem essa espécie de interrogação de mim para mim e de mim à sociedade. Acontece que nos dois últimos livros [*Ensaio sobre a cegueira* e *Todos os nomes*] isso se tornou mais claro, porque se despojaram de uma série de fatores, talvez literários, para se mostrarem mais descarnados. Uma certa depuração e austeridade, como se me tivesse preocupado durante muitos anos com a estátua e agora me interessasse mais pela pedra.

“O SOCIALISMO É UM ESTADO DE ESPÍRITO”, *A CAPITAL*, LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A ANTÓNIO RODRIGUES].

Pode-se dizer, superficialmente, que [*Todos os nomes*] é um romance sobre a morte e os mortos, e no qual há até um cemitério enorme, disparatado. Mas não, não é assim, é uma obra sobre a vida, e a prova é que, no final, o sr. José volta a entrar no arquivo dos mortos para apagar a morte dessa mulher.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘TEMO QUE LOS DERECHOS HUMANOS QUEDEN CONDICIONADOS POR LA BUROCRACIA TOTAL’”, *REVISTA DOMINICAL MAGAZINE*, BARCELONA, 10 DE MAIO DE 1998 [ENTREVISTA A JAVIER DURÁN].

O que importa aqui é que, com a independência das convicções políticas, nos respeitemos uns aos outros. E inclusive eu diria que a minha obra literária é a expressão do respeito humano.

“SARAMAGO: ‘MI OBRA LITERARIA ES LA EXPRESIÓN DEL RESPETO HUMANO’”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 10 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE JUAN MANUEL VILLALOBOS].

[*Claraboia*] é a história de um prédio onde há seis inquilinos, e é como se por cima da escada houvesse uma claraboia por onde o narrador vê o que se passa embaixo. Não está mal, mas não quero que publiquem.

“JOSÉ SARAMAGO”, *PLAYBOY*, SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A HUMBERTO WERNECK].

De qualquer modo, aquilo que devo notar é que, nos romances que faço, há provavelmente muito mais essencialidade poética do que na poesia propriamente dita.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

O que me levou a escrever [*Diário de Lanzarote*] foi o fato de ter deixado o meu país, de ter vindo viver para Lanzarote, acrescentando também a isso uma consciência da aproximação (eu continuo a chamar-lhe aproximação...) da velhice, embora, por outro lado, um certo vigor físico e uma certa frescura mental ainda me mantenham uns dez anos atrás da idade real. Digamos que eu senti a necessidade de dar passos mais miúdos, passos mais pequenos; e esses só podem aparecer num diário, que tem características que não são as desejadas, pois parece que os meus críticos gostariam mais de ver ou de ler profundas reflexões filosóficas, quando do que se trata, para as pessoas a quem isso possa interessar, e que são os meus leitores, é de dar-lhes a saber o que me acontece.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

A par daquilo que estou a contar, num romance ou noutra, creio que há também nesse livro [*História do cerco de Lisboa*] e na sua trama uma arqueologia da minha própria pessoa. Há sempre uma participação da minha própria memória pessoal, que não aparece como tal, mas que muitas vezes ajuda a dar sentido àquilo que estou a narrar, porque é o próprio sentido da minha vida e da minha existência, que de uma certa maneira ajuda ao sentido da própria narração. E isto, mesmo que, vivendo eu no século xx, esteja a falar de qualquer coisa que aconteceu no século xii, parecendo que não tem nada que ver uma coisa com a outra. Mas tem, por essa espécie de ponte que é a minha própria memória: é por ela que constantemente transito entre o que estou a escrever, seja *O ano da morte de Ricardo Reis*, seja *A jangada de pedra*, seja *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, e o meu tempo. Eu seria incapaz de escrever sem a participação da minha memória — o que não significa que alimente os livros com os fatos da minha vida que ela recorda. Sou o menos autobiografista dos romancistas, à exceção do *Manual de pintura e caligrafia*.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Então, insisto nisto: as minhas personagens nascem em cada momento, são impelidas pela necessidade e não são cópias, não são versões. Às vezes, efetivamente, leio que há escritores que observam. Eu posso dizer que não observo, provavelmente o que acontece comigo é receber, como o mata-borrão que recebe impressões de toda a ordem, nenhuma delas com um

propósito ou um fito, mas que depois quando necessito, quando preciso de pôr essa gente toda a funcionar, provavelmente uso tudo isso, mas não de uma maneira que permita dizer que esta personagem corresponde àquela pessoa. Em caso nenhum.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Não sendo eu um escritor que copie personagens da vida real, mas havendo, como parece que há nos meus livros, umas quantas personagens suficientemente sólidas para que se lhes reconheça um estatuto de personagens de ficção, então, se eu não as vou buscar lá fora, está claríssimo que só as posso ir buscar dentro de mim. Dentro de mim, mas não como cópias, que por sua vez seriam cópias dessas minhas diferentes personalidades, antes como hipóteses, ou nem sequer como hipóteses, porque em momento nenhum eu me sinto representado numa personagem de romance. Há certas características que posso reconhecer em mim, coincidindo com algumas características de personagens: há muito de meu no Raimundo Silva, há alguma coisa de meu no herói, no podre do herói [o Dom José] do livro que estou a escrever [*Todos os nomes*], há talvez alguma coisa de meu no Baltasar, não há nada de meu nas mulheres, são todas elas imaginárias, no sentido total, não são cópias de mulher nenhuma. Pode dizer-se que o pintor do *Manual de pintura e caligrafia* se aproxima bastante de mim, mas, se tive alguma vez a tentação de me usar como matéria de ficção, creio que ela se esgotou aí.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

A convenção que os meus livros aparentemente subvertem é a da arrumação do discurso, a do modo como numa página se expõe e descreve, com todo o seu instrumental de sinais gráficos; é nisso, aliás, que os leitores menos atentos se detêm e fixam. Mas creio que a subversão é a da aceitação muito consciente do papel do autor como pessoa, como sensibilidade, como inteligência, como lugar particular de reflexão, na sua própria cabeça. É o lugar do pensamento do autor, em livros que se propõem como romances e como ficções que são.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

É essa a minha preocupação com as tais vidas que não deixaram sinal, que neste caso foram as vidas que puseram de pé o convento de Maфра ou as pirâmides do Egito ou o aqueduto das Águas Livres. E não são só esses que fizeram os grandes monumentos e os tornaram visíveis: também há o trabalho comum das pessoas que, pela sua própria natureza, não deixaram sinais; porque pelo menos os carpinteiros e os pedreiros de Maфра deixaram materialmente algo. Mas há outros que não: os encarregados das obras que tomavam nota do número de telhas que entravam e das que eram usadas, esses provavelmente não deixaram nada, quando muito terão deixado a sua caligrafia em documentos que andam por aí.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAGAMO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

Meus romances são romances de amor porque são romances de um amor possível, não idealizado, um amor concreto, real entre pessoas. E não acaba, continua na vida deles.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAGAMO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Estava a escrever um romance que se chama *Levantado do chão*, publicado em 1980, sobre os camponeses do Alentejo. Em 1976 havia estado ali para recolher dados sobre o romance que tinha em mente escrever, embora ainda não o tivesse muito claro. Ao fim de três anos de dúvidas continuava sem saber como abordar o tema que, à primeira vista, tinha muito que ver com o que chamamos de neorrealismo literário. Mas não me seduzia nada, não me tentava, não gostava da ideia, embora respeite muitíssimas obras neorrealistas. O que eu não queria era repetir algo que, de alguma forma, pudesse já estar feito, de modo que fiquei três anos sem saber como resolver este problema. É verdade que enquanto isso escrevi *Manual de pintura e caligrafia*, publicado em 1977, e o livro de contos *Objeto quase*, em 1978. Chegou 1979 e eu continuava sem saber como começar, mas o tempo estava a passar e, como queria escrever o livro, me sentei para trabalhar. E o fiz sem sequer saber o que queria dizer, embora algo me sussurrasse que esse não era o caminho, mas tampouco sabia o que podia pôr no lugar, até que pudesse dizer: é isto. Então comecei a escrever como todo mundo faz, com roteiro, com diálogos, com a pontuação convencional, seguindo a norma dos escritores. Na altura da página 24, 25, e talvez esta seja uma das coisas mais bonitas que me ocorreram desde que

estou escrevendo, sem tê-lo pensado, quase sem me dar conta, começo a escrever assim: interligando, interconectando o discurso direto e o discurso indireto, saltando por cima de todas as regras sintáticas ou sobre muitas delas. O caso é que, quando cheguei ao final, não tive outro remédio senão voltar ao princípio para pôr as 24 primeiras páginas de acordo com as outras.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

A passagem de uma forma narrativa a outra [em *Levantado do chão*] foi como se estivesse a devolver àqueles camponeses o que eles me deram, como se eu me tivesse transformado em um deles, em parte desse mundo de mulheres, homens, anciãos, anciãs, com quem eu havia estado, escutando-os, vendo suas experiências, sua vida. Tornei-me um deles para contar-lhes o que eles tinham me contado. O que está claríssimo é que quando falamos — porque agora se trata de falar e não de escrever — não usamos pontuação, falamos como se faz música, com sons e pausas.

Toda a música, desde a mais sublime até a mais disparatada, se faz da mesma coisa, com sons e pausas, e falar não é mais que isso, uma sucessão de sons com pausas.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

A propósito deste último romance [*Claraboia*], tenho uma anedota. Quando o terminei, um amigo meu que trabalhava numa editora o levou para tentar publicá-lo. Mas não se publicou e eu não prestei muita atenção. Depois, a vida nos separou por uma ou outra razão e esqueci do assunto. Não tinha esquecido que o havia escrito, mas o original, único, era algo que já considerava perdido. Tampouco me atrevi a ir à editora para dizer que queria recuperar um texto meu, deixei-o. Até que não faz muitos anos, nove ou dez, recebo uma carta dessa editora na qual me dizem que, reorganizando seus arquivos, tinham encontrado um romance, quase trinta anos depois, que se chamava *Claraboia*, e me diziam que, se eu estivesse de acordo, teriam muitíssimo gosto em publicá-lo. Imediatamente fui lá, agradei-lhes pela atenção de querer publicá-lo, mas roguei que me o devolvessem. Tenho-o aqui e não se publicará enquanto eu viver. Se o outro romance [*Terra de pecado*] se reedita agora é porque já estava publicado, embora nem sequer o incluía na minha bibliografia.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Costumo dizer que se alguém quer entender com clareza o que estou a fazer agora, deve ler aquelas crônicas dos anos 70 [...]. Não quero dizer que elas contenham o que sou agora; mas há que lê-las para entender que o escritor que sou agora não é algo estranhíssimo que nasceu sem saber como, e sim que já tinha raízes distantes.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Poderia dizer que estes dois títulos [*Memorial do convento* e *O Evangelho segundo Jesus Cristo*] me encham de uma satisfação enorme; no entanto, não escondo o meu fraco por um romance como *O ano da morte de Ricardo Reis*. Reis é autor de uma obra que, pela sua forma, pelo conteúdo e pela sua serenidade, poderíamos chamar de clássica. Bem, aí eu apresento o meu ponto de vista acerca da posição do intelectual em relação com a vida e com o seu tempo. O ano da sua morte é o de 1936, data em que se dá a contenda espanhola e se fareja no ar a Segunda Guerra Mundial. Gosto dele por esse encontro e esse desencontro contínuos entre dois seres [Fernando Pessoa e Ricardo Reis] que são um só e são diferentes ao mesmo tempo. A vida é uma espécie de jogo, e o que tento mostrar nesse romance é a pluralidade de gente que vive dentro de cada um de nós e o esforço que devemos fazer para nos apresentarmos diante dos outros com uma só imagem, de maneira coerente, com as nossas contradições aparentemente resolvidas. Isso é o que Pessoa expressa com os seus heterônimos e que eu quis traduzir num diálogo entre Pessoa e Reis, um dos tantos que viveu dentro do poeta e que habita um pouco dentro de nós.

“JOSÉ SARAMAGO, PREMIO NOBEL 1998: UN ESPACIO PARA LA REFLEXIÓN”, *HOJAS UNIVERSITARIAS*, BOGOTÁ, UNIVERSIDAD CENTRAL, N. 47, ABRIL DE 1999 [REPORTAGEM DE TAMARA ANDREA PEÑA PORRAS].

O que eu digo é que, até *O Evangelho*, foi como se eu estivesse, em todos esses livros, estado a descrever uma estátua. Portanto a estátua é a superfície da pedra. Quando olhamos para uma estátua, não estamos a pensar na pedra que está por detrás da superfície. Então é como se eu, a partir de *Ensaio sobre a cegueira*, estivesse a fazer um esforço para passar para o lado de dentro da pedra. Isso significa que não é que eu esteja a desconsiderar aquilo que escrevi até *O Evangelho*, mas é como se eu me

apercebesse, a partir do *Ensaio*, que as minhas preocupações passaram a ser outras. Não penso que estou a escrever livros melhores que antes. Não tem a ver com qualidade, mas com intenção. É como se eu quisesse passar para o lado de dentro da pedra.

“A TERCEIRA PALAVRA DE SARAMAGO”, *BRAVO!*, SÃO PAULO, ANO 2, N. 21, JUNHO DE 1999 [ENTREVISTA A JEFFERSON DEL RIOS, BEATRIZ ALBUQUERQUE E MICHEL LAUB].

Em *O ano da morte de Ricardo Reis* tem muito do Borges. O ser, o não ser, o estar, o não estar, o espelho, o que mostra e esconde. Não é em primeiro grau. Tampouco eu gostaria de que ali se reconhecesse o Borges em primeiro grau. Mas é a presença de tudo em tudo. Eu digo: o Borges está ali. Inclusive a ficção que inventei para o Ricardo Reis: ele se autoexilou no Brasil e vai voltar a Portugal depois da morte do Fernando Pessoa. Ele encontra na biblioteca do barco, do *Highland Brigade*, um livro do Herbert Quain, *The god of the labyrinth* [uma referência a Borges].

“JOSÉ SARAMAGO — 21 DE AGOSTO DE 1999: CHARLA CON NOÉL JITRIK Y JORGE GLUSBERG EN EL MUSEO NACIONAL DE BELLAS ARTES, BUENOS AIRES”, *EL INTERPRETADOR: LITERATURA, ARTE Y PENSAMIENTO*, BUENOS AIRES, N. 12, MARÇO DE 2005 [INTRODUÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE FEDERICO GOLDCHLUK].

Para mim, o núcleo duro do romance [*O Evangelho segundo Jesus Cristo*] é quando Jesus, aos catorze anos, vai ao templo de Jerusalém para falar da culpa e da responsabilidade. Não encontra nenhum doutor, mas um escriba. Jesus, no livro, herda a culpa de seu pai, que não soube salvar as crianças [no episódio da “matança dos inocentes”]. Quando pergunta ao escriba como é isso da culpa, o escriba diz: “A culpa é um lobo que devora o pai como devorará o filho”. Quer dizer, a crença implica que os filhos herdarão a culpa dos pais. A partir de um momento, já não se sabia qual culpa concreta era. O sentimento de culpa, que não sabemos por que e como nasceu, como se incrustou em nós, é muitíssimo pior que a culpa concreta. Então Jesus lhe pergunta: “Tu também foste devorado?”. E o escriba responde: “Não só devorado, mas vomitado”. A relação com Deus se dá em termos de culpa, como no fundo acontece em todo o cristianismo e no judaísmo.

“JOSÉ SARAMAGO — 21 DE AGOSTO DE 1999: CHARLA CON NOÉL JITRIK Y JORGE GLUSBERG EN EL MUSEO NACIONAL DE BELLAS ARTES, BUENOS AIRES”, *EL INTERPRETADOR: LITERATURA,*

Vai sair um novo livro meu, que é um livro velho. Chama-se *Folhas políticas* e reúne todos os meus artigos de 76 a 98 — os últimos são da *Visão* e os outros do *Diário*, do *Extra*, de revistas brasileiras. Tudo artigos que vão desagradar a uma série de pessoas. Se você ler esse livro, se passar por ele os olhos, há uma coisa que pelo menos tem de reconhecer: este tipo, que sou eu, é chato, desagrada a uma série de pessoas, mas este tipo está a dizer aquilo que sempre disse e continua preocupado com o seu país. Se agrido alguém, se digo coisas que são duras, pois então digam-mas também a mim, porque mas têm dito e eu não levo a mal. Podem dizer tudo o que quiserem, mas deixem-me dizer também a mim, e não estou nada preocupado se a pessoa é presidente da República ou presidente da Câmara ou qualquer outra coisa. O que tiver para dizer, digo-o e fica dito. E verá nesse livro que eu sou o mesmo José Saramago, exatamente o mesmo que estupidamente (parece que estupidamente) está preocupado com o seu país.

“JOSÉ SARAMAGO, BALANÇO DO ANO NOBEL: ‘O QUE VIVI FOI MAIS IMPORTANTE QUE ESCREVER’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 761, 1^o DE DEZEMBRO DE 1999 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL RODRIGUES DA SILVA].

Toda a minha obra pode ser entendida como uma reflexão sobre o erro. Sim, sobre o erro como verdade instalada e por isso suspeita, sobre o erro como deturpação intencional de fatos, sobre o erro como ilusão dos sentidos e da mente, mas também sobre o erro como ponto necessário para chegar ao conhecimento.

“SOU UM GRITO DE DOR E INDIGNAÇÃO”, *ABC (SUPLEMENTO EL SEMANAL)*, MADRI, 7-13 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

[*A caverna* encerra uma trilogia involuntária, composta além disso de *Ensaio sobre a cegueira* e *Todos os nomes*]. Não foi uma trilogia que eu pensasse como tal, desde o princípio. Mas, dentro da diversidade de temas dos três romances, há uma unidade de intenção, que consiste em dizer o que, para o autor, é o mundo, a vida que estamos a viver.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Eu não creio na bondade da natureza humana. Para que um pobre bom se transforme em um rico mau não se necessita mais do que muito dinheiro. Não santifico o pobre. Mas em *A caverna* não pergunto nem me interessa quem são os donos do centro comercial. Do ponto de vista literário, não me interessa. O que interessa é que o centro comercial simboliza um sistema cruel. Fabrica excluídos sem nenhuma piedade. Que uns são bons e outros são maus, bem...

“JOSÉ SARAMAGO NARRA EL OCASO DE UNA CIVILIZACIÓN: LA NUESTRA”, *PLANETA HUMANO*, MADRI, N. 35, JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ANA TAGARRO].

Com *Ensaio [sobre a cegueira]* me cansei da crueldade, com [*Todos os nomes*] esgotei, em termos literários, a solidão, e agora [em *A caverna*] me encontro com a ternura. É assim.

“JOSÉ SARAMAGO NARRA EL OCASO DE UNA CIVILIZACIÓN: LA NUESTRA”, *PLANETA HUMANO*, MADRI, N. 35, JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ANA TAGARRO].

O que eu devo a esse tempo [de operário industrial, na juventude] é uma coisa muito simples, que, se calhar, reflete-se em alguns aspectos da minha própria obra literária, por exemplo, nos sons e nas mãos que aparecem em *Memorial do convento*. Em *A caverna*, essa insistência no trabalho das mãos me leva a ponto de imaginar que na ponta dos dedos há um pequeno cérebro que trabalha por sua conta. A mão tem uma identidade. A mão fez — não só a mão, claro — o cérebro. Então, o que me restou, sobretudo, é um grande respeito pelo trabalho das mãos. Não posso esquecer que, quando eu era menino, na aldeia, com os meus avós, embora a cabeça trabalhasse bem, era muito o trabalho das mãos. Foi isso o que me ficou. Ainda agora, às vezes acontece que eu olhe para as mãos das pessoas como se fossem algo independente delas: olho como as movem, como pegam uma garrafa, tudo isso.

“SARAMAGO ENTRE NOSOTROS”, *MAGNA TERRA*, GUATEMALA, N. 8, MARÇO-ABRIL DE 2001 [ENTREVISTA A J. L. PERDOMO ORELLANA E MAURICE ECHEVERRÍA].

Quando às vezes digo que *A caverna* é um romance sobre o medo, há que entender o que é que eu quero significar com isso: um medo que mais ou menos sofremos sempre, mas não tanto como agora. É o medo de perder o emprego. Há um medo instalado na sociedade moderna, talvez pior que

todos os outros medos: é o medo da insegurança, o medo de amanhã não ter com que alimentar a família. Este medo paralisa.

“SARAMAGO ENTRE NOSOTROS”, *MAGNA TERRA*, GUATEMALA, N. 8, MARÇO-ABRIL DE 2001 [ENTREVISTA A J. L. PERDOMO ORELLANA E MAURICE ECHEVERRÍA].

[Em *Ensaio sobre a cegueira*] do meu ponto de vista [...], no fundo, trata-se da visão como entendimento, como capacidade de compreender. E, ao perder a visão nesse sentido metafórico, o que se está perdendo é a capacidade de compreender. Está se perdendo a capacidade de relacionar-se, de respeitar o outro na sua diferença, seja qual for. E, depois, tudo isto, que já não é só o ser humano individual reconvertido ao que chamamos os puros instintos. É toda uma cidade que retrocede ao instinto, que eu não chamaria de puro, porque o que surge todas as vezes, e o que está a surgir ali, é a violência, a extorsão, a tortura, o domínio de um pelo outro, a exploração.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

Desde o *Levantado do chão* até o *Evangelho*, os meus romances são, de certo modo, “corais”, o que conta sobretudo é o grupo (não digo as “massas”); a partir do *Ensaio*, a atenção centra-se na pessoa, no indivíduo. Essa é, creio eu, a diferença que separa estas duas fases ou épocas.

“O MUNDO DE SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2003 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Nos meus romances não há heróis, a gente não é sumamente inteligente ou sumamente bonita, é normalíssima; mas há um momento em que se encontram numa situação que os desafia: um nome feminino numa ficha, um rosto em um vídeo...

“EN LA IZQUIERDA HAY UN DESIERTO DE IDEAS”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 16 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A ALEJANDRO TOLEDO].

Realmente, a minha proposta [em *Jangada de pedra*] é quebrar a dicotomia Norte-Sul com uma viagem que não seria física, mas ética. A Europa tem que olhar para o Sul como um lugar que explorou, que colonizou, e tem que reverter esse dano.

“YO NO HE ROTO CON CUBA”, *REBELIÓN*, HAVANA, 12 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

O *Ensaio sobre a lucidez* é, ao mesmo tempo, uma fábula, uma sátira e uma tragédia. Quis que a fábula fosse uma sátira, mas não pude evitar que fosse também uma tragédia. Como a vida.

“SARAMAGO QUER ESCANDALIZAR”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 20 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

A partir de *Ensaio sobre a cegueira* passei a escrever, de uma forma mais atenta, sobre o mundo em que vivemos, quem somos, em que nos transformamos. Existe, pois, um processo reflexivo ligado à pós-modernidade e um questionamento: Como será o ser humano novo [...]? Estamos no fim de uma civilização e num processo de passagem de um tempo com raízes na Revolução Francesa, no Iluminismo, na Enciclopédia, que tende a desaparecer. Não sei o que virá. Como será a Humanidade daqui a cinquenta anos?

“A DEMOCRACIA OCIDENTAL ESTÁ FERIDA DE MORTE”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A ANA MARQUES GASTÃO].

[Com *Ensaio sobre a lucidez*] quero que as pessoas reajam a uma evidência que considero incontornável — isto a que chamamos democracia não funciona, é pouco mais do que uma fachada. Não quero que as pessoas discutam os ataques diretos à instituição A, B ou C alegadamente feitos no livro. Peço apenas que examinem um sistema que se tornou intocável. A democracia ocupou o lugar de Deus. Ela é referida a todo o instante, mas poucos sabem o que significa.

“DEMOCRACIA OCUPOU O LUGAR DE DEUS”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 27 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A SÉRGIO ALMEIDA].

[*Ensaio sobre a lucidez*] é um romance fundamentalmente político.

“JOSÉ SARAMAGO: CRÍTICA DE LA RAZÓN IMPURA”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 12 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A FLAVIA COSTA].

Os defeitos do sistema democrático, a sua incapacidade para ir mais além de uma cerimônia mais ou menos ritualística, essa democracia que se reduz ao formal e é incapaz de ganhar uma substancialidade visível... Tudo

isso são males de raiz, portanto pouco tem que ver com os acontecimentos de referência, estes ou outros. O *Ensaio sobre a lucidez* é uma reflexão sobre a democracia, e o escrevi para que o fosse, o é de maneira radical, isto é, tenta ir à raiz das coisas.

“SOY UN COMUNISTA LIBERTARIO”, *El País*, MADRI, 26 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

No romance limito-me a pôr as coisas à vista: levantar a pedra e ver o que está debaixo.

“A LUCIDEZ SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2005 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Não procuro temas: eles é que se apresentam com alguma indicação, muitas vezes na forma de flash e já com o título definido. Outro detalhe que percebi é que quase todos os meus livros — e especialmente os últimos — partem sempre de algo que não pode acontecer, seja no passado, presente ou futuro. Isso acontece desde *O ano da morte de Ricardo Reis*, em que a personagem do título, que não passa de um heterônimo, existe de fato e ainda se encontra com Fernando Pessoa, que já está morto, até o mais recente, *As intermitências da morte*. Fiquei assombrado quando descobri que quase todos os meus livros travam um diálogo com o impossível. E, para ser convincente, a obra tem de desenvolver, em termos racionais, uma história que dê sentido a um ponto de partida que não tem — afinal, não é possível esperar que a morte deixe de existir algum dia. Assim, o importante é o resultado final, que deve ser convincente.

“TODOS OS MALEFÍCIOS DA UTOPIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

A partir de *Ensaio sobre a cegueira*, de fato, pode-se dizer que passei a tratar de assuntos muito sérios de uma forma abstrata: considerar um determinado tema mas despindo-o de toda a circunstância social, imediata, histórica, local. Embora uma fábula normalmente contenha uma lição de moral, não é minha intenção com meus livros. Na verdade, diante de determinado tema, eu o trato como se precisasse chegar a uma conclusão para uso próprio. No fundo, são questões que tenho com o mundo, com a sociedade, com a nossa história. Lembre-se que meus temas não se repetem, pois não tenho um plano literário. É como se o mundo me incomodasse no

sentido mais profundo e eu, através de um romance ou fábula, o deixasse exposto.

“TODOS OS MALEFÍCIOS DA UTOPIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

[Em *As intermitências da morte*] tomei a morte como tema de uma reflexão mais profunda. No livro, uso primeiro uma grande-angular e crio uma fantasia em torno de uma suposição: como a ausência da morte afetaria uma sociedade inteira? Depois, fecho a objetiva para um caso específico: a morte se materializa em personagem e tenta carregar para o além um violoncelista que insiste em não morrer. Procuo demonstrar que a morte é fundamental para o equilíbrio de natureza.

“DESVENTURAS EM SÉRIE”, *ÉPOCA*, SÃO PAULO, 31 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A LUÍS ANTÔNIO GIRON].

As intermitências da morte, no que se refere à sequência narrativa, parece-se muito, não se parecendo por outro lado nada com *A jangada de pedra*. Parece-se porque tem o clímax logo no início. Só que nas *Intermitências* o “tratamento” do tema faz-se de três modos distintos, dada essa divisão do livro que não o é mas como tal se apresenta aos leitores. Na primeira parte, a morte desaparece, vamos ver o que acontece, no plano social e pessoal. A segunda parte, em que a morte regressa e passa a ser anunciada, prepara a terceira, que no fundo é a que eu sempre quis tratar neste livro: a relação pessoal entre a morte e uma pessoa determinada. Não são três histórias, é como se a visão panorâmica se fosse afunilando mas conduz a três ritmos narrativos, que o leitor percebe no ritmo da frase e na velocidade com que pode ler. No fundo há alguma coisa de musical, como se começasse por um *Allegro*, passasse a um *Andante* e terminasse num *Largo*. E como o protagonista é um violoncelista, talvez o livro tenha realmente uma forte composição musical.

“O TEMPO E A MORTE”, *Visão*, LISBOA, 3 DE NOVEMBRO DE 2005 [JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

De fato, não estou sempre a escrever a mesma obra. O que se pode talvez dizer é que estou sempre a escrever a mesma pessoa.

“O TEMPO E A MORTE”, *Visão*, LISBOA, 3 DE NOVEMBRO DE 2005 [JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Habituei-me a escrever já com um título e chamei-lhe “O sorriso da morte”, apesar de não gostar, consciente de que se tratava de algo provisório e também pela ironia que sabia que iria usar. E, porque o que a morte me diz é intermitente, mais tarde recordei que Proust, em *La recherche...*, fala das intermitências do amor. Que o amor seja intermitente parece que é uma experiência de todos nós. Agora que a morte o seja... Por que gastamos tanto tempo a perguntar o que há além da vida? Se nos interrogássemos sobre o que realmente se está a passar aqui na vida, no tempo que nos calhou.

“ATÉ AGORA NUNCA ESCREVI NENHUM LIVRO MAU...”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 9 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ISABEL LUCAS].

[*As intermitências da morte*] foi um livro escrito com alegria. Falar da morte e dizer que o fiz com alegria... É uma alegria que vem não só pelo tom irônico, sarcástico às vezes, divertido, mas também porque é como se me sentisse superior à morte dizendo-lhe “Estou a brincar contigo”.

“ATÉ AGORA NUNCA ESCREVI NENHUM LIVRO MAU...”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 9 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ISABEL LUCAS].

Quando se aborda esse tema [a morte], há tendência a ficar-se sério e tenebroso. Eu fiz o contrário [em *As intermitências da morte*]. Disse-me: vamos falar da vida de hoje através da morte: do funcionamento dos políticos, dos anciãos amontoados nas casas de repouso, do egoísmo, da sensualidade... Se algum talento tenho, é o de transformar o impossível em algo que pode parecer provável.

“¿Y SI NADIE SE MURIERA?”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [CORRESPONDÊNCIA DE XAVI AYÉN].

Viver eternamente seria estar condenado a uma velhice eterna. Salvo se o tempo parasse. E isso não está no livro. Mas teria também efeitos perversos. No fundo, o livro [*As intermitências da morte*] empurra uma porta aberta. Diz aquilo que todos já sabemos: que temos que morrer. Mas talvez mostre, com mais clareza, que temos que morrer para viver. Se não, a vida seria insuportável.

“PROVAVELMENTE JÁ CHEGOU O DIA EM QUE NÃO TEREI NADA MAIS A DIZER”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *MIL FOLHAS*), LISBOA, 12 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

Nunca foi minha intenção fazer uma espécie de arqueologia textual passeando por todos os autores que trataram o tema [de Don Giovanni] desde Tirso de Molina. O meu *Don Giovanni* começa onde acaba o de Lorenzo da Ponte, é de alguma maneira complementar dele. E a pergunta que constitui o ponto de partida da peça dos meus romances — “E se a Península Ibérica se separasse de Europa? E se a caverna de Platão estivesse debaixo de um centro comercial?” — também se encontra nesta peça: “E se Don Giovanni não tivesse caído no inferno?”. Feita a pergunta, a pergunta essencial, as conclusões surgem quase de forma espontânea.

“JOSÉ SARAMAGO FALA DE SEU NOVO LIVRO, *DON GIOVANNI*, E DE SUA PAIXÃO PELA ÓPERA”, *ÉPOCA*, SÃO PAULO, N. 419, 29 DE MAIO DE 2006 [ENTREVISTA A LUÍS ANTÔNIO GIRON].

O meu objetivo [em *Pequenas memórias*] sempre foi recuperar, reconstruir, reconstituir o menino que eu fui. Essencialmente, ao meu ver, todas as adolescências se parecem. Só as infâncias são únicas. De qualquer maneira, o meu livro pode ser entendido como o pagamento de uma dívida. Eu creio que tudo o que sou o devo àquele menino. Foi ele o meu arquiteto.

“LE PICCOLE MEMORIE”, *LA REPUBBLICA*, ROMA, 23 DE JUNHO DE 2007 [ENTREVISTA A LEONETTA BENTIVOGLIO].

Para mim, o cão é a encarnação da pureza moral.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘IL FAUDRAIT RÉFORMER LA DÉMOCRATIE’”, *L’ORIENT LE JOUR*, BEIRUTE, 2 DE AGOSTO DE 2007 [ENTREVISTA A LUCIE GEFFROY].

Quando não estiver mais neste mundo, antes do fim do esquecimento de tudo o que eu escrevi, gostaria que o “cão das lágrimas” esteja sempre presente. Como uma personagem imortal. Fico muito feliz de ter inventado esse cachorro e de tê-lo chamado assim.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘IL FAUDRAIT RÉFORMER LA DÉMOCRATIE’”, *L’ORIENT LE JOUR*, BEIRUTE, 2 DE AGOSTO DE 2007 [ENTREVISTA A LUCIE GEFFROY].

As obras que, penso, marcam a minha narrativa, que eu dividiria em dois períodos distintos, [e que] mostram os meus sinais de identidade, são *Levantado do chão* e *Ensaio sobre a cegueira*.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

O que eu quero examinar, no fundo, [em *O homem duplicado*], é o tema do “outro”. Se o “outro” é como eu, e o “outro” tem todo o direito de ser como eu, me pergunto: até que ponto eu quero que esse “outro” entre e usurpe o meu espaço? Nesta história, o “outro” tem um significado que nunca antes teve. Atualmente, no mundo, entre “eu” e o “outro” há distâncias, e essas distâncias não são possíveis de superar e por isso cada vez menos o ser humano pode chegar a um acordo. A nossa vida é composta de uns 95 por cento que são obra dos demais. No fundo, vivemos em um caos e não há uma ordem aparente que nos governe. Então, a ideia-chave no livro é que o caos é um tipo de ordem a ser decifrada. Com este livro proponho ao leitor que investigue a ordem que há no caos.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

O meu editor acabou por ser a Caminho, mas o livro [*Levantado do chão*] passou por dois editores antes. Um deles foi a Bertrand. Que não teve reação nenhuma, porque seguramente não leu. Não me estranharam a prosa, devolveram-me simplesmente o livro dizendo que não podiam publicá-lo. Na Caminho, foi muito bem recebido, ninguém me fez nenhum reparo. Nessa altura, claro, tive a experiência de um amigo a quem ofereci o livro e que, dois dias depois, estava a dizer-me que não percebia nada. Respondi: “Opá, isso é chato, pá. Mas tu vais ler uma página ou duas em voz alta e talvez”... E realmente foi assim. Passou um dia ou dois e telefonou-me a dizer: “Já sei o que tu queres. Queres que ouça dentro da minha cabeça o que estou a ler”. E foi assim em toda a parte.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

O Ensaio sobre a lucidez, no fundo, é um livro sobre a razão de Estado, ou as razões de Estado.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

As intermitências da morte, por exemplo, descreve algo visto do lado de fora. *A viagem do elefante*, que não descreve nada daquilo que me aconteceu, está do lado de dentro, e isso é que faz a grande diferença entre os dois livros e faz como que eu me sinta, em relação à *Viagem*, dentro do

livro. Claro que sou o autor, sou o narrador, sou, de certa maneira, uma personagem da história, mas o empenhamento posto neste livro não é apenas o do autor que está a escrever um livro e que espera que ele seja bem recebido, e faz tudo o que pode para que seja bom, bem escrito, bem armado, bem arquitetado. Não, isto é outra coisa. No fundo, quase diria que este livro se apresenta como uma espécie de testamento, que espero que não o seja, que dentro de alguns meses esteja com outro livro.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Sou um romancista que não quer nem saberia limitar-se a contar uma história, por muito interessante que fosse. Preciso de mostrar todas as conexões possíveis, as próximas e as distantes, de modo que o leitor compreenda que, estando a falar de um elefante, por exemplo, estou a falar da vida humana. É a atitude do ensaísta. Deste ponto de vista, não vejo qualquer contradição entre o romance e o ensaio.

“SARAMAGO ADMITE QUE ESCREVER SEU NOVO LIVRO NÃO FOI NADA FÁCIL”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 1^o DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A BOLÍVAR TORRES].

O que me interessou na história deste elefante foi o fim que teve, quando depois de morrer lhe cortaram as patas para servir de bengaleiro à entrada do palácio e lá porem as bengalas, os chapéus, as sombrinhas. Costumo dizer: “Não leiam os meus livros, leiam as minhas epígrafes”. A deste livro [*A viagem do elefante*], é assim: “Sempre acabaremos por chegar aonde nos esperam”. Obviamente tem que ver com a morte, mas também com o que acontece depois. E esse aproveitamento caricato das patas dianteiras do elefante impressionou-me. Se não houvesse esse final, talvez não tivesse escrito o livro

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

A ironia sempre esteve presente nos meus livros, mas creio que é [em *A viagem do elefante*] a primeira vez que aparece desta maneira e que apresento o humor pelo humor, sem nenhum intuito de propor segundas ou terceiras leituras. É o humor em estado puro. E em matéria de circunstâncias não foi apenas um período em que estive no hospital: estava

doente há pelo menos três anos, com perda de apetite, dificuldades de locomoção, insônias. Foi uma época negra. E a pergunta que me faço é: como, nesta situação, saiu tal conto, onde não se encontra o mais leve sinal do que faz sorrir, senão rir? Não tenho explicação. Vamos chamar-lhe mais um mistério da criação.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

Ao longo da vida, vamos falando, dizemos coisas, lemos, comunicamos e somos alvo da comunicação dos outros. Tudo isto se faz com palavras. Não há outra maneira. E as palavras atuam em nós como uma sucessão de sedimentos. Daí que um certo vocabulário vá sendo substituído por outra maneira de dizer. E tudo isto vai constituindo camadas e camadas de linguagem sobrepostas. Há sempre uma última que é aquela que usamos no momento em que estamos, o que não significa que todas as que estão por baixo tenham desaparecido ou fundido numa massa linguística única. A minha “tese” é que a minha doença (e nem sequer me pude aperceber disso) deve ter revolucionado esses sedimentos. Quando comecei o livro [*A viagem do elefante*] já estava mal e provavelmente já havia sinais do emprego de uma linguagem tanto quanto me parece ao mesmo tempo arcaica e moderna, como se houvesse já essa alteração de camadas. Mas com a doença declarada, e depois de internado, creio que isso se acentuou. O livro tem uma unidade linguística, que se expressa de uma tal maneira que parece um objeto estranho. Duplamente estranho.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

Não sendo propriamente um testamento, este livro [*A viagem do elefante*] é, além do mais, uma homenagem à língua portuguesa. E não creio que se possa querer mais ou melhor para um escritor do que a sua última palavra ser uma homenagem à sua própria língua.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

O livro [*A viagem do elefante*] foi escrito em duas fases. A primeira desde fevereiro do ano passado [2007] até o Verão, em que escrevi umas quarenta páginas. Depois o meu estado agravou-se e o estado em que me

encontrava tirou-me o apetite de escrever. E nisto passaram-se meses. No fim de outubro, fui quatro dias a Buenos Aires — um disparate. Praticamente não comi [...]. Vim de lá muito mal e fui para uma clínica em Madri, onde me fizeram uns quantos exames. Não acertaram com o diagnóstico. Fomos para Lanzarote. Aí entrei na rampa e comecei a deslizar para o fundo. Não tive uma dor, não posso dizer que sofri, dá mesmo a impressão que não estava lá. O meu estado era de tal ordem que no hospital tiveram dúvidas em aceitar-me. Porque não queriam que morresse no hospital deles! Se eu queria morrer, que fosse morrer noutra sítio! Aí a Pilar armou-se em Joana D’Arc e convenceu-os de que não podiam fazer isso, e revelaram-se pessoas e médicos extraordinários. [Quando voltei a casa] eu era uma sombra. As minhas pernas eram incapazes de suster-me, agora imagine andar... Vinte e quatro horas depois já estava sentado à mesa a trabalhar [...]. Não era o corpo que queria escrever, era a cabeça. Essa ideia — não sei se vou conseguir acabar o livro — continuava cá dentro. A primeira coisa que fiz foi rever tudo o que estava escrito. E corrigir. Se me pergunta: tinha cabeça para correções? Tinha cabeça para o que fosse. Quando cheguei ao fim dessas correções, engatei a história, e terminei o livro no dia 12 de agosto [de 2008].

“É COMO SE HOUVESSE DENTRO DE MIM UMA PARTE INTOCADA. ALI NÃO ENTRA NADA”, *PÚBLICO* (SUPLEMENTO *ÍPSILON*), LISBOA, 7 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANABELA MOTA RIBEIRO].

A viagem do elefante está muito perto da nossa própria existência e da nossa própria identidade. O livro não teria sido escrito se a conclusão da vida do elefante não tivesse sido como foi: cortaram-lhe as patas para usá-las como bengaleiro de guarda-chuvas e bengalas. É uma metáfora da vida e da vida humana. Ao final a pergunta é sempre: e para quê? O que me empurrou a escrever o livro foi chegar a esta conclusão prosaica e ridícula.

“GARZÓN HIZO LO QUE DEBÍA”, *PÚBLICO*, MADRI, 20 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PEIO H. RIAÑO].

Há dez anos, estava em Salzburgo (Áustria) e fui jantar em um restaurante chamado O Elefante. Não havia nenhum motivo para que eu perguntasse por que o restaurante tinha esse nome. Mas me chamou a atenção uma série de pequenas esculturas que mostravam a jornada de um

elefante que havia sido oferecido como presente pelo rei de Portugal, dom João III, ao arquiduque austríaco, Maximilano II [...]. Os dados históricos sobre a viagem do elefante eram pouquíssimos. Então, se este livro queria existir, era necessário que o autor lhe pusesse imaginação, o máximo de invenção de que ele fosse capaz.

“ENSAIO SOBRE O JOSÉ”, *TAM NAS NUVENS*, SÃO PAULO, N. 11, NOVEMBRO DE 2008 [REPORTAGEM DE ADRIANA CARVALHO].

A injustiça é um dos motores da minha obra, o abuso da autoridade sobre o indivíduo.

“SOÑAMOS QUE TENEMOS EL LIBRE ALBEDRÍO, PERO NO ES ASÍ”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 10 DE DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A XAVI AYÉN].

Manual de pintura e caligrafia é um romance que causou alguma surpresa quando apareceu. O livro foi bem recebido, talvez pela sua estrutura que parece até mais moderna que a dos livros que vieram depois. Quando digo mais moderna, quero dizer mais vanguardista. Há muito de autobiografia ali mas é paralela. Se for ler o *Manual de pintura e caligrafia* e depois *As pequenas memórias*, vai reencontrar n’*As pequenas memórias* coisas finalmente postas no seu lugar e na pessoa concreta que eu sou e que eu vivi, enquanto que os fatos da minha infância e da adolescência vai encontrá-los no *Manual*. Nesse particular, é talvez o meu livro mais autobiográfico a exceção d’*As Pequenas memórias*, que são mesmo autobiografia.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Estava a almoçar na Varina da Madragoa, estava sozinho enquanto esperava pelo que tinha pedido ao empregado e fiquei sentado à mesa pensando em coisas e em coisa nenhuma. Quer dizer, coisas que passam pela cabeça, que se vão embora, que voltam ou não voltam... O que eu sei é que, sem saber exatamente de onde é que aquilo me veio, fiz uma pergunta “E se nós fossemos todos cegos?”. Depois, levei três o quatro segundos a pensar no que tinha dito e respondi a mim mesmo “Mas nós somos todos cegos!”. E é desta reflexão muito simples que nasce o livro [*Ensaio sobre a cegueira*].

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

A minha poesia é uma poesia de segunda ou terceira classe, não vale a pena teimar. Não tive ilusões, é o que é, limpa, honesta e em algum momento terá sido algo mais do que isso mas, enfim, não vou ficar na História como poeta. Suponho que se ficar na História será como um romancista que também fez alguns versos.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

[A Exposição “José Saramago: a consistência dos sonhos” incluiu grande quantidade de contos, poemas, obras de teatro desconhecidos até agora.] Todo esse material que foi muito e em maior quantidade do que aquilo que eu podia imaginar, porque muito disso tinha entrado para mim no mundo do esquecimento, não veio de fora. Isso estava tudo aqui em casa e encaixotado e foi nesse trabalho de investigação em que nosso amigo Fernando Gómez Aguilera fez uma coisa notável, porque foi nessa busca, ao abrir caixas que nunca tinham sido abertas, que estavam aí em qualquer parte, que se descobriu isso. A exposição é realmente algo absolutamente fora do comum, não tem nada a ver com aquilo que canonicamente, digamos assim, é uma exposição sobre um autor e sobre um escritor. Porque se uma exposição sobre o trabalho de um pintor é fácil [...] já [não é fácil] sobre um autor que ao mesmo tempo, para além daquilo que escreveu, teve e de certo modo continua a ter uma vida ativa de intervenção social e que se manifesta não só naquilo que faz como também se expressa naquilo que diz e que o tenta comunicar aos outros, isso evidentemente que deixa rasto e era necessário que se desse um lugar importante a esse rasto que por ser paraliterário, ou que está fora da literatura, não está fora do autor.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

LEITORES

O leitor desempenha um papel relevante no universo saramaguiano por vontade expressa do autor. As peculiaridades de sua literatura apresentam a exigência de um receptor ativo, ao qual se reserva uma parcela de protagonismo na reelaboração dos conteúdos propostos no livro, assim como na relação com o autor-narrador que governa o relato. De alguma maneira, poder-se-ia dizer que o alto grau de implicação na ficção exigido do leitor o transforma em um integrante a mais da trama literária. A forma particular de tecer e de administrar a informação por parte da instância narrativa se sustenta na participação e na cumplicidade do público, de quem se pretende que compreenda.

Saramago destacou sempre o vínculo especial que mantinha com os que liam seus livros, baseado em laços implícitos de afeto, como mostra a abundantíssima correspondência que recebia diariamente, na qual, além de estarem refletidas as impressões provocadas por seus romances, era frequente que houvessem confidências, confissões e avaliações sobre o impacto que os textos e a atividade social do autor causavam nas vidas dos que se aproximavam de sua literatura. Não surpreende, no entanto, que o escritor de Azinhaga afirmasse que o leitor é a confirmação do romancista, por cima de sua própria produção, enquanto, dando forma a uma autêntica teoria da recepção, defendia a ideia de que as obras completas não estariam verdadeiramente encerradas se não incluíssem as cartas dos que deram vida aos livros, habitando suas páginas. E é nesse sentido que ele valorizava a importância dos leitores, sempre a posteriori, não no momento

de enfrentar a escrita, que concebia como um ato de estrita liberdade, totalmente descondicionado de expectativas ou de outras considerações.

Com atitudes e opiniões afastadas de qualquer posição de tibieza ou de consenso, o prêmio Nobel português não deixava ninguém indiferente, polarizando paixões e receios. A força de sua narrativa, mas também sua conhecida intervenção civil, o transformava em um autêntico fenômeno de massas no campo da cultura literária, capaz de mobilizar centenas, quando não milhares, de pessoas em cada um de seus atos públicos mundo afora, tanto assim que seus livros, traduzidos em quarenta línguas, se reeditam permanentemente, sendo publicados em grandes tiragens.

O leitor também escreve o livro quando lhe penetra o sentido, o interroga.

“AS ÚLTIMAS DA ESCRITA: UM ESCRITOR NÃO TEM O DIREITO DE REBAIXAR O SEU TRABALHO EM NOME DE UMA SUPOSTA MAIOR ACESSIBILIDADE”, *EXTRA*, LISBOA, 1978 [ENTREVISTA A G. F.].

O meu narrador sabe tudo, está em todo lugar e pode assumir diferentes figuras [...]. Uma vez que o narrador possui essas características, pode usá-las com humor, com certa autoironia. Organiza um sistema de iluminação em todas as coisas para impedir ao leitor identificar-se com o que é contado. E mais, o leitor pode entrar no narrado, mas tem plena consciência de estar lendo uma ficção. O leitor se transforma, no ato mesmo de sua leitura, em um elemento a mais dessa ficção. Ler é participar, neste caso. O leitor possui uma consciência tão completa como a do próprio autor ou a do narrador de que tudo quanto se narra é fabulação. Portanto, não vale a pena convencer o leitor do contrário e, para que o seu prazer seja maior, o autor lhe mostra os truques da construção da sua narrativa. Para mim, isto é uma convicção: se o leitor está consciente dos elementos com que o autor constrói a ficção, o prazer de ler é muito maior. Conseguir que o leitor adquira essa consciência é um dos meus objetivos.

“LA ISLA IBÉRICA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *QUIMERA*, BARCELONA, N. 59, 1986 [ENTREVISTA A JORDI COSTA].

Gosto de imaginar que tenho uma relação especial com os leitores. E tenho a vaidade de acreditar que há entre mim e os leitores um laço afetivo que penso não é uma regra entre produtores culturais e consumidores.

“JOSÉ SARAMAGO E O SEU NOVO LIVRO. *HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA* NÃO É UM ROMANCE HISTÓRICO”, *DIÁRIO POPULAR*, LISBOA, 21 DE ABRIL DE 1989.

[O livro] leva uma história? Pois leva. Leva personagens, e episódios, e acidentes, e coisas mais ou menos interessantes, ou divertidas, ou dramáticas, mas sobretudo leva uma pessoa dentro, que é o autor. E a grande história será reconhecer o leitor isso mesmo. Porque quando o leitor o reconhece, quando o autor lhe dá os meios para que seja reconhecido, então, sim, estabelece-se uma relação afetiva, mais profunda, mais cúmplice, de muito maior comunicação entre o autor e o leitor.

“OS LIVROS DO NOSSO DESASSOSSEGO: JOSÉ SARAMAGO”, *SETEMBRO*, LISBOA, N. 1, JANEIRO-MARÇO DE 1993 [ENTREVISTA A JOSÉ MANUEL MENDES].

O leitor dos meus livros deverá ler como se estivesse a ouvir dentro da sua cabeça uma voz dizendo o que está escrito.

“MEMORIAL FAZ A CRÍTICA AO PODER E À VAIDADE”, *FOLHA DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 16 DE NOVEMBRO DE 1995.

Os leitores me transformaram em escritor. Em outras palavras: só descubro que sou escritor quando verifico que tenho leitores. E quando começou a se manifestar uma espécie de corrente de afeto entre autor e leitor.

“A GENTE, NA VERDADE, HABITA A MEMÓRIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 21 DE SETEMBRO DE 1996 [ENTREVISTA A JOSÉ CASTELLO].

Quando eu falo de pessoa a pessoa, quer dizer, da pessoa-autor que sou à pessoa-leitor que o leitor é, tudo o que faço é depositar nele a inquietação para definir as mudanças que ele imagine necessárias. Porque não estou nada seguro de que estejamos, leitor e autor, de acordo. Como eu disse, escrevo para compreender, e desejaria que o leitor fizesse o mesmo, quer dizer, que lesse para compreender. Compreender o quê? Não para compreender na linha em que eu estou tentando fazer. Ele tem os seus próprios motivos e razões para compreender algo, mas esse algo ele é que determina. O que não quero é que fique na superfície da página. Quando alguém está em uma leitura e levanta o olhar como se estivesse a aprender com muito mais intensidade o que acaba de ler, é o momento em que esse alguém está totalmente envolvido, como se pensasse: “Isto é meu, isto tem que ver comigo”. Tira-se da leitura o que se necessita.

“EN BUSCA DE UN NOMBRE”, *LA JORNADA* (SUPLEMENTO *LA JORNADA SEMANAL*), CIDADE DO MÉXICO, 8 DE MARÇO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Consegui encontrar meus leitores e nenhum autor pode acreditar em algo mais importante que isso: saber que tem os seus leitores.

“EN BUSCA DE UN NOMBRE”, *LA JORNADA* (SUPLEMENTO *LA JORNADA SEMANAL*), CIDADE DO MÉXICO, 8 DE MARÇO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Nos últimos anos da minha vida gostaria de reunir todos os meus leitores e dialogar com eles.

“SARAMAGO ASPIRA A REUNIR UN DÍA A TODOS SUS LECTORES”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 4 DE SETEMBRO DE 1998.

Penso que o que caracteriza o meu leitor é a sensibilidade. É como se as pessoas percebessem que estavam a precisar e não tinham encontrado antes o que eu estou escrevendo, e de alguma forma estou empregando palavras que li em algumas dessas cartas. Isto não é para dizer que todas as cartas são uma coisa estupenda e maravilhosa. Não acredito nessas reações do tipo “o seu livro mudou a minha vida”. Mas, para voltar a isso das portas, é como se uma portinhola do leitor precisasse de uma chave e essa chave a leitura de um livro meu a tivesse dado. Talvez tenha se tratado de uma portinhola muito pequena, que não tem muita importância, mas estava fechada, e o livro a abriu. E o que se expressa é essa sensibilidade: “O senhor tocou em algo que me chegou”.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Penso que o afeto que os leitores me professam repousa no fato de que sabem ou intuem que não os estou a enganar, nem quando escrevo nem quando falo.

“JOSÉ SARAMAGO, PREMIO NOBEL DE LITERATURA”, *LITERATURAS.COM*, MADRI, SETEMBRO DE 2001 [ENTREVISTA A LUIS GARCÍA].

A literatura precisa de leitores indomáveis, para que ela mesma o seja num futuro que trará uma civilização totalmente diferente, na qual pode ser que a escrita e a leitura não interessem.

“SARAMAGO, EL PESSIMISMO UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Se há alguma coisa de que tenho a certeza absoluta é deste afeto especial de muitos dos meus leitores, apetecia-me dizer quase todos, em relação ao escritor, mas sobretudo em relação à pessoa. E isso dá-me a maior alegria.

“O MUNDO DE SARAMAGO”, *VISÃO*, LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2003 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

As obras completas estão sempre incompletas, porque lhes falta o outro lado, como agora se diz a *recepção* dos leitores. Gostaria, depois de já não estar, que a Pilar organizasse, para publicar, cartas absolutamente extraordinárias, documentos humanos de uma profundidade, uma beleza e emoção raras, que me chegam de toda a parte. E que juntasse aos trinta e tal volumes que eu deixo escritos um ou dois com essas cartas.

“O MUNDO DE SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2003 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Há duas grandes categorias de leitores. Existem aqueles que gostaram de um livro e escrevem para expressá-lo. E há outra categoria muito interessante: a gente que escreve para falar de si mesma, de sua relação com o mundo, com o cônjuge, com a família, e me conta sobre isso. Como se a leitura dos livros os levasse a refletir sobre essas coisas. E isso me surpreende. Como me surpreende como escrevem bem, a capacidade de análises que têm.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA HONESTIDAD NO ESTÁ DE MODA’”, *La Nación*, BUENOS AIRES, 11 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A SUSANA REINOSO].

O leitor me importa só depois que escrevi. Enquanto escrevo, não importa, porque não se escreve para um leitor específico. Há dois tempos, o tempo em que o autor não tinha leitores e o tempo em que tem. Mas a responsabilidade é igual, é com o trabalho que se faz. Agora, eu penso nos leitores quando recebo cartas extraordinárias. É um fenômeno recente. Ninguém escreveu a Camões, mas hoje há essa comunicação, essa ansiedade do leitor.

“A HUMANIDADE NÃO MERECE A VIDA”, *FOLHA DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE NOVEMBRO DE 2008.

Para mim, o leitor deve ter um papel que vai mais além de interpretar o sentido das palavras. O leitor deve pôr sua música, interpretar a partitura do texto de um modo muscular, de acordo com a sua respiração e o seu próprio ritmo.

“SARAMAGO: ‘OBAMA NUNCA OLVIDARÁ LO QUE HAN SUFRIDO LOS SUYOS’”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 10 DE DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A XAVI AYÉN].

Há pessoas que escrevem cartas que são realmente extraordinárias e já o disse que a obra completa de um escritor só o está realmente se, além da publicação dos seus livros, forem editados também os volumes — os que forem necessários — com uma seleção das cartas dos leitores. Num tempo em que se fala tanto da teoria da recepção, aí temos a reação do leitor que fez o seu trabalho de recepção e de integração do livro que leu e que manifesta as suas opiniões. Mas nunca vi que os autores dessas teses pensassem que o primeiro passo para dar consistência às teorias da recepção seria começar por aqueles que receberam o livro, o leitor, que nem precisa de ler a crítica porque tem os seus próprios meios por experiência ou pela vontade de penetrar nesse texto e que, depois, se lhe apetecer, escreve uma carta ao autor dizendo aquilo que pensa.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

O leitor lê o romance para chegar ao romancista.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

PRÊMIO NOBEL

No dia 8 de outubro de 1998, a Academia Sueca lhe concedeu o prêmio Nobel de Literatura “por sua capacidade de tornar compreensível uma realidade fugidia, com parábolas sustentadas pela imaginação, pela compaixão e pela ironia”, conforme argumentou seu secretário, Sture Allen. O escritor recebeu a notícia da boca de uma aeromoça no aeroporto de Frankfurt, quando se preparava para regressar da Feira do Livro à sua casa de Lanzarote. Representava o primeiro Nobel para as letras portuguesas. Logo depois de conhecer a decisão do júri, Saramago se manifestaria: “Eu tenho a consciência de que não nasci para isto”, e poria o prêmio a serviço da sua língua, reconhecida por seu trabalho. O romancista de Ensaio sobre a cegueira insistiu em que não haveria nenhuma ruptura com suas convicções comunistas nem com suas posições públicas de compromisso, como efetivamente assim ocorreria.

Em dezembro, viajou a Estocolmo para receber o galardão. No dia 7, pronunciou um discurso perante os membros da Academia em que refletiu sobre sua obra; três dias depois, no dia 10, ocorreu a entrega oficial da medalha no Palácio de Concertos. Durante o banquete, centrou sua alocução na denúncia sobre o descumprimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A notoriedade mundial proporcionada pelo respaldo da Academia seria instrumentalizada conscientemente pelo autor para dar maior divulgação e ressonância às suas ideias, para reforçar seu papel de polemista e para insuflar um novo alento e projeção às suas querelas sociais e intelectuais,

levando mais longe suas preocupações e sua participação na esfera pública. Relativizador de quase tudo, cético militante, insistirá em proteger sua identidade moral, política e de pensamento — “O Nobel me dá a oportunidade de ser mais eu”, declararia —, exigindo de si ainda mais na hora de cumprir suas obrigações de cidadão e pondo sua influência a serviço das causas justas e dos que, isolados pelo silêncio e pelo esquecimento, mais precisam ser ouvidos. Uma atitude que ele mesmo trataria de expressar com clareza, explicitando sua norma de conduta: “Aqui não só se apresenta um senhor português, autor de livros, prêmio Nobel de Literatura. Apresenta-se ele, mas também se apresenta o cidadão português, que já estava preocupado como cidadão antes que lhe dessem o prêmio Nobel. Apresentam-se dois que vivem na mesma pessoa: o autor e o cidadão”.

Saramago soube construir o perfil de um prêmio Nobel próximo, solidário, generoso e visível, em sintonia com sua personalidade. Um escritor laureado, movido por uma vontade de serviço, de quem o crítico norte-americano Harold Bloom diria, complacente, em 2001: “Entre os mais recentes, o único Nobel bem atribuído foi o de Saramago, que o honrou mais do que o Prêmio honrou a ele. Não há romancistas no Novo Mundo, Brasil, Argentina, Colômbia, Estados Unidos, Austrália, nem mesmo na Europa Ocidental, tão modernos como ele. O Nobel foi tantas vezes dado a pessoas absurdas!”.

Quando abandonei a sala de embarque em direção à saída, encontrei uma espécie de recolhimento e uma serenidade estranhíssima. Tive de percorrer um corredor imenso, completamente deserto. E, então eu, o prêmio Nobel, o pobre senhor que ali ia completamente sozinho, levando a sua mala na mão e a sua gabardina debaixo do braço, dizendo: “Pois parece que sou o prêmio Nobel”, e ali a solidão daquele corredor imenso. Não me senti no pináculo do mundo, pelo contrário. Senti-me sozinho com muita pena que a minha mulher [Pilar del Ríó] não estivesse comigo.

“NÃO NASCI PARA ISTO”, *A CAPITAL*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE ALEXANDRA CARITA].

Eu tenho a consciência de que não nasci para isto. Isso é assombroso, porque cada vez que acontece algo, neste caso o Nobel, eu pergunto-me a mim mesmo se aquilo que eu fiz ao longo da vida, sobretudo nos últimos vinte anos, deu para construir uma obra que chega a merecer o mais célebre prêmio literário do mundo. Como é que isto me aconteceu a mim? Uma pergunta para a qual, honestamente, não tenho resposta.

“NÃO NASCI PARA ISTO”, *A CAPITAL*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE ALEXANDRA CARITA].

Também tive um sentimento patriótico [com a concessão do prêmio Nobel], no melhor sentido da palavra. Senti que através de mim, por aquilo que eu fiz, valha o que valer, de repente, aos olhos do mundo, a língua portuguesa, falada em toda a lusofonia, foi distinguida. E na medida também que todas essas pessoas aceitem como igualmente seu um prêmio que me tem de ser entregue, mas que tomo como qualquer coisa que nos pertence a todos.

“NÃO NASCI PARA ISTO”, *A CAPITAL*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE ALEXANDRA CARITA].

Eu não precisei deixar de ser comunista para ganhar o prêmio Nobel. Se tivesse que renunciar às minhas convicções para ganhar, teria aberto mão do Nobel, mas felizmente a Academia não se importou com o fato de ser eu um comunista renitente.

“SARAMAGO RESPONDE AO VATICANO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 10 DE OUTUBRO DE 1998.

Nada prometia um prêmio Nobel. Quero dizer que nasci numa família de gente muito pobre, camponesa e analfabeta, em uma casa onde não havia livros e em umas circunstâncias econômicas que não me teriam permitido entrar na universidade.

“SARAMAGO: ‘MI OBRA LITERARIA ES LA EXPRESIÓN DEL RESPETO HUMANO’”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 10 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE JUAN MANUEL VILLALOBOS].

[Quando no aeroporto me deram a notícia de que havia ganhado o prêmio Nobel] senti, por um lado, uma enorme felicidade, uma enorme alegria, mas me dei conta de que a alegria, se se está sozinho, é nada.

“SARAMAGO: ‘MI OBRA LITERARIA ES LA EXPRESIÓN DEL RESPETO HUMANO’”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 10 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE JUAN MANUEL VILLALOBOS].

A Academia Sueca outorgou o prêmio Nobel de Literatura a um escritor que literariamente faz o melhor que pode, e que humanamente entende que tem uma responsabilidade pelo fato sensível de estar vivo e que assume esse dever todos os dias e em todas as circunstâncias.

“SARAMAGO: ‘MI OBRA LITERARIA ES LA EXPRESIÓN DEL RESPETO HUMANO’”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 10 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Depois de descer do avião que devia me levar na quinta-feira passada de Frankfurt a Lanzarote, encontrei-me sozinho num corredor do aeroporto [...]. Pensei que tinha esse grande prêmio, mas que as coisas maiores às vezes são as mais pequenas, e as mais pequenas, as maiores. Senti que nem sequer minha solidão tinha importância.

“JOSÉ SARAMAGO ASEGURA QUE EL NOBEL NO CAMBIARÁ SUS CONVICCIONES POLÍTICAS”, *EL PAÍS*, MADRI, 10 DE OUTUBRO DE 1998 [CORRESPONDÊNCIA DE ELSA FERNÁNDEZ-SANTOS].

Este prêmio Nobel vai continuar a ser quem é, participando como até aqui, com intervenções como até aqui, naquilo que considerar útil, indispensável e necessário. Não assumirei o prêmio Nobel como uma “miss” de beleza que tem de ser exibida em toda a parte... Não aspiro a esses tronos, nem poderia, claro...!

Mas, se o que tenho vindo a fazer até agora tem tido alguma utilidade para alguém, como voz, como crítica, como análise das circunstâncias, dos fatos, da vida política, da vida social, da situação em que o mundo está, então assim continuará a ser.

“A MINHA CASA É LANZAROTE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 14 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A ALEXANDRA LUCAS COELHO].

O Nobel dá-me a oportunidade de ser mais eu.

“UN NOBEL SOBRE EL VOLCÁN: REFLEXIONES SOBRE MÍ MISMO”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE OUTUBRO DE 1998.

Suponho que o [prêmio Nobel] foi-me dado pelo fato de que eu, como escritor, estava no meu lugar. Não há motivo para que eu vá mudar de onde estava. Continuo a ser a mesma pessoa, as minhas ideias não mudaram, e as relações que tenho com o mundo e com a gente serão iguais. E o que eu penso direi com a mesma clareza que antes.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ESCRIBIR ES UN TRABAJO: EL ESCRITOR NO ES UN SER EXTRAORDINARIO QUE ESTÁ ESPERANDO A LAS HADAS’”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 29 DE NOVIEMBRE DE 1998 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Se eu tenho preocupações que acho que possam interessar a outros, eu aproveito o fato de ser escritor, aproveito o fato de ser reconhecido e aproveito até mesmo este prêmio [Nobel] para levar mais longe estas preocupações. Não levo remédios nem receitas. Apenas digo: penso assim.

“A LITERATURA NÃO MUDA O MUNDO”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1999 [ENTREVISTA A CECILIA COSTA].

É obvio que tenho noção de que talvez me fosse mais cômodo assumir uma postura menos interventiva do ponto de vista cívico e social. Afinal, quantos prêmios Nobel da Literatura fazem o mesmo? Mas, aos que acham que não deveria aborrecer-me com essas questões, respondo da mesma maneira à do dia em que soube da decisão da Academia Sueca: “Sim, tenho o Nobel, e o quê?”. Nada mudou. Embora a idade seja o que já é — os 81 anos, felizmente, não me pesam, mas sempre vão pesando — não vou mudar. Gosto de olhar-me ao espelho todas as manhãs e ver que sou um tipo porreiro.

“DEMOCRACIA OCUPOU O LUGAR DE DEUS”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 27 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A SÉRGIO ALMEIDA].

Não sinto o peso do Nobel. Escrevo como se não o tivesse tido. Escrevo como se não tivesse que provar que o mereci. Escrevo como escreveria provavelmente se o não tivesse tido.

“NÃO SABEMOS SE DENTRO DE CINQUENTA ANOS PORTUGAL AINDA EXISTE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 11 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

Eu tenho que dizer que o ano em que esperava que me dessem [o prêmio Nobel] não foi 1998, mas 1997, porque tinha informações, indícios, que me permitiam pensar que não o dariam a Dario Fo. Curiosamente, no dia em que lhe deram, eu estava a fazer uma viagem pela Alemanha e Polónia, e nessa noite Dario Fo me deixou uma mensagem que dizia: “Quero dar-te um Nobel. Perdoa, mas no ano que vem tu vais tê-lo. Ai, sou um ladrão! Roubei-te o Nobel de Literatura”. Mas isso não havia ocorrido. No ano seguinte, eu estava prestes a embarcar no avião para voltar de Frankfurt a Madri e depois a Lanzarote, que é onde eu vivo, e a hora da saída do avião coincidia com o anúncio do prêmio durante a Feira do Livro de Frankfurt. A fila estava andando para entrar no avião. Então fui ao telefone, liguei para a feira e pedi para falar com o meu editor. Não disse quem era, não valia a pena, e fiquei assim ao telefone, a esperar. De repente ouvi uma voz, mas do alto-falante da sala de embarque, que dizia: “Senhor José Saramago”. Era uma voz feminina, e me dei conta de que a aeromoça tinha outro telefone, e me disse: “É o senhor...?”, “Sim, sim, sou eu”. Então ela não pôde se controlar. Alguém tinha ligado para falar comigo, e ela me disse: “É que está aqui uma jornalista que quer falar consigo. É que o senhor ganhou o prêmio Nobel!”. Portanto, anunciou-me que eu tinha ganhado o Nobel uma aeromoça da Lufthansa, a quem obviamente a jornalista, para convencê-la de que me chamasse, disse: “Tem que encontrar esse homem porque ele ganhou o prêmio Nobel”. Para sair, eu tinha que ir por um corredor. Era uma casualidade que não houvesse ninguém naquele corredor. E eu não me lembro de nenhum outro momento da minha vida em que tenha sentido isso: a solidão agressiva. Estava ali sozinho, um senhor com sua gabardina e sua malinha, com a qual tinha ido a Frankfurt por dois dias para uma conferência, e voltava um senhor cuja vida tinha mudado

totalmente nesse instante. Ia andando e murmurando palavras, falava um pouco comigo mesmo e me dizia: “Tenho o Nobel, e o quê?”.

“EL NOMBRE Y LA COSA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 2 DE DEZEMBRO DE 2006 [ENTREVISTA A ROBERTO DOMÍNGUEZ].

[O momento emblemático da celebração do prêmio Nobel] creio que foi, pela novidade e pela responsabilidade, a leitura da minha conferência na Academia Sueca, antes da entrega do prêmio, no dia 7 de dezembro: “De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz”. Creio que foi esse o momento em que eu senti mais o peso da responsabilidade.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

Há uma coisa da que presumo: é que no plano... vou usar a palavra, no plano cívico, estive à altura do prêmio [Nobel]. Creio que, depois do prêmio, cumpri as minhas obrigações como cidadão.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Se alguém se aproximasse de mim para me consolar pelo fato de estar doente, dizendo: “Saramago, você está muito doente, mas ganhou o prêmio Nobel, ainda é alguma coisa, não?”, eu tentaria dizer que sim, era alguma coisa, mas, na situação em que me encontrava [com a doença sofrida em fins de 2007 e nos primeiros meses de 2008], não significava nada. Não era o prêmio Nobel que se ia apresentar ali com as receitas e os medicamentos necessários para que me salvassem.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

O prêmio Nobel é o que é, prêmio esse para um escritor português, atribuído praticamente um século depois de ter sido criado. O prêmio Nobel não tem nenhuma espécie de caderno de responsabilidades. Trata-se apenas de ir lá, receber a medalha, o diploma, o dinheiro, e se quiser fica-se por aí. A Academia Sueca não nos pede explicações sobre como estamos a viver esse prêmio. Mas pensei que as minhas obrigações iam muito além do

literário. O prêmio era para um escritor, para a literatura, para um certo modo de fazê-la, pensá-la, criá-la. Mas também era um prêmio para Portugal. Quando disse então que “os portugueses tinham crescido três centímetros” — todos nós nos sentimos mais altos, mais fortes, mais formosos até. Só havia uma coisa a fazer: era viver e fazer viver o mais intensamente possível as consequências do prêmio.

“MEMÓRIA DE ELEFANTE”, *Visão*, LISBOA, 6 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A SÍLVIA SOUTO CUNHA].

3. O CIDADÃO QUE SOU

A dimensão intelectual de Saramago, sua projeção internacional como uma das grandes consciências morais do nosso tempo, forjou-se, em grande parte, por intermédio de sua presença nos meios de comunicação. Sentindo-se sempre afetado pelos conflitos sociais, políticos e humanitários contemporâneos, desde a década de 1980 e, especialmente, a partir dos anos 1990, tornou públicos, de forma enfática, contínua e consistente, seus juízos e opiniões. Buscou colocar, ao lado do escritor, o cidadão que ele é, cômico de seus deveres cívicos, de modo a expor com clareza aquilo que considerou conveniente em cada momento.

Capaz de fazer de suas ideias e desaprovações uma referência, assumiu a função crítica como tarefa: raciocinar sem comodismo e se expressar com liberdade de julgamento, para formular questionamentos e despertar inquietações. Alicerçado em sua ideologia comunista e de um humanismo profundo, sensível diante da dor, da injustiça e do desamparo alheios, o prêmio Nobel soube combinar, ao longo de sua vida, a literatura com a militância no Partido Comunista Português, a intervenção pública e o compromisso intelectual. Seu pensamento e suas apreciações se voltaram para campos de interesse bastante amplos, geralmente voltados para o desvendamento dos mecanismos do poder, a deterioração das democracias, a hegemonia exercida pela economia capitalista sobre a política ou as causas das desigualdades.

Atento às análises geopolíticas, opositor da integração europeia, sensível em relação à realidade latino-americana e defensor do iberismo,

Saramago se mostrou cético, quando não pessimista, quanto à possibilidade de uma transformação do mundo rumo a um processo de humanização. Em sua opinião, a crise em que a esquerda está submersa tampouco contribui para tornar possível essa mudança. Ao mesmo tempo que pregava a indignação como uma atitude necessária para enfrentar a indiferença, sem abrir mão do ativismo de rua, expressava seu mal-estar diante da banalização generalizada e da globalização, lançando um alerta para a acentuação dos diversos tipos de autoritarismo, a começar por aquele que é exercido pelo mercado. Foi capaz, em suma, de expor um amplo leque de ideias e opiniões, críticas e propostas que muito têm servido para complementar e enriquecer a já consagrada contribuição trazida por sua literatura.

COMPROMISSO

“Tenho algumas ideias, e não separo o escritor do cidadão”, costumava repetir Saramago, como para não deixar dúvida da integração real e sem contradições existente, no seu caso, entre a literatura e a dimensão vital referente ao projeto coletivo. Dito de outra maneira, para ele, o autor não devia ocultar com o véu aristocrático das letras os seus deveres como cidadão que era. E assim atuou na prática, militando politicamente no Partido Comunista Português ou expressando solidariedade, impulsionando e colocando-se a serviço de causas humanitárias. Qualquer que seja a circunstância, não se extingue a responsabilidade do homem, o que não significa que a literatura tenha de se transformar em recurso instrumental, embora deva, isso sim, corresponder a uma composição referenciada e coerente com a visão de mundo de quem a produz, fato que ele admitia por completo: “Meus livros têm um sentido ideológico e político”.

Questionou e combateu energicamente o conceito de utopia, contrapondo a ela a responsabilidade diante do presente e sua transformação. Suas convicções adquiriam a forma de um materialismo radical do aqui e agora, ampliado para o futuro imediato. Na sua opinião, é preciso agir sobre a vida concreta — em que se acumulam as desigualdades e as injustiças — sem se prender a projetos de emancipação sempre adiados para um futuro impalpável. Uma política e uma ética de compromisso com a realidade, em conformidade com o seu pensamento prático, que reagia contra o utopismo idealista dentro do qual se

desenvolveu boa parte das concepções teóricas da esquerda. Desprezava, assim, a utopia como argumento ideológico e a combatia abertamente, por considerá-la prejudicial à esquerda e contrária à dinâmica da História. Sua intangibilidade, seu deslocamento temporal, assim como a espécie de transcendentalismo que a envolve, mereceram, de sua parte, uma declarada rejeição.

Saramago defendeu um explícito non serviam da palavra, ao mesmo tempo que expressou a convicção de que o escritor, dado seu papel social privilegiado, está chamado a intervir nos conflitos de sua época, a fustigar as consciências e a se juntar à corrente das ruas. Coube-lhe, assim, projetar-se como intelectual engagé, envolvido, permanentemente alerta para a ética, com uma perspectiva crítica, de quem se esperava que dissesse o que pensava. No seu caso, preservando a autonomia da literatura — a qual, como ele afirmava de forma reiterada, não pode nem é de sua natureza assumir a missão de salvar o mundo —, aproveitou a posição cultural proeminente de que desfrutava para erguer a sua voz inconformada, para se colocar ao lado daqueles que sofrem em silêncio e potencializar um discurso reivindicativo e humanista, até se tornar uma das grandes consciências do planeta. Avesso a qualquer tipo de isolamento, em especial a partir da década de 1990, e, certamente, com mais ênfase, desde que recebeu o prêmio Nobel, em 1998, suas opiniões incômodas e críticas circularam com muita força pelo mundo inteiro. Isso tudo, ao mesmo tempo que seus romances, artigos e peças teatrais abriam um espaço crescente para a ressonância dos conflitos contemporâneos — no caso de sua ficção, por meio de grandes alegorias, baseadas em denúncias, ideias e valores sólidos.

Existe nele [no *Quixote*] uma expressão que, para mim, é a chave, embora não pareça nada de especial. Quando o Dom Quixote sai para começar as suas andantes cavalarias, o Cervantes diz isto de uma maneira tão simples que qualquer de nós poderia tê-lo dito: “E começou a caminhar”. Há dois Quixotes: um com a sua vida sem importância e o outro que nasce no momento em que começa a caminhar. É ele o Dom Quixote, o homem que fará aquilo que não estava nas previsões. Não era fatal, nem na sua loucura nem a sua vida anterior, que ele fosse fazer tudo o que fez depois. Não há um destino: há um momento em que começamos a caminhar. Começamos a caminhar e caminhamos noutra direção. Não é, de fato, a direção que parecia fatal, irrecusável... até podemos falar de predestinação, se se quiser, mas o momento em que começamos a caminhar é uma metáfora do movimento e não só do movimento pessoal, também o movimento da sociedade.

“A FACILIDADE DE SER IBÉRICO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 8 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES, FRANCISCO BELARD E AUGUSTO M. SEABRA].

Não sei qual papel os intelectuais de hoje devem ter no mundo. A questão é saber se eles de fato querem ter algum papel, e a minha impressão, a partir dos fatos, é que eles não querem ter papel algum. Abriram mão de sua tarefa de consciência moral que tiveram em alguns momentos. Hoje, o escritor, diante da televisão, diante dos grandes meios de comunicação social, praticamente não tem mais voz e, mais do que isso, muitas vezes condiciona sua própria voz aos interesses e às necessidades desses meios. Cada vez mais, somos meros atores de livros, e contribuímos cada vez menos para a formação de uma consciência.

“SARAMAGO: ‘LOS VÍNCULOS DE PORTUGAL CON UNA ESPAÑA FEDERATIVA PROVOCARÍAN UNA REVISIÓN TOTAL DE LA RELACIÓN’”, *DIARIO 16* (SUPLEMENTO *CULTURAS*), MADRI, 11 DE FEVEREIRO DE 1989 [ENTREVISTA A CÉSAR ANTONIO MOLINA] [RECOLHIDA EM CÉSAR ANTONIO MOLINA, *SOBRE EL IBERISMO Y OTROS ESCRITOS DE LITERATURA PORTUGUESA*, INTRODUÇÃO DE JOSÉ SARAMAGO, EPÍLOGO DE ÁNGEL CRESPO, MADRI, AKAL, 1990, PP. 247-75].

Não se pode retomar o debate sobre literatura e compromisso sem parecer que estamos falando de fósseis. Limito-me a propor que voltemos ao autor, a essa figura concreta de homem ou mulher que está por trás dos livros e sem a qual a literatura não seria nada. O problema não está no

desaparecimento das causas que motivam o compromisso, mas sim em que o escritor deixou de se comprometer.

“SARAMAGO: ‘LA POSIBILIDAD DE LO IMPOSIBLE, LOS SUEÑOS E ILUSIONES, SON LA MATERIA DE MI ESCRITURA’”, *ABC*, MADRI, 20 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JESÚS FONSECA].

Não vou usar a literatura, como nunca o fiz, para fazer política; isso não faz parte dos meus planos. O trabalho literário é uma coisa, a política é outra, ainda que esse trabalho literário possa, sem deixar de sê-lo, ser também um trabalho político; mas o que eu faço, e os leitores sabem disso, é usar a literatura para fazer política.

“SARAMAGO: ‘LA POSIBILIDAD DE LO IMPOSIBLE, LOS SUEÑOS E ILUSIONES, SON LA MATERIA DE MI ESCRITURA’”, *ABC*, MADRI, 20 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JESÚS FONSECA].

Minha literatura reflete, de alguma forma, as posturas que ideologicamente assumo, mas não é um panfleto.

“VIM DO POVO E SEI COMO ELE VIVE E PENSA”, *SEGUNDO CADERNO*, PORTO ALEGRE, 26 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JUREMIR MACHADO DA SILVA].

Mas eu creio que de todos os meus livros se pode fazer uma leitura política, ainda que não seja esse o objetivo de nenhum deles. É que, sendo eu um homem política e ideologicamente muito definido, seria impossível que as minhas ideias ou as minhas preocupações não passassem para aquilo que eu faço, mesmo que o tema não seja obviamente político.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

Depois de morto, o escritor será julgado por aquilo que fez. Reivindicamos o direito, enquanto ele está vivo, de julgá-lo pelo que ele é.

“SARAMAGO PLANTEA LA INUTILIDAD DE CREER QUE LA LITERATURA PUEDE TRANSFORMAR LA SOCIEDAD”, *SUR*, MÁLAGA, 25 DE FEVEREIRO DE 1993 [CORRESPONDÊNCIA DE MARÍA DOLORES TORTOSA].

O cidadão que o escritor é não pode ocultar-se por trás da obra. Ela, mesmo importante, não pode servir de esconderijo para o autor dar-lhe uma espécie de boa consciência graças à qual ele poderia dizer que está ocupado e não tem tempo para intervir na vida do país.

FOLHA DE S.PAULO, SÃO PAULO, 12 DE JANEIRO DE 1994.

O que eu digo é que eu tenho, como cidadão, um compromisso com o meu tempo, com o meu país, com as circunstâncias, digamos, do mundo. Eu não posso virar as costas a tudo isso e ficar a contemplar minha obra. O futuro irá julgar a obra do autor, mas o presente tem o direito de fazer um juízo sobre o autor, o que ele é.

FOLHA DE S.PAULO, SÃO PAULO, 12 DE JANEIRO DE 1994.

Sou cada vez menos proselitista. Vá cada um aonde possa pelos seus próprios meios: guias e gurus são más companhias.

“AS FÁBULAS POLÍTICAS DE SARAMAGO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JANEIRO DE 1994 [ENTREVISTA A NORMA CURI].

Tomo muito cuidado para não transformar meus romances em panfletos, apesar de ser marxista e comunista de carteirinha. Tenho algumas ideias, e não separo o escritor do cidadão, das minhas preocupações. Creio que nós, escritores, devemos voltar às ruas e ocupar novamente o espaço que tínhamos antes e que agora é ocupado pelo rádio, pela imprensa ou pela televisão. É preciso, além disso, estimular o humanismo, fazer com que todos saibam que há milhares e milhares de pessoas que não podem nem sequer se aproximar do desenvolvimento.

“SARAMAGO: ‘LA CAPITALIDAD CULTURAL EUROPEA ES CONSUMISMO; ES COMO IR AL HIPERMERCADO’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 3 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A JAVIER DURÁN].

Além de escrever, e de fazê-lo da melhor forma que puder, [o escritor] não deve jamais esquecer que, além de escritor, ele é um cidadão; e, em sua atuação como cidadão, não deve esquecer que é um escritor. Não consigo entender o que leva um escritor a achar que seu compromisso pessoal se restringe exclusivamente à literatura e à sua obra. É o retorno ao egoísmo e à presunçosa torre de marfim. Talvez seja esse o maior dos erros dos últimos vinte anos, embora, por sorte, esses exercícios de autocomplacência estejam desaparecendo a partir da guerra da ex-Iugoslávia. O escritor não é um guia ou um político, e não pode viver, de forma esquizofrênica, separado do cidadão.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL MUNDO SE ESTÁ QUEDANDO CIEGO’”, *LA VERDAD*, MURCIA, 15 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A GONTZAL DÍEZ].

Um dos temas principais em qualquer literatura não superficial é o da coisificação do homem, que atinge a sua perversidade máxima na exploração de uma classe social por outra, uma exploração que pode ser superada, posto que o homem possui uma capacidade revolucionária tanto para mudar a realidade quanto para transformar a si próprio.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘HAY QUE CONSTRUIR UNA IBERIDAD CULTURAL COMÚN’”, *DIARIO DE CÓRDOBA*, CÓRDOBA, 27 DE OUTUBRO DE 1994 [ARTIGO DE C. DE MALVEOLO].

Creio que estamos retornando não a uma literatura de intervenção de primeiro plano, mas sim à consciência de que o escritor tem um papel na sociedade. Pelo fato de que sua voz é ouvida, ele tem uma responsabilidade moral e ética, portanto, não pode decidir por conta própria que seu único compromisso é com a literatura.

“JOSÉ SARAMAGO, CONTRA TODA INTRANSIGENCIA”, *DIARIO DE MALLORCA*, PALMA DE MALLORCA, 28 DE OUTUBRO DE 1994 [ENTREVISTA A HÉCTOR A. DE LOS RÍOS].

É tempo de retornar ao compromisso: o escritor tem de dizer quem ele é e o que pensa.

“HAY QUE VOLVER AL COMPROMISO: EL ESCRITOR TIENE QUE DIZER QUIÉN ES Y QUÉ PIENSA”, *FARO DE VIGO*, VIGO, 19 DE NOVIEMBRE DE 1994.

Estou comprometido com a vida até o último dos meus dias, e me esforço para mudar as coisas, e, para isso, não tenho outro remédio que não seja fazer o que faço e dizer o que sou.

“HAY QUE VOLVER AL COMPROMISO: EL ESCRITOR TIENE QUE DIZER QUIÉN ES Y QUÉ PIENSA”, *FARO DE VIGO*, VIGO, 19 DE NOVIEMBRE DE 1994.

O que quero dizer é que não vejo nenhum motivo para deixar de ser aquilo que sempre fui: alguém que está convencido de que o mundo em que vivemos não vai bem; convencido de que a aspiração legítima e única que justifica a vida, ou seja, a felicidade do ser humano, está sendo fraudada diariamente; e que a exploração do homem pelo homem continua a existir. Nós, seres humanos, não podemos aceitar as coisas tais como elas são, pois isso nos conduz diretamente ao suicídio. É preciso acreditar em algo e, sobretudo, é preciso ter um sentimento de responsabilidade coletiva, pelo qual cada um de nós é responsável por todos os outros. E isso eu não consigo ver no capitalismo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NUNCA ESPERÉ NADA DE LA VIDA, POR ESO LO TENGO TODO’”, *FARO DE VIGO*, VIGO, 20 DE NOVEMBRO DE 1994 [ENTREVISTA A ROGELIO GARRIDO].

Nunca separo o escritor do cidadão. E isso não significa que queira transformar a minha obra em um panfleto. Significa que não escrevo para o ano de 2427, mas sim para o presente, para as pessoas que estão vivas. Meu compromisso é com o meu tempo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NUNCA ESPERÉ NADA DE LA VIDA, POR ESO LO TENGO TODO’”, *FARO DE VIGO*, VIGO, 20 DE NOVEMBRO DE 1994 [ENTREVISTA A ROGELIO GARRIDO].

O escritor deve fazer bem aquilo que faz. O melhor que puder. Mas não deve se limitar a isso. Não deve esquecer que é uma figura pública e que é obrigado a intervir.

“LA CORRUPCIÓN ES EL CÁNCER OCULTO”, *LA VOZ DE ASTURIAS*, OVIEDO, 14 DE JUNHO DE 1995 [ENTREVISTA A GEORGINA FERNÁNDEZ].

Eu achava que escrevendo em jornal, com sua influência, escrevendo sobre alguns fatos... poderia mudar alguma coisa, mas não é bem assim. Há uma espécie de discurso narrativo que paira sobre a realidade mas que não influi nela.

“MOMENTOS DE UNA CHARLA CON JOSÉ SARAMAGO”, *AL MARGEN*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, N. 1, OUTUBRO-NOVEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A ALBERTO RODRÍGUEZ HERRERA E HELENA TUR PLANELLS].

Em mim, o cidadão prevalece sobre o escritor. Interessa-me perguntar a mim próprio: o que é que me preocupa?

“O SOCIALISMO É UM ESTADO DE ESPÍRITO”, *A CAPITAL*, LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A ANTÓNIO RODRIGUES].

Nós, escritores e intelectuais — não gosto dessa palavra —, não devemos viver de uma forma, digamos, esquizofrênica, em que o cidadão que o escritor é se comporta de uma maneira e o escritor de outra. Particularmente, cuido para que o escritor não contradiga o cidadão e que o cidadão não desminta o escritor. Para falar de modo mais simples, o que quero dizer é: sim, é verdade que tenho um compromisso com meu trabalho literário, mas esse compromisso não é o único.

“EN BUSCA DE UN NOMBRE”, *LA JORNADA* (SUPLEMENTO *LA JORNADA SEMANAL*), CIDADE DO MÉXICO, 8 DE MARÇO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Se o escritor tem algum papel, é o de incomodar.

“SARAMAGO: ‘SI ESPAÑA VA BIEN, ES UNA EXCEPCIÓN, PORQUE EL MUNDO NO VA BIEN’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE ABRIL DE 1998 [REPORTAGEM DE ÁNGELES ARENCIBIA].

Nada está definitivamente perdido, as vitórias se parecem muito com as derrotas, no sentido de que nem umas nem outras são definitivas.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL HOMBRE ACTUAL SE DEDICA SOBRE TODO A HACER ZAPING’”, *GACETA DE CANARIAS*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 7 DE JUNHO DE 1998 [CORRESPONDÊNCIA DA AGENCIA EFE].

Meus cartazes se chamam páginas.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL HOMBRE ACTUAL SE DEDICA SOBRE TODO A HACER ZAPING’”, *GACETA DE CANARIAS*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 7 DE JUNHO DE 1998 [CORRESPONDÊNCIA DA AGENCIA EFE].

Temos de levar em conta que não se pode esperar de uma sociedade descomprometida — como é a sociedade atual — que produza, digamos assim, uma literatura comprometida [...]. Uma literatura de compromisso se torna cada vez mais necessária; e, mesmo que não se trate de um compromisso político, é importante que tenha, sim, um compromisso ético.

“‘A LOS QUE MANDAN EN ESTE MUNDO NO LES IMPORTA LA DEMOCRACIA’, DICE SARAMAGO”, *PERFIL*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 17 DE JUNHO DE 1998 [ENTREVISTA A LEONARDO TARIFEÑO].

O escritor, se for uma pessoa do seu tempo, supõe-se que conheça os problemas do seu tempo. E quais são esses problemas? Que não estamos em um mundo bom, que este mundo vai mal e não serve para nós. Mas cuidado: não se deve confundir o que eu peço aqui com uma literatura moralista, uma literatura que diga às pessoas como elas devem se comportar. O que digo aqui diz respeito à necessidade de um conteúdo ético, que não se separa do que eu chamo de um ponto de vista crítico.

“‘A LOS QUE MANDAN EN ESTE MUNDO NO LES IMPORTA LA DEMOCRACIA’, DICE SARAMAGO”, *PERFIL*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 17 DE JUNHO DE 1998 [ENTREVISTA A LEONARDO TARIFEÑO].

As misérias do mundo estão aí, e só existem duas maneiras de reagir diante delas: ou entender que não temos nenhuma culpa nisso e encolher os

ombros e dizer que não se tem poder para remediá-las — e isso é verdade —, ou então assumir que, mesmo quando não temos o poder de resolvê-las, é preciso agir como se o tivéssemos.

LA JORNADA, CIDADE DO MÉXICO, 3 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Não acho que [se comprometer com causas humanitárias] seja algo que cabe aos intelectuais. Acho que isso cabe aos cidadãos de maneira geral. Se atribuímos funções ou missões particulares ou especiais aos intelectuais, arriscamo-nos a cair em algo que não é bom: achar que algumas poucas pessoas, não se sabe por quê, têm uma função determinada, que seria dizer aos outros: “É por aqui que temos de ir, vocês estão errados indo por aí”. Não, quem faz isso é a Igreja. O intelectual tem que ser crítico, mas tem que ser crítico não pelo fato de ser intelectual — ou sim, um pouco, pois tem uma responsabilidade —, mas porque o senso crítico deveria ser algo que todos os cidadãos teriam. O que ocorre é que, se o intelectual se compromete com essa causa ou outras, então o fato de ele ser um escritor torna sua intervenção mais visível, faz com que sua palavra chegue mais adiante, mais longe.

“ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, BIBLIOTECA NACIONAL DE ARGENTINA, SALA VIRTUAL DE LEITURA, BUENOS AIRES, 12 DE DEZEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A JOSÉ LUIS MOURE].

Não é o escritor, se o senhor quer saber, que está intervindo em Chiapas, com os Sem-Terra, com os presos de La Tablada ou na África. Eu diria assim: “Sim, sou escritor, mas quem está tentando intervir nisso tudo é uma pessoa que se chama José Saramago”. O fato de essa pessoa ser um escritor e que, por isso, o que ela faz como cidadão é mais importante para os outros, ótimo! Nisso radica o compromisso do cidadão que eu sou.

“ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, BIBLIOTECA NACIONAL DE ARGENTINA, SALA VIRTUAL DE LEITURA, BUENOS AIRES, 12 DE DEZEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A JOSÉ LUIS MOURE].

Às vezes se ouve uma coisa que não entendo, que não consigo entender. É quando um escritor diz: “Meu único compromisso é com a minha obra”. Não entendo isso, realmente não entendo... Pois ninguém no mundo, na vida, pode dizer que seu único compromisso é com aquilo que faz. Um sapateiro não diria isso, e não entendo por que eu deveria me expressar de uma forma diferente e específica de estar comprometido na sociedade com

alguma coisa. Não entendo como poderia estar comprometido apenas com aquilo que faço. Na verdade, tenho de estar comprometido com aquilo que os outros fazem, e com as consequências daquilo que faço e do que os outros fazem; e essas consequências estão no marco da sociedade. A velha torre de marfim: “Estou aqui, criando, produzindo sem saber nem sequer qual é o destino dessas obras-primas”... Realmente não entendo. Mas, claro, aceito isso, embora deva dizer que, para mim, no meu caso, não me serve.

“ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, BIBLIOTECA NACIONAL DE ARGENTINA, SALA VIRTUAL DE LEITURA, BUENOS AIRES, 12 DE DEZEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A JOSÉ LUIS MOURE].

A pergunta que todos nós devíamos nos fazer é: O que foi que eu fiz, se nada mudou? Deveríamos viver mais incomodados. O amanhã não existirá se não mudarmos o hoje. Como se conta em *A caverna*, tudo o que carregamos nos ombros em nossa vida são vésperas, e todas essas vésperas, incluindo a desesperança e a desilusão, são as que influenciam no amanhã. É preciso fazer o trabalho todos os dias com as mãos, a cabeça, a sensibilidade, com tudo.

“ANTES EL BURÓCRATA TÍPICO ERA UN POBRE DIABLO, HOY REGISTRA TODO”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 13 DE DEZEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A SUSANA REINOSO].

Não se resigne; indignemo-nos.

“SARAMAGO EXPLICA QUE LA CAVERNA DE HOY SON LOS ESCAPARATES DE CENTROS COMERCIALES”, *EL PAÍS*, MADRI, 11 DE JANEIRO DE 2001 [REPORTAGEM DE MIGUEL ÁNGEL VILLENA].

Nem a história chegou ao fim, nem se acabaram as revoluções. Meu otimismo se limita a essas certezas. O restante são apenas dúvidas. Como? Quando? Onde? Isso eu não sei, mas que acontecerá, não tenho dúvida.

“SOY UN GRITO DE DOLOR E INDIGNAÇÃO”, *ABC* (SUPLEMENTO *EL SEMANAL*), MADRI, 7-13 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Para Dostoiévski, a sensibilidade deveria servir para nos solidarizarmos com a dor, e, de fato, se não for assim, ela me parece estéril. Uma sensibilidade preparada para fruir a estética é importante, mas também inútil.

“JOSÉ SARAGAMO: LA MORAL INSURRECTA”, *REVISTA UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA*, MEDELLÍN, N. 265, JULHO-SETEMBRO DE 2001 [ENTREVISTA A AMPARO OSORIO E GONZALO MÁRQUEZ CRISTO].

Não me interessam muito conceitos como esperança e utopia. Para mim, o que realmente conta é o trabalho que tem de ser feito no presente. Se não o fizéssemos, ou seja, se não procurássemos, a cada momento, efetivamente, soluções para os problemas, de pouco nos serviria continuar falando de utopias ou de esperanças, adiando para um futuro intangível a concretização das mesmas.

“AYÚDATE, QUE LA LITERATURA TE AYUDARÁ”, *ESPÉCULO: REVISTA DE ESTUDIOS LITERARIOS*, MADRI, FACULTAD DE CIENCIAS DE INFORMACIÓN DE LA UNIVERSIDAD COMPLUTENSE, N. 19, NOVIEMBRE DE 2001-FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A LUIS GARCÍA].

Nós, escritores, jamais mudaremos o mundo. A arte e a literatura não têm poder diante dos exércitos. Outra coisa é que o artista, ou o escritor, como cidadão, intervenha para tornar público o seu protesto e que suas palavras possam ter alguma ressonância moral.

Todos os cidadãos, escritores ou não, temos o dever não só de dizer mas também de agir. E não apenas com os olhos voltados somente para o nosso país. Também olhando para o mundo.

“JOSÉ SARAGAMO: ‘ISRAEL ES RENTISTA DEL HOLOCAUSTO’”, EM JAVIER ORTIZ (ORG.), *¡PALESTINA EXISTE!*, MADRI, FOCA, 2002 [ENTREVISTA A JAVIER ORTIZ].

Auschwitz não está fechado, está aberto, e suas chaminés continuam soltando a fumaça do crime que se comete a cada dia contra os mais frágeis. E [...] eu não quero ser cúmplice, com a comodidade do meu silêncio, de nenhuma fogueira.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAGAMO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

A intervenção e a participação é algo que sempre foi uma característica minha, antes do fato de ser escritor, ou de ter ganhado o prêmio Nobel.

“A DEMOCRACIA ESVAZIADA”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 10 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A MANYA MILLEN].

Quando digo responsabilidade, quando digo ética, quero pronunciar estas palavras com palavras de chumbo...

“JOSÉ SARAMAGO ES UN SUTIL PROVOCADOR EN LA DEMOCRACIA”, *EL COMERCIO*, QUITO, 22 DE FEVEREIRO DE 2004.

Não há nenhum caminho tranquilizador à nossa espera. Se o queremos, teremos de construí-lo com as nossas mãos.

“SARAMAGO QUER ESCANDALIZAR”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 20 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

Temos de começar a uivar, começemos a uivar.

“A DEMOCRACIA OCIDENTAL ESTÁ FERIDA DE MORTE”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A ANA MARQUES GASTÃO].

Pergunto-me como é possível ver a injustiça, a miséria e a dor sem sentir a obrigação moral de mudar o que se vê. Quando olhamos à nossa volta, vemos que as coisas não funcionam bem: quantias exorbitantes são gastas para mandar um equipamento para fazer exploração em Marte enquanto centenas de milhares de pessoas não têm o que comer. Por causa de uma espécie de automatismo verbal e mental, falamos em democracia, quando, na verdade, não nos resta dessa democracia mais muito mais do que um conjunto de ritos, de gestos repetidos mecanicamente. Os homens, e os intelectuais como cidadãos, temos a obrigação de abrir os olhos.

“JOSÉ SARAMAGO: CRÍTICA DE LA RAZÓN IMPURA”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 12 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A FLAVIA COSTA].

Utopia é uma coisa que não se sabe onde está, nem quando virá nem como se chegará a ela. A utopia é como a linha do horizonte: sabemos que, embora a persigamos, nunca chegaremos a ela, pois a cada passo ela se distancia mais, colocando-se fora, não do alcance dos olhos, mas do nosso alcance. Se eu fosse escolher uma palavra para apagar do dicionário, seria “utopia”, pois ela não ajuda a pensar, porque é uma espécie de convite à preguiça. A única utopia que podemos atingir é o dia de amanhã. Deixemos a linha do horizonte, deixemos de lado a utopia, que não sabemos onde fica nem quando existirá. O dia de amanhã é resultado do que fazemos hoje. É algo muito mais modesto, muito mais prático, e, sobretudo, muito mais útil.

“SARAMAGO: HAY QUE BORRAR LA UTOPIA DE LA MENTE”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 2 DE DEZEMBRO DE 2004 [REPORTAGEM DE ÁNGEL VARGAS].

Não aprovo a utilização da utopia como arma política, ideológica. Uma utopia refere-se a algo que não temos — ou somos — no momento atual mas que, graças à visão otimista da História, pensamos que será melhorada no futuro. Com isso, esquece-se de algo óbvio e importante: em primeiro lugar, como poderemos ter a certeza de que o futuro será melhor? E quem garante que as pessoas desta época não terão sua própria utopia? Ou seja, a ideia de utopia prejudica mais do que beneficia a espécie humana, pois não temos a certeza de que o futuro esteja disposto a cumprir nossos anseios. Devemos transformar nossa realidade, não esperar que se modifique naturalmente e só se encontre no futuro o resultado dessa transformação.

“TODOS OS MALEFÍCIOS DA UTOPIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

O pintor pinta, o músico faz música, o romancista escreve romances. Mas acredito que todos nós temos alguma influência, não pelo fato de sermos artistas, mas por sermos cidadãos. Como cidadãos, todos nós temos a obrigação de intervir e de nos envolver. É o cidadão que faz as coisas mudarem. Não consigo me ver fora de nenhum tipo de envolvimento social ou político. Sim, sou escritor, mas vivo neste mundo, e minha escrita não existe em um plano separado deste.

“STILL A STREET-FIGHTING MAN”, *THE OBSERVER*, LONDRES, 30 DE ABRIL DE 2006 [REPORTAGEM DE STEPHANIE MERRITT].

Temos de continuar protestando, protestando, protestando. Não há outra saída que não seja dizer que não queremos viver em um mundo como este, com guerras, desigualdades, injustiça e a humilhação a que são submetidos diariamente milhões de pessoas que não têm esperança, que a vida é o que de melhor existe. Temos de expressá-lo com veemência e passar os dias nas ruas se for preciso até que os que estão no poder percebam que o povo não está contente.

“STILL A STREET-FIGHTING MAN”, *THE OBSERVER*, LONDRES, 30 DE ABRIL DE 2006 [REPORTAGEM DE STEPHANIE MERRITT].

É hora de gritar, pois, se nos deixamos levar pelos poderes que nos governam, e não fazemos nada para se contrapor a eles, então pode-se dizer que merecemos o que temos.

“SARAMAGO: ‘HOY DÍA NO CONOZCO NADA MÁS ESTÚPIDO QUE LA ESQUERDA’”, AGENCIA EFE, MADRI, 13 DE JUNHO DE 2007.

[Utopia] é um conceito desgastado por excesso de uso. Tenho uma espécie de ódio visceral delas [as utopias], especialmente da ideia infantil que as impulsiona. Eu gostaria que a vida fosse melhor do que é. Mas como? No Fórum Social de Porto Alegre, eu afirmei que a utopia é um engodo. Não podemos enganar as pessoas com essa ideia de “hoje não, mas amanhã sim”. A utopia só é válida se puder ser atingida amanhã, e não dentro de cinquenta anos. É preciso lutar por coisas concretas: justiça, bem-estar, felicidade... É isso o que importa. Já existem palavras demais, e algumas delas não dizem a verdade.

“TENGO UN ODIO VISCERAL A LAS UTOPIAS”, *EL MUNDO*, MADRI, 11 DE JANEIRO DE 2009 [ENTREVISTA A ANTONIO LUCAS].

Continuo a pensar no meu dever como cidadão, que não é outro senão o de intervir sempre pelo que é necessário e justo.

“MÉXICO, UN PAÍS QUE NO LOGRO ENTENDER: SARAMAGO”, *MILENIO ON-LINE*, CIDADE DO MÉXICO, 31 DE JANEIRO DE 2009 [REPORTAGEM DE MAURICIO FLORES].

Eu penso aquilo que penso e sou aquilo que sou e do ponto de vista político, ideológico e filosófico isso está muito claro nos meus livros. Mas sem que eu tivesse de preocupar-me com uma frase do Engels — e o Engels não era qualquer pessoa! —, há uma carta em que ele responde a uma jovem escritora que lhe pedia conselhos e em que diz “Quanto menos se notar a ideologia melhor”. Essa frase podia-me ser aplicada.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

COMUNISMO

Saramago se filiou ao Partido Comunista Português (PCP) em 1969 — embora fosse seu colaborador desde antes disso — e, a partir de então, foi militante ativo até o começo dos anos 1990. Seu vínculo continuou vivo até os últimos dias de vida, passando por cima das idas e vindas sofridas pelo marxismo no século xx. Homem de princípios ideológicos sedimentados, que defendia e debatia com firmeza de caráter, acima das vicissitudes das formalizações nacionais e dos evidentes fracassos do comunismo, praticou a autocrítica com total liberdade de consciência. Consciente dos limites e dos desvios acontecidos, os quais admitia plenamente, não deixou, no entanto, de se apresentar como um anticapitalista visceral, ao mesmo tempo que se considerava um comunista hormonal.

A colaboração com o PCP como militante de base, particularmente intensa ao longo da década de 1970, quando, além de intervenções de cunho ideológicos no Congresso do partido, participava ativamente de suas células, não o impediu, dentro desse mesmo espaço político, de sair em defesa da autonomia da literatura. Parafraseando Engels e ampliando sua concepção, expressou a convicção de que, quando menos se nota a mensagem ideológica na obra literária, melhor para essa obra e melhor para a própria ideologia. Saramago encarna um narrador reflexivo que não abre mão de sua visão das coisas, como ele próprio observa, nem mesmo na hora de interpretar o comunismo: “Além do mais, tenho os meus interesses como escritor, romancista, ficcionista. Tenho as minhas razões

para defender, ironicamente ou não, o que num juízo demasiado exigente pode ser classificado de heterodoxia. Não me assusta”.

A defesa de sua independência de pensamento e de sua lógica autônoma provocou, vez ou outra, divergências com a direção do partido, gerando sempre uma posição própria, respeitosa e discreta, mas coerente com as tensões características de seu temperamento intelectual. Daí a sua insistência em se reivindicar de uma mentalidade socialista — identificava o socialismo como um estado de espírito —, bem como as críticas abertas que fazia sobre as práticas desenvolvidas pelos regimes do socialismo real. O autor de Levantado do chão não escondia sua distância em relação aos crimes do stalinismo, ao mesmo tempo que, no entanto, manifestava simpatia para com a revolução e o regime cubano — ainda que, nos últimos anos, com certas reticências. Para ele, sem uma participação cidadã e, portanto, sem o exercício das liberdades, não poderia haver possibilidade de emancipação. Saramago era, sem dúvida, mais um comunista aferrado a ideais de justiça — à ideia de comunismo — do que um doutrinário canônico.

Além de seu caráter heterodoxo, o humanismo de que estão impregnados os seus posicionamentos o levava a se classificar como um comunista libertário — procurando conciliar, ironicamente, dois termos historicamente opostos —, ao mesmo tempo que associava sua ideologia política a seu código genético intelectual. Consciente da desorientação e das incertezas que caracterizam a modernidade tardia em todos os aspectos, destacava a esclerose e a atonia de que padece o socialismo, sua falta de ideias, e criticava os partidos de esquerda pelo abandono das políticas e reivindicações que lhes são próprias, além de sua incapacidade de se repensar em termos de renovação contemporânea e de fazer frente à implantação do capitalismo global armados com novas ideias poderosas.

Sua vontade de servir ao partido o levou, em 1989, a exercer, durante alguns meses, o cargo de presidente da Assembleia Municipal de Lisboa — depois de se candidatar nas eleições de 17 de dezembro, ganhas por Jorge Sampaio, com cuja organização, o Partido Socialista (ps), o PCP fez uma coligação — e a aceitar a inclusão de seu nome também nas listas do PCP para as eleições ao Parlamento europeu, como observador.

O meu partido tem as suas ideias e eu tenho as ideias do meu partido, mas não necessariamente da mesma maneira.

“A FACILIDADE DE SER IBÉRICO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 8 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES, FRANCISCO BELARD E AUGUSTO M. SEABRA].

Eu não considero que o meu partido seja competente em matéria literária e, em geral, artística. Por muito respeito que eu tenha, e tenho, pelos meus camaradas com as responsabilidades diretas e imediatas do meu partido, não os considero realmente tão competentes ao ponto de me poderem dizer o que se faz, como se faz e se o que fiz está bem-feito ou malfeito. Prefiro que gostem de aquilo que faço, mas se porventura não gostarem, paciência...!

“JOSÉ SARAMAGO: ‘GOSTO DO QUE ESTE PAÍS FEZ DE MIM’”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 354, 18-24 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Para ser marxista basta-me olhar para o mundo, para ter fé tenho que olhar para o céu e imaginar que Deus está lá em cima.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

É evidente que não estive de acordo nem estarei com eliminações ou redução ao silêncio de quem quer que seja. Se isso acontece na União Soviética — e não estamos livres de que volte a acontecer — o fato não retira importância ao valor que tem aquilo que, sendo o ponto de partida — de regimes socialistas e comunistas —, acabou por ser desvirtuado na prática. Quando assistimos a uma Romênia, nem vale a pena falar mais da construção do socialismo. Stalin não tinha mentalidade socialista e Ceausescu também não a tem. Essa a verdadeira questão.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

A social-democracia não é um capitalismo mais arguto, mais inteligente, atualizado, moderno, capaz de manobrar as forças sociais. A social-democracia destina-se a tornar pacífico o capitalismo, e é condição própria do comunismo destruir o capitalismo.

“O CERCO A JOSÉ SARAMAGO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 22 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Um partido como este [o PCP] não faz a vida de ninguém, mas qualquer um de nós deve, isso sim, trabalhar pela vida do partido.

“JOSÉ SARAMAGO: EL DEBER DE SER PORTUGUÉS”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE ABRIL DE 1989 [ENTREVISTA A SOL ALAMEDA].

Os instrumentos para uma transformação como é o caso do marxismo representam um “não”. O “não” é o que põe em causa, rejeita, questiona. O que tem acontecido sempre é que esses “nãos” acabam por converter-se em “sins” e acabam por converter-se em “sins” no sentido cada vez menos positivo que a palavra “sim” pode assumir numa certa fase. A Revolução de Outubro foi o “não” ao czarismo, ao poder absoluto. Houve o momento de esperança, e depois este “não” transformou-se em “sim”, o “sim” que leva à burocracia, ao autoritarismo, a tudo de que deu abundantes provas a abortada tentativa de estabelecer o socialismo na União Soviética. O “não” inicial, mesmo que já contivesse os germes do que aconteceu depois, ficou num “sim”, ao qual foi preciso outra vez dizer “não”.

“SARAMAGO: ‘NO MEU CASO, O ALVO É DEUS’”, *EXPRESSO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Se alguma vez me tivesse sentido mal [no partido], tinha saído, e se um dia me sentir mal, saio. As minhas discordâncias, que são sérias, e nalguns casos sobre pontos essenciais, não foram suficientes para abandonar o partido. Creio que por causa da força da minha própria convicção, e sem esforço. É o único partido onde a minha convicção está à vontade e tem suficiente resposta.

“SARAMAGO: ‘NO MEU CASO, O ALVO É DEUS’”, *EXPRESSO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Chego a uma relação em que, apesar das discordâncias, existe bastante harmonia entre o que penso e o que o partido, como projeto de sociedade, contém. Não tenho medo de perder a bengala, a referência, a missa laica, mas considero que o partido tem sido um agente de intervenção na vida do nosso país antes e depois de 25 de Abril, e pode ser um instrumento de transformação da sociedade portuguesa. Mas estou consciente das

limitações do partido, sem falar das minhas, e das limitações que o atual estado de coisas europeu e mundial põe, a prazo, de repetir ou renovar uma tentativa que, eventualmente, poderia vir a falhar de novo. O que não posso aceitar, e isso é visceral, é que o capitalismo seja a solução dos problemas do homem.

“SARAMAGO: ‘NO MEU CASO, O ALVO É DEUS’”, *EXPRESSO*, LISBOA, 2 DE NOVEMBRO DE 1991 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

O modelo comunista falhou, não tenho dúvidas. É mais do que óbvio. Poderemos dar-lhe os nomes que quisermos, socialismo científico, socialismo real, mas os fatos estão aí, a dizê-lo e a prová-lo claramente: o modelo real falhou. Este era um dos modelos possíveis. Mas penso que o ideal não morre. Sobreviverá, disso tenho a certeza, e haverá tempo para pensar nele noutra escala, noutras condições.

“DISCURSO DIRETO: AS PALAVRAS DO VIAJANTE”, *VISÃO*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998.

Não é possível construir o socialismo sem uma mentalidade socialista.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

Um PC é um PC e se não é isso deixa de ser isso, passa a ser outra coisa, como no caso da Itália, em que não se sabe o que é aquilo em que se transformou o PCI. O que eu acho é que a criação de uma mentalidade socialista é de fato indispensável para que não se repitam os erros, as falhas, os crimes, os desastres que nós tivemos que assistir ao longo desses setenta anos. Tudo por uma posição demasiado idealista — provavelmente é —, mas a verdade é que, se não existir essa mentalidade, nunca teremos o socialismo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

Olhamos para os antigos países socialistas e verificamos que do ponto de vista cívico, do ponto de vista moral, da ética, da convivência dos cidadãos uns com os outros, o socialismo não modificou em nada a mentalidade das pessoas, não as orientou.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

Pela enésima vez digo que a União Soviética, com o sistema que ali se montou e ali funcionava, com repercussões e repetições nas chamadas democracias populares, nunca me satisfaz. Nunca considere aquela solução como satisfatória, nem de exercício pleno da cidadania. Sou comunista, e provavelmente continuarei a sê-lo até o resto dos meus dias, mas estou pronto a reconhecer os méritos de um sistema político que não sendo do tipo socialista ou socializante reconheça aos cidadãos o exercício quotidiano do direito de intervenção que não se limite a uma sombra de democracia que é a que vivemos. Chama-se o cidadão para duas coisas: para pagar os impostos e exercer o direito a voto. Os poderes empurram-nos para a aceitação passiva de um estado de coisas que não reconheça aos cidadãos o direito de intervenção total. Sempre. Que isso fosse socialismo, que isso fosse outra coisa qualquer, isso era uma questão a ver depois. O Marx e o Lênin talvez não gostassem de ouvir isto, mas provavelmente não se chegará ao socialismo sem a existência de uma mentalidade socialista.

“UMA CERTA IDEIA DA EUROPA”, *EXPRESSO*, LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Continuo a pensar que o socialismo — um socialismo autêntico, não aquele que foi chamado “real” e que de real nada teve, não igualmente essa caricatura ignóbil que os partidos socialistas europeus continuam a denominar socialismo — será o caminho para uma certa fidelidade, coletivamente entendida. Mas a felicidade é, sobretudo, uma questão pessoal. No que me toca, aprendi que o amor, sendo a mais relativa de todas as coisas, é absoluta condição de felicidade.

“O PODER PODE DORMIR DESCANSADO”, *CAMBIO 16*, LISBOA, 9 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

O erro que levou a muitos equívocos e a uma esterilização do pensamento marxista foi a subserviência.

“JOSÉ SARAMAGO — ESCRITOR: ‘NINGUNA VERDAD ES DEFINITIVA’”, *LA MAGA*, BUENOS AIRES, 30 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A MIGUEL RUSSO].

Jamais ouviremos alguém dizer que está decepcionado com o capitalismo. Por quê? Porque o capitalismo não promete nada. Porém, como o socialismo é uma ideologia cheia de promessas, está cheia também de decepções.

“HAY QUE VOLVER AL COMPROMISO: EL ESCRITOR TIENE QUE DIZER QUIÉN ES Y QUÉ PIENSA”, 19 DE NOVIEMBRE DE 1994.

A esquerda, hoje, não sabe em que pensar nem como pensar, porque seus modelos desmoronaram e seus ideais foram pervertidos. Por isso, seus políticos devem ter a humildade de reconhecer seus erros e de voltarem a um pensamento de esquerda.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NUNCA ESPERÉ NADA DE LA VIDA, POR ESO LO TENGO TODO’”, *FARO DE VIGO*, VIGO, 20 DE NOVIEMBRE DE 1994 [ENTREVISTA A ROGELIO GARRIDO].

Os partidos chamados socialistas deixaram de ser de esquerda. É melhor assumir esta realidade. Já não são esquerda, são centro. É o centro de que o tempo em que hoje vivemos necessita.

BAPTISTA-BASTOS, *JOSÉ SARAMAGO: APROXIMAÇÃO A UM RETRATO*, LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE, 1996.

A experiência comunista foi evidentemente um fracasso, demonstrando que os caminhos que se tomaram estavam errados. E, de fato, a ideia de que o homem só pode ter uma justificação social integrada e funcionando harmonicamente dentro do *corpus* social, ignorando o foro da liberdade de cada um, falhou em toda a parte. E falhou, sobretudo, por pensar ser possível construir o socialismo sem a participação dos cidadãos. O que me leva a expressar a convicção — que não é nada materialista mas também tenho direito às minhas próprias contradições — de que o socialismo é um estado de espírito. O socialismo não faz os socialistas, são os socialistas que fazem o socialismo.

“O SOCIALISMO É UM ESTADO DE ESPÍRITO”, *A CAPITAL*, LISBOA, 5 DE NOVIEMBRE DE 1997 [ENTREVISTA A ANTÓNIO RODRIGUES].

Hoje em dia o conceito de socialismo já não tem nada a ver com a realidade socialista, mas continua sendo usado, inclusive agora que chegou a ser quase o contrário do que se propunha a ser. Basta ler um programa de algum partido socialista.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

Para gerar seres humanos, é preciso de circunstâncias humanas. Eu diria que o capitalismo não quis fazê-lo, e o comunismo não soube fazê-lo. A situação saiu publicada há alguns meses na imprensa e parece que ninguém se deu conta: as 225 pessoas mais ricas do mundo possuem mais de quarenta por cento da riqueza mundial, isso significa que elas têm mais dinheiro que 2,5 bilhões de seres humanos. Isso para mim não é formar as circunstâncias humanamente. Ser comunista coerente é ter isso na cabeça e no coração... O papa João Paulo II herdou a Inquisição e é papa... e eu sou herdeiro de todos esses horrores também, mas ainda assim creio que um dia poderemos viver neste planeta dignamente.

“TODAS AS PALAVRAS”, *PENSAR*, BRASÍLIA, 25 DE OUTUBRO DE 1998 [SELEÇÃO DE LIANA CARVALHO].

Não sou um escritor comunista, o que sou é um comunista escritor, o que é diferente. Quer dizer, não sou um escritor comunista que escreve de acordo com uma orientação política ou ideológica determinada e que utiliza a literatura para difundir essa orientação. Da mesma forma que existe uma diferença entre ser um jornalista comunista e ser um comunista jornalista.

LA JORNADA, CIDADE DO MÉXICO, 3 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Existe uma coisa que eu chamaria de comunismo hormonal. É como se os hormônios determinassem que a pessoa tem de ser aquilo que ela é, que mantenha uma relação estreita com os fatos, com a vida, com o mundo, com a sociedade. É como um estado de espírito, ou seja, a pessoa é o que é porque seu espírito ou seus hormônios assim a definiram para sempre. Acho que é isso que acontece comigo em relação ao comunismo.

LA JORNADA, CIDADE DO MÉXICO, 3 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

É muito fácil mudar de barco quando o seu barco afunda. É a esses que se deveria perguntar por que já não são o que eram antes, pois parece que somos muito poucos os que mantivemos a fidelidade aos princípios, sem esquecer que no passado recente e em nome do comunismo não só se

cometeram erros, mas também crimes, e é preciso carregar isso nas costas, embora não se tenha responsabilidade direta, porque faria muito mal se eu, só porque não sou responsável direto, não lhe desse importância.

LA JORNADA, CIDADE DO MÉXICO, 3 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

O problema mais dramático da esquerda é que ela não faz a menor ideia do que é o mundo, ficou em um esquema que parecia corresponder a uma determinada época, os anos 30 e 40, e parou ali, ficou nisso, e continua, e repete, e não só repete o esquema como repete também o discurso. Isso é típico da esquerda, incapaz de expressar aquilo em que realmente acredita, porque tem de dizê-lo, é claro. Então, que o diga com a linguagem do seu tempo, e não com a de cem anos atrás.

“JOSÉ SARAGAMO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

Creio que há uma espécie de pecado mortal. Não se pode — bem, poder pode — fazer tudo a favor das pessoas sem perguntar a essas pessoas se elas querem isso ou não. Podemos dizer que estamos fazendo isso para o bem dos outros, mas eu acho que existe muito mais segurança em relação ao que se está fazendo se isso é feito com a participação daqueles para quem estamos, supostamente, fazendo as coisas certas. O pecado mortal da União Soviética e das democracias populares foi essa formulação: “Estamos aqui para defendê-los. Não se preocupem”. Se as coisas são feitas sem a participação dos cidadãos no trabalho político, eles serão como que tutelados. Essa tutela adquirirá a forma de educação, mas você mesmo não participa da sua própria educação; educam você, não é você que se educa. E, sob outro ponto de vista, estão censurando você.

“JOSÉ SARAGAMO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

Enquanto não refundarmos a esquerda (quando?, como e com quais ideias?), todas as confusões são e serão possíveis.

“JOSÉ SARAGAMO: ‘ISRAEL ES RENTISTA DEL HOLOCAUSTO’”, EM JAVIER ORTIZ (ORG.), *iPALESTINA EXISTE!*, MADRI, FOCA, 2002 [ENTREVISTA A JAVIER ORTIZ].

Descobri agora que há em mim um comunista libertário. Uma simbiose que não busquei, mas à qual fui levado pelas circunstâncias. Em mim convivem dois inimigos considerados irreconciliáveis. Eu sou o lugar onde essas duas expressões políticas encontram harmonia.

“SARAMAGO E IL SUO CLONE ‘THRILLER OLTRE L’ANGOSCIA’”, *LA STAMPA*, TURIM, 25 DE FEVEREIRO DE 2003 [ENTREVISTA A MICHELA TAMBURRINO].

A esquerda está assim porque não tem ideias e, sobretudo, porque as guerras de amanhã não podem ser feitas com as armas de ontem. O que se fez com o marxismo é algo totalmente criminoso: glosar e glosar Marx e Engels interminavelmente, e sem acrescentar nada que fosse fruto de alguma reflexão. Encontramo-nos naquilo que eu chamo de um deserto de ideias.

“EN LA EIZQUIERDA HAY UN DESIERTO DE IDEAS”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 16 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A ALEJANDRO TOLEDO].

Sou um comunista libertário, uma pessoa que defende a liberdade de não aceitar tudo o que vem, e que assume o compromisso juntamente com três perguntas que devem sempre nos orientar na vida: por quê?, para quê?, para quem? Essas são as três perguntas básicas, e, efetivamente, você pode aceitar um conjunto de regras e acatá-las disciplinadamente, mas tem de manter a liberdade de perguntar: por quê?, para quê?, para quem?

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NO EXISTE ESO QUE LLAMAMOS DEMOCRACIA’”, *LA REPÚBLICA*, MONTEVIDÉU, 26 DE OUTUBRO DE 2003 (PUBLICADO INICIALMENTE EM *JUVENTUD REBELDE*, *CUBARTE* E *LA JORNADA*) [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Estive em Porto Alegre, no Fórum Social Mundial, e decidi falar ali sobre algo que me preocupa há muitos anos: a utopia. Se pudesse, apagaria o conceito de utopia não só das análises mas também da mente das pessoas. E não era uma provocação. A utopia produziu mais estragos do que trouxe benefícios para a esquerda. Em primeiro lugar, porque não se trata de algo que alguém espere ver realizado em vida. Nada disso. Fica sempre ali no futuro, em um lugar que não se sabe onde nem quando será. Uma utopia é um conjunto de articulações, de necessidades, de desejos, de ilusões, de sonhos. Se a pessoa tem consciência de que não se pode realizá-la em vida, qual é o seu sentido? Que segurança podemos ter de que daqui a 150 anos, quando nenhum dos que construíram essa utopia estará vivo, as pessoas

terão algum interesse em um projeto que não é o seu, que pertence a um passado? Continuar falando de utopia como um instrumento, digamos, do ideário, da ideologia da esquerda, me parece um atentado contra a lógica e o bom-senso.

“JOSÉ SARAMAGO: CUBA IRRADIA SOLIDARIDAD”, *JUVENTUD REBELDE*, HAVANA, 19 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

O comunismo nunca chegou a existir em nenhum país. A filosofia é o marxismo. Por que afirmo que o comunismo nunca existiu? No caso da União Soviética, inventou-se um capitalismo de Estado, não havia comunismo. Sem uma participação efetiva dos cidadãos na vida de seu país, não há comunismo, e os soviéticos não tinham essa participação [...]. As restrições à liberdade eram fortíssimas: não podiam viajar, não podiam sair, não podiam falar nem protestar.

“SARAMAGO: ‘LA GUERRILLA COLOMBIANA ES UN EJÉRCITO DE BANDIDOS Y NARCOTRAFICANTES’”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 14 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

Não é uma utopia. O comunismo é uma possibilidade.

“SARAMAGO: ‘LA GUERRILLA COLOMBIANA ES UN EJÉRCITO DE BANDIDOS Y NARCOTRAFICANTES’”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 14 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

Está muito claro para mim que a esquerda não se reconstruirá com os partidos socialistas de hoje. A esquerda tem de se reconstruir de outra forma, porque os partidos comunistas, aqueles que se mantêm como tais, sofrem, em muitos casos, de uma presença excessiva do passado. Estão condicionados por vícios mentais, conceitos de vida, interpretações de textos do passado. Neste momento, para a Europa, a ideologia carece de importância. Pretende-se conciliar o que é, por princípio, irreconciliável: a esquerda com a direita, reduzindo-as ao centro. Trata-se de uma operação mental e ideológica extraordinariamente habilidosa que conta com a cumplicidade de todos. Por isso, insisto em que, apesar daquilo que às vezes pode parecer um pouco fossilizado nos partidos comunistas que ainda se mantêm como tais, eles são indispensáveis para se preservar alguma ideia de esquerda, um futuro embrião de uma esquerda atualizada e moderna.

Mas não devemos confundir o que é atual e moderno com a conciliação entre opostos.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

Marx nunca teve tanta razão como hoje.

“MARX NUNCA TEVE TANTA RAZÃO COMO HOJE”, *EXPRESSO*, LISBOA, 27 DE OUTUBRO DE 2008 [AGÊNCIA LUSA].

Não se desculpa o que os regimes comunistas fizeram — a Igreja fez uma porção de coisas erradas, queimando pessoas na fogueira. Mas tenho o direito de manter as minhas ideias. Não encontrei nada melhor.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘I DON’T MAKE EXCUSES FOR WHAT COMUNIST REGIMES HAVE DONE. BUT I HAVE THE RIGHT TO KEEP MY IDEAS’”, *THE GUARDIAN*, LONDRES, 22 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MAYA JAGGI].

A decadência, em todos os aspectos, da União Soviética se deveu à separação entre o partido e o povo.

“NO ME HABLEN DE LA MUERTE PORQUE YA LA CONOZCO”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MANUEL RIVAS].

Desde muito novo orientei-me para a consciência de que o mundo está errado. Não importa aqui qual foi o grau da minha militância todos esses anos. O que importa é que o mundo estava errado, e eu queria fazer coisas para modificá-lo. O espaço ideológico e político em que eu esperava encontrar alguma coisa que confirmasse essa ideia era, é claro, a esquerda comunista. Para aí fui e aí estou. Sou aquilo que se pode chamar de comunista hormonal.

“A HUMANIDADE NÃO MERECE A VIDA”, *FOLHA DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE NOVEMBRO DE 2008.

Ressuscitar Marx? Não. Vivemos um outro tempo. É preciso algo mais imaginativo do que a simples indignação — que é legítima — para mudar as coisas.

“LA LUCIDEZ HA SIDO MI GRAN TABLA DE SALVACIÓN”, *CANARIAS 7*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 21 DE DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A VICTORIANO SUÁREZ ÁLAMO].

Os partidos de esquerda, que na verdade não o são, que há anos executam políticas neoliberais, são o rosto moderno da direita. A esquerda,

com algumas raras exceções sem muito peso no conjunto, se deu o luxo de fazer uma cirurgia plástica que mantém, mais ou menos, a sua fachada, mas nada mais do que isso.

“JOSÉ SARAMAGO”, *ÉXODO*, MADRI, N. 96, DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA À EQUIPE DE REDAÇÃO].

É claro que nunca fui aquilo a que se chama um militante disciplinado... Sempre achei que tinha uma opinião e que deveria expressá-la! E a prova está em que, por exemplo, quando fui presidente da Assembleia Municipal [em Lisboa, no ano 1989] — eu não sabia nada como era aquilo nem como se fazia — tive umas certas dificuldades em entrar e em encaixar-me naquilo.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

O pior foi que os partidos da esquerda descobriram de repente a pólvora, descobriram que deveriam aproximar-se do centro porque como esquerda não tinham nenhuma possibilidade de chegar ao poder, e se se aproximassem do centro e se passassem a chamar centro-esquerda ou centro-direita a coisa era mais fácil. E foi mais fácil. Porém o que aconteceu é que ao fazê-lo podem ter obtido resultados na práxis política mas perderam a alma.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

CIDADANIA

Saramago diagnosticava e ao mesmo tempo combatia as doenças que acometem a democracia identificando como um dos germes patogênicos desta a contração dos cidadãos e o abandono das responsabilidades cívicas, substituídos pelo desvio consumista, o individualismo e a preguiça não solidária da sociedade do bem-estar. Por isso, não hesitava na hora de colocar a cidadania no centro de uma administração pública apropriada e, conseqüentemente, na perspectiva da regeneração política. Desprovida da participação ativa de seus protagonistas, a democracia se torna um cerimonial sem nenhum conteúdo relevante. Os eleitores, costumava dizer, podem mudar governos — mas não têm capacidade para influir no poder real, que está nas mãos das corporações e organismos financeiros internacionais.

O autor de Ensaio sobre a lucidez atacava a redução do cidadão ao papel mecânico de eleitor — na prática, votar implicaria a renúncia posterior ao direito de intervir na pólis —, em um processo de deslocamento e desidratação democrática, paralelamente à burocratização do sistema. Tanto a intensidade da presença do mercado e da propaganda dos meios de comunicação quanto a delegação passiva de poderes aos representantes eleitos viciam o sistema e pulverizam aqueles que deveriam ser os seus verdadeiros protagonistas.

Assim, o escritor conclamava a que se assumam as responsabilidades cívicas, ao mesmo tempo que procurava estimular a adoção de uma atitude reflexiva que ajudasse a opor o pensamento, o envolvimento e a liberdade

de julgamento à alienação inerente ao cidadão que se vê reduzido ao seu papel de consumidor.

Há uma cultura que falta instalar, cultivar e desenvolver: a cultura da participação. Falo de participação entendida de maneira múltipla: política, social, cultural, de todos os tipos. A participação do indivíduo na vida, na sociedade, no seu país, no lugar onde está, em relação com os outros. Claro que a democracia, para viver e se desenvolver, necessita da participação, simplesmente existem modos de diminuí-la ao mínimo possível para ser considerado ainda um sistema democrático. Chama-se as pessoas a votar, para supostamente escolherem, e esquecemo-nos que, no momento de colocar o voto na urna, estamos a renunciar ao que deveria ser o exercício contínuo de poder democrático. Se tudo correr bem, voltamos quatro anos depois. Nesse espaço de tempo os representantes eleitos podem fazer tudo, incluindo o contrário das razões que levaram o cidadão a elegê-los.

O momento mais alto da expressão democrática é, simultaneamente, o momento da renúncia ao exercício democrático.

Falta, então, desenvolver a participação como cultura, por forma a lutar contra o espírito do “Quem vier atrás que feche a porta”. E quando deixar de haver porta para fechar!?

“JOSÉ SARAMAGO DEFENDE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*: ‘NÃO USAMOS RACIONALMENTE A RAZÃO QUE TEMOS’”, *A CAPITAL*, LISBOA, 4 DE NOVEMBRO DE 1995 [ENTREVISTA A ANTÓNIO RODRIGUES].

Criamos uma espécie de pele de jacaré que nos defende dessa agressão da realidade, que nos levaria a assumi-la, a inteirarmo-nos daquilo que se passa e a fazer o que no fim das contas se espera de um cidadão, que é a intervenção.

“SARAMAGO: ‘SI ESPAÑA VA BIEN, ES UNA EXCEPCIÓN, PORQUE EL MUNDO NO VA BIEN’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE ABRIL DE 1998 [REPORTAGEM DE ÁNGELES ARENCIBIA].

Assistimos ao que eu chamo de a morte do cidadão. O que temos no seu lugar, e cada vez mais, é o cliente. Hoje em dia, ninguém pergunta o que você pensa, mas sim que marca de carro, de roupa ou de gravata você usa e quanto ganha...

“GANAR EL PREMIO NOBEL ES COMO SER *MISS UNIVERSO*”, *EL MUNDO*, MADRI, 6 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A MANUEL LLORENTE].

Ninguém assume suas responsabilidades, muito menos os governos, porque não sabem, porque não podem, porque não querem ou porque isso não lhes é permitido por aqueles que realmente governam o mundo: as grandes empresas multinacionais, pluricontinentais, que detêm todo o poder. Não podemos esperar que os governos façam nos próximos cinquenta anos o que não fizeram ao longo dos cinquenta anos que hoje comemoramos. Que nós mesmos façamos com que nossa voz seja ouvida, com a mesma ênfase com que até o momento temos exigido o respeito aos direitos humanos. Tornemo-nos responsáveis por nossas obrigações como cidadãos, sejamos cidadãos comuns da palavra, e assim o mundo talvez poderia ficar um pouquinho melhor. Assumamos as responsabilidades que nos cabem.

“LA SOCIEDAD CIVIL, VOZ VEHEMENTE PARA MEJORAR EL MUNDO: SARAMAGO”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 11 DE DEZEMBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE PABLO ESPINOSA].

O que é curioso é que, ao mesmo tempo que nos ampliaram o conceito de cidadania, transformando-nos em cidadãos europeus, reduziram a quase nada o caráter participativo e efetivo que justifica que cada um diga de si próprio que é um cidadão.

CARLOS REIS, *DIÁLOGOS COM JOSÉ SARAMAGO*, LISBOA, CAMINHO, 1998.

A única alternativa a tudo aquilo que tem a ver com a vida social é a participação.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Ser cidadão em toda a sua plenitude, ou o melhor que se conseguir ser, assumir as próprias responsabilidades, os seus deveres e os seus direitos... Isso tudo dá muito trabalho.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

Quando digo que a democracia se suicida diariamente, perde espessura e se desgasta, diminuindo a sua densidade, estou a falar de um sentimento que nos afeta, a nós, cidadãos. Sentimos, e sofremos com isso, que não temos importância no modo como funciona a sociedade.

“A DEMOCRACIA OCIDENTAL ESTÁ FERIDA DE MORTE”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A ANA MARQUES GASTÃO].

Acredito que, para além da função que o livro deva ter ou não, o mais necessário em nossos tempos é que os cidadãos valorizemos a função do pensamento.

“CULTIVAR LA FUNCIÓN DE PENSAR ES MÁS IMPORTANTE QUE EL LIBRO”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 30 DE NOVEMBRO DE 2004 [ENTREVISTA A ARMANDO G. TEJEDA].

Na falsa democracia mundial, o cidadão está à deriva, sem a oportunidade de intervir politicamente e mudar o mundo. Atualmente, somos seres impotentes diante de instituições democráticas das quais não conseguimos nem chegar perto.

“DESVENTURAS EM SÉRIE”, *ÉPOCA*, SÃO PAULO, 31 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A LUÍS ANTÔNIO GIRON].

Confiaria muito na força da cidadania se ela quisesse se deixar convencer de que não há incompatibilidade entre o desenvolvimento econômico e social [de um lugar] e o espírito de sustentabilidade. Que não se coloque uma pedra sem se perguntar por que e quais serão as consequências futuras.

“ESCRITORES EN DEFENSA DEL LITORAL”, *EL PAÍS*, MADRI, 21 DE ABRIL DE 2007 [REPORTAGEM DE ELENA SEVILLANO].

O destino das revoluções é se transformarem no seu oposto. As revoluções acabam sendo sempre traídas, por uma razão muito simples: por causa da renúncia dos cidadãos a participarem [...]. A doença mortal das democracias é a renúncia do cidadão à participação. Os principais responsáveis somos nós mesmos, quando delegamos o poder a outra pessoa, que, a partir desse momento, passa a controlá-lo e a usá-lo [...].

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

NÃO

Para Saramago, dispor-se a dizer “não” constituía uma obrigação diante de uma realidade insatisfatória — que provoca mal-estar —, mas era, assim mesmo, também um direito. A negação recoloca o ser humano no espaço central de sua autonomia crítica, de usar a vontade de emancipação e de superação das condições adversas que limitam sua vida. Ela funciona como um instrumento essencial da liberdade, por meio do exercício da desobediência e da rebeldia. Se a pulsão do conhecimento está arraigada na natureza humana, se a exigência da verdade nos mobiliza, o homem conseqüente deverá, inevitavelmente, se envolver em busca da revelação daquilo que está oculto, desmanchando as sombras.

O questionamento dos grandes relatos oficiais e das ocultações em que se apoiam as diversas formas de poder, a exploração das estruturas invisíveis, para propor novas interpretações da vida e das relações humanas, faziam parte da consciência inquieta de José Saramago. Nesse sentido, o “não”, que ocupava lugar central em seu projeto pessoal e social, em sua ética da responsabilidade, trazia consigo o imprescindível inconformismo para debater as doutrinas consolidadas.

A dissidência saramaguiana não deve ser confundida com o mero negacionismo. Ancorada em seu pensamento insubordinado, possuía caráter transformador, mas também de exaltação da dignidade humana, constituindo-se em um ato de resistência. O prêmio Nobel alternava a negação com propostas alternativas, associando reprovação, criatividade e sugestão de novos caminhos. Sua coragem intelectual, em vigília

permanente contra a resignação, reverberava as palavras com que Octavio Paz interpelou a sua época: “Não há dúvida de que falta alguma coisa à literatura contemporânea. E essa coisa é a sílaba ‘não’, uma sílaba que sempre foi prenúncio de grandes afirmações”.

O autor de História do cerco de Lisboa contribuiu, a partir de seu ponto de vista, para acrescentar ao nosso tempo a negação de que este é tão carente. O escritor, formado no pensamento dialético, soube que os movimentos de negação e afirmação formam uma cadeia de sucessões e rotações sobre a qual se apoia o futuro das civilizações. Daí a sua insistência em deixar claro que a um “não” sempre se segue um “sim”, o qual será defrontado com um novo “não”: o fluxo permanente da vida e de nossa incansável convivência com a alternância e o conflito, que, no melhor dos casos, nos leva a intervir, a tomar partido nas disputas, assumindo a nossa condição integral como pessoas e cidadãos.

Ao poder, a primeira coisa que se diz é “não”. Não por ser um “não”, mas porque o poder tem de ser permanentemente vigiado. O poder tem sempre tendência para abusar, para exorbitar.

“JOSÉ SARAMAGO: A HISTÓRIA DO CERCO DE ESTOCOLMO”, *LUSITANO*, LISBOA, 15 DE MARÇO DE 1990 [ENTREVISTA A ANTÓNIO SOUSA DUARTE].

A palavra de que eu gosto mais é “não”. Chega sempre um momento na nossa vida em que é necessário dizer “não”. O “não” é a única coisa efetivamente transformadora, que nega o *status quo*. Aquilo que é tende sempre a instalar-se, a beneficiar injustamente de um estatuto de autoridade. É o momento em que é necessário dizer “não”. A fatalidade do não — ou a nossa própria fatalidade — é que não há nenhum “não” que não se converta em “sim”. Ele é absorvido e temos que viver mais um tempo com o sim.

“SARAMAGO: NOVO LIVRO QUESTIONA DEUS”, *FOLHA DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 31 DE OUTUBRO DE 1991 [ENTREVISTA A JAIR RATTNER].

Penso que não existe verdade definitiva, como algo que está ali e que é imutável. Podemos dizer hoje que uma coisa é verdadeira e desdizê-la na manhã seguinte. Assim, vamos acumulando supostas verdades sobre supostas verdades até chegar a um consenso pelo qual uma cidade, um país ou uma sociedade as reconhece como “verdades úteis” e passa a viver à sombra delas. É verdade, também, que, felizmente, mais cedo ou mais tarde aparece nesse consenso uma contestação, um “não” como aquele introduzido pelo revisor Raimundo Silva no romance *História do cerco de Lisboa*. Esse “não” do romance é o não de alguém que diz “basta”. Alguém que entende que os outros estão lhe contando uma história, mas uma história oficial.

“JOSÉ SARAMAGO — ESCRITOR: ‘NINGUNA VERDAD ES DEFINITIVA’”, *LA MAGA*, BUENOS AIRES, 30 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A MIGUEL RUSSO].

Quando os cruzados ajudam a tomar Lisboa, Raimundo Silva [personagem de *História do cerco de Lisboa*] decide dizer “não”. Acho que é sempre necessário introduzir esse “não”, pois o “sim” é a rotina, o “sim” é o costume, o “sim” é o “sim”. É verdade que, a determinada altura, o “não” se transformará em “sim”, mas quando isso acontecer será preciso colocar um novo “não”, para que nada fique como se fosse durar eternamente, pois

nada pode durar eternamente. Nem pessoas, nem animais, nem conceitos. Tudo muda.

“JOSÉ SARAMAGO, LA IMPORTANCIA DEL NO”, *LA ÉPOCA*, SANTIAGO DO CHILE, 15 DE OUTUBRO DE 1995 (PUBLICADO INICIALMENTE EM *EL PAÍS*, MONTEVIDÉU, SETEMBRO DE 1995) [ENTREVISTA A CHRISTIAN KUPCHIK].

A palavra mais necessária nos tempos em que vivemos é a palavra “não”. Não a muita coisa, não a uma quantidade de coisas que eu me dispenso de enumerar.

“A MAIS NECESSÁRIA DAS PALAVRAS”, *ZERO HORA*, PORTO ALEGRE, 12 DE ABRIL DE 1997 [ENTREVISTA A EDUARDO STERZI E JERÔNIMO TEIXEIRA].

Embora não sejamos donos da verdade, pois isso não existe, somos os que dizemos a palavra “não”. O “sim” é da rotina, está sempre por aí. Devemos sempre introduzir um “não” para confrontar o “sim”, que é o consenso hipócrita em que estamos mais ou menos vivendo.

“SARAMAGO SEGÚN SARAMAGO”, *REVISTA TRES*, MONTEVIDÉU, 18 DE SETEMBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE OMAR PREGO GADEA].

É importante dizer “não” a tudo o que está aí e que merecia ser eliminado. É preciso dizer não às coisas insuportáveis, como o fato de que há no mundo 225 pessoas que acumulam a mesma riqueza de que dispõem outros 2,5 milhões de pessoas. Não afirmo isso para que esqueçamos palavras como “família”, “solidariedade” ou “bem-estar”, mas é preciso estar atento e dizer “não” à fome, à intolerância, à desigualdade.

“LO MÁS IMPORTANTE DEL MUNDO ES SABER DIZER NO A LA INJUSTIÇA”, *ABC*, MADRI, 9 DE OUTUBRO DE 1998 [ENTREVISTA A DOLORS MASSOT].

Estou convencido de que é preciso continuar dizendo “não”, mesmo que seja uma voz pregando no deserto.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

O que de pior pode acontecer conosco é nos resignarmos à ignorância. É preciso aprender a voltar a dizer “não” e a se perguntar por quê, para quê e para quem. Se encontrássemos respostas a essas perguntas, talvez melhoraríamos o mundo.

“SARAMAGO, CONCIENCIA DE LANZAROTE”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 896, 22 DE SETEMBRO DE 2000 [REPORTAGEM DE MARÍA JOSÉ CONSTANZ].

Aquele que pensa sabe dizer “não”, e essa palavra constitui uma revolução, mas esse “não” tem um sentido quando se trata de um “não” coletivo, de uma vontade coletiva. Não obstante, todos nós sabemos que o “não” também se desgasta, se acomoda e se transforma pouco a pouco em um “sim”. Quando isso acontece, o único remédio é dizer “não” novamente.

“EL PENSAMIENTO CORRECTO ES UN VENENO SOCIAL”, *GARA*, SAN SEBASTIÁN, 22 DE NOVIEMBRE DE 2001 [REPORTAGEM DE JOXEAN AGIRRE].

A palavra mais importante é “não”, saber dizer “não” à injustiça, “não” à desigualdade.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Divergir é um direito que está e estará inscrito com tinta invisível em todas as declarações de direitos humanos do passado, do presente e do futuro. Divergir é um ato irrenunciável de consciência.

“SARAMAGO ACLARA QUE NO HA ROTO CON CUBA PERO SÍ CON EL GOBIERNO DE CASTRO”, *CUBAENCUENTRO.COM*, MADRI, 15 DE OUTUBRO DE 2003.

.

DEMOCRACIA

Eis um tema central e recorrente nas reflexões sociais e políticas do escritor português, fonte de um visível mal-estar. E motivo, também, de reiterados ataques formulados por meio de um discurso baseado em uma análise séria, que desaprovava o funcionamento das atuais democracias enquanto reivindicava um debate aprofundado, consciente de que se tratava de uma questão comumente considerada intocável. Sua elaboração crítica, que culminava com o questionamento dos sistemas representativos tal como os conhecemos, partia de duas premissas: o governo real do mundo por uma plutocracia e o caráter cerimonial dos sistemas baseados no sufrágio universal.

Partindo de seu repúdio às políticas neoliberais, Saramago atribuía a capacidade efetiva de autoridade às instituições financeiras, grandes corporações multinacionais e organismos como o fmi ou o Banco Mundial, isentos de procedimentos democráticos no que se refere à escolha de seus comandos e à tomada de decisões. Daí o seu interesse em enfatizar que as eleições servem para mudar governos, mas não para mudar o poder. A política, assim, se submete à economia e é por esta instrumentalizada, em uma relação de forças assimétrica que, no fundo, reduz os regimes de soberania popular a mecanismos formais hipertrofiados.

Em alguns de seus romances mais recentes — especialmente Ensaio sobre a lucidez e As intermitências da morte —, criou metáforas eloquentes não só para expor a deterioração das democracias, mas também para criticar, com acidez e desembaraço, sua natureza ilusória, sua sujeira e

seus desvios autoritários. A proposta alternativa que ele formulava se concretizou na necessidade de inverter a correlação de forças entre economia e política e em reforçar a ética e a justiça como eixos de um bom governo. Em suma, Saramago sugeria que se reinvente a democracia, levando-a à radicalização, ou seja, a acentuar o papel participativo dos cidadãos, chamados a se tornar protagonistas de seus espaços de vida e de convivência.

De um ponto de vista mais sistêmico, os comentários suscitados pela observação da política, das finanças, do mercado, do funcionamento dos meios de comunicação ou as relações entre realidade e aparência levaram suas análises sociopolíticas e focar a questão da natureza do poder.

Elucidar sua estrutura, regras, implicações, objetivos e meios, para além da imagem estática proporcionada pela fachada da ordem do mundo, transforma-se, em sua opinião, em tarefa incontornável para quem quer que queira compreender o que acontece, por que acontece, e em benefício de quem as coisas acontecem. A função intelectual de questionamento assumida nessa direção se torna, em si, um exercício de contrapoder, com independência em relação a qualquer um dos lados.

Como bom marxista, combinou suas reflexões políticas com a crítica da ordem econômica neoliberal, que, em sua opinião, constitui o poder real, fora de controle, apoiado em mecanismos de desregulação e práticas despóticas, configurando, na sua avaliação, um verdadeiro capitalismo autoritário. Saramago denunciou com tenacidade a substituição do cidadão pelo consumidor, o engajamento social pela alienação política, os direitos dos trabalhadores pela flexibilidade trabalhista e a economia monetária pela economia financeira, no contexto da teocracia do mercado. Essa visão crítica da sociedade de consumo foi por ele trabalhada, em termos literários, em A caverna.

Em resumo, o escritor estabelecia uma clara diferenciação entre poder formal e poder real, considerando que a democracia não é mais do que uma miragem de governo, uma fórmula subordinada. Da assimetria e da inversão entre política e economia derivariam, em boa medida, os desequilíbrios e injustiças de que padece a humanidade. Como se livrar dessa asfixia ubíqua e padronizadora? O escritor propôs a indignação, a participação cidadã e a construção de novas ideias capazes de articular consciências e democracias substanciais.

O grande mal que pode acontecer às democracias — e penso que todas elas sofrem em maior ou menor grau dessa doença — é viverem da aparência. Isto é, desde que funcionem os partidos, a liberdade de expressão, no seu sentido mais direto e imediato, o governo, os tribunais, a chefia do Estado, desde que tudo isto pareça funcionar harmonicamente, e haja eleições e toda a gente vote, as pessoas preocupam-se pouco com procedimentos gravemente antidemocráticos.

“É A TERCEIRA VEZ QUE SOU CENSURADO POR SOUSA LARA”, *PÚBLICO*, LISBOA, 10 DE MAIO DE 1992 [ENTREVISTA A TORCATO SEPÚLVEDA].

Um dos dramas do nosso tempo é que há um poder — o único poder que existe no mundo, que é o financeiro — que não é democrático! E as pessoas não reparam nisto, apesar de estarem sempre a falar em democracia. Tanto mais que sabemos que os governos, indireta ou diretamente, estão ali para executar políticas que não são as suas.

“UMA CERTA IDEIA DA EUROPA”, *EXPRESSO*, LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Falamos muito de democracia, mas o que é a democracia. Para os políticos, a democracia são as instituições, o parlamento, os partidos, os tribunais... Para os políticos, a democracia são as instituições, o parlamento, os tribunais, coisas que funcionam com eleições e com o voto. Mas não nos damos conta de que no mesmo instante em que coloca seu voto na urna o cidadão está realizando um ato de renúncia ao seu direito e ao seu dever de participar, delegando o seu poder a outras pessoas, que às vezes nem sabe quem são. A democracia pode ser apenas uma fachada sem nada por trás. Por isso, o cidadão deve fazer de sua participação cívica uma obrigação. Não diria que a democracia não é o menos pior dos sistemas políticos, mas digo, sim, que não é o melhor. É preciso inventar alguma coisa melhor, e não nos contentarmos com isso.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NUNCA ESPERÉ NADA DE LA VIDA, POR ESO LO TENGO TODO’”, *FARO DE VIGO*, VIGO, 20 DE NOVEMBRO DE 1994 [ENTREVISTA A ROGELIO GARRIDO].

Não devemos permitir que a democracia se transforme em um punhado de palavras retóricas.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC* (SUPLEMENTO *ABC LITERARIO*), MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

Nós, homens, não obtivemos a democracia, mas uma ilusão dela. É preciso dizer isso em voz alta, e seria bom que todos nós o disséssemos, em coro; não é possível continuar falando de democracia em um mundo onde o poder que realmente governa, o poder financeiro, não é democrático. Tudo o mais são miragens mais ou menos reais — os parlamentos, os governos —, mas o poder, em última instância, o poder que decide e determina os nossos destinos não é um poder democrático.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC* (SUPLEMENTO *ABC LITERARIO*), MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

Transformamos nossa democracia ocidental em uma espécie de superstição, estamos idolatrando-a e a exportamos para povos que não têm nenhuma tradição em relação a ela, implantando-a de maneira forçada, chegando, inclusive, a violentar suas culturas tradicionais. De certa forma, repete-se o que aconteceu com os colonizadores da América, quando os frades diziam aos índios: “Seus deuses são falsos, trago para cá o verdadeiro Deus”.

Ao afirmar isso, não estou me colocando contra a democracia em si, mas contra a democracia-armadilha, como instrumento do capitalismo, em que as próprias vítimas se transformam em cúmplices, seja pelo silêncio, seja pela renúncia à participação.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC* (SUPLEMENTO *ABC LITERARIO*), MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

A democracia não tem existência nem qualidade em si; depende do nível de participação dos cidadãos.

“LAS PALABRAS OCULTAN LA INCAPACIDAD DE SENTIR”, *ABC* (SUPLEMENTO *ABC LITERARIO*), MADRI, 9 DE AGOSTO DE 1996 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL DE PRADA].

Acho que é preciso continuar acreditando na democracia, mas em uma democracia que seja verdadeira. Quando digo que a democracia na qual vivem as atuais sociedades do planeta é uma falácia, não é para atacar a democracia. É para dizer que isso que chamamos de democracia não é realmente. E que, quando for, nós saberemos perceber a diferença. Não

podemos continuar falando de democracia no plano puramente formal, ou seja, que haja eleições, parlamento, leis etc. Pode haver um funcionamento democrático das instituições de um país, mas estou falando de um problema muito mais importante, que é o problema do poder. E o poder, embora seja algo trivial afirmá-lo, não se encontra nas instituições cujos membros elegemos. O poder está em outro lugar.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘QUIERO DARLE A LANZAROTE LO QUE ELLA ME PIDA’”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 752, 19 DE DEZEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A JORGE COLL].

O poder real não é democrático. Como podemos continuar nos satisfazendo com essa aparência de democracia? Isso tudo nos leva a algo surpreendente: um planeta de ricos. Não é que não haja pobres, mas sim que o critério será a riqueza, não o conhecimento, não a sabedoria, não a sensibilidade.

“SARAMAGO: ‘SI ESPAÑA VA BIEN, ES UNA EXCEPCIÓN, PORQUE EL MUNDO NO VA BIEN’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE ABRIL DE 1998 [REPORTAGEM DE ÁNGELES ARENCIBIA].

O problema é que continuamos a chamar de democracia uma coisa que já não o é. Quer dizer, se vivemos em um mundo onde a democracia política não caminha junto com uma democracia cultural ou uma democracia econômica, então o que nós temos não é uma democracia. Vejamos: quem são os que mandam no planeta? São os ministros? Os presidentes? Não, senhor, quem manda no mundo são os senhores George Soros, Bill Gates e as grandes corporações financeiras mundiais. A General Motors ou a Coca-Cola, por exemplo, não se submetem ao voto popular. Então, por que continuamos a falar de democracia? Se o poder está em outro nível, e os poderes econômicos e financeiros privilegiam, acima de tudo, as suas especulações, como podemos continuar falando em democracia? A democracia é algo que está fora das preocupações daqueles que realmente mandam neste mundo. Mais uma vez, precisamos ter um ponto de vista crítico, para não falar mais em democracia nesses termos.

“‘A LOS QUE MANDAN EN ESTE MUNDO NO LES IMPORTA LA DEMOCRACIA’, DICE SARAMAGO”, *PERFIL*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 17 DE JUNHO DE 1998 [ENTREVISTA A LEONARDO TARIFEÑO].

O que temos chamado de “poder político” converteu-se em mero “comissário político” do poder econômico.

“A GLOBALIZAÇÃO É UM TOTALITARISMO”, *Visão*, LISBOA, 26 DE JULHO DE 2001.

Vivemos uma situação em que na democracia, que, segundo a velha definição, é o governo do povo, para o povo e pelo povo, está ausente justamente o povo.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

Nas sociedades modernas, que chamam a si mesmas de democráticas, o grau de manipulação das consciências atingiu um patamar intolerável. Isso gera um sistema que só é democrático na forma.

“LA MANIPULACIÓN DE LAS CONCIENCIAS HA LLEGADO A UN PUNTO INTOLERABLE”, *EL CORREO*, BILBAO, 8 DE MARÇO DE 2003 [ENTREVISTA A CÉSAR COCA].

O grande problema do nosso sistema democrático é que ele permite fazer coisas nada democráticas democraticamente.

“BUSH ES EL HOMBRE DUPLICADO Y PERFECCIONADO DE AZNAR”, *EL CORREO DE ANDALUCÍA*, SEVILHA, 11 DE MARÇO DE 2003 [REPORTAGEM DE AMALIA BULNES].

A democracia está ali, como santa no altar, e nós só temos que nos ajoelhar aos seus pés e rezar para que cuide de nós [...]. Mas esta santa laica está coberta de chagas, cheira mal e ainda por cima é surda.

“DEMOCRACIA SURDA E ASSASSINA”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 20 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A DANIELA BIRMAN].

Sem democracia econômica não haverá justiça social, quando muito alguns paliativos, mas nenhuma solução que deixe os problemas resolvidos de uma vez para sempre. Acusam-me às vezes de querer tirar a esperança das pessoas e talvez seja certo. É que a esperança é como uma aspirina que alivia a dor, mas que não elimina a causa. E essa aspirina é distribuída em profusão àqueles que não estão interessados em procurar as causas. Pior ainda: mesmo conhecendo-as, se tornaram agentes ou cúmplices delas.

“SARAMAGO QUER ESCANDALIZAR”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 20 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

Sou um comunista defensor da democracia. Ela está aqui, há que aceitá-la, o que não impede de criticar, observar, analisar.

“A DEMOCRACIA OCIDENTAL ESTÁ FERIDA DE MORTE”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A ANA MARQUES GASTÃO].

Constatamos que o poder real não está nos palácios dos governos: encontra-se, sim, nos conselhos de administração das multinacionais que decidem a nossa vida. Todos sabemos isso, mas, em nome da nossa tranquilidade e consciência cívica, esforçamo-nos por acreditar que a democracia é apenas isto. Se se restringir ao que vemos no dia a dia, chamaremos-lhe outra coisa qualquer — “poder subalterno a outro poder”, por exemplo —, mas democracia não. Vivemos numa plutocracia, pois são os ricos que governam e vivem.

“DEMOCRACIA OCUPOU O LUGAR DE DEUS”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 27 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A SÉRGIO ALMEIDA].

A democracia não pode se limitar à simples substituição de um governo por outro. Temos uma democracia formal, mas precisamos de uma democracia substancial.

“SOY UN COMUNISTA LIBERTARIO”, *EL PAÍS*, MADRI, 26 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

Nós, cidadãos, temos todas as liberdades democráticas possíveis, mas estamos de mãos e pés amarrados porque podemos mudar o governo mas não podemos mudar o poder.

“SARAMAGO DESCONFÍA DE LA DEMOCRACIA POR SER ESCLAVA ‘DEL PODER ECONÓMICO’”, *EL CORREO*, BILBAO, 27 DE ABRIL DE 2004 [CORRESPONDÊNCIA DE SERGI OLEGO].

Os armários dos regimes democráticos também estão cheios de esqueletos.

“LA LUCIDEZ DE SARAMAGO”, *LA PRENSA* (SUPLEMENTO SEMANAL *LA PRENSA LITERARIA*), MANÁGUA, 1^o DE MAIO DE 2004 [REPORTAGEM DE PABLO GÁMEZ].

O problema fundamental é que acima do que chamamos de poder político existe um outro poder não democrático, o econômico, que determina do alto, permanentemente, a vida do poder que está embaixo. Creio que não se pode dizer, levemente, que vivemos numa democracia

quando essa democracia não dispõe de meios nem de nenhum instrumento para controlar ou impedir os abusos do poder econômico.

“EL PREMIO NOBEL JOSÉ SARAMAGO EN BOGOTÁ: INDIGNADO”, *REVISTA NÚMERO*, BOGOTÁ, N. 44, MARÇO-MAIO DE 2005 [ENTREVISTA A JORGE ORLANDO MELO].

Precisamos de trabalhar para acabar com as guerras, mas, antes de mais nada, temos de resgatar a democracia. É preciso usar o nosso direito de expressão, inclusive, se necessário, a desobediência civil.

“JOSÉ SARAMAGO: LA PRIORIDAD ES RESCATAR LA DEMOCRACIA”, *FORJA*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, JUNHO DE 2005 [REPORTAGEM DE MANUEL BERMÚDEZ].

O problema central hoje é a democracia, porque da sua reinvenção depende o nosso futuro como cidadãos. Se a democracia não for reinventada, continuaremos nessa farsa eleitoral periódica.

“EL PASO DEL GRAN PESIMISTA”, *SEMANARIO UNIVERSIDAD*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 30 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A VINICIO CHACÓN].

Se o medo, a apatia e a resignação serão uma constante nesse imenso rebanho da espécie humana, a democracia não tem nenhum instrumento para controlar os abusos do implacável poder econômico e financeiro, que comete crimes terríveis. Se não há instrumentos, como se pode continuar chamando isso de democracia? É uma democracia de mãos e pés amarrados.

“EL PASO DEL GRAN PESIMISTA”, *SEMANARIO UNIVERSIDAD*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 30 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A VINICIO CHACÓN].

Tenho uma visão bastante cética ao que chamamos de democracia. Na verdade, vivemos sob uma plutocracia, sob o governo dos ricos. Com o neoliberalismo econômico, certas alavancas que o Estado detinha para agir em função da sociedade praticamente desapareceram. Não se discute hoje a democracia com seriedade. Foram impostos tantos limites à democracia que se impede o desenvolvimento de outras áreas da vida humana. Veja o exemplo do Fundo Monetário Internacional. Trata-se de um organismo que não foi eleito pela população, mas que controla boa parte da economia internacional.

“TODOS OS MALEFÍCIOS DA UTOPIA”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 29 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

Aristóteles definiu que em um sistema democrático o Parlamento deveria ser composto por uma maioria de pobres e uma minoria de ricos. Hoje, penso que Aristóteles foi uma espécie de precursor do humor negro. “JOSÉ SARAMAGO: ‘IL FAUDRAIT RÉFORMER LA DÉMOCRATIE’”, *L’ORIENT LE JOUR*, BEIRUTE, 2 DE AGOSTO DE 2007 [ENTREVISTA A LUCIE GEFFROY].

Não, [a democracia] não está em perigo, mas está amputada, foi desencaminhada. Virou uma farsa. Os candidatos fazem uma promessa e logo depois a esquecem. Não é verdade que vivemos numa democracia. Estamos mergulhados numa plutocracia. E o cidadão é a primeira vítima dessa mentira generalizada. O que é a Guerra no Iraque se não uma grande mentira? Vivemos uma época em que se pode discutir de tudo, menos a democracia.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘IL FAUDRAIT RÉFORMER LA DÉMOCRATIE’”, *L’ORIENT LE JOUR*, BEIRUTE, 2 DE AGOSTO DE 2007 [ENTREVISTA A LUCIE GEFFROY].

Quando dizemos que é uma realização importante viver numa democracia, dizemos também que se trata de uma realização mínima, porque, a partir daí, começa a aparecer o que realmente faz falta, que é a capacidade de intervenção do cidadão em todas as circunstâncias da vida pública. Ou seja, fazer de cada cidadão um político. A liberdade de imprensa, a liberdade de organização política é o mínimo que devemos ter, pois a partir daí é que começa a riqueza espiritual e cívica do autêntico cidadão.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

IBERISMO

É bastante conhecida a vocação ibérica de Saramago, em contraposição ao seu ceticismo europeu. Consciente da diversidade regional que constitui a Península Ibérica, defendia a união de seu país com a Espanha sob uma perspectiva plurinacional de coesão territorial, econômica e administrativa, que respeitasse as singularidades culturais, sobrepondo-se às suspeitas existentes entre os dois Estados. Sugeriu, para essa nova entidade, o nome de Ibéria. Na sua opinião, essa seria uma evolução que poderia ser considerada relativamente natural e razoável do ponto de vista prático, pois recomporia o equilíbrio, no contexto europeu, o estatuto do novo espaço político surgido da fusão das duas nações, além de contribuir para melhorar as condições materiais de Portugal.

Suas posições controversas reaviveram o debate histórico sobre o iberismo dos séculos XIX e XX. Saramago sabia muito bem que a doutrina iberista transcende a dimensão estritamente política, atingindo razões de ordem cultural e linguística. Em A jangada de pedra, o autor desenvolveu metaforicamente essas ideias, com o objetivo pedagógico de distanciar a península da Europa, de exhibir um gesto de desafeto — “já que vocês não nos querem, então vamos embora” —, destacando, ao mesmo tempo, a vocação sulina desse território compartilhado. A deriva que ele assim sugeria configura-se como um grande símbolo de sua concepção transibérica: as possibilidades e obrigatoriedades de diálogo, de relação direta e fraternidade contraídos historicamente pela Península com a África e a América Latina. Trata-se, sem dúvida, de uma orientação que poderia

se transformar em uma força capaz, também, de favorecer um deslocamento meridional da Europa, como contrapeso à sua pulsão setentrional, ao mesmo tempo que teria um conteúdo reparador natural no que se refere às suas responsabilidades como ex-nações colonizadoras. Mas o tropo da jangada itinerante materializa sobretudo o reconhecimento de um grande território de afinidades e relações históricas, pois, como ele mesmo escreveu: “A Península Ibérica não pode ser entendida plenamente hoje fora de sua relação histórica e cultural com os povos ultramarinos”.

O futuro do futuro está no Sul.

“LA ISLA IBÉRICA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *QUIMERA*, BARCELONA, N. 59, 1986 [ENTREVISTA A JORDI COSTA].

Sim, acredito na existência de uma identidade cultural ibérica que a diferencie claramente do restante da Europa. Trata-se de uma unidade que não anula, ao contrário, confere-lhe uma coesão, a diversidade cultural específica de cada povo da península [...]. Creio que essas diferenças devem ser defendidas e preservadas, não quero que se imagine que eu defendo algum tipo de uniformização, mas, embora seja difícil racionalizá-lo, sinto que existe uma unidade, uma identidade cultural que perpassa essa diversidade, especialmente quando comparamos o que é ibérico com o restante da Europa. Penso na Península Ibérica como um reduto defensivo diante da invasão informativa e econômica vinda do Norte da Europa e dos Estados Unidos. A Península ainda conserva valores e referências culturais que acredito sejam suficientemente adequadas para preservar aquilo que constitui justamente as nossas diferenças. A Europa vive um período de paz generalizada, o que não quer dizer que não continue havendo uma guerra econômica e de informações [...]. Por isso, acredito que devemos nos defender, temos de nos armar culturalmente para preservar a nossa própria identidade cultural. É este o sentido que procuro atribuir à unidade cultural ibérica.

“SARAMAGO: ‘NUESTRA PENÍNSULA ES UN REDUCTO FRENTE A LA INVASIÓN INFORMATIVA DEL NORTE’”, *ABC*, MADRI, 7 DE JUNHO DE 1989 [ENTREVISTA A ANTONIO MAURA].

Há uma afinidade ibérica que pode funcionar. No plano político e cultural, uma reconsideração dos laços ibéricos não é para já, mas acabará por ser uma fatalidade. E não venham os nossos políticos dizer: “Espanha nunca”, porque caem em contradição. Não se pode dizer sim à Europa e não à Espanha com coerência.

“UMA CERTA IDEIA DA EUROPA”, *EXPRESSO*, LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Num quadro político diferente, por exemplo o de uma Espanha federativa, num espaço ibérico constituído desta maneira, Portugal teria a vantagem de representar nesse espaço um quinto da população.

“UMA CERTA IDEIA DA EUROPA”, *EXPRESSO*, LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Inventei para mim algo a que chamei transiberismo. Uma ideia que assenta no pressuposto seguinte: que existe na Península Ibérica uma vocação do Sul. Que sempre esteve latente mas que circunstâncias políticas, econômicas, geoestratégicas abafaram.

“DISCURSO DIRETO: AS PALAVRAS DO VIAJANTE”, *Visão*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998.

Cabe construir e fomentar um sentimento de iberidade cultural comum para toda a Península Ibérica [...]. Independentemente da existência de fronteiras entre Espanha e Portugal, é preciso compartilhar a ideia de um espaço cultural ibérico.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘HAY QUE CONSTRUIR UNA IBERIDAD CULTURAL COMÚN’”, *DIARIO DE CÓRDOBA*, CÓRDOBA, 27 DE OUTUBRO DE 1994 [ARTIGO DE C. DE MALVEOLO].

O transiberismo seria um conceito que vai além do iberismo tradicional, englobando os países de tradição ibérica na América e na África. Caso se conseguisse sua penetração entre os pensadores e os políticos, ele poderia chegar a ser a grande criação de uma época; mas, para isso, teríamos de ter uma visão histórica especial e decidida.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘HAY QUE CONSTRUIR UNA IBERIDAD CULTURAL COMÚN’”, *DIARIO DE CÓRDOBA*, CÓRDOBA, 27 DE OUTUBRO DE 1994 [ARTIGO DE C. DE MALVEOLO].

[*A jangada de pedra*] é consequência de um ressentimento histórico. E tinha de ser escrita por um português, não por um espanhol, pois os espanhóis conheceram outros horizontes. Esse português afirma aos europeus: já que vocês não nos querem, então vamos embora. Mas não faria nenhum sentido descolar a Espanha da Península; teríamos de ir juntos. Essa ideia de sairmos da Europa no momento em que se está criando uma comunidade europeia seria, dito dessa maneira, uma simplificação. A coisa é mais complexa. Espanha e Portugal têm mais possibilidades de diálogo do que a Europa: com a América Latina, com os países de África. Quando a Península Ibérica se distancia, nessa ilha, rumo ao Atlântico Sul, é como se fosse uma espécie de rebocador da Europa para o Sul, rumo a tudo o que o Sul implica, de confronto com o Norte, com a dualidade entre riqueza e pobreza, superioridade e inferioridade. Essa “jangada de pedra” é uma

metáfora que tenta expressar uma ideia: a do transiberismo, que não é um iberismo como o do século XIX e até mesmo do XX, da unidade política, que não seria mais do que uma outra fonte de conflitos. É a ideia de alguma coisa que nos pertence em comum: uma maneira própria de viver e de sentir, diferente da Europa, e que deveria nos aproximar. Não estou falando de união, mas de unidade, a unidade ibérica, que deveríamos levar conosco nessa “jangada de pedra”, nessa proposta de diálogo e de encontro.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Espanha e Portugal já deveriam ter se entendido há muito tempo. Da parte de Portugal, em um sentido que não fosse o dessa suspeita permanente da Espanha, essa desconfiança secular. Da parte da Espanha, deixando de lado essa espécie de complexo de amputação da parte lateral da Península. A verdade política é que somos uma península e dois países. Mas nos mantivemos distantes. Portugal, porque “o mal sempre veio da Espanha”. A Espanha, por esse “complexo de amputação”, porque sempre tratou de ignorar a nossa existência. Portugal não existe. Ou seja: de um lado está o temor; do outro, a indiferença, o ignorar o outro. Em consequência disso, hoje, precisamos resolver as questões que temos em comum, mas dentro de um marco mais amplo, que é o da Europa. Uma Europa que é um marco fundamentalmente administrativo. Assim, de uma hegemonia à moda antiga, baseada na guerra, teremos de aceitar passar para a hegemonia que provém do poder econômico.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Não tenho certeza de que Portugal existirá daqui a cinquenta anos. Vivemos um lento processo de decadência, com algumas poucas chamadas de entusiasmo, como a República ou a Revolução dos Cravos. Isso demonstra uma incapacidade de manter uma tensão elevada em favor da vida. Nossa mentalidade é de uma tristeza civil apagada, que pode não ser suficiente para nos mantermos. Pode ser que permaneçam os portugueses, como uma comunidade de pessoas que fala esse idioma, mas o Estado português poderá se desvanecer. Não faz muito tempo desapareceu um país chamado Iugoslávia. Continuaremos por aqui, é claro, mas as mudanças

geoestratégicas e econômicas podem nos levar a um grau de subalternidade inédito. Isso não está para acontecer de imediato, mas tem muito a ver com o papel pujante da Espanha como Estado, como um país vivo e em progressão. É natural que Portugal seja atraído para ela e se integre — com um altíssimo grau de autogoverno, com certeza — em um novo Estado ibérico. Estou apenas especulando, pois, pessoalmente, não sou contra nem a favor, mas digo que poderia até mesmo acontecer que, como Estado federal, junto com a Espanha, Portugal adquira uma importância que hoje não tem.

“LISBOA Y EL MUNDO, EN PALABRAS DE SARAMAGO”, *REVISTA DOMINICAL MAGAZINE*, BARCELONA, 8 DE JANEIRO DE 2006 [ENTREVISTA A XAVI AYÉN].

Não vale a pena armar-me em profeta, mas acho que acabaremos [Portugal] por integrar-nos. Culturalmente, não. A Catalunha tem a sua própria cultura, que é ao mesmo tempo comum ao resto da Espanha, tal como a dos bascos e a galega. Nós não nos converteríamos em espanhóis. Quando olhamos para a Península Ibérica o que é que vemos? Observamos um conjunto, que não está partido em bocados e que é um todo que está composto de nacionalidades, e em alguns casos de línguas diferentes, mas que tem vivido mais ou menos em paz. Integrados o que é que aconteceria? Não deixaríamos de falar português, não deixaríamos de escrever na nossa língua e certamente com 10 milhões de habitantes teríamos tudo a ganhar em desenvolvimento nesse tipo de aproximação e de integração territorial, administrativa e estrutural.

“NÃO SOU PROFETA, MAS PORTUGAL ACABARÁ POR INTEGRAR-SE NA ESPANHA”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 15 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A JOÃO DE CÉU E SILVA].

[Portugal] seria isso [uma província de Espanha]. Já temos a Andaluzia, a Catalunha, o País Basco, a Galiza, Castilla-La Mancha e tínhamos Portugal. Provavelmente [Espanha] teria de mudar de nome e passar a chamar-se Ibéria. Se Espanha ofende os nossos brios, era uma questão a negociar. O Ceilão não se chama agora Sri Lanka, muitos países da Ásia mudaram de nome e a União Soviética não passou a Federação Russa?

“NÃO SOU PROFETA, MAS PORTUGAL ACABARÁ POR INTEGRAR-SE NA ESPANHA”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 15 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A JOÃO DE CÉU E SILVA].

AMÉRICA LATINA

A natural vocação atlântica lusófona de Portugal, bem como a concepção transibérica que Saramago defendia para a Península Ibérica, projetando-a em direção à África e à América do Sul como espaços próprios de relações político-culturais, favoreceram o envolvimento do autor no universo latino-americano, onde sua obra e seu pensamento conhecem uma ampla divulgação. O sentido de suas opiniões políticas e a sensibilidade social que impregna os seus pronunciamentos estão totalmente relacionados com a penetração e a aceitação de seus romances e de suas ideias

Saramago se tornou um firme defensor dos direitos dos povos nativos, expondo a exclusão e a desigualdade de que são vítimas, reivindicando o respeito à sua dignidade e instando as autoridades do continente a “solucionarem a questão indígena”, do Rio Grande à Patagônia. Na sua avaliação, essa causa deveria constar como prioritária na agenda dos governantes da América Latina. Ela se vê, no entanto, condenada à insignificância e ao silêncio, e, por essa via, à invisibilidade. Expulsos da propriedade da terra há quinhentos anos, na opinião do prêmio Nobel de Literatura os indígenas têm sofrido um lento genocídio, com a eliminação de etnias, comunidades, culturas, idiomas e pessoas.

O autor de Levantado do chão, que se envolveu ativamente em favor do movimento zapatista de Chiapas, criticou as opressões discriminatórias, reivindicou a igualdade das mulheres, atacou a violência, rechaçou as atividades do narcotráfico — que considerava “um Estado dentro do

Estado” — e condenou os sequestros e assassinatos cometidos por grupos armados guerrilheiros como as Farc da Colômbia. Insatisfeito com a denominação de América Latina, que afirma a ascendência colonial, propôs como designação para o continente a fórmula geográfica crua de América do Sul, que considerava mais adequada em relação à diversidade da região.

Ao analisar a realidade política e econômica, o escritor destacou a influência negativa exercida pelos Estados Unidos em suas estratégias de controle e dominação, um fato que, na sua opinião, impede o livre desenvolvimento dos países. Quanto a Cuba, sempre manifestou sua simpatia pela Revolução e, de uma forma mais nuançada nos últimos anos, por seu líder, de quem, em abril de 2003, se distanciou publicamente, sem que esse distanciamento tenha se transferido também para o povo cubano — sempre que pôde, denunciou o bloqueio — ou para os ideais que orientaram o movimento revolucionário de 1958. Vários países — Brasil, Argentina, México, Colômbia, Venezuela, Guatemala... — mereceram comentários e reflexões de sua parte, além de sua fraternidade, opondo às falhas dos governos o desejo de que se respeite a sociedade civil e se avance na democracia econômica e na justiça social. De forma insistente, reiterou inúmeras vezes seu apelo a uma reação cívica por parte das comunidades, em cujo engajamento depositava sua confiança em que a América Latina poderia superar as limitações e as acentuadas desigualdades do presente.

São enormes as responsabilidades desta região da Europa [Portugal e Espanha] para com a América Latina, e estamos abrindo mão delas. Não teremos uma vida muito longa, do ponto de vista cultural, se não nos alinharmos com a América Latina. Não nos damos conta de que estamos ligados por alguma razão, que, no fundo, acredito que nos une tanto, a nós, espanhóis e portugueses. Nos liga tanto quanto nos liga à Europa. É como se a América Latina tivesse sido abandonada, enquanto esperávamos a sua queda completa para depois coletar os restos e impor a nossa própria lei. Agora, dentro do que estiver ao nosso alcance, nós, portugueses e espanhóis, deveríamos estimular o máximo possível o diálogo com a América Latina, por todos os meios, estando na Comunidade. Não poderemos ter políticas econômicas diferenciadas, nem de defesa, mas ainda resta um campo, que é o cultural. Temos de defendê-lo e, se abrirmos mão dessa tarefa, que, em termos de prioridade, deveria ser justamente a relação com a América Latina, então perderemos uma coisa que é aquilo que nos justifica, o nosso próprio lugar no mundo.

“SARAMAGO: ‘LOS VÍNCULOS DE PORTUGAL CON UNA ESPAÑA FEDERATIVA PROVOCARÍAN UNA REVISIÓN TOTAL DE LA RELACIÓN’”, *DIARIO 16* (SUPLEMENTO *CULTURAS*), MADRI, 11 DE FEVEREIRO DE 1989 [ENTREVISTA A CÉSAR ANTONIO MOLINA] [RECOLHIDA EM CÉSAR ANTONIO MOLINA, *SOBRE EL IBERISMO Y OTROS ESCRITOS DE LITERATURA PORTUGUESA*, INTRODUÇÃO DE JOSÉ SARAMAGO, EPÍLOGO DE ÁNGEL CRESPO, MADRI, AKAL, 1990, PP. 247-75].

Romper o cerco internacional que se está a fazer a Cuba é inadiável. Há uma hipocrisia mundial no que se refere a Cuba que é de fato vergonhosa, mas pelo menos aqui não há maneira de romper. É evidente, alguma coisa precisa ser feita, e logo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘A GENTE NÃO PODE CARREGAR CULPAS QUE NÃO SÃO NOSSAS. O DIÁLOGO HOJE É ENTRE VIVOS E NÃO ENTRE MORTOS E VIVOS’”, *BRASIL AGORA*, SÃO PAULO, 15-28 DE JUNHO DE 1992 [ENTREVISTA A IVANA JINKINGS].

Vejo [o continente americano] como um todo. Claro que existem os países — Argentina, Chile, Paraguai, Peru e outros —, mas vejo o continente como um território que deveria ser considerado como um todo.

“EN BUSCA DE UN NOMBRE”, *LA JORNADA* (SUPLEMENTO *LA JORNADA SEMANAL*), CIDADE DO MÉXICO, 8 DE MARÇO DE 1998 [ENTREVISTA A JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Se houve alguma vez na história da humanidade uma guerra desigual, nunca foi como esta [de Chiapas]. Trata-se de uma guerra de desprezo, de desprezo pelos indígenas. O governo esperava que, com o tempo, todos seriam eliminados, apenas isso.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, N. 129, MARÇO DE 1998 [TRANSCRIÇÃO DE JAVIER ESPINOSA].

[Os indígenas de Chiapas] sobrevivem alimentando-se de sua própria dignidade. Não têm nada, mas são tudo. Enfrentam a guerra com esse estoicismo que tanto me impressionou, um estoicismo quase sobre-humano que não aprenderam na universidade, que construíram durante séculos de humilhação. Sofreram como ninguém, e preservam aquela força interior, uma força que se expressa no olhar... O olhar daquele menino cuja vida foi destruída para sempre... é uma coisa que jamais desaparecerá de minha memória... Os olhares sérios, severos e retraídos das mulheres e dos homens... são algo que paira acima de tudo. Os indígenas não têm nada, mas são tudo. Como é possível que, depois de tanto sofrimento, esse mundo indígena ainda mantenha a esperança? Como consegue sorrir esse homem de Polhó que acaba de nos dizer: “Pode ser que amanhã nos matem a todos nós, mas, bem, ainda estamos aqui”? É algo que não consigo entender.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, N. 129, MARÇO DE 1998 [TRANSCRIÇÃO DE JAVIER ESPINOSA].

Acteal é um lugar da memória que não pode de modo algum desaparecer. Sabemos o que aconteceu e não queremos esquecer-lo. Chiapas é o corpo do México. A sociedade civil deveria admirar não apenas os índios, mas também aqueles que se levantaram em sua defesa.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, N. 129, MARÇO DE 1998 [TRANSCRIÇÃO DE JAVIER ESPINOSA].

Trago de Chiapas não apenas a recordação, mas também a própria palavra... Chiapas... A palavra “Chiapas” não estará ausente por um único dia de minha vida. Se temos consciência mas não a utilizamos para nos aproximar do sofrimento, de que ela nos serve?

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, N. 129, MARÇO DE 1998 [TRANSCRIÇÃO DE JAVIER ESPINOSA].

Na verdade, trata-se do seguinte: compreender. Compreender a expressão desses olhares [dos habitantes de Chiapas], a gravidade desses rostos, a maneira simples de estar juntos, de sentir e de pensar juntos, de chorar juntos as mesmas lágrimas, de sorrir com o mesmo sorriso. Compreender a forma como as mãos do único sobrevivente de um massacre se alçam como asas protetoras sobre a cabeça de suas filhas. Compreender essa corrente infindável de vivos e mortos, esse sangue derramado, essa esperança recobrada, esse silêncio de quem reivindica, há séculos, respeito e justiça, essa raiva contida de quem, finalmente, parou de esperar.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, N. 129, MARÇO DE 1998 [TRANSCRIÇÃO DE JAVIER ESPINOSA].

Se o escritor tem algum papel, este é o de incomodar, e Chiapas é um bom motivo para que nos incomodemos.

“SARAMAGO: ‘SI ESPAÑA VA BIEN, ES UNA EXCEPCIÓN, PORQUE EL MUNDO NO VA BIEN’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE ABRIL DE 1998 [REPORTAGEM DE ÁNGELES ARENCIBIA].

O Descobrimento não foi um diálogo de culturas, nem um encontro de povos, foi violência, depredação e conquista.

“SARAMAGO DESMASCARA O DESCOBRIMENTO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 27 DE SETEMBRO DE 1998 [PUBLICADO INICIALMENTE EM *EL PAÍS*, MADRI, INFORMAÇÃO DE FRANCESC ARROYO].

Um cidadão estrangeiro, José Saramago, que se emociona com o que acontece em Chiapas, como inúmeros cidadãos que vieram a este país, vem aqui porque quer expressar solidariedade. É isso uma ingerência? O escritor está sempre junto do cidadão.

“SARAMAGO VINO A MÉXICO PARA ‘TOMAR PARTIDO POR LAS VÍCTIMAS DE TANTAS HUMILLACIONES’”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 9 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE MÓNICA MATEOS].

Não há nenhuma dúvida quanto aos inconvenientes do partido único. Afirmo-o com todo respeito. Estive em Cuba algumas vezes. Conheço aquele povo, gosto da Revolução Cubana, admiro a Revolução Cubana. No Porto, na Cúpula dos Estados Ibero-Americanos, ao lado de Fidel Castro, afirmei: “O prêmio Nobel de 1998 está do lado da Revolução Cubana”.

Continuo dizendo-o. Mas isso não me impede de ser crítico, em alguns casos pelas mesmas razões que fui crítico em relação à União Soviética e, em outros, por razões específicas de Cuba. Porém, insisto: o que seria de Cuba hoje se não existisse o bloqueio? Podem dizer “isso não me interessa, isso não me interessa”. Como não interessa? Cuba é o único povo do mundo, o único país do mundo que sofre um bloqueio. E lá se vão quarenta anos.

“JOSÉ SARAMAGO — 21 DE AGOSTO DE 1999: CHARLA CON NOÉL JITRIK Y JORGE GLUSBERG EN EL MUSEO NACIONAL DE BELLAS ARTES, BUENOS AIRES”, *EL INTERPRETADOR: LITERATURA, ARTE Y PENSAMIENTO*, BUENOS AIRES, N. 12, MARÇO DE 2005 [INTRODUÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE FEDERICO GOLDCHLUK].

A América Latina está precisando de uma nova vibração. Não falo de revoluções, falo daquela vibração, do despertar de movimentos cidadãos, pois essa região já é adulta o bastante para se emancipar de seu grande tutor. Não podemos dizer apenas que somos vítimas, pois há cumplicidade também, e já existe a possibilidade de agir de forma livre, consciente... Temos problemas muito sérios porque não temos ideias. As pessoas podem se organizar, podem promover muitos movimentos, mas faltam ideias.

“SORPRENDE VISITA DE SARAMAGO A LOS PRESOS DE LA TABLADA”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 13 DE DEZEMBRO DE 2000 [TEXTO DE STELLA CALLONI].

O que me surpreende é a enorme insensibilidade, para não dizer algo mais forte. E me pergunto, também, que lugar ocupa nisso tudo a consciência cidadã. Por isso faço questão de deixar uma mensagem ao povo [argentino], para que tome consciência, já que há muitos casos que reclamam sua atenção, não apenas os dos presos de La Tablada, mas também aquilo que está acontecendo com muitas pessoas que são vítimas, como se é vítima do desemprego, por exemplo. Gostaria de lembrar que não se pode esperar que haja mortes, pois isso ficará guardado para sempre na consciência de todos, do governo, dos políticos, dos legisladores, de todos que nada fizeram para evitar isso tudo e fazer valer a lei.

“SORPRENDE VISITA DE SARAMAGO A LOS PRESOS DE LA TABLADA”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 13 DE DEZEMBRO DE 2000 [TEXTO DE STELLA CALLONI].

O zapatismo é, hoje, de modo muito claro, uma possibilidade de mudança em meio à presunção de um mundo dominado pelos grandes

consórcios mundiais que fizeram do consumismo e do sucesso a ideologia dominante.

“NO HAY MÁS REVOLUCIONES PORQUE YA NO HAY IDEAS: JOSÉ SARAMAGO”, *UNOMÁSUNO*, CIDADE DO MÉXICO, 26 DE FEVEREIRO DE 2001 [REPORTAGEM DE JORGE LUIS ESPINOSA].

O que o zapatismo propõe é a priorização absoluta do ser humano, seja este indígena ou não, diante de um modelo de crescimento que se esqueceu, justamente, do homem. E este desejo, que pode ser enunciado com tão poucas palavras, é uma tarefa gigantesca, que será um trabalho a ser realizado por muitas gerações.

“NO HAY MÁS REVOLUCIONES PORQUE YA NO HAY IDEAS: JOSÉ SARAMAGO”, *UNOMÁSUNO*, CIDADE DO MÉXICO, 26 DE FEVEREIRO DE 2001 [REPORTAGEM DE JORGE LUIS ESPINOSA].

Todos deveriam saber que os povos indígenas, não só do México, mas de toda a América, até o Sul do Chile, foram humilhados, explorados, reduzidos a uma condição quase sub-humana, abandonados à sua própria sorte.

“AQUÍ, EN LA SELVA, NACIERON IDEAS NUEVAS”, *PÁGINA/12*, BUENOS AIRES, 12 DE MARÇO DE 2001 [ENTREVISTA A JUAN GELMAN].

O que aconteceu, o que está acontecendo [com o zapatismo]? Pode-se falar de Marcos, sim, claro que sim, Marcos, mas não é apenas Marcos, trata-se de todo um espírito de resistência realmente surpreendente. A resistência dos indígenas sempre foi um fenômeno que talvez tenha aspectos incompreensíveis para nós, mas é, no fim das contas, a resistência de quem está em um lugar e quer continuar ali. Acredito que, para além dos levantes e das lutas armadas, existe algo muito mais forte: uma espécie de consciência que o indígena tem de si mesmo e seu sentido de comunidade. Cada um deles é um indivíduo, mas um indivíduo que não pode viver fora da comunidade, a comunidade é a sua força, e isso explica o fato de sua resistência ter gerado este momento que estamos vivendo.

“AQUÍ, EN LA SELVA, NACIERON IDEAS NUEVAS”, *PÁGINA/12*, BUENOS AIRES, 12 DE MARÇO DE 2001 [ENTREVISTA A JUAN GELMAN].

Marcos e os zapatistas merecem todo o crédito que lhes é conferido por uma longa resistência, uma coerência ideológica e política exemplar, um sentido de estratégia realmente notável: Marcos gerenciou os silêncios com

a mesma maestria com que gerenciou as palavras. Quando se dizia que não falava, que os meses estavam passando e ele nada falava, a palavra necessária sempre aparecia no momento certo, preciso e indispensável.

“AQUÍ, EN LA SELVA, NACIERON IDEAS NUEVAS”, *PÁGINA/12*, BUENOS AIRES, 12 DE MARÇO DE 2001 [ENTREVISTA A JUAN GELMAN].

Deve-se pôr um fim à falta de respeito de que padecem os indígenas da América.

“AQUÍ, EN LA SELVA, NACIERON IDEAS NUEVAS”, *PÁGINA/12*, BUENOS AIRES, 12 DE MARÇO DE 2001 [ENTREVISTA A JUAN GELMAN].

Não me distanciei da Revolução Cubana. Foi a Revolução Cubana que se distanciou de si mesma. Entendi que, dada a minha responsabilidade social, deveria fazer um pronunciamento [a carta aberta “Fico aqui”, publicada em *El País* em 14 de abril de 2003] e falar em meu próprio nome. Minha solidariedade com o povo cubano continua intacta.

“LA ARGENTINA DEBE OLVIDARSE DE SUS VIEJOS MITOS’, DIJO SARAMAGO”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 2 DE MAIO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DE SUSANA REINOSO].

O debate político na Argentina é sobre o passado, não sobre o presente. A mística nacional existente em relação a Perón e a Eva Perón não tem a ver com a realidade concreta atual.

“LA ARGENTINA DEBE OLVIDARSE DE SUS VIEJOS MITOS’, DIJO SARAMAGO”, *LA NACIÓN*, BUENOS AIRES, 2 DE MAIO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DE SUSANA REINOSO].

Os Estados Unidos têm muito claro que a América Latina é o pátio dos fundos deles.

“A DEMOCRACIA ESVAZIADA”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 10 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A MANYA MILLEN].

Esta América, volto a dizer, tem um problema, que é a questão indígena. E é como se nada acontecesse, como se se desejasse que o mundo indígena acabasse de uma vez para não ficar “incomodando” ou “impedindo” que isso aqui se torne um país mais capitalista, quando existem outras formas de se entender a questão. Fico surpreso ao não encontrar na mídia nada sobre a gravidade e a importância da problemática indígena, não só no México, mas em toda a América.

“EXISTE UN MURO DE SILENCIO SOBRE LO QUE PASA EN CHIAPAS, SOSTIENE SARAMAGO”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 15 DE MAIO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DE CÉSAR GÜEMES].

É preciso que surjam [na Argentina] novas gerações, com novas ideias, com novos valores. O desaparecimento de milhares de pessoas jovens, inteligentes e preparadas constitui uma ausência terrível para o país. A geração de esquerda, que hoje teria em torno de cinquenta anos de idade, desapareceu. Aqueles que poderiam formular essas alternativas não estão entre nós. Foram assassinados, torturados, desapareceram. Há um vácuo geracional. É necessário que a juventude compreenda que tem um espaço a ocupar. Um espaço que está vazio e que não pode ser entregue a vestígios do passado que gerenciaram o país como se fosse uma coisa deles.

“ARGENTINA NECESITA ALTERNATIVAS DE IZQUIERDA”, *2DO.ENFOQUE*, BUENOS AIRES, AGOSTO DE 2003 [ENTREVISTA A MARCIO RESENDE].

Eu não rompi com Cuba. Continuo sendo amigo de Cuba, mas me reservo o direito de dizer aquilo que penso, e de dizê-lo quando acho que devo dizê-lo.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NO EXISTE ESO QUE LLAMAMOS DEMOCRACIA’”, *LA REPÚBLICA*, MONTEVIDÉU, 26 DE OUTUBRO DE 2003 (PUBLICADO INICIALMENTE EM *JUVENTUD REBELDE*, *CUBARTE* E *LA JORNADA*) [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

O movimento indígena não é um perigo para a democracia. A democracia dos brancos é que é um perigo para as comunidades indígenas.

“JOSÉ SARAMAGO ES UN SUTIL PROVOCADOR EN LA DEMOCRACIA”, *EL COMERCIO*, QUITO, 22 DE FEVEREIRO DE 2004.

Afirmei em abril do ano passado [2003], após os fuzilamentos dos três cubanos que sequestraram uma balsa em Havana, que Cuba não ganhara nenhuma batalha heroica ao fuzilar aqueles três homens, mas que, sim, perdera a minha confiança, arranhara minhas esperanças e despedaçara os meus sonhos. Continuo pensando a mesma coisa. Afirmei que, a partir daquele instante, Cuba continuava o seu caminho e que eu ficava por ali. Até aqui eu vim, afirmei, e fico por aqui.

“EN COLOMBIA NO HAY GUERRILLAS SINO BANDAS ARMADAS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 28 DE NOVEMBRO DE 2004 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

Este genocídio lento contra os verdadeiros donos da terra americana [os indígenas] começou em 1492 e continua, implacável. Não me refiro apenas à Colômbia, mas também aos índios de Chenalhó, em Chiapas (México), ou aos mapuches do Sul. Fico desanimado diante da indiferença das pessoas em relação ao que acontece com os índios. É a marca deixada pelo colonizador. A continuar assim, um dia os índios da América estarão extintos, como se fossem uma espécie de animal que um dia desaparece, e as pessoas dirão: “Foi mais um crime, a ser somado aos outros crimes cometidos contra os índios”.

“EN COLOMBIA NO HAY GUERRILHAS SINO BANDAS ARMADAS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 28 DE NOVIEMBRE DE 2004 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

O conceito de guerrilha tem algum sentido de nobreza, quer dizer, cidadãos que se organizam para resistir ao invasor. Não acredito que seja este o caso na Colômbia. Aqui não há guerrilhas, mas sim bandos armados.

“EN COLOMBIA NO HAY GUERRILHAS SINO BANDAS ARMADAS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 28 DE NOVIEMBRE DE 2004 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

Na América Central, o problema da violência e da falta de segurança urbana é importante, mas esse tema não pode ser visto fora de seu contexto. Ele deve ser entendido a partir das condições sociais e econômicas vividas pela maioria nesses países e em todos os países pobres do mundo.

“JOSÉ SARAGAMO: LA PRIORIDAD ES RESCATAR LA DEMOCRACIA”, *FORJA*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, JUNHO DE 2005 [REPORTAGEM DE MANUEL BERMÚDEZ].

O tratado de Livre Comércio é mais um mecanismo por meio do qual os Estados Unidos pretendem dominar a América Central.

“JOSÉ SARAGAMO: LA PRIORIDAD ES RESCATAR LA DEMOCRACIA”, *FORJA*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, JUNHO DE 2005 [REPORTAGEM DE MANUEL BERMÚDEZ].

Quando treze por cento da Amazônia já está arrasada, sabemos onde pode chegar a loucura. Aliás, não é loucura nenhuma. É até tudo muito friamente calculado. Vivemos na lei do lucro. Ninguém está agora a preocupar-se com o destino do planeta. Sobretudo essa gente que corta árvores de uma forma indiscriminada na Amazônia, perante a impotência do governo brasileiro, que é seu proprietário.

“NÃO SABEMOS SE DENTRO DE CINQUENTA ANOS PORTUGAL AINDA EXISTE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 11 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

Sempre digo que: “Os indígenas pertencem ao continente, são os autênticos donos das terras”. Cometemos um crime imperdoável ao não pensarmos nisso todos os dias. Acredito que, se a América terá condições de se livrar das muitas situações difíceis e complicadas em que se encontra, talvez seja no dia em que se fizer uma imersão em seus povos indígenas, que são muitos: chiros, mapuches, quechuas, maias... Não me refiro à falsa ideia de que eles têm de integrar, pois essa é a linguagem do culto e do civilizado que diz: “Nós somos muito tolerantes, estamos dispostos a integrar você”. Mas e se eu não quero me integrar? Por que tenho de me integrar à força simplesmente porque uma parte da sociedade é mais poderosa? A integração, uma integração autêntica, implicaria que uma parte se integrasse à outra. Mas dizer: “Venha, que em seguida decidirei em quais condições permitirei que você entre”, isso não é integração.

“EL NOMBRE Y LA COSA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 2 DE DEZEMBRO DE 2006 [ENTREVISTA A ROBERTO DOMÍNGUEZ].

Ninguém se atreve a tentar resolver o problema indígena na América. Se amanhã isso explodir, então não venham dizer que não sabiam dele.

“EL NOMBRE Y LA COSA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *EL UNIVERSAL*, CIDADE DO MÉXICO, 2 DE DEZEMBRO DE 2006 [ENTREVISTA A ROBERTO DOMÍNGUEZ].

Haverá uma transição em Cuba. Esperemos que ocorra por obra apenas dos cubanos (os de dentro e os de fora), sem intromissões estrangeiras, diretas ou indiretas, com total respeito pela dignidade do povo cubano, demonstrada de modo exemplar pela Revolução e em todos os anos decorridos desde então.

“RETTIFICA: SARAMAGO ISRAELE E LA PALESTINA”, *LA REPUBBLICA*, ROMA, 3 DE JULHO DE 2007 [LEONETTA BENTIVOGLIO].

Talvez a chance de a situação [de violência] mudar esteja na intervenção da sociedade civil colombiana. O primeiro passo é sair da aparente apatia em que se encontra. Mexer-se, comover-se. No dia em que o território colombiano começar a vomitar seus mortos, talvez isso possa mudar. Não os vomitará materialmente, é claro, mas no sentido de dar importância a

esses mortos. Que se vomitem os mortos, para que os vivos não façam de conta que não está acontecendo nada.

“COLOMBIA DEBE VOMITAR SUS MUERTOS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 9 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A MARÍA PAULINA ORTIZ].

Eu não diria que em Cuba já se chegou ao comunismo, embora o país tenha avançado bastante nessa direção. Não sabemos muito bem como o comunismo de verdade se manifestará na prática, nem sabemos até onde ele pode chegar. Existe em Cuba, efetivamente, uma visão muito clara naquilo que ele poderia ser. Obtiveram-se melhoras sociais, ali existe um dos melhores serviços de saúde do mundo, a educação é excelente, não existe analfabetismo... Alguma coisa foi conseguida, mas não tudo.

“SARAMAGO: ‘LA GUERRILLA COLOMBIANA ES UN EJÉRCITO DE BANDIDOS Y NARCOTRAFICANTES’”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 14 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

Por sua culpa [da guerrilha], é espantoso como duas gerações foram perdidas na Colômbia. Sua existência não produziu nada além de morte, uma enorme quantidade de desaparecidos e 3 mil ou 4 mil sequestrados. Mesmo que fossem apenas pelos sequestros, a ação das Farc já seria condenável. Nenhuma guerrilha política vive de sequestros durante anos, e muito menos mantém pessoas sequestradas durante anos e anos. Isso não é lutar por ideais. E o pior é que já não conseguem viver de outra maneira. Em outros lugares, a guerrilha foi política e se integrou à vida do dia a dia. Aqui não.

“SARAMAGO: ‘LA GUERRILLA COLOMBIANA ES UN EJÉRCITO DE BANDIDOS Y NARCOTRAFICANTES’”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 14 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

A Colômbia tem todas as condições, sejam econômicas, sociais ou culturais, para se tornar um grande país; mas carrega consigo o câncer da guerrilha e o conformismo da sociedade. Provavelmente, quando no início de seu surgimento, havia um motivo: talvez libertar a Colômbia de um poder quase feudal, de caciquismos multimilionários. Mas ela se perverteu, a ponto de se transformar em um exército de bandidos, narcotraficantes e sequestradores. Eles empreendem uma ação que é desprezível sob todos os pontos de vista. Tenho pena da Colômbia. Há um povo culto que procura se

aprimorar com muita seriedade, com muita convicção. É um país que acredita que a cultura é realmente necessária, e não apenas um adorno, como um colar de pérolas. Se conseguir se libertar do horror da guerrilha, a Colômbia terá tudo para se tornar uma grande nação.

“SARAMAGO: ‘LA GUERRILLA COLOMBIANA ES UN EJÉRCITO DE BANDIDOS Y NARCOTRAFICANTES’”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 14 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

A sociedade civil colombiana não pode se limitar a ser espectadora de um desastre, de uma calamidade, do horror — que é o que está acontecendo no próprio coração da Colômbia. A sociedade civil precisa manifestar sua presença, seu repúdio, sua indignação, mas de modo concreto, como foi feito dias atrás com uma manifestação muito importante em favor de um acordo humanitário. Tomara que esse acordo se produza, que seja vitorioso e prospere, para salvar muitas vidas [...]. Na minha opinião, a sociedade civil colombiana tem de manifestar de forma visível e ativa a sua exigência de que haja uma solução, ou algo que se imponha à guerrilha mas também ao governo. A sociedade não pode ser uma espectadora, como se não tivesse nada a ver com o que ocorre.

“SARAMAGO: ‘LA GUERRILLA COLOMBIANA ES UN EJÉRCITO DE BANDIDOS Y NARCOTRAFICANTES’”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 14 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

É América Latina porque a chamaram assim, mas essa denominação não resiste à mais reles das análises. Em primeiro lugar, porque ignora deliberadamente a multiplicidade e a diversidade étnicas que compõem o mosaico sul-americano. Em segundo lugar, porque é imposta graças a uma manipulação linguística mais do que fantasiosa, que não passa de uma mal disfarçada nostalgia colonial. O único nome que seria neutro o bastante de modo a respeitar a realidade não apenas física mas também cultural e étnica da região seria América do Sul. Todos são americanos, sim, mas cada um tem a sua identidade, em termos pessoais e coletivos. Qualquer outra coisa fora disso seria falsear os fatos e suas intrínsecas e sempre problemáticas verdades.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Foram tantas as vezes que os enganamos [os índios], que eles perderam a confiança, se é que em algum momento eles chegaram a tê-la de forma plena. Optaram por uma desconfiança sistemática como uma maneira de sobreviver em um mundo que não quer entendê-los.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Embora eu seja dotado de alguma imaginação, não consigo ver um aimará do Peru, um totzil do México, um mapuche do Chile ou um afrodescendente de Angola colocando um xis em uma cédula identificando-se como ibero-americano, negando, assim, o seu passado, seus mortos e as vergonhosas humilhações de todo tipo que ainda se produzem. Assim como as carnificinas que ocorrem seguidamente. Não se pode pedir isso a um ser humano.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

O Brasil — salvo engano — está, ao mesmo tempo, dentro e fora da América. Não me atreveria a dizer que o Brasil seja um corpo estranho em relação ao conjunto dos demais países, mas não tenho dúvidas de que existe ali um problema de conhecimento, de necessidade mútua e de convivência que eles teriam de resolver.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

É muito fácil dizer, por exemplo, que a América do Sul precisa de consciência cívica como a boca precisa de pão; mas a consciência cívica não é uma panaceia, como um comprimido pode ser para um resfriado. Construir uma consciência cívica é um esforço de gerações, e, na minha opinião, essa tarefa não está muito bem adiantada. Milhões e milhões de pobres — como lhes falar em consciência cívica? O que vem a ser isso? —, desigualdades sociais terríveis, caciquismos pessoais e empresariais, corrupção em todos os níveis do Estado, drogas, narcotráfico... A única realidade é que a vida das chamadas classes humildes na América do Sul sempre foi um pesadelo.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Diante do fuzilamento de três rapazes [em Cuba, em 11 de abril de 2003], escrevi aquele texto [a carta aberta “Fico aqui” publicada em *El País* em 14 de abril de 2003]. Senti-me muito impactado. Convidaram-me, depois, para ir à ilha, eu aceitei, e, ali, reiterei meus argumentos contra a pena de morte. Poderia configurar uma ruptura, mas o fato é que os cubanos não queriam romper comigo, nem eu com eles, e então me admitiram, mesmo com essas críticas. Não estou de mal de Cuba. É como se tivesse tido uma divergência séria com alguém da minha própria família.

“SARAMAGO: ‘OBAMA NUNCA OLVIDARÁ LO QUE HAN SUFRIDO LOS SUYOS’”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 10 DE DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A XAVI AYÉN].

Lamento muito, mas o México é um país que não consigo entender. Um país com uma cultura extraordinária, uma potência material e espiritual, mas no qual, como ocorre nos outros países, tudo está contaminado pela corrupção: a polícia, as autoridades..., sem um movimento social e popular capaz de se manifestar com força. Se isso existisse, creio que os políticos teriam de fazer alguma coisa que fizesse justiça ao país. A esperança está em que ainda existe algo honesto, progressista e avançado. Espero que alguma coisa aconteça. Nos últimos anos, tem crescido o poder do narcotráfico, que envolve tudo. Existe, agora, um poder dentro do Estado e da sociedade mexicana, que é o narcotráfico. Enquanto esse mal não for eliminado, não sei o que vocês, que são quem sofre com isso tudo, poderão fazer.

“MÉXICO, UN PAÍS QUE NO LOGRO ENTENDER: SARAMAGO”, *MILENIO ON-LINE*, CIDADE DO MÉXICO, 31 DE JANEIRO DE 2009 [REPORTAGEM DE MAURICIO FLORES].

O poder tem seus riscos, e a oportunidade de um governo longo pode levar à constituição de uma casta do poder que perca a comunicação com o povo. Eu diria ao presidente [Hugo] Chávez para ficar atento com o poder, porque é preciso usá-lo para melhorar as condições sociais do povo venezuelano. [Não acredito] que possa ocorrer ao presidente Chávez, atenção; mas o presidente não está sozinho na condução da política na Venezuela; tem seus colaboradores, ministros, assessores. É aí que digo, cuidado, cuidado, pois o poder não precisa ser absoluto para corromper.

“JOSÉ SARAMAGO DICE A HUGO CHÁVEZ ¡OJO! CON EL PODER”, *EL INFORMADOR*, GUADALAJARA-JALISCO, 16 DE FEVEREIRO DE 2009.

Os índios na América do Sul, em qualquer país desde o México até o Chile, não são agentes da História. Povos que já ali estavam quando os europeus chegaram e que a partir daí foram vítimas das humilhações de todo o tipo, quando não se tratou do simples genocídio. Não são agentes da História, e a discriminação agora consiste em mantê-los nos seus lugares, não deixar que assumam aquilo que seria natural. Há uma integração que não é integração porque se for bem entendida tem dois sentidos, não só um.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Não quero dizer que o Brasil seja um corpo estranho na América, mas é outra cultura e outra língua, tem outros costumes e hábitos que mantiveram o país que está mas, ao mesmo tempo, não pertence àquilo. E o Brasil até agora não soube ou não quis deixar claro que não pertence àquilo por posição ou por natureza. Diz “estamos aqui e é aqui que vamos continuar a tratar das coisas e a trabalhar juntos”, embora isto seja um pouco retórico. Portanto, nas projeções que se possam fazer a partir da economia brasileira, sabe-se que tem condições para existir efetivamente e desempenhar lá um papel importantíssimo. Essas coisas só quando acontecem ou se confirmam é que as reconhecemos...

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

O grande problema está em que eles [os índios] não acreditam em nós. Nós podemos falar de solidariedade, falar disto e daquilo, daquelo outro, com bonitas palavras e bonitos conceitos mas eles não acreditam. Depois de quinhentos anos de engano levado ao último extremo, não acreditam em nós e há uma espécie de muro que não permite que cheguemos à consciência deles.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

EUROPA

Nos Cadernos de Lanzarote, Saramago registrou: “Sou um europeu cético que aprendeu todo seu ceticismo com uma professora chamada Europa”. Assim, de forma sintética e metafórica, expunha sua posição distanciada e crítica com relação à formação europeia, um desafeto que já vinha de longe, com um grau especial de beligerância durante a década de 80, mas também ao longo da de 90, ele foi conformando publicamente a sua reprovação ao processo de integração realizado no velho continente e ao papel que o seu país desempenharia nesse contexto.

Desde o início, alertou para as ameaças que se projetavam sobre as identidades nacionais, ao mesmo tempo que antecipava a limitação que se produziria às soberanias e o papel subalterno que Portugal eventualmente desempenharia, consideradas as fortes hierarquias definidas no seio da União Europeia. Mas sua desconfiança se estendia também ao próprio funcionamento interno comunitário. Denunciava a inexistência de uma política conjunta, de conteúdos sociais e de coesão estrutural, destacando a prioridade do caráter mercantil da associação.

Ao mesmo tempo que defendia as diferenças de caráter dos países ibéricos, singularizados, na sua visão, por um certo romantismo sonhador em contraposição ao senso prático do restante do continente, Saramago propugnava o deslocamento da Península para o Sul, invertendo a polaridade dominante do eixo Norte-Sul. Não obstante, o autor de A jangada de pedra assegurou que não deixaria de elogiar a Europa, caso ela, reconfigurada com base em uma nova mentalidade, se apresentasse como

uma entidade moral e cultural disposta a eliminar as lógicas de dominação e subordinação entre os seus integrantes.

Coletivamente temos de nos reentender para ver se conseguimos entender o que somos e iremos ser. Um futuro que não passa, com certeza, pela CEE. Nada temos a ver com a Europa. As tentativas de nos dissolverem na Comunidade Europeia, em termos culturais e econômicos, podem matar para sempre a nossa identidade.

“JOSÉ SARAMAGO: UM OLHAR QUE SE VIGIA”, *DIÁRIO DE LISBOA*, LISBOA, 30 DE OUTUBRO DE 1982 [ENTREVISTA A LOURDES FÉRIA].

Não somos [Portugal], e a Península Ibérica em geral não é, um país europeu. Não é por estarem ali os Pirineus, não é pela nossa aventura atlântica, que [não] devemos ver-nos europeus. Parece-me que não temos nada a ver com a Europa. Fomos, e penso que ainda somos, um país do Terceiro Mundo, num sentido não geopolítico, mas geocultural. Quase me apetece dizer que, quando houve a deriva dos continentes, esta parte dos Pirineus ficou agarrada à Europa por engano. Deveríamos ter agarrado não a América do Norte, mas as Antilhas. E penso que culturalmente a nossa afirmação futura vai se fazer mais pela via da autonomia em relação à Europa. Não como o Fernando Pessoa dizia — que o ibérico será a incivilização da civilização europeia —, mas como uma espécie de primeira nacionalidade, justamente a da autonomia em relação à Europa. Claro que todos já fomos levados a ler os Descartes e os Luteros. Geralmente, entendemos mal tudo isso, porque não somos em nada espíritos cartesianos. Somos é barrocos, e já o éramos antes que o barroco existisse. A expressão cultural do barroco, no plano da língua, da arte, tenho a impressão que se faz exatamente no Terceiro Mundo, não em culturas fatigadíssimas, quase esterilizadas, como são as que nos vêm neste momento dessa que se chama a Europa Ocidental.

“O DESCOBRIDOR DO MACONDO PORTUGUÊS”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 21 DE MAIO DE 1983 [ENTREVISTA A ARAÚJO NETO].

Eu não falo contra a Europa, falo sobre a Europa, às margens da Europa. Está bem, temos uma cultura, uma história, um direito em comum, acredito que Portugal sem dúvida faz parte da Europa, mais do que, por exemplo, a Dinamarca. Mas também tenho clareza de que a Europa, por ora, é apenas uma abstração ou uma mistificação: querem nos encher a

cabeça de lugares-comuns para esconder o fato essencial de que a Comunidade foi criada pelos e em função dos países mais ricos. Sinto-me manipulado. Não me parece que este seja o caminho de Portugal.

“ALLA PERIFERIA DELL’EUROPA”, *LA REPUBBLICA*, ROMA, 28 DE FEVEREIRO DE 1986
[ENTREVISTA A STEFANO MALATESTA].

O que pretendo dizer em *A jangada de pedra*, no fundo, é que a Península Ibérica tem uma identidade cultural muito profunda, muito caracterizada, que corre graves riscos no processo de integração à CEE. Esta situação é tão mais perigosa na medida em que a própria Europa não sabe exatamente o que ela mesma é [...]. Minha atitude não é isolacionista. Não se pode falar em isolamento nos nossos dias. Tampouco sou antieuropeu. Quero apenas destacar que nós, os povos da Península Ibérica, deveríamos nos comportar de acordo com os nossos laços. É evidente que temos raízes inicialmente europeias, mas não se pode esquecer as nossas segundas raízes históricas, que nos vinculam ao campo linguístico e cultural hispano-português da América Latina. Creio que os peninsulares deveríamos estabelecer vínculos mais fortes com essas regiões [...]. [*A jangada de pedra*] tem um objetivo: demonstrar que se existe uma vocação histórica no povos da Península, esta seria a de uma ligação profunda com os povos do campo cultural ibero-americano e ibero-africano. Este seria um grande projeto peninsular para o futuro.

“LA ISLA IBÉRICA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *QUIMERA*, BARCELONA, N. 59, 1986
[ENTREVISTA A JORDI COSTA].

A Península Ibérica pretende se ligar a um Norte que continuará a se orientar e dirigir por três potências médias — Alemanha, Grã-Bretanha e França —, enquanto os países restantes não teriam alterada a sua condição de satélites. No fundo, é isso o que define a política econômica da Comunidade. A CEE, em trinta anos, não conseguiu fazer outra coisa que não fosse tentar definir sua política econômica. Não existe uma política europeia. A própria organização econômica da Europa, como sabemos, é muito precária e, de qualquer forma, está orientada por essas três potências médias, sendo o restante apenas periferia. Creio que não devemos perder todos os vínculos com a Europa, mas devemos, mais, ir em busca do Sul.

“LA ISLA IBÉRICA: ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO”, *QUIMERA*, BARCELONA, N. 59, 1986 [ENTREVISTA A JORDI COSTA].

A atitude vital, o olhar profundo do povo ibérico não tem nada de europeu. Ele se volta, mais, para sua comunidade mais enraizada, ibero-americana e ibero-africana, do que para a Europa, essa pretensa unidade que, ademais, para além de um formalismo econômico, meramente superestrutural, não se sabe muito bem o que é.

“SARAMAGO: ‘LA CE, UN EUFEMISMO’”, *EL INDEPENDIENTE*, MADRI, 29 DE AGOSTO DE 1987 [REPORTAGEM DE ANTONIO PUENTE].

Para mim, o importante seria que as culturas da Europa se conhecessem até o último detalhe, que houvesse uma corrente cultural contínua passando de país em país. Mas o que se está fazendo é um amálgama que diluirá as diferenças para chegar a algo que possui um padrão. Qual é esse padrão? Ninguém me responde essa pergunta.

“JOSÉ SARAMAGO, UN DISCURSO SOLITARIO”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 13 DE OUTUBRO DE 1987 [ENTREVISTA A JOSÉ MARTÍ GÓMEZ E JOSEP RAMONEDA].

Penso que o que nos distingue da Europa [os ibéricos] — e nada tenho contra a Europa, não quero atacar ninguém, quero apenas me defender —, o que nos diferencia é uma certa capacidade de sonhar, um desejo de aventura, uma ingenuidade, um certo modo de ser ingênuo que nos afasta do sentido eminentemente prático que caracteriza a Europa.

“SARAMAGO: ‘NUESTRA PENÍNSULA ES UN REDUCTO FRENTE A LA INVASIÓN INFORMATIVA DEL NORTE’”, *ABC*, MADRI, 7 DE JUNHO DE 1989 [ENTREVISTA A ANTONIO MAURA].

Não diria que o Mercado Comum signifique, com o tempo, a morte da democracia política na Europa. Digo, sim, que a democracia política vai passar a estar condicionada pelos interesses e pela lógica desse mesmo sistema econômico, que não pode, sob pena de condenar-se a si mesmo, admitir veleidades de contradições dentro de si.

“A JANGADA DE SARAMAGO”, *VIDA MUNDIAL*, LISBOA, 7-14 DE JUNHO DE 1989 [ENTREVISTA A CRISTINA GOMES].

A coesão econômica e administrativa [da Europa] não deve afetar a esfera da cultura, pois isso significaria uma ausência de defesa acrítica.

Criar um amálgama cultural europeu suporia a aceitação de que uma das culturas prevaleça sobre as demais, tornando-se estes meros satélites. Ao contrário, as culturas respectivas são a única arma com que contamos para garantir a Europa da diversidade, da pluralidade.

“LOS NOVELISTAS EUROPEOS NO CREEN EN EUROPA PERO YA NO SUEÑAN CON AMÉRICA”, *ABC*, MADRI, 24 DE ABRIL DE 1993 [TEXTO DE ANTONIO PUENTE].

Sempre se falou da Europa como de um mercado com não sei quantos milhões de consumidores. Ninguém falou da Europa dos cidadãos que precisam de medicamentos, pensões de velhice dignas, assistência hospitalar, sistemas educativos modernos. É duvidoso que, em quarenta anos de construção europeia, nada na Comunidade aponte nesse sentido. Aquilo de que se fala é em reduzir os benefícios sociais. Se me é permitido, passamos do ideal do Estado-providência para o Estado-chulo.

“UMA CERTA IDEIA DA EUROPA”, *EXPRESSO*, LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Minhas opiniões são conhecidas, e nada do que está ocorrendo na Europa contribui para modificá-las. É uma nova forma de colonialismo — se um país não conta com uma política ou uma economia forte para competir com os outros, não tem remédio senão ser subalterno. Por isso não podemos ter ilusões nem o mundo aguardar maravilhosas produções culturais dos portugueses quando nos despojaram na União Europeia da nossa identidade. Nessa onda de europeização estamos deixando de ser o que somos, portugueses, espanhóis.

“AS FÁBULAS POLÍTICAS DE SARAMAGO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JANEIRO DE 1994 [ENTREVISTA A NORMA CURTI].

Não estou desencantado. Sou totalmente cético. A Comunidade [Econômica Europeia] é um conselho de administração de um espaço econômico, sobretudo econômico. E, como sempre acontece nos conselhos de administração, quem manda é quem tem mais ações. Cada membro desse conselho se senta sobre um pacote de ações e, quanto mais alto esse pacote, mais força e mais poder ele tem, pois possui mais ações. Embora nós — e aqui me refiro aos portugueses — nos sentemos ali, o fazemos como parte menor, porque a relação de poder e de força no interior da Europa se mantém. Dentro de poucos anos, a Europa será administrada pela Alemanha

e nós seremos apenas uma espécie de satélite do Bundesbank. E, embora essa relação de poder entre o forte e o fraco sempre tenha existido, muitos de nós temos lutado para que não seja algo escandaloso. Não falo da Espanha porque sou estrangeiro, mas em Portugal a agricultura que tínhamos, que era pobre, a mais atrasada da Europa, já recebeu o golpe definitivo.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘PODRÍA HABER SEGUIDO EN PORTUGAL, PERO NO AGUANTÉ’”, *CANARIAS 7*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 20 DE FEVEREIRO DE 1994 [ENTREVISTA A ESPERANZA PAMPLONA].

Em Portugal, na França, na Espanha, ninguém tem uma ideia clara do que é a Europa. Se existe alguém que tem alguma ideia do que é a Europa é a Alemanha, os seus novos senhores.

“SARAMAGO: ‘LOS POLÍTICOS NO SABEN HISTORIA’”, *ABC*, MADRI, 13 DE MAIO DE 1995 [CORRESPONDÊNCIA DE ANTONIO ASTORGA].

O que está muito claro é que dentro dessa Europa, supostamente unida, as relações de poder não se modificaram em nada; quem mandava antes continua mandando, e quem antes obedecia continua obedecendo a quem, historicamente, obedecia.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

É ingenuidade imaginar que a Europa é uma espécie de continente, particular e privilegiado, onde podemos resolver todos os problemas, e que o que ocorre à sua volta não tem influência sobre ele. O que acontecerá na Europa e no mundo nos próximos anos dependerá do que aconteceu em 30 de novembro [de 1999] em Seattle. Ali se disse até onde chega o poder das multinacionais, e até onde nós chegaremos. Aquilo que levou séculos para ser construído, como é a ideia de cidadania, de responsabilidade cívica, irá mudar radicalmente; nós todos nos tornaremos consumidores influentes. A soberania nacional já não passa de um papel molhado.

“ESCRITORES ANTE EL III MILENIO (I). JOSÉ SARAMAGO: ‘EL PROGRESO BENEFICIARÁ SÓLO A UNA MINORÍA’”, *EL MUNDO*, MADRI, 3 DE JANEIRO DE 2000 [REPORTAGEM DE PAULA IZQUIERDO].

A Europa não foi construída com base em sua riqueza mercantil. Quem a formou foi sua riqueza mental, intelectual, sua capacidade de criar. A

Europa não deve ter um futuro de mercadores, mas de criadores. Caso contrário, não haverá futuro para este continente.

“SARAMAGO, EL PESIMISMO UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Não gosto da Europa que está sendo construída, nem que os cidadãos, como meros espectadores do processo, estejam se tornando cúmplices de seus resultados.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Não é só o pensamento correto. Agora tudo está se transformando em correto. É preciso se comportar segundo normas que ninguém sabe quem definiu. Eu reivindico a diferença, mas estamos nos tornando cada vez mais iguais, no pior sentido, no sentido menos criativo e menos contestador, perdendo, assim, a capacidade de debater. Apesar de me sentir inserido na cultura europeia, não gosto do fato de a Europa estar se transformando em um império. Começo a desconfiar que tudo é igual, e me parece surpreendente que não nos demos conta de que, nessa Europa, dá na mesma que os governos sejam socialistas ou conservadores, ou, amanhã, até mesmo neofascistas. Enquanto isso acontece, as perguntas — por quê, como e para quê —, que deveriam estar todos os dias na boca dos cidadãos, não estão.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

A UE é um fato consumado. Há argumentos que eram válidos antes e hoje não vale a pena invocar. A questão é que, até agora, a única coisa que há da chamada Europa é uma moeda, nada mais — quando a moeda devia ser, provavelmente, a última coisa a instituir. O que vemos é cada país a defender os seus próprios interesses. E o que vai acontecer se energúmenos, ou pessoas que de democratas não têm nada, como o senhor Berlusconi, dominarem a UE? Como é isto de pessoas honradas, como muitas são, se sentarem à mesma mesa e darem palmadinhas nas costas às que não são honestas? Como é que países da UE se manifestam muito mais como “serventuários” dos Estados Unidos do que como membros de uma união que devia ter uma identidade, uma vontade de uma política própria? Dou

três exemplos: Espanha, Inglaterra e Portugal. A UEA tem sido um prolongamento dos Estados Unidos.

“O MUNDO DE SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 16 DE JANEIRO DE 2003 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

A Europa não está definida, não sabe o que é e, ao fim e ao cabo, é um projeto social que fracassou. [Cada país] está puxando para o seu lado.

“SARAMAGO: ‘LA NAVIDAD ES UNA BURBUJA CONSUMISTA QUE NOS AÍSLA DEL APOCALIPSIS’”, AGENCIA EFE, MADRI, 25 DE DEZEMBRO DE 2006.

Esta Europa a 27 vai ser uma dor de cabeça contínua. Não se resolveu nada em relação às exigências da Polônia, vai haver sempre conflitos — o que é normal — mas não há uma espécie de ideia europeia instalada na cabeça das pessoas que vivem neste continente e que estão dentro desta organização. Continuamos todos a ser o que somos, os tchecos, os eslovacos, os franceses, os italianos, os ingleses... Continuamos a ser exatamente aquilo que éramos — eventualmente com algumas mudanças — e cada um vai — para usar uma citação popular — na medida do possível puxar a brasa à sua sardinha.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

A Europa não tem uma ideia coerente de qual será o seu destino, avançou-se em ampliações absurdas fruto de situações e processos que não estavam realmente maduros e com essa fuga assustada para a frente e, como acontece tantas vezes com as pessoas que estão a ir em direção à ruína, persiste nessa política e nessa forma de viver porque não encontra outra.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

POLÍTICA

Militância e posicionamentos políticos estão na essência mesma da arquitetura ideológica de Saramago. Tanto a personalidade do escritor como a do cidadão habituado a intervir estão marcadas pela marca sociopolítica que determinava sua interpretação da realidade. Afiliado ao Partido Comunista Português (pcp), mostrava-se crítico em relação às formas que caracterizam o exercício do poder público e ao papel desempenhado pelos partidos. Justamente por causa do valor que atribuía à política na hierarquia das atividades substanciais dos seres humanos, reagia contra a sua submissão à economia, ao mesmo tempo que expressava seu desgosto diante da profissionalização dos cargos representativos. Nem mesmo a esquerda escapava de seu alvo. Ele criticava, nela, a incapacidade de se recompor com base em novos registros contemporâneos, a relação ruim que estabelece com o desempenho do poder, sua tendência destrutiva à fragmentação ou a perda de ideais de que padece.

Questionador severo da mundialização financeira e econômica, não cansou de se pronunciar incessantemente a respeito de seus efeitos mais perniciosos. Se a ordem produtiva mundial, amparada nas políticas neoliberais, adquire o comportamento de uma engenharia de exclusão, injustiça e desigualdade, que concentra a riqueza ao mesmo tempo que incrementa a pobreza, o autor de O ano de 1993 alertava para o fato de que ela constitui, também, uma permanente intromissão e uma agressão à democracia, limitando o seu real alcance.

Nesse novo rosto, de um modernismo tardio, do capitalismo, encarnado nas multinacionais, ele identificou uma nova forma de totalitarismo, que determina as políticas públicas, convertendo os governos em comissários do poder econômico. Diante das tendências uniformizadoras, costumava assinalar o paradoxo dos recuos das identidades e os fenômenos de atomização que surgem como contraponto, estimulados pela energia globalizante, enquanto lamentava o desaparecimento acelerado de culturas e da diversidade, como consequência das práticas de absorção e homogeneização inerentes a esse processo transfronteiriço. Sem deixar de usar da ironia, costumava dizer que, se conseguisse universalizar os direitos humanos, ele se tornaria o mais fiel partidário da globalização.

Se no romance Ensaio sobre a lucidez (2004) expôs, por meio de uma alegoria, sua desconfiança da democracia, nas declarações que dava com muita frequência à mídia ou em suas intervenções públicas pronunciava-se abertamente sobre os mais variados aspectos políticos. Sem evitar a expressão de suas opiniões em relação a assuntos domésticos quando visitava um ou outro país, sua voz foi ouvida em apreciações e avaliações que percorreram desde os riscos do nacionalismo e dos populismos até a descaracterização dos sindicatos, passando por inúmeras inquietações relativas à América Latina, Israel, União Europeia, o imperialismo norte-americano ou os conflitos armados na Palestina, nos Bálcãs e Oriente Médio. A dinâmica interna de seu país, também a dinâmica específica da Espanha ou a atualidade do dia a dia do mundo concentraram alguns de seus interesses e se tornaram objeto de seus comentários, dos quais fizeram parte o apoio a causas políticas humanitárias, pela paz ou contra o terrorismo.

Direto na comunicação de suas ideias, Saramago se pronunciou a favor do princípio de atuação em virtude de seus ideais humanistas e do universalismo de seu pensamento. Procurou se distanciar da demagogia e do sectarismo, ao mesmo tempo que expôs sua reprovação ao exercício da política institucional tal como é praticada atualmente, mas também o enfraquecimento e a dissolução das ideologias convencionais, construindo uma espécie de discurso higienista que reivindica a busca pela justiça social e o governo correto naquilo que é público como uma atividade essencial para o sistema vascular de toda a humanidade. O envolvimento

do cidadão direto na vida pública resultava, na sua avaliação, imprescindível para se forjar uma perspectiva de regeneração.

Quando a esquerda chega ao poder, não utiliza as razões pelas quais chegou ali. A esquerda deixa de sê-lo muitas vezes quando chega ao poder, e isso é dramático.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA FELICIDAD ES TAN SÓLO UNA INVENCIÓN PARA HACER LA VIDA MÁS SOPORTABLE’”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 25 DE FEVEREIRO DE 1986 [ENTREVISTA A JOSÉ MARTÍ GÓMEZ].

É verdade que sou contra qualquer espécie de nacionalismo como ideologia, mas não sou contra tudo — até sou a favor — o que se pareça com afirmação nacional.

“A FACILIDADE DE SER IBÉRICO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 8 DE NOVEMBRO DE 1986 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES, FRANCISCO BELARD E AUGUSTO M. SEABRA].

Não são os políticos os que governam o mundo. Os lugares de poder, além de serem supranacionais, multinacionais, são invisíveis.

“UMA CERTA IDEIA DA EUROPA”, *EXPRESSO*, LISBOA, 7 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Sem política não se organiza uma sociedade. O problema é que a sociedade está nas mãos de políticos profissionais.

“AS FÁBULAS POLÍTICAS DE SARAMAGO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 27 DE JANEIRO DE 1994 [ENTREVISTA A NORMA CURTI].

Pedem os nossos votos apenas para homologar uma porção de coisas, de cujas definições não participamos. Pedem-nos apenas os votos, e não que participemos. E a cada quatro anos comparecemos para votar, felizes, acreditando que estamos fazendo algo muito importante, mas o que é realmente importante já aconteceu no intervalo desses quatro anos. Com isso, não estou condenando os políticos, pois a política é uma coisa vital e todos nós temos de exercê-la.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘PODRÍA HABER SEGUIDO EN PORTUGAL, PERO NO AGUANTÉ’”, *CANARIAS 7*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 20 DE FEVEREIRO DE 1994 [ENTREVISTA A ESPERANZA PAMPLONA].

Se o mundo tivesse se mostrado indiferente apenas diante da guerra da Bósnia, poderíamos pensar que estava distraído; mas no Timor, em Angola,

em Moçambique realiza-se um genocídio constante e lento, e o mundo não quer saber dele... Acostumou-se com a carnificina.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL MUNDO SE ESTÁ QUEDANDO CIEGO’”, *LA VERDAD*, MURCIA, 15 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A GONTZAL DÍEZ].

Sarajevo é o símbolo da falta de sensibilidade generalizada. Temos muita informação, mortos destrozados saltam diante dos nossos olhos em plena hora do jantar, mas essa informação se esgota nela mesma; parece que nos damos por satisfeitos com o simples fato de ter a informação. Trinta anos atrás, aquilo que acontece em Sarajevo teria mobilizado milhares e milhares de pessoas. Hoje, ninguém abre a boca para protestar.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL MUNDO SE ESTÁ QUEDANDO CIEGO’”, *LA VERDAD*, MURCIA, 15 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A GONTZAL DÍEZ].

Da maneira como existem hoje, os nacionalismos são absolutamente insolidários. Em contrapartida, creio que o sentimento de pertencimento das pessoas, palavra que me agrada mais do que nacionalismo, é real, por mais irracional que possa parecer. Parece que a História demonstrou que todos nós precisamos ter algum lugar ao qual pertencer, e isso parece ser uma realidade. Um dos erros da esquerda, com seu conhecido internacionalismo, é achar que o nacionalismo é coisa de direita, quando na verdade não se pode apagar das mentes dos povos e das pessoas a sua cultura, sua religião, sua língua etc., por mais que isso, do ponto de vista racional, não tenha muito sentido.

“JOSÉ SARAMAGO, ESCRITOR: ‘QUIERO DARLE A LANZAROTE LO QUE ELLA ME PIDA’”, *LANCELOT*, LANZAROTE, N. 752, 19 DE DEZEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A JORGE COLL].

Continuo a acreditar que se uma pessoa não tem ideias ela não tem nada, e que não basta ter ideias em geral: é preciso ter uma ideia de mundo, uma ideia do homem, da sociedade, da relação entre as pessoas, que se orienta em um sentido ou em outro, conforme se esteja mais à esquerda ou mais à direita, com todos os erros da esquerda, com todos os seus crimes, com tudo o que de pavoroso aconteceu; mas, de toda forma, havia algo luminoso ali. Não quero dizer que na direita tudo seja escuridão, não é isso que estou dizendo; mas não quero que instalem à minha frente um ambiente cinzento, no qual é a tudo a mesma coisa.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

A ameaça constante de hoje é a de perder o posto de trabalho, e isso condiciona a atuação pública de muita gente, que se autolimita. Não menosprezo a tarefa dos sindicatos, mas eles não vão muito além de pedir meio por cento de aumento salarial, enquanto as multinacionais tomam conta de tudo.

“SARAMAGO EXPLICA QUE LA CAVERNA DE HOY SON LOS ESCAPARATES DE CENTROS COMERCIALES”, *EL PAÍS*, MADRI, 11 DE JANEIRO DE 2001 [REPORTAGEM DE MIGUEL ÁNGEL VILLENA].

Se toda política requer uma economia, a economia determina uma política; é isso que está acontecendo [com a globalização].

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Uma bala nunca é um argumento político.

“UNA BALA NO ES UN ARGUMENTO POLÍTICO: ETA ES NOCIVA E INÚTIL”, *DIARIO DE NOTICIAS*, SÃO SEBASTIÃO, 25 DE MARÇO DE 2002 [REPORTAGEM DE JOSEBA SANTAMARÍA].

A globalização econômica é um eufemismo para acobertar o sistema político que vem sendo imposto pelas grandes multinacionais: o capitalismo autoritário.

“UNA BALA NO ES UN ARGUMENTO POLÍTICO: ETA ES NOCIVA E INÚTIL”, *DIARIO DE NOTICIAS*, SÃO SEBASTIÃO, 25 DE MARÇO DE 2002 [REPORTAGEM DE JOSEBA SANTAMARÍA].

É preciso fazer um alerta no mundo inteiro para dizer que o que acontece hoje na Palestina é um crime que podemos conter. Podemos compará-lo ao que ocorreu em Auschwitz. É a mesma coisa, embora tenhamos sempre em mente as diferenças de tempo e lugar.

“LO QUE OCURRE EN PALESTINA PUEDE COMPARARSE CON AUSCHWITZ: SARAMAGO”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 26 DE MARÇO DE 2002 [TEXTO DA AFP].

O que está acontecendo em Israel contra os palestinos é um crime contra a humanidade. Os palestinos são vítimas de crimes contra a humanidade cometidos pelo governo de Israel com o aplauso de seu povo.

“SARAMAGO: ‘PALESTINA ES COMO AUSCHWITZ’”, *BBC MUNDO*, LONDRES, 30 DE MARÇO DE 2002 [ENTREVISTA A JOSÉ VERICAT].

Se a denominada comunicação social estivesse interessada em divulgar com verdade o que eu disse na Palestina [no dia 25 de março de 2002], teria de informar que não comparei os fatos de Ramallah aos fatos de Auschwitz, mas sim o espírito de Auschwitz ao espírito de Ramallah... Já era então patente a qualquer pessoa a quem a prudência não fizesse fechar os olhos. Não sendo a prudência uma das minhas virtudes, limitei-me a antecipar o que o exército israelita (esse que um grande intelectual judeu, o professor Leibowitz, no princípio dos anos 90, classificou como judeu-nazi) não fez depois mais que confirmar.

“ESCREVI O ROMANCE PARA RESOLVER O CHOQUE ENTRE UMA ADMIRAÇÃO E UMA REJEIÇÃO SEM LIMITES”, *PÚBLICO*, LISBOA, 27 DE MAIO DE 2002 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

O Holocausto é a grande e constante autojustificativa dos israelitas. Consideram que, por pior que possam fazer hoje a quem quer que seja, nada poderia ser comparado ao que eles sofreram. Em sua consciência patológica de povo escolhido, acreditam que o horror que sofreram os exime de culpa ao longo de séculos e séculos. Não dão a ninguém o direito de julgá-los, pois eles foram torturados, gaseados e incinerados.

Além disso, querem, ao mesmo tempo, que todos nós nos sintamos corresponsáveis pelo Holocausto e que expiemos a nossa suposta culpa aceitando sem retrucar tudo o que eles fazem ou deixam de fazer. Tornaram-se os especuladores do Holocausto, mas a verdade é que nem nós temos nenhuma culpa por aquela barbárie nem eles podem falar em nome das vítimas daquele horror.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ISRAEL ES RENTISTA DEL HOLOCAUSTO’”, EM JAVIER ORTIZ (ORG.), *iPALESTINA EXISTE!*, MADRI, FOCA, 2002 [ENTREVISTA A JAVIER ORTIZ].

Dois horrores impedem que os judeus se olhem no espelho: o de Auschwitz e o de sua própria consciência hoje.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ISRAEL ES RENTISTA DEL HOLOCAUSTO’”, EM JAVIER ORTIZ (ORG.), *iPALESTINA EXISTE!*, MADRI, FOCA, 2002 [ENTREVISTA A JAVIER ORTIZ].

A guerra dos Estados Unidos contra o Iraque não se justifica porque não foi provada nenhuma das acusações que se fazia ao país. E não vale dizer que os Estados Unidos interferiram no Iraque para acabar com um tirano, porque eles não interferiram em muitíssimos países onde foram responsáveis por colocar no poder os respectivos tiranos. Então vamos

acabar com essa hipocrisia. Sabemos muito bem que os Estados Unidos precisavam controlar o petróleo do Iraque. E não é só isso. É o controle de todo o Oriente Médio. Controlar a região significa abrir as portas para a Ásia, onde está um país chamado China, com o qual mais cedo ou mais tarde os Estados Unidos vão ter que se confrontar. De resto, essa formação do império americano começou a ser desenhada nos anos 20, depois da Primeira Guerra Mundial.

“A DEMOCRACIA ESVAZIADA”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 10 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A MANYA MILLEN].

Os judeus saíram do gueto, felizmente. Sofreram durante séculos perseguições de todo tipo. E agora, em vez de respeitar o sofrimento de seus antepassados, não fazendo outros sofrerem o que eles sofreram, repetem os mesmos excessos, os mesmos crimes, os mesmos abusos de que foram vítimas.

“SARAMAGO: ISRAEL NÃO MERECE SIMPATIA”, *O MUNDO*, SÃO PAULO, 4 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ADAURI ANTUNES BARBOSA].

Os políticos sempre têm de dizer que vão fazer mais do que aquilo que depois vão fazer. Às vezes os primeiros a ficarem surpreendidos são eles. Afinal, não podem fazer aquilo que gostariam de ter feito.

“NÃO PEÇAM MILAGRES’, DIZ SARAMAGO SOBRE LULA”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ADAURI ANTUNES BARBOSA].

Eu seria um péssimo governante porque seria o primeiro a duvidar daquilo que estivesse a fazer. E os políticos em geral nunca têm dúvida.

“NÃO PEÇAM MILAGRES’, DIZ SARAMAGO SOBRE LULA”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ADAURI ANTUNES BARBOSA].

O juiz Antonio Di Pietro disse um ano atrás [2002] que na Itália a corrupção política chegara ao fim. Como assim?, perguntaram-lhe. E ele explicou de forma muito clara: o poder econômico precisava corromper os políticos para que estes fizessem o que ele queria. Mas isso agora acabou, porque o poder econômico ocupou o poder político. Portanto, já não tem necessidade de corromper ninguém. Ele é o poder.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NO EXISTE ESO QUE LLAMAMOS DEMOCRACIA’”, *LA REPÚBLICA*, MONTEVIDÉU, 26 DE OUTUBRO DE 2003 (PUBLICADO INICIALMENTE EM *JUVENTUD REBELDE*,

CUBARTE E LA JORNADA) [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Se disserem amanhã que vão globalizar o pão, não haverá um globalizador mais entusiasmado do que eu. E se disserem — e dizem — que vão globalizar tudo o que milhões e milhões de seres humanos estão precisando para viver dignamente, então garanto-lhes que me tornarei um defensor fanático dela. Mas a globalização só está acrescentando miséria sobre miséria, fome sobre FOME, exploração sobre exploração.

“SOY UN RELATIVISTA”, *VISTAZO*, GUAIAQUIL, 19 DE FEVEREIRO DE 2004 [ENTREVISTA A LOLA MÁRQUEZ].

O poder tem destas coisas, vira os políticos como se eles fossem uma peúga. A primeira viragem chama-se pragmatismo, a segunda oportunismo, a terceira conformismo. A partir daqui, o melhor é deixar de contar.

“DEMOCRACIA SURDA E ASSASSINA”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 20 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A DANIELA BIRMAN].

Quando um político mente, ataca a base da democracia.

“JOSÉ SARAMAGO: CRÍTICA DE LA RAZÓN IMPURA”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 12 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A FLAVIA COSTA].

Por trás desta ideia aparentemente simples de uma globalização econômica se esconde — e hoje nem sequer se esconde — uma ambição imperialista que nos mostra os sonhos de poder dos Estados Unidos, o sistema capitalista que, finalmente, encontra um objetivo claro. A globalização econômica é uma arma nova de um projeto imperialista que passa, com certeza, por um novo tipo de exploração mundial.

“SARAMAGO: EL FSM NECESITA PASAR DE LA ETAPA DE REIVINDICACIÓN”, *APORREA.ORG*, CARACAS, 25 DE JANEIRO DE 2005 [REPORTAGEM DE ADITAL/KAOSENLARED].

Um partido de pobres nunca ganharia uma eleição, porque os pobres não têm nada para prometer. Quem faz promessas são os ricos, ou, mais exatamente, é o poder.

“A LUCIDEZ SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2005 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Se não mudamos, também não mudamos a nós mesmos; quer dizer: se não mudamos de vida, não mudamos a vida. Quando digo mudar de vida,

não é deixar de ser pedreiro para virar médico. Não se trata disso. É preciso mudar a forma de entender o mundo. O mundo precisa de ação, mas não se chega a uma ação sem que ela tenha sido elaborada pela mente. Um dos grandes males da nossa época é que não temos ideias, e parece que os políticos — e estou falando dos políticos de esquerda — não se dão conta de uma realidade: a direita não precisa de ideias; mas a esquerda, sem elas, não vai a lugar nenhum. Este é o problema.

“JOSÉ SARAMAGO: CUBA IRRADIA SOLIDARIDAD”, *JUVENTUD REBELDE*, HAVANA, 19 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

A fisionomia fascista dos Estados Unidos hoje é bastante completa. O que antes era um objeto mais ou menos disfarçado está hoje aí, exposto com clareza e plenamente.

“JOSÉ SARAMAGO: CUBA IRRADIA SOLIDARIDAD”, *JUVENTUD REBELDE*, HAVANA, 19 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

No fundo, a globalização é um totalitarismo *soft*, quer dizer, promete de tudo, nos vende a sua felicidade e cria necessidades que não tínhamos antes. É uma forma de domínio político, mas os cidadãos não se dão conta disso ou não encontram uma forma de reagir.

“NO SOY PESIMISTA, ES EL MUNDO EL QUE ES PÉSIMO”, *EL DIARIO MONTAÑÉS*, SANTANDER, 11 DE JULHO DE 2006 [ENTREVISTA A GONZALO SELLERS].

Creio que não vamos a parte nenhuma com a Aliança das Civilizações. A Aliança é uma boa ideia, generosa, mas é imprescindível um pacto de não agressão entre o islã e o cristianismo.

“SARAMAGO DEFENDE ‘PACTO DE NÃO AGRESSÃO’ ENTRE RELIGIÕES”, *PÚBLICO*, LISBOA, 29 DE SETEMBRO DE 2006 [CORRESPONDÊNCIA DE ALEXANDRA PRADO COELHO].

Espero o dia em que serão levados diante de um Tribunal Internacional os políticos e os militares de Israel responsáveis pelo genocídio do qual o povo palestino tem sido vítima nos últimos sessenta anos. Pois, como escrevi há alguns meses, “enquanto houver um palestino vivo, continuará o holocausto”.

“RETTIFICA: SARAMAGO ISRAELE E LA PALESTINA”, *LA REPUBBLICA*, ROMA, 3 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A LEONETTA BENTIVOGLIO].

Não vejo nada mais estúpido hoje em dia do que a esquerda. Sofre de uma espécie de tentação maligna, que é a fragmentação. Uns enfrentando os outros, em grupos, partidos, facções. Vivem em meio à confusão porque têm consciência de que o poder escapou de suas mãos. Existe em muitos uma tentação autoritária. Dos ideais já não resta nada.

“COLOMBIA DEBE VOMITAR SUS MUERTOS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 9 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A MARÍA PAULINA ORTIZ].

A direita nunca deixou de ser direita, mas a esquerda deixou de ser esquerda. A explicação pode parecer simplista, mas é a única que contempla todos os aspectos da questão. Para ser participantes mais ou menos tolerados nos jogos de poder, os partidos de esquerda correram todos para o centro, onde se encontraram inevitavelmente com uma direita política e econômica já instalada que não precisava se camuflar de centro. Entrou-se então na farsa carnavalesca de denominações caricaturais, como centro-esquerda ou centro-direita. Assim é em Portugal, na Itália, na Europa.

“LE PICCOLE MEMORIE”, *LA REPUBBLICA*, ROMA, 23 DE JUNHO DE 2007 [ENTREVISTA A LEONETTA BENTIVOGLIO].

Nunca afirmei que a esquerda se tornou definitivamente estúpida. Disse, sim, que não vejo hoje nada mais estúpido do que a esquerda. Por quê? Porque faz mais de cinquenta anos que ela não produz uma única ideia que se diga de esquerda, porque, inclusive quando parecia tê-las, não fazia mais do que requestrar ideias do passado sem se dar ao trabalho elementar de fazê-las viver sob a luz da atualidade e de suas transformações. A esquerda é estúpida, também, porque é incapaz de resistir à tentação mórbida que a leva a se dividir e se subdividir sem cessar. Quantas vezes será preciso dizer que a esquerda, se quer realmente sê-lo, não pode viver sem ideias?

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Os Estados Unidos são realmente odiados por uma parte do mundo e objeto de desconfiança e receio de outra. Ganharam tudo à força com suas torpezas e arbitrariedades, com sua soberba e sua insolência, com suas mentiras e seus abusos, com o seu *quero tudo e mando em tudo*. E agora se queixam. É preciso ser muito hipócrita.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Creio que Obama pode ficar como uma demonstração prática do poder da palavra. Porque aquilo que entusiasmou os americanos foi o uso da palavra. Não inventou nada, simplesmente restituiu à palavra a sua dignidade.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

O sindicalismo está domesticado, e essa foi a grande operação do sistema capital[ista]: a domesticação. E ao mesmo tempo nos dizem que somos livres — isso é o mais cruel.

“GARZÓN HIZO LO QUE DEBÍA”, *PÚBLICO*, MADRI, 20 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PEIO H. RIAÑO].

A participação política me deu algo muito importante, um sentimento solidário muito forte, a consciência de fazer parte da luta em favor da humanidade, com todas as sombras históricas que essa luta já conheceu.

“NO ME HABLEN DE LA MUERTE PORQUE YA LA CONOZCO”, *EL PAÍS* (SUPLEMENTO *EL PAÍS SEMANAL*), MADRI, 23 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MANUEL RIVAS].

Ninguém no mundo que se considere humano aprova o sequestro de pessoas para se atingir objetivos políticos

“SARAMAGO DESCALIFICA ‘REVOLUCIÓN’ DE LAS FARC”, *EL ESPECTADOR*, BOGOTÁ, 21 DE FEVEREIRO DE 2009 [ENTREVISTA A NELSON FREDY PADILLA].

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A biografia de Saramago inclui um capítulo relevante relacionado ao seus laços com a imprensa escrita, embora nunca tenha trabalhado estritamente como jornalista em uma redação. Entre 1968 e finais da década seguinte (1978), publicou inúmeras crônicas literárias e políticas nos jornais de seu país — A Capital, Jornal do Fundão, Diário de Lisboa, Extra... —, crônicas estas que, mais tarde, reuniria em cinco livros: Deste mundo e do outro (1971), A bagagem de viajante (1973), As opiniões que o DL teve (1974), Os apontamentos (1976) e Folhas políticas (1999). Se os três últimos títulos reúnem textos centrados em questões sociopolíticas, os dois primeiros são dedicados a compilar crônicas, gênero que o próprio autor valorizou e particularizou no contexto de sua obra: “As crônicas dizem tudo (e provavelmente mais do que a obra que veio depois) aquilo que sou como pessoa, como sensibilidade, como percepção das coisas, como entendimento do mundo: tudo isso está nas crônicas”. Além de escrever artigos, também dirigiu o suplemento literário do Diário de Lisboa (1973), em que atuou como editorialista; em 1975, após a Revolução, desempenhou a função de diretor-adjunto do Diário de Notícias durante oito meses (entre abril e novembro), em um período conflituoso que deixou cicatrizes tanto em sua memória pessoal como na de seu país.

Saramago, no entanto, nunca se considerou jornalista, apesar de atribuir ao seu contato profissional com a imprensa o fato de ter aprendido, nos momentos de censura, a escrever nas entrelinhas e a elaborar discursos premidos pela necessidade de economizar palavras. Por outro lado, desde

que, a partir dos anos 1980, sua crescente notoriedade como romancista o colocou no centro dos holofotes, viu-se constantemente procurado pelos meios de comunicação, dos quais se tornou, em boa medida, um ícone cultural contemporâneo, constituindo-se mais em objeto de atenção do que em sujeito.

No exercício do pensamento crítico que lhe era característico, o questionamento do jornalismo também encontrou o seu espaço. Saramago, que negava o mito da objetividade profissional, colocava em dúvida o suposto interesse em servir à verdade, expressando sua desconfiança em relação à informação que recebemos, filtrada, em geral, e moldada por interesses ocultos e sectários. Criticava, assim, a sua perda de credibilidade, o “camaleonismo” acomodado praticado por vários jornalistas, e aquilo que chamou de “concubinato” da cadeia de interesses formada pela mídia, política e poder econômico, da qual deriva a dependência dos órgãos de comunicação, transformados, hoje, em verdadeiras empresas. Suas críticas abrangeram a renúncia da imprensa à função crítica independente, sua suavização e o culto à banalização e ao espetáculo, a tirania das audiências, que fomentam fenômenos como o lixo televisivo, assim como, por fim, a desinformação causada pela superabundância de notícias de má qualidade. Em Ensaio sobre a lucidez o autor colocou algumas dessas questões no contexto da degeneração da democracia.

O pior é que está se formando um sistema no qual as pequenas coisas são as que ocupam mais espaços, a informação e a preocupação das pessoas. Os grandes temas aparecem diluídos, por trás, e nunca os vemos. “ENTREVISTA A JOSÉ SARAMAGO”, ALPHALIBROS, MENDOZA, 2000 [ENTREVISTA A JORGE ENRIQUE OVIEDO].

Estabeleceu-se e se levou a uma tendência de preguiça intelectual, e os meios de comunicação têm responsabilidade por essa tendência.

“SARAMAGO EXPLICA QUE LA CAVERNA DE HOY SON LOS ESCAPARATES DE CENTROS COMERCIALES”, *EL PAÍS*, MADRI, 11 DE JANEIRO DE 2001 [REPORTAGEM DE MIGUEL ÁNGEL VILLENA].

Há neste momento, e estabelecida de forma deliberada, uma atitude de não pensar, não criticar, não reagir; uma situação de acriticismo pela qual os meios de comunicação têm uma responsabilidade.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Há um problema no mundo que é o problema da informação, que estão controlando a informação. Hoje as palavras mais construtivas, as mais limpas que se pode pronunciar às vezes não chegam a parte alguma, porque a mídia se encarrega de fazer com que isso aconteça.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

É a dominação da grande empresa sobre os jornais e a relação de concubinato entre a grande empresa e o governo de plantão. Tudo isso forma uma cadeia de interesses cujo ponto final é o jornal. É normal que o jornal se limite a informar, sem correr riscos. Quando se arrisca, está suficientemente protegido para dar a opinião que convém ao poder. Às vezes arrisca, se tem a expectativa de que o poder será substituído. É a aposta no governo seguinte. Há sempre uma relação perversa nesse trinômio Estado-empresa-jornal. Pode-se dizer que, a rigor, já não existem jornais: o que há são empresas jornalísticas.

“ARGENTINA NECESITA ALTERNATIVAS DE IZQUIERDA”, *2DO.ENFOQUE*, BUENOS AIRES, AGOSTO DE 2003 [MARCIO RESENDE].

Dizer mídia, sem mais nem menos, é uma abstração. O que conta são os jornalistas, as pessoas. E essas são boas ou más, inteligentes ou estúpidas, honestas ou desonestas, como toda a gente. O pior jornalista é aquele que se comporta como um camaleão, sempre preparado para mudar de cor conforme o ambiente. A lógica empresarial das tiragens e das audiências convida inevitavelmente ao sensacionalismo, à manobra rasteira, ao compadrio, aos pactos ocultos. Não há muita política nas colunas dos jornais, o que há é muitos políticos. Ambições, em vez de ideias.

“SARAMAGO QUER ESCANDALIZAR”, *O ESTADO DE S. PAULO*, SÃO PAULO, 20 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A UBIRATAN BRASIL].

O que mais me custa a aceitar é o apetite camaleônico de alguns que os leva a adaptar-se com demasiada facilidade ao que lhe é imposto. Fiz jornalismo durante três anos. Recordo-me ainda da autocensura que éramos obrigados a fazer, por forma a fazer passar o que pretendíamos. Mas a situação ajudou-nos a escrever nas entrelinhas, o que não acontece hoje.

“DEMOCRACIA OCUPOU O LUGAR DE DEUS”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 27 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A SÉRGIO ALMEIDA].

Não se fala do cordão umbilical que une a imprensa às empresas. Nenhum jornal pode recusar publicidade, pelo que é certo que os jornais servem para vender clientes aos anunciantes, sejam os anúncios grandes ou pequenos.

“JOSÉ SARAMAGO QUESTIONA JORNALISMO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 31 DE JULHO DE 2004.

[O jornalista] é como um camaleão que tem de disfarçar o que pensa pela cor do meio onde trabalha. Na realidade gostaria de não ter opinião para que fosse menos doloroso mudar as suas ideias pelas dos outros.

“JOSÉ SARAMAGO QUESTIONA JORNALISMO”, *PÚBLICO*, LISBOA, 31 DE JULHO DE 2004.

Toda informação é subjetiva, e isso é inevitável. Subjetiva em sua origem, em sua transmissão e em sua recepção, pois há tantos entendimentos possíveis quanto receptores.

“LA CUADRATURA DEL CÍRCULO PERIODÍSTICO”, *EL PAÍS*, MADRI, 31 DE JULHO DE 2004 [TEXTO DE RAQUEL GARZÓN].

A superabundância de informação pode fazer do cidadão um ser muito mais ignorante. Explico-me: creio que as possibilidades tecnológicas para desenvolver a massificação das informações surgiram rapidamente demais. O cidadão não dispõe dos elementos e da formação adequados para saber escolher e selecionar, o que o leva a ficar perdido no meio dessa selva. É justamente nessa defasagem que se produz a instrumentalização em prejuízo do indivíduo e, portanto, a desinformação.

“CULTIVAR LA FUNCIÓN DE PENSAR ES MÁS IMPORTANTE QUE EL LIBRO”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 30 DE NOVEMBRO DE 2004 [ENTREVISTA A ARMANDO G. TEJEDA].

Muitas vezes os jornais são amplificadores, órgãos de propaganda ou pelotões de grupos de interesses vários, de caráter econômico ou político. O exemplo de Berlusconi é o mais flagrante. Jornais de autêntico debate, em que as opiniões se cruzem, já quase não há.

“A LUCIDEZ SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO”, *Visão*, LISBOA, 25 DE MARÇO DE 2005 [ENTREVISTA A JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS].

Acredito que, se há debate, as coisas podem ser mudadas, mas não podemos nos limitar a esses debates que às vezes aparecem nos meios de comunicação, pois se trata de uma coisa entre uma família determinada de comunicadores, jornalistas, políticos, que também, no fundo, acabam manipulando os conceitos.

“EL PREMIO NOBEL JOSÉ SARAMAGO EN BOGOTÁ: INDIGNADO”, *REVISTA NÚMERO*, BOGOTÁ, N. 44, MARÇO-MAIO DE 2005 [ENTREVISTA A JORGE ORLANDO MELO].

Se a única coisa que se oferece às pessoas é o lixo televisivo, escondendo-se delas outras coisas, elas acreditarão que não existe nada além desse lixo. Nessas circunstâncias, reina a audiência, e na disputa por ela aceita-se até mesmo matar a própria mãe. O meios de comunicação têm grande parte da responsabilidade por isso, embora seja necessário sempre perguntar quem é que movimenta os seus fios. Por trás há sempre um banco ou um governo. Um jornal independente? Uma rádio livre? Uma televisão objetiva? Isso não existe. Esta mistura, do lixo televisivo com os meios dependentes, faz com que a sociedade se encontre gravemente adoecida.

“NO SOY PESIMISTA, ES EL MUNDO EL QUE ES PÉSIMO”, *EL DIARIO MONTAÑÉS*, SANTANDER, 11 DE JULHO DE 2006 [ENTREVISTA A GONZALO SELLERS].

A imprensa é um perigo. Sobretudo quando não entende aquilo que se lhe diz.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ERAM TEMPOS, ERAM TEMPOS’”, *Visão*, LISBOA, N. 714, 9 DE NOVEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A SARA BELO LUÍS].

Os jornais são palavras. Não têm nada que ver com a realidade.

“O NOBEL É UMA INVENÇÃO DIABÓLICA”, *LER*, LISBOA, N. 70, JUNHO DE 2008 [ENTREVISTA A CARLOS VAZ MARQUES].

Não é raro que os meios de comunicação social alimentem o pior que a sociedade manifesta.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

O jornalismo contribui para formar a realidade que lhe convém, dar a imagem que lhe convém. Os dados que nos faltam aos cidadãos são tantos que as pessoas tendem a desinteressar-se do esforço para compreender o mundo em que vivem.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

O jornal que compramos todos os dias é, por assim dizer, uma fachada, não sabemos o que está por trás, que interesses levam a que uma vertente de um assunto seja mais desenvolvida e outras escamoteadas.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Os meios de comunicação devem denunciar, assumir sua parte de responsabilidade pela melhoria do planeta.

“SOÑAMOS QUE TENEMOS EL LIBRE ALBEDRÍO, PERO NO ES ASÍ”, *LA VANGUARDIA*, BARCELONA, 10 DE DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A XAVI AYÉN].

DIREITOS HUMANOS

No dia 10 de dezembro, por ocasião do banquete oferecido aos prêmios Nobel de 1998, após a entrega oficial da medalha, o escritor dedicou seu discurso à denúncia da falta de cumprimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos por parte dos governos, coincidindo com o quinquagésimo aniversário da Carta. Sem dúvida, um gesto que enfatiza seu interesse em colocar o assunto em um lugar relevante de sua agenda crítica, mas também em transmitir sua preocupação com a vulnerabilidade e a miséria em que se desenvolve a vida de milhões de pessoas, diante da passividade do mundo.

Para Saramago, os direitos humanos constituíam um binômio inseparável dos deveres humanos e representavam a outra face da moeda da democracia. Deslocando a questão da grave falta de atenção para com a Declaração para a responsabilidade dos indivíduos e das instituições, ele assinalava que a satisfação de nossas obrigações éticas exigiria fazer frente às dilacerantes consequências da insolidaridade, da desigualdade, da injustiça e da privação de liberdades existentes nos cinco continentes, sob graus e formas diferentes.

O autor de Objeto quase dirigiu suas críticas, especialmente, às autoridades, por sua hipocrisia, mas também aos cidadãos, cujo silêncio cúmplice ele desaprovava, instando-o, ao mesmo tempo, a se rebelar diante do sofrimento, a abandonar a indiferença. Saramago expôs sua beligerância contra uma situação de fracasso que julgou calamitosa e incongruente com a desejável dignidade das democracias ocidentais.

Defendeu, por isso, a ideia de que a globalização neoliberal é incompatível com os direitos humanos, como provaram a fome, a exclusão, as desigualdades, a dominação e a violência que castigam o mundo.

De modo proativo, sugeria à esquerda que a orientação de qualquer programa político progressista já estava contida na Declaração, que, se executada, seria em si mesma um projeto suficiente de garantias e de restauração da justiça. A regeneração da democracia e o respeito aos direitos humanos constituem, na sua avaliação, os dois objetivos estratégicos deste século para a humanidade.

Todo mundo fala de direitos, mas ninguém fala de deveres. Talvez não fosse má ideia inventar um Dia dos Deveres Humanos.

“SARAMAGO: ‘QUIZÁS ESTEMOS NECESITANDO UNA NUEVA DEFINICIÓN DE LOS DEBERES HUMANOS’”, *ABC*, SEVILHA, 11 DE DEZEMBRO DE 1993 [TEXTO DE PILAR GARCÍA].

Para mim, é muito claro que, entre os direitos humanos de que se fala tanto, existe um que não pode ser esquecido: o direito à heresia, a escolher outras coisas.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘TENGO DERECHO A ESCRIBIR SOBRE LO QUE ME DÉ LA GANA’”, *El MERCURIO*, SANTIAGO DO CHILE, 26 DE JUNHO 1994 [ENTREVISTA A BEATRIZ BERGER].

A filosofia deveria ser incluída entre os direitos humanos, e todas as pessoas teriam direito a ela.

“O SOCIALISMO É UM ESTADO DE ESPÍRITO”, *A CAPITAL*, LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 1997 [ENTREVISTA A ANTÓNIO RODRIGUES].

O que eu temo, e acho que isso já está acontecendo, é que entremos em uma era em que os direitos humanos, do ponto de vista formal, sejam restringidos, plasmados; mas que, no fundo, estejamos sendo condicionados pela invisibilidade pública, pela burocracia total... Quer dizer, quando estou em Tóquio e compro alguma coisa pagando com cartão de crédito, alguém fica sabendo o que eu adquiri e é óbvio que em dois anos terá o meu perfil completo de consumidor. Creio que a intimidade está se acabando, e tudo isso pode nos levar a uma ditadura que não tem a mesma face da outra, que era evidente, terrível, mas que, por outro lado, sabíamos onde estava e isso nos possibilitava lutar. Esta, no entanto, não é assim... Não nos enganemos.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘TEMO QUE LOS DERECHOS HUMANOS QUEDEN CONDICIONADOS POR LA BUROCRACIA TOTAL’”, *REVISTA DOMINICAL MAGAZINE*, BARCELONA, 10 DE MAIO DE 1998 [ENTREVISTA A JAVIER DURÁN].

Fala-se de direitos humanos, e tudo bem, é preciso continuar falando nisso, mas falamos muito pouco dos deveres humanos. Deveres de quê? Principalmente de solidariedade. Do respeito humano, sobretudo. Estamos nos esquecendo que os direitos devem estar ao lado dos deveres. Quando falo em “compromisso ético” e “compromisso crítico”, estou falando de se assumir a necessidade de falar sobre isso.

“‘A LOS QUE MANDAN EN ESTE MUNDO NO LES IMPORTA LA DEMOCRACIA’, DICE SARAMAGO”, *PERFIL*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 17 DE JUNHO DE 1998 [ENTREVISTA A LEONARDO TARIFEÑO].

Quando relemos a Declaração [dos Direitos Humanos], chegamos à conclusão de que tudo aquilo não passa de papel molhado... Nada é cumprido. A Declaração foi assinada por representantes de todos os países, mas esses mesmos países não aplicam os princípios da Declaração.

“EL HOMBRE SE HA TRANSFORMADO EN UN MONSTRUO DE EGOÍSMO Y AMBICIÓN”, *EL CRONISTA*, BUENOS AIRES, 11 DE SETEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A OSVALDO QUIROGA].

Os direitos humanos... quantos deles são realmente aplicados? Por que não são aplicados? De quem é a responsabilidade pelo fato de que eles não são aplicados? O combate que vale a pena no novo século é o combate pelos direitos humanos, e a tendência, caso não saibamos reagir a tempo, é de perdê-lo [...]. Existe uma incompatibilidade radical entre globalização econômica e direitos humanos.

“SARAMAGO Y LA LUCHA POR LOS DERECHOS HUMANOS”, *IN FORMACIÓN*, MADRI, N. 8, JULHO DE 2000.

Comemorou-se, em 1998, o quinquagésimo aniversário da assinatura da Carta dos Direitos Humanos em Nova York. Muitos congressos, simpósios, cartazes... Porém, um ano depois, nada mudou. Somos uns hipócritas. Quando se realizavam todas aquelas celebrações, ninguém acreditava naquilo, pois, se não fosse assim, no dia seguinte todos teriam saído para as ruas exigindo efetivamente o respeito aos direitos humanos. No entanto, acontecimentos como os de Seattle ainda nos permitem pensar que nem tudo está perdido. Persiste alguma capacidade de protesto, embora na Europa as perspectivas sejam menos alvissareiras.

“SARAMAGO Y LA LUCHA POR LOS DERECHOS HUMANOS”, *IN FORMACIÓN*, MADRI, N. 8, JULHO DE 2000.

Os partidos políticos, particularmente os de esquerda, deveriam meter os seus programas numa gaveta e pôr na mesa e na prática uma coisa tão simples como a Carta dos Direitos Humanos.

“NEM PRECISO DE DEUS”, *PÚBLICO*, LISBOA, 11 DE NOVEMBRO DE 2000 [ENTREVISTA A ALEXANDRA LUCAS COELHO].

Depois de milênios de civilizações e culturas, os deveres humanos se veem inscritos nas consciências, inclusive quando aparentamos ignorá-los ou desprezá-los. Não é preciso redigir uma Carta dos Deveres Humanos, mas sim conclamar as consciências livres a se manifestarem e a assumirem a Carta.

“SOY UN GRITO DE DOLOR E INDIGNAÇÃO”, *ABC* (SUPLEMENTO *EL SEMANAL*), MADRI, 7-13 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Devíamos trazer inscrita em nossa testa a frase usada por Marx e Engels em *A sagrada família*: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, é preciso formar as circunstâncias humanamente”. Nisso estão o espírito e a letra dos direitos humanos. Tudo o que um partido humanamente preocupado deveria perseguir é a Carta dos Direitos Humanos, que, por outro lado, é uma coisa moderada, algo que, anos atrás, parecia burguês e que por isso não foi assinado pela União Soviética. E se alguém me perguntasse se na antiga União Soviética as circunstâncias eram humanas, eu responderia claramente que não.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Se não nos defendermos, o gato da globalização acabará por engolir o rato dos direitos humanos. A globalização é um totalitarismo.

“A GLOBALIZAÇÃO É UM TOTALITARISMO”, *Visão*, LISBOA, 26 DE JULHO DE 2001.

A globalização econômica é compatível com os direitos humanos? Temos de nos colocar essa pergunta e verificar que a resposta é que ou existe globalização ou existem direitos humanos, por mais que os poderes tenham a hipocrisia de dizer que a globalização favorece os direitos humanos, quando o que ela faz é fabricar excluídos. A globalização é simplesmente uma nova forma de totalitarismo, que não precisa chegar sempre vestindo uma camisa azul, marrom ou preta e com o braço em riste; o totalitarismo tem muitas faces, e a globalização é uma delas. Para reverter a situação, seria preciso voltar a Marx e a Engels, embora seja quase politicamente incorreto se referir a esses cadáveres da história quando a ideologia parece que morreu.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

O cumprimento dos direitos humanos é incompatível com o que está acontecendo no mundo. Então, se você os defende, tem de se opor ao que está acontecendo.

JORGE HALPERÍN, *CONVERSACIONES CON SARAMAGO: REFLEXIONES DESDE LANZAROTE*, BARCELONA, ICARIA, 2002.

Sem democracia não pode haver direitos humanos, mas sem direitos humanos também não haverá democracia. Estamos numa situação em que se fala muito de democracia e nada de direitos humanos. Creio que essas são as duas grandes batalhas para este século. E, se não nos lançarmos nelas, o século será um desastre.

“A DEMOCRACIA ESVAZIADA”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 10 DE MAIO DE 2003 [ENTREVISTA A MANYA MILLEN].

A batalha dos direitos humanos não é de direita nem de esquerda. Mas é algo em que gente honesta pode pôr-se de acordo. O que está ali? São trinta direitos que são unanimemente reconhecidos como efetivos direitos do ser humano. E não se cumprem.

“NÃO PEÇAM MILAGRES’, DIZ SARAMAGO SOBRE LULA”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ADAURI ANTUNES BARBOSA].

Eu diria aos partidos de esquerda que tudo o que se pode propor às pessoas está contido em um documento burguês chamado Declaração dos Direitos Humanos, aprovado em 1948 em Nova York. Não se cansem à toa com mais propostas. Não se cansem à toa com mais programas. Tudo está ali. Façam-no. Cumpram-no.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘NO EXISTE ESO QUE LLAMAMOS DEMOCRACIA’”, *LA REPÚBLICA*, MONTEVIDÉU, 26 DE OUTUBRO DE 2003 (PUBLICADO INICIALMENTE EM *JUVENTUD REBELDE*, *CUBARTE* E *LA JORNADA*) [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Os direitos humanos não são cumpridos em lugar algum. O direito à vida, a uma existência honrosa, o direito de comer e trabalhar, de ter saúde e educação. O grande combate da cidadania deve ser o combate pelos direitos humanos.

“EN COLOMBIA NO HAY GUERRILHAS SINO BANDAS ARMADAS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 28 DE NOVIEMBRE DE 2004 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

Os governos não os aplicam [os Direitos Humanos]. As empresas multinacionais e as nacionais não lhe dão importância. A cidadania está apática. Os direitos humanos continuam a ser uma espécie de comédia, ou até, pior que uma comédia, uma farsa, e, pior que uma farsa, uma tragédia, pois só servem para a retórica parlamentar ou política quando convém; mas logo depois colocam sobre eles uma pedra e acabou.

“EN COLOMBIA NO HAY GUERRILHAS SINO BANDAS ARMADAS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 28 DE NOVIEMBRE DE 2004 [ENTREVISTA A YAMID AMAT].

Quando a guerra [contra o Iraque] começou, uma amiga em Espanha perguntou-me: “E agora o que fazemos?”. Respondi-lhe: “Queres uma outra causa? Está aí: chama-se Direitos Humanos”. Essa é uma das caricaturas mais trágicas do nosso tempo: temos trinta direitos consignados numa Carta e se os lermos agora é de cair em gargalhadas ou em lágrimas. Nada daquilo se cumpre. Se penetrasse no espírito da chamada opinião pública esse escândalo tínhamos aí muitos motivos para ações políticas, com carácter social e até conspiratório.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, 5-18 DE NOVIEMBRE DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

PENSAMENTO CRÍTICO

Brilhante provocador intelectual, consciência insatisfeita, duro polemista e detonador de conformismos, além de refinado analista e observador atento de seu tempo, Saramago assumiu, com visível energia a partir da década de 1990, a função crítica do homem de cultura envolvido pelo pulsar do seu tempo. Concernido pelo mundo e pela natureza do ser humano, empreendeu a tarefa de desestabilizar, mediante o questionamento, uma realidade que julgou opaca, confusa e injusta. Como corresponde a atitudes vitais que se apegam ao método da razão, amparada em um forte componente ético, o escritor assumiu a interrogação e o julgamento como instrumento para se relacionar com o mundo.

Destacava “a necessidade de abrir os olhos” e, como Aristóteles, apegava-se à obrigação de elevar o julgamento ao nível da maior lucidez possível. Essa busca exigente das facetas ocultas da verdade — “as verdades únicas não existem: as verdades são múltiplas, só a mentira é global”, garante — o conduziria a explorar o outro lado do visível, circulando por caminhos que escapavam ao costume. Tratava-se, em resumo, de procurar enxergar com clareza, para o que se tornava iniludível empreender a tarefa de revelar e resgatar as omissões. Iluminar e desentranhar o real constituía uma aspiração central do pensamento saramaguiano, ações estas associadas à desaprovação da mentira e do poder mistificador.

Com base nesses pressupostos, enfrentou o pensamento único — ou pensamento zero, como o chamou —, opondo-lhe a resistência de uma

autêntica barricada moral e intelectual. Suas visões alternativas foram expressas com a clareza e a autonomia de um livre-pensador que reage contra as deformações dos mitos e as limitações das versões oficiais. Assim, sua voz ressoou, com uma energia crescente, desentranhando e denunciando questões tão variadas como o castigo atroz da fome, os genocídios, a violência, o descumprimento dos direitos humanos, a banalização, a irracionalidade, a ideologia do consumo, a ritualização e a desidratação da democracia, o poder econômico não democrático, o capitalismo e o mercado, o ultraliberalismo, a devastação do planeta, a perda sistemática da ética, o egoísmo, a Igreja, o esvaziamento da linguagem, as carências de seu próprio país, as fragilidades da justiça, o imperialismo, a escassez de ideias, os fracassos do comunismo e da esquerda... Suas críticas se estenderam, da mesma maneira, à indiferença e à insensibilidade com que os cidadãos do mundo reagem a esse panorama, enquanto na verdade exigia impaciência e indignação. Refinado volteriano, praticou, como o filósofo francês, a dúvida sistemática, e, com sagacidade e profundidade, refugiou-se na iconoclastia, no pessimismo, na razão implacável e no respeito ao ser humano, reagindo com firmeza à indolência da frase que diz “sábio é aquele que se contenta com o espetáculo do mundo”, defendida pelo heterônimo pessoano Ricardo Reis.

No dia em que nos recusarmos a continuar a cobrir certas situações com as palavras que pretensamente as definem, mas que só servem para ocultá-las, começaremos a ver claro. Primeiro, desmitificar e desmistificar. Depois, construir. Mas estas três operações têm de ser feitas em conjunto, sem ilusões populistas nem feudalismos retardados.

“AS ÚLTIMAS DA ESCRITA: UM ESCRITOR NÃO TEM O DIREITO DE REBAIXAR O SEU TRABALHO EM NOME DE UMA SUPOSTA MAIOR ACESSIBILIDADE”, *EXTRA*, LISBOA, 1978 [ENTREVISTA A G. F.].

O intelectual não pode estar com o poder.

“JOSÉ SARAMAGO: A HISTÓRIA DO CERCO DE ESTOCOLMO”, *LUSITANO*, LISBOA, 15 DE MARÇO DE 1990 [ENTREVISTA A ANTÓNIO SOUSA DUARTE].

O drama não é que as pessoas tenham opiniões, mas sim que as tenham sem saber do que falar.

“A IGNORÂNCIA É A MÃE DE TODAS AS POLÊMICAS”, *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, LISBOA, 12 DE JULHO DE 1992.

Ao poder não peço nada porque nunca dá nada. Ao poder tem que se arrancar o poder, diminuí-lo, porque não necessita de ser absoluto para corromper absolutamente.

“O PODER PODE DORMIR DESCANSADO”, *CAMBIO 16*, LISBOA, 9 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

As desgraças da África não precisavam que se lhes acrescenta-se a gula assassina do homem branco.

“O PODER PODE DORMIR DESCANSADO”, *CAMBIO 16*, LISBOA, 9 DE AGOSTO DE 1993 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

A cultura não é um fim em si mesma e não pode ser usada como refúgio para egoísmos e covardias pessoais.

“SARAMAGO: ‘LANZAROTE ES COMO SI FUERA EL PRINCIPIO Y EL FIN DEL MUNDO’”, *LA GACETA DE CANARIAS*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 13 DE OUTUBRO DE 1993 [ENTREVISTA A J. F.].

Já não existe indignação espontânea, que é a boa, a verdadeira indignação. Existe uma doença do espírito: o mal da indiferença cidadã. Todos nós estamos moralmente adoecidos.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL MUNDO SE ESTÁ QUEDANDO CIEGO’”, *LA VERDAD*, MURCIA, 15 DE MARÇO DE 1994 [ENTREVISTA A GONTZAL DÍEZ].

Ninguém deve se contentar com o que lhe dizem. É necessário checar se é verdade, saber se é a única verdade e cotejá-la com a verdade dos outros. Deve-se sempre ir atrás do outro lado de tudo.

“LA CORRUPCIÓN ES EL CÁNCER OCULTO”, *LA VOZ DE ASTURIAS*, OVIEDO, 14 DE JUNHO DE 1995 [ENTREVISTA A GEORGINA FERNÁNDEZ].

Não se pode compactuar com a corrupção. Não se pode compactuar com um câncer, agindo como se não o tivéssemos.

“LA CORRUPCIÓN ES EL CÁNCER OCULTO”, *LA VOZ DE ASTURIAS*, OVIEDO, 14 DE JUNHO DE 1995 [ENTREVISTA A GEORGINA FERNÁNDEZ].

[O mundo do fim de milênio é] um mundo com duas tendências contraditórias: a globalização e a fragmentação. Um homem está em sua casa, afastado de todo o contato humano, podendo chegar pelo computador, o modem, o fax a todos os lugares. Cada vez mais perto de tudo e mais longe de tudo. A tecnologia permite-nos ter tudo dentro de casa sem sair dela. E, se eu não estiver satisfeito com a realidade, posso viver noutra realidade, a virtual.

“JOSÉ SARAMAGO: TODOS OS PECADOS DO MUNDO”, *EXPRESSO*, LISBOA, 28 DE OUTUBRO DE 1995 [ENTREVISTA A CLARA FERREIRA ALVES].

Há uma cultura da banalização. Tudo é banal, tudo está sujeito ao consumo.

“A MAIS NECESSÁRIA DAS PALAVRAS”, *ZERO HORA*, PORTO ALEGRE, 12 DE ABRIL DE 1997 [ENTREVISTA A EDUARDO STERZI E JERÔNIMO TEIXEIRA].

Não quero ser apocalíptico, mas o espetáculo tomou o lugar da cultura. O mundo converteu-se num grande palco, num enorme show. Metade da população mundial vive dando espetáculo à outra metade. E provavelmente vai acontecer um dia em que já não haverá público e todos serão atores, e todos serão músicos.

“A MAIS NECESSÁRIA DAS PALAVRAS”, *ZERO HORA*, PORTO ALEGRE, 12 DE ABRIL DE 1997 [ENTREVISTA A EDUARDO STERZI E JERÔNIMO TEIXEIRA].

Entramos na era da burocracia absoluta, avançamos irremediavelmente rumo à ignorância. O homem, cercado de informações, perplexo, perde sua capacidade de indignação, de resposta: a mínima racionalidade. Estamos todos neuróticos?

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

O nome não passa de uma espécie de muro involuntário que nos impede de sabermos quem é o outro. Além disso, os nomes que temos são cada vez menos importantes, pois o que realmente conta, hoje, é o sistema que nos governa e que não sabemos identificar muito bem, é o número do cartão de crédito.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

Faz sentido enviar ao espaço uma sonda para explorar Plutão enquanto aqui há pessoas morrendo de fome? Estamos neuróticos. A desigualdade se faz presente não só na distribuição da riqueza, mas também na satisfação das necessidades básicas. Não nos orientamos no sentido de uma racionalidade mínima. A Terra está cercada por milhares de satélites, podemos ter em casa cem canais de televisão, mas de que serve tudo isso em um mundo onde tantas pessoas estão morrendo. Trata-se de uma neurose coletiva, as pessoas já não sabem o que realmente convém à sua felicidade.

“JOSÉ SARAMAGO”, *EL MUNDO* (SUPLEMENTO *LA REVISTA DE EL MUNDO*), MADRI, 25 DE JANEIRO DE 1998 [ENTREVISTA A ELENA PITA].

Os hipermercados não tomaram apenas o lugar das catedrais, eles são também as novas escolas e as novas universidades, abertas a maiores e a menores sem distinção, com vantagem de não existirem exames à entrada ou notas máximas, salvo aquelas que na carteira se contiveram e o cartão de crédito cobrir.

“DISCURSO DIRETO: AS PALAVRAS DO VIAJANTE”, *Visão*, LISBOA, 9 DE OUTUBRO DE 1998.

Há neste momento uma espécie de fragmentação, de pulverização, na qual as ideias não têm consistência, em que tudo escapa pelos dedos de

nossas mãos. É um período negro. É claro que se trata de um período negro, mas isso não é definitivo.

“SARAMAGO: ‘SI ESPAÑA VA BIEN, ES UNA EXCEPCIÓN, PORQUE EL MUNDO NO VA BIEN’”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 15 DE ABRIL DE 1998 [REPORTAGEM DE ÁNGELES ARENCIBIA].

O que me preocupa não é tanto o que vai acontecer — possivelmente eu já não estarei por aqui —, mas sim que as pessoas não se preocupem.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘EL HOMBRE ACTUAL SE DEDICA SOBRE TODO A HACER ZAPING’”, *LA GACETA DE CANARIAS*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 7 DE JUNHO DE 1998 [CORRESPONDÊNCIA DA AGENCIA EFE].

Estamos destruindo o planeta e o egoísmo de cada geração não a deixa se preocupar em perguntar como viverão os que vierem depois. A única coisa que importa é o triunfo do presente. É isso que eu chamo de “cegueira da razão”.

“EL HOMBRE SE HA TRANSFORMADO EN UN MONSTRUO DE EGOÍSMO Y AMBICIÓN”, *EL CRONISTA*, BUENOS AIRES, 11 DE SETEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A OSVALDO QUIROGA].

Nenhum país tem o direito de se apresentar como guia cultural dos restantes. As culturas não devem ser consideradas melhores ou piores, todas elas são culturas e basta.

“SARAMAGO DESMASCARA O DESCOBRIMENTO”, *JORNAL DO BRASIL*, RIO DE JANEIRO, 27 DE SETEMBRO DE 1998 [PUBLICADO INICIALMENTE EM *EL PAÍS*, MADRI, INFORMAÇÃO DE FRANCESC ARROYO].

Vivemos em um tempo que chamamos de pensamento único, embora pareça que ele se aproxima muito perigosamente de um pensamento zero.

“SARAMAGO: ‘MI OBRA LITERARIA ES LA EXPRESIÓN DEL RESPETO HUMANO’”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 10 DE OUTUBRO DE 1998 [REPORTAGEM DE JUAN MANUEL VILLALOBOS].

Quando a preocupação é cada vez mais ter, ter e ter, as pessoas se preocuparão cada vez menos em ser, ser e ser.

“GANAR EL PREMIO NOBEL ES COMO SER *MISS* UNIVERSO”, *EL MUNDO*, MADRI, 6 DE DEZEMBRO DE 1998 [ENTREVISTA A MANUEL LLORENTE].

Esse tema dos animais precisa ser levantado com muita seriedade. É preciso nos perguntarmos sobre o seu destino, seu futuro. Não é justo, se há um céu para a humanidade, que não haja um céu para todos os animais, porque a vida é a vida. Eu diria que isso vale para os animais e também para as plantas. As árvores que secam e morrem, por que não podem ir para outro lugar? É que nós inventamos um céu apenas para nós porque nós é que sentimos medo, e não as árvores, as quais, portanto, não têm nenhuma necessidade de inventar um deus e muito menos uma religião, nem tampouco uma igreja — nem os meus cachorros a querem.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

O problema não é que um século está acabando. O problema é que está acabando uma civilização. O século é uma convenção, como o milênio, pois, para muitos seres humanos que se regem por outros calendários, o milênio não tem nenhum significado. O que está, isso sim, muito claro é que cegamos ao fim de uma civilização. Nós somos os últimos representantes de uma determinada forma de viver, de entender o mundo, de entender as relações humanas, que chegou ao fim.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

A grande guerra será entre os que possuem bens e os que carecem de tudo. O que acontece é que os pobres, pobres coitados, não conseguem nem sabem se organizar. Para isso é preciso poder, e eles não o têm. Hoje, o único poder organizado é o poder financeiro e econômico, para o qual tudo dá na mesma: religião, ideologia, cultura, idiomas, tudo. O problema já não são os brancos e os negros, porque não há nenhuma diferença entre um negro rico e um branco rico. Hoje, um branco pobre é o negro de ontem.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

É um engodo falar de uma globalização em que todas as culturas se misturariam, dando espaço a uma situação multicultural. O que está acontecendo agora é uma dilapidação das culturas menores por uma cultura imperial, que é a ocidental, e especialmente a norte-americana. O que acontece? Que as culturas que sabem estar ameaçadas resistem.

JUAN ARIAS, JOSÉ SARAMAGO: *EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Não me parece que o fato de eu ser como sou possa ser uma causa direta de um conflito com alguém que é outro. Se eu reconheço o outro como outro, tenho, por motivos éticos, de respeitá-lo, e então não haveria nenhum conflito. Porque quando aquilo que chamamos de identidade se transforma em agressividade, não é por culpa da diferença, mas sim da necessidade de poder. Se me torno agressivo em relação ao outro na afirmação da minha identidade, não é por sermos diferentes, mas sim porque quero exercer o meu poder sobre ele.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Na minha opinião, o poder é que decide quem é o diferente.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

O problema não está em ser diferente. Está em que, quando falamos de diferenças, de seres distintos, introduzimos involuntariamente um outro conceito, o de superioridade e o de inferioridade. Aí é que as coisas se complicam.

JUAN ARIAS, *JOSÉ SARAMAGO: EL AMOR POSIBLE*, BARCELONA, PLANETA, 1998.

Jamais na história da humanidade estivemos tanto em uma caverna olhando para as sombras como agora. Isso não tem tanto a ver com o domínio das imagens sobre as palavras, mas sim que estamos vivendo em meio a algo que se pode chamar de cultura da banalidade, da frivolidade, e nenhuma delas deve ser usada para isso. Há uma espécie de deserto no que se refere a ideias.

“SARAMAGO DICE QUE EL HOMBRE JAMÁS HA ESTADO ANTE TANTAS SOMBRAS COMO AHORA”, *LA PROVINCIA*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 7 DE JANEIRO DE 1999 [CORRESPONDÊNCIA DE SIXTO MARTÍNEZ].

A diferença [entre a ditadura convencional e a do capitalismo] é que não é a ditadura como nós conhecemos. É o que eu chamo de “capitalismo autoritário”. A ditadura tinha cara, e nós dizíamos é aquele, ou aqueles militares, o Hitler, o Franco, o Pinochet, mas agora não tem cara. E como não tem cara não sabemos contra quem lutar. Não há contra quem lutar. O mercado não tem cara, só tem nome. Está em toda parte e não podemos identificá-lo, dizer “eis tu”. Mesmo as pessoas que lutaram contra a

ditadura, entrando na democracia acham que não têm mais que lutar. E os problemas estão todos aí. O mercado pode se tornar uma ditadura.

“A LITERATURA NÃO MUDA O MUNDO”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1999 [ENTREVISTA A CECILIA COSTA].

Não, não tenho a receita. A questão que eu ponho é esta: criticar e perguntar se não podemos mudar, se não podemos ter uma vida mais digna do que a que temos, se não temos que ser menos egoístas, menos interessados naquilo que é nosso, sem perder evidentemente o apreço humano que cada um tem por aquilo que lhe pertence. Mas sem converter este apreço numa arma contra os outros.

“A LITERATURA NÃO MUDA O MUNDO”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1999 [ENTREVISTA A CECILIA COSTA].

É preocupante ver que a sociedade inteira é uma sociedade amorfa, abúlica. As camadas médias e altas só se preocupam com suas próprias satisfações, perante um mundo destroçado, onde a diferença entre os que têm e os que não têm, os que sabem e os que não sabem, é cada vez maior.

“A LITERATURA NÃO MUDA O MUNDO”, *O GLOBO*, RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1999 [ENTREVISTA A CECILIA COSTA].

Estamos construindo uma sociedade de egoístas. Se lhe dizem que o que importa é aquilo que você compra, e conforme o que você compra o consideram mais ou menos, você se torna um ser que só pensa em satisfazer os seus gostos, seus desejos, nada mais. Em nenhuma faculdade existe uma cadeira de egoísmo, mas isso nem é preciso, pois a própria experiência social é que está nos tornando isso. As igrejas e as catedrais, ao longo da História, eram os lugares onde se buscava um valor espiritual determinado. Agora os valores são adquiridos nos centros comerciais. São as catedrais do nosso tempo.

“ESCRITORES ANTE EL III MILENIO (I). JOSÉ SARAMAGO: ‘EL PROGRESO BENEFICIARÁ SÓLO A UNA MINORÍA’”, *EL MUNDO*, MADRI, 3 DE JANEIRO DE 2000 [REPORTAGEM DE PAULA IZQUIERDO].

Agora, com a globalização, a OMC transformará tudo em um grande mercado. Não se trata mais do pensamento único, mas do pensamento zero.

Talvez pareça catastrofismo, mas o que é que uma situação como esta nos promete?

“ESCRITORES ANTE EL III MILENIO (I). JOSÉ SARAMAGO: ‘EL PROGRESO BENEFICIARÁ SÓLO A UNA MINORÍA’”, *EL MUNDO*, MADRI, 3 DE JANEIRO DE 2000 [REPORTAGEM DE PAULA IZQUIERDO].

A cada dia que passa a iniciativa privada cresce e acaba por ocupar terrenos que, em princípio, não deveriam ser dela. Os Estados não cumprem com suas obrigações, e os meios de comunicação não funcionam, porque não denunciam este estado de coisas. É preciso ser crítico na análise da realidade social. O poder real não está nas mãos dos governos, pois ele não é um poder democrático. Os governos são apenas comissários do poder real: Coca-Cola, Mitsubishi, General Motors... Quem governa o mundo são as multinacionais. Alguma vez a Coca-Cola já concorreu a alguma eleição? Ela não precisa disso, porque já detém o poder. Falar de democracia, neste contexto, é uma perda de tempo. Esta democracia é uma ilusão. A cidadania está anestesiada, o consumismo é a nova ideologia. Seria interessante fazer uma pesquisa para saber o que estão fazendo e o que pensam, em resumo, por onde andam os rapazes e as moças que saíram às ruas em maio de 1968 e que agora estão com cinquenta anos.

“SARAMAGO Y LA LUCHA POR LOS DERECHOS HUMANOS”, *IN FORMACIÓN*, MADRI, N. 8, JULHO DE 2000.

A mentalidade do ódio do outro, do estrangeiro, do guiri, do godo, do negro, é uma doença mortal.

“LAS RAZONES DE LA TOLERANCIA”, *LA ISLA*, LANZAROTE, 13-19 DE OUTUBRO DE 2000 [REPORTAGEM DE MYRIAM YBOT].

A cultura, o sentido cultural, tem hoje muito mais que ver com o espetáculo do que com a cultura reflexiva, ponderada, que faz pensar. Tudo virou espetáculo.

Todos os dias desaparecem espécies animais, vegetais, idiomas, profissões. Os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. A cada dia há uma minoria que sabe mais e uma maioria que sabe menos. A ignorância se expande de forma espantosa. Temos um problema grave na redistribuição da riqueza. A exploração atingiu uma esquisitice diabólica. As multinacionais dominarão o mundo [...]. Não sei se são as

sombras ou as imagens que ocultam de nós a realidade. Isso pode ser discutido indefinidamente, mas estamos perdendo a capacidade crítica em relação ao que acontece no mundo [...]. Estamos abandonando nossa responsabilidade de pensar, de agir.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007
(PUBLICADO INICIALMENTE EM *EL PAÍS*, 19 DE NOVIEMBRE DE 2000).

Não são apenas as pequenas livrarias que estão acabando, mas todo o pequeno comércio. O que se quer? Que as pessoas se solidarizem com o pequeno comércio? Não, as pessoas agem de acordo com seus interesses, elas encontram tudo no centro comercial, compram no centro comercial. O que não se diz é que no centro comercial não é preciso falar, ao contrário do que ocorre nas lojas, você pega o que precisa, paga e vai embora. É preciso admitir que há coisas que já não se mostram mais necessárias, e o mundo não pode virar um museu. O problema não está tanto na existência do centro comercial; tudo está é no deslocamento do poder. Quem manda são as multinacionais, e os centros comerciais são ponto de implantação de um sistema econômico, o nosso. O que se pergunta é que tipo de vida nós queremos. O único lugar público seguro que existe é o centro comercial, como antes eram o parque, a rua, a praça. Não sou saudosista, mas para entender o presente é preciso falar do passado. O centro comercial é a nova catedral e a nova universidade: ocupa o espaço da formação da mentalidade humana. Os centros comerciais são um símbolo. Nada tenho contra eles. Sou contra, sim, uma forma de ser, um espírito quase autista de consumidores obcecados pela posse de coisas. É espantosa a quantidade de coisas inúteis que se fabricam e se vendem, e o Natal é uma ocasião maravilhosa para comprovar isso.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Nada me provoca mais asco do que ouvir um político dizendo que não se deve provocar um alarme social. A sociedade tem que estar alarmada, que é a sua forma de estar viva.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA GLOBALIZACIÓN ES EL NUEVO TOTALITARISMO’”, *ÉPOCA*, MADRI, 21 DE JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ÁNGEL VIVAS].

Não existe nada mais desprovido de sentido do que esse negócio de realidade virtual. Se é real, então não é virtual. Estamos manipulando os conceitos e esvaziando-os de conteúdo. E, se continuarmos assim, retirando das palavras os seus sentidos, elas mesmas deixarão de ter importância. As palavras estão ficando ocas. A razão rechaça o conceito de realidade virtual, mas hoje ninguém para para pensar nisso porque todos acham que sabem o que significa, e não nos incomodamos fazendo perguntas a nós mesmos ou às coisas.

“JOSÉ SARAMAGO NARRA EL OCASO DE UNA CIVILIZACIÓN: LA NUESTRA”, *PLANETA HUMANO*, MADRI, N. 35, JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ANA TAGARRO].

Do meu ponto de vista, a globalização econômica é a nova forma assumida pelo totalitarismo. O chamado neoliberalismo é um capitalismo totalitário.

“JOSÉ SARAMAGO NARRA EL OCASO DE UNA CIVILIZACIÓN: LA NUESTRA”, *PLANETA HUMANO*, MADRI, N. 35, JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ANA TAGARRO].

O centro [comercial] é um lugar de ideologia. É isso que leva as pessoas a irem ao centro comercial. Os que dizem que as ideologias acabaram, dizem, na verdade, que o que acabou foi “uma” ideologia. Não é verdade que as pessoas não tenham ideologia. Elas têm, só que é uma nova ideologia: consumir, consumir, consumir, consumir. Antes nós comprávamos, agora nós consumimos.

“JOSÉ SARAMAGO NARRA EL OCASO DE UNA CIVILIZACIÓN: LA NUESTRA”, *PLANETA HUMANO*, MADRI, N. 35, JANEIRO DE 2001 [ENTREVISTA A ANA TAGARRO].

Não há como fazer revolução sem ideias, e, neste momento, não consigo encontrá-las.

“NO HAY MÁS REVOLUCIONES PORQUE YA NO HAY IDEAS: JOSÉ SARAMAGO”, *UNOMÁSUNO*, CIDADE DO MÉXICO, 26 DE FEVEREIRO DE 2001 [REPORTAGEM DE JORGE LUIS ESPINOSA].

Estava claríssimo que as desigualdades se iriam intensificar, que um abismo nos ia separar. E não é só o abismo do ter: é, também, o abismo do saber. Porque o saber está a concentrar-se numa minoria escassíssima. Estamos a repetir, *mutatis mutandis*, o modelo da Idade Média, em que o saber disponível estava concentrado numa gruta de teólogos, uns poucos mais, o resto era uma massa ignorante.

“JOSÉ SARAMAGO SOBRE A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL: ‘É ESTA LÓGICA INFERNAL QUE É PRECISO QUEBRAR’”, *SEARA NOVA*, LISBOA, N. 72, ABRIL-JUNHO DE 2001.

Como se pode dizer que a globalização traz benefícios quando são os seus próprios teóricos que reconhecem que estão a produzir-se desigualdades terríveis. A globalização não vai resolver os problemas mundiais, pode é resolver os problemas de uma determinada camada da população mundial. Mas seguramente que não são os 3 mil milhões de pessoas que vivem com dois dólares por dia.

“JOSÉ SARAMAGO SOBRE A GLOBALIZAÇÃO NEOLIBERAL: ‘É ESTA LÓGICA INFERNAL QUE É PRECISO QUEBRAR’”, *SEARA NOVA*, LISBOA, N. 72, ABRIL-JUNHO DE 2001.

[A globalização], por um lado, fragmenta tudo o que tem a ver com a vida das pessoas, e por outro concentra tudo o que a organiza.

“SARAMAGO ASEGURA QUE LA GLOBALIZAÇÃO ES UN TOTALITARISMO”, *EL MUNDO*, MADRI, 19 DE MAIO DE 2001 [CORRESPONDÊNCIA DA AGENCIA EFE].

Estamos nas mãos de corporações desenfreadas que não têm outra ideia em mente que não seja o lucro rápido e a exploração destruidora.

“A GLOBALIZAÇÃO É UM TOTALITARISMO”, *Visão*, LISBOA, 26 DE JULHO DE 2001.

A pobreza é uma humilhação.

“JOSÉ SARAMAGO: LA MORAL INSURRECTA”, *REVISTA UNIVERSIDAD DE ANTIOQUIA*, MEDELLÍN, N. 265, JULHO-SETEMBRO DE 2001 [ENTREVISTA A AMPARO OSORIO E GONZALO MÁRQUEZ CRISTO].

O pensamento correto é um contrassenso, pois todo pensamento é incorreto.

“EL PENSAMIENTO CORRECTO ES UN VENENO SOCIAL”, *GARA*, SAN SEBASTIÁN, 22 DE NOVIEMBRE DE 2001 [REPORTAGEM DE JOXEAN AGIRRE].

O pensamento correto é um veneno social.

“EL PENSAMIENTO CORRECTO ES UN VENENO SOCIAL”, *GARA*, SAN SEBASTIÁN, 22 DE NOVIEMBRE DE 2001 [REPORTAGEM DE JOXEAN AGIRRE].

O que é realmente obsceno é que se possa morrer de fome.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LO QUE ES OBSCENO ES QUE SE PUEDA MORIR DE HAMBRE’”, *ABC*, MADRI, 22 DE SETEMBRO DE 2001 [CORRESPONDÊNCIA DE FULGENCIO ARIAS].

Sempre achei que, além da antropofagia direta, existe uma outra forma de devorar o próximo: a exploração do homem pelo homem. Neste sentido, a história da humanidade é a história da antropofagia. Isso nos força a assumir um compromisso de ação. Em primeiro lugar, temos a obrigação de não deixar que nos ceguem, pois, se nos deixarem cegos, acabaremos nos comportando, mais ainda do que hoje, como membros de um rebanho, um rebanho que marcha rumo ao suicídio.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Não pôr um fim naquilo que tem conserto e denunciar as coisas com um simples murmúrio nos tornam cúmplices de nossa miséria.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

Achávamos que, com a democracia, deixaríamos de lado certos temores, mas o que fizemos foi apenas trocá-los por um outro medo coletivo e geral que nada tem a ver com a tortura ou com a censura. É o medo constante de perder o emprego, um medo que limita e condiciona totalmente a vida de quem dele padece. E esse medo é alimentado pelo verdadeiro governo do mundo de hoje, o poder das multinacionais, que molda tudo de acordo com a sua própria lógica. Uma lógica que impõe um perigoso acriticismo que se espalha como uma mancha de óleo pelo mundo inteiro. Parece até que a regra deve ser não pensar, não reagir, não criticar.

“SARAMAGO, EL PESIMISTA UTÓPICO”, *TURIA*, TERUEL, N. 57, 2001 [ENTREVISTA A JUAN DOMÍNGUEZ LASIERRA].

O que cada um de nós deve fazer, já que não temos outra saída, é, em primeiro lugar, respeitar as nossas próprias convicções, não silenciar, onde quer que seja, do jeito que for, seja como for, conscientes de que isso não muda nada, mas que, ao fazê-lo, ao menos temos a segurança de que não estamos mudando.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA NO TIENE NI UNA PUTA IDEA DEL MUNDO’”, *VEINTITRÉS*, BUENOS AIRES, 7 DE FEVEREIRO DE 2002 [ENTREVISTA A EDUARDO MAZO].

É muito mais fácil educar os povos para a guerra do que para a paz. Para educar dentro do espírito bélico, basta apelar para os seus instintos

mais primitivos. Educar para a paz implica ensinar a reconhecer o outro, a ouvir seus argumentos, a entender suas limitações, a negociar com ele, a fazer acordos. Essa dificuldade explica por que os pacifistas nunca contam com a força suficiente para ganhar... as guerras.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ISRAEL ES RENTISTA DEL HOLOCAUSTO’”, EM JAVIER ORTIZ (ORG.), *iPALESTINA EXISTE!*, MADRI, FOCA, 2002 [ENTREVISTA A JAVIER ORTIZ].

Os governos ocidentais reservam a classificação de terrorista para os atos de violência indiscriminada realizados por ativistas que não agem enquadrados por uma organização estatal e se negam a reconhecer a existência do terrorismo de Estado. Aproveitam-se do fato de que o terrorismo puro não pretende se esconder — ao contrário, se esforça ao máximo para que a sociedade saiba de sua existência —, enquanto o terrorismo de Estado faz todo o possível para se tornar “invisível”, porque é tanto mais eficaz quanto mais despercebido passa.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ISRAEL ES RENTISTA DEL HOLOCAUSTO’”, EM JAVIER ORTIZ (ORG.), *iPALESTINA EXISTE!*, MADRI, FOCA, 2002 [ENTREVISTA A JAVIER ORTIZ].

As mãos sujas dos Estados gastam muitas luvas.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘ISRAEL ES RENTISTA DEL HOLOCAUSTO’”, EM JAVIER ORTIZ (ORG.), *iPALESTINA EXISTE!*, MADRI, FOCA, 2002 [ENTREVISTA A JAVIER ORTIZ].

Um golpe de efeito genial nas sociedades modernas foi o de transformar todos nós em atores. Tudo hoje é um grande cenário: é a panaceia universal, porque fez com que todos nós ficássemos interessados em aparecer como atores. E revelamos nossa intimidade sem pudores: relatam-se misérias morais e físicas, porque pagam bem. Vivemos em um mundo que se transformou em um espetáculo de quinta categoria, em que se exibem direto a morte, a humilhação...

“LA MANIPULACIÓN DE LAS CONCIENCIAS HA LLEGADO A UN PUNTO INTOLERABLE”, *EL CORREO*, BILBAO, 8 DE MARÇO DE 2003 [ENTREVISTA A CÉSAR COCA].

A ameaça à segurança mundial está neste momento centrada nos Estados Unidos. A mais perigosa ameaça à segurança mundial está nesse país.

“EXISTE UN MURO DE SILENCIO SOBRE LO QUE PASA EN CHIAPAS, SOSTIENE SARAMAGO”, *LA JORNADA*, CIDADE DO MÉXICO, 15 DE MAIO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DE CÉSAR GÜEMES].

Sempre achei que chegará um tempo em que a justiça não será essa vergonha de mundo a que assistimos todos os dias.

“YO NO HE ROTO CON CUBA”, *REBELIÓN*, HAVANA, 12 DE OUTUBRO DE 2003 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Se a presença do turista não for bem orientada para respeitar o lugar que visita, pode-se entrar num movimento de perda de identidade própria.

“JOSÉ SARAMAGO CRITICA MENTALIDADE PORTUGUESA”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 27 DE OUTUBRO DE 2003 [CORRESPONDÊNCIA DE EDUARDO PINTO].

Tudo tem o seu tempo e a sua razão de ser. Passou a época do derrube tradicional dos regimes. Hoje, é tudo mais subterrâneo. O que não deixa de ser uma contradição curiosa: ao mesmo tempo que a circulação corre a grande velocidade, há correntes submarinas de que não nos damos conta, nas quais tudo se decide. A transformação, qualquer que seja, é sempre lenta.

“DEMOCRACIA OCUPOU O LUGAR DE DEUS”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 27 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A SÉRGIO ALMEIDA].

O mundo nunca foi um lugar tão perigoso como sucede na atualidade.

“DEMOCRACIA OCUPOU O LUGAR DE DEUS”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 27 DE MARÇO DE 2004 [ENTREVISTA A SÉRGIO ALMEIDA].

A ideia da tomada de consciência pertence a uma outra era, eu diria a uma outra civilização. É herdeira do século XVIII, do espírito da Enciclopédia, da Ilustração. Tudo já está chegando ao fim. Estamos entrando na era da dominação da tecnologia, e isso nem sempre a serviço da humanidade. O que prevalece é o interesse pessoal, o lucro a qualquer custo, a indiferença, a ignorância, a obscuridade. O que está mudando é uma mentalidade que acreditava na tomada de consciência como motor para melhorar a sociedade. A tomada de consciência, hoje, não é garantia de nada: muitos optaram por uma atitude cínica. Mas ser consciente é um começo, a partir do qual podemos pensar um homem realmente humano. Embora nos digam que não existem mais ideologias, a sombra da ideologia está sempre à espreita. E o cinismo é uma ideologia poderosa.

“JOSÉ SARAMAGO: CRÍTICA DE LA RAZÓN IMPURA”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 12 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A FLAVIA COSTA].

Perdemos a capacidade de indignação.

“JOSÉ SARAMAGO: CRÍTICA DE LA RAZÓN IMPURA”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 12 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A FLAVIA COSTA].

Falemos de gerações, e não do povo, porque algumas merecem todo o respeito. Estou cansado de me falarem do povo.

“SOY UN COMUNISTA LIBERTARIO”, *EL PAÍS*, MADRI, 26 DE ABRIL DE 2004 [ENTREVISTA A MARÍA LUISA BLANCO].

A questão fundamental no poder é saber quem o detém, como chegou a ele e para o que ou para quem o utiliza.

“LA LUCIDEZ DE SARAMAGO”, *LA PRENSA* (SUPLEMENTO SEMANAL *LA PRENSA LITERARIA*), MANÁGUA, 1^o DE MAIO DE 2004 [REPORTAGEM DE PABLO GÁMEZ].

Os abusos do poder econômico ameaçam a vida do planeta.

“SARAMAGO: ‘LA IZQUIERDA PERDIÓ LA CAPACIDAD DE PENSAR’”, *VOLTAIRENET.ORG*, 25 DE NOVIEMBRE DE 2004 [CORRESPONDÊNCIA DE CLAUDIA JARDÍN].

Somos cúmplices do que está acontecendo, mesmo que não sejamos cúmplices ativos. Viramos consumidores compulsivos. Estamos sendo bombardeados o tempo todo pela informação e esquecemos que somos seres racionais, que temos algo que nos diferencia de todas as demais espécies do planeta: o pensar. Vivemos cercados de mentiras, e estas são uma arma política de alta precisão.

“NO QUIERO UN MUNDO DE GANADORES”, *LA VOZ DEL INTERIOR ON-LINE*, CÓRDOBA, NOVIEMBRE DE 2004 [REPORTAGEM DE ALEJANDRO MARECO E EDGARDO LITVINOFF].

Assistimos todos os dias à exploração criminosa do planeta, reduzindo-o a lixo puro. Um exemplo é o Tratado de Kyoto . Ninguém lhe dá importância. Os Estados Unidos nem sequer o assinaram.

“NO QUIERO UN MUNDO DE GANADORES”, *LA VOZ DEL INTERIOR*, CÓRDOBA, NOVIEMBRE DE 2004 [REPORTAGEM DE ALEJANDRO MARECO E EDGARDO LITVINOFF].

Vivemos naquilo que se pode chamar, hoje, sem nenhum exagero, em um deserto de ideias. Não existem ideias, não surgem ideias novas, não há ideias mobilizadoras, não há ideias que façam as pessoas saírem de sua resignação, pois todos nós nos resignamos a uma espécie de fatalidade que não admite mudanças. Mas as ideias tampouco nascem do nada. É a própria

sociedade que tem de gerar isso, e, quando isso acontecer, começaremos a fazer alguma coisa.

“EL PREMIO NOBEL JOSÉ SARAMAGO EN BOGOTÁ: INDIGNADO”, *REVISTA NÚMERO*, BOGOTÁ, N. 44, MARÇO-MAIO DE 2005 [ENTREVISTA A JORGE ORLANDO MELO].

Vivemos hoje em um mundo que Marx não conheceu, vivemos em um mundo vigiado, somos vigiados. Acabou a privacidade. Se a vida privada acabou de alguma forma, a consciência privada, para usar a mesma terminologia, sofreu um ataque semelhante. A liberdade, e aqui estou falando da liberdade de consciência, arrisca-se às vezes a se tornar algo utópico, como muito pouco conteúdo.

“EL PREMIO NOBEL JOSÉ SARAMAGO EN BOGOTÁ: INDIGNADO”, *REVISTA NÚMERO*, BOGOTÁ, N. 44, MARÇO-MAIO DE 2005 [ENTREVISTA A JORGE ORLANDO MELO].

Minha esperança é que a opinião pública mundial, que às vezes é uma coisa muito abstrata, consiga algo semelhante ao que aconteceu no caso do Vietnã, que fez a guerra parar. Despertar um grande movimento na opinião pública capaz de conter o fascismo é algo possível, se as pessoas começarem a pensar que é possível fazer alguma coisa a partir da sua própria pessoa e com seu vizinho.

“JOSÉ SARAMAGO: CUBA IRRADIA SOLIDARIDAD”, *JUVENTUD REBELDE*, HAVANA, 19 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Tudo neste mundo, ou quase tudo, conduz a duas palavras: *mandar e matar*. É preciso romper essa lógica.

“JOSÉ SARAMAGO: CUBA IRRADIA SOLIDARIDAD”, *JUVENTUD REBELDE*, HAVANA, 19 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A ROSA MIRIAM ELIZALDE].

Começa a se forjar uma maneira de ver o mundo que é definida por três vetores muito claros: a neutralidade, o medo e a resignação.

“EL PASO DEL GRAN PESIMISTA”, *SEMANARIO UNIVERSIDAD*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 30 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A VINICIO CHACÓN].

É preciso trocar o conceito de mobilidade social pelos de mobilização social e desobediência civil.

“EL PASO DEL GRAN PESIMISTA”, *SEMANARIO UNIVERSIDAD*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 30 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A VINICIO CHACÓN].

Vivemos uma época de gregarismo e com a sensação de que o mundo ficou inseguro; assim, não se vislumbra como sair disso tudo, porque a razão e a resposta é uma das palavras mais antigas do mundo: o poder.

“EL PASO DEL GRAN PESIMISTA”, *SEMANARIO UNIVERSIDAD*, SÃO JOSÉ, COSTA RICA, 30 DE JUNHO DE 2005 [ENTREVISTA A VINICIO CHACÓN].

À paciência divina teremos de opor a impaciência humana. Para mudar as coisas, o único jeito é ser impaciente.

“LA ÚNICA FORMA DE CAMBIAR LAS COSAS ES SER IMPACIENTE”, *CLARÍN*, BUENOS AIRES, 23 DE OUTUBRO DE 2005 [PATRICIA KOLESNIKOV].

O planeta está sofrendo um saque de seus recursos materiais. Como não temos outra despesa do que a própria Terra, essa exploração tende a esgotar nossas reservas naturais. O homem se encarrega de destruir a si próprio.

“DESVENTURAS EM SÉRIE”, *ÉPOCA*, SÃO PAULO, 31 DE OUTUBRO DE 2005 [ENTREVISTA A LUÍS ANTÔNIO GIRON].

Está nas nossas mãos que isto acabe amanhã ou depois de amanhã.

“NÃO SABEMOS SE DENTRO DE CINQUENTA ANOS PORTUGAL AINDA EXISTE”, *PÚBLICO*, LISBOA, 11 DE NOVEMBRO DE 2005 [ENTREVISTA A ADELINO GOMES].

O problema principal é sempre a liberdade. Para um escritor, no fundo, é fácil tratar dela: somos os bufões da corte. Mas libertar-se realmente dos condicionamentos, essa é a tarefa: o verdadeiro problema, com a liberdade, é colocá-la em prática.

“LA MORTE SI FA BELLA CON JOSÉ SARAMAGO”, *L'UNITÀ*, ROMA, 15 DE NOVEMBRO DE 2005 [REPORTAGEM DE MARIA SERENA PALIERI].

Costuma-se dizer que uma imagem vale por mil palavras, mas isso não é verdade. Uma imagem tem limites, o enquadramento despreza aquilo que fica de fora dele. O que não vemos em uma fotografia pode ajudar a entender aquilo que aparece na imagem.

“NO SOY PESIMISTA, ES EL MUNDO EL QUE ES PÉSIMO”, *EL DIARIO MONTAÑÉS*, SANTANDER, 11 DE JULHO DE 2006 [ENTREVISTA A GONZALO SELLERS].

É preciso ter em mente que a distância entre os que têm e os que não têm só encontra paralelo na distância que existe entre os que sabem e os que

não sabem, e os que não têm são os mesmos que não sabem: seres condenados desde o nascimento.

“SARAMAGO: ‘LA NAVIDAD ES UNA BURBUJA CONSUMISTA QUE NOS AÍSLA DEL APOCALIPSIS’”, AGENCIA EFE, MADRI, 25 DE DEZEMBRO DE 2006.

O rio da minha infância, o Almonda, virou um esgoto, e me dá tanta pena... A ação do homem muda tudo. Mas o problema é que, ao mudá-lo, acaba com tudo. O tempo urge. Até há poucos anos, parecia que o aquecimento global jamais nos afetaria, e ele agora está aí. Se o gelo da Groenlândia derrete, o nível do mar subirá sete centímetros, cidades inteiras desaparecerão... O planeta está em perigo. Não me surpreenderia, por exemplo, se, no futuro, a água se transformasse em motivo de guerras. Às vezes, as pessoas não sabem muito bem como ajudar, mas têm de pensar o seguinte: “Eu posso mudar o meu pequeno espaço”.

“EN EL CORAZÓN DE SARAMAGO”, *ELLE*, MADRI, N. 264, MARÇO DE 2007 [ENTREVISTA A GEMA VEIGA].

O grande problema, hoje, é que os meninos e as meninas não têm passado. Têm apenas o presente.

“COLOMBIA DEBE VOMITAR SUS MUERTOS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 9 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A MARÍA PAULINA ORTIZ].

Há três sexos: o feminino, o masculino e o poder. O poder muda as pessoas.

“COLOMBIA DEBE VOMITAR SUS MUERTOS”, *EL TIEMPO*, BOGOTÁ, 9 DE JULHO DE 2007 [ENTREVISTA A MARÍA PAULINA ORTIZ].

Não há nenhuma dúvida de que a Terra acabará explodindo. Mas isso não é para amanhã. Porém precisamos é de um bom susto. Quem sabe assim acordamos para a ação redentora.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Seria preciso verificar como é que o capitalismo que nos governa [...] vai, a cada momento, decidir sobre o que mais lhe convém e como reúne e organiza os meios para consegui-lo. Seria um grande erro de nossa parte

pensar que eles se contentam com ganhar dinheiro. O dinheiro não proporciona todo o poder, e o que eles querem é todo o poder.

“CONVERSACIONES CON JOSÉ SARAMAGO”, *CONTRAPUNTO DE AMÉRICA LATINA*, BUENOS AIRES, N. 9, JULHO-SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Falar da identidade de um povo é o mesmo que falar da identidade das nuvens. Às vezes têm uma forma, às vezes outra, em outras vezes estão ausentes ou se desfazem na água. Ou seja, aonde isso leva? A um ceticismo radical.

“ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO: ‘YO ESCRIBO PARA COMPRENDER’”, *LA JIRIBILLA*, HAVANA, 22 DE SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A OMAR VALIÑO].

Incutiu-se em nossas mentes essa nova ideia segundo a qual, se você não consome, você não é nada. E é tão mais quanto mais for capaz de consumir. Se o ser humano vê a si mesmo como um consumidor, todas as suas capacidades diminuem, pois todas serão colocadas a serviço de uma possibilidade cada vez maior de consumir.

“ENTREVISTA CON JOSÉ SARAMAGO: ‘YO ESCRIBO PARA COMPRENDER’”, *LA JIRIBILLA*, HAVANA, 22 DE SETEMBRO DE 2007 [ENTREVISTA A OMAR VALIÑO].

As indústrias culturais da atualidade, apoiadas em verdadeiras máquinas de promoção e propaganda, escoradas em táticas e estratégias de cunho ideológico que, de alguma forma, tornam obsoleto o recurso às ações diretas, vêm reduzindo os países menores a um mero papel de figurantes, induzindo-os a um primeiro nível de invisibilidade, de inexistência.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

Não nos incomoda viver no meio do lixo quando saímos para a rua perfumados.

ANDRÉS SOREL, *JOSÉ SARAMAGO: UNA MIRADA TRISTE Y LÚCIDA*, MADRI, ALGABA, 2007.

O tempo das verdades plurais acabou. Agora vivemos no tempo da mentira universal. Nunca se mentiu tanto. Vivemos na mentira, todos os dias.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

Vivemos num sistema de mentiras organizadas, entrelaçadas umas nas outras. E o milagre é que, apesar de tudo, conseguimos construir as nossas pequenas verdades, com as quais vivemos, e das quais vivemos.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘SOU UM SENTIMENTAL’”, *TABU*, LISBOA, N. 84, 19 DE ABRIL DE 2008 [ENTREVISTA A ANA CRISTINA CÂMARA E VLADIMIRO NUNES].

Vivemos numa época de esquizofrenia, com um pé no hoje, e até, nalguns casos, vivemos com um pé no amanhã, e outro pé ficou atrás.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Chegamos à conclusão de que a riqueza se alimenta da pobreza, mas de pobres vivos.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

Esta crise [iniciada em 2007] está a fazer com que se desmoronem muitos princípios liberais ou neoliberais. Parece que afinal o mercado não se regula sozinho, que pode colapsar-se, e então, oh, há que chamar o Estado... Está claro: privatizam-se os lucros, as perdas assumimo-las todos. Parece que esta crise acabará com uma volta ao Estado perante um liberalismo que se vendia como a salvação, o fim da História... Embora também possa acontecer que se mude alguma coisa para que tudo continue na mesma.

“ESPLENDOR DE PORTUGAL — JOSÉ SARAMAGO: ‘O NOBEL NÃO SIGNIFICOU NADA ÀS PORTAS DA MORTE’”, *EXPRESSO (REVISTA ÚNICA)*, LISBOA, 11 DE OUTUBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PILAR DEL RÍO].

É preciso pensarmos todos na situação real, sem ilusões, e termos uma proposta de transformação, que responda a coisas tão elementares como a justiça social. Há uma frase feita que se transmite: um mundo mais justo. Mas o que se trata é simplesmente de um mundo justo. Estamos tão habituados a não poder ter aquilo a que temos direito que nos limitamos a pedir um pouquinho mais. Até a própria linguagem política está contaminada.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

Há uma coisa de que devemos defender-nos, o messianismo.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

Queria pedir aos políticos, a começar pelos nossos, que por favor se deixem de conversas. Já ouvimos muitas vezes o que têm para nos dizer e é confrangedor. Há certas palavras que deviam queimar-lhes a língua. Nos cárceres da Inquisição, os condenados eram, como se dizia, torturados com muita caridade. Essa era a expressão da Igreja no sentido em que o faziam para salvar as almas. Imagino que nunca ninguém viu nenhuma. Há um abuso dos conceitos e das palavras e tudo isto. Para usar uma ideia de Gil Vicente, é uma comédia de enganos. E o pior é que depois muitos dos enganados entram no mundo dos enganadores. Todo o mundo engana todo o mundo.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

O que as pessoas não conseguiram, e alguma razão têm, foi vencer o medo de perder o emprego. E o resultado é a neutralização do espírito de militância que durante gerações caracterizou a classe operária.

“JOSÉ SARAMAGO: UMA HOMENAGEM À LÍNGUA PORTUGUESA”, *JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS*, LISBOA, N. 994, 5-18 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A MARIA LEONOR NUNES].

O que há é um adormecimento a todos os níveis da sociedade. Este sistema adormeceu-nos. E agora ri-se simplesmente de nós.

“JOSÉ SARAMAGO: ‘VOLTEI COM NATURALIDADE À ESCRITA’”, *JORNAL DE NOTÍCIAS*, PORTO, 5 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A ANA VITÓRIA].

As pessoas gostam de ser convencidas de que dois mais dois são cinco. E, se aparece alguém a dizer que são quatro, é um herege. Ou um desmancha-prazeres. Sobretudo, um desmancha-prazeres.

“MEMÓRIA DE ELEFANTE”, *Visão*, LISBOA, 6 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A SÍLVIA SOUTO CUNHA].

Ideologia, já temos. É a ideologia do consumidor. A facilidade de consumir forma ou deforma a consciência da pessoa. Isso acaba com tudo! Porque preencheu o espaço de uma determinada ideologia, fosse ela qual fosse. Já não és um cidadão, és um consumidor, um cliente. A partir daí, a pessoa vai cumprir as obrigações inerentes a esse fato: vai comprar e comprar e comprar. Isso acaba por ocupar todo o espaço mental na sua vida. “MEMÓRIA DE ELEFANTE”, *Visão*, LISBOA, 6 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A SÍLVIA SOUTO CUNHA].

O “Estado de bem-estar” é mais retórica política do que uma realidade social. O Estado de bem-estar sempre foi ligado à superprodução de bens de consumo de todo tipo, e isso não é um Estado de bem-estar. A linguagem pode servir para qualquer coisa, e, muitas vezes, serve para mascarar a realidade.

“GARZÓN HIZO LO QUE DEBÍA”, *PÚBLICO*, MADRI, 20 DE NOVEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A PEIO H. RIAÑO].

Caminhamos para o surgimento de um novo puritanismo autoritário que imporá regras mínimas de convivência. É preciso que haja uma reação.

“LA LUCIDEZ HA SIDO MI GRAN TABLA DE SALVACIÓN”, *CANARIAS 7*, LAS PALMAS DE GRAN CANARIA, 21 DE DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA A VICTORIANO SUÁREZ ÁLAMO].

Assim como a religião não pode viver sem a morte, o capitalismo não apenas vive da pobreza como a multiplica.

“JOSÉ SARAMAGO”, *ÉXODO*, MADRI, N. 96, DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA À EQUIPE DE REDAÇÃO].

O capitalismo já tem a pele grossa e, além disso, aprendeu a gerenciar suas próprias crises, sobretudo agora, quando não se vê confrontado com nenhuma alternativa política viável. Teve a habilidade extrema de fazer as pessoas acharem que não existe salvação fora desse sistema.

“JOSÉ SARAMAGO”, *ÉXODO*, MADRI, N. 96, DEZEMBRO DE 2008 [ENTREVISTA À EQUIPE DE REDAÇÃO].

O dinheiro corrompe, e o dinheiro que chega de supetão corrompe muito mais.

“SARAMAGO PIDE A LOS LANZAROTEÑOS QUE ‘LUCHEN POR SU TIERRA’ ANTES DE QUE ‘SEA DEMASIADO TARDE’”, *DIARIODELANZAROTE.COM*, LANZAROTE, 28 DE MARÇO DE 2009.

Espera-se que a escola eduque e a escola não o pode fazer porque não sabe e, mesmo sabendo, não tem os meios que seriam necessários. A educação é outra coisa! Fazia parte das obrigações da família, digamos assim, e de alguma forma também de uma sociedade educada que necessariamente produziria mais ou menos cidadãos educados. Agora vivemos numa sociedade deseducada, vivemos num processo de deseducação integral [...]. Chega ao extremo, e isso deixa-me confuso, de os professores estarem sujeitos à agressão.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Eu não quero dizer que o Maio de 68 tenha a culpa de todos os males que neste particular estamos a sofrer, mas, no fundo, uma palavra de ordem — para dizer assim — que era comum e foi enaltecida como algo transcendente para a sua realização era essa frase que dizia “É proibido proibir”. Pois, chegamos exatamente à situação em que isso está instalado na cabeça dos jovens, é proibido proibir, mesmo que eles não tenham lido nada sobre o Maio de 68. Só que não é proibido proibir! Em nome de que é que se diz que é proibido proibir? De um ideal de sociedade tipo anarquista, libertário, em que todas as vontades individuais se reuniam harmoniosamente no mesmo projeto?... É isso? Sabemos que não é.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

Há uma regra fundamental quando se vive como nós estamos a viver — em sociedade, porque somos uns animais gregários — que é simplesmente não calar. Não calar! Que isso possa custar em comunidades várias a perda de emprego ou más interpretações já o sabemos, mas também não estamos aqui para agradar a toda a gente. Primeiro, porque é impossível, e, segundo, porque se a consciência nos diz que o caminho é este, então sigamo-lo e quanto às consequências logo veremos.

JOÃO CÉU E SILVA, *UMA LONGA VIAGEM COM JOSÉ SARAMAGO*, PORTO, PORTO EDITOR, 2009.

JOSÉ DE SOUSA SARAMAGO nasceu em 1922, de uma família de camponeses da província do Ribatejo, em Portugal. Exerceu diversas profissões — serralheiro, desenhista, funcionário público e jornalista — antes de se dedicar somente à literatura, a partir de 1976. Prêmio Nobel em 1998, escreveu algumas das obras mais relevantes do romance contemporâneo, como *O ano da morte de Ricardo Reis*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Ensaio sobre a cegueira*, lançadas no Brasil pela Companhia das Letras, que publicou outros 23 livros do escritor. Saramago faleceu em Lanzarote, nas ilhas Canárias, em 2010.

FERNANDO GÓMEZ AGUILERA nasceu em San Felices de Buelna, na Espanha, em 1962. É escritor e ensaísta. Em 2007 publicou, em Portugal, a biografia *José Saramago: a consistência dos sonhos* — lançada em versão ampliada na Espanha, em 2010 —, e foi curador da exposição de mesmo nome sobre o escritor, realizada em Portugal e no Brasil.

Copyright © 2010 by Fernando Gómez Aguilera, mediante acordo
com Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e.K.,
Frankfurt am Main, Alemanha

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

José Saramago en sus palabras — Catálogo de reflexiones
personales, literarias e ideológicas

Capa

Hélio de Almeida

Tradução dos trechos em espanhol, inglês, francês e italiano

Rosa Freire d' Aguiar

Bernardo Ajzenberg

Eduardo Brandão

Federico Carotti

Preparação

Huendel Viana

Revisão

Valquíria Della Pozza

Ana Maria Barbosa

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Ebook adquirido na Livrarialivros.com